

"Original e envolvente. As páginas viram sozinhas." – GEORGE R. R. MARTIN

JOE HILL MESTRE DAS CHAMAS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*





MESTRE DAS CHAMAS





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JOE HILL
**MESTRE DAS
CHAMAS**



Título original: *The Fireman*
Copyright © 2016 por Joe Hill
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publisher.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Existem créditos adicionais no final deste livro.

Tradução: Fernanda Abreu

Preparo de originais: Bruno Fiuza

Revisão: Ana Kronemberger e Cristhiane Ruiz

Diagramação e projeto gráfico: Aron Balmas

Capa: Francesco Marangon

Adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

Imagens de capa: fogo: Fluke Samed | Shutterstock;
papel em chamas: Mikhail Bakunovich | Shutterstock

Adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H545m

Hill, Joe

O mestre das chamas [recurso eletrônico]/ Joe Hill; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: *The fireman*
"MEB"

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8741-714-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

17-69020

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para ethan john king, fogo ardente.
Seu pai te ama.

INSPIRAÇÃO:

J. K. Rowling, cujas histórias me mostraram como escrever esta,
P. L. Travers, que tinha o remédio de que eu precisava,
Julie Andrews, que tinha uma colher de açúcar para me ajudar a engolir,
Ray Bradbury, de quem roubei meu título em inglês,
meu pai, de quem roubei todo o resto,
e minha mãe, que me apresentou quase toda a micologia (e mitologia) nas quais me baseei para escrever esta história.

Embora o *Draco incendia trychophyton* seja uma invenção, minha mãe lhes diria que quase todas as características do meu esporo fictício na verdade podem ser encontradas na natureza.

*Outside the street's on fire
in a real death waltz...*
Lá fora a rua está em chamas
numa verdadeira valsa da morte...
“Jungleland”, Bruce Springsteen

*Though I spend my time in the ashes and smoke
In this 'ole world there's no 'appier bloke.*
Embora eu passe meu tempo nas cinzas e na fumaça
No mundo inteiro não existe sujeito mais feliz.
“Chim Chim Cher-ee”, Robert e Richard Sherman

Queimar foi um prazer.
Fahrenheit 451, Ray Bradbury

PRÓLOGO

ACESO

HARPER GRAYSON JÁ TINHA VISTO muita gente pegar fogo na TV, todo mundo tinha, mas a primeira pessoa que viu pegar fogo de verdade foi no parquinho atrás da escola.

Em Boston e alguns outros lugares de Massachusetts, as escolas estavam fechadas, mas ali em New Hampshire continuavam abertas. Houvera casos em New Hampshire, mas só uns poucos. Harper ouvira dizer que meia dúzia de pacientes estavam sendo mantidos numa ala de segurança máxima do Hospital de Concord, monitorados por uma equipe médica vestida com roupas de proteção de corpo inteiro, todos os enfermeiros e enfermeiras armados com extintores de incêndio.

Ela estava segurando uma compressa de água fria na bochecha de um aluno do primeiro ano do fundamental chamado Raymond Bly, que levava uma raquetada na cara durante uma partida de badminton. Toda vez que o treinador Keillor distribuía as raquetes na primavera havia um ou dois casos assim. Ele sempre dizia às crianças para ficarem andando até a dor passar, mesmo quando elas seguravam um punhado de dentes quebrados. Ela queria estar lá para assistir no dia em que ele tomasse uma raquetada no saco, só para ter o prazer de dizer a *ele* para ficar andando até a dor passar.

Raymond não estava chorando ao chegar, mas quando se olhou no espelho perdeu a compostura por um instante: uma covinha se formou no seu queixo e os músculos do rosto começaram a tremer. Seu olho estava todo preto e roxo, quase fechado, e Harper sabia que a visão do próprio reflexo era mais assustadora do que a dor.

Para distraí-lo, recorreu ao estoque emergencial de balas. O estoque emergencial de balas era uma lancheira surrada da Mary Poppins, com as dobradiças enferrujadas, dentro da qual havia algumas barrinhas de chocolate. Havia também um rabanete grande e uma batata, itens que ela reservava para lidar com os casos mais graves de infelicidade.

Harper vasculhou a lancheira enquanto Raymond segurava a compressa contra a bochecha.

– Hum – falou. – Acho que ainda tenho um Twix aqui na caixa de balas, e eu bem que comeria um Twix agora.

– E *eu*, posso comer um também? – perguntou o menino com uma voz congestionada.

– Você vai ganhar uma coisa melhor do que chocolate. Aqui tem um rabanete bem grande e gostoso que se você for *muito* bonzinho eu deixo você comer, e eu como o Twix – disse ela, mostrando a ele o interior da lancheira, para que pudesse inspecionar o rabanete.

– Eca. Não quero rabanete.

– Então que tal uma batata bem grande, doce e deliciosa? Esta aqui é uma Yukon Gold.

– *Eca*. Vamos disputar o Twix na queda de braço. Eu ganho do meu pai.

Harper assobiou três compassos de “My Favorite Things” enquanto fingia pensar no assunto. Costumava assobiar trechos de musicais do cinema dos anos 1960, e nutria fantasias secretas de que passarinhos azuis prestativos e outras avezinhas atrevidas vinham ajudá-la a cantar.

– Não sei se você vai querer fazer uma queda de braço comigo, Raymond Bly. Eu sou muito forte.

Ela fingiu que precisava olhar pela janela para refletir sobre o assunto, e foi então que viu o homem atravessar o parquinho.

De onde estava, tinha uma visão direta da área demarcada, alguns metros quadrados de asfalto riscados com um ou outro jogo de amarelinha. Depois disso havia meio hectare coberto de serragem no qual ficava um intrincado conjunto de brinquedos: balanços, escorregas, uma parede de escalada e uma fileira de canos de aço nos quais as crianças podiam bater como se fossem gongos musicais (internamente, chamava esses canos de Xilofone dos Condenados).

Como era o primeiro tempo, não havia crianças lá fora; era a única hora do dia em que do posto médico da escola não se podia ver um bando de crianças gritando, fazendo algazarra, rindo e trombando umas nas outras. Havia apenas o homem, um sujeito de jaqueta militar folgada e calça utilitária marrom larga, com o rosto ocultado por um boné de beisebol encardido. Ele atravessou o asfalto numa linha enviesada, vindo de trás do prédio. Tinha a cabeça baixa e titubeava, sem parecer capaz de andar em linha reta. A primeira coisa que Harper pensou foi que ele estava bêbado. Então viu a fumaça que saía de suas mangas. Uma fumaça fina e branca escapava da jaqueta, envolvia as mãos e subia pelo colarinho até se entranhar nos compridos cabelos castanhos.

Ele cambaleou para fora do asfalto e pisou na serragem. Deu mais três passos e levou a mão direita ao degrau de madeira de uma escada que subia pelo trepa-trepa. Mesmo daquela distância, Harper podia ver algo nas costas da sua mão, uma listra escura, como uma tatuagem, só que salpicada de dourado. Os pontos dourados reluziam feito montinhos de poeira sob um raio de sol ofuscante.

Apesar de já ter assistido a reportagens sobre aquilo na televisão, naqueles primeiros instantes quase não conseguiu compreender o que estava vendo. As barrinhas de chocolate começaram a cair da lancheira da Mary Poppins e as embalagens farfalharam ao bater no piso. Ela não escutou, nem se deu conta de que agora segurava a lancheira num ângulo torto, deixando cair todo o seu conteúdo. Raymond observou a batata se espatifar com um baque e sair rolando até desaparecer sob uma bancada.

O homem que andava como se estivesse embriagado começou a murchar. Então arqueou as costas numa convulsão, jogou a cabeça para trás e as chamas lambeiram a frente da sua camiseta. Harper viu num relance o rosto emaciado, contorcido de agonia, e então a cabeça virou uma tocha. Ele bateu no peito com a mão esquerda, mas a direita continuou segurando a escada de madeira. A mão direita ardia em chamas, carbonizando a madeira. Ele jogou a cabeça cada vez mais para trás e abriu a boca para gritar, mas o que jorrou de sua boca foi fumaça preta.

Raymond viu a expressão de Harper e começou a virar a cabeça para olhar pela janela por cima do ombro. Harper largou a lancheira e estendeu os braços para o menino. Espalmou uma das mãos sobre a compressa fria e, com a outra, segurou sua cabeça por trás, obrigando-o a desviar os olhos da janela.

– Não, querido – falou, espantada com a calma da própria voz.

– O que era aquilo? – perguntou ele.

Ela soltou sua cabeça e pegou a cordinha da persiana. Lá fora, o homem em chamas caiu ajoelhado. Abaixou a cabeça como se estivesse rezando virado para Meca. Estava envolto pelas chamas, um monte de trapos a expelir uma fumaça oleosa na fria tarde de abril.

A persiana baixou com uma batida metálica, escondendo a cena toda... tudo, exceto um tremeluzir febril de luz dourada, cintilando loucamente nas frestas da cortina.

LIVRO UM

PORTADORES

ABRIL

1

Ela só foi embora da escola depois de o último aluno voltar para casa, mas mesmo assim estava saindo cedo. Em geral tinha que ficar até as cinco, por causa das cerca de cinquenta crianças que continuavam lá depois do horário enquanto os pais trabalhavam. Nesse dia, todo mundo foi embora antes das três da tarde.

Depois de apagar a luz no posto médico, postou-se em frente à janela e olhou para o parquinho. Havia uma mancha preta perto do trepa-trepa, onde os bombeiros haviam dispersado com a mangueira os pedaços carbonizados que não puderam ser raspados. Teve uma premonição de que nunca mais voltaria à sua sala nem olharia por aquela janela, e estava certa. Nessa noite, as aulas foram suspensas em todo o estado, com garantias de que seriam retomadas quando a crise passasse. Só que nunca passou.

Harper imaginou que fosse encontrar a casa vazia, mas quando chegou Jakob já estava lá. Estava com a TV ligada num volume baixo, e falava com alguém ao telefone. Pelo seu tom de voz, calmo, firme, quase preguiçoso, ninguém jamais iria adivinhar o nível de agitação em que ele se encontrava. Era preciso vê-lo andando de um lado para outro para saber que estava ligado.

– Não, eu mesmo não vi. Johnny Deepenau foi lá num dos carros municipais retirar os restos da rua, e mandou fotos para a gente pelo celular. Era como se uma bomba tivesse explodido lá dentro. Parecia terrorismo, como se... perai. A Harp acabou de chegar. – Seu marido abaixou o telefone, apertou-o contra o peito e falou: – Você veio pelo caminho de trás, né? Sei que não passou pelo centro. Eles bloquearam todas as ruas da North Church até a biblioteca. A cidade inteira está tomada de policiais e agentes da Guarda Nacional. Um ônibus explodiu, pegou fogo e bateu num poste de telefonia. Estava cheio de chineses infectados com aquela merda, aquela Escama do Dragão de merda. – Ele soltou uma expiração longa, irregular, e balançou a cabeça como se aquilo o chocasse: o atrevimento de que algumas pessoas eram capazes, pegando fogo no meio de Portsmouth num dia tão bonito; então lhe deu as costas e voltou a aproximar o telefone do ouvido. – Ela está bem. Não sabia de nada. Chegou em casa e a gente vai ter uma boa e velha discussão se ela acha que eu vou deixar ela voltar para o trabalho tão cedo.

Harper se sentou na beirada do sofá e olhou para a televisão. O aparelho estava sintonizado no noticiário local. Imagens do jogo do Celtics na noite anterior passavam como se nada estivesse acontecendo. Isaiah Thomas ficou nas pontas dos pés, inclinou-se para trás e arremessou, acertando uma cesta quase do meio da quadra. Eles ainda não sabiam, mas no final da semana seguinte a temporada de basquete estaria terminada. Quando o verão chegasse, a maioria dos jogadores do time estaria morta, por incineração ou suicídio.

Jakob andava para lá e para cá com suas alpercatas.

– O quê? Não. Ninguém desceu – falou ao telefone. – E pode até ser que o que eu vou dizer seja duro, mas parte de mim acha isso bom. Assim ninguém vai transmitir. – Ele ficou em silêncio por um instante, ouvindo o que a pessoa dizia do outro lado da linha, e então, inesperadamente, riu e comentou: – Quem foi que pediu a bandeja de canapés flambados, né?

Seus passos o haviam feito atravessar o recinto até a estante, onde não restava nada a fazer a não ser dar meia-volta e retornar. Quando ele se virou, seu olhar parou em Harper, e dessa vez ele viu alguma coisa que o fez reter as costas.

– Ei, princesa, tudo bem? – perguntou.

Ela só fez encará-lo. Não era capaz de pensar em como responder. Aquela era uma pergunta curiosamente difícil, que exigia certa quantidade de introspecção.

– Ô, Danny? Vou ter que desligar. Você agiu bem indo buscar seus filhos. – Ele fez uma pausa, em seguida acrescentou: – Tá, tudo bem, eu mando as fotos para você e a Claudia, mas não diga a ninguém

que fui eu que repassei. Beijos para vocês dois.

Ele desligou, baixou o aparelho e olhou para Harper.

– O que houve? Por que você está em casa?

– Tinha um homem atrás da escola – disse ela, e nessa hora um bolo de alguma coisa, uma emoção

que parecia uma massa física, entalou na sua garganta.

Ele se sentou ao seu lado e pôs uma das mãos nas suas costas.

– Tudo bem – falou. – Está tudo bem.

A pressão na traqueia de Harper afrouxou e ela encontrou a voz, e pôde falar do começo.

– Ele estava no parquinho, cambaleando feito um bêbado. Aí caiu no chão e pegou fogo. Queimou como se fosse de palha. Metade dos alunos da escola viu. Dá para ver o parquinho de quase todas as salas. Passei a tarde inteira cuidando de crianças em estado de choque.

– Você deveria ter me dito. Deveria ter me feito desligar o telefone.

Ela se virou para ele e recostou a cabeça no seu peito enquanto ele a abraçava.

– Teve uma hora em que eu estava com quarenta crianças no ginásio junto com alguns professores e o diretor, e algumas choravam, outras tremiam, outras vomitavam, e minha vontade foi fazer as três coisas ao mesmo tempo.

– Só que você não fez.

– Não. Fiquei distribuindo suco em caixinha. Isso que é tratamento médico de ponta.

– Você fez o que podia – disse ele. – Ajudou não sei quantas crianças a passarem pela pior coisa que elas terão visto na vida. Você sabe disso, não sabe? Elas vão lembrar para o resto da vida como você cuidou delas. E você fez isso, e agora passou e está aqui comigo.

Ela permaneceu um tempo calada e imóvel dentro do círculo dos braços dele, sentindo seu cheiro característico de colônia de sândalo e café.

– Quando foi isso? – Ele a soltou e a encarou com seus olhos cor de amêndoa.

– No primeiro tempo.

– São quase três da tarde. Você já almoçou?

– Não.

– Está tonta?

– Aham.

– Vamos comer alguma coisa. Não sei o que tem na geladeira. Posso pedir para entregarem alguma coisa, talvez.

Quem foi que pediu a travessa de canapés flambados, né?, pensou Harper, e a sala oscilou feito o convés de um navio. Ela se apoiou no encosto do sofá.

– Quem sabe só um pouco d’água – falou.

– Que tal um vinho?

– Melhor ainda.

Ele se levantou e foi até a pequena adega de seis garrafas que ficava na prateleira. Enquanto olhava para uma das garrafas, depois para outra – que vinho harmonizava melhor com uma epidemia fatal? –, falou:

– Eu pensei que esse treco só acontecesse nos países onde a poluição é tão densa que o ar é irrespirável e os rios são esgotos a céu aberto. China. Rússia. A ex-república comunista do Toletistão.

– Rachel Maddow disse que já houve quase cem casos em Detroit.

– Então, justamente. Pensei que fosse só em lugares imundos aonde ninguém quer ir, tipo Chernobyl e Detroit. – Uma rolha pipocou. – Não entendo como alguém contaminado seria capaz de embarcar num ônibus. Ou num avião.

– Talvez as pessoas estivessem com medo de serem postas em quarentena. Para muita gente, a ideia de ser afastado de quem se ama assusta mais do que a doença. Ninguém quer morrer sozinho.

– É, tem razão. Por que morrer sozinho quando você pode morrer acompanhado? Não existe declaração de amor maior do que transmitir uma porra de uma infecção fatal horrorosa para os seus entes mais queridos. – Ele apareceu com uma taça de um vinho dourado que parecia um cálice de luz solar destilada. – Se eu pegasse esse troço, preferiria morrer do que contagiar você. Do que pôr você em risco. Acho que na verdade seria mais fácil acabar com minha própria vida, sabendo que estaria fazendo isso para garantir a segurança dos outros. Não consigo imaginar nada mais irresponsável do que andar por aí com uma coisa dessas. – Ele lhe entregou a taça e, ao fazê-lo, acariciou um de seus dedos. Tinha um toque gentil, um toque *sensível*; essa era a melhor característica dele, seu sentimento intuitivo do momento perfeito para ajeitar uma mecha do cabelo dela atrás da orelha, ou para alisar a fina penugem em sua nuca. – Qual é a facilidade de contágio desse negócio? Ele se transmite feito pé de atleta, né?

Desde que você lave as mãos e não ande descalço na academia, tudo bem? Ei. *Ei*. Você não chegou perto do cara morto, chegou?

– Não.

Harper nem se deu ao trabalho de enfiar o nariz na taça para sentir o buquê do vinho francês, como Jakob havia lhe ensinado quando ela tinha 23 anos, os dois tinham acabado de transar e ela estava mais embriagada dele do que algum dia ficaria de vinho. Bebeu todo o *sauvignon blanc* em duas goladas.

Ele se sentou ao seu lado, suspirou e fechou os olhos.

– Ótimo. Muito bem. Harper, você tem uma necessidade terrível de cuidar dos outros, e em circunstâncias normais tudo bem, mas existem determinadas situações em que uma garota precisa cuidar de...

Mas ela não estava escutando. Havia ficado paralisada, inclinada para a frente, em meio ao gesto de pousar a taça sobre a mesa de centro. Na TV, a programação havia mudado dos melhores momentos do hóquei para um velho de terno cinza, um apresentador de tímidos olhos azuis por trás de lentes bifocais. O gerador de caracteres na parte inferior da tela dizia **PLANTÃO URGENTE: OBELISCO ESPACIAL PEGA FOGO**.

– ... vamos para Seattle – disse o âncora. – Um alerta: as imagens a seguir são muito perturbadoras. Se houver crianças no recinto, elas não devem assistir.

Antes de ele acabar de falar, a emissora cortou para imagens de helicóptero do monumento que se elevava em direção a um céu azul-claro e frio. Fumaça preta preenchia o interior da estrutura e vazava pelas janelas, tão abundante que ocultava muitos dos outros helicópteros em volta do local.

– Ai, meu Deus – disse Jakob.

Um homem de camisa branca e calça preta pulou por uma das janelas abertas. Tinha os cabelos em chamas. Agitou os braços e caiu rodopiando para fora do quadro. Segundos depois, foi seguido por uma mulher de blusa escura. Ao saltar, ela grudou as mãos espalmadas nas coxas, como se quisesse impedir a saia de subir e deixar à mostra sua roupa de baixo.

Jakob segurou a mão de Harper. Ela entrelaçou os dedos nos dele e apertou.

– Que porra é essa que está acontecendo, Harper? Que *porra* é essa?

2

Segundo a Fox, o Dragão fora liberado pelo Exército Islâmico, usando esporos inventados pelos russos na década de 1980. A MSNBC informou que fontes indicavam que a escama poderia ter sido criada por engenheiros de Haliburton e roubada por cristãos fanáticos obcecados pelo Apocalipse. A CNN noticiou as duas versões.

Durante os meses de maio e junho, todos os canais organizaram mesas-redondas entre uma e outra transmissão ao vivo de locais em chamadas.

Então Glenn Beck morreu queimado no seu programa na internet, bem em frente ao quadro-negro; ardeu tão forte que seus óculos derreteram e grudaram no rosto, e depois disso a maior parte das notícias passou a ser menos sobre quem era o responsável, e mais sobre como não se contaminar.

Um bombeiro estava causando problemas.

– Senhor – disse a enfermeira Lean. – Senhor, não é permitido furar a fila. O senhor será examinado quando chegar a sua vez.

O Bombeiro olhou por cima do ombro para a fila que se estendia pelo corredor até fazer a curva. Então tornou a olhar para a frente. Seu rosto estava imundo e ele usava o mesmo casaco amarelo de borracha que todos os bombeiros usavam, e tinha uma criança no colo, um menino, que o enlaçava pelo pescoço.

– Eu não vim me consultar, vim deixar um paciente – falou, e seu sotaque atraiu olhares. Ninguém esperava que um bombeiro de New Hampshire falasse como um londrino. – E a questão não é por que essas pessoas estão aqui. O assunto aqui não é o fungo. Meu menino precisa de um médico. Precisa de um médico *agora*, não daqui a duas horas. Isto aqui é uma *emergência*. Não entendo por que não consigo fazer ninguém neste suposto pronto-socorro entender isso.

Harper estava percorrendo a fila e distribuindo pirulitos e suco de maçã em copinhos descartáveis para as crianças pequenas. Levava também um rabanete num bolso e uma batata em outro, para as crianças mais tristes.

O sotaque inglês a distraiu e lhe deu mais ânimo. Ela associava sotaques ingleses a bules de chá cantantes, escolas de bruxaria e à ciência da dedução. Sabia que não era muito sofisticado da sua parte, mas não chegava a ficar culpada por isso. Tinha a sensação de que essa conexão que fazia era culpa dos próprios ingleses. Eles haviam passado um século fazendo um bem-sucedido marketing de seus detetives, magos e babás, e precisavam aceitar o resultado.

Ela precisava se animar. Havia passado a manhã inteira embalando cadáveres carbonizados em sacos pretos; seus tecidos enegrecidos e encarquilhados ainda estavam quentes, fumegantes. Como os sacos pretos do hospital estavam acabando, teve de colocar os corpos de duas crianças dentro do mesmo saco, o que nem foi tão complicado. Elas tinham pegado fogo abraçadas e morreram fundidas numa só criatura, uma cama de gato emaranhada de ossos esturricados. Pareciam uma escultura de metal da morte.

Harper não ia em casa desde a última semana de junho, e passava dezoito horas por dia usando uma roupa de borracha inteiriça projetada para proteção contra o Ebola. As luvas eram tão apertadas que precisava usar lubrificante nas mãos para calçá-las. Ela fedia feito um preservativo. Sempre que sentia o próprio odor de borracha e K-Y, pensava em encontros constrangedores no alojamento da faculdade.

Avançou em direção ao começo da fila e se aproximou do Bombeiro por trás. Manter satisfeitas as pessoas que aguardavam era tarefa sua, não da enfermeira Lean, e ela não queria que Lean acabasse implicando com ela. Estava só há três semanas trabalhando sob a sua supervisão no Hospital de Portsmouth, e tinha um pouco de medo dela. Todos os enfermeiros voluntários tinham.

– Senhor – disse a enfermeira Lean, com uma voz aguda de impaciência. – Todo mundo nesta fila tem uma emergência. Estamos com emergências até lá na recepção. Os atendimentos são feitos por ordem de chegada.

O Bombeiro espiou a fila por cima do ombro. Cento e trinta e uma pessoas (Harper havia contado), todas cansadas e manchadas de Escama do Dragão, o encararam de volta com olhos encovados e ressentidos.

– As emergências deles podem esperar. A deste menino, não. – Ele tornou a se virar de frente para a enfermeira Lean. – Vou tentar dizer de outra maneira.

Ele tinha uma ferramenta debaixo do braço, uma barra de ferro enferrujada com ganchos, espetos e lâminas de machadinha a reluzir nas duas pontas. Abriu a mão e deixou a barra escorregar até ficar inteiramente visível, fazendo uma das pontas quase tocar o linóleo sujo do piso. Agitou-a, mas não a ergueu.

– Ou a senhora me deixa passar por aquela porta, ou então eu vou pegar este pé de cabra e começar a

quebrar coisas. Primeiro vai ser uma janela, depois o computador. Ou a senhora chama um médico ou me deixa passar. Só não pense que eu vou ficar esperando na fila enquanto este menino de 9 anos morre no meu colo.

Albert Holmes seguia pelo corredor num passo vagaroso, vindo da porta dupla que conduzia às salas de exame de pré-quarentena. Ele também usava uma roupa de proteção contra o Ebola. A única coisa que o distinguia da equipe médica era que, em vez de um capuz de borracha, ele tinha um capacete de choque preto, com o visor transparente abaixado. Usava também o cinto por fora da roupa, com o crachá e o walkie-talkie presos de um lado e o cassete do outro.

Harper e Al se aproximaram ao mesmo tempo, vindos de direções opostas.

– Vamos manter a calma aqui – disse Al. – Escuta, parceiro, você não pode ficar aqui dentro com esse... qual é mesmo o nome disso? Com esse treco de vândalo aí. Os bombeiros precisam deixar seus equipamentos lá fora.

– Senhor? Se puder vir comigo, eu teria *prazer* em conversar sobre a condição do seu filho – falou Harper.

– Ele não é meu filho, nem eu sou o pai histérico dele – disse o Bombeiro. – O que eu sou é um homem com uma criança gravemente doente e um pé de cabra na mão. Se alguém não levar um, vai levar o outro. A senhora quer conversar comigo? Conversar onde? Do outro lado daquela porta, onde os médicos estão, ou no final da fila?

Ela sustentou seu olhar, *desejando* que ele fosse bonzinho, prometendo com os olhos ser boazinha também, escutá-lo e lidar com ele e com o garoto com calor humano, bom humor e paciência. Dizendo que estava tentando protegê-lo, pois se ele não se acalmasse iria acabar de bruços no chão, com spray de pimenta nos olhos e uma sola de bota no pescoço. Harper fazia parte da equipe havia menos de um mês, mas era tempo suficiente para se acostumar com a visão dos seguranças baixando o sarrafo nos pacientes indisciplinados para fazê-los se comportar.

– Venha comigo. Eu pego um sorvete para ele e o senhor pode me dizer qual é o problema...

– ... no final da fila. Foi o que eu pensei.

Ele lhe virou as costas e deu um passo em direção à porta dupla.

A enfermeira Lean continuava na sua frente. Tinha um aspecto mais imponente até do que Albert Holmes. Era maior do que ele, uma imensidão de peitos e barriga, tão impressionante quanto qualquer defensor de futebol americano.

– **MEU SENHOR** – disse ela. – Se o senhor der mais um passo, nós teremos que cuidar depois de seus hematomas e lesões diversas. – Ela correu pela fila seu olhar claro de morte. Sua frase seguinte foi dirigida a todos os pacientes. – *Vamos manter a ordem nesta fila.* Todo mundo me entendeu?

Murmúrios baixos e constrangidos de afirmação percorreram a fila de ponta a ponta.

– Me desculpe. – O suor escorria das têmporas do Bombeiro. – A senhora não está entendendo. Este menino...

– O que ele tem? Tirando a mesma coisa que todo mundo? – perguntou a enfermeira Lean.

O garoto era praticamente a criança mais linda que Harper já vira. Seus cabelos escuros e cacheados formavam um encantador emaranhado acima de dois olhos que tinham o mesmo verde claro e translúcido de uma garrafa vazia de Coca-Cola. Ele estava de short, e todos podiam ver as marcas nas panturrilhas: listras negras e sinuosas, como tatuagens, delicadas e quase ornamentais.

Sem qualquer indício de preocupação na voz, a enfermeira Lean acrescentou:

– Se o senhor não está infectado, não deveria estar com ele no colo. O senhor está infectado?

– Eu não estou aqui por minha causa – respondeu o Bombeiro. Só muito depois ocorreu a Harper que esse era um jeito esperto de não responder. – Ele não está encostando em mim.

Era verdade. O menino em seu colo tinha a cabeça virada e a bochecha encostada no casaco de borracha do Bombeiro. Mesmo assim, se o Bombeiro não estava doente, das duas uma: ou era destemido a ponto de ser quase burro, ou então era somente burro.

– O que ele tem?

– A barriga – respondeu o Bombeiro. – Tem alguma coisa errada com a barriga dele. Ele mal consegue ficar em pé...

– Está muito quente aqui – disse a enfermeira Lean. – Tenho certeza de que ele não é a única criança com dor de barriga. Vá para o final da fila e...

– Não. Não. *Por favor.* Este menino perdeu a mãe faz pouco tempo. Ela morreu no desabamento de uma casa alguns dias atrás.

Os ombros da enfermeira Lean arriaram e por um instante uma espécie de empatia emburrada se fez

visível nos seus traços. Pela primeira e única vez, ela pareceu olhar não para o Bombeiro, mas para o menino encolhido no colo dele.

– Ah. Que horror. Escute, meu amor, isso é mesmo um horror. – Mas, se o menino estava escutando, não deu sinal. A enfermeira Lean ergueu os olhos para o Bombeiro e de repente seu olhar ficou zangado outra vez. – Com uma coisa dessas, quem não ficaria com dor de barriga?

– Espere aí. Me deixe terminar. Uma casa desabou e a matou, e ele estava lá, ele estava *lá mesmo*...

– Existem terapeutas formados que podem conversar com este menino sobre o que aconteceu com ele, e quem sabe até lhe dar alguma bebida efervescente e docinha para a dispepsia que ele está sentindo.

– Dispepsia? A senhora está me ouvindo? Ele não precisa de Coca-Cola e um sorriso, ele precisa de um *médico*.

– E vai ter, quando chegar a vez dele.

– Eu o peguei no colo faz uma hora, e ele *berrou*. Isso para a senhora parece dispepsia, sua piranha negligente?

– *Ei* – disse Albert Holmes. – Ninguém precisa dessa boca suj...

O rosto da enfermeira Lean escureceu até adquirir um tom de vermelho ardente. Ela abriu os braços, um para cada lado, como uma criança pequena brincando de avião.

– OU O SENHOR E ESSE MENINO VÃO PARA O FINAL DA FILA. OU ENTÃO O SENHOR VAI DAR ENTRADA NO PRONTO-SOCORRO COM ESSA SUA VARA DE AÇO ENFIADA NO MEIO DESSE SEU CU DE INGLÊS. ENTENDEU BEM?

Se a enfermeira Lean tivesse gritado isso com Harper, ela teria começado a chorar. Foi estarrecedor... como entrar no meio de uma tormenta. As crianças na fila taparam os ouvidos e esconderam o rosto nas pernas das mães.

O inglês nem sequer se abalou. Sustentou com firmeza seu olhar de fúria. Harper teve apenas uma vaga consciência do fato de que o menino tampouco se abalou. Na verdade, o menino a encarava com uns olhos sonhadores, úmidos, um pouco à deriva. Imaginou que ele estivesse só tonto por causa do calor, mas na verdade era mais do que isso.

Tornou a tentar.

– Senhor? Tenho *certeza* de que eu posso ajudá-lo. Nós podemos conversar no final da fila sobre os sintomas do menino e, se ele precisar de cuidados imediatos, eu levo um médico até lá na hora. Se ele estiver com alguma coisa na barriga, não vamos querer chateá-lo com gritaria. Vamos levar ele lá para o final do corredor. Por favor. Você e eu... que tal?

Toda a raiva desapareceu do semblante dele no mesmo instante, e ele a olhou com um arremedo de sorriso cansado. O menino podia ter perdido a mãe, mas nessa hora Harper viu, pela primeira vez, que o Bombeiro também estava sofrendo. Viu isso nos seus olhos, uma espécie de véu de exaustão que ela associava com a perda.

– Você também gosta do Dire Straits? Novinha desse jeito? Ainda devia estar mordendo seus brinquedos da última vez que eles emplacaram um sucesso.

– Não estou entendendo – falou ela.

– Você e eu, que tal? *You and me... how 'bout it?* Aquela música do Dire Straits? – disse ele, inclinando a cabeça e lhe lançando um olhar inquisitivo.

Ela não soube o que dizer, sem entender direito sobre o que ele estava falando. Ele passou mais meio segundo a encará-la, depois desistiu. O Bombeiro apertou o menino com delicadeza, em seguida o pôs no chão com todo o cuidado, como quem manuseia um vaso frágil cheio de água até a borda.

– O nome dele é Nick. Quer acompanhar o Nick até o final da fila? – perguntou ele a Harper. – Para eu poder continuar minha conversa com este pessoal aqui?

– Eu acho que *vocês dois* deveriam vir comigo – disse ela ao Bombeiro, mas pegou o menino pela mão. Sua luva de borracha chiou baixinho.

Pôde ver que a criança não estava passando bem. Por baixo das sardas, seu rosto exibia uma palidez de cera, e ele se balançava sem sair do lugar. Além disso, pôde sentir um calor perturbador em seus dedinhos macios e rechonchudos. Mas muitas das pessoas que contraíam o esporo tinham febre, e o esporo em si muitas vezes era dois ou três graus mais quente do que a temperatura corporal. Assim que o Bombeiro o pôs no chão, porém, o menino se vergou com uma careta de dor.

O Bombeiro se agachou em frente a ele e apoiou o pé de cabra no ombro. Então fez uma coisa esquisita: cerrou os punhos das duas mãos, mostrou-os ao menino, então fez um gesto estranho de quem afaga, como quem imita um cachorro agitando as patas no ar. O menino fez a mesma careta e emitiu um ruído curioso de chaleira, diferente de tudo que Harper já ouvira uma criança em dificuldade produzir; mais parecia o chiado de um boneco.

O Bombeiro esticou o pescoço para olhar para Harper, mas, antes de ele conseguir dizer qualquer coisa, Albert Holmes deu um passo à frente e fechou uma das mãos em volta de uma das pontas do pé de cabra.

– Que *diabo* você acha que está fazendo? – perguntou o Bombeiro.

– Senhor? Solte a arma, senhor.

O Bombeiro puxou a barra. Al puxou de volta, fazendo-o perder o equilíbrio, então passou um braço em volta do seu pescoço. Os saltos das botas do Bombeiro chiaram no piso quando ele moveu os pés em busca de apoio, tentando firmá-los no chão.

Harper observava aquele embate físico da mesma forma que teria olhado para a paisagem passando em volta de um carrossel cada vez mais veloz. Estava memorando o que acabara de ver: não só o jeito estranho como o Bombeiro havia gesticulado no ar, mas o modo como o menino parecia estar se esforçando para levantar um peso além dos limites de suas forças.

– Você é surdo – falou para o menino, mas é claro que na verdade estava apenas falando para si mesma. Porque ele era surdo.

Em determinado ponto da sua formação de enfermeira, ela tivera um único dia de ensino da linguagem de sinais norte-americana, da qual não se lembrava em absoluto. Ou pelo menos *pensava* não se lembrar de nada do que haviam lhe ensinado. Mas então se pegou apontando os dedos para as próprias costelas e torcendo, como se estivesse aparafusando algo nos próprios flancos com as mãos. Deu uns tapinhas na parte baixa do abdome. *Está doendo aqui?*

Nick assentiu, hesitante. Mas quando ela estendeu a mão para tatear debaixo das mãos que ele mantinha unidas sobre a barriga, ele cambaleou um passo para trás e balançou a cabeça freneticamente.

– Está tudo bem – disse ela, enunciando as palavras com grande cuidado para a eventualidade de ele saber fazer leitura labial. Tinha escutado em algum lugar, talvez naquele único dia de aula sobre linguagem de sinais, que os melhores leitores labiais só conseguiam entender uns 70% do que viam, e a maioria dos surdos não chegava a tanto. – Eu vou tomar cuidado.

Tornou a estender a mão para apalpar a barriga dele, e o menino se protegeu novamente, recuou, e novas gotas de suor se puseram a luzir acima do seu lábio superior. Ele gemeu baixinho. E foi então que ela soube. Foi então que teve certeza.

Al apertou mais o braço em volta da traqueia do Bombeiro, impedindo a entrada de ar, sufocando-o. O mesmo golpe havia matado Eric Garner em Nova York poucos anos antes, mas jamais saíra de moda. Com a outra mão, Al havia puxado o pé de cabra para baixo e na sua direção, imprensando a barra contra o peito do Bombeiro.

Se Harper tivesse conseguido se concentrar, talvez tivesse achado esquisita a reação do Bombeiro. Ele não soltou a barra de aço, mas tampouco estava lutando para se desvencilhar da gravata de Albert. Estava tirando a luva com os dentes quando Harper falou, numa voz límpida e ressonante que fez os dois se imobilizarem.

– Enfermeira Lean? Precisamos de uma maca para levar este menino para fazer uma tomografia. Precisamos nos preparar para uma cirurgia abdominal. Talvez alguém lá na pediatria possa cuidar disso.

A enfermeira Lean olhou por cima do Bombeiro com um semblante pétreo, o olhar distante e distraído.

– Qual é o seu nome? Você é uma das meninas novas.

– Sou, sim, senhora. Cheguei faz três semanas. Quando chamaram os voluntários. Meu nome é Harper. Harper Grayson.

– Enfermeira Grayson, agora não é hora nem lugar para...

– É, sim. Tem de ser. Ou este menino está com uma rotura de apêndice, ou então isso está prestes acontecer. Além do mais, tem alguém na enfermagem que fale linguagem de sinais? Este menino não ouve.

O Bombeiro a encarava. Al também a encarava, boquiaberto, por cima do ombro do Bombeiro. A essa altura, já tinha relaxado o braço para deixar o outro respirar. O Bombeiro, que havia parado de tentar tirar a luva, esfregou o pescoço com a mão esquerda e a encarou radiante, com um misto de gratidão e alívio.

O semblante da enfermeira Lean havia tornado a escurecer, mas ela parecia agitada.

– Você não pode fazer um diagnóstico desses sem uma tomo.

– Eu não posso fazer um diagnóstico desses seja lá como for – retrucou Harper. – Mas é que... eu tenho certeza, só isso. Eu antes era enfermeira de escola, e no ano passado tive um menino com isso. Olhe, está vendo como ele se protege? – Ela relanceou os olhos para o Bombeiro, franziu o cenho e atinou com mais uma coisa que ele havia tentado lhes contar. – Um desabamento... o senhor disse que ele estava “lá mesmo”. Estava querendo dizer que ele estava *dentro* da casa com a mãe quando a casa

desabou?

– Isso. Era exatamente isso que eu estava tentando explicar. Ela morreu. Ele foi atingido por uns destroços. A gente tirou ele de lá, e na hora ele pareceu fisicamente *bom*; meio baleado, mas nada sério. Quando ele parou de comer e de reagir às pessoas, a gente pôs na conta do choque. Aí hoje de manhã ele começou a suar e não conseguia mais sentar sem dor.

– Se ele teve um impacto no abdome, isso pode ter danificado o apêndice. Quando ele evacuou pela última vez?

– Não posso dizer que eu fique controlando quando as crianças fazem cocô. Mas imagino que eu possa perguntar, se este cavalheiro aqui me soltar.

Harper desviou o olhar para Albert, que estava parado ali, pasmo, com a boca ligeiramente aberta.

– Bom – disse ela, e pela primeira vez sua voz soou irritada. – Solta ele. Vapt vupt.

Vapt vupt era uma das expressões preferidas de Mary Poppins, e Harper, desde que era pequena, gostava sempre que possível de substituir os palavrões por expressões típicas de Julie Andrews. Isso lhe proporcionava uma sensação firme de controle e ao mesmo tempo a fazia lembrar de ser a melhor pessoa que pudesse.

– Desculpe, senhora – balbuciou Al, que não só tirou o braço da região do pescoço do Bombeiro como o ajudou cuidadosamente a se endireitar antes de recuar um passo.

– Que sorte você ter me soltado – disse o Bombeiro, sem qualquer raiva ou desagrado na voz. – Mais um minuto e, em vez de vir trazer um paciente, eu mesmo teria virado um. – Ele então se agachou junto ao menino, mas parou para lançar outro sorriso a Harper. – Você é boa. Gostei de você. Vapt vupt! – Disse isso como se as palavras na verdade significassem *bom trabalho*!

Virou-se de frente para Nick, que secava as lágrimas do rosto com o polegar. O Bombeiro movimentou as mãos numa série de gestos rápidos: punhos fechados, um dedo em riste, uma das mãos fechadas e a outra se abrindo a partir dela. Aquilo fez Harper pensar num homem brincando com um canivete, ou tocando escalas num instrumento musical fantástico, porém invisível.

Nick ergueu três dedos e os apertou juntos, como quem tenta capturar uma mosca no ar. Esse gesto Harper conhecia. A maioria das pessoas conhecia. Era *não*. Depois disso vieram outros que ela não captou, um movimento global de mãos, braços e rosto.

– Ele está dizendo que não consegue ir ao banheiro. Que tentou e doeu. Ele não vai ao banheiro desde o acidente.

A enfermeira Lean bufou com força, como para lembrar a todos quem mandava ali.

– Certo. Vamos chamar alguém para olhar seu filho... vapt vupt. Albert, pode pedir uma maca pelo rádio?

– Eu já disse a vocês que ele não é meu filho – falou o Bombeiro. – Eu fiz teste para o papel, mas a peça foi cancelada.

– Quer dizer que o senhor não é da família? – indagou a enfermeira Lean.

– Não.

– Nesse caso não vou poder deixá-lo entrar com ele durante o exame. Eu... eu sinto muito – disse ela, soando pela primeira vez naquele dia não apenas hesitante, mas também exausta. – Só membros da família podem entrar.

– Ele vai ficar com medo. Não entende vocês. *A mim* ele entende. *Comigo* ele consegue falar.

– Vamos arrumar alguém que consiga se comunicar com ele – disse a enfermeira Lean. – Além do mais, depois que ele passar por aquela porta vai estar em quarentena. As únicas pessoas que entram lá ou têm o Dragão ou trabalham para mim. Não posso abrir nenhuma exceção quanto a isso. Ele tem algum outro parente?

– Ele tem... – começou o Bombeiro, mas parou, franziu o cenho e balançou a cabeça. – Não. Não sobrou ninguém. Ninguém que possa vir ficar com ele.

– Certo. Obrigada... obrigada por trazer o menino até aqui. Vamos cuidar dele a partir de agora. Vamos fazer ele ficar bom.

– Pode me dar um instantinho? – pediu ele, e tornou a olhar para Nick, que piscava para se livrar de novas lágrimas. O Bombeiro pareceu lhe bater uma continência, em seguida pareceu ordenhar uma vaca imaginária, e concluiu apontando para o peito do menino. A resposta de Nick não precisou de tradução. Ele chegou perto do Bombeiro e se deixou abraçar: de leve, muito de leve.

– Gostaria que não fizesse isso – disse a enfermeira Lean. – O senhor não vai querer pegar o que ele tem.

O Bombeiro não respondeu, e só soltou o menino quando a porta dupla se abriu e um enfermeiro entrou no recinto empurrando uma maca.

– Vou voltar para ver como ele está.

O Bombeiro levantou o menino do chão e o pôs em cima da maca.

– O senhor não vai poder mais vê-lo – disse a enfermeira Lean. – Não depois que ele entrar em quarentena.

– Só para saber notícias dele na recepção – disse o Bombeiro. Meneou a cabeça para Albert e para a enfermeira Lean num gesto de agradecimento irônico, mas sem ressentimento, e virou-se de volta para Harper. – Fico devendo essa. Levo essas coisas muito a sério. Da próxima vez que eu precisar de alguém para apagar um incêndio, espero ter a sorte de receber sua ligação.

Quarenta minutos mais tarde, o menino já estava sob anestesia, e o Dr. Knab, cirurgião pediátrico, o estava abrindo para retirar um apêndice inflamado do tamanho de um damasco. O menino passou três dias no pós-operatório. No quarto dia, sumiu.

Os enfermeiros da ala de pós-operatório tinham certeza de que ele não saíra andando da enfermaria. A janela estava toda aberta, e a teoria de que ele havia pulado se alastrou pelos plantões. Só que isso era uma loucura: a enfermaria de pós-operatório ficava no terceiro andar. Ele teria quebrado as duas pernas na queda.

– Talvez alguém tenha trazido uma escada – disse Albert Holmes quando o assunto estava sendo debatido em torno de tigelas de *chop suey* à moda americana na sala dos funcionários.

– Não existe escada que chegue ao terceiro andar – disse a enfermeira Lean com uma voz irritada e ressentida.

– Num carro de bombeiros existe – respondeu Al com um pedaço de brioche na boca.

4

Nesses dias sufocantes e tórridos do auge do verão, quando uma crise administrável estava prestes a se tornar um desastre incontrollável, o menino surdo não foi o único paciente a sumir do Hospital de Portsmouth. Apenas uma outra infectada escapou com vida, nos últimos dias antes de tudo virar fumaça, não no sentido metafórico, mas literal.

Durante o mês inteiro, o vento soprou do norte e uma sombria névoa marrom se instalou acima do litoral de New Hampshire, trazida dos incêndios no Maine, mais ao norte. O Maine estava em chamas da fronteira com o Canadá até Skowhegan, mais de 150 quilômetros de abetos-azuis e pinheiros perfumados. Não havia fuga possível do fedor, um cheiro doce e forte de coníferas queimadas.

O odor acompanhava Harper no sono, e toda noite ela sonhava com fogueiras acesas na praia, nas quais assava cachorros-quentes com seu irmão Connor. Às vezes, em vez de salsichas, o que aparecia carbonizando na ponta de seus espetos eram cabeças. De vez em quando Harper acordava aos gritos. Em outras ocasiões despertava com o barulho de alguém gritando. Os enfermeiros se revezavam para dormir e dividiam um dormitório improvisado no subsolo, e todos tinham pesadelos.

No hospital, os infectados eram divididos em dois grupos: “normais sintomáticos” e “fumegantes”. Os fumegantes soltavam fumaça de modo intermitente, sempre a ponto de pegar fogo. A fumaça emanava em espirais de seus cabelos e narinas, e seus olhos vertiam água. As listras em seus corpos ficavam tão quentes que chegavam a derreter luvas de látex. Eles deixavam manchas de queimado em suas camisolas de hospital, em suas camas. Eram perigosos, também. Compreensivelmente, talvez, os fumegantes estavam sempre à beira da histeria. Mas havia uma questão do tipo ovo ou galinha nesse fato: será que eles entravam em pânico porque seus corpos não paravam de soltar fumaça, ou será que soltavam fumaça porque suas mentes estavam em constante estado de pânico? Harper não tinha certeza. Sabia apenas que era preciso tomar cuidado perto deles. Eles mordiam, gritavam. Bolavam planos engenhosos e mirabolantes. Metiam na cabeça que eram dragões de verdade, e tentavam pular pela janela e voar. Acabaram por acreditar que seus médicos retinham quantidades limitadas de cura, e tentavam transformá-los em reféns. Formavam exércitos, congressos, religiões; tramavam rebeliões, fomentavam traições, praticavam heresias.

O restante dos pacientes exibia as marcas da escama, mas tirando isso eram física e emocionalmente normais, até o instante em que entravam em combustão espontânea. Estavam assustados, sem ter para onde ir, e queriam acreditar que alguém encontraria a cura antes de o seu tempo acabar. Muitos vinham para o Portsmouth porque já nessa época havia boatos de que os outros hospitais da região estavam simplesmente mandando os infectados de caminhão para o campo de Concord, um lugar que havia repellido uma equipe de inspeção da Cruz Vermelha poucas semanas antes, e onde havia um blindado estacionado junto ao portão.

O hospital lotou todas as enfermarias, e os infectados não pararam de chegar. A lanchonete do primeiro andar foi transformada num imenso dormitório para os doentes mais saudáveis. Foi lá que Harper conheceu Renée Gilmonton, que se destacava dos outros por ser praticamente a única pessoa negra num recinto com outros duzentos pacientes. Segundo Renée, em New Hampshire era mais fácil ver um alce do que um negro. Ela disse que estava acostumada a ser encarada como se a sua cabeça estivesse pegando fogo: as pessoas a encaravam assim havia muitos anos.

As camas de campanha espalhadas por toda a área da lanchonete formavam uma espécie de labirinto, no qual Renée Gilmonton ocupava o exato centro. Ela já estava ali antes de Harper chegar para trabalhar no hospital, no final de junho; estava ali havia mais tempo do que qualquer outra pessoa infectada com a escama. Com quarenta e poucos anos e um corpo agradavelmente roliço, ela usava óculos e tinha fios de cabelo grisalhos entremeados às tranças afro bem-feitas, e não havia chegado ali sozinha: trouxera consigo um vaso de hortelã chamado Daniel e uma foto do seu gato, chamado Sr. Truffaut. Quando não tinha com quem conversar, conversava com eles.

Mas Renée muitas vezes sentia falta de companhia. Numa vida anterior, tinha sido uma profissional das boas ações: semanalmente, organizava um café da manhã com panquecas num orfanato da cidade, lecionava inglês para presidiários da penitenciária estadual, e administrava uma livraria independente que perdia dinheiro a rodo organizando concursos de poesia. Velhos hábitos eram difíceis de abandonar.

Pouco depois de chegar ao hospital, ela organizou duas sessões diárias de leitura para as crianças mais novas e um clube do livro para os pacientes mais velhos. Tinha uma dúzia de exemplares levemente chamuscados de *A ponte de San Luis Rey* que já haviam circulado bastante.

– Por que *A ponte de San Luis Rey*? – quis saber Harper.

– Em parte porque o livro fala sobre por que as tragédias inexplicáveis ocorrem – falou Renée. – Mas também porque é curto. Eu sinto que a maior parte do pessoal quer um livro que ache que vai ter tempo de terminar. Ninguém quer começar a ler *A guerra dos tronos* quando pode pegar fogo a qualquer momento. Existe algo de terrivelmente injusto no fato de morrer no meio de uma boa história, antes de ter oportunidade de ver como tudo acaba. Em certo sentido, claro, eu acho que todo mundo *sempre* morre no meio de uma boa história. Da sua própria história. Ou da história dos seus filhos. Ou dos netos. A morte é sempre dureza para os viciados em narrativas.

Na lanchonete, Renée era conhecida como a Sra. Amianto, porque não tinha febre, não soltava fumaça, e sempre que alguém pegava fogo corria *na direção* da pessoa para tentar apagá-la, enquanto a maioria dos outros corria *da pessoa*. Correr em direção ao fogo, aliás, era contraindicado pelos médicos, e ela muitas vezes era repreendida por isso. Havia fartos indícios de que o simples estresse de ver uma pessoa pegar fogo bastava para que outros também pegassem. Reações em cadeia eram ocorrências diárias no Hospital de Portsmouth.

Harper dava o melhor de si para não se apegar. Era o único jeito possível de encarar aquele trabalho, de continuar a fazê-lo dia após dia. Caso se permitisse gostar demais de qualquer um deles, aquilo a estilhaçaria por dentro, aquela safra diária de mortos. Iria esmigalhar todas as melhores partes de si, seu bom humor e sua inclinação para a brincadeira, além da sua crença de que a gentileza que se praticava com os outros significava alguma coisa.

A roupa de proteção de corpo inteiro feita de Tyvek era a única armadura que ela vestia para fazer seu trabalho. Também se revestia com um ar de calma plácida e profissional. Às vezes fingia estar numa simulação de imersão, e que o visor da sua máscara era uma tela de realidade virtual. Também ajudava não saber o nome de ninguém e ficar indo de enfermaria em enfermaria, de modo a sempre ver rostos diferentes.

Mesmo assim, ao final do plantão, ela precisava de meia hora sozinha num dos cubículos do banheiro feminino para soluçar até quase passar mal. Nunca lhe faltava companhia. Vários dos enfermeiros tinham um choro pós-plantão incluído na rotina. Às nove da noite, o banheiro feminino do subsolo era uma caixa de concreto abarrotada de tristeza, um cofre-forte repleto de ecos de fungadas e respirações trêmulas.

Mas Harper se apaixonou por Renée. Não conseguiu se conter. Talvez porque Renée se permitisse fazer tudo aquilo que ela não podia. Renée descobria o nome de todo mundo, e passava o dia inteiro se apegando aos outros. Deixava crianças contaminadas e vazando fumaça se sentarem no seu colo enquanto lia para elas. E se preocupava tanto com os enfermeiros quanto qualquer um dos enfermeiros se preocupava com ela.

– Você não vai ajudar ninguém se cair dura de exaustão – disse a Harper certa vez.

Nem vou ajudar ninguém se não cair, Harper se imaginou respondendo. *De um jeito ou de outro, não estou ajudando ninguém*. Só que não disse isso. Seria deixar a tristeza falar, e era injusto despejar sua infelicidade em alguém que talvez não vivesse para ver o dia seguinte.

Só que Renée *viveu* para ver o dia seguinte. E outro. E mais outro.

Além disso, ela não tentava esconder sua Escama do Dragão com luvas, lenços ou camisas de manga comprida. Tinha um colar da doença impresso bem no pescoço: belos arabescos salpicados de dourado, combinando com braceletes que subiam até os cotovelos. Pintava as unhas de esmalte preto com glitter dourado para combinar.

– Poderia ser bem pior – dizia. – Poderia ser uma doença com pus ou líquidos vazando das partes íntimas. Poderia ser uma daquelas coisas em que as suas partes apodrecem e caem. Gripe suína não tem nada de sexy. Aposto que esse é o patógeno mais sexy que já existiu. Acho que ele me deixa parecida com uma tigresa! Uma tigresa gorda e mal-ajambrada. Como se a Mulher-Gato tivesse ficado muito fora de forma.

– Não acho que a Mulher-Gato tenha listras – disse Harper. Nesse dia, estava sentada com Renée na borda do leito da paciente. Meneou a cabeça para o retrato do gato de Renée. – Quem está cuidando desse bonitão aí?

– A rua – respondeu Renée. – Deixei ele fugir antes de vir para cá.

– Sinto muito.

– Com todos os incêndios, a fumaça expulsou os camundongos para as ruas. Tenho certeza de que o Truffaut está vivendo no bem-bom à base da fartura peluda desta terra. Você acha que eles vão sobreviver

quando a gente não estiver mais aqui? Os gatos? Ou será que vamos levar eles junto?

– Os gatos vão sair dessa, e a gente também – disse Harper com sua melhor voz altiva. – Nós somos inteligentes. Vamos dar um jeito nesse negócio.

Renée deu um sorriso esperançoso. Seus olhos exibiam uma expressão de bom humor e leve pena. As íris cor de grão de café eram salpicadas de dourado. Podia ser a doença, ou podiam ser apenas seus olhos.

– Quem disse que nós somos inteligentes? – indagou ela, num tom de desdém brincalhão. – Nós nunca nem conseguimos dominar o fogo. Achamos que sim, mas você pode ver que ele agora dominou a gente.

Como para pontuar o que dizia, do outro lado do recinto uma adolescente começou a soltar gritos agudos. Harper virou a cabeça e viu auxiliares correndo para jogar cobertores à prova de fogo numa menina que se debatia para sair da cama. Ela foi empurrada de volta e sufocada. Labaredas emanavam de debaixo dos cobertores.

Renée correu os olhos pelo espaço com tristeza e falou:

– E ela havia acabado de começar a ler *Ayla, a filha das cavernas*.

Harper passou a procurar Renée sempre que suas obrigações a levavam à lanchonete. Procurava-a para falar sobre livros. Era bom isto: ter pela manhã uma conversa normal, sem finalidade, uma conversa que nada tivesse a ver com o fato de o mundo estar pegando fogo. Harper tornou Renée parte do seu dia, embora desde o princípio soubesse que isso era um erro, que quando a mulher mais velha morresse alguma coisa dentro dela iria se estragar. Após se recobrar da perda inicial, ela seria uma pessoa mais dura. E Harper não queria se tornar uma pessoa mais dura. Queria permanecer a mesma Harper Grayson capaz de ficar com os olhos marejados ao ver um casal de idosos de mãos dadas.

Sabia que Renée algum dia iria embora, e um dia ela foi. Harper entrou na lanchonete empurrando um carrinho lotado de lençóis limpos, e bastou uma olhada para ver que o colchão de Renée agora estava sem roupa de cama e que seus objetos pessoais tinham sido levados embora. A visão daquela cama vazia foi um soco no estômago, e Harper soltou o carrinho, deu meia-volta, atravessou correndo a porta dupla, passou pelos seguranças e desceu o corredor. Não conseguiu chegar ao banheiro feminino do subsolo antes de começar a chorar; era longe demais. Virou-se de frente para a parede, apoiou-se ali com uma das mãos e desabou. Seus ombros tremeram e ela soluçou, soluçou, soluçou.

Um dos seguranças, por acaso Albert Holmes, tocou seu ombro.

– Moça? – disse ele. – Ai, meu Deus. Moça? O que houve?

No início Harper não conseguiu dizer nada. Respirar era um esforço, e seu corpo inteiro estava tomado por convulsões. Ela tentou se controlar. Estava deixando o homem assustado. Albert era um rapaz sardento de ombros largos, que menos de dois anos antes jogava futebol americano em sua escola de ensino médio, e ver uma mulher chorando era quase mais do que ele podia aguentar.

– Gilmonton – disse ela por fim, meio que tossindo o nome.

– Você não sabia? – fez Albert, com uma voz intrigada e débil.

Harper fez que não com a cabeça.

– Ela foi embora – disse Al. – Passou direto diante dos rapazes da manhã.

Harper arfava e sentia os pulmões doerem; sua garganta estava cheia de lágrimas. Pensou que talvez agora estivesse forte o suficiente para sair dali e ir até o banheiro, onde poderia encontrar um cubículo e realmente se permitir...

– O quê? – falou. – O que foi que você disse?

– Ela foi embora! – repetiu Al. – Saiu do hospital e pronto! Com aquela plantinha dela debaixo do braço.

– Renée Gilmonton foi embora? – repetiu Harper. – Com seu vaso de hortelã? E alguém *deixou*?

Al a encarou com aqueles olhos arregalados e cheios de assombro.

– Você deveria ter visto as imagens da segurança. Ela estava brilhando! Brilhando feito um farol! É só olhar a fita. É assombroso. E digo “assombroso” no sentido em que essa palavra foi usada na Bíblia. Os caras que estavam de plantão saíram correndo. Acharam que ela fosse explodir feito uma bomba nuclear humana. Ela própria estava com medo de explodir, por isso correu lá para fora. Correu lá para fora e nunca mais voltou. Ninguém sabe o que aconteceu com ela. Nem calçada ela estava!

Harper quis levar a mão até debaixo da máscara e enxugar as lágrimas do rosto, mas não podia. Limpar qualquer coisa do rosto era um processo que levava quase meia hora. Ela só podia tirar a roupa de Tyvek depois de passar cinco minutos debaixo de uma ducha de cloro. Piscou depressa para clarear a visão.

– Não faz sentido. Quem tem a Escama do Dragão não brilha.

– *Ela* brilhou – insistiu Al. – Estava lendo para umas crianças, pouco antes do café da manhã, e a

menina sentada no colo dela deu um pulo porque a Sra. Gilmonton começou a ficar quente. Aí as pessoas começaram a gritar e a se afastar. Ela estava acesa feito uma porra de uma árvore de Natal. Com o perdão da linguagem, moça. No vídeo, os olhos dela pareciam raios da morte! Ela passou correndo por duas equipes de segurança e saiu da quarentena. Do jeito que ela estava, caramba, qualquer um teria procurado abrigo.

Cinco minutos depois, Harper assistiu ao vídeo junto com quatro outros enfermeiros na mesa da recepção no final do corredor. Todo mundo no hospital estava assistindo àquele vídeo. Harper assistiu pelo menos dez vezes antes de o dia acabar.

Uma câmera fixa mostrava o largo corredor em frente à entrada da lanchonete, uma vasta área de ladrilhos brancos antissépticos. A porta era ladeada por dois seguranças, também paramentados com roupas de proteção de Tyvek e capacetes de choque. Um deles, encostado na parede, folheava lentamente algumas páginas presas em uma prancheta. O outro estava sentado numa cadeira de plástico moldado, lançando o cassete para o alto e tornando a pegá-lo.

A porta dupla se abriu com um estrondo, e o corredor se encheu de fulgor, como se alguém houvesse mirado ali uma lanterna. Num primeiro momento, o brilho foi tão intenso que ofuscou a imagem em preto e branco e fez a tela ser preenchida por uma claridade azulada. Então os sensores da câmera de segurança se ajustaram... um pouco. Renée permaneceu um fantasma brilhante, um resplendor tremeluzente de uma mulher no formato de ampulheta. Os desenhos acesos da sua Escama do Dragão ocultavam seus traços. Seus olhos eram raios branco-azulados de luz, e de fato se assemelhavam um pouco aos raios mortais de um filme de ficção científica dos anos 1950. Ela estava segurando seu vaso de hortelã sob o braço esquerdo.

O segurança que brincava com o cassete se afastou dela com um movimento abrupto. O cassete caiu e o acertou no ombro, e ele despencou da cadeira. O outro atirou a prancheta para o alto como se esta houvesse virado uma cobra. Seus calcanhares escorregaram sob seu corpo, e ele caiu com força sentado no chão.

Renée olhou para um, depois para o outro, pareceu erguer uma das mãos num gesto de quem tranquiliza, então se afastou apressada.

– Ela falou: “Não se preocupem comigo, rapazes, vou só explodir lá fora onde ninguém vai se machucar” – contou Albert Holmes a Harper.

O patologista residente, Dr. Ryall, não se impressionou. Já tinha lido sobre casos fora da curva, em que a Escama do Dragão atingia uma massa crítica e então, por algum motivo, estancava, sem fazer a pessoa pegar fogo imediatamente. Garantiu a quem quisesse escutar que os restos mortais de Renée Gilmonton seriam encontrados num raio de menos de cem passos do hospital. No entanto, alguns auxiliares vasculharam o mato alto do descampado que ficava além do estacionamento, à procura de ossos cozidos, e não acharam nada. Tampouco conseguiram encontrar qualquer pista sobre a direção que ela havia tomado, nenhum arbusto ou erva chamuscada. Ela parecia ter não explodido, mas sim *evaporado*, levando consigo seu vaso de hortelã.

A visita de uma equipe do Centro de Controle de Doenças para revisar os procedimentos de quarentena do Hospital de Portsmouth estava marcada para agosto, e o Dr. Ryall disse que não deixaria de lhes mostrar o vídeo do incidente com Gilmonton. Estava seguro de que a equipe concordaria com a sua interpretação.

Mas a equipe do CCD não chegou a ver as imagens, porque quando agosto chegou o Hospital de Portsmouth era apenas uma chaminé vazia, destruída pelo fogo, e o Dr. Ryall estava morto, assim como Albert Holmes, a enfermeira Lean e mais quinhentos pacientes.

5

Ela não sabia quanto tempo havia passado parada ali, vendo o Hospital de Portsmouth arder. Uma fumaça negra espessa que subia até trezentos metros do chão se enroscava acima dela, acima de todos eles, uma nuvem de tormenta a sufocar o céu. O sol era uma pequena moeda vermelha reluzindo através daquela massa enfumaçada. Um dos médicos perguntou “Alguém aí a fim de uns marshmallows?”, e riu, mas ninguém achou graça da piada.

Eles haviam ficado sem energia menos de cinco minutos depois de o alarme de incêndio iniciar seu *piiiiii* enlouquecedor. Luzes estroboscópicas pulsavam na escuridão, despedaçando o tempo em nesgas brilhantes congeladas. Harper conseguiu chegar à saída atravessando essas sombras hesitantes com as mãos pousadas no ombro da enfermeira à sua frente, numa fila de evacuados que andava arrastando os pés no chão. O ar do primeiro andar estava tomado pela fumaça, granulado com finas partículas sólidas, mas o incêndio era em algum lugar mais acima. No início, o grito do alarme foi aterrorizante, mas quando Harper saiu para a luz do dia já estava quase entediada, pois passara 45 minutos rastejando com os colegas. Não tinha a menor ideia da extensão do estrago até se afastar do prédio e poder olhar para trás.

Alguém lhe disse que ninguém acima do segundo andar tinha conseguido escapar. Outra pessoa disse que o incêndio começara na lanchonete: uma pessoa pegou fogo, depois outra, depois uma terceira, feito uma sequência de fogos de artifício, e um dos seguranças entrou em pânico e travou a porta para impedir qualquer um de sair. Harper jamais descobriu se era verdade.

A Guarda Nacional apareceu logo no início, e os agentes foram empurrando a multidão cada vez mais para trás, até o limite mais distante do estacionamento. Atrás deles, o Corpo de Bombeiros de Portsmouth atacou o incêndio com toda sua força, usando todos os seis carros... e todo mundo pôde ver que aquilo não ia fazer diferença alguma. Labaredas jorravam de todas as janelas estilhaçadas. Os bombeiros trabalhavam sob a chuva de cinzas negras com uma indiferença profissional experiente, alvejando a grande fornalha que era o hospital com jatos torrenciais de água que pareciam não surtir qualquer efeito.

Harper foi tomada por uma sensação de atordoamento, quase como quem teve uma concussão, como se tivesse sido golpeada com muita força e derrubada no chão, e estivesse esperando seu corpo lhe comunicar a extensão dos ferimentos. A visão de todo aquele fogo e de toda aquela fumaça a privou de qualquer pensamento.

Em determinado momento, ela notou algo curioso: um dos bombeiros inexplicavelmente parado do *seu* lado das barricadas, quando deveria ter estado do outro, entre os carros de bombeiro junto com seus companheiros. Só reparou nele porque ele a estava encarando. Estava de capacete e usava um casaco amarelo imundo, e em uma das mãos segurava uma ferramenta para combate a incêndios, uma longa barra de ferro com ganchos e uma machadinha que reluzia na ponta, e ela teve a impressão de que o conhecia. Era um homem magro e alto, de óculos, com um rosto todo anguloso, e a encarava com algo que parecia tristeza enquanto flocos de cinzas caíam à sua volta em suaves espirais negras. Cinzas sujavam os braços de Harper, cobriam seus cabelos. Um fragmento de cinza se partiu na ponta do seu nariz e a fez espirrar.

Ela tentou se lembrar de onde o conhecia, aquele bombeiro tristonho. Vasculhou a própria memória com a mesma delicadeza e cuidado com que teria tocado o braço de uma criança para se certificar de que não havia fratura. Uma criança, era isso: ela o conhecia por causa do seu filho, pensou. Só que não era bem isso. Pensou que estava sendo uma boba, que deveria simplesmente ir até ele e perguntar de onde os dois se conheciam, mas quando tornou a procurá-lo ele tinha sumido.

Algo desmoronou dentro do hospital. Talvez o telhado, que se espatifou sobre o andar logo abaixo. Nuvens de gesso, fuligem e fumaça avermelhada irromperam das janelas do último andar. Um agente da Guarda Nacional, de máscara de papel por cima da boca e luvas de látex azuis, levantou as mãos acima da cabeça como quem se rende ao inimigo.

– Pessoal! Vamos ter que fazer vocês recuarem *outra vez!* Vou pedir para todo mundo dar três passos para trás, para sua própria segurança. Este sou eu pedindo com educação. Você não vão querer ouvir minha voz não tão educada.

Harper deu um passo para trás, depois outro, e então cambaleou; estava tonta e com sede. Queria desesperadamente um gole de água gelada para tirar aquela poeira da garganta, e o único lugar razoável

para conseguir isso era em casa. Não estava de carro pois não fazia sentido estar de carro, ela nunca saía do hospital, de modo que se virou para começar a andar.

Percorreu meio quarteirão antes de perceber que estava chorando. Não sabia se chorava porque estava triste ou porque havia muita fumaça no ar. A tarde tinha o mesmo cheiro dos churrascos nas colônias de férias, cheiro de salsicha esturricada. Ocorreu a ela que o cheiro de salsicha era o odor dos cadáveres queimando. *Eu sonhei isso*, pensou ela. Então se virou e vomitou na grama junto à calçada.

Havia grupos de pessoas paradas no meio-fio e na rua, mas ninguém a olhou quando ela vomitou. Ninguém a considerou nem um pouco interessante em comparação com a visão da explosão. As pessoas eram fascinadas pelo fogo e repelidas pelo sofrimento humano, e não seria isso uma espécie de erro de projeto? Ela limpou a boca com as costas de uma das mãos e prosseguiu.

Não olhou para os rostos na multidão, de modo que só viu Jakob em pé junto dos outros quando ele a tomou nos braços. No instante em que ele a abraçou, em que a amparou, suas pernas perderam as forças e ela desabou contra ele.

– Ai, meu Deus, você está bem – disse ele. – Ai, meu Deus. Fiquei com tanto medo.

– Eu te amo – disse ela, pois lhe pareceu ser o que se dizia após sair de um braseiro infernal, a única coisa que tinha importância numa manhã como aquela.

– Eles bloquearam as ruas por vários quarteirões – sussurrou ele. – Fiquei com tanto medo... Vim de bicicleta. Estou te segurando agora. Estou te segurando, princesa.

Ele a conduziu por entre as pessoas até um poste de telefonia. Encostada no poste estava sua bicicleta, a que ele tinha desde a faculdade, uma bicicleta de dez marchas com uma cestinha entre as barras do guidom. Ele começou a empurrá-la com uma das mãos enquanto o outro braço enlaçava Harper pela cintura, e os dois seguiram assim, com a cabeça dela pousada no ombro dele. Foram andando no contrafluxo da multidão, toda ela a se mover na direção do hospital, rumo àquela coluna de fumaça negra e sebosa, para dentro da nuvem de cinzas.

– Todo dia é 11 de setembro – disse ela. – Como é possível viver quando todo dia é 11 de setembro?

– A gente convive com isso até não conseguir mais – respondeu ele.

Harper não entendeu, mas aquilo lhe soou como uma resposta boa, talvez até profunda. Jakob falou com ternura ao mesmo tempo em que limpava sua boca e sua bochecha com um quadradinho de seda branco com reflexos prateados. Jakob sempre carregava um lenço consigo, uma afetação de Velho Mundo que ela achava tão fofa que chegava a sentir agonia.

– O que está fazendo? – indagou.

– Limpando a cinza de você.

– Por favor – disse ela. – Por favor.

Depois de um tempinho, ele parou e disse:

– Pronto. Limpinha. – E a beijou na bochecha, e a beijou na boca. – Mas não sei por que fiz isso. Você estava parecendo uma menina de rua de um livro do Charles Dickens. Imunda, mas deliciosa. Escuta. Eu vou dar um jeito nessa situação. Vamos para casa, e eu te deixo espiritualmente imunda. Que tal?

Ela riu. A noção de absurdo de Jakob tinha um quê de francesa; na faculdade, ele fazia parte de um clube de mímica. E sabia também andar na corda bamba: era ágil na cama, ágil na vida.

– Legal – respondeu.

– O mundo inteiro pode se incendiar à nossa volta – disse Jakob. – Eu vou te abraçar até o fim. Você não vai ter como fugir de mim.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou a boca salgada dele. Ele estava sorrindo agora, mas também havia chorado. Harper repousou a cabeça no peito dele.

– Estou tão cansada – falou. – De sentir medo. De não conseguir ajudar as pessoas.

Ele pôs um dos dedos dobrados sob o queixo dela e a forçou delicadamente a levantar a cabeça.

– Você tem que parar de pensar assim. Que por algum motivo é tarefa sua resolver a situação. Correr de um lado para outro... e apagar todos os incêndios. – Ele lançou um olhar cheio de significado para a fumaça que flutuava acima deles. – Não é tarefa sua salvar o mundo.

Aquilo era tão sensato, tão racional, que provocou nela uma leve dor de alívio.

– Você precisa cuidar de si mesma – disse ele. – E me deixar cuidar de você um pouco. A gente tem tão pouco tempo para fazer bem um ao outro. Vamos tornar esse tempo especial. Vamos fazer com que ele valha a pena, a começar pela noite de hoje.

Ela então teve de lhe dar outro beijo. A boca de Jakob tinha gosto de menta e de lágrimas, e ele retribuiu o beijocom cautela, hesitante, como se a estivesse descobrindo pela primeira vez, como se beijar fosse uma experiência inteiramente nova, curiosa... um experimento. Quando ergueu o rosto,

estava com uma expressão séria.

– Esse beijo foi importante – falou.

Os dois foram avançando pela calçada com um andar arrastado, e deram mais alguns passos. Ela repousou a cabeça no bíceps dele e fechou os olhos. Uns poucos passos mais adiante, ele apertou o braço que a enlaçava. Ela havia se deixado levar, meio que pegado no sono em pé mesmo, e tropeçado.

– Ei – disse ele. – Chega disso. Olha aqui. A gente precisa chegar em casa. Sobe aí. – Ele passou a perna por cima do selim da bicicleta.

– Subir onde?

– Na cestinha – disse ele.

– A gente não consegue. Eu não consigo.

– Consegue, sim. Já conseguiu antes. Vou levar você para casa.

– São quase dois quilômetros.

– É descida o tempo todo. Sobe aí.

Era algo que eles tinham feito na faculdade, de brincadeira, ela sentada na cestinha na frente da bicicleta dele. Na época ela era um fiapo de menina, e agora não era muito mais do que isso, com 1,68 metro e 52 quilos. Olhou para a cestinha entre as barras do guidom, em seguida para o longo declive que descia para longe do hospital até fazer uma curva.

– Você vai me matar – falou.

– Não. Hoje não. Sobe.

Ela não foi capaz de resistir. Parte de si tinha uma tendência natural para a passividade, para a acomodação. Deu a volta pela frente da bicicleta, passou uma das pernas por cima da roda e suspendeu a bunda até a cestinha.

E de repente eles saíram andando, e as árvores à sua direita começaram a passar deslizando como num sonho. As cinzas caíam à sua volta em imensos flocos macios, sobre os seus cabelos e na aba do boné de Jakob. Em pouquíssimo tempo, eles já estavam indo tão depressa que se caíssem morreriam.

Os raios da bicicleta zuniam. Quando Harper expirava, o ar era arrancado de sua boca.

A gente esquecia que o tempo e o espaço eram uma coisa só até eles começarem a se mover depressa, até os pinheiros e postes de telefonia começarem a passar chispando. Então, no meio de toda essa velocidade, o tempo se expandia, de modo que o segundo que se levava para percorrer sete metros começava a durar mais do que outros segundos. Ela experimentou essa sensação de aceleração nas têmporas e na boca do estômago, e sentiu-se grata por Jakob, grata por estar longe do hospital, grata pela velocidade. Passou algum tempo agarrada à cestinha com as duas mãos, mas então, enquanto os raios começaram a zunir, girando tão depressa que passaram a emitir uma espécie de zumbido musical, ela soltou, abriu os braços um para cada lado e alçou voo, uma gaivota a navegar no vento, enquanto o mundo ia acelerando mais, e mais, e mais.

6

Na noite em que o hospital pegou fogo, Jakob a fez atravessar a casa, e ela não parou de bocejar, como uma criança cuja hora de dormir já passou. Sentia-se levemente sedada, acordada mas sem pensamentos, de modo que não soube o que iria lhe acontecer a seguir, muito embora o que iria acontecer a seguir fosse inteiramente previsível. Ele a levou até o quarto segurando a sua mão pequena. Tudo bem. Ela estava cansada, e o quarto parecia ser o lugar certo aonde ir. Com ela parada e dócil, ele então tirou sua roupa verde de enfermeira. Ela estava usando uma calcinha rosa-clara de vovó que subia até o umbigo. Ele tirou sua calcinha também. Ela deu um enorme bocejo e cobriu a boca com a mão, e ele riu, porque estava se inclinando para beijá-la. Ela também riu. Foi engraçado, bocejar na cara dele daquele jeito.

Na noite em que o hospital pegou fogo, ele encheu para ela a grande banheira de pé que ela tanto amava. Não soube quando ele se afastou para fazer isso, porque lhe pareceu que ele jamais saíra do seu lado, mas quando ele a levou até lá a banheira já estava cheia. As luzes estavam apagadas, mas havia velas acesas. Ela ficou feliz ao ver a banheira cheia, pois estava com cheiro de fumaça, suor e hospital, mas principalmente de fumaça, e estava toda suja de cinzas, e parte daquelas cinzas decerto eram cadáveres.

Na noite em que o hospital pegou fogo, Jakob despejou água em suas costas com uma luva de banho. Esfregou-lhe o pescoço, as orelhas, depois prendeu seus cabelos no alto da cabeça e a fez mergulhar o rosto. Ela subiu à tona rindo. Ele então lhe disse para ficar em pé, e ela ficou em pé na banheira enquanto ele a ensaboava inteira. Ensaboou os seios, a parte baixa das costas, o pescoço, então lhe deu um tapa no bumbum e a mandou entrar de novo na banheira, e ela, obediente, sentou-se.

Na noite em que o hospital pegou fogo, Jakob falou:

– Que babaquice sem valor essa coisa de dizer *Eu te amo*. *Amor* é só um nome que se dá a uma irrupção de hormônios, com uma pitada de lealdade por cima. Nunca gostei de dizer isso. O que eu digo é: a gente está junto, agora e até o fim. Você tem tudo de que eu preciso para ser feliz. Você me faz me sentir bem.

Ele espremeu a luva de banho e a água quente respingou no pescoço dela. Ela fechou os olhos, mas através das pálpebras continuou a ver a luz vermelha da vela.

Ele seguiu falando:

– Não sei quanto tempo a gente ainda tem. Talvez cinquenta anos. Talvez mais uma semana. Mas o que eu sei é que ninguém vai roubar nem um segundo nosso juntos. Vamos compartilhar tudo, sentir tudo juntos. E eu farei você saber, no jeito como te toco, e no jeito como te beijo... – Ao dizer isso, ele a tocou e beijou. – ... que você é a melhor coisa da minha vida. E sou um cara egoísta e quero cada centímetro de você, e cada minuto da sua vida que eu puder ter. Não existe mais *minha* vida. Nem *sua* vida. Existe apenas a *nossa* vida, e a gente vai fazer do nosso jeito. Quero bolo de aniversário todos os dias e você nua na minha cama todas as noites. E quando chegar a hora de acabar, a gente vai fazer do nosso jeito também. Vamos abrir aquela garrafa de vinho que a gente comprou na França, ouvir nossas músicas preferidas e dar umas risadas, depois tomar uns remedinhos da felicidade e ir dormir. Morrer bonito quando a festa acabar, em vez de ir embora aos gritos feito aquela gente triste e desesperada que fez fila para morrer lá no hospital.

Foi como escutar de novo as promessas feitas por ele no casamento, igualmente arrebatadas, doces, intensas. Então tudo bem.

Só que não estava tudo bem, não completamente. Havia algo errado no fato de se referir às pessoas que iam para o hospital como *tristes* e *desesperadas*. Algo imoral em zombar delas. Renée Gilmonton não era triste e desesperada. Renée Gilmonton organizava a hora da leitura para as crianças da enfermaria.

Jakob, porém, tinha o dom da articulação, era capaz de falar sobre como queria tocá-la e estar com ela com a mesma habilidade ousada e atlética à qual recorria para andar de monociclo ou numa corda bamba. Era um homem pequeno, compacto e musculoso, e era também intelectualmente musculoso, um tipo de acrobata mental. Às vezes ela sentia que essas acrobacias mentais eram meio cansativas; nessas horas tinha a impressão não tanto de que eles estavam sentindo tudo juntos, mas sim de que ela era apenas

a sua plateia, alguém para aplaudir seu último salto pelo arco em chamas do existencialismo e seu mortal para trás no trampolim do inconformismo. Mas ela então abriu as pernas para ele, pois suas mãos sabiam fazer as coisas que ela precisava sentir. E de todo modo aquela sua falação significava apenas que ele a desejava e que ela o fazia feliz. Teve de beijá-lo outra vez, e beijou, contorcendo-se na banheira e achatando os seios contra a porcelana fria, e segurando a cabeça dele por trás para ele não poder se afastar até ela ter se saciado do seu gosto. Então se afastou, deu outro bocejo, e ele riu e ficou tudo bem.

Na noite em que o hospital pegou fogo, ela se levantou da água, e ele lhe entregou uma taça de vinho tinto e em seguida a enrolou numa toalha. Ajudou-a a sair da banheira. Andou com ela até o quarto, onde havia mais velas acesas. Secou-a e a guiou até a cama, e ela subiu na cama de quatro, querendo que ele tirasse a roupa e entrasse nela, mas ele pousou uma das mãos na base de suas costas e a fez se deitar de bruços. Gostava de fazê-la esperar; para falar francamente, ela gostava que a fizessem esperar, gostava que ele assumisse o controle. Ele pegou um creme com perfume de morango e passou nela. Estava nu do seu lado, o corpo escuro e sarado sob a luz mortiça, o peito coberto de pelos pretos.

E quando ele a fez rolar de frente e entrou nela, Harper emitiu um soluço de prazer, pois a coisa foi muito súbita, e ele agiu com grande decisão. Mal havia começado quando a camisinha escapuliu. Ele parou de se mexer por um instante e franziu a testa, mas ela levou a mão até lá embaixo e jogou a camisinha longe, então o segurou pela bunda e o fez entrar nela outra vez. Seu uniforme de enfermeira estava no chão, fedendo a fumaça. Nunca mais iria usá-lo. Vinte e seis mil hectares de vinhedos franceses estavam em chamas e mais de dois milhões de pessoas tinham morrido queimadas em Calcutá, e tudo que ela queria era senti-lo dentro de si. Queria olhar para a sua cara quando ele estivesse gozando. Pensou que de toda forma havia uma boa chance de os dois estarem mortos antes de o ano acabar, e ele nunca tinha entrado nela daquele jeito antes.

Na noite em que o hospital pegou fogo, eles transaram à luz de velas, e mais tarde um bebê começou.

Harper estava no chuveiro quando viu a listra na parte interna da perna esquerda.

Bastou uma olhada para saber o que a listra significava, e ela sentiu as entranhas borbulharem de medo, mas esfregou a água fresca do rosto e repreendeu a si mesma: “Nem me vem com essa, mulher. Isso daí é um hematoma, caramba.”

Só que não parecia um hematoma. Parecia a Escama do Dragão, uma linha escura, quase preta, salpicada de fragmentos dourados estranhamente metálicos. Quando ela se curvou para ver mais de perto, viu outra marca, na panturrilha da mesma perna, e se endireitou com um movimento brusco. Tapou a boca com uma das mãos, pois estava emitindo uns ganidos de dar dó, e não queria que Jakob escutasse.

Saiu do boxe sem fechar a torneira. Pouco importava. Não estava desperdiçando água quente, afinal. Não havia água quente. Fazia dois dias que eles estavam sem energia. Ela havia entrado no chuveiro para se livrar daquela sensação pegajosa. O ar dentro de casa estava sufocante; era como passar o dia presa debaixo de uma pilha de cobertores.

A enfermeira dentro dela havia assumido o controle, a parte que permanecia calma, quase distante, quando o chão estava pegajoso de sangue e um paciente urrando de dor. Ela engoliu os pequenos soluços e se recompôs. Decidiu que precisava se secar e dar outra olhada. Talvez fosse um hematoma. Ela sempre tivera facilidade para ficar roxa, e vivia encontrando grandes manchas pretas no quadril ou na parte de trás do braço sem ter a menor ideia de como havia se machucado.

Secou-se quase totalmente com a toalha e pôs o pé esquerdo na bancada da pia. Olhou a perna, depois a examinou no espelho. Sentiu a necessidade de chorar brotar novamente. Sabia o que era aquilo. Nos atestados de óbito, eles listavam a causa mortis como *Draco incendia trychophyton*, mas até mesmo o ministro da Saúde chamava de Escama do Dragão. Isso antes de morrer queimado.

A listra em sua panturrilha parecia um delicado raio negro, mais negro do que qualquer hematoma, salpicado com grãosinhos de luz. Olhando mais de perto, a listra na coxa parecia menos uma listra e mais um ponto de interrogação ou uma foice. Harper viu uma sombra que não lhe agradou, entre o pescoço e o ombro, e afastou os cabelos. Ali havia outra linha escura, salpicada com partículas da Escama do Dragão que pareciam mica.

Ela estava tentando controlar a respiração, esforçando-se para expirar aquela sensação de atordoamento, quando Jakob abriu a porta.

– *Baby*, estão precisando de mim lá no departamento. Não tem ninguém pra... – começou ele, então se calou ao ver o reflexo dela no espelho.

Ao ver a expressão no rosto dele, Harper sentiu o autocontrole ruir. Pousou o pé no chão e se virou para ele. Queria que Jakob a abraçasse e apertasse com força, mas sabia que ele não podia tocá-la, nem ela iria deixar.

Ele cambaleou um passo para trás e a encarou com olhos cegos, brilhantes, apavorados.

– Ah, Harp. Ah, princesa. – Em geral ele dizia isso como se fosse uma expressão só, *Harprincesa*, mas dessa vez foram duas palavras distintas. – Você está cheia. Nas pernas. Nas costas.

– Não – disse ela, uma reação de impotência. – Não. Não não não.

Aquilo lhe deu náuseas, pensar na própria pele marcada em lugares que ela não conseguia ver.

– Não sai daí – pediu ele, estendendo uma das mãos com os dedos abertos, embora ela não houvesse dado nenhum passo na sua direção. – Fica no banheiro.

– Jakob – disse ela. – Eu quero olhar para ver se tem alguma em você.

Ele a encarou sem compreender, com uma expressão atônita brilhando no olhar, então entendeu e algo sumiu de seus olhos. Seus ombros desabaram. Por baixo do bronzeado, ele pareceu pálido, cinza e exangue, como se houvesse passado um longo tempo no frio.

– De que adianta? – indagou.

– Adianta para ver se você pegou.

Ele balançou a cabeça.

– É claro que eu peguei. Você pegou, eu também peguei. A gente trepou. Ontem à noite mesmo. E dois dias atrás. Se não está dando para ver agora, vai dar para ver depois.

– Jakob. Eu quero examinar você. Não vi marca nenhuma em mim ontem. Nem antes de a gente transar, nem depois. Eles não entendem tudo sobre a transmissão, mas muitos médicos acham que uma pessoa só fica contagiosa depois que começa a exibir marcas visíveis.

– Estava escuro. A gente estava à luz de velas. Se algum de nós dois tivesse visto essas marcas em você, teria pensado que era uma sombra.

Ele falava com uma voz pesada e sem entonação. O terror que ela vira no seu rosto fora como um raio, visível num segundo, no outro já ausente. No seu lugar surgira algo ainda pior, uma resignação sem energia.

– Tira a roupa – disse ela.

Ele tirou a camiseta e a largou no chão. Encarou-a com firmeza, e na penumbra do banheiro seus olhos eram quase cor de âmbar. Estendeu os braços para os lados e ficou ali, com os pés cruzados e o queixo erguido, inconscientemente posando como Cristo na cruz.

– Está vendo alguma?

Ela fez que não com a cabeça.

Ele ficou de costas, ainda de braços abertos, e virou a cabeça para espiar por cima do ombro.

– E nas costas?

– Não – disse ela. – Tira a calça.

Ele se virou de novo e desabotoou a calça jeans. Os dois se encararam; um metro de espaço os separava. Houve um cruel fascínio erótico no jeito vagaroso e paciente com o qual ele se despiu para ela, tirando o cinto, empurrando até o chão o jeans e também a cueca, os dois ao mesmo tempo. Não desgrudou os olhos dos dela. Sua expressão era uma máscara, quase desinteressada.

– Nada – disse ela.

Ele se virou. Ela observou as coxas morenas atléticas, a bunda branca, os vãos encovados dos quadris.

– Não – falou.

– Por que não desliga o chuveiro? – perguntou ele.

Harper fechou a torneira, pegou a toalha e voltou a secar os cabelos. Contanto que se concentrasse em respirar lenta e regularmente, e fizesse todas as coisas que normalmente faria após um banho de chuveiro, sentia que conseguiria adiar o impulso de cair em prantos outra vez. Ou de começar a gritar. Se comesse a gritar, não tinha certeza de que fosse conseguir parar.

Enrolou a toalha nos cabelos e voltou para a penumbra escaldante do quarto.

Jakob estava sentado na beira da cama, vestido de novo com a calça jeans, mas segurando a camiseta no colo. Estava descalço. Ela sempre amara seus pés, bronzeados, ossudos, quase arquetônicos em seus contornos delicados e angulosos.

– Eu sinto muito por ter ficado doente – disse ela, e de repente teve de fazer força outra vez para não chorar. – Ontem dei uma boa olhada em mim mesma e não vi nada disso. Talvez você não tenha pegado. Talvez esteja bem.

A última palavra quase a fez engasgar. Sua garganta estava se fechando convulsivamente, e os soluços subiam forçando o caminho lá do fundo de seus pulmões, que ardiam. Seus pensamentos eram terríveis demais para serem pensados, mas mesmo assim ela os pensou.

Ela estava morta, e ele também. Tinha infectado a ambos, e eles iriam morrer queimados como todos os outros. Ela sabia disso, e a expressão no rosto de Jakob dizia que ele também sabia.

– Você teve que ir lá bancar a Madre Teresa – disse ele.

– Eu sinto muito.

Desejou que ele chorasse também. Desejou conseguir ver algum sentimento no seu rosto, vê-lo lutando para conter o tipo de emoção que ela própria estava sentindo. Mas tudo que havia era o vazio e a estranha e clínica expressão do seu olhar, e o jeito como ele estava sentado ali, com os pulsos inertes pendurados nos joelhos.

– Veja pelo lado bom – disse ele, olhando de relance para a barriga dela. – Pelo menos a gente não vai ter que resolver que nome colocar se for menina.

Foi tão ruim quanto se ele tivesse lhe batido. Ela se retraiu e olhou para o outro lado. Ia repetir que sentia muito, mas o que saiu foi um soluço engasgado e impotente.

Fazia pouco mais de uma semana que eles sabiam sobre o bebê. Jakob tinha sorrido de leve quando Harper lhe mostrara o resultado positivo no teste de farmácia que acabara de fazer, mas quando ela havia lhe perguntado o que ele estava sentindo ele dissera: *Estou sentindo que preciso de tempo para me*

acostumar com a ideia.

No dia seguinte, em Manchester, a arena da Verizon foi destruída por um incêndio com mil e duzentos refugiados sem-teto lá dentro, dos quais nenhum escapou com vida, e Jakob foi emprestado ao Departamento de Obras Municipais de lá para ajudar na organização da limpeza dos destroços e da coleta de corpos. Passava treze horas por dia fora, e quando voltava, imundo de fuligem e calado por causa das coisas que tinha visto, parecia errado falar sobre o bebê. Quando os dois dormiam, ele a abraçava de conchinha por trás e punha uma das mãos na sua barriga, e ela torceu para isso significar que alguma felicidade, alguma sensação de objetivo, estava nascendo dentro dele.

Agora sem pressa alguma, ele vestiu a camiseta.

– Se veste – falou. – Vai ser mais fácil pensar se eu não tiver que olhar para esse troço espalhado pelo seu corpo.

Ela foi até o armário, chorando muito. Teve a sensação de não estar conseguindo suportar a falta de sentimento da voz dele. Era quase pior do que a ideia de estar contaminada, de estar envenenada.

Naquele dia a temperatura poderia chegar a 26 graus; no quarto já estava fazendo 21 e dali a pouco esquentaria mais ainda, com o dia claro já brilhando pelas bordas das persianas. Ela revirou os cabides para achar um vestido sem mangas. Pegou o branco, pois gostava de como se sentia quando o usava, de como ele a fazia se sentir limpa, simples, fresca, e era isso que ela queria agora. Então lhe ocorreu que, se ela pusesse um vestido, Jakob ainda poderia ver a listra na sua panturrilha, e quis poupá-lo disso. Um short também estava fora de cogitação. Ela achou um roupão velho e surrado cor de margarina barata.

– Você tem que sair – falou, sem se virar para ele. – Precisa sair de casa e se afastar de mim.

– Acho que agora é tarde para isso.

– A gente não sabe se você foi contaminado. – Ela fechou o roupão com o cinto, mas não se virou. – Até termos certeza, precisamos tomar precauções. Você tem que pegar umas roupas e sair de casa.

– Você tocou em todas as roupas. Lavou tudo na pia. Depois pôs para secar no varal do deque. Você as dobrou e guardou.

– Então vai pra algum lugar e compra outras. Quem sabe a Target está aberta.

– Claro. Quem sabe eu aproveito que estou lá e passo um belo caso de Escama do Dragão para a menina do caixa.

– Eu já te disse. Eles não sabem se dá para pegar das pessoas antes de elas ficarem com marcas visíveis.

– Certo. *Eles* não sabem. *Eles* não sabem porra nenhuma. Quem quer que sejam *eles*. Se alguém entendesse direito como funciona a transmissão a gente não estaria nesta situação, não é, princesa?

Ela não gostou do sarcasmo, da ironia com que ele falou *princesa*. Era um tom muito próximo do desdém.

– Eu tomei cuidado. Tomei muito cuidado – falou.

Com uma espécie de ressentimento exausto, lembrou-se de passar o dia inteiro morrendo de calor dentro do macacão de Tyvek, do material grudando em sua pele vermelha e suada. Vestir a roupa levava vinte minutos, e tirá-la outros vinte, depois da obrigatória ducha de cinco minutos com uma solução clorada. Lembrou-se de como depois ficava fedendo a borracha, cloro e suor. Havia carregado consigo esse fedor o tempo inteiro que passara trabalhando no Hospital de Portsmouth, um cheiro que parecia um acidente industrial, e mesmo assim fora infectada, e aquilo parecia uma piada sem graça nenhuma.

– Não se preocupa. Tem umas coisas na minha bolsa de ginástica que eu posso vestir – disse ele. – Coisas nas quais você não encostou essas mãos.

– Para onde você vai?

– Não tenho a menor ideia. Você tem noção do que fez?

– Desculpa.

– Ah, seu pedido de desculpas melhora muito. Agora não me sinto tão mal quando penso que nós dois vamos morrer queimados.

Ela decidiu que, se ficar com raiva o deixava menos assustado, tudo bem. Queria que ele ficasse bem.

– Você pode dormir lá no departamento? – perguntou. – Sem entrar em contato com os outros caras?

– Não – respondeu ele. – Mas o Johnny Deepenau morreu, e a chave daquela bosta daquele trailer que ele tinha está pendurada no escaninho dele. Eu poderia ficar lá. Lembra do Johnny? Ele dirigia o Freightliner número 3.

– Não sabia que ele estava doente.

– Não estava. A filha dele foi contaminada e morreu queimada, e ele se jogou da ponte de Piscataqua.

– Eu não sabia.

– Você estava trabalhando. Lá no hospital. Nunca estava em casa. Não era o tipo de coisa que eu ia contar por mensagem de texto. – Ele se calou. Tinha a cabeça baixa, e seus olhos estavam na sombra. – Eu meio que admiro o cara. Por entender que já tinha visto tudo de melhor que a vida iria lhe oferecer, e por reconhecer que de nada adiantava ficar por aqui para a última parte de merda. Johnny Deepenau era um palhaço que bebia Budweiser, gostava de ver futebol americano na TV e votava no Trump, e nunca leu nada mais profundo do que a revista *Penthouse*, mas isso ele entendeu. Acho que preciso vomitar – disse ele, sem mudar o tom de voz, e ficou em pé.

Harper o seguiu pelo escritório até o hall de entrada. Ele não usou o banheiro da suíte do casal, que Harper imaginou ser agora um território proibido, uma vez que ela o havia ocupado pouco antes. Entrou no lavabo debaixo da escada. Ela ficou em pé no hall ouvindo-o vomitar do outro lado da porta fechada, e ficou se segurando para não chorar. Queria parar de chorar na frente dele, não queria sobrecarregá-lo com as suas emoções. Ao mesmo tempo, queria que Jakob lhe dissesse alguma coisa, que parecesse angustiado por ela.

A descarga fez barulho, e Harper recuou até o escritório para lhe dar espaço. Ficou em pé ao lado da escrivaninha dele, onde à noite ele se sentava para escrever. Fora quase por acidente que Jakob acabara virando vice-gerente do Departamento de Obras Municipais de Portsmouth; sua intenção era ser escritor. Havia largado a faculdade para escrever, e desde então, já fazia seis anos, trabalhava no seu livro. Tinha escrito 130 páginas que nunca deixava ninguém ler, nem mesmo Harper. O livro se chamava *O arado da desolação*. Ela nunca tinha lhe dito que detestava esse título.

Ele saiu do banheiro, chegou até a entrada do escritório e parou ali. Em algum momento, tinha encontrado seu boné, o que tinha a palavra **FREIGHTLINER** escrita na frente e que ela sempre achava que ele usasse de gozação, do mesmo jeito que hipsters do Brooklyn usam bonés da marca John Deere. Se é que eles ainda faziam isso. Se é que algum dia tinham feito isso.

Os olhos abaixo da aba estavam vermelhos e desfocados. Ela se perguntou se ele havia chorado no banheiro. Pensar que ele havia chorado por sua causa a fez se sentir um pouco melhor.

– Eu quero que você espere – disse ele.

Ela não entendeu e encarou-o com um ar de interrogação.

– Quanto tempo demora para a gente saber com certeza se eu peguei? – perguntou ele.

– Oito semanas – respondeu ela. – Se você não tiver nada até o final de outubro, está limpo.

– Tá. Oito semanas. Acho que isso tudo é uma farsa... nós dois sabemos que, se *você* pegou, *eu* também peguei... mas vamos esperar oito semanas. Se nós dois tivermos pegado, a gente faz junto, como tinha combinado. – Ele passou alguns instantes em silêncio, encarando os próprios pés, em seguida meneou a cabeça. – Se eu não tiver pegado, venho ficar contigo quando você for fazer.

– Fazer o quê?

Ele ergueu o rosto para ela com genuína surpresa.

– Se matar. Meu Deus do céu. A gente falou sobre isso. Sobre o que faria se pegasse. A gente combinou que o melhor é... ir dormir e pronto. Melhor do que ficar esperando para morrer queimado.

Ela sentiu um aperto forte na garganta, não teve certeza se conseguiria forçar alguma palavra a sair, então descobriu que sim.

– Mas eu estou grávida.

– Você agora nunca vai ter essa criança.

A reação de Harper surpreendeu a ela mesma; pela primeira vez, a certeza insensível e zangada de Jakob a ofendeu.

– Não, nisso você se engana – falou. – Eu não sou nenhuma especialista, mas sei mais sobre o esporo do que você. Existem estudos, estudos *bons*, que mostram que ele não é capaz de atravessar a barreira placentária. Entra em todos os outros lugares, no cérebro, no pulmão... menos ali.

– Que bobajada. Não existe nenhum estudo que diga isso. Pelo menos não um que valha o papel no qual foi impresso. O CCD de Atlanta agora é uma pilha de cinzas. Ninguém mais está estudando essa merda. A hora de fazer ciência passou. Agora está na hora de fugir para se proteger e torcer para essa coisa se extinguir sozinha antes de nos extinguir da face da Terra. – Aquilo o fez rir, um som seco, sem humor.

– Mas eles estão estudando *sim*. Ainda. Na Bélgica. Na Argentina. Mas tudo bem, se você não acredita em mim, não tem problema. Mas acredite no seguinte: em julho, lá no hospital, a gente fez o parto de um bebê saudável de uma gestante contaminada. Fizeram até uma festa na sala dos médicos da pediatria. A gente tomou sorvete de cereja já meio derretido, e se revezou para segurar o bebê no colo.

O que ela não disse foi que a equipe médica havia passado mais tempo com o bebê do que a própria. O médico não a deixara tocar no filho, e o tirara da sala de parto enquanto a mãe gritava para ele voltar,

para deixar que ela desse uma última olhada.

A expressão de Jakob agora já não estava tão vazia. Sua boca era uma linha branca contraída.

– E daí? Essa merda aí... quanto tempo as pessoas duram? No melhor dos casos? Depois que as listras aparecem?

– É diferente para cada um. Existem alguns casos de longo prazo, de gente que está viva desde o começo. Eu talvez dure...

– Três meses? Quatro? Qual é a média? Eu acho que a média não é nem *dois* meses. Você só descobriu que está grávida *dez dias atrás*. – Ele balançou a cabeça, incrédulo. – O que você arrumou para a gente tomar?

– Como assim? – Ela estava com dificuldade para acompanhar a linha de raciocínio dele.

– O que você arrumou para a gente tomar? Você disse que ia arrumar aquele negócio... aquele que o meu dentista me deu depois do meu canal.

– Vicodin.

– E a gente pode triturar, né?

O cinto do roupão dela tinha se soltado e estava aberto, mas consertar isso parecia um esforço excessivo, e ela havia esquecido que desejava poupá-lo da visão de seu corpo infectado.

– É. Esse deve ser um dos jeitos mais indolores de se matar. Uns vinte comprimidos de Vicodin triturados.

– Então é assim que a gente vai fazer. Se nós dois estivermos com a escama.

– Mas eu não tenho nenhum Vicodin. Não cheguei a pegar.

– Por quê? A gente conversou. Você disse que pegaria. Disse que roubaria alguns lá do hospital, e que se a gente ficasse doente tomaria um vinho, ouviria um pouco de música, depois tomaria os comprimidos e partiria.

– Esqueci de pegar quando saí do hospital. Na época eu estava apressada para não morrer queimada. – Embora na sua atual condição não houvesse escapado de nada, pensou.

– Você trouxe para casa a Escama do Dragão, mas não podia se dar ao trabalho de trazer alguma coisa para a gente tomar? E além de tudo engravidou. Pelo amor de Deus, Harper. Seu mês foi mesmo de arrasar. – Ele riu, um latido curto e sem ar. Depois de alguns instantes, tornou a falar. – Talvez eu consiga arrumar alguma coisa para a gente usar. Uma arma, se for preciso. O Deepenau tinha aquela bosta de picape cheia de adesivos da Associação Nacional de Rifles. Ele deve ter alguma coisa.

– Jakob. Eu *não vou* me matar – disse ela. – O que a gente conversou antes de eu engravidar agora não tem mais importância. Eu estou com a Escama do Dragão, mas estou também com um bebê na barriga, e isso muda tudo. Você não vê que isso muda tudo?

– Puta que pariu, Harper. Isso daí nem é um bebê ainda. É um aglomerado de células sem consciência. Além do mais, eu te conheço. Se a criança tivesse algum defeito, você tiraria. Já trabalhou numa porcaria de uma clínica de abortos, porra. Entrava lá todo dia de manhã e passava pelas pessoas gritando que você era uma assassina, te chamando de assassina de bebês.

– O bebê *não tem* defeito nenhum, e *mesmo* se tivesse eu não iria... isso não quer dizer que eu iria...

– Acho que morrer cozido dentro do útero é meio que um defeito. Você não acha?

Em pé, ele abraçava o próprio corpo. Ela viu que ele estava tremendo.

– Vamos aguardar. Vamos esperar um tempo e ver se eu também peguei essa merda – falou por fim. – Quem sabe em algum momento ao longo das próximas oito semanas a gente acaba indo parar no mesmo ponto outra vez? Quem sabe, em algum momento, você começa a ver as coisas de maneira menos egoísta?

Ela havia lhe dito que ele precisava sair de casa, mas não queria que ele fosse embora, não de verdade. Estava torcendo para ele propor ficar por perto, talvez dormir no porão. Sentia medo ao se imaginar sozinha com a infecção, e queria a calma de Jakob, sua firmeza, ainda que não pudesse ter os braços dele à sua volta.

Mas alguma coisa havia mudado nos últimos sessenta segundos. Ela agora estava pronta para que ele fosse embora. Pensou que seria melhor para *ambos* se ele partisse, para ela poder ter a casa escura e silenciosa para si por um tempo, para pensar, ou para não pensar, ou para ficar imóvel, chorar, ou fazer o que quer que precisasse fazer longe do terror dele e de sua repulsa furiosa.

– Vou pegar a bicicleta e ir até o Departamento de Obras – disse ele. – Vou pegar a chave do trailer do Johnny Deepenau no escaninho dele. Te ligo hoje à tarde.

– Não se preocupe se eu não atender. Talvez eu desligue o celular para poder voltar a dormir. – Ela então riu, uma risada amarga, infeliz. – Vai ver eu acordo e tudo não passou de um sonho ruim.

– É. Podemos torcer por isso, princesa. Só que, se for um sonho ruim, nós dois estamos tendo. – Ele então sorriu, um sorrisinho nervoso, e por um instante voltou a ser o seu Jake, seu velho amigo.

Ele estava a caminho da porta quando ela falou:

– Não conta para ninguém.

Ele parou com a mão na maçaneta.

– Não vou contar.

– Eu não vou para Concord. Já escutei histórias sobre aquilo lá.

– É. Que lá é um campo da morte.

– Você não acredita?

– É claro que acredito. Todo mundo que vai para lá está infectado com essa merda. Vai todo mundo morrer. Então é claro que é um campo da morte. Por definição. – Ele abriu a porta para o dia quente, enfumaçado. – Eu não mandaria você para lá. Você e eu estamos nisso juntos. Não vou entregar você para uma agência sem rosto. A gente mesmo vai cuidar disso.

Harper pensou que sua intenção era dizer algo reconfortante, mas curiosamente não se sentiu reconfortada.

Ele desceu os degraus da frente e avançou pelo caminho em curva que o fez sair do campo de visão dela em direção à garagem. Deixou a porta aberta, como se esperasse que ela saísse para vê-lo partir. Como se isso fosse exigido dela. Talvez fosse mesmo. Ela amarrou o cinto do roupão, atravessou a pequena área do hall e ficou parada na soleira da porta. Jakob carregou a bicicleta em cima do ombro até a frente da casa. Não olhou para trás.

Harper levantou a cabeça para espiar na direção de Portsmouth. Um céu imundo pairava acima do campanário branco da igreja chamada North Church. A fumaça tinha passado o verão inteiro pairando acima da cidade. Ela lera em algum lugar que 12 por cento de New Hampshire estava em chamas, mas não via como isso podia ser verdade. É claro que essa porcentagem era bem boa em comparação com o Maine. O noticiário local só falava no Maine. O incêndio que tivera início no Canadá havia enfim chegado à interestadual 95, cortando efetivamente o estado ao meio e criando uma terra devastada pelo fogo cujo diâmetro, em seu ponto mais extenso, chegava a 160 quilômetros. Era preciso chuva para apagar o fogo, mas o último sistema meteorológico a se mover naquela direção tinha evaporado diante do calor. Segundo um meteorologista da NPR, a chuva havia fritado feito cuspe na superfície de um fogão aceso.

Espirais de fumaça subiam aqui e ali, laçadas sujas e marrons a se erguer do museu a céu aberto de Strawberry Banke. Havia sempre alguma coisa pegando fogo: uma casa, uma loja, uma pessoa. Era surpreendente quanta fumaça um corpo humano era capaz de soltar ao ser engolfado pelas chamas.

De onde estava, nos degraus da frente, ela podia ver mais adiante na rua em direção ao cemitério de South Street. Um carro se movia devagar pela necrópole por uma das estreitas ruas de cascalho, avançando vagarosamente como alguém tentando encontrar uma vaga num estacionamento lotado. Só que a janela do carona estava abaixada, e dela jorrava fogo. O interior do carro estava tão tomado pelas chamas que Harper não conseguiu ver a pessoa que devia estar sentada ao volante.

Observou o carro sair da rua e entrar na grama até bater suavemente numa lápide e parar. Então lembrou que havia saído para ver Jakob ir embora de bicicleta. Olhou em volta à sua procura, mas ele já tinha sumido.

SETEMBRO

8

Dois dias depois, seu braço esquerdo parecia uma partitura musical. Linhas pretas delicadas davam voltas e mais voltas em torno do seu antebraço, finas como os fios de uma teia de aranha, com o que pareciam notas douradas espalhadas por cima. Ela se pegou arregaçando a manga para olhar para aquilo a cada poucos minutos. Ao final da semana seguinte, estava riscada de Escama do Dragão do pulso até o ombro.

Um dia, tirou a blusa e se olhou no espelho de trás do guarda-roupa, e viu um cinto traçado logo acima dos quadris, uma tatuagem dourada e preta. Quando terminou de se sentir sem ar e enjoada, teve de reconhecer para si mesma que aquilo tinha uma curiosa beleza.

Às vezes ela tirava a roupa toda, menos a de baixo, e examinava à luz de velas aquela sua nova pele

ilustrada. Não andava dormindo muito, e aquelas inspeções em geral aconteciam um pouco depois da meia-noite. Do mesmo jeito que era possível imaginar um rosto num fogo tremeluzente, ou então uma silhueta no grão de uma superfície de madeira, pensava ver imagens inacabadas rabiscadas na escama.

Era em geral nesse horário que Jakob telefonava do trailer do homem morto. Ele também não estava dormindo.

– Achei melhor dar uma ligada – disse ele. – Saber o que você fez hoje.

– Fiquei enrolando aqui em casa. Comi o resto de macarrão. Me esforcei para não virar uma pilha de carvão. E você, como está?

– Com calor. Aqui está quente. Faz calor o tempo todo.

– Abre uma janela. Está frio lá fora. Eu estou com as janelas todas abertas e não estou com calor.

– Eu também abri todas as janelas e estou assando. É como tentar dormir dentro de um forno.

Ela não gostou do jeito zangado como ele falou sobre não conseguir se refrescar, nem da fixação dele com aquilo, como se o calor fosse uma afronta pessoal.

Harper o distraiu falando sobre a sua doença num tom lânguido, quase relaxado.

– Apareceu um arabesco de escama no meu braço esquerdo que parece um guarda-chuva aberto. Um guarda-chuva indo embora levado pelo vento. Você acha que o esporo tem algum impulso artístico? Acha que ele reage às coisas que existem no seu subconsciente e tenta marcar sua pele com desenhos que possam lhe agradar?

– Eu não quero falar sobre essa merda que você tem. Fico trêmulo só de pensar nessa merda nojenta cobrindo você inteira.

– Ouvir isso faz eu me sentir bem. Obrigada.

Ele soltou uma expiração rascante, zangada.

– Desculpa. Não pense que eu careço de empatia.

Ela riu, espantando não só a ele, mas a si mesma. O bom e velho Jakob às vezes usava umas palavras tão inteligentes, tão rebuscadas. *Careço de empatia*. Antes de largar a faculdade, ele era aluno de filosofia, e ainda cultivava o hábito de vasculhar seu vocabulário em busca do termo exato, o que, por algum motivo inexplicável, sempre o transformava no termo *errado*. Ele às vezes também corrigia a ortografia dela.

Harper se perguntou, distraída, se era preciso se contaminar para perceber que o casamento em si estava doente.

Ele tentou outra vez.

– Desculpa. Sério. Eu estou fervendo. É difícil ter... sensibilidade.

Uma brisa transversal percorreu o quarto e bateu fresca no seu ventre nu. Ela não entendia como era possível ele estar com calor, onde quer que estivesse.

– Fiquei me perguntando se a Escama do Dragão tinha começado a rabiscar no meu braço o guarda-chuva da Mary Poppins. Sabe quantas vezes eu vi *Mary Poppins*?

– A Escama do Dragão não está reagindo ao seu inconsciente. Você está vendo o tipo de coisa que já está predisposta a ver.

– Faz sentido – disse ela. – Mas sabe de uma coisa? Tinha um jardineiro lá no hospital que tinha umas marcas em espiral nas pernas iguaizinhas a tatuagens de trepadeiras. Dava para ver as delicadas folhas individuais e tudo. Todo mundo concordava que parecia hera. Como se a Escama do Dragão estivesse fazendo um comentário artístico sobre a obra da vida dele.

– Ela é assim e pronto. Feito uns caules com espinhos. Não quero falar nisso.

– Acho que ela pode ainda não ter chegado ao meu cérebro, então na verdade não tem como saber nada sobre mim. Ela leva semanas para atravessar os seios paranasais e chegar ao cérebro. A gente ainda está na fase de se conhecer do nosso relacionamento.

– Meu Deus – disse ele. – Estou queimando vivo aqui neste lugar.

– Cara, se você quer empatia, ligou para a pessoa errada – disse ela.

Algumas noites depois disso, ela se serviu uma taça de vinho tinto e leu a primeira página do livro de Jakob. Pensou que, se o romance tivesse alguma qualidade, na próxima vez em que falasse com ele admitiria que tinha lido uma parte e lhe diria o quanto havia gostado. Ele não poderia ficar bravo com ela por quebrar a promessa de nunca ler o manuscrito sem permissão. Ela agora tinha uma doença fatal. Isso com certeza mudava as regras.

Mas depois de uma página ela já sabia que o texto não seria bom e o deixou de lado, sentindo-se novamente mal, como se de algum modo o tivesse injustiçado.

Um tempo depois, após uma segunda taça de vinho – duas taças não iriam fazer mal nenhum ao bebê – tinha lido trinta páginas. Precisava parar por ali. Não podia continuar lendo e ainda ser apaixonada por Jakob. Na verdade, talvez trinta páginas já tivessem sido três a mais.

O romance era sobre um ex-aluno de filosofia, J., que tinha um emprego sem graça no Departamento de Obras Municipais e um casamento sem graça com uma loura alegre e fútil que não sabia escrever, lia romances infantojuvenis porque não tinha rigor mental suficiente para uma ficção madura, e não tinha noção alguma da vida interior torturada do marido. Para aliviar a decepção existencial, J. tinha uma série de relações casuais com mulheres que Harper não teve dificuldade para identificar: amigas da faculdade, professoras da escola de ensino fundamental, uma ex-personal trainer. Harper decidiu que esses casos eram inventados... embora as mentiras que J. contava à esposa sobre onde estava e o que estava fazendo quando na verdade estava com outra pessoa correspondessem quase textualmente a conversas que ela se lembrava de ter tido.

Por algum motivo, contudo, os relatos clínicos dos casos não foram o pior. O que ela odiou mais ainda foi o desdém do protagonista.

Ele detestava os homens que dirigiam os caminhões do departamento. Detestava seus rostos gordos, suas esposas gordas e seus filhos gordos. Detestava o jeito como eles economizavam o ano inteiro para comprar ingressos na última fileira para um jogo de futebol americano da liga profissional. Detestava como eles ficavam felizes nas semanas posteriores ao jogo, e o jeito como repetiam a história do jogo inúmeras vezes, como se estivessem narrando a batalha das Termópilas.

J., que não tinha amigos, detestava todas as amigas da mulher por não saberem latim, por beberem cerveja de fabricação industrial em vez das artesanais, e por criarem a geração seguinte de humanos insignificantes, superalimentados e superentretidos. Isso, porém, não o impedia de trepar com elas.

Ele não detestava a mulher, mas sentia por ela a mesma afeição que um homem em geral reserva para um filhote de cachorro hiperativo. O fato de ela aceitar imediatamente todas as suas opiniões e observações era para ele ao mesmo tempo desanimador e um pouco hilário. Não havia nenhuma crítica que ele fosse capaz de fazer que ela não aceitasse na mesma hora como verdade. Ele fazia disso um jogo. Se ela passava a semana inteira organizando um jantar, dizia-lhe que todo mundo tinha odiado, mesmo que tivesse sido um sucesso, e ela chorava e concordava que ele estava certo, e na mesma hora saía para comprar uns livros nos quais aprender a dar uma festa direito. Não, ele não a detestava. Mas sentia pena dela, e sentia pena de si mesmo por estar preso a ela. Além do mais, ela chorava com demasiada facilidade, o que lhe sugeria paradoxalmente uma superficialidade dos sentimentos. Não se podia esperar de uma mulher que ficava com os olhos marejados diante de comerciais da Sociedade Norte-Americana de Prevenção da Crueldade contra os Animais que lidasse com o desespero mais profundo de ser humano numa época desprovida de refinamento.

Havia tudo isso, a raiva, a derrisão, a autocomiseração, e havia também a escrita ruim. Os parágrafos de Jakob não acabavam nunca. Nem as suas frases. Às vezes ele precisava de trinta palavras antes de chegar finalmente ao verbo. A cada uma ou duas páginas, incluía uma linha em grego, francês ou alemão. Nas poucas vezes em que Harper conseguiu traduzir um desses *bons mots*, sempre lhe parecia ser algo que ele poderia perfeitamente ter dito em inglês.

Impotente, Harper pensou no Barba Azul. Pronto, estava feito: ela havia espiado o quarto proibido e visto o que nunca deveria ver. Não havia encontrado cadáveres atrás da porta trancada, mas sim desdém. Pensou que ódio talvez tivesse sido mais fácil de perdoar. Se você odiava alguém, pelo menos essa pessoa era digna da sua paixão.

Ele nunca sequer tinha lido sobre o que era o livro, não tem termos concretos, embora às vezes dissesse algo vago do tipo “É sobre o terror da vida normal”, ou “É a história de um homem naufragado dentro da própria mente”. Mas os dois tinham tido longas conversas pós-coito sobre como seriam suas vidas depois que o romance saísse. Ele esperava que o livro gerasse dinheiro suficiente para eles poderem comprar um *pied-à-terre* em Manhattan (Harper não sabia ao certo a diferença entre *pied-à-terre* e apartamento, mas supunha que houvesse alguma). Ela discorria, animada e sôfrega, sobre como ele falaria bem no rádio, engraçado, inteligente e autodepreciativo; tinha esperanças de que eles o chamassem para falar na estação pública nacional, a NPR. Os dois conversavam sobre coisas que queriam comprar e pessoas famosas que queriam conhecer, e ao se lembrar disso agora ela pensou que tudo parecia pobre, triste e ilusório. Já era ruim o suficiente ela ter estado tão completamente convencida de que ele fosse dono de uma mente brilhante, bem pior era descobrir que ele próprio estava convencido disso, e com base em indícios tão tênues.

Assombrou-lhe também o fato de ele ter escrito algo tão consternador e depois deixado ali, à vista, *durante anos*. Mas enfim, ele tinha certeza de que ela não leria, pois tinha lido para não ler, e entendia que Harper tinha tendência a obedecer. Todo seu valor como pessoa dependia de fazer e ser exatamente aquilo que ele queria que ela fizesse e fosse. Quanto a isso ele tinha razão, claro. O romance não teria sido tão horroroso se não contivesse certo grau de verdade. Ela só tinha lido *O arado da desolação* porque estava morrendo.

Harper pôs o romance sobre a escrivadinha outra vez, ajeitando as bordas das folhas de modo a tornar o manuscrito uma pilha arrumada e reta. Com a folha de rosto branca e limpa e as bordas brancas igualmente limpas, aquilo parecia tão imaculado quanto uma cama de hotel de luxo recém-feita. As pessoas faziam todo tipo de coisa inconfessável nas camas de hotel.

Quase como quem se lembra de um último detalhe, ela pôs por cima uma caixa de fósforos de cozinha, como peso de papel. Se a sua Escama do Dragão começasse a fumar e coçar, queria tê-los ao alcance da mão. Se tivesse que pegar fogo, achava justo que a porra do livro fosse o primeiro a queimar.

10

Era quase uma da manhã na vez seguinte em que ele ligou, mas ela ainda estava acordada, trabalhando no seu próprio livro: seu livro do bebê. O livro começava assim:

Oi! Aqui é sua mãe, em forma de livro. É assim que eu era antes de virar um livro.

Havia colado uma foto sua abaixo da frase. Uma foto que o pai havia tirado quando ela estava com 19 anos e lecionava arco e flecha para o Departamento de Recreação de Exeter. A moça da foto era magra e alta, com cabelos claros, orelhas de abano, joelhos ossudos de menino e arranhões na parte interna dos braços por causa de acidentes com o arco. Mas era uma moça bonita. Na foto, o sol batia por trás dela e acendia seus cabelos num halo dourado brilhante. Jakob dizia que aquele era o seu retrato de anjo adolescente.

Colara também um quadradinho de papel espelhado que recortara de um anúncio de revista. A legenda dizia: *A gente é parecido?* Tinha muitas ideias sobre o que deveria entrar no livro. Receitas. Instruções. Pelo menos um jogo. A letra de suas músicas preferidas, que ela teria cantado para o bebê se tivesse tido oportunidade: “Love Me Do”, “My Favorite Things”, “Raindrops Keep Fallin’ on My Head”.

Se ela conseguisse evitar, não haveria nenhuma conversa triste de mulherzinha. Como enfermeira escolar, ela sempre tivera como modelo Mary Poppins, e seus objetivos eram a tranquilidade bem-humorada, a confiança, a tolerância para brincadeiras, e a expectativa de que o remédio fosse engolido e a colherada de açúcar. Se as crianças achavam que havia a possibilidade de ela começar a cantar e soltar fogos de artifício pela ponta do guarda-chuva, por ela tudo bem.

Era esse o tom que ela estava tentando imprimir ao livro do bebê. A pergunta era: o que uma criança quer da mãe? Sua resposta era: Band-Aids para os machucados, uma música na hora de dormir, gentileza, algo doce para comer depois da escola, alguém para ajudar com o dever de casa, alguém junto a quem se aconchegar. Ainda não tinha resolvido como tornar o livro aconchegante, mas havia grampeado uma dúzia de Band-Aids na parte interna da capa e quatro compressas de álcool embaladas individualmente. Sentia que o livro, intitulado *A mãe portátil*, havia começado muitíssimo bem.

Quando o telefone tocou, estava em frente à TV. O aparelho vivia ligado. Fazia seis meses que não era desligado, com exceção dos períodos ocasionais em que faltava energia. No momento, a energia estava funcionando e ela estava parada em frente à telinha, embora estivesse trabalhando no livro e sem prestar realmente atenção.

De toda forma, não havia nada para assistir. A FOX continuava transmitindo, mas agora de Boston, não mais de Nova York. A NBC estava no ar, mas em Orlando. A CNN também estava no ar, em Atlanta, mas o âncora do noticiário da noite era um cara chamado Jim Joe Carter, um pastor batista, e suas reportagens eram sempre sobre gente que fora salva do esporo por Jesus. As outras opções eram o canal do Departamento de Segurança Doméstica, o HSB, noticiários locais ou estática. A programação do HSB era transmitida de Quantico, na Virgínia. A capital, Washington, continuava em chamadas. Manhattan também. Harper estava com a TV sintonizada na FOX. O telefone tocou e ela atendeu. Sabia que era Jakob antes mesmo de ele falar. Sua respiração estava estranha e um pouco engasgada, e ele não disse nada, não de cara.

– Jakob – disse ela. – Jakob, fala comigo. Fala alguma coisa.

– Você está com a TV ligada?

Ela largou a caneta.

– O que houve?

Harper não sabia como iria tratá-lo quando falasse com ele de novo. Temia não conseguir controlar o ressentimento na voz. Se Jakob achasse o seu tom hostil, iria querer saber o motivo, e ela seria obrigada a lhe contar. Nunca conseguia esconder nada dele. E Harper não queria falar sobre o livro dele. Nem sequer queria pensar no livro. Estava grávida e infestada por um fungo inflamável, e recentemente ficara sabendo que Veneza estava em chamadas, de modo que agora jamais poderia visitá-la de gôndola. Com tudo isso acontecendo, era um pouco demais imaginar que ela fosse fazer uma crítica literária daquele seu

romance de merda.

Mas ele riu, uma risada abrupta e infeliz, e o som a perturbou e a fez esquecer o ressentimento, pelo menos por ora. Parte dela pensou de um modo calmo, clínico: *histeria*. Deus bem sabia que ela já tinha visto histeria suficiente nos seis últimos meses.

– Essa é a coisa mais engraçada que alguém me diz desde não sei quando – disse ele. – *O que houve?* Fora o fato de o mundo estar pegando fogo, você quer dizer? Fora o fato de cinquenta milhões de seres humanos estarem virando bolas de fogo? Você está vendo a FOX?

– Estou, sim. O que houve, Jakob? Você está chorando. Aconteceu alguma coisa? – Não era de espantar que ele sentisse desprezo por ela. Bastaram dez segundos para ela voltar a se preocupar com ele, quando cinco minutos antes teria ficado feliz em passar um mês sem notícias. Isso a constrangia, não conseguir se agarrar à própria raiva.

– Você está vendo isso?

Ela encarou a televisão, que exibia imagens trêmulas de uma campina em algum lugar. Na ponta mais afastada, alguns homens de capa de chuva amarela, luvas de borracha até o cotovelo e máscaras de gás portavam fuzis de assalto Bushmaster. O mato alto e amarelo ondulava sob uma chuva fina. Atrás dos homens de capa de chuva havia uma linha de árvores. À esquerda, uma rodovia. Um carro zuniu por um trecho elevado de pista e passou depressa, iluminando a meia-luz do crepúsculo com seus faróis.

– ... câmera do celular – estava dizendo o apresentador. – Alertamos que as imagens a seguir são fortes. – Quase nem era necessário mencionar isso. Ultimamente, todas as imagens eram fortes.

Eles estavam tirando pessoas da floresta. A maioria crianças, embora houvesse também algumas mulheres. Algumas das crianças estavam nuas. Uma das mulheres também estava nua, mas segurava um vestido na frente do corpo.

– Eles estão passando essas imagens a noite inteira – disse Jakob. – O noticiário adorou. Olha. Olha os carros.

Da rodovia dava para ver bem a campina. Outro carro surgiu no trecho elevado da pista, depois uma picape. Ambos diminuíram a velocidade ao passar pela campina, em seguida tornaram a acelerar.

As mulheres e crianças que tinham sido trazidas do meio das árvores foram reunidas num grupo compacto. As crianças choravam. De longe, suas vozes, todas juntas, tinham o mesmo som do primeiro gemido do vento no outono. Uma das mulheres pegou no colo um menino pequeno, levantou-o e o apertou contra si. Ao ver essa cena, Harper foi acometida por uma breve porém intensa sensação de *déjà vu*, a improvável certeza de que estava vendo a si mesma em algum momento do futuro. Estava vendo como ela própria iria morrer.

A mulher de quem haviam tirado a roupa e que segurava o vestido se esticou na direção de um dos homens de capa. De longe, suas costas nuas pareciam ter sido chicoteadas, depois costuradas com um fio dourado brilhante: a Escama do Dragão. Ela soltou o vestido e se lançou, nua, na direção do fuzil de assalto.

– Vocês não podem fazer isso – uivou. – Deixem a gente ir embora! Estamos nos Estados Uni...

Pode ser que a primeira arma tenha disparado por acidente. Harper não teve certeza. Mas, pensando bem, aquelas pessoas haviam sido levadas para a campina para serem fuziladas, então talvez fosse errado pensar que alguém fora alvejado ali por acidente. O cano de uma arma brilhou. A mulher nua continuou a avançar, um passo, dois, então caiu para a frente por cima do mato e desapareceu.

Seguiu-se um instante de silêncio surpreso e atordoado, tempo suficiente para uma única inspiração. Outro carro apareceu na parte elevada da pista e começou a diminuir a velocidade.

Os outros fuzis dispararam, todos juntos, como fogos de artifício em uma noite do mês de julho. Canos explodiram em luzes como paparazzi tirando fotos de George Clooney descendo da limusine. Embora George Clooney tivesse morrido, morrido queimado numa missão de ajuda humanitária em Nova York.

O carro que passava pela rodovia diminuiu até quase parar, para o motorista poder assistir. As mulheres e suas crianças foram caindo conforme as armas cuspiam tiros sob a chuva de setembro. Os carros se afastaram acelerando.

Os homens de capa tinham deixado escapar uma pessoa, uma menina pequena, que escapuliu feito um elfo pela campina na direção do observador escondido que filmava com o celular. Ela atravessou a campina correndo tão depressa quanto a sombra de uma nuvem. Harper assistia segurando o livro do bebê com as duas mãos, respiração presa, e fez um pedido silencioso: *Deixa ela ir embora. Deixa ela fugir*. Mas a menina então dobrou o corpo, cambaleou para a frente e desabou no chão, e Harper se deu conta de que aquilo na verdade nunca tinha sido uma pessoa. Aquela coisa que corria pela campina era o vestido que a mulher nua estava segurando. O vento o fizera dançar por um instante, só isso. Agora a

dança havia terminado.

O programa cortou de volta para o estúdio. O apresentador apareceu em pé diante de uma imensa tela de TV que reprisava as imagens. De costas para a tela, falava com uma voz macia, calma. Harper não conseguiu ouvir o que ele estava dizendo. Jakob também estava falando, mas ela tampouco conseguiu ouvir o que ele estava dizendo.

Falou por cima dos dois.

– Você achou ela parecida comigo?

– Que papo é esse? – indagou Jakob.

– A mulher que estava abraçando o menininho. Achei ela parecida comigo.

– ... ilustra os perigos das pessoas infectadas que não buscam... – dizia o apresentador.

– Não reparei – falou Jakob. Tinha a voz embargada de emoção.

– Jakob. Me fala qual é o problema.

– Eu estou doente.

Embora não tivesse se mexido, ela teve a sensação de ter se levantado depressa demais. Tonta, equilibrou-se na borda do sofá, e sentiu que poderia desmaiar.

– Apareceu alguma listra?

– Estou com febre.

– Tá. Mas tem alguma marca no seu corpo?

– No pé. Pensei que fosse um hematoma. Deixei cair um saco de areia em cima do pé ontem, e pensei que fosse só um hematoma. – Por um instante, ele soou como se estivesse à beira das lágrimas.

– Ai, Jakob. Me manda uma foto. Eu quero ver.

– Eu não preciso que você veja.

– Por favor. Por mim.

– Eu sei o que é.

– Por favor, Jake.

– Eu sei o que é e estou com febre. Estou quente feito a porra. Mais de 38. Estou quente demais e não consigo dormir. Fico sonhando que os cobertores estão pegando fogo e pulo da cama. Você está tendo esses sonhos?

Não. Os sonhos dela eram bem piores do que isso. Tão ruins que ela recentemente havia decidido parar de dormir. Era mais seguro ficar acordada.

– O que você estava fazendo com um saco de areia? – perguntou, não porque se importasse, mas porque pensar em alguma outra coisa que não a infecção poderia acalmá-lo.

– Eu tinha que voltar a trabalhar. Tinha que correr o risco. De contaminar outras pessoas. Foi essa a situação em que você me colocou.

– Que papo é esse? Não estou entendendo.

– Se eu sumisse e pronto, as pessoas ficariam se perguntando onde eu estou. Poderiam ir à nossa casa e encontrar você. O preço da sua vida são outras vidas. Você me transformou num assassino em potencial.

– Não. Jakob, a gente já falou sobre isso. Você só fica contagioso depois que a marca aparece na sua pele. Quase todo mundo concorda nesse ponto. E mesmo assim você só transmite por contato direto. Eu não acho que você seja um assassino em série ainda. Mas e o saco de areia?

– No outro dia eles mandaram todo mundo do Departamento de Obras para a ponte de Piscataqua, sob ordens da Guarda Nacional. Para construir uma casamata de onde atirar nos filhos da puta que tentarem furar de carro a nova barreira de controle. Por que a gente está falando sobre a porra da ponte?

– Eu preciso que você me mande uma foto da marca no seu pé – disse ela, agora com um tom mais firme, com sua voz de enfermeira.

– Eu acho que também está na minha *cabeça*. Às vezes parece que tem uns alfinetes espetando meu cérebro. Como se lá dentro tivesse uma centena de agulhinhas.

Isso a fez se deter. Foi a primeira coisa que ele disse que não soava apenas como histeria, mas como loucura.

Quando ela retomou, sua voz saiu calma e segura:

– Não. Não, Jakob. A escama acaba cobrindo a mielina do cérebro e os nervos, mas isso só acontece depois que ela aparece no seu corpo todo.

– Eu *sei*, porra. Caralho, eu *sei* o que você fez comigo. Você matou nós dois para satisfazer seu próprio ego, e nosso bebê também.

– Que conversa é essa?

– Você *sabia* que era perigoso ir trabalhar naquele hospital, mas quis se sentir importante. Você tem isso dentro de você, Harper. Essa *necessidade* de ser abraçada. Vive procurando oportunidades para

estar com pessoas que estão sofrendo, para poder colar nelas um Band-Aid e obter um pouco de afeto fácil e barato. Foi por isso que você virou enfermeira escolar. É fácil conseguir um beijo de uma criança de joelho ralado. Crianças amam qualquer um que dê a elas um pirulito de um centavo e um Band-Aid para o seu dodói.

O tom de raiva mimada que ela ouviu na voz dele a deixou sem ar. Era a primeira vez que o escutava assim.

– Eles estavam desesperados – disse Harper. – Precisavam de todas as enfermeiras que conseguissem. O hospital chamou de volta aposentados com 85 anos de idade. Eu não podia simplesmente ficar sentada em casa vendo gente morrer na TV sem fazer nada.

– A gente precisa decidir – disse ele. Quase num soluço. – Eu não quero morrer queimado, porra. Nem ser caçado e massacrado numa campina tendo que implorar para viver.

– Se você não tem dormido, isso poderia explicar a febre alta. A gente não sabe se você está doente. Às vezes a febre indica o início da infecção, mas nem sempre. Na maioria dos casos não acontece. Eu não tive febre. Agora quero que você me mande uma foto do seu pé.

Umas batidas destrambelhadas se fizeram ouvir, uns baques abafados, depois um clique: o barulho do aplicativo da câmera tirando uma foto. Quinze segundos se passaram sem nenhum outro barulho a não ser a respiração difícil e infeliz de Jakob.

Uma foto do seu pé escuro e descalço chegou, esticado sobre algum tipo de carpete de aspecto industrial. No peito do pé havia uma única abrasão sanguinolenta.

– Jake – disse ela. – O que é isso?

– Eu tentei raspar fora – respondeu ele. Sua voz soava quase emburrada. – Tive um momento ruim. Passei lixa em cima.

– Está com alguma outra listra no corpo?

– Eu sei como estava antes de eu surtar – falou ele.

– Esse troço não se raspa, Jake. É como riscar um palito de fósforo na caixa. Deixa ela em paz. – Harper baixou o telefone e tornou a olhar a foto. – Quero ver mais listras antes de você decidir que está mesmo com a escama. No início pode ser difícil distinguir entre um hematoma e uma listra, mas se você deixar ela em paz...

– A gente precisa decidir – ele tornou a dizer.

– Decidir o quê?

– Como a gente vai morrer. Como a gente vai se matar.

A TV mostrava um trecho sobre os Dálmatas, grupos de mulheres e adolescentes que preparavam almoços e *cupcakes* para as equipes de bombeiros voluntários.

– Eu não vou me matar – disse Harper. – Já te disse isso. Tem um bebê dentro de mim. Minha intenção é que ele nasça. Posso fazer uma cesárea em março do ano que vem.

– Março? A gente está em *setembro*. Em março você já vai ter virado *cinza*. Ou então alvo de treinamento de tiro para um esquadrão de cremação. Quer morrer que nem aquelas pessoas na campina?

– Não – respondeu ela baixinho.

– Eu sei o que você fez comigo – disse ele. Sorveu uma inspiração trêmula, laboriosa. – Eu *sei*. Não paro de sentir uns calores nos braços e nas pernas. Eu amava o fato de você ter um trabalho tão socialmente consciente, de ser tão conectada com a comunidade, mesmo que sempre fosse só algo que você fazia para satisfazer o próprio narcisismo. Você precisava se cercar de crianças choronas, por causa da sensação boa que tem em relação a si mesma quando enxuga as lágrimas delas. Não existem atos que não sejam egoístas. Quando as pessoas fazem coisas para os outros, é sempre por causa dos seus próprios motivos psicológicos pessoais. Mas ainda me enjoa um pouco ver como você é obcecada pelas próprias necessidades. Não está nem aí para quantas pessoas contamina. Contanto que nada te afaste da sua ilusão de salvar mais uma criança.

Ele estava tentando puxar briga, forçá-la a dizer coisas que ela não queria dizer. Harper tentou outra tática.

– Esses calores. Eu nunca ouvi falar nisso. Isso não é sintoma de...

– Não é o *seu* sintoma. Mas é o meu. Não me venha fingir que você é uma porra de uma médica. Uma porra de um mestrado de enfermagem e três anos trabalhando numa escola de ensino fundamental não fazem de você nenhuma Dra. House, caralho. Tudo que você faz é enxugar o suor de um médico de verdade do rosto dele quando ele está operando e balançar a piroca dele quando ele acabou de mijar.

– Talvez você devesse voltar para casa. Eu posso te examinar sem te tocar. Talvez eu possa tranquilizar você.

– Eu vou esperar – disse ele. – Até ter certeza. E *aí* vou voltar para casa. E você tem que estar aí.

Porque você prometeu.

– Jakob – ela tornou a dizer, mas ele já havia desligado.

A luz caiu outra vez em uma manhã quente e enfumaçada, poucos dias depois da última ligação de Jakob, e dessa vez não voltou.

Harper agora estava nas últimas latas da despensa dos fundos, aquelas cobertas de poeira que ela não se lembrava de ter comprado. A última vez em que saíra de casa fora um dia antes de encontrar a primeira listra na perna. Não se atrevia a sair. Talvez conseguisse se camuflar, já que não tinha a marca nem no rosto nem nas mãos, mas seu coração apertava ao pensar que poderia trombar com alguém no mercadinho da esquina e acidentalmente condenar essa pessoa à morte.

Uma parte dela se perguntou se poderia comer margarina. Outra parte sabia que sim, e que em breve iria fazê-lo. Ela havia guardado um pouco de cacau em pó, na esperança de conseguir deixar a margarina com gosto de pudim de chocolate.

Não houve um só instante em que ela tenha pensado: *Eu vou embora*. Não houve o momento focado de decisão em que ela se deu conta de que em breve sua comida iria acabar e ela precisaria começar a correr riscos.

Um dia, porém, ela tirou as roupas do varal estendido no deque de trás e começou a fazer uma pilha em cima da cama, ao lado de *A mãe portátil*. No início era só uma coleção de coisas que pretendia guardar: algumas camisetas, uma calça jeans, seus moletons. Mas era também como uma pilha de coisas que poderia levar consigo caso estivesse carregando o carro para ir para outro lugar. Ao abrir a cômoda, acabou começando a pegar coisas em vez de guardá-las.

Não havia destino nem plano, quase nenhum pensamento. A única coisa que a guiava era a vaga noção de que talvez fosse inteligente ter algumas coisas dentro de sua velha bolsa de lona, caso ela tivesse de sair da casa com pressa. Mais do que tudo, ela agiu no automático, seguindo sem mais intenção ou objetivo do que uma folha soprada por uma brisa outonal incansável. Estava com o rádio ligado, uma caixa de som portátil a pilha da Hello Kitty cor rosa-choque, e enquanto dobrava as roupas escutava a estação de rock clássico, na qual Tom Petty e Bob Seger proporcionavam o equivalente sonoro de um papel de parede.

Em determinado momento, porém, sua consciência retornou ao momento presente, e ela percebeu que a música havia parado. O DJ agora recitava um monólogo que já durava algum tempo. Ela reconheceu a voz, um grave rouco e rascante que pertencia a um ex-apresentador idiota de programa matinal. Ou será que ele antes era apresentador de uma rádio de direita? Ela não se lembrava, e tampouco foi capaz de recordar seu nome verdadeiro. Quando ele se referia a si mesmo, coisa que fazia com frequência, dizia se chamar Homem de Marlboro, por causa de todos os cigarros que tinha fumado até a guimba. Era assim que ele se referia às pessoas doentes com a Escama do Dragão: guimbas.

Com certa autoridade insensível, sua voz ribombava dizendo que o ex-presidente agora era mais negro do que antes desde que morrera assado por causa da Escama do Dragão. Disse que, quando saísse do ar, iria para a rua com um Bonde da Cremação desentocar as guimbas de seus esconderijos e tocar fogo nelas. Sentada na cama, Harper o escutou com um fascínio mesclado de repulsa contar uma história sobre ter obrigado três meninas a tirarem a blusa para provar que não estavam com a Escama do Dragão nas “peitcholas”.

– Saudáveis *peitcholas* americanas, é por isso que estamos lutando – disse ele. – Isso precisa fazer parte da Constituição. Todo homem tem direito à vida, à liberdade, e a peitinhos livres de germes. Aprendam, meninas. Se aparecermos na sua porta, estejam prontas para cumprir seu dever patriótico e nos mostrar suas comissões de frente livres de vírus e amantes da liberdade.

A aldraba da porta da frente bateu bem alto, e Harper se sobressaltou como se um Bonde da Cremação a estivesse derrubando com um chute. Ouvia gente gritar todos os dias e sirenes a cada hora. Não conseguia se lembrar da última vez em que alguém havia batido na porta.

Desceu o corredor pisando macio e espiou pelo olho mágico. No degrau da frente estavam o Tigre da Kellogg’s e o Capitão América, ambos com sacolas de plástico amarfanhadas nas mãos. Atrás deles, no final do acesso de carros, um homem sentado de costas para a casa fumava um cigarro, com um fio de

fumaça a subir acima da cabeça.

– Gostosuras e travessuras – disse uma voz abafada. Uma voz de menina.

– Gostosuras ou... – começou Harper, então parou. – Ainda não é Halloween!

– A gente está começando cedo!

Aquilo a ofendeu, algum idiota mandar os filhos irem de casa em casa no meio de uma peste. Tinha ideias rígidas sobre a criação de filhos, e comportamentos como aquele não correspondiam aos seus critérios. Aquilo irritou a babá inglesa que vivia dentro dela, e lhe deu vontade de espetar o adulto transgressor no olho com um guarda-chuva.

Ela tirou o casaco quebra-vento do gancho atrás da porta e o vestiu para esconder o bonito desenho de Escama do Dragão impresso em seus braços. Abriu a porta, mas não tirou a correntinha, e espiou pela brecha de dez centímetros.

A menina tanto podia ter 18 anos quanto 13. Como seu rosto estava escondido por trás da máscara de Capitão América, era impossível dizer. Tinha a cabeça raspada, e se Harper não houvesse escutado sua voz a teria tomado por um menino.

O irmão devia ter mais ou menos metade da sua idade. Os olhos que fitavam pelos buracos da máscara de Tigre da Kellogg's eram muito claros, do mesmo verde pálido de uma garrafa de Coca-Cola vazia.

– Gostosuras e travessuras – repetiu o Capitão América. Um pingente de ouro no formato de um livro de capa dura pendia para fora da sua gola rulê comida por traças.

– Vocês não deveriam estar batendo nas portas dos outros para pedir balas. – Ela olhou para trás deles na direção do homem que fumava seu cigarro no meio-fio, de costas para a casa. – Aquele ali é o seu pai?

– A gente não veio pedir gostosuras – disse o Capitão América. – Veio te dar uma. E temos também travessuras. Você pode ganhar uma de cada. É por isso que é gostosuras e travessuras. A gente achou que isso iria alegrar as pessoas.

– Mesmo assim, vocês não deveriam estar na rua. As pessoas estão doentes. Se alguém doente tocar alguém que não está doente, essa pessoa pode passar a coisa ruim que tem. – Ela levantou a voz e gritou para trás das crianças. – Ei, amigo! Estas crianças não deveriam estar na rua! Está rolando uma infecção!

– A gente está de luva – falou o Capitão América. – E não vamos tocar em você. Ninguém vai pegar nada de ninguém. Eu *juro*. A higiene é nossa prioridade número um! Não quer ver nossa gostosura? – Ela cutucou o menino com o cotovelo.

O Tigre abriu a sacola. Lá dentro havia um frasco de vitaminas coloridas de gelatina; Harper viu que eram vitaminas para gestantes. Ergueu a cabeça com um movimento brusco e estudou uma das crianças, depois a outra.

– O que é isso?

– É tipo uma bala de gelatina – respondeu o Capitão América. – Mas é para tomar só duas por dia. Você está bem?

– Como assim se eu *estou bem*? Esperem aí um instante. Quem *são* vocês? Eu acho que quero falar com o seu pai. – Ela ficou na ponta dos pés e berrou por cima das suas cabeças. – Eu quero falar com você!

O homem sentado no meio-fio não a olhou, apenas acenou com a mão num gesto sonolento e desinteressado. Ou talvez estivesse espantando a fumaça para longe do rosto. Ele soprou uma fieira de anéis de fumaça no ar da tarde.

O Capitão América lançou um olhar casual por cima do ombro na direção do homem no meio-fio.

– Aquele não é o nosso pai. Nosso pai não está com a gente.

Harper baixou os olhos. O menino continuava segurando a sacola aberta para ela poder inspecionar o que ele lhe oferecia.

– São vitaminas para gestantes. Como vocês sabem que eu estou grávida? Não está dando para ver. Esperem aí. *Está?*

– Ainda não – disse o Capitão América.

– Quem mandou vocês aqui? Quem disse para vocês me darem isso?

– Você não *vai querer*? Se não quiser, não precisa tomar.

– A questão não é se eu *quero*. Vocês são muito gentis e eu *tomaria*, sim, mas...

– Então tome.

O menino pendurou a sacola na maçaneta da porta e deu um passo para trás. Após alguns instantes, Harper estendeu a mão pela brecha e puxou a sacola para dentro.

– Agora uma travessura – disse a menina, e abriu sua sacola para Harper poder ver o que havia lá

dentro.

O Tigre da Kellogg's não parecia ter nada a dizer. Não deu um pio sequer.

Harper espiou dentro da segunda sacola. Viu um apito vai e vem embalado em plástico.

– Ele é bem alto – disse o Capitão América. – Dá para ouvir daqui até o Wentworth by the Sea. Até um surdo ouviria. Toma.

– Não tem mais nada na sacola – falou Harper. – Vocês não têm mais nenhuma travessura para distribuir.

– Esta é a nossa última parada.

Pela primeira vez, Harper se perguntou se poderia estar sonhando. As crianças com as máscaras pareciam *mais* do que crianças. Pareciam *símbolos*. Quando a menina falava, era como se estivesse falando num código onírico secreto; um psicólogo poderia ter passado horas tentando decifrar aquilo. E o menino. O menino ficou simplesmente *parado* olhando para ela. Nem piscou. Quando Harper falava, ele ficava encarando sua boca como se quisesse beijá-la.

Ela sentiu uma breve, mas quase dolorosa pontada de esperança. Talvez *tudo aquilo* fosse um sonho. Talvez ela estivesse com uma gripe daquelas, ou algo pior do que uma gripe, e tudo que havia acontecido nos três últimos meses fosse uma alucinação provocada pela doença. Aquele não era *exatamente* o tipo de sonho que a pessoa teria se estivesse ardendo em febre? Talvez ela estivesse só *sonhando* que Jakob a havia abandonado e que ela estava sozinha num mundo infectado, um mundo que se consumia em chamas, e que suas únicas visitas em muitas semanas eram duas crianças mascaradas que falavam coisas dignas de mensagens de biscoitos da sorte.

Vou ficar com o apito, pensou ela, *e se eu soprar, se soprar com força, minha febre vai ceder e eu vou acordar na cama, coberta de suor, com Jakob encostando um pano molhado com água fria na minha testa.*

A menina pendurou sua sacola na maçaneta e deu um passo para trás. Harper pegou a sacola e apertou o plástico junto ao peito, produzindo um ruído de amassado.

– Tem certeza de que você está *bem*? – perguntou a menina. – Está *precisando* de alguma coisa? Quer dizer, além da sua travessura e da sua gostosura? Você não sai mais de casa.

– Como é que vocês sabem que eu não saio mais de casa? Há quanto tempo estão me vigiando? Não sei o que vocês estão tramando, mas eu não gosto de joguinhos. Não sem saber com quem estou jogando. – Ela olhou por cima deles, tornou a ficar na ponta dos pés, e gritou para o homem sentado no meio-fio de costas para ela. – Ô, amigão, eu não gosto de joguinhos!

– Você é legal – disse o Capitão América num tom seguro, assertivo. – Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

– Chamar? – repetiu Harper. – Como é que eu vou chamar vocês? Eu nem sei quem vocês são.

– Tudo bem. A gente sabe quem *você* é – disse o Capitão América, e segurou o menino menor pelo ombro para fazê-lo se virar.

Os dois desceram depressa o acesso de carros em direção à rua. Quando chegaram ao meio-fio, o homem ali sentado se levantou, e pela primeira vez Harper viu que ele não estava fumando um cigarro, estava apenas soltando fumaça. Soprou uma última lufada de vapor, que se desintegrou em uma centena de pequenas borboletas de fumaça. As borboletas se espalharam e saíram voando para longe, frenéticas, na manhã enevoadada.

Harper bateu a porta, removeu a correntinha com um puxão, escancarou a porta e deu três passos trôpegos para dentro do quintal.

– Ei! – gritou, com o coração a esmurrar as paredes do peito como se tivesse acabado de dar algumas voltas ao redor da casa correndo.

O cara virou a cabeça e a olhou por cima do ombro, e ela viu que ele estava usando uma máscara da Hillary Clinton. Pela primeira vez, reparou que ele usava uma calça amarela levemente refletora, como as usadas pelos bombeiros.

– Ei, volta aqui! – berrou ela.

O homem conduziu depressa as crianças para longe pela calçada até sumir atrás de uma cerca viva. O menino praticamente correu.

Ainda segurando a sacola com o apito dentro, Harper atravessou a grama amarelada. Chegou à calçada e olhou em volta à procura deles, piscando por causa da névoa que pairava acima da rua o tempo todo. Nesse dia, estava mais grossa do que de costume: uma massa clara que aos poucos apagava a rua, impedindo-a de ver o final do quarteirão. A fumaça engolia casas, gramados, postes de telefonia, o próprio céu. Havia engolido também o homem e seus filhos. Harper olhou na direção em que eles tinham sumido e sentiu os olhos lacrimejarem.

Quando voltou para casa, tornou a passar a correntinha na porta. Se uma Patrulha de Quarentena aparecesse, aquela correntinha poderia lhe garantir tempo suficiente para descer até o porão, sair pela porta dos fundos e entrar na mata. Com sua bolsa de lona. E seu apito vai e vem.

Estava girando o apito nas mãos, pensando qual seria a altura do silvo, quando percebeu que a casa tinha ficado totalmente silenciosa. Nenhuma música, nenhum Homem de Marlboro. Em algum momento dos últimos minutos, as pilhas da sua caixa de som da Hello Kitty haviam acabado. Assim como seus visitantes mascarados, o século XXI fugira dela de repente, sem pedir licença, deixando-a mais uma vez em completa solidão.

Travessura e gostosura, pensou ela.

12

Quando seu celular já estava quase sem bateria, ela soube que havia chegado a hora de fazer a ligação que vinha adiando, que se esperasse mais um dia talvez não conseguisse dar o telefonema. Tomou uma taça de vinho para relaxar e ligou para o irmão. Sua cunhada Lindy atendeu.

Aos vinte e poucos anos, Lindy havia transformado seu costume de dar para todos os baixistas de bandas de rock de segunda linha num emprego em um estúdio em Woodstock, que era o que fazia ao conhecer Connor. Ele tocava baixo numa banda de metal progressivo chamada Unbreakable, “indestrutíveis”. Só que eles não tinham sido indestrutíveis. Connor acabou com uma careca do tamanho de um pires de xícara de chá e um emprego de instalador de jacuzzis. Lindy virou instrutora numa academia de ginástica de luxo, onde ensinava pole dancing aeróbico para donas de casa, um trabalho que comparava a treinar morsas: “Dá vontade de jogar sardinhas para elas só por girarem num círculo completo sem cair.” Pouco depois de ouvir isso, Harper não renovou mais seu plano na academia. Não conseguia parar de se preocupar com o que os instrutores podiam estar falando dela.

– Oi, Lindy. Tudo bem? – perguntou ela.

– Sei lá. Eu tenho um filho de três anos. Estou cansada demais para pensar se está tudo bem ou não. Me pergunta de novo daqui a vinte anos, se até lá algum de nós ainda estiver por aqui. Você deve estar querendo falar com o Con. – Ela abaixou o telefone e deu um grito. – Con! Sua irmã!

Connor atendeu.

– Fala, irmã! O que você manda?

– Tenho uma notícia importante – disse ela.

– É sobre o monge? O monge de Londres?

– Não. Que monge?

– Aquele em que atiraram quando ele tentou entrar na BBC. Você não ficou sabendo sobre o monge? Ele e mais três. Estavam todos doentes. Doentes havia um tempão... o tal monge estava andando por aí com essa porcaria desde fevereiro. Açam que ele pode ter infectado milhares de pessoas. Açam que ele queria infectar o pessoal da redação por questões políticas. Um terrorismo pela doença. Filho da puta maluco. Ele estava radiante quando foi abatido.

– Não é uma doença, você sabe. Não no sentido tradicional. Não é um germe. É um esporo.

– Aham. Eles conversaram com os seguidores dele depois de juntar todo mundo. O monge andava dizendo que era possível *aprender* a controlar a infecção e a não infectar os outros. Que eles podiam ir para casa, viver no meio de gente normal. E que se eles infectassem alguém que amassem, bom, poderiam simplesmente ensinar a essas pessoas a não adoecerem também. O cérebro dele devia estar tomado pela doença. Você teve uns pacientes assim lá no hospital, não teve? Uns malucos com o cérebro lotado de esporo?

– O esporo contamina o cérebro, mas não sei se é por isso que algumas pessoas ficam loucas depois de infectadas. Ouvir que você pode explodir em chamas sem mais nem menos exerce uma forte pressão mental sobre as pessoas. Talvez a verdadeira surpresa seja alguém continuar são. – Ela pensou que muito em breve descobriria se a escama tinha algum efeito no estado mental da pessoa. Devia estar começando a revestir seu cérebro naquele exato instante.

– Alguma novidade, fora o monge terrorista? – indagou Connor.

– Estou grávida – disse ela.

– Você está... – disse ele. – Aimeudeus, Harpo! Ai, meu Deus! Lindy! Lindy! A Harpo e o Jake estão grávidos!

Ao fundo, Harper ouviu Lindy dizer:

– Grávida – num tom neutro, sem qualquer entonação comemorativa. Sua cunhada então disse alguma outra coisa, num tom mais baixo; parecia uma pergunta.

– Harpo! – falou Connor. Ele estava tentando soar alegre, mas Harper pôde ouvir a tensão em sua voz, e soube que Lindy estava sendo desagradável de algum jeito. – Estou *superfeliz* por vocês. A gente nem sabia que vocês estavam *tentando*. A gente achou que...

Ao fundo, mas de modo perfeitamente audível, Lindy falou:

– A gente achou que você seria doida de engravidar no meio de uma peste, depois de passar meses

em contato constante com pessoas infectadas.

– Mamãe e papai já sabem? – perguntou Connor com uma voz sem graça. Então, antes de ela conseguir responder, arrematou. – Peraí.

Ela o ouviu pressionar o telefone contra o peito para abafá-lo, algo que já o vira fazer dezenas de vezes. Esperou que voltasse à ligação. Ele por fim o fez.

– Oi – falou, ofegante como se houvesse acabado de subir correndo um lance de escada. Talvez tivesse subido correndo até o andar de cima para se afastar de Lindy. – Onde a gente estava mesmo? Estou feliz por você. Já sabe o sexo?

– É cedo demais para isso. – Ela inspirou fundo antes de falar. – O que você acharia se eu fosse visitar vocês por um tempo?

– Eu acho que tentaria te convencer a não vir. Você não iria querer pegar a estrada do jeito que as coisas estão agora. Não dá para rodar nem cinquenta quilômetros sem esbarrar num bloqueio, e isso nem é o pior que tem por aí. Se alguma coisa acontecesse com você, eu jamais iria me perdoar.

– Mas se eu conseguisse ir, hipoteticamente falando, o que aconteceria se eu aparecesse na sua porta amanhã?

– Eu começaria te dando um abraço, e depois a gente ia ver. Jakob concorda com esse plano? Ele conhece um cara que tem um jatinho particular ou algo assim? Deixa eu falar com ele, quero dar os parabéns.

– Não tenho como fazer isso. A gente não está mais morando junto.

– Como assim, não está mais... o que aconteceu? – perguntou Connor. Passou alguns instantes calado. Então tornou a falar. – Ai, meu Deus. Ele está doente, né? É por isso que você quer vir para cá. *Meu Deus*, eu sabia que você estava agindo de um jeito esquisito, mas pensei que... bom, você está grávida, tem esse direito.

– Eu não sei se *ele* está doente – disse ela baixinho. – Mas *eu* sim. A notícia ruim é essa, Connor. Fiquei doente faz seis semanas. Se eu aparecesse na sua porta, a última coisa que você ia querer fazer seria me dar um abraço.

– Como assim? – A voz dele saiu baixa e assustada. – Como?

– Não sei. Eu tomei cuidado. Não tem como ter sido no hospital. Eles nos obrigavam a usar borracha da cabeça aos pés. – Mais uma vez, ela se espantou com a calma que sentia ao encarar de frente o fato de estar doente. – Connor. O útero não é um bom hospedeiro para o esporo. Existe uma chance grande de o bebê nascer saudável.

– Peraí. Peraperapera. Sério. Ai, *meu Deus*. – Ele parecia estar tentando não chorar. – Você é só uma menina. Por que teve que ir trabalhar naquele hospital? Por que teve que ir para lá, porra?

– Eles precisavam de enfermeiros. E é isso que eu sou, enfermeira. *Connor*. Eu posso viver meses com esta coisa. *Meses*. Tempo suficiente para ter o bebê por cesariana. Quero que você e a Lindy fiquem com ele quando eu não estiver mais aqui. – Pensar em Lindy como mãe do seu bebê ainda não nascido era difícil, mas ela se forçou a não pensar no assunto. Pelo menos Connor seria um bom pai: amoroso, paciente, engraçado e um pouco careta. E seu filho teria *A mãe portátil* para os momentos difíceis.

– Harper. Harper. Eu sinto muito. – A voz dele saiu forçada, quase um sussurro. – Não é justo. Você é sempre tão boa com todo mundo. Não é justo mesmo.

– *Shhh. Shhh*, Connor. Este bebê vai precisar de você. E eu vou precisar de você.

– É. Não. Quero dizer... não seria melhor você ir para um hospital?

– Não tem como. Não sei como estão as coisas aí em Nova York, mas aqui em New Hampshire eles estão mandando os doentes para um campo de quarentena em Concord. Lá não é um bom lugar. Não tem tratamento médico nenhum. Mesmo se o bebê sobreviver, eu não sei o que vão fazer com ele. Para onde vão mandar meu filho. Connor, eu quero que o bebê fique com *você*. Com você e com a Lindy. – O simples fato de pronunciar o nome de Lindy era penoso. – Além do mais, quando as pessoas contaminadas com o esporo se juntam, elas às vezes incendeiam umas às outras. A gente agora sabe isso. Deu para ver lá no hospital. Ir para um campo abarrotado de outras pessoas com este troço é uma sentença de morte. Para mim, e provavelmente para o bebê também.

– Mas e o *nosso* bebê, Harper? – perguntou Lindy com uma voz que soou aguda e alta no seu ouvido. Ela havia pego a extensão. – Eu lamento muito. Porra, lamento tanto que fico até enjoada. Não consigo nem imaginar pelo que você está passando. Mas Harper. A gente tem um filho de 3 *anos*. E você quer que a gente te *esconda*? Quer que a gente te receba e corra o risco de você passar essa infecção para o *nosso* filho? Para a *gente*?

– Eu poderia ficar na sua garagem – sussurrou Harper, mas duvidou que Lindy a tivesse escutado.

– Mesmo que você não passe para a gente, e se alguém descobrir? O que vai acontecer com o

Connor? E comigo? Harper, tem pessoas sendo presas. A gente deve estar violando seis leis federais só por *falar* nesse assunto – disse Lindy.

– Lindy, desliga o telefone – falou Connor. – Deixa eu falar com a minha irmã.

– Eu *não vou* desligar o telefone. Você *não vai* tomar essa decisão sem mim. Eu *não vou* deixar ela te convencer a arriscar a vida de nós três. Por acaso quer ver seu filhinho morrer *queimado*? Não. Não. Isso **NÃO ESTÁ** acontecendo.

– Lindy. Esta conversa é particular – disse Connor; na verdade, foi um choramingo. – Esse assunto é entre mim e a Harp.

– Quando se trata de decisões que podem afetar a segurança do nosso filho, a questão deixa de ser um assunto particular e passa a ser um assunto da *Lindy* – retrucou ela. – Eu arriscaria a vida por vocês dois, mas não vou arriscar a vida do meu filho, e não é certo me pedir para fazer isso. Ser herói deixa de ser uma opção quando se tem um filho pequeno. Eu sei disso, e Harper, você também sabe. Se não sabia antes de engravidar, sabe agora. Você quer que o seu filho fique bem. Eu entendo, *porque sinto a mesma coisa em relação ao meu*. Eu sinto muito, Harper. De verdade. Mas você fez as suas escolhas. A gente precisa fazer as nossas. Não são escolhas heroicas, mas vão manter nosso menininho vivo até tudo isso passar.

– Lindy – suplicou Connor, mas Harper não foi capaz de adivinhar o que ele estava suplicando.

Porque Lindy era uma pessoa ruim, muito ruim, que gostava de ser mãe porque isso lhe proporcionava um filho e um marido para intimidar. Tudo nela era horrível, do nariz pontudo aos peitos também pontudos e à voz aguda, esganiçada... mas ela estava certa. Harper agora era uma arma carregada, e ninguém deixava uma arma carregada num lugar onde uma criança pudesse achar. Passou pela cabeça dela, não pela primeira vez, a ideia de que escolher tentar viver era, sob certos aspectos, um ato monstruoso, um ato de tremendo egoísmo e possivelmente homicida. Sua morte agora era uma certeza, e ela sentia que tudo dependia de não levar mais ninguém consigo, de não colocar ninguém em risco.

Só que alguém já está em risco. O bebê está em risco.

Harper fechou os olhos. Duas velas estavam acesas sobre a mesa de centro, e através das pálpebras ela pôde apreender debilmente a sua luz, uma claridade mortiça avermelhada.

– Connor – falou. – Lindy tem razão. Eu não estava pensando direito. Estou com medo, só isso.

– É claro que você está com medo – falou Lindy. – Ah, Harper, é claro que está.

– Foi errado pedir isso. Eu passei tempo demais batendo cabeça aqui sozinha... o Jakob foi embora mês passado para não ser contaminado também. Quando a pessoa fica muito tempo sozinha, é capaz de se convencer de umas ideias bem ruins.

– Você deveria ligar para o seu pai – disse Lindy. – Contar a ele o que está acontecendo.

– O quê? – exclamou Connor. – Meu Deus, o papai não pode ficar sabendo! Ele vai morrer. Lindy, ele enfartou ano passado. Quer que ele enfarte outra vez?

– Ele é um homem inteligente. Talvez tenha algumas ideias. Além do mais, seus pais têm o direito de saber. É a Harper quem deveria explicar para eles a situação em que colocou todos nós.

Connor agora estava gaguejando.

– Se o coração dele não parar com a notícia, vai se partir. Lindy, *Lindy*.

– Talvez você tenha razão, Lindy – falou Harper. – Você é a mais prática de todos nós. Eu talvez tenha que ligar para mamãe e papai em algum momento. Mas hoje não. Meu telefone está só com três por cento de bateria, e não quero dar a má notícia a eles para logo em seguida a ligação cair. Quero que vocês me *prometam* que vão deixar *eu* contar. Não quero que fiquem sabendo por vocês e depois não consigam entrar em contato comigo. Além do mais, como você disse: eu mesma criei esta situação, sou eu quem tenho de assumir a responsabilidade.

Harper não tinha a menor intenção de ligar para os pais e dizer que estaria morta dali a um ano. Não havia o menor sentido. Seus pais tinham quase 70 anos e estavam naufragados na sala de espera de Deus, mais conhecida como o estado da Flórida. Não poderiam ajudá-la de lá, nem poderiam ir até ela; tudo que poderiam fazer era começar a lamentar sua morte antecipadamente, e Harper não via sentido nisso.

Nada era capaz de amolecer Lindy mais depressa do que alguém lhe dizer que ela estava certa, porém, e quando ela tornou a falar sua voz havia adquirido uma espécie de calma suave.

– É claro que eu vou deixar você contar. Fala com eles quando puder, quando for a sua hora. Se eles precisarem de alguém para conversar, a gente vai fazer o que puder para reconfortar os dois daqui. – Então arrematou, num tom agitado e distraído. – Quem sabe isso seja a coisa que finalmente vai aproximar sua mãe e eu.

Havia um lado bom, pensou Harper. Talvez ela fosse morrer queimada, mas pelo menos isso daria a

Lindy uma chance de se aproximar da sogra.

– Lindy? Connor? Minha bateria vai cair, e não sei quando vou conseguir ligar de novo. Estou sem luz em casa há dias. Posso dar boa noite para o Connor Jr.? Já deve estar quase na hora de ele dormir.

– Ah, Harper – disse Connor. – Sei lá.

– É *claro* que ela pode dar boa noite para ele – falou Lindy, agora do lado de Harper.

– Harp, você não vai dizer para o moleque que está doente, vai?

– É *claro* que ela não vai dizer – falou Lindy.

– Eu... eu também não acho que você deva contar para ele sobre o bebê. Não quero que ele fique pensando que vai ter um... caramba, Harper. Como isso é difícil. – Seu irmão parecia estar tentando não chorar. – Queria te dar um abraço, irmã.

– Eu te amo, Con – disse ela, porque apesar do que Jakob pensava sobre essas três palavras, para Harper elas ainda tinham importância. Eram a coisa mais próxima de palavras mágicas que ela conhecia, possuíam poderes que faltavam a outras.

– Vou passar para o Júnior – disse Lindy com uma voz suave, sussurrada, como se estivesse falando dentro de uma igreja. Ouviu-se um impacto de plástico quando ela pousou o fone.

– Não fica brava. Não detesta a gente, Harper – disse o seu irmão. Ele também falava num sussurro, com a voz esganiçada por causa da tristeza.

– Eu jamais faria isso – disse-lhe ela. – Vocês precisam cuidar um do outro. O que a Lindy falou está certíssimo. Vocês estão fazendo a coisa certa.

– Ai, Harp – disse Connor. Ele inspirou profundamente, uma inspiração úmida, engasgada. – Lá vem o moleque – falou.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio enquanto ele passava o telefone. Talvez por causa do silêncio, Harper detectou um barulho na rua, o áspero chacoalhar de cascalho e as pancadas de um grande caminhão passando lá fora. Andava desacostumada a ouvir tráfego depois de escurecer. Havia um toque de recolher em vigor.

– Oi, Harper – disse Connor Jr., trazendo os pensamentos dela de volta ao mundo do outro lado da linha.

– Oi, Connor Jr.

– O papai está chorando. Ele disse que bateu com a cabeça em alguma coisa.

– Você tem que dar um beijo nele para melhorar.

– Tá bom. Você está chorando? Por quê está chorando também? Bateu com a *sua* cabeça?

– É.

– Todo mundo está batendo com a cabeça!

– Hoje é uma noite daquelas.

Ouviu-se uma pancada.

– Acabei de bater com a *minha* cabeça! – exclamou Connor Jr.

– Não faz isso – falou Harper.

De uma forma distraída, semiconsciente, ela percebeu que o grande caminhão que ouvira antes continuava lá fora na rua, ainda roncando.

Ouviu-se outra pancada.

– Bati com a cabeça outra vez! – disse Connor Jr. todo contente. – Todo mundo bateu com a cabeça!

– Chega – disse Harper. – Assim você vai ficar com dor de cabeça.

– Eu já fiquei com dor de cabeça – anunciou ele, com grande alegria.

Ela beijou o telefone com um barulho úmido e alto.

– Eu dei um beijo no telefone. Você sentiu?

– Aham! Senti. Obrigado. Já está melhor.

– Que bom – disse ela.

A aldraba da porta soou. Harper se levantou do sofá, tão sobressaltada quanto se houvesse escutado um tiro na rua.

– Você bateu com a cabeça outra vez? – perguntou Connor Jr. – Ouvi você bater com força!

Harper deu um passo em direção ao hall de entrada. Pensou que estava andando na direção errada: deveria estar indo para o quarto pegar a bolsa. Não conseguiu pensar numa só pessoa que pudesse estar na porta àquela hora da noite e que ela fosse querer ver.

– *Você também* quer um beijo para ficar boa? – perguntou Connor Jr.

– Claro. Um beijo para ficar boa e um beijo de boa noite – respondeu ela.

Escutou um ruído molhado, e então, numa voz suave e quase tímida, Connor Jr. falou:

– Pronto. Assim deve melhorar.

- Melhorou, sim.
- Preciso ir agora. Tenho que escovar os dentes. Depois vou ouvir minha história.
- Vai lá ouvir sua história – disse ela. – Boa noite, Connor Jr.

No hall, ela ouviu um som que não reconheceu: um clique-claque chacoalhante e arranhado. Um baque surdo. Esperou Connor Jr. retribuir seu boa noite, mas ele não o fez, e por fim lhe ocorreu que havia algo diferente no silêncio do outro lado da linha. Quando ela abaixou o celular, descobriu que estava desligado; o que restava de bateria havia acabado. O aparelho agora não passava de um peso de papel.

O *clique-claque-tum* arrastado tornou a soar.

Harper entrou no hall mas parou, a dois metros da porta, e ficou escutando o silêncio.

– Oi? – falou.

A porta se abriu dez centímetros antes de a correntinha a travar com outro baque alto e chacoalhante. Jakob olhou para o hall pela brecha.

– Harper – disse ele. – Ei, deixa eu entrar? Quero conversar.

13

Ela ficou parada logo depois da entrada do escritório olhando para o hall, para o pedaço de Jakob que conseguia ver pela brecha entre a porta e o batente. Seu rosto comprido, de olhos encovados, estava coberto por uma barba de quatro dias. Eles haviam conversado, como as pessoas costumam conversar, sobre quem interpretaria o seu papel na versão cinematográfica de suas vidas (por que motivo alguém iria querer fazer um filme sobre uma enfermeira do ensino fundamental e um cara que atendia o telefone no Departamento de Obras Municipais eram outros quinhentos). Para o papel dele, Harper havia pensado em Jason Patric, ou quem sabe em Johnny Depp jovem, alguém moreno e magro, com o aspecto de quem consegue plantar bananeira e que talvez de vez em quando escrevesse poesia. No momento ele parecia Jason Patric ou Johnny Depp num filme sobre o vício em heroína. Tinha o rosto molhado de suor, e seus olhos irradiavam um brilho febril. (No caso de Harper, a escolha do elenco tinha sido mais fácil: Julie Andrews, claro, Julie Andrews aos 28 anos, não porque as duas se parecessem, mas porque Harper não consideraria nenhuma outra atriz para o papel. Se eles não conseguissem Julie Andrews aos 28 anos, simplesmente teriam de cancelar o filme.)

Jakob não tinha vindo de bicicleta. Atrás dele, ligado junto ao meio-fio, estava um dos caminhões municipais, um Freightliner cor de laranja de 2,5 toneladas com um imenso limpa-neve na frente, gasto e enegrecido de tanto uso. Eles haviam mantido os limpa-neves funcionando dia e noite para retirar os destroços das estradas. Havia sempre um carro pegando fogo em algum lugar que precisava ser removido.

Ela começou a caminhar pelo corredor, abraçando o próprio corpo. O ar que entrava pela brecha da porta estava frio e recendia a outono, aquele aroma doce mesclado de especiarias composto de maçãs, folhas outonais esmagadas e fumaça distante. Sempre a fumaça.

– Você deveria ter ligado – disse ela. – Eu ia deitar daqui a pouco. Provavelmente não teria ouvido você.

– Eu teria arrumado um jeito de entrar. Teria quebrado uma janela com um chute.

– Que bom que não quebrou. O boiler está sem óleo. Já é difícil manter esta casa aquecida sem janelas quebradas. Está ficando frio aí fora.

– Nem fala. Não quer me deixar entrar?

Ela não fazia muita questão de responder a essa pergunta, nem sequer para si mesma.

Harper desejou que ele tivesse vindo durante o dia. Podia se imaginar muito bem soltando a correntinha para ele numa tarde clara e ensolarada. Mas com a escuridão atrás dele e o frio de outubro entrando pela fresta entre a porta e o batente, era impossível não pensar na última vez em que os dois haviam conversado, e no modo como ele fizera sua volta para casa soar como uma ameaça.

Ela soltou o ar com força e perguntou:

– Está tudo bem?

– Tudo melhor. Bem melhor, Harp. Desculpa ter apavorado você. – Ele lhe lançou um olhar de cachorro arrependido por baixo dos cílios compridos, quase femininos.

– E o esporo? Você estava com medo de ter se infectado. Achou alguma outra marca no seu corpo?

– Não. Nenhuma. Eu paniquei. Surtei. Não tenho desculpa. Eu estou bem... tirando um caso incurável de vergonha. É você quem está com a Escama do Dragão, mas sou eu quem ajo feito um... um... – Ele olhou para o outro lado, novamente na direção do seu Freightliner, então tornou a falar. – *Que merda.* Acha melhor eu ir embora? Voltar amanhã? Eu só... só queria conversar sobre as coisas. Fui tomado no meio da noite por um súbito desejo de convencer minha mulher de que eu não sou um babaca histérico.

– Eu também quero conversar. Acho que a gente precisa.

– Né? – disse ele. – Sobre o bebê? Se a gente vai fazer mesmo isso, se vai ter essa criança, vamos precisar de um plano. O mês de março ainda está muito longe. Mas você não quer soltar esse revólver? Eu estou com frio.

– Peraí – falou ela. Fechou a porta com um empurrão e levou a mão à correntinha. Fez a correntinha deslizar pela fenda até o buraco, mas então parou e pensou no que ele acabara de dizer. Pensou que tinha entendido errado. Seus ouvidos haviam lhe pregado uma peça.

– Jakob – falou, segurando a correntinha no lugar. – Você disse alguma coisa sobre um revólver?

– O quê? Não. *Não*. Eu não... não quer me deixar entrar? Estou congelando minha bunda magra aqui fora.

Ela espiou pelo olho mágico. Ele estava parado bem perto da porta, de modo que ela só conseguia ver sua orelha direita e parte de seu rosto.

– Jakob – falou. – Você está me deixando meio com medo. Pode me mostrar suas mãos?

– Tá bom. Agora eu acho que é você quem está paranoica, mas tudo bem. Olha. Aqui estão minhas mãos. – Ele recuou um passo para longe da porta e estendeu as mãos para os lados.

Seu pé esquerdo se ergueu e chutou a porta. A correntinha arrebitou. A porta bateu na cara de Harper e a fez cambalear para trás e cair no chão.

A mão direita de Jakob levantou o revólver, um revólver pequeno que ele puxou de um dos bolsos fundos da calça de esporte. Não o apontou para ela. Entrou pela porta e a fechou atrás de si com o cotovelo.

– Eu quero que as coisas corram bem – falou. Levantou a mão livre com a palma para cima, num gesto tranquilizador.

Harper ficou de quatro no chão e começou a engatinhar para longe enquanto tentava se levantar.

– Para – falou ele.

Ela não parou. Pensou que conseguiria virar a quina e entrar na cozinha, descer a escada até o porão e sair pela porta dos fundos. Quando se levantou, porém, ele chutou sua perna esquerda por trás, atrás do joelho, e ela tornou a cair.

– Princesa, para – disse ele. – Não faz assim.

Ela rolou de lado. Em pé acima dela com o revólver na mão, Jakob a fitava com um olhar perplexo.

– *Para* – repetiu ele. – Eu não quero que seja desse jeito. Quero que as coisas sejam como a gente conversou. Quero que tudo corra bem.

Ela começou a engatinhar outra vez. Quando ele deu um passo na sua direção, agarrou-se à mesa de apoio, aquela sobre a qual ficava a luminária de madeira de demolição, e virou a mesa para tentar atirá-la nele. Ele a arremessou de lado com um tapa e mal olhou para a mesa, com os olhos cravados nela.

– *Por favor* – falou. – Eu não quero machucar você. Pensar nisso me deixa enjoado.

Ele estendeu a mão esquerda para ajudá-la a se levantar. Quando ela não segurou sua mão, ele se abaixou, segurou-a pelo braço e a puxou até deixá-la de pé. Ela se debateu para se soltar, mas ele a puxou para fazê-la perder o equilíbrio e ela caiu por cima dele. Ele então a envolveu num abraço e a segurou contra si.

– Por favor – falou, balançando-se junto com ela para a frente e para trás. – Por favor. Eu sei que você está com medo. Eu também estou. A gente tem o direito de estar com medo. Estamos os dois com esse troço e vamos morrer. – O revólver estava ali, encostado na base das costas dela. Sua blusa estava levantada, e ela podia sentir o metal frio na coluna. – Quero que seja como a gente conversou. Quero que tudo corra bem. Quero que seja fácil. Não quero ir embora desesperado, com medo e chorando, e também não quero que você morra assim. Eu amo você demais para isso.

– Não toca em mim – disse ela. – A gente não sabe se você está doente. Eu não quero te passar.

– *Eu sei*. Eu *sei* que estou doente. Sei que vou morrer. Nós dois vamos. É só uma questão de como.

Ele a soltou um pouco. Então começou a beijá-la, suavemente, devotamente. Beijou seus cabelos. Beijou sua testa. Quando ela fechou os olhos, beijou suas pálpebras, uma, depois a outra, e ela estremeceu.

– Você não deveria me beijar – sussurrou.

– Como é que eu não vou te beijar? Beijar você foi a coisa mais doce que já me aconteceu.

Ela abriu os olhos e o encarou.

– Jakob. Estou sentindo que você está quente, mas não estou vendo marca nenhuma em você. Como pode ter certeza de que se infectou?

Ele balançou a cabeça.

– Meu quadril. Começou ontem, e está piorando cada vez mais. Meu quadril inteiro está pegando fogo.

Jakob a segurava de leve pela cintura com o braço direito, e o revólver roçava na sua coluna. Ele ergueu a outra mão e correu os nós dos dedos por sua bochecha num gesto suave de quem alisa. Ela estremeceu, impotente.

– Vamos sentar. Vamos fazer como a gente conversou. Vamos fazer direitinho, do jeitinho que nós dois queríamos.

Ele a guiou até o escritório onde, seis meses antes, os dois haviam se sentado juntos para beber vinho branco e ver na TV as pessoas pularem do alto do Space Needle. Segurava o braço dela como se estivesse se preparando para deslocá-lo, para arrancá-lo de seu corpo do mesmo jeito que alguém poderia arrancar a coxa de um frango assado. Então pareceu perceber que a estava machucando, soltou, e correu a palma da mão por seu bíceps de um jeito delicado, quase terno.

As sombras no escritório se moviam para lá e para cá à luz vermelha das velas.

– Vamos sentar – disse a sombra ao lado dela, uma entre muitas. – Vamos conversar.

Jakob afundou na sua cadeira preferida, o Grande Ovo de Jakob... uma cadeira de vime com estrutura em formato de ovo e um buraco na lateral com uma almofada dentro. Ele era um homem pequeno, e conseguia cruzar as pernas feito um Buda e mesmo assim caber inteiro dentro da lágrima de vime. Pôs o revólver no colo.

Ela se sentou na borda da mesa de centro, de frente para ele.

– Quero olhar seu quadril. Quero ver a marca.

– Você quer me dizer que eu não estou infectado, mas eu sei que estou.

– Me mostra o seu quadril?

Ele parou por um instante, em seguida estendeu uma das pernas para fora do ovo e rolou um pouco de lado. Abaixou o elástico da calça esportiva para lhe mostrar o côncavo do quadril direito, agora uma ferida toda ensanguentada e arranhada. A carne tinha um tom preto amarelado por baixo de uma grade de arranhões profundos. Ver aquilo a deixou consternada.

– Ai, Jakob. O que foi que você fez? Eu disse que se encontrasse alguma marca em você era para deixar ela em paz.

– Não aguento olhar para isso. Não aguento ter isso em mim. Não sei como você suporta. Eu fico meio louco. Tentei raspar fora com uma gilete. – Ele produziu um ruído sufocado e rascante que não chegava a poder ser considerado uma risada.

Harper estreitou os olhos para examinar a ferida.

– A marca se calcifica e forma partículas brilhantes. Não estou vendo nenhuma partícula.

– Está amarelo. Na borda toda.

– Isso é um hematoma. É só um hematoma. Jakob... essa é a única marca que tem em você?

– Na parte interna do joelho. E num dos cotovelos. Não me pede para ver. Eu não vim aqui para fazer um exame médico. – Ele se virou para se sentar direito e deixou o elástico da calça esportiva voltar ao lugar com um estalo.

– São todas assim?

– Eu raspei as outras do mesmo jeito. Fiquei histérico. Estou com vergonha agora, mas é verdade.

– Eu não acho que isso seja a Escama do Dragão. Já vi muito a marca, deveria saber. E Jakob: você está fora de casa há seis semanas. Quase sete. Se ainda não manifestou a doença, isso provavelmente significa que...

– Significa que você vai dizer qualquer coisa para impedir o que vai acontecer agora. Eu sabia que tentaria me dizer que eu não estou doente. Poderia ter escrito um roteiro de toda esta nossa conversa. Você acha que eu não sei qual a sensação de uma queimadura? Está doendo o tempo todo.

– Isso está infeccionado, Jakob, mas não com o *trychophyton*. Está infeccionado porque você se feriu e o machucado não foi tratado nem protegido com um curativo. Jakob. Por favor. Você está saudável. Precisa ir embora daqui. Precisa ir embora agora mesmo.

– Para. Para de negociar e para de mentir. Eu não quero odiar você agora, mas toda vez que você me diz outra mentira para tentar se salvar minha única vontade é calar sua boca.

– Quando foi a última vez em que você comeu?

– Não sei como você consegue sequer falar em comida. Talvez eu devesse acabar com isso agora mesmo. Está tudo horrível. Não está como a gente conversou. A gente conversou que iria transar, pôr uma música e ler nossos poemas preferidos um para o outro. Conversou que faria tudo direito, uma festinha a dois. Mas você está com medo, e se eu não estivesse com este revólver na mão sairia correndo. Sairia correndo e me deixaria morrer sozinho. Sem um pinga de culpa pelo que fez comigo. Por ter me

contaminado. Acho que é esse o verdadeiro motivo pelo qual você fica me dizendo que eu estou bem. Não está só mentindo para mim. Está mentindo para si mesma. Você não consegue encarar a realidade. Do que você fez.

A voz dele estava serena, sem o menor traço da histeria que ela havia escutado falando com ele ao telefone. Seu olhar também estava sereno. Ele a observava com o tipo de calma vidrada que Harper associava aos doentes mentais, gente que se sentava em bancos de parque e ficava conversando alegremente com amigos invisíveis.

Aquela calma que ele agora exibia não a surpreendia de todo. O terror era um fogo que encurralava você no último andar de um prédio em chamas; o único jeito de escapar era pulando. Ele vinha se preparando para esse último salto havia semanas. Ela ouvira isso na sua voz toda vez que os dois tinham falado ao telefone, mesmo que não houvesse reconhecido na ocasião. Ele finalmente tinha tomado sua decisão, e esta lhe trouxera a paz que ele buscava. Estava pronto para pular da janela; só queria estar segurando a mão dela durante a queda.

O que a deixou surpresa foi a *própria* calma. Perguntou-se o porquê daquilo. Nos dias antes de a Terra começar a arder, todo dia de manhã ela levava a ansiedade consigo para o trabalho, e toda noite a trazia de volta para casa; uma companheira sem nome e sem consideração, que tinha o hábito de cutucá-la nas costelas sempre que ela estava tentando relaxar. Mas naquela época na verdade não havia motivo algum para ansiedade. Sua cabeça girava de pensar que não teria dinheiro para pagar o empréstimo universitário, ao ter outro bate-boca com o vizinho por causa da mania do cachorro dele de rasgar o saco de lixo e espalhar sujeira por todo o seu gramado. E agora estava carregando um bebê na barriga, a doença se espalhava por sua pele, e Jakob tinha ficado maluco e estava sentado ali com um revólver na mão olhando para ela, e tudo que havia era aquela prontidão tranquila, que ela irracionalmente acreditou ter estado à sua espera a vida inteira.

No fim das contas, eu consegui ser a pessoa que sempre quis ser, pensou.

– Isso é mesmo tão terrível assim? – indagou. – É mesmo tão terrível assim eu querer acreditar que você não está doente? Eu queria que você e o bebê sobrevivessem. Queria isso mais do que jamais quis qualquer outra coisa, Jake.

Algo pareceu se apagar nos olhos dele. Seus ombros arriaram.

– Bom, foi burrice. Ninguém vai sobreviver. O mundo inteiro virou fumaça. Quando isso tudo acabar, o planeta inteiro vai estar calcinado. Todo mundo vai morrer. Esta é a última geração. Acho que a gente sempre soube isso. Mesmo antes da Escama do Dragão. A gente sabia que ia sufocar com nossa própria poluição, e que ia faltar comida, ar e todo o resto.

Ele não conseguia resistir a passar um sermão nela, nem mesmo nos últimos minutos de sua vida, e ocorreu-lhe então que fazia anos que ela já não era apaixonada por Jakob. Ele era um caga-regra chato. A esse pensamento seguiu-se outro, surpreendente, que ela ainda não estava de todo preparada para processar: que ela não fora trabalhar no hospital na esperança de ser Madre Teresa, por mais que ele dissesse isso. Fora trabalhar lá porque não tinha mais interesse pela própria vida. Jamais sentira que estivesse pondo em risco nada de grande valor.

A isso se seguiu um leve tremor de raiva que ela sentiu como uma ardência quente em sua Escama do Dragão. Fora *Jakob* quem fizera aquilo com ela, quem cravara sua seringa filosófica na sua vida e tentara sugar dela toda a simples felicidade. Em certo sentido, ele vinha tentando matá-la havia muitos anos.

Sentiu que estava ficando pronta. Sequer sabia pronta para quê. Estava reunindo coragem para algum ato que ainda não estava claro para ela, mas que sentia estar a caminho, correndo na sua direção.

– Eu li seu livro – falou.

E então viu um lampejo de algo humano, algo além daquela calma paciente, fanática e perigosa dele. Os behavioristas têm um conceito chamado microexpressões, emoções que saltam à superfície e revelam tudo numa centelha quase rápida demais para ser percebida. Por um brevíssimo instante, Jakob a encarou com hesitação e com uma palidez constrangida. Era assombroso quanta informação podia se dar entre duas pessoas com um único olhar, sem que nenhuma palavra fosse dita. No fim das contas, ele a havia de fato traído com várias amigas do casal. Aquela expressão momentânea de vergonha valia o mesmo que uma confissão.

– Bem safado, hein? – disse ela. – Fiquei sentindo uns calores que não tinham nada a ver com a Escama do Dragão.

– Eu te pedi para não ler – disse ele.

– Então me dá um tiro.

Ele produziu um som áspero de latido. Ela levou alguns instantes para identificar aquilo como uma risada.

Tornou a expirar, baixou as mãos e as sacudiu, como se estivessem molhadas e ela as estivesse secando com o vento.

– *Uuuu*. Então tá. O mundo vai ter que pegar fogo sem a gente. Eu quero alguma coisa boa antes de ir. Ele a fitou com um olhar sem brilho, desesperançado.

– Por favor. Eu vou tentar – disse ela. – Vou tentar fazer com que seja bom.

– Não sei se vai adiantar alguma coisa. Não estou mais a fim. Acho que talvez eu só queira acabar logo com isso.

– Mas *eu* não estou pronta. E você quer que seja bom para *mim*, não quer? Além do mais, não vou embora sem ter transado uma última vez. – E ela deu uma risada e tentou sorrir. – A culpa é toda sua, Jakob Grayson. Deixar uma mulher entediada e carente sozinha com aquela pilha de safadeza sem vergonha... – Ela deu um meneio de cabeça em direção ao manuscrito sobre a escrivaninha.

Foi a vez de Jakob sorrir, embora o sorriso tenha parecido forçado.

– O sexo tem mais significado para você do que para mim. Sei que dizer isso é virar o estereótipo de cabeça para baixo. Você realmente vive dentro do seu corpo mais do que eu. Essa é uma das coisas que sempre me deram tesão em você. Mas agora... neste exato momento eu acho que vejo o ato sexual com uma certa carga de nojo.

Ela se virou e foi até a caixa de som da Hello Kitty que estava na prateleira. Levou-a para lá dias antes, após ter encontrado pilhas novas no porão.

– O que você está fazendo? – perguntou Jakob.

– Pondo uma música.

– Eu não preciso de música. Prefiro só conversar.

– *Eu* preciso de música. E de uma bebida. Você também precisa de uma bebida.

Por fim, alguma coisa conseguiu alcançá-lo. Ele falou:

– Eu seria capaz de *matar* por uma bebida. – Ele produziu de novo aquele som áspero de latido, o que pelo visto tinha substituído sua risada.

Se a morte dela fosse tudo que ele quisesse, já poderia ter lhe dado um tiro, só que não era. Parte dele queria mais: um último beijo, uma última foda, um último trago, ou talvez algo mais profundo, perdão, redenção. Harper não estava inclinada a deixá-lo ter nada disso, mas não se importava de deixá-lo ter esperança. Era isso que a mantinha viva. Ligou o rádio FM. A estação de rock clássico estava tocando um sucesso das antigas. Um Romeu apaixonado se preparava para iniciar a serenata, você e eu, *baby*, que tal, e sem motivo algum Harper pensou em Hillary Clinton.

Postou-se na frente da caixa de som e começou a mover o quadril de um lado para outro. Não tinha a menor dúvida de que Jakob no momento encarava o sexo com repulsa, mas ele não era o único a ter feito algumas cadeiras de psicologia na faculdade. Ela não se esquecera do que havia logo após o limiar da repulsa.

Manteve-se de costas para ele por dez segundos, talvez, fingindo ter sido levada pela música, então lançou um olhar por cima do ombro. Ele estava com os olhos cravados nela, fascinado.

– Você me machucou – disse ela. – Me jogou no chão.

– Desculpa. Aquilo não se faz.

– Só na cama – disse ela.

Ele estreitou os olhos, e ela soube que havia forçado demais a barra, que havia abusado da credulidade dele, pois ela *nunca* falava assim sobre sexo. Antes de ele conseguir dizer qualquer coisa, porém, falou:

– Nossa garrafa! – Como se tivesse acabado de lembrar. – Quero tomar aquela garrafa de vinho que a gente trouxe da França. Lembra? Você disse que era o melhor que você já tinha tomado, e que a gente deveria guardar para uma ocasião importante. – Ela o encarou com o que torceu para ser um olhar de ironia e arrematou. – Esta ocasião de agora é importante o suficiente?

Os vinhos estavam todos ali no escritório com eles, os brancos na adega que não os gelava mais, os tintos no armário. Toda vez que eles iam a algum lugar, traziam uma garrafa de vinho, do mesmo jeito que outras pessoas traziam ímãs de geladeira. Mas nos últimos anos não tinham ido a muitos lugares. Ela estendeu a mão para o Bordeaux da lua de mel, e a palma estava tão úmida de suor que a garrafa quase escorregou e saiu voando pelo cômodo na direção dele. Ela o imaginou pulando de susto e dando um tiro na barriga dela só por reflexo. Matando ela é o bebê com um só tiro, o que, pensando bem, estaria totalmente de acordo com o temperamento de Jakob. Ele era um cara parcimonioso por natureza; muitas vezes tinha lhe dado uma bronca por colocar leite demais no seu cereal.

Ela prendeu a garrafa entre o corpo e o braço direito e pegou duas taças de vinho que estavam penduradas debaixo de uma das prateleiras. As fundas taças de cristal tilintaram melodiosamente ao se

chocarem, pois suas mãos estavam tremendo. Ela pegou o saca-rolhas.

Seu plano era sacar a rolha, depois pedir a ele para servir o vinho. E enquanto ele estivesse servindo ela desenroscaria a rolha do saca-rolhas e o espetaria na cara dele. Ou então, se não tivesse estômago para isso, pelo menos tentaria empalar as costas da sua mão que segurava o revólver.

Sentou-se na beirada da mesa de centro, de frente para ele e para o Grande Ovo. O revólver estava pousado em cima do joelho de Jakob com o cano apontado para ela, mas sem nenhuma intenção específica. Ela estava segurando o saca-rolhas com a mão direita, com a ponta retorcida a despontar por entre os dedos médio e anular. Ele estava muito longe; ela precisaria se jogar em cima dele para enfiar o saca-rolhas na sua cara. Mas talvez ele ficasse mais perto quando fosse servir o vinho. Talvez.

Então moveu o olhar na direção dos olhos dele e viu que ele a encarava com um ar de gélida especulação. Tinha o semblante pálido, quase inexpressivo.

– Está achando que se me embebedar e der para mim eu vou mudar de ideia em relação ao que vai acontecer? – perguntou-lhe ele.

– Pensei que a ideia fosse justamente a gente se embebedar, transar e se divertir. Fazer as coisas do seu jeito. Não era isso que você queria?

– É. Mas eu ainda não sei direito o que *você* quer. Não sei se você *algum dia* quis isso. Talvez, de algum jeito fútil, tipo no filme da sua vida, você gostasse da ideia de dar uma de Romeu e Julietae morrer lado a lado, mas nunca se comprometeu de fato com isso. Nunca pensou que fosse acontecer. Agora chegou a hora, e você vai fazer qualquer coisa para sair dessa. Inclusive se comportar feito uma puta. – Ele se balançou para a frente e para trás, então tornou a falar. – Sei que é politicamente incorreto dizer isso, mas que se dane, a gente vai morrer mesmo: eu nunca achei a inteligência feminina grande coisa. Nunca conheci nenhuma mulher que tivesse de fato algum rigor intelectual. Existe um motivo para coisas como o Facebook, o avião e todas as outras grandes invenções da nossa época terem sido obras de homens.

– É – falou ela. – Para eles poderem transar. A gente vai tomar este vinho ou não?

Ele tornou a produzir o som de latido.

– Você não vai nem negar?

– Negar que parte? A de que que as mulheres são burras, ou a parte sobre como eu na verdade não quero me matar junto com você?

– A parte em que você acha que pode requebrar a bunda e me fazer esquecer o que eu vim fazer aqui. Porque eu vou fazer. No mínimo, tenho a obrigação moral de impedir você de sair por aí e infectar mais alguém do mesmo jeito que infectou a mim.

– Mas você disse que o mundo vai acabar, então que diferença faz? O que aconteceria se... – Mas ela não conseguiu dizer mais nada. Algo horrível estava acontecendo.

A rolha não queria sair da garrafa.

Era uma rolha gorda, lacrada com cera, e ela estava com a garrafa debaixo do braço enquanto puxava o saca-rolha com a outra mão, mas a rolha não cedia sequer um milímetro, parecia fixa no lugar.

Ele esticou a mão esquerda por cima da mesa, segurou a garrafa pelo gargalo e a puxou de baixo do braço dela. Com a mão direita, continuou segurando o revólver.

– Eu te falei que era para guardar essas garrafas num lugar seco – disse ele. – A rolha incha. Eu te falei que era um erro deixar os tintos no armário.

Eu te falei devia ser uma espécie de oposto cármico de *Eu te amo*. Ele sempre havia achado bem mais fácil dizer “eu te falei”. Isso teria sido motivo para ressentimento se ela não tivesse sentido todo o ar sair do seu peito. Porque agora Jakob tinha pegado o saca-rolha. Ela o deixara pegá-lo sem briga, sem resistência, a única arma de que dispunha.

Ele apertou a garrafa entre as coxas, curvou-se e puxou. Seu pescoço ficou vermelho e os tendões saltaram. Os pedaços grossos de cera racharam, e a rolha começou a sair. Ela olhou para o revólver. Jakob continuava a segurá-lo com a mão livre, mas a arma se moveu um pouquinho, e passou a apontar mais na direção da estante de livros atrás dela.

– Pega a sua taça – disse ele. – Está saindo.

Ela pegou a taça e deslizou o corpo para a frente, fazendo os joelhos baterem nos dele. O tempo começou a avançar em frações mínimas, cautelosas. A rolha se moveu mais um centímetro. E mais outro. Então saiu com um pequeno estalo perfeito. Ele expirou e pousou o saca-rolha junto ao joelho, onde ela não conseguia alcançar.

– Prova – disse ele, e serviu um pouquinho na taça que ela lhe estendia.

Jakob havia lhe ensinado a beber vinho quando os dois estavam na França, e a instruíra sobre o tema com grande entusiasmo. Ela enfiou o nariz dentro da caverna da taça e inalou, preenchendo as narinas

com vapores picantes tão fortes que foi possível se imaginar ficando bêbada só com aquilo. O cheiro era bom, mas apesar disso ela teve um movimento de recuo e armou uma careta.

– Ai, que droga, será que *tudo* precisa dar errado? – Ela ergueu os olhos. – Estragou. Está puro vinagre. Tem outra garrafa? A gente tinha aquela do Napa. A que você disse que todos os colecionadores querem.

– O quê? Esse vinho não tem nem dez anos. Não pode ser. Deixa eu ver. – Ele se curvou mais para perto dela, ficando com metade do corpo para fora do Ovo.

Seus olhos se arregalaram um segundo antes de ela se mover. Ele foi rápido, quase rápido o suficiente para se esquivar, mas aquela pequena aproximação foi tudo de que ela precisou.

Ela quebrou a taça na cara dele. O cristal se estilhaçou com um barulho bonito, de tonalidade agradável, e cacos rasgaram a pele em linhas vermelho-vivo, lacerando a bochecha de Jakob, o osso do seu nariz e o supercílio. Parecia que seu rosto tinha sido arranhado por um filhote de tigre.

Ele gritou, ergueu o revólver, e a arma disparou. O barulho foi uma pancada ensurdecadora bem ao lado da cabeça de Harper.

Uma prateleira de livros atrás dela explodiu, e o ar foi tomado por uma nevasca de páginas que saíram voando. Ela ficou em pé e se inclinou para a esquerda, em direção à porta que dava para o quarto de dormir. Bateu com um dos joelhos na quina da mesa de centro ao dar a volta, e registrou o impacto mas não sentiu nenhuma dor.

Um silêncio assombroso se adensou à sua volta, rompido apenas por um gemido agudo, o som de um diapasão. Uma folha de papel rasgada, parte de algum livro, flutuou em direção ao chão e ficou presa no seu peito, grudada ali.

O coice do revólver derrubou o Grande Ovo para trás com Jakob ainda sentado dentro. A garrafa saiu voando quando ele caiu para trás, atravessou o escritório e a atingiu no ombro. Ela não parou: atravessou o escritório com três passos e chegou à porta do quarto. O batente explodiu à esquerda do seu ouvido e espalhou pelo ar pedaços brancos de madeira que penetraram seus cabelos e bateram no seu rosto. O barulho do disparo do revólver saiu tão abafado que foi como ouvir uma porta de carro bater na rua. Ela então saiu do escritório e entrou no quarto.

Sem pensar, pegou a folha de papel presa ao seu peito, puxou-a, baixou os olhos e leu um punhado de palavras:

suas mãos eram como as de um formidável maestro a reger todas as sinfonias de labaredas e chamas para fazer chover os frangalhos e as ruínas de carvão da história.

Ela jogou a folha de lado, para trás de si, de volta para dentro do escritório, em seguida bateu a porta.

A porta tinha um trinco com o qual ela nem se importou. Não adiantava. Era um trinco de pressão, e Jakob o arrombaria com um chute. Não dava para saber se a porta permaneceria fechada, já que metade do batente fora destruída pelo impacto da bala.

Ela pegou a cadeira de madeira à esquerda da porta e a jogou, algo para pôr no caminho. Sua bolsa de lona estava ao pé da cama, cheia de roupas empilhadas debaixo de *A mãe portátil*. Pegou a bolsa pelas alças de couro e continuou em frente até chegar à janela que dava para o quintal dos fundos. Abriu o trinco e empurrou a janela para cima com um tranco. Atrás dela, a cadeira se espatifou com um ruído abafado de amassado.

O morro atrás da casa descia num declive acentuado, uma ladeira comprida que levava até às árvores lá embaixo. Quando se olhava a casa de frente, o quarto parecia estar situado no primeiro piso. No entanto, ao dar a volta, dava para ver que na verdade o quarto ficava no *segundo* piso: abaixo dele havia um subsolo totalmente ocupado, com pé-direito integral. Da janela do quarto até o chão era uma queda de quatro metros e meio para dentro da escuridão.

Ao passar as pernas pelo peitoril, ela olhou para baixo e viu que estava vertendo sangue, que toda a parte da frente de sua camiseta branca sem mangas estava empapada. Não conseguia sentir onde fora atingida. Não podia parar para pensar nisso. Pulou, arrastando a bolsa consigo. A janela explodiu para fora atrás dela quando Jakob a acertou com um tiro.

Harper caiu imaginando que fosse bater no chão e não bateu, e caiu um pouco mais. Sentiu o estômago se revirar dentro de si. Então veio o impacto, e seu pé direito se dobrou debaixo do corpo com um clarão de dor que a deixou sem ar. Pensou em pianos caindo nos filmes mudos e se espatifando no chão, teclas de marfim a se espalhar pela calçada como um punhado de dentes esparramados.

Harper se desequilibrou, tombou para a frente, bateu no chão, e rolou, rolou, rolou. A bolsa escapuliu de sua mão. Seguiu rolando junto com ela, espalhando seu conteúdo pela noite. A sensação era de que seu tornozelo direito tinha se estilhaçado, mas não podia ser, porque nesse caso Jakob a pegaria e mataria.

Ela deu uma cambalhota e parou a dois terços da ladeira íngreme, com o céu noturno cheio de fumaça a rodopiar lá em cima. Em uma das periferias de seu campo de visão, pôde distinguir sua casa alta e estreita se avultando acima dela. Na outra, pôde ver a orla da mata, as árvores só com metade das folhas, esqueletos trajando andrajos. Tudo que teve vontade de fazer foi ficar deitada ali e esperar o mundo parar de se mexer.

Só que não havia tempo para isso. Jakob iria levar no máximo vinte segundos para descer a escada até o porão e sair pela porta dos fundos.

Ela empurrou o chão para se levantar. O solo se inclinou debaixo dela, precário, parecendo tão instável quanto um deque flutuante num lago turbulento. Ela se perguntou se parte daquela tontura seria por causa da hemorragia, olhou para a camiseta ensopada, para a grande mancha na frente, e sentiu cheiro de vinho. No fim das contas, Jakob não tinha acertado um tiro nela. Aquilo era o Bordeaux da lua de mel; ela estava vestida com o vinho. Toda a região vinícola da França agora estava reduzida a cinzas, ou seja, aquela mancha na sua camiseta provavelmente valia alguns milhares de dólares no mercado negro. Ela nunca tinha usado nada tão caro.

Pôs a mão esquerda no chão para se firmar, e sentiu algumas camisetas e algo envolto num plástico que fazia barulho. O apito vai e vem. Só Deus sabia por que o havia posto na mala.

Empurrou-se para cima e se levantou. Deixou a bolsa de lona, as roupas espalhadas e *A mãe portátil*, mas ficou com o apito. Deu seu primeiro passo em direção à mata, e sua perna direita quase se dobrou sob seu peso. Algo *raspou*, e ela teve um clarão de dor tão intenso que seus joelhos fraquejaram. Podia não ter levado um tiro, mas havia fraturado alguma coisa no tornozelo, disso não restava dúvida.

– Harper! – gritou Jakob do alto da ladeira atrás dela. – Harper, para de correr, sua *piranha*!

O osso fraturado em seu tornozelo tornou a raspar, e um clarão de dor ofuscante e branco se acendeu atrás de seus olhos. Ela correu às cegas por alguns instantes, e por um triz não caiu desmaiada. Nos filmes de ação, as pessoas pulavam de janelas o tempo todo e nada de mais acontecia.

Enquanto corria, pegou-se abrindo o invólucro de celofane do apito. Foi um ato inconsciente,

automático, as mãos se movendo por moto próprio.

No passo seguinte, apoiou peso demais no pé direito, e seu tornozelo se dobrou e ela deu um grito débil, não pôde evitar. Uma lança de dor lancinante a varou do tornozelo até a pélvis. Ela caiu sobre um dos joelhos, atrás de umas coníferas baixas.

Levantou o apito e soprou enquanto puxava o êmbolo, produzindo um som esganiçado e *carnavalesco*, esdrúxulo ali na mata. Um som *alto*. Aquele primeiro tiro tinha feito alguma coisa com seus ouvidos, ferido os tímpanos e abafado sua audição, mas o apito vai e vem atravessou essa barreira, alto feito um fogo de artifício chiando ao subir pelo céu noturno.

– Harper, sua piranha! A minha *cara*! Olha o que você fez com a minha cara! – vociferava Jakob. Ele estava mais perto agora, quase na mata.

Harper tornou a empurrar o chão e a se levantar. Cambaleou mais para dentro das árvores, com uma das mãos estendidas em frente ao corpo para proteger o rosto dos galhos. Toda vez que apoiava o peso no pé direito, era como se o seu tornozelo estivesse quebrando outra vez. Deliciosas folhas secas estalavam sob os seus calcanhares.

Ela agora estava com medo, com mais medo do que jamais se lembrava de ter sentido na vida, e o barulho do seu medo era o *fiiiuuuu* de um apito vai e vem cortando a noite. Não sabia por que estava tocando o apito outra vez. O som atrairia Jakob direto para ela.

Correndo numa linha irregular, ela saiu da rota. Não, nada disso; para sair da rota, precisava *ter* uma rota, e não fazia a menor ideia de para onde estava indo. O apito caiu de sua mão e ela seguiu em frente sem olhar para trás. Pisou com o pé direito numa depressão suave, tornou a forçar o tornozelo, gritou baixinho e desabou sobre um dos joelhos.

– Estou chegando, Harper! – berrou Jakob, e ela distinguiu o barulho de latido da sua risada. – Espera só para ver o que eu vou fazer com a *sua* cara!

Harper estendeu a mão às cegas para a direita, na direção de um tronco de árvore que teimou em continuar fora de alcance. Estava correndo o risco de cair de lado. Caso isso acontecesse, não conseguiria se levantar. Estaria deitada, encolhida em posição fetal, respirando aos arquejos, quando Jakob a encontrasse e começasse a enchê-la de tiros.

Folhas estalaram e alguém segurou sua mão. Ela abriu a boca para gritar, e o som entalou em sua garganta. Ela encarou o semblante estoico e inexpressivo do Capitão América.

– Vem – disse o super-herói com uma voz de menina, e puxou Harper até ela ficar em pé.

As duas seguiram depressa pela borda da mata, de mãos dadas, a menina lhe mostrando o caminho. Seus pés mal pareciam tocar o chão, e Harper tornou a sentir o que sentira na primeira vez em que elas haviam se encontrado: que aquilo não estava acontecendo, que era um sonho.

A menina conduziu Harper até um carvalho que decerto já era velho quando Kennedy tinha sido assassinado. Tábuas pregadas no tronco subiam por entre os galhos, resquícios de uma casa na árvore há muito esquecida. Harper pensou nos Meninos Perdidos, pensou em Peter Pan.

– Para cima – sussurrou a menina. – Veloz.

– Veloz não, rápido – disse o Bombeiro ao emergir dos arbustos à direita de Harper. Tinha o rosto quase preto de tão imundo, estava usando seu grande capacete e seu casaco amarelo de bombeiro sujos de fuligem, e segurava o pé de cabra em uma das mãos. – Olhe a linguagem, Allie. Tente não distorcer minha língua com esses seus horríveis americanismos. – E ele sorriu.

– Ele está vindo – disse Allie.

– Eu mando ele embora – falou o Bombeiro.

Jakob disse um palavrão em algum lugar ali perto. Harper podia escutá-lo atravessar com estardalhaço a vegetação.

Ela subiu na árvore usando o joelho direito em vez do pé. Não foi fácil, e a menina subiu logo atrás, empurrando Harper com as duas mãos.

– Dá para subir *mais depressa*? – sibilou Allie.

– Eu detonei o tornozelo – disse Harper, estendendo a mão para um galho grosso mais acima e se içando para cima dele.

Ela se deslocou para o lado, escorregando pelo galho de modo a abrir espaço para a menina. Estavam a cerca de quatro metros do chão, e Harper podia ver por entre as folhas do carvalho a pequena área aberta lá embaixo. O Bombeiro não se afastou muito; deu só alguns passos na direção dos barulhos produzidos por Jakob. Então se posicionou atrás de um sumagre e aguardou.

Uma brisa com um leve aroma de fogueira soprou e bagunçou os cabelos de Harper. Ela virou o rosto nessa direção, e percebeu que por entre as árvores podia ver sua casa. De dia, dali se devia ter uma boa visão do seu deque dos fundos e das janelas da cozinha.

Jakob emergiu da vegetação e passou pelo Bombeiro sem vê-lo. Seu rosto sangrava; o talho abaixo do olho esquerdo estava particularmente feio, e uma aba de pele se balançava pendurada por cima da bochecha. Ele estava com os cabelos cheios de folhas e tinha um arranhão novo no queixo. Carregava o revólver abaixado, junto ao corpo, com o cano apontado para o chão da floresta.

– Aí! – disse o Bombeiro. – Por que você está correndo com um revólver na mão? Alguém pode se machucar. Espero que esteja com a trava de segurança presa.

Jakob emitiu um som, um gritinho de surpresa que foi também como uma brusca inspiração, e se virou ao mesmo tempo em que erguia o revólver. O Bombeiro baixou o pé de cabra, aquela barra comprida e enferrujada com ferramentas a reluzir nas duas pontas. A barra rasgou o ar com um silvo e acertou o cano do revólver, produzindo um clangor de metal. A arma se soltou da mão de Jakob, caiu no chão com um baque e disparou, e o clarão iluminou a mata.

– Não, pelo visto não – disse o Bombeiro.

– Quem é você, caralho? – perguntou Jakob. – Está com a Harper?

O Bombeiro inclinou a cabeça para o lado e pareceu refletir por um instante sobre a pergunta, com uma expressão intrigada nos olhos. Seu rosto então se iluminou, e ele abriu a boca e deu um sorriso generoso, cheio de dentes.

– É, acho que estou – falou, e inclinou o corpo para trás como se estar com Harper fosse algo que houvesse acabado de perceber e achasse deleitável. Ocorreu então a ela que ele era maluco, tão maluco quanto Jakob. – Harper. Igual à Harper Lee, imagino eu. Eu só a conhecia como enfermeira Grayson. Harper. Que nome maravilhoso. – Ele limpou a garganta com um pigarro e arrematou. – Acho que eu sou também o cara que está mandando você dar o fora daqui. Esta mata não lhe pertence.

– E a quem você acha que ela pertence, porra? – perguntou Jakob.

– A mim – respondeu o Bombeiro. – Eu acho, porra, que esta porra pertence a mim, porra. Também sei dizer palavrão, amigo. Eu sou inglês. A gente fala palavrão sem medo. Aquele com B? A gente fala também: boceta boceta boceta bobocecetata. – Sem perder o sorriso, ele tornou a falar. – Agora vai. Some daqui, seu escroto desbocado.

Jakob encarava o Bombeiro com cautela, parecendo genuinamente não saber o que dizer nem o que fazer. Então se virou e se abaixou para pegar a arma.

O Bombeiro brandiu o pé de cabra como se fosse um taco de polo, bateu no revólver e o derrubou no meio das samambaias. Jakob não hesitou, mas se virou e partiu para cima do inglês magro e seco. O Bombeiro ergueu o pé de cabra e o ergueu entre os dois, mas então Jakob pôs as mãos na barra e eles começaram a disputá-la, e Jakob era o mais forte.

Mais forte, e tinha um equilíbrio melhor... aquela noção de equilíbrio que o tornava capaz de andar na corda bamba e se encarapitar confortavelmente num monociclo. Ele firmou os pés e girou a cintura, fazendo o Bombeiro sair inteiramente do chão, levantando-o a quinze centímetros de altura e arremessando-o contra o tronco do mesmo carvalho em que Harper estava sentada.

Ela sentiu a força do impacto balançar o galho da árvore debaixo de si, sentiu a árvore inteira estremecer.

Jakob puxou a barra alguns centímetros para trás e tornou a arremessar o Bombeiro contra a árvore. O Bombeiro grunhiu e todo o ar saiu de seu peito, um assobio expelido pelas duas narinas.

– Seu filho da puta – dizia Jakob, quase como quem entoava um cântico. – Eu vou te matar, seu filho da puta, vou te matar e vou matar ela também, e... – A voz dele morreu antes de terminar a frase; ele não tinha mais ninguém para matar.

Ele tornou a arremeter o Bombeiro contra a árvore, e o capacete do Bombeiro rachou no tronco emitindo um barulho alto. Harper se encolheu e reprimiu um grito. Allie, porém, tinha posto uma das mãos no seu joelho, e apertou.

– Fica olhando – sussurrou ela. Havia abaixado a máscara no pescoço, e Harper viu uma menina linda: olhos cor de chocolate que brilhavam de bom humor, sardas de criança travessa, e traços delicados que pareciam ainda mais talhados e definidos pelo fato de a sua cabeça estar totalmente raspada, realçando assim as curvas das têmporas e os ossos bem-feitos. – Olha para a *mão dele*.

É Harper viu que a mão nua do Bombeiro fervia com uma fumaça cinza. A mão esquerda havia soltado o pé de cabra e caído junto ao corpo. Harper teve um lampejo de lembrança: o Bombeiro se engalfinhando com Albert no corredor do pronto-socorro, e tentando arrancar a luva com os dentes.

Jakob tornou a puxar o pé de cabra, com a intenção de arremeter o Bombeiro contra o tronco mais uma vez. Mas nessa hora o Bombeiro estendeu a mão por cima da barra metálica e pôs a mão na garganta de Jakob, e a palma de sua mão cuspiu fogo.

A chama era azul feito a de um maçarico. A mão do Bombeiro estava usando uma luva de fogo

radiante. A chama rugiu feito uma rajada de vento, e Jakob deu um grito, soltou o pé de cabra e se afastou. Tornou a gritar, levando as mãos à garganta enegrecida. Seus pés se enroscaram e ele caiu em cheio com a bunda no chão, então tornou a se levantar num pulo e saiu correndo, projetando-se às cegas por entre os galhos e arbustos.

O Bombeiro o observou partir com sua mão esquerda que era uma tocha. Então abriu o casaco de bombeiro amarelo imundo, pôs a mão em chamas debaixo dele e fechou, prendendo a mão entre o casaco e a camisa.

Abriu o casaco, fechou e tornou a abrir enquanto batia com calma na mão; mais parecia uma criança tentando usar as axilas para produzir um som de pum. Na terceira vez em que abriu o casaco, a chama havia se apagado, e a mão soltava uma fumaça preta suja. Ele agitou a mão no ar para dissipar a fumaça. Ao longe, Harper pôde ouvir galhos se partindo e o farfalhar da vegetação baixa: o som de Jakob fugindo. Em mais alguns instantes, a mata ficou silenciosa, exceto pelo canto desconhecido dos insetos noturnos.

O Bombeiro levantou a mão esquerda, inspirou profundamente, e soprou para longe o resto da fumaça. A palma de sua mão era toda desenhada com a Escama do Dragão. As finas e delicadas linhas pretas estavam agora cobertas de cinza, e a superfície era branca como a neve, com algumas centelhas emitindo um brilho tênue aninhadas aqui e ali. O resto da pele que cobria seu corpo estava... normal. Limpa, saudável, rosada, e livre de queimaduras... impossível.

– Adoro quando ele faz isso, mas o melhor truque dele é quando ele faz uma fênix – falou Allie. – É melhor do que fogos de artifício.

– Verdade! – disse o Bombeiro, virando a cabeça e abrindo para elas um sorriso travesso. – Eu deixo o Cinco de Novembro e o Quatro de Julho no chinelo. Quem precisa de foguetes quando tem a mim?

LIVRO DOIS

DEIXE SUA FRACA LUZ BRILHAR

1

Allie foi a primeira a descer da árvore: segurou o galho e se balançou até o chão. Harper pretendia descer pela escada rudimentar pregada no tronco, mas assim que deslizou para fora do galho em que estava sentada, caiu.

O Bombeiro estava lá para aparar sua queda. Não a pegou, exatamente. Apenas estava por acaso debaixo dela quando ela caiu. Ela o esmagou sob seu corpo, e os dois se estatelaram juntos no chão de terra batida. A parte de trás da cabeça dela bateu no nariz dele. Seu calcanhar direito ricocheteou no chão. A dor que lhe varou o tornozelo foi fora do normal.

Eles grunhiram abraçados como dois amantes.

– Porra – disse ela. – Porra porra *porra*.

– Isso é o melhor que você pode fazer? – indagou o Bombeiro. Estava segurando o nariz e piscando os olhos para segurar o choro. – Só esse monte de “porra porra porra” sem fim? Não dá para expandir um pouco o seu vocabulário? Puta que pariu, caralho, buçanha. Esse tipo de coisa. Os americanos não têm imaginação nenhuma na hora de falar palavrão.

Harper se sentou, e seus ombros se sacudiram com os primeiros soluços. Suas pernas tremiam, seu tornozelo estava quebrado, e Jakob quase a havia matado, quisera matá-la, e tinha gente disparando armas e pegando fogo e ela havia caído de uma árvore, e o bebê, o bebê, e ela não conseguiu se conter. O Bombeiro se sentou ao seu lado, passou um braço à sua volta, e ela repousou a cabeça no ombro escorregadio do casaco dele.

– Passou, passou – disse ele.

E a segurou por um tempinho enquanto ela chorava.

Quando seus soluços abrandaram, ele falou:

– Vamos levantar. É melhor a gente ir andando. Não dá para saber o que o psicopata do seu ex-marido pode estar tramando. Acho que ele é bem capaz de chamar uma Patrulha de Quarentena.

– Ele não é meu ex. A gente não é divorciado.

– Agora é. Pelo poder concedido a mim.

– Que poder foi concedido a você?

– Sabia que capitães de navio podem celebrar casamentos? O que pouca gente sabe é que bombeiros também podem outorgar divórcios. Vai, levanta.

O Bombeiro a enlaçou pela cintura com o braço esquerdo e a colocou de pé. Aquela mão sobre o quadril dela ainda estava morna, como se fosse um pão recém-saído do forno.

– Você fez sua mão pegar fogo – disse ela. – Como conseguiu?

Mesmo sem dispor de todos os fatos, ela já sabia a resposta. Ele tinha a Escama do Dragão, igual a ela. Sua mão continuava sem luva, e ela podia ver um rabisco preto e dourado sobre as linhas da palma, e se enroscando várias vezes ao redor de seu pulso. Uma fina fumaça cinza subia das linhas mais grossas.

Ela já tinha visto pelo menos cem pessoas com a Escama do Dragão entrarem em combustão e começarem a gritar à medida que um fogo azul as devorava como se estivessem lambuzadas de querosene, os cabelos pegando fogo num segundo. Não era algo que ninguém quisesse nem fosse capaz de fazer consigo mesmo, e quando acontecia não era uma coisa controlada e sempre acabava em morte.

Mas o Bombeiro tinha acendido a si mesmo de forma consciente. E só parte de si mesmo, só a mão. Depois, com toda calma, tinha voltado a se apagar. E de algum jeito não havia se machucado.

– Pensei em dar um curso uma vez – disse o Bombeiro. – Mas não consegui decidir o que iria ensinar. Combustão espontânea para iniciantes? Incêndio criminoso, módulo 1? Além do mais, é difícil fazer as pessoas se inscreverem num curso quando ir mal numa prova significa ser queimado vivo.

– É mentira – disse Allie. – Ele não vai te ensinar. Não ensina ninguém. Mentiroso, mentiroso, vai fazer xixi na cama.

– Não, Allie, hoje não. Este é o meu macacão preferido, e não posso me dar ao luxo de estragá-lo só porque você quer que eu fique me exibindo.

– Vocês estavam me espionando – falou Harper.

O Bombeiro relanceou os olhos para os galhos do carvalho ao alto, onde apenas segundos antes ela estava encarapitada.

– Lá de cima tem uma vista excelente do seu quarto. Não é estranho como as pessoas que têm alguma coisa para esconder fecham as cortinas na frente da casa, mas nunca pensam em proteger as janelas dos fundos?

– Você passa muito tempo zanzando pela casa de calcinha e sutiã, lendo *O que esperar quando você está esperando* – disse Allie. – Não se preocupe. Ele nunca espiou pelas suas janelas quando você estava trocando de roupa. Eu talvez tenha olhado uma ou duas vezes, mas ele não. Ele é um cavalheiro inglês de muitos bons modos, é sim. – Allie falou com um sotaque inglês fajuto que já era pelo menos tão bom quanto o de Dick Van Dyke em *Mary Poppins*. Se Harper fosse um menino de 16 anos, ficaria louco por ela. Dava para ver direitinho que aquela menina era da pá virada, no melhor sentido da expressão.

– Por quê? – perguntou Harper ao Bombeiro. – Por que me espionar?

– Allie – disse o Bombeiro, como se não tivesse escutado a pergunta. – Vai correndo na frente até a colônia. Traga aqui seu avô e Ben Patchett. Ah, e encontre a Renée. Diga que a gente achou a enfermeira preferida dela. Ela vai ficar muito feliz.

Então Allie se foi, saltitando para dentro das folhas de um jeito que fez Harper pensar na sombra de Peter Pan chispando pelo quarto de Wendy. A cabeça de Harper era abarrotada de livros infantis, e ela podia ser bastante compulsiva com relação a atribuir papéis literários às pessoas.

Depois de a menina ir embora, o Bombeiro falou:

– É até bom eu ficar um instante sozinho com você, enfermeira Grayson. Eu confiaria minha própria vida a Allie Storey, mas existem coisas que prefiro não dizer na frente dela. Você conhece a colônia de férias que fica no final de Little Harbor Road?

– A Colônia Wyndham – disse Harper. – Claro.

Folhas mortas estalaram no chão, e seu cheiro açucarou o ar com o perfume do outono.

– É para lá que nós vamos. Tem um cara lá, Tom Storey, avô de Allie. As pessoas o chamam de Pai Storey. Antigamente, Tom era diretor de programação na colônia. Agora ele abriu o lugar como abrigo para pessoas com a Escama do Dragão. Tem mais de cem pessoas escondidas lá, e elas montaram uma sociedadezinha bem razoável. Três refeições por dia... pelo menos por enquanto. Não sei quanto tempo isso vai durar. Não tem energia elétrica, mas os chuveiros funcionam, se você aguentar ser alvejada por água gelada. Eles têm uma escola, e uma espécie de força policial juvenil chamada Sentinelas, para vigiar a chegada das Patrulhas de Quarentena e dos Bondes da Cremação. São em sua maioria adolescentes, essas Sentinelas. Allie e seus amigos. Assim eles têm alguma coisa para fazer. E são tão religiosamente devotos quanto se poderia desejar. Sob determinados aspectos, é uma devoção diferente de qualquer outra que já tenha existido, e sob outros aspectos, *bem*. Os fundamentalistas são todos bem parecidos, aonde quer que se vá. Essa é uma das coisas sobre as quais eu queria alertar você enquanto Allie estivesse correndo na frente. Ela é ainda mais devota do que a maioria, e isso não é pouca coisa.

Ouviu-se um estalo tremendo, um estrondo deslizante, ribombante, que sacudiu o chão da mata e fez o coração de Harper disparar. Ela olhou para a vegetação atrás de si na direção da qual eles tinham vindo. Não conseguia imaginar o que poderia ter causado um barulho tão imenso, tão devastador.

O Bombeiro lançou um breve olhar de avaliação por cima do ombro, em seguida a pegou pelo braço e começou a fazê-la avançar outra vez, agora um pouco mais depressa. Prosseguiu como se não tivesse havido qualquer interrupção.

– Você precisa entender que a maioria das pessoas que está na colônia tem entre a sua idade e a de Allie. Alguns são coroas, mas tem muito mais gente que ainda deveria estar na escola. A maioria perdeu a família, viu as pessoas que amava morrerem queimadas na sua frente. Estavam em choque quando foram parar na colônia, eram refugiados traumatizados pela tristeza, e só estavam esperando a hora de elas próprias pegarem fogo. Aí Pai Storey e sua filha Carol, tia de Allie, ensinaram a essas pessoas que elas não precisam morrer. Ofereceram esperança quando elas não tinham nenhuma, e uma forma muito concreta de salvação.

Harper diminuiu a velocidade, em parte para descansar o tornozelo dolorido, em parte para absorver o que ele estava dizendo.

– Como assim, estão ensinando às pessoas que elas não precisam morrer? Ninguém é capaz de ensinar uma pessoa com a Escama do Dragão a não morrer. É impossível. Se existisse algum tratamento, algum remédio...

– Não é preciso engolir nada – disse o Bombeiro. – *Nem mesmo a sua fé.* Lembre-se disso, enfermeira Grayson.

– Se houvesse alguma coisa capaz de impedir a Escama do Dragão de matar as pessoas, o governo já saberia. Se existisse algo que funcionasse, que funcionasse *mesmo*, algo capaz de prolongar a vida de milhões de doentes...

– ... de pessoas com um esporo fatal e contagioso na pele? Enfermeira Grayson, ninguém quer que nós *prolonguemos* nossas vidas. Nada seria menos desejável. *Encurtar* nossas vidas... isso sim, seria melhor para o bem geral. Pelo menos na cabeça da população saudável. Uma coisa nós sabemos sobre quem tem a Escama do Dragão: essas pessoas não pegam fogo quando levam um tiro na cabeça. Não é preciso se preocupar que um cadáver vá infectar você ou seus filhos... ou iniciar uma conflagração capaz de dizimar todo um quarteirão. – Ela abriu a boca para protestar, e ele apertou seu ombro. – Vai haver tempo para debater essa questão mais tarde. Embora eu vá logo avisando: ela já foi debatida antes, em especial pelo pobre Harold Cross. Sinto que o caso dele praticamente resolveu a questão.

– Harold Cross?

Ele balançou a cabeça.

– Deixe isso para lá, por enquanto. Só quero que você entenda que Tom e Carol deram a essas pessoas mais do que comida e abrigo, ou mesmo uma forma de suprimir sua doença. Eles lhes deram *fé*... umas nas outras, no futuro, e no poder que elas têm enquanto rebanho. Um rebanho não é uma coisa tão ruim quando você faz parte dele, mas algumas centenas de estorninhos podem estraçalhar uma andorinha caso ela cruze o seu caminho. Eu acho que a Colônia Wyndham seria um lugar muito hostil para um apóstata. Tom até que é tolerante. Ele é o nosso tipo de religioso inclusivo, moderno, *sensível*; antes era professor de ética. Mas a sua filha, tia de Allie, ela própria não passa de uma criança, e a maioria das outras crianças criou um culto ao seu redor. Afinal, é ela quem canta as músicas. Ninguém quer virar seu desafeto. Ela até que é gentil, Carol, é, sim. Tem boa intenção. Mas se ela não te amar, aí ela tem medo de você, e quando ela tem medo fica perigosa. Eu me preocupo com o que pode acontecer se Carol algum dia se sentir seriamente ameaçada.

– Eu não vou ameaçar ninguém – falou Harper.

Ele sorriu.

– Não. Você não me parece do tipo que cria caso, mas sim que promove a paz. Ainda não esqueci a primeira vez em que você cruzou meu caminho, enfermeira Grayson. Você salvou a vida dele, sabia? Do Nick. E salvou a minha pele ao mesmo tempo. Acho que me lembro que eu estava prestes a ser posto para fora quando você interveio. Te devo uma.

– Não deve mais – disse Harper.

À sua frente, no escuro, galhos estalaram e se abriram. Um grupo modesto surgiu, com Allie na frente. A menina estava ofegante, e seus traços delicados exibiam um belo rubor.

– O que houve, John? – perguntou um homem em pé logo atrás dela. Tinha uma voz grave e melodiosa, e Harper gostou de Tom Storey antes mesmo de ver seu rosto. No início, conseguiu distinguir pouco mais do que os óculos de armação dourada que cintilaram no escuro. – Quem temos aqui?

– Alguém útil – respondeu o Bombeiro. Só agora ela sabia seu nome: John. – Uma enfermeira, senhorita Grayson. Podem conduzi-la pelo resto do caminho? Eu não sou médico, mas acho que ela fraturou o tornozelo. Se puderem ajudá-la a chegar à enfermaria, eu gostaria de voltar e recolher suas coisas enquanto ainda há tempo. Meu palpite é que daqui a pouco uma Patrulha de Quarentena vai invadir a casa dela.

– Puxa, posso ajudar? – indagou um dos outros integrantes do grupo de boas-vindas. Ele deu um passo à frente, se enfiou com facilidade entre o Bombeiro e Harper, e passou o braço em volta da cintura dela. Harper pôs o seu por cima dos ombros dele. Era um homem grande, talvez uns 25 anos mais velho do que ela, só que com ombros caídos e cabelos grisalhos bem claros que começavam a rarear no alto da cabeça. Harper pensou num idoso e muito amado Ursinho Paddington.

– Ben Patchett – disse ele. – Prazer em conhecê-la.

Havia uma mulher no grupo também, baixinha, rechonchuda, com tranças afro nos cabelos grisalhos. Abriu um sorriso tímido; talvez não tivesse certeza de que Harper se lembraria dela. Mas é claro que não havia hipótese alguma de Harper ter esquecido a mulher que fugira do Hospital de Portsmouth acesa feito um sinalizador e com a mesma certeza de explodir.

– Renée Gilmonton – disse Harper. – Pensei que a senhora tivesse fugido para morrer em algum lugar.

– Também foi o que eu pensei. Mas Pai Storey pensou diferente. – Renée pôs um dos braços debaixo das axilas de Harper, ajudando a ampará-la pelo outro lado. – Você cuidou tão bem de mim por tanto

tempo, enfermeira Grayson... Que prazer ter a oportunidade de cuidar um pouco de você.

– Como machucou o tornozelo? – quis saber Pai Storey, erguendo o queixo e fazendo a luz débil cintilar nas lentes dos óculos, e pela primeira vez Harper pôde ver seus traços, o rosto comprido, magro, marcado por rugas profundas, a barba grisalha, e pensou: *Dumbledore*. A barba na verdade estava menos para Dumbledore e mais para Hemingway, mas os olhos por trás das lentes dos óculos tinham uma tonalidade viva de azul que naturalmente sugeria um homem capaz de jogar runas e falar com as árvores.

Harper achou difícil responder; ainda não sabia como falar de Jakob e do que ele tentara fazer com ela.

O Bombeiro pareceu ver num relance como a pergunta a havia deixado sem ação, e ele mesmo respondeu.

– O marido dela apareceu com um revólver para atirar nela. Eu o espantei. Só isso. O tempo é curto, Tom.

– Sempre, não é? – retrucou Pai Storey.

O Bombeiro começou a se virar, em seguida se virou e pressionou alguma coisa dentro da mão de Harper.

– Ah, enfermeira, você deixou cair isto aqui. Mantenha ele sempre com você. Se algum dia precisar de mim outra vez, é só apitar. – Era o apito vai e vem. Ela o deixara cair na fuga de Jakob e o esquecera por completo, mas ficou absurdamente agradecida por tê-lo de volta.

– Ele não dá seu apito vai e vem do amor para todo mundo – comentou Allie. – Você agora *faz parte*.

– Que mente suja, Allie – disse o Bombeiro. – O que sua mãe teria dito?

– Algo mais sujo ainda – respondeu Allie. – Vem, vamos pegar as coisas da enfermeira.

Allie tornou a cobrir o rosto com a máscara de Capitão América e se afastou correndo por entre as árvores. O Bombeiro disse um palavrão entredentes e saiu apressado atrás dela, usando aquela sua imensa barra de ferro para afastar a vegetação rasteira.

– Allie! – gritou Pai Storey. – Allie, por favor! Volta aqui!

Mas ela já tinha desaparecido.

– Essa menina não tem nada que se meter no trabalho do John – falou Ben Patchett.

– Vá lá tentar impedir – disse Renée.

– O Bombeiro... John... ele pôs fogo em si mesmo – disse Harper. – A mão dele inteira pegou fogo.

Como ele fez isso?

– O fogo é o único amigo do diabo – respondeu Ben Patchett, e riu. – Não é isso, Pai?

– Não sei se ele é um diabo – retrucou Pai Storey. – Mas, se for, é o *nosso* diabo. Mesmo assim... eu preferiria que a Allie não fosse com ele. Ela por acaso *quer* morrer que nem a mãe? Às vezes quase parece que está desafiando o mundo a tentar fazer isso.

– Ah, Pai – disse Renée. – O senhor criou duas adolescentes. Se tem alguém capaz de entender a Allie, eu acharia que é o senhor. – Ela olhou para a mata na direção em que a menina tinha desaparecido. – É claro que ela está desafiando o mundo a tentar.

Apesar de a Colônia Wyndham ficar só a um quilômetro e meio de distância, Harper teve a impressão de que eles passaram horas se arrastando atrás de Pai Storey pela escuridão cansativa e sufocante. Chafurdaram por amontoados de folhas, serpentearam ao redor de pinheiros e escalaram uma pilha de rochas, avançando o tempo todo em direção ao cheiro de maresia do Atlântico. Seu tornozelo latejava.

Ela não perguntou onde estavam, e Pai Storey não disse. Pouco depois de começarem a andar, ele pôs algo na boca do tamanho de um ovo de gaio-azul, e depois disso não emitiu som algum.

Eles foram dar junto à estrada chamada Little Harbor Road, e do outro lado do asfalto ficava a entrada da Colônia Wyndham: um caminho de cascalho branco denso e terra arenosa. A entrada estava fechada por uma corrente presa entre dois rochedos altos e verticais que teriam se encaixado perfeitamente em Stonehenge. Depois da entrada, o terreno subia formando colinas verdes. Apesar de estar de noite, Harper pôde ver o campanário branco de uma igreja a despontar acima do cume dos morros, quase um quilômetro mais adiante.

No acostamento da estrada, logo após os totens que eram os dois blocos de granito, estava parada a carcaça queimada e enegrecida de um ônibus. Coberta de vegetação até a altura das rodas de ferro, havia sido carbonizada quase até o osso.

Antes de eles atravessarem a estrada, Pai Storey bateu duas palmas. Os quatro saíram juntos da mata e atravessaram o asfalto até a estradinha de terra. Um menino desceu os degraus do ônibus e se postou no vão da porta para aguardar sua aproximação.

Pai Storey tirou da boca o ovo branco e olhou de relance para trás na direção de Harper e suas muletas humanas.

– O ônibus pode ter cara de carcaça, mas não é totalmente. Os faróis funcionam. Se alguém desconhecido aparecer na nossa estrada, um menino dentro do ônibus espera os visitantes se afastarem e dá um sinal. Outro lá no campanário da igreja fica de olho no sinal. O olho do campanário vê todo mundo. – A frase o fez sorrir antes de continuar. – Se for preciso, podemos nos esconder em dois minutos. Fazemos simulações diárias. Isso graças a Ben Patchett... a ideia foi dele. As minhas ideias envolviam um sistema fantástico de apitos de pássaros e o possível uso de pipas.

O menino do ônibus tinha uma barba que fez Harper pensar nos vikings: um emaranhado rijo de arames cor de laranja. Mas o rosto por trás da barba era jovem e liso. Harper duvidava que o menino fosse mais velho do que Allie. Ele girava preguiçosamente um cassete em uma das mãos.

– Acho que não entendi direito o plano, Pai – disse ele. – Pensei que vocês estivessem indo *buscar* uma enfermeira para a gente, não alguém que *precisasse* de uma enfermeira. – Seu olhar percorreu os quatro rostos, e ele sorriu de um jeito preocupado. – Não estou vendo a Allie.

– Nós ouvimos um estrondo ensurdecedor, um rugido tremendo de violência insana e destruição sem sentido – disse Pai Storey. – É claro que Allie correu direto para lá. Tente não se preocupar, Michael. Ela está com o Bombeiro.

Michael assentiu, em seguida inclinou a cabeça na direção de Harper de um jeito quase cortês. Em seus olhos brilhava a inocência febril de alguém que tinha sido Salvo.

– Olá. Nós aqui somos todos amigos, enfermeira. É aqui que a sua vida vai recomeçar.

Ela retribuiu o sorriso, mas não soube como responder, e no instante seguinte já era tarde: Ben e Renée recomeçaram a carregá-la. Quando ela olhou para trás, o menino havia sumido dentro do ônibus.

Pai Storey estava prestes a recolocar sua bala de chiclete na boca quando viu Harper olhando para o objeto.

– Ah. É uma pequena compulsão que eu tenho. Uma mania que peguei depois de ler Samuel Beckett. Eu ponho uma bola de gude na boca para me lembrar de ficar calado e escutar de vez em quando. Passei décadas lecionando numa escola particular, e com tanta gente jovem por perto a ânsia de fazer sermões improvisados é muito forte.

Eles foram seguindo o caminho sinuoso pela vegetação escura, passaram por uma piscina vazia e por um estande de tiro onde cartuchos de latão cintilavam entre as folhas mortas. Tudo parecia abandonado havia tempos, aparência mantida a custo de algum esforço, como Harper ficaria sabendo mais tarde.

Por fim, chegaram ao alto do morro. No final do declive, no vale raso e coberto de grama abaixo deles, havia um campo de futebol. Crianças gritavam e perseguiam uma bola que reluzia com um verde pálido e espectral. Depois deles, em meio às árvores, assomavam-se uma garagem de barcos comprida e o negrume ondulante do mar.

A capela ficava à direita, afastada da estradinha. Ficava depois de um jardim de esculturas de dólmens cobertos de musgo e altos monolitos. O Parque dos Monumentos era uma coisa estranha e primitiva que protegia o acesso a uma igreja de aspecto inteiramente moderno, com um campanário alto e portas vermelho-vivo. A igreja podia ser um local de devoção, mas o jardim de esculturas mais parecia um lugar de sacrifício.

O que chamou a atenção de Harper em especial foi um grupo de seis adolescentes sentados em troncos de árvores em uma das quinas de uma imensa construção, que parecia um celeiro e se revelou ser o refeitório. Eles estavam reunidos em volta de uma fogueira que ardia com um fogo esquisito, dourado cor de rubi, como se as chamas estivessem brilhando através de um cristal vermelho.

Uma linda mulher de ombros esguios se balançava nessa luz rubra ondulante, tocando um ukulele. À primeira vista, poderia ter passado pela irmã gêmea de Allie. Mas não: era mais velha, vinte e poucos anos, talvez. Também tinha a cabeça raspada, embora houvesse mantido uma única mecha de cabelos pretos na testa, como uma vírgula. A tia, adivinhou Harper.

Ela guiava os outros numa canção, e suas vozes se entrelaçavam feito os dedos de dois namorados. Estavam cantando uma música antiga do U2 sobre como eram um só, mas diferentes, e como iriam amparar uns aos outros. Quando Harper passou, a mulher do ukulele levantou a cabeça e sorriu, e seus olhos brilhavam como duas moedas de ouro, e foi então que Harper viu que não havia fogueira nenhuma. Quem estava emitindo aquela luz eram *eles*. Eram todos tatuados com os arabescos e espirais da Escama do Dragão, que luziam qual uma tinta fosforescente sob uma luz negra, em matizes alucinatórios de vinho e azul. Quando eles abriram a boca para cantar, Harper viu que a luz tingia também a parte interna de suas gargantas, como se cada um deles fosse uma chaleira repleta de carvões em brasa.

Sentiu que jamais tinha visto algo tão assustador nem tão belo. Estremeceu, e por um instante teve consciência do próprio corpo debaixo das roupas, e uma sensação de que dedos acompanhavam delicadamente as linhas de Escama do Dragão sobre sua pele. Uma súbita tontura cambaleante a fez se balançar.

– Eles estão brilhando – murmurou ela, com a voz meio arrastada. Sua cabeça estava ocupada pela música que eles cantavam, e era difícil fazer qualquer pensamento atravessá-la.

– Você também vai brilhar – prometeu-lhe Ben Patchett. – No devido tempo.

– É perigoso? – perguntou ela baixinho. – Eles podem entrar em combustão fazendo isso?

Pai Storey tirou a pedra da boca e disse:

– A Escama do Dragão é igual a qualquer outra coisa que produz fogo, enfermeira Grayson. Pode-se usá-la para incendiar um lugar... ou para iluminar o caminho rumo a algo melhor. Aqui na Colônia Wyndham ninguém morre de combustão espontânea.

– Vocês venceram a escama? – perguntou Harper.

– Melhor do que isso – respondeu Pai Storey. – Ficamos amigos dela.

3

Harper acordou estremecendo de um sonho ruim, torcendo a roupa de cama.

Inclinada acima dela, Carol Storey segurava seu pulso com uma das mãos.

– Está tudo bem. Respira.

Harper aquiesceu. Estava atordoada, com os batimentos cardíacos tão acelerados que sua visão pulsava.

Perguntou-se quanto tempo havia dormido. Lembrava-se de ter subido os degraus até uma enfermaria meio carregada, lembrava-se de Ben Patchett e Renée Gilmonton seguindo suas cuidadosas instruções para colocar seu tornozelo no lugar e enfaixá-lo com rolos de atadura. Lembrava-se vagamente de Renée lhe trazendo água morna e umas cápsulas de paracetamol em gel, lembrava-se da mão seca e fria da mulher mais velha em sua testa e de seu olhar preocupado, atento.

– Com o que você estava sonhando? – quis saber Carol. – Consegue se lembrar?

Carol Storey tinha olhos imensos, sonhadores, e íris cor de chocolate salpicadas com as partículas douradas da Escama do Dragão. Fitas cor de ouro e ébano cingiam seus pulsos, e ela usava uma camiseta curta que subia e deixava à mostra cintos cruzados da escama acima de seus quadris. Aquilo a deixava com o visual de uma pistoleira gótica. Nos pontos em que a pele não tinha marcas, era tão pálida que chegava quase a ser translúcida. De tão delicada, parecia que, se Carol tropeçasse e caísse, poderia se estilhaçar feito um vaso de cerâmica.

Harper sentia os seios doloridos, uma espetada de calor seco no tornozelo fraturado, e os resquícios de um sono profundo tornavam seus pensamentos confusos e lentos.

– Meu marido escrevia um livro. Eu deixava o livro cair. As páginas se espalhavam para todo lado. E eu... eu acho que estava tentando colocar tudo na ordem antes de ele chegar em casa. Não queria que ele soubesse que eu tinha lido. – Houvera mais coisas, e bem piores, mas o sonho já estava se afastando, saindo de cena, feito uma pedra chutada para dentro da água funda.

– Achei melhor te acordar – falou Carol. – Você estava tremendo e fazendo uns barulhos horríveis, e bom... estava soltando um pouco de fumaça.

– Ah, é? – indagou Harper. Percebeu que dava para sentir um leve cheiro de algo carbonizado, como se alguém tivesse queimado algumas agulhas de pinheiro.

– Só um pouquinho. – Carol a encarou com um olhar dolorido de quem pede desculpas. – Quando você suspirou, saiu uma nuvem azul. É o estresse. Depois que você aprender a entrar para o Brilho, isso não vai mais acontecer. Quando você for mesmo uma de nós, quando fizer parte do grupo, a Escama do Dragão *nunca* vai te machucar. É difícil de acreditar, mas um dia você talvez até considere a escama uma bênção.

Harper ouviu na voz de Carol a crença inocente e absoluta dos fanáticos, o que a deixou consternada. Havia aprendido com Jakob a pensar em quem falava de bênçãos e fé como uma gente simplória e levemente enferma. Quem pensava que as coisas aconteciam por um motivo era digno de pena. Essas pessoas tinham aberto mão da curiosidade em relação ao universo em prol de uma história infantil reconfortante. Harper conseguia entender esse impulso. Ela própria era fã de histórias infantis. Mas uma coisa era passar uma tarde chuvosa de sábado lendo *Mary Poppins*, e outra bem diferente era pensar que a personagem de fato talvez pudesse aparecer na sua casa para se candidatar ao cargo de babá.

Deu o melhor de si para aparentar um interesse brando, mas sua consternação deve ter ficado aparente. Carol se balançou para trás na cadeira e riu.

– Foi um pouco de coisa demais, depressa demais? Você é nova aqui. Vou tentar ser suave com você. Mas vou logo avisando que por aqui os loucos mandam *mesmo* no hospício. O que o gato diz para Alice em *Alice no País das Maravilhas*?

– “Somos todos loucos por aqui” – respondeu Harper, e contra a própria vontade sorriu.

Carol aquiesceu.

– Meu pai queria que eu a levasse para dar uma volta, mostrar a colônia. Todo mundo quer conhecer você. A gente está atrasada para o almoço, mas Norma Heald, que administra o refeitório, prometeu manter a cozinha aberta até a gente comer.

Harper levantou a cabeça e estreitou os olhos em direção à janela; a escuridão que viu era tão completa que ela poderia estar num subterrâneo. A única ala da enfermaria tinha três leitos, separados por cortinas penduradas para proporcionar alguma privacidade; ela ocupava o do meio. Estava escuro quando pegara no sono e estava escuro agora, e ela não tinha a menor noção de que horas poderiam ser.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Carol falou:

– Umas duas da manhã. Você dormiu o dia inteiro... melhor assim, na verdade. Todo mundo aqui vive como vampiros: acorda quando o sol se põe, e volta para a cripta quando amanhece. Ninguém bebe sangue, ainda, mas se a nossa comida enlatada acabar é difícil dizer o que vai acontecer.

Harper se sentou e fez uma careta... o simples roçar do tecido de seu moletom de capuz nos seios doloridos e inchados bastou para fazê-los doer. E descobriu duas coisas.

A primeira foi que uma das cortinas estava aberta, e havia um menino sentado na cama de campanha ao lado da sua, um menino que ela reconheceu... um menino de cabelos escuros encaracolados e traços delicados de elfo. Da última vez que o viu, ele estava tendo uma crise aguda de apendicite, e tinha o rosto melado de suor. Não, não era exatamente assim. Supunha que o tivesse visto mais recentemente. Com certeza era ele quem fora à porta de sua casa com Allie usando a máscara do Tigre da Kellogg's. Agora, sentado de pernas cruzadas, ele a observava com a mesma atenção de uma criança diante de seu programa de televisão preferido.

A segunda foi que havia um rádio ligado, sintonizado em estática. O aparelho estava sobre uma bancada, ao lado do modelo em gesso de uma cabeça humana, com o crânio removido para expor o cérebro.

Harper lembrou que o menino era surdo, e moveu a mão numa lenta onda. Em resposta, ele levou a mão às costas, pegou uma folha de papel e lhe entregou. No papel havia um desenho, um desenho de menino pequeno, embora feito com habilidade, de um grande gato listrado andando por um gramado verde, com o rabo esticado para cima.

GATO TEMPORÁRIO, dizia a legenda abaixo do felino em movimento.

Harper encarou o menino com um olhar intrigado e um sorriso, mas ele já estava descendo da cama e indo embora trotando.

– Aquele era o Nick, né? – perguntou ela.

– Sim. Meu sobrinho. Um esquisito. É de família.

– E John é padrasto dele?

– O quê? – fez Carol, e foi impossível não notar o súbito viés na sua voz. – Não. De jeito nenhum. Minha irmã e John Rookwood namoraram por alguns meses, num mundo muito diferente. O verdadeiro pai do Nick morreu, e o John... bem, ele hoje quase não tem mais importância na vida do menino.

Harper achou aquilo não muito generoso, para não dizer injusto, levando em consideração que o Bombeiro havia carregado Nick no colo até o hospital e se mostrado disposto a brigar com um segurança e com todo mundo na fila para que ele fosse atendido. Descobriu também que esse não era um tema bem-vindo. Deixou o assunto John Rookwood para outro momento.

– Nick me deu um gato temporário. Por que ele me deu um gato temporário?

– É um bilhete de agradecimento. Você foi a enfermeira do hospital que salvou a vida dele. Aquela semana foi horrível. Eu perdi minha irmã. Pensei que fosse perder meu sobrinho. Harper, eu sabia que nós duas seríamos melhores amigas, e que eu ficaria louca por você *antes mesmo* de te conhecer. Por causa do que você fez pelo Nick. Quero que a gente tenha o mesmo pijama. Sou louca por você *a esse ponto*. Quisera *eu* ter um gato temporário para te dar de presente.

– Se o gato é temporário, eu preciso devolver?

– Não. Ele é só para você aguentar até o Nick te conseguir um gato *de verdade*. Ele está caçando um. Construiu umas armadilhas e arapucas complexas. Anda por aí com uma rede na ponta de uma vara, como se capturar gatos fosse igual a capturar borboletas. Fica enchendo o saco das pessoas para arrumarem erva dos gatos. Não tenho certeza se o animal que ele está caçando é real. Ninguém mais o viu. Estou começando a pensar que ele é que nem o Funga-Funga, sabe? O amigo do Garibaldi? Só existe na cabeça do Nick.

– Mas o Funga-Funga *era* real – disse Harper.

– Essa é a frase mais maravilhosa que eu já escutei. Quero isso gravado na minha lápide. *O Funga-Funga era real*. Nada mais. Só isso.

Harper não conseguiu apoiar o peso no pé direito, mas Carol passou um braço à sua volta e a ajudou a ficar em pé. Quando elas passaram mancando pelo rádio em cima da bancada, Carol estendeu a mão, hesitou um segundo, e girou o dial bem devagar por várias faixas de estática. O modelo anatômico da

cabeça humana as encarava com um ar de assombro e a boca escancarada. Era uma coisa grotesca, com uma das metades do rosto sem pele para expor os tendões e nervos embaixo, e um dos globos oculares suspenso num ninho vermelho e fibroso de músculos aparentes.

– O que foi? – indagou Harper. – Está tentando ouvir algo em especial?

– O Funga-Funga – respondeu Carol, e riu, e desligou o rádio.

Harper esperou ela explicar. Ela não o fez.

O refeitório ficava no alto do morro, com vista para o campo de futebol e a praia de seixos lá embaixo. Musgos e talos de grama amarelada brotavam das telhas do telhado, e as janelas estavam fechadas por tábuas, o que dava à construção um aspecto de prolongado desuso.

A impressão de abandono se dissipou assim que Carol abriu a porta com um empurrão e as conduziu até a área das mesas, um espaço pouco iluminado e cavernoso, com vigas expostas de pinho vermelho. Pratos faziam barulho na cozinha, e o ar estava perfumado com um cheiro de molho à marinara e carne de porco ensopada.

Pelo visto o almoço já tinha acabado, mas elas não eram as únicas ali. Renée Gilmonton estava sentada diante de uma mesa para dois em frente a um velho sujeito que usava uma boina de pescador grego, ambos curvados acima de cafés fumegantes. Na mesa ao lado havia um adolescente sentado sozinho, o que parecia um viking. Michael, lembrou Harper. Ele catava macarrão com um garfo num molho vermelho enquanto virava as páginas de um velho número da revista juvenil publicada pela Federação Nacional para a Vida Selvagem, a *Ranger Rick*, que lia à luz de uma vela dentro de um vidro de geleia. Na noite anterior, Michael lhe parecera ter talvez uns 17 anos. Agora, curvado acima de uma reportagem sobre “Os maravilhosos peixes-boi de Miami”, com os olhos arregalados de fascínio, parecia um menino de 10 anos com uma barba falsa.

Renée ergueu o queixo e cruzou olhares com Harper. Era um prazer e um alívio ter uma amiga naquele lugar, não estar totalmente sozinha entre desconhecidos. Harper pensou em outros almoços em outros refeitórios, e na ansiedade que advinha do fato de não ver nenhum rosto conhecido nem saber onde sentar. Desconfiou que Renée tinha ficado ali na esperança de cruzar com ela e ajudá-la a se adaptar... um pequeno ato de consideração pelo qual Harper sentiu uma gratidão indecente.

O balcão onde as pessoas se serviam era administrado por Norma Heald, uma imensa pilha de carne com os mesmos ombros largos e caídos de um gorila alfa. Era hora da limpeza após a refeição, e Harper viu uns dois adolescentes dentro da cozinha, mergulhando pratos dentro de água com sabão à luz de uma lamparina a óleo, mas Norma havia guardado um pouco de macarrão dentro de uma panela de alumínio e umas duas conchas de molho. Havia café, e uma lata de leite condensado para fazer as vezes de leite.

– Por um tempo a gente teve açúcar, e tudo vivia cheio de formiga. Formiga no café, formiga nos *muffins*, formiga no doce de pêssego – disse Carol. – Durante algumas semanas, as formigas foram minha principal fonte de proteína. Só que agora não tem mais açúcar! Só xarope. Sinto muito! Bem-vinda aos Últimos Dias!

– Acabou o açúcar, e daqui a pouco vai acabar o leite – falou Norma. – Eu servi duas latas de leite com o café, mas agora só sobrou uma.

– A outra acabou? – perguntou Carol. – Rápido assim?

– Não. Roubaram.

– Com certeza ninguém roubou uma lata de leite.

– Roubaram – repetiu Norma com um tom de voz mais próximo da satisfação do que da indignação. Sentada atrás do balcão, manteve-se ocupada durante todo o tempo em que falou com um par de agulhas prateadas que se moviam depressa para frente e para trás. Estava tricotando um imenso e disforme tubo de fio preto que poderia ter passado por uma camisinha para o King Kong.

Harper e Carol foram até a mesa de Michael, e Carol fez um gesto para Renée e o cara mais velho se aproximarem.

– Sentem aqui com a gente, vocês dois. Podemos dividir a Harper, todos nós! Tem bastante para todo mundo.

Eles se acomodaram ao redor da mesa, esbarrando os joelhos uns nos outros. Harper ergueu a mão para pegar o garfo, mas Carol segurou seus dedos antes de ela conseguir alcançar o talher.

– Antes de comer, vamos dar a volta no círculo e dizer uma coisa pela qual sentimos gratidão – disse ela, inclinando-se mais para perto de Harper e usando um tom confidencial. – Às vezes essa é a melhor parte da refeição. Vai fazer mais sentido depois de você provar a comida.

– Nós já lanchamos, mas não me importo de fazer os agradecimentos com vocês – disse o velho, que ainda não fora apresentado.

Renée apertou a outra mão de Harper, e ficaram todos sentados em roda, inclinados em direção à luz da única vela, como um grupo reunido para uma sessão espírita.

– Vou começar – disse Carol. – Agradeço pela mulher sentada ao meu lado, que salvou meu sobrinho quando ele teve apendicite. Agradeço por ela estar aqui, e por eu ter a chance de lhe mostrar quanto estou grata. Agradeço pelo bebê dela, porque bebês são sensacionais! Parecem umas linguicinhas roliças com rostos!

O sujeito mais velho falou com a cabeça baixa e os olhos semicerrados.

– Eu também agradeço pela enfermeira, porque 124 pessoas precisam de muitos cuidados, e eu estou sobrecarregado há meses. Sou o único nesta colônia responsável pelos cuidados médicos desde o final de agosto, e tudo que sei é o que aprendi na Marinha. Não quero dizer quanto tempo faz desde que estudei para entrar para o corpo de saúde, mas na época eles tinham acabado de eliminar o uso de sanguessugas.

– Quanto a mim, acho que aquilo por que mais agradeço é estar num lugar onde as pessoas me amam – disse Michael. – Pessoas como Tia Carol e Pai Storey. Eu faria qualquer coisa por eles, para manter este lugar seguro. Já perdi uma família. Preferiria morrer a perder outra.

– Eu agradeço por ter almoçado comida quente – falou Renée. – Mesmo que tenha sido um ragu de apresuntado. Também agradeço pelo fato de esta colônia ter um exímio pescador como Don Lewiston, e vou agradecer mais ainda quando chegar de novo a minha vez de pescar. – Ela meneou a cabeça para o homem mais velho. Então olhou de lado para Harper e tornou a falar. – E agradeço *muito* por encontrar minha amiga do Hospital de Portsmouth, que passava dezoito horas por dia entre os doentes assobiando músicas da Disney e tentando manter o astral de milhares de pacientes doentes e aterrorizados. Toda vez que ela entrava no recinto, sentia que as nuvens se abriam depois de um mês inteiro nublado. Ela me fez querer seguir em frente quando não havia mais nenhum outro motivo.

Harper não teve certeza de que conseguiria encontrar a própria voz; foi pega de surpresa por uma emoção inesperada. Nos dias em que trabalhava no Hospital de Portsmouth, sentia-se tão útil quanto o vaso de hortelã de Renée, e o fato de ouvir alguém lhe dizer o contrário a pegou despreparada. Por fim, conseguiu falar:

– Eu agradeço pelo simples fato de não estar mais sozinha.

Carol apertou seus dedos.

– Eu agradeço muito por fazer parte desta roda. Somos todos vozes do mesmo coro, e juntos entoamos nosso obrigado.

E por um instante aconteceu outra vez: uma luz pulsou nos olhos de Carol, e suas íris se transformaram em anéis de luz verde espectral. Os olhos de Michael também se acenderam, e Harper viu um arrepio brilhante de partículas vermelhas e douradas percorrer as curvas da Escama do Dragão em seus braços nus.

Soltou a mão de Carol como se tivesse levado um choque físico. Mas então a estranha luz sumiu, e Carol a encarou com um ar travesso.

– Assustei você, né? Mas vai se acostumar. Um dia também vai acontecer com você.

– É meio assustador – disse Harper. – Mas também é... bem, parece magia.

– Isso não é magia. É um milagre – disse Carol, como alguém que identifica a marca de um carro novo: *Isso é um Miata*.

– O que acontece quando vocês acendem assim? – quis saber Harper. Algo então lhe voltou à memória, e ela olhou para Renée com uma expressão que foi quase de acusação. – É a mesma coisa que aconteceu com a senhora no hospital. A senhora fugiu correndo coberta de luz. Todo mundo pensou que fosse explodir.

– Eu também pensei – falou Renée. – Esbarrei nisso por acidente. Eles chamam de entrar para o Brilho.

– Ou para a Rede – disse Michael. – Mas acho que só o pessoal da minha idade diz isso. Muitos amigos meus brincam dizendo que é só mais uma rede social. Só que eles meio que não estão brincando.

– Você provavelmente entende que a Escama do Dragão reage mal ao estresse – disse Carol.

Don Lewiston, o velho, riu.

– É um jeito de dizer as coisas.

– É porque ela sente o que você sente – continuou Carol. – Esse é um conceito muito poderoso. Fico surpresa que mais pessoas não tenham seguido essa linha de raciocínio para ver aonde ela vai dar. Se você conseguir criar uma sensação de segurança, bem-estar e aceitação, a Escama do Dragão vai reagir de um jeito bem diferente: fazendo você se sentir mais vivo do que jamais se sentiu. Vai tornar as cores mais nítidas, os sabores mais pronunciados, as emoções mais fortes. É como ser incendiado pela *felicidade*. E você não sente só a *sua* felicidade. Sente também a de *todos os outros*. De todo mundo à

sua volta. Como se todos nós fôssemos notas sendo tocadas juntas num único e perfeito acorde.

– E você não pega fogo – disse Michael, torcendo a mola cor de laranja da barba.

– Não parece possível – falou Harper. – Como funciona?

– Com harmonia – respondeu Carol.

– Harmonia?

– Ou pelo menos conexão – disse Renée. – Uma conexão social forte. John tem umas teorias interessantes sobre isso, se você conseguir fazer ele falar. Ele uma vez me disse...

O semblante de Carol escureceu. Uma artéria que pulsava em sua têmpora direita engrossou.

– John Rookwood não está aqui e *não quer* estar aqui. Prefere manter distância. Assim é mais fácil manter seu próprio mito pessoal. Eu sinceramente acho que ele nos despreza.

– Acha mesmo isso? – indagou Renée. – Nunca tive essa impressão. Eu diria que ele *cuida* de nós. Se ele tem uma visão condescendente da colônia, tem um jeito engraçado de demonstrar isso. Afinal, foi ele quem guiou a maioria de nós até aqui.

Fez-se um silêncio constrangedor. Renée encarava Carol com uma curiosidade inocente. Carol, por sua vez, não a encarou. Em vez disso, tomou um grande gole de café, um gesto inócuo, descontraído, mas que Harper interpretou sem dificuldade. Por um segundo, houvera ódio na sua expressão. Na noite anterior, na mata, John havia deixado bem claro que não era nenhum fã de Carol Storey; pelo visto, o sentimento era recíproco.

Michael foi o primeiro a falar e a pôr panos quentes no mal-estar.

– O jeito mais fácil de entrar para o Brilho é cantar. Todo mundo, a colônia inteira, se reúne na igreja diariamente depois do café da manhã para uma grande cantoria, e a gente sempre brilha. Você também vai brilhar. Talvez não aconteça de primeira, mas você não deve desistir. Quando acontece, é como se alguém tivesse te plugado numa pilha gigante. Como se todas as luzes da sua alma estivessem se acendendo pela primeira vez na sua vida. – Os olhos dele exibiam uma expressão brilhante e quente que fez Harper sentir vontade de checar se ele estava com febre.

– Na primeira vez em que eu entrei para o Brilho, não fazia a menor ideia do que estava acontecendo comigo – contou Renée. – Dizer que eu fiquei surpresa é um eufemismo, enfermeira Grayson.

– É melhor a senhora começar a me chamar de Harper – disse ela. Não acrescentou que agora não se chamava mais Grayson. Esse era o sobrenome de Jakob, e ela sentia que deixara tudo que tinha relação com Jakob para trás, lá na mata. Seu sobrenome de solteira era Willowes, derivado de *willow*, salgueiro. Ela sentira saudade do jeito como ele se desenrolava em sua língua, e pensar no seu antigo sobrenome lhe sendo devolvido foi como uma outra escapatória, uma escapatória bem mais agradável e pacífica do que o seu salto pela janela do quarto.

– Harper – disse Renée, ensaiando o nome. Sorriu. – Não sei se vou conseguir me acostumar, mas vou tentar. Bem, *Harper*. Eu estava lendo para as crianças. Estávamos lendo *A fantástica fábrica de chocolate*, e parei para cantar a música “The Candy Man” do filme. Algumas das crianças sabiam a letra, e começaram a cantar comigo. Foi um momento tão legal, de tanta paz, que eu esqueci que estávamos todos doentes. Tive aquela sensação liquefeita de fascínio que dá quando a gente fica na frente de uma fogueira depois de tomar uns tragos. E de repente as crianças começaram a gritar. O tempo começou a passar viscoso e lento. Lembro que uma das crianças derrubou meu vaso de hortelã da minha mesinha de cabeceira, e foi como se eu tivesse tido meia hora para estender a mão e aparar sua queda. E quando o fiz vi que meu braço inteiro estava banhado de luz. Achei aquilo tão lindo que não fui capaz de ficar aterrorizada. Mas aí alguém deu um grito agudo: *Se afasta dela, ela vai explodir!* E na mesma hora pensei: *Vou mesmo! Vou explodir feito uma granada!* Às vezes eu acho que as pessoas ficam um pouco mais sugestionáveis quando entram nesse estado. O Brilho. Então saí correndo o mais depressa que pude, levando meu pé de hortelã. Passei direto por duas duplas de seguranças e por meia dúzia de médicos e enfermeiros, passei pelo estacionamento, e cheguei à campina ao sul do hospital. Quando pisei na campina, pensei que fosse tocar fogo no capim, mas não. A luz levou um tempinho para se apagar, e depois fiquei me sentindo trêmula e embriagada.

– Embriagada?

– Ah, sim – disse Don Lewiston. – Quando você entra para o Brilho, fica bem doidona. Principalmente nas primeiras vezes. Esquece até o próprio nome.

– Esquece o quê?

– *Muitas* pessoas esquecem o próprio nome na primeira vez – disse Carol. – Eu acho isso a parte mais linda de todas. Tudo aquilo que você acha que te define é removido feito um embrulho de Natal. O Brilho te reduz à sua parte mais verdadeira, à sua melhor parte, à versão de você que vai mais fundo do que um nome ou do que o time de futebol para o qual você torce. E você adquire consciência de si mesmo

como apenas uma folha numa árvore, e todos aqueles que você conhece e ama são as outras folhas.

Um salgueiro, pensou Harper Willowes, e estremeceu.

– Na primeira vez em que entrei no Coro, esqueci o rosto do meu pai, o som da voz da minha mãe, e o nome do navio no qual passei os últimos vinte anos – disse Don Lewiston. – Quis beijar todo mundo que eu via. Ah, e fiquei generoso pra caramba. Lembro que foi na capela, depois de uma bela cantoria. Eu estava sentado ao lado de uns dois caras jovens, quase explodindo de vontade de dizer a eles o quanto os amava, e tudo que consegui pensar em fazer foi tirar as botas e tentar lhes entregar. Um pé para cada um, assim eles sempre teriam algo que os fizesse lembrar de mim. Eles riram da minha cara feito adultos tirando sarro de um pirralho que acabou de tomar a primeira cerveja.

– Por que a senhora não voltou para o hospital? – perguntou Harper a Renée. – Depois... de entrar para o Brilho?

– No começo nem pensei nisso. Simplesmente não estava raciocinando direito. Continuava segurando meu pé de hortelã, e me ocorreu que o lugar dele não era dentro de um vaso, que era *cruel* deixar ele num vaso. Senti vergonha por todos os meses em que o mantivera prisioneiro. Entrei bem dentro da mata e fiz uma agradável e silenciosa cerimôniazinha de plantio. Então fiquei sentada com meu pé de hortelã e a cara virada para o sol, praticamente mais contente do que jamais me sentira na vida. Acho que eu pensava que fosse começar a fazer fotossíntese junto com a minha planta. Em determinado momento, ouvi um galho se partir, abri os olhos, e me deparei com o Capitão América e o Tigre da Kellogg's. E sabe de uma coisa? Não fiquei nem um pouco surpresa em ver os dois. Pela lógica, um super-herói e um menino-tigre pareciam ser exatamente a parte seguinte do meu dia.

– Allie – disse Harper. – E Nick. Nick! E ele? Como pode participar das suas cantorias e brilhar junto com vocês se ele não escuta?

Os outros se entreolharam e irromperam numa gargalhada feliz, como se Harper tivesse dito algo muito espirituoso.

– Nick é um talento nato – disse Carol. Ele conseguiu brilhar antes mesmo de mim. Mas por quê... *por que* é tão fácil para ele entrar para o Brilho... isso é uma pergunta que nenhum de nós é capaz de responder. Segundo ele, o fato de *ele* não conseguir ouvir música não significa que a Escama do Dragão não consiga. Meu pai diz que é outro milagre. Ele acredita muito em milagres. Acho que eu também. Vem, Harper, quero te mostrar o resto da colônia.

– Se quiser uma muleta, te empresto meu ombro – falou Michael.

Na saída, eles pararam para depositar a louça suja num latão de água cinza com sabão, e Harper olhou de relance para os dois adolescentes que trabalhavam na cozinha. Eles estavam secando copos à mão enquanto ouviam rádio.

Um rádio sintonizado em estática.

5

No vale, as crianças perseguiam outra vez uma bola de futebol, e a bola verde espectral corria para lá e para cá, como um fogo-fátuo que fumou crack.

– Não sei como vamos conseguir cansá-los quando começar a nevar – comentou Carol.
– O que acontece quando neva?
– O Sr. Patchett disse que vamos ter que tomar mais cuidado com a nossa movimentação fora da colônia – disse Michael. – Se deixarmos rastros, alguém poderia ver de cima. Não estou ansioso para quando essa parte do inverno chegar.

– Quando você chegou aqui na colônia, Michael? – quis saber Harper.
– Depois que as minhas irmãs morreram queimadas – respondeu ele sem qualquer vestígio de abalo. – Elas queimaram juntas. Ainda estavam abraçadas quando eu as apaguei. Uma bênção, acho eu. Elas não morreram sozinhas. Tiveram uma à outra para se reconfortar. Foram embora deste mundo, mas eu as ouço sussurrar para mim no Brilho.

– Às vezes, quando estou no Brilho, eu poderia jurar que sinto minha irmã bem do meu lado, tão perto que eu poderia repousar a cabeça no seu ombro como costumava fazer – disse Carol. – Quando nós brilhamos eles todos voltam, sabe? A luz que produzimos juntos revela tudo que já foi perdido para a escuridão.

Harper reprimiu um calafrio. Quando eles falavam sobre o Brilho, todos exibiam a mesma felicidade descomplicada de autômatos.

Carol levou Harper até o jardim de altos monólitos e altares de pedra pagãos.
– Há boatos de que estas pedras têm milhares de anos, e foram postas aqui por uma tribo antiga com o auxílio de tecnologia alienígena. Mas meu pai diz que elas foram trazidas para cá da pedreira de Ogunquit, e é por isso que é melhor nunca perguntar a ele sobre nada realmente interessante.

Quando estava no meio das pedras, Harper pôde ver plaquinhas de latão aparafusadas nos portentosos pilares de granito. Uma listava o nome de dezessete rapazes mortos na lama do leste da França durante a Primeira Guerra Mundial. Outra enumerava 34 rapazes mortos nas praias do oeste da França durante a Segunda. Harper pensou que todas as lápides deveriam ser daquele tamanho, que as pequenas pedras que se via na maioria dos cemitérios nem sequer começavam a expressar a enormidade repugnante de perder um filho virgem a milhares de quilômetros de distância, na lama e no frio. Era preciso algo tão grande que desse a sensação de poder desabar e esmagar você.

– Aqui é a nossa igreja – disse Carol. – Se você subir no campanário num dia claro, dá para ver até o Maine. Só que você não vai querer olhar para o Maine. Não tem nada lá no norte a não ser fumaça preta e raios. De manhã, a gente vem aqui cantar e compartilhar o Brilho, e em geral meu pai diz algumas palavras. Depois o lugar serve de sala de aula. – Ela apontou para um caminho que entrava por entre os sumagres e abetos. – Eu moro ali atrás, no meio da mata, na casinha branca pintada com a grande estrela preta. Moro com meu pai. Às vezes me sinto culpada por isso. Provavelmente deveria ficar com as outras mulheres no dormitório feminino, que é a nossa próxima parada. Meu pai diz que eu posso sair de casa quando quiser para ficar com as outras, mas sei que, se eu fosse embora, ele jamais conseguiria dormir. Tomaria café demais, ficaria preocupado, começaria a andar de um lado para outro e se preocuparia mais ainda. Ele já dorme só cinco horas por noite, e mesmo assim preciso lhe dar um remédio. Vem! Deixa eu mostrar onde guardo o meu harém!

Carol a conduziu até os fundos da capela, onde quatro degraus de pedra levavam para dentro de um buraco cujo tamanho, formato e profundidade eram os de uma tumba. No fundo daquele buraco havia uma porta velha com dobradiças enferrujadas, entreaberta para dentro do subsolo.

– A partir daqui vocês vão ter que se virar sem a gente – disse Michael, meneando a cabeça para Don. – Não podemos entrar.

– Isso daí não é lugar para dois jovens rapagões como nós – disse Don Lewiston. – Todas essas mulheres tirando a sua roupa com os olhos, tramando jeitos de usar você para satisfazer suas necessidades reprimidas... um homem decente sente que tem sorte se escapar com a vida e a virgindade intactas.

Michael abaixou a cabeça, e um rubor escureceu seus traços pálidos. Don deu uma risada.

Carol balançou a cabeça e estalou a língua.

– Michael Martin Lindqvist Jr., é mesmo muito engraçado deixar você encabulado.

– Se você não tiver nenhuma cinta-liga, pode pegar emprestada uma das minhas – disse Renée. – Uma das regras do dormitório feminino é que ninguém pode usar roupa nenhuma a não ser lingerie francesa. Espartilhos, essas coisas.

– Eu *não* vou escutar nenhuma de vocês – disse Michael. – Vou me guardar para o casamento.

Ele entregou Harper a Carol e se afastou depressa, numa velocidade bem próxima da corrida. Don Lewiston seguiu calmamente atrás, com as mãos nos bolsos, assobiando a canção naval britânica “Spanish Ladies”.

Carol ajudou Harper a descer. Do outro lado da porta havia outros degraus, que desciam mais para dentro do morro.

O recinto abaixo da capela era um espaço único, enorme, com teto sustentado por colunas de tijolo caiado. Camas de campanha formavam um labirinto na altura dos joelhos sobre o piso de cimento esburacado. Havia cerca de trinta mulheres ali, sentadas nas camas, ou então em pé junto a uma mesa dobrável encostada na parede dos fundos, onde havia uma cafeteira.

Michael e Don, na verdade, poderiam ter descido os degraus com segurança sem medo de irem parar num jardim das delícias forrado de seda. O lugar exalava um cheiro nada sexy de umidade e naftalina, e a maioria das moças tinha o aspecto descorado de quem não via a luz do dia há um bom tempo. Não havia nenhuma cinta-liga à vista, mas muitas meias molhadas penduradas em canos para secar. O estilo dominante era Exército da Salvação *chic*.

Junto ao pé da escada havia um cavalete, do tipo que as lanchonetes colocam na calçada para anunciar as sugestões do dia. Harper parou para ver o que estava escrito ali em giz:

REGRAS DA CASA

NADA DE CELULAR, JAMAIS! O SEU CELULAR DEVERIA
TER SIDO ENTREGUE A UMA SENTINELA!

VIU ALGUMA COISA, OUVIU ALGUMA COISA... FALE ALGUMA COISA!

TUDO MUNDO TEM UM TRABALHO A FAZER! SAIBA QUAL É O SEU!

COMIDAS, BEBIDAS E MATERIAL MÉDICO PERTENCEM A TODOS! É PROIBIDO ACUMULAR!
É PROIBIDO SAIR DURANTE O DIA!

ESCUTEM AS SENTINELAS! ISSO PODE SALVAR SUA VIDA!

NÃO SAIAM DA COLÔNIA SEM PRIMEIRO FALAR COM UMA SENTINELA!

ARMAS SÃO TERMINANTEMENTE PROIBIDAS!

SEGREDOS TAMBÉM!

A SEGURANÇA É PROBLEMA DE TODOS!!!

Aja como se todo mundo dependesse de você!
Porque Depende Mesmo!!

– Rápido – disse Carol. – Qual é a sua música preferida, a celebridade por quem você é apaixonada, e o nome do seu primeiro animal de estimação?

– “You’ve Got a Friend in Me”, Ewan McGregor, principalmente por causa de *Moulin Rouge*, e meu primeiro animal de estimação foi um schnauzer chamado Bert, porque ele era preto feito fuligem e me fazia pensar nos limpadores de chaminé de *Mary Poppins*.

Carol subiu numa cadeira, limpou a garganta com um tossido e acenou com um dos braços acima da cabeça para chamar a atenção das presentes.

– Ei, todo mundo! Esta aqui é a Harper! Ela é a nossa nova enfermeira! “You’ve Got a Friend in Me”, Ewan McGregor, e um schnauzer chamado Bert! Vamos dar um viva bem forte para a enfermeira Harper!

Sua fala foi seguida por uma mistura de vivas, aplausos e boas-vindas. Allie Storey jogou um sutiã na cabeça de Harper. Alguma outra pessoa gritou:

– Harper de quê?

Carol abriu a boca para responder, mas Harper falou primeiro.

– Willowses – gritou. – Harper Willowses! – E arrematou para si mesma, em voz mais baixa. – De novo. Pelo visto.

Carol conduziu Harper por um caminho sinuoso entre as camas até uma delas, bem-arrumada e localizada próximo ao centro da sala. A bolsa de lona de Harper já tinha sido posta sobre o travesseiro.

Ela abriu a fivela e olhou dentro da bolsa. Suas roupas tinham sido recolhidas e arrumadas em pilhas bem-feitas. Por cima do resto estava *A mãe portátil*. Harper dobrou seu Gato Temporário e o pôs dentro da capa do livro. O primeiro bicho de estimação do seu filho.

– Eu deveria agradecer ao Sr. Rookwood por ter recolhido minhas coisas – disse ela, só lembrando depois de as palavras lhe saírem da boca que pelo visto o Bombeiro não era o tema preferido de Carol Storey. Como já era tarde, porém, concluiu num tom leve. – Onde eu poderia encontrá-lo?

Dessa vez não houve nenhum olhar de raiva ou desprezo. Em vez disso, Carol a encarou com uma expressão suave, quase vazia, então lhe deu um soquinho de leve no braço.

– Vamos lá para fora outra vez. Vou mostrar para você.

Mesmo com a ajuda de Carol, quando elas subiram os degraus em direção à noite, o tornozelo de Harper rangeu dolorosamente. A temperatura havia caído. O ar agora tinha uma textura: mil grãosinhos trêmulos de quase-chuva vinham do oceano soprados pelo vento.

Ficaram as duas sozinhas em pé na quina nordeste da capela, uma das de trás. Carol apontou para o campo de futebol, para os pinheiros e para a garagem de barcos lá embaixo. Em meio à escuridão tumultuosa da água havia um negrume ainda mais escuro: uma pequena ilha.

– É lá que ele está – disse Carol. – John Rookwood. Ele não vem à igreja. Não come com a gente. Prefere ficar sozinho.

– O que ele está fazendo lá?

– Não sei. É segredo. O segredo dele. Ele nunca sai da ilha por muito tempo, e ninguém sabe por quê. Histórias diversas circulam. *Ela* morreu lá, você sabe. Minha irmã. Pegou fogo e quase levou Nick junto. Vai ver John está lamentando a morte dela. Vai ver está fazendo penitência. Vai ver só gosta de ser misterioso.

– Penitência? Ele se culpa, por algum motivo?

– Tenho certeza que sim – respondeu Carol, e embora o seu semblante estivesse cuidadosamente controlado, Harper tornou a escutar um viés na sua voz, uma navalha de emoção. – Não que seja culpa dele. Ele não estava na ilha quando aconteceu. Não. Minha irmã não precisou de ajuda nenhuma pra se matar. Ela se virou muito bem sozinha. – Carol olhou de lado para Harper e tornou a falar. – Mas uma coisa posso dizer: não deixo mais os meninos irem lá, o Nick e a Allie. Acho que o John entende. Você mesma talvez não queira criar o hábito de aparecer para visitinhas sociais. As pessoas que chegam perto demais do John tendem a se consumir em chamas.

6

Após um desjejum de aveia macia com leite e café amargo, chegou a hora do culto.

Ben Patchett, outra vez sua muleta, ajudou-a a sair para a noite de outubro mais quente do que o normal. Vaga-lumes zanzavam pela escuridão perfumada. O burburinho de animação e prazer que vinha da multidão à sua volta lembrava pequenos parques de diversões interioranos, rodas-gigantes e churros.

Eles entraram na capela estreita, de pé-direito baixo, sob vigas expostas cheias de farpas. A nave era uma comprida caixa de sombras, com tábuas nas janelas para não deixar a noite entrar e o imenso espaço iluminado apenas por umas poucas velas. Sombras gigantescas se agitavam sem parar nas paredes, mais nítidas do que as pessoas que as projetavam.

Harper manteve um dos braços sobre os ombros de Ben Patchett enquanto ele a guiava até uma fileira de bancos na metade do corredor. Outro homem se espremeu do seu lado direito, um sujeito baixinho, roliço e um pouco mais velho do que Ben, de bochechas rosadas e com a mesma pele lisinha de um bebê. Ben o apresentou como Nelson Heinrich, que numa vida anterior era dono de uma loja chamada Christmas-Mart, “mercado de Natal”, o que talvez explicasse por que estava usando um suéter com uma rena estampada quando o Halloween acabara de passar.

O alegre burburinho silenciou quando Pai Storey subiu no tablado. Ele empurrou os óculos mais para cima do nariz, espiou com olhos de coruja o próprio hinário, então anunciou:

– Se puderem abrir na página 332, hoje vamos começar com um hino simples, porém honrado, apreciado pelos Pais Peregrinos nos primeiros tempos dos Estados Unidos da América.

A instrução provocou um pipocar de risadas, mas Harper só entendeu o motivo quando Nelson abriu o hinário na página certa. Não era um hinário de verdade, mas sim um livro de canções de colônia de férias para meninos e meninas, e a canção na página 332 na verdade era “Holly Holy”, do Neil Diamond. Harper aprovou aquilo. Se havia alguém capaz de salvar sua alma, era Neil Diamond.

Carol se levantou do banco atrás do órgão e andou até a frente do tablado. Ergueu o ukulele em agradecimento a uma pequena salva de palmas.

Nelson se inclinou até o ouvido de Harper e disse, numa voz um tanto alta:

– É fácil, você vai ver! Não tem nada de mais! É só relaxar e gozar! – *Uma afirmação infeliz cheia de conotações infelizes*, pensou Harper.

Ben fez uma careta e acrescentou:

– Nem sempre vem na hora. Não se preocupe se nada acontecer com você hoje. Seria incrível se alguma coisa acontecesse! Como fazer um strike no boliche na primeira vez em que pegasse numa...

Mas ele não teve a chance de terminar. Carol começou a tocar, soltando a melodia que soava tanto como uma marcha militar quanto como um gospel. Quando todos começaram a cantar, mais de cem vozes a ecoar na penumbra, um pombo se assustou nas vigas do teto.

Allie e Nick estavam na fileira logo à frente de Harper, e a primeira vez em que ela notou que algo estava acontecendo foi quando o menino virou a cabeça e lhe sorriu, e seus olhos em geral cor de água-marinha eram dois anéis de luz dourada.

Os cordões da Escama do Dragão nas costas da mão de Ben Patchett se acenderam como fios de fibra ótica preenchidos por luz.

Uma claridade aumentou vinda de todas as direções e se sobrepôs à luz fraca e vermelha das velas. Harper pensou numa explosão atômica num deserto. O som da canção foi aumentando junto com a luz, até Harper conseguir ouvir todas aquelas vozes dentro do próprio peito.

No tablado, o vestido branco preso por um cinto que Carol usava se tornou diáfano, e o corpo dentro dele pintado de luz. Ela não pareceu ligar ou perceber. Harper não pôde evitar pensar nas mulheres nuas que pareciam alucinações dando piruetas nos créditos dos filmes do James Bond.

Sentiu que estava sendo engolida por todo aquele barulho. A claridade não era bela, mas sim terrível, como ser surpreendido por faróis vindo desembestados na sua direção.

Ben tinha um dos braços ao redor da sua cintura, e inconscientemente massageava seu quadril num gesto que ela achou repulsivo, mas do qual não conseguiu se desvencilhar. Olhou de relance para Nelson, e viu que ele estava usando uma gargantilha de luz. Quando ele abriu a boca para berrar a estrofe seguinte, viu sua língua brilhar com um tom de verde tóxico.

Pensou se, caso começasse a gritar, alguém a escutaria com todas aquelas vozes. Não que fosse gritar: havia perdido o fôlego, nem conseguia cantar. Se não fosse o tornozelo fraturado, poderia ter saído correndo.

A única coisa que lhe permitiu chegar ao fim da canção foram Renée e Don Lewiston. Eles estavam sentados do outro lado do corredor e um pouco mais perto do tablado, mas Harper podia vê-los por uma brecha entre as pessoas. Renée tinha virado a cabeça para olhar na sua direção, e sorria com uma expressão de empatia. Os arabescos da escama em volta do seu pescoço brilhavam, mas era um brilho meio desbotado, e a luz não tinha chegado aos seus olhos límpidos e bondosos. Mais importante ainda, ela *ainda estava ali*, ainda presente, prestando atenção. E foi então que Harper entendeu o que tanto a incomodava nos outros.

De algum modo, Ben e Nelson, Allie e Nick, e todos os outros na capela tinham abandonado o recinto, deixando para trás lamparinas feitas de pele humana. Seu pensamento fora substituído por luz e sua personalidade por harmonia, mas Renée continuava ali... e Don Lewiston também, cantando com obediência mas sem emitir brilho algum. Mais tarde. Harper ficou sabendo que Don só às vezes conseguia brilhar com os outros. Quando ele acendia, era com grande intensidade, mas na maioria das vezes a canção não tinha qualquer efeito sobre ele. Don falou que era porque o seu ouvido era insensível à música, mas Harper não se convenceu. Sua voz de baixo ribombante e áspera tinha uma afinação perfeita, e ele cantava com uma segurança casual, desinteressada.

Harper deu um sorriso fraco para Renée, mas sentia-se tonta e enjoada. Teve de fechar os olhos para suportar o ataque do último e estrondoso verso; sua Escama do Dragão comichou de forma desagradável, e o único pensamento que ela conseguiu ter foi: *Para, para, para...* e quando tudo acabou e a igreja irrompeu em risos, assobios e palmas, ela teve de se segurar para não chorar.

Ben acariciava distraidamente seu quadril. Harper teve certeza de que ele nem percebia que estava fazendo aquilo. Os fios de luz onde a sua escama era visível estavam perdendo o brilho, mas seus olhos conservavam um verniz metálico. Ele a encarou com afeto, mas sem muito reconhecimento.

– *Hmmmnnada?* – indagou ele. Sua voz tinha uma qualidade melodiosa, musical, como se ele houvesse acabado de acordar de um cochilo repousante. – Sem sorte? Eu não estava prestando atenção. Meio que me deixei levar por um tempo.

– Sem sorte – respondeu Harper. – Talvez seja o meu tornozelo. Ele passou a manhã toda doendo, e está me distraindo um pouco. Talvez na próxima música eu fique só sentada deixando ele descansar.

E ela de fato passou a música seguinte sentada. Sentada e de olhos fechados para impedir a entrada do forte brilho que se parecia tanto com faróis vindo na sua direção.

Ficou sentada e esperou ser atropelada.

Na noite de Ação de Graças, Harper acordou de um sonho com Jakob e com *O arado da desolação*. Sentiu cheiro de fumaça e não entendeu o que estava queimando, então se deu conta de que era ela.

Não estava em chamas, mas a listra em sua garganta havia chamuscado a gola da camiseta do Coldplay, que estava preta e soltando fumaça. Por baixo da camiseta, a sensação que tinha era como a de passar repelente sobre a pele arranhada, só que por toda parte.

Jogou longe as cobertas com um grito e arrancou a camiseta. A listra marcava sua pele com linhas pretas retintas salpicadas com grãozinhos de luz vermelha venenosa. A ardência de água-viva aumentou, tornando impossível qualquer pensamento.

O ruído que se erguia à toda sua volta, das outras mulheres se mexendo na cama, a fez pensar de modo bem pouco caridoso em pombos alçando voo depois de levarem um susto: um arrulho nervoso. Então Allie estava com ela. Passou as pernas em volta da sua cintura e a prendeu por trás. Começou a cantar num sussurro suave, quase inaudível, com os lábios bem próximos do seu ouvido. No instante seguinte, Renée apareceu ao seu lado e segurou sua mão no escuro, entrelaçando os dedos nos seus.

– Você não vai pegar fogo – disse Renée. – Ninguém aqui pega fogo, é uma das regras. Quer quebrar as regras e arrumar problemas com a Carol Storey para todas nós? Respira fundo, enfermeira Willowes. Respira grande, bem fundo. Junto comigo, agora: *iiiinspira*. Expira. *Iiinspira*.

E Allie começou a cantar aquela música antiga do Oasis. Com uma voz doce e destemida, cantou que Harper era o seu *wonderwall*, seu “muro das maravilhas”. Chegou até a cantar com sua voz de Bombeiro, numa imitação encantadora e debochada do sotaque típico de Londres.

Harper só começou a chorar quando a Escama do Dragão perdeu a força e se apagou, e a dor começou a passar. O que ficou foi uma sensação dolorida de queimadura de sol por todo o esporo.

Allie parou de cantar, mas continuou a segurá-la. Seu queixo ossudo estava pousado confortavelmente no ombro de Harper. Renée esfregava os nós dos seus dedos com o polegar de um jeito amoroso, maternal.

Em pé no escuro, a quatro passos da cama de Harper, Nick Storey a observava com um ar preocupado. Ele era o único menino a dormir no dormitório feminino, onde dividia uma cama com a irmã mais velha. Com uma das mãos, segurava um apito vai e vem contra o peito. Não era capaz de ouvi-lo, mas sabia que poderia tocá-lo para chamar o Bombeiro. E de que adiantaria? Talvez o Bombeiro trouxesse uma mangueira para aspergir as cinzas dela.

– Isso, garota – falou Renée. – Está tudo bem. Acabou. Poderia ter sido pior.

– Também poderia ter sido melhor – falou Allie. – Você acaba de perder uma oportunidade perfeita de queimar uma camiseta horrível do Coldplay. Se eu algum dia entrar em combustão espontânea, espero estar segurando uma pilha de CDs dessa banda.

Harper emitiu sons que poderiam ter sido uma risada, ou então poderiam ter sido soluços; nem mesmo ela soube ao certo o que eram. Talvez um pouco dos dois.

8

Harper saiu para a noite com sua camiseta do Coldplay chamuscada, e junto com os outros andou na direção do refeitório e do desjejum. Caminhou sem olhar para onde estava indo, deixando a maré humana carregá-la.

Um sonho. Um sonho que quase a havia matado. Jamais imaginara que ir dormir pudesse ser tão perigoso quanto uma taça de vinho com Jakob e um revólver carregado.

No sonho, ela estava estourando de grávida, tão imensa que era uma visão ao mesmo tempo terrível e cômica. Tentava correr, mas o melhor que conseguia era um passo desengonçado, trágico e hilário. Segurava *O arado da desolação* com força junto aos seios inchados e doloridos, e suas páginas estavam pegajosas de sangue. O manuscrito estava todo marcado por impressões de mãos feitas com sangue. Harper tinha a confusa noção de ter usado aquilo para bater em Jakob, e de que agora precisava esconder as provas.

Estava atravessando a rua correndo para enterrar o manuscrito como se este fosse um cadáver. Um vento gélido subia pela rodovia, cortante, batia no manuscrito e o jogava no chão de asfalto.

Harper se abaixava até o asfalto congelado e começava a juntar as páginas na tentativa de recolher o manuscrito no escuro e no frio. Na lógica do sonho, não podia perder uma só página. Havia recolhido mais ou menos um terço delas quando dois faróis se acenderam cem metros mais adiante na estrada. Um caminhão Freightliner de duas toneladas com um limpa-neve do tamanho da asa de um avião estava estacionado junto ao meio-fio.

– Ah, sua piranha – dizia Jakob de trás do volante. – Sabe o quanto eu trabalhei nisso? Cadê seu respeito pela literatura?

A marcha engatava. O Freightliner começava a avançar. Jakob ligava o farol alto e a imobilizava na estrada com uma luz azul cegante. Acelerava e passava a segunda, fazendo o barulho do motor virar um berro de óleo diesel, e os faróis do caminhão começavam a penetrar o corpo de Harper, quentes sobre sua pele, os faróis a *cozinham*...

O simples fato de recordar o sonho fazia sua Escama do Dragão formigar com um calor desagradável.

Ela caminhava de cabeça baixa, tão perdida em seus pensamentos impotentes e sombrios que levou um susto quando alguém depositou um beijo frio e delicado em sua bochecha. Ergueu os olhos a tempo de ser beijada outra vez, agora na pálpebra direita.

Estava nevando. Uns flocões gordos e brancos do tamanho de plumas desciam flutuando a esmo da escuridão, tão macios e leves que mal pareciam estar caindo. Ela fechou os olhos. Abriu a boca. Sentiu o gosto de uma gota de neve.

O refeitório estava tomado pelo vapor e recendia a apresuntado grelhado e molho branco. Harper atravessou num passo arrastado uma algaravia de gritos, risos e utensílios batendo.

As crianças tinham recortado e depois colorido jogos americanos de papel no formato de perus. Todas estavam trabalhando como garçons nessa noite, e usavam chapéus de cartolina como aqueles usados pelos Pais Peregrinos.

Renée direcionou Harper até uma das mesas compridas, e as duas se sentaram lado a lado. Ben Patchett deslizou para perto pelo outro lado, e esbarrou em Harper ao se acomodar no banco.

– Quer sentar com a gente, Ben? – perguntou Renée, embora ele já estivesse sentado.

Nas últimas três semanas, Ben havia desenvolvido um hábito de vigiar. Sempre que Harper andava na direção de uma porta, era como se ele estivesse ali para segurá-la para ela passar. Se ela mancava, ele se encostava sem que ela pedisse, passava um braço ao redor da sua cintura e fazia as vezes de muleta. Suas mãos gordas e quentinhas a faziam pensar numa massa crua fermentada. Ele era inofensivo, estava tentando se mostrar útil e ela queria sentir gratidão, mas em vez disso muitas vezes se pegava cansada de tanto vê-lo.

– Tudo bem, Harper? – Ben estreitou os olhos para ela. – Você está meio corada. Bebe alguma coisa.

– Tudo bem. Eu já bebi água, e você não sabe quanto xixi tenho feito ultimamente.

– Eu disse para *beber*. – Ele empurrou para perto dela um copo de papel cheio de suco de *cranberry*.

– Ordens do Dr. Ben.

Ela pegou o copo e bebeu, em grande parte para fazê-lo calar a boca. Sabia que ele estava brincando, tentando se divertir com ela daquele seu jeito desengonçado, mas ela constatou que hoje lhe causava ainda mais irritação do que de costume. Para *ele* não era problema nenhum entrar para o Brilho. Na capela, Ben Patchett sempre acendia na hora, desde os primeiros acordes que Carol tocava no órgão. Ele nunca acordaria pegando fogo. Não precisava ter medo de ir dormir.

Os pesadelos de Harper sobre ser atropelada na estrada não a espantavam nem um pouco. Ela se sentia encurralada pelos feixes dos faróis que se aproximavam pelo menos uma vez por dia, quando todos os outros estavam cantando. Cada vez mais, entrar na capela para o culto a deixava apreensiva. Já fazia um mês que estava na colônia, e ainda não conseguira entrar para o Brilho, nem sequer uma vez. Na capela, era a única lâmpada queimada na árvore de Natal. Passava a cerimônia diária com os punhos cerrados no colo, os nós dos dedos brancos, como um passageiro de avião trincando os dentes durante uma turbulência forte.

Ultimamente, até mesmo Ben havia parado de reconfortá-la dizendo que era só uma questão de tempo para ela *se conectar*, para ela *se plugar*, *se juntar*... todas essas expressões que faziam a coisa soar como se fosse uma questão de acessar alguma espécie de modem da alma. Quando os cultos terminavam e todos saíam da capela em fila indiana, Harper via os outros evitando cruzar olhares com ela. Aqueles que o faziam exibiam sorrisinhos contraídos de pena.

Houve uma agitação quando Carol ajudou Pai Storey a subir numa cadeira. Ele ergueu as duas mãos no ar pedindo silêncio, sorriu para todos e piscou através das lentes bifocais de armação dourada.

– Eu... – começou de um jeito balbuciante, abafado, então levou a mão até dentro da boca e tirou de lá uma pedra branca. A plateia reagiu com um burburinho de risadas de adoração.

Alguém, pela voz Don Lewiston, gritou:

– Ei, Pai, o que tem hoje para o jantar? *Meu Deus*, como a comida aqui é ruim.

Norma Heald lançou um olhar de repreensão na direção de quem tinha gritado, em seguida bradou:

– Nada de lanchinhos antes de comer, Pai.

Pai Storey sorriu.

– Pensei que, como hoje é dia de Ação de Graças, seria bom eu dizer alguma coisa antes de comermos. Podem unir as mãos, se quiserem, ou segurar as da pessoa ao seu lado, ou então fingir que eu não estou falando e escutar o vento, como preferirem.

Houve sons de pigarros e de cadeira arrastando no chão. Ben Patchett segurou a mão de Harper; sua palma estava úmida e macia. Renée lhe lançou um olhar de soslaio repleto de empatia sardônica como quem diz: *Olha só quem arrumou um namorado! Que sorte a sua!* Então segurou sua outra mão.

– Todos nós juntos somos um coro de louvor, salvos pela canção e pela luz – começou Pai Storey. – Vamos agradecer por esta oportunidade de nos unirmos em harmonia, salvos pelo amor que temos um pelos outros. Temos muitos motivos para agradecer. Sei que sou grato pelos biscoitos e pelo molho branco. O cheiro é uma delícia. Cantemos todos nosso obrigado a Norma Heald, que trabalhou muito para preparar este incrível jantar de Ação de Graças com mantimentos muito limitados. Cantemos nosso obrigado às meninas que suaram em bicas para ajudá-la na cozinha. Cantemos para Renée Gilmonton, que ajudou as crianças a fazerem seus chapéus de Pais Peregrinos e lhes ensinou a serem garçons de primeira. Cantemos para John Rookwood, que não está aqui hoje, mas que milagrosamente conseguiu para nós o cacau em pó e os marshmallows sobre os quais eu não deveria ter falado, porque não queremos que as crianças fiquem agitadas.

Um grito agudo de alegria encheu o refeitório, seguido por um murmúrio indulgente de risos dos adultos. Pai Storey sorriu, então fechou os olhos. Seu cenho se franziu quando ele ficou pensativo.

– Quando cantamos juntos, cantamos por todos aqueles que nos amaram, mas que não estão aqui hoje. Cantamos à memória de cada minuto que tivemos na sua companhia. Eu perdi uma filha... uma filha linda, inteligente, engraçada, combativa, difícil e inspiradora, e não poderia sentir mais a sua falta do que sinto. Sei que outros aqui sentem exatamente a mesma coisa em relação às pessoas que perderam. Eu canto pelo que tive com minha Sarah. E quando erguemos nossa voz em harmonia ainda a sinto. No Brilho encontro seu espírito. Eu *a ouço* cantando para *mim*, assim como eu canto para ela.

O vento trinou sob os beirais. Alguém inspirou com um arquejo. Harper podia sentir o silêncio nas terminações nervosas, um latejar gostoso, dolorido.

Pai Storey abriu os olhos molhados e correu pelo refeitório um olhar agradecido e afetuoso.

– Os que restaram de nós continuam aqui, e é bem bom que assim seja. Mais uma noite na Terra, com um pouco de música, uns biscoitos recém-feitos e algumas boas conversas. É praticamente tudo que eu sempre quis. Não sei quanto aos outros. E agora eu acho que todo mundo quase começaria a cantar de alegria se eu calasse a boca para podermos comer.

Um viva ecoou pelo recinto, um grito alto de prazer seguido por aplausos. Don Lewiston ficou de pé. Então outros o imitaram, levantaram-se também, e empurraram para trás bancos e cadeiras de modo a poderem bater palmas para o velho que lhes dizia não haver problema em ainda ser feliz de vez em quando, mesmo agora. Quando Pai Storey desceu da cadeira, eles se levantaram das suas, assobiando e aplaudindo, e Harper assobiou e aplaudiu junto, grata por ele existir. Por um segundo, pelo menos, não sentiu o coração tomado pela apreensão de acordar sentindo cheiro de fumaça.

Eles comeram: cubos gordurosos de apresuntado quase afogado em molho por cima de biscoitos farinhentos e cheios de manteiga. Sem fome nenhuma, Harper comeu de modo mecânico, e se espantou quando a comida acabou e se viu raspando o prato para pegar o resto do molho. *Ela* podia não estar com fome, mas o bebê vivia sempre com vontade de fazer uma boquinha. Olhou para o meio biscoito sobre o prato de Renée por um segundo a mais, e a mulher mais velha sorriu e usou um garfo de plástico para colocá-lo no seu prato.

– Não – disse Harper. – Não. Eu não quero.

– Eu acharia isso mais convincente se não tivesse visto você catando e comendo as migalhas da toalha de mesa.

– Pelo amor de Deus – falou Harper. – Que gluttona, eu. Deve ser como estar sentada ao lado de uma porra de uma porca em frente ao cocho.

Ben estremeceu e olhou para o outro lado. Harper não falava muito palavrão, mas quando ele estava por perto não conseguia se conter. Ben evitava os palavrões do mesmo jeito que um gato evitava se molhar, e dizia *porcaria* em vez de *porra* e *carambolas* em vez de *caralho*, hábito que ela considerava desagradavelmente travado. Quando ela dizia um palavrão, ele sempre se encolhia. Às vezes ela pensava que Ben era mais velho do que Norma Heald.

Ela se deu conta de que estava esperando para se vingar dele desde o momento em que ele decidira bancar o seu pai e obrigá-la a beber o suco de *cranberry*. Mas assim que o fez, se sentiu culpada. Que coisa feia, planejar ofender alguém que jamais a havia tratado senão com decência.

Ben pousou o garfo e se levantou da mesa. Harper sentiu um lampejo de horror, e se perguntou se o teria ofendido a tal ponto que ele estava prestes a ir embora. Mas não: ele queria fazer seu próprio discurso. Subiu no banco, levou dois dedos à boca e deu um assobio de furar os tímpanos.

– Eu não tenho uma pedra na boca – falou. – Mas quando terminar de falar alguns de vocês provavelmente vão querer que eu tivesse. – A frase o fez sorrir, mas ninguém soube direito se devia rir ou não, e o refeitório permaneceu silencioso a não ser por um zunzum baixo e nervoso de conversas ao fundo. – A neve pode ser bonita, mas vai dificultar muito as nossas vidas. Até agora tivemos liberdade para andar à vontade pela colônia, e as crianças tiveram bastante espaço para correr e brincar. Eu sinto muito, mas tudo isso agora vai ter que mudar. Hoje à noite as Sentinelas vão separar tábuas para criar passarelas entre as construções. Quando vocês estiverem passando de uma construção para a outra, *vão ter* que pisar nas tábuas. Se uma Patrulha de Quarentena passar por aqui e encontrar a neve toda revirada com pegadas, vai saber que tem gente escondida. Quero que as Sentinelas me encontrem no Parque dos Monumentos depois da capela hoje. Temos de treinar retirar e esconder as tábuas. Quero conseguir fazer tudo sumir em menos de dois minutos. Vamos conseguir, mas não vai ser fácil, então fiquem preparados para passar um tempo ao ar livre, e vistam-se de acordo.

O discurso foi seguido por grunhidos, mas Harper pensou que não eram de todo genuínos. Os adolescentes que haviam se inscrito para serem Sentinelas adoravam se esfalfar no frio fingindo que eram fuzileiros navais numa missão ultrassecreta. A maioria vinha se preparando para missões clandestinas pós-apocalípticas desde que tinha idade suficiente para segurar um controle de Xbox.

– Pai Storey comentou que Norma Heald praticamente se matou para preparar esta refeição de hoje. Não foi fácil, considerando com quem ela teve de trabalhar. Isso me obriga a dar uma notícia chata. Ontem, Norma, Carol e eu passamos seis horas na cozinha listando nossos víveres. Não vou enganar com vocês. Estamos numa encruzilhada, e precisamos tomar algumas decisões difíceis. A partir de segunda-feira da semana que vem, todo mundo entre as idades de 13 e 60 anos que não estiver doente nem for gestante... – Ben baixou os olhos para Harper e piscou. – ... vai sortear um papel de dentro de um chapéu logo antes do almoço. Se o seu papel tiver um X escrito, vamos pedir para você pular a refeição. Numa noite típica, provavelmente umas trinta pessoas vão ficar sem almoço. Se você por acaso sair perdendo nesse jogo da fome... – Ele parou e sorriu, esperando que alguém risse. Quando ninguém riu, seu rosto ficou severo e ele prosseguiu apressado – ... pode ficar sem tirar o papel no almoço seguinte. Eu sinto muito. É uma simples questão de matemática. Esta colônia estava equipada com víveres secos e enlatados suficientes para alimentar cerca de duzentas crianças por um ou dois meses. Nós estamos com mais de cem pessoas aqui desde julho, e a cada semana chega mais gente. Os estoques estão baixos, e não

vamos receber mais nada em nenhum futuro próximo.

Dessa vez ninguém deu grunhidos de mentira. O que Harper ouviu, isso sim, foram sussurros nervosos, e pessoas lançando olhares de preocupação para um lado e para outro. Allie, a duas mesas da sua, virou-se para Michael, sentado ao seu lado, levantou uma das mãos para tapar a boca e começou a silvar furiosamente no ouvido dele.

– Qualquer um que tirar um papel com um X mesmo assim vai poder tomar café ou chá, e como agradecimento... bem, a Norma achou um pouco de açúcar. Uma lata grande. Não tem nem formiga. Então, quem for sorteado vai poder pôr uma colher de chá de açúcar na bebida que estiver tomando. *Uma colher*. De chá. Não é muito, mas é alguma coisa. É o melhor que podemos fazer para demonstrar nossa gratidão. – A voz de Ben endureceu, e ele prosseguiu. – Em relação aos estoques baixos e às refeições puladas: alguém está pegando latas de leite condensado. Sumiu também um pouco de apresuntado, e não temos muito sobrando. Isso precisa parar. Não estou brincando. Vocês estão literalmente roubando comida da boca de crianças. E se alguém tiver pegado a grande xícara de chá de Emily Waterman ontem, eu agradeceria se simplesmente pusesse de volta em cima da cama dela em algum momento. Não é preciso se explicar. Basta fazer. É uma xícara grande, bem grande, mais ou menos do tamanho de uma tigela de sopa, com estrelas pintadas no fundo. É a xícara de estrelas da sorte dela, que ela tem desde pequena e significa muito para ela. É só isso. Obrigado.

Ele aguardou para ver se alguém iria aplaudi-lo, mas ninguém o fez, e por fim Harper ergueu a mão e segurou a sua, quente e úmida, enquanto ele descia do banco. Não estava mais irritada com ele. As conversas no recinto foram retomadas, mas baixas e apreensivas.

Ben ficou sentado espetando o garfo de plástico em alguns restinhos de molho no prato. Renée se inclinou para a frente para olhar em volta de Harper e perguntou:

– Tudo bem com você, Ben?

– Já foi ruim o suficiente ter sido o cara que tirou os celulares – disse ele. – Agora eu sou o cara que tirou o almoço. Ah, que se dane.

Ele se levantou do banco, levou seu prato até o balcão e o jogou dentro de um latão cheio de água cinza com sabão.

– *Eu* não ligo de pular uns almoços. – Renée observou Ben virar a gola para cima e sair do refeitório sem olhar para trás. – Eram horríveis, mesmo, e eu estava querendo perder uns cinco quilos. Ele entendeu tudo errado, claro. As pessoas não ficaram bravas quando ele tirou os celulares. Ficaram agradecidas! Ficaram aliviadas por alguém estar pensando em como manter todos nós seguros. Eles não o culpam por nenhuma das coisas que ele fez. Nem mesmo pelo que fez com Harold Cross. A única pessoa que culpa Ben Patchett pelo que aconteceu com Harold é Ben Patchett.

– Harold Cross – disse Harper. – Eu já ouvi esse nome. Quem é Harold Cross, e o que foi que o Ben fez com ele?

Renée piscou os olhos e a encarou com surpresa.

– Deu um tiro nele. Você não sabia? Deu um tiro bem na garganta dele.

De sobremesa, foram servidos pequenos triângulos de torta de creme de coco sobre uma base de creme cracker, a coisa mais gostosa e mais doce que Harper comia desde que chegara à colônia. Para se concentrar melhor no sabor cremoso, ela fechava os olhos após cada colherada. Estava tão bom que lhe deu uma certa vontade de chorar, ou pelo menos de escrever um bilhete sincero de agradecimento para Norma Heald.

Renée desapareceu por um tempo para ajudar a preparar chocolate quente para as crianças, e voltou trazendo duas canecas de café preto, com Don Lewiston e Allie Storey em seu encalço. Nick Storey também apareceu, seguindo de perto a irmã mais velha. Trazia uma caneca de chocolate quente em frente ao corpo com uma espécie de reverência, não muito diferente da de uma criança que traz as alianças num casamento.

– Está tudo bem? – indagou Renée. – Que cara estranha.

– É minha cara de quem está gozando – respondeu Harper enquanto engolia o último pedaço de torta.

– Não acho que seja acidente uma fatia de torta ter exatamente o mesmo formato de uma xoxota – disse Allie.

– Meninas, vocês querem conversar em particular? – perguntou Don. – Eu posso voltar outra hora. Essa conversa está tomando um rumo talvez excessivo para os ouvidos de um inocente como eu.

– Pode ficar sentado aí e contar o que aconteceu com Harold Cross – disse Renée. – Eu acho que a Harper deveria saber, e vocês dois podem contar melhor do que eu. Don, você trabalhou com ele. Allie, você o conhecia melhor do que a maioria. E vocês dois estavam presentes no final.

– Eu não diria que o conhecia tão bem assim. Cheguei a um ponto em que não conseguia suportar ficar no mesmo recinto que ele – disse Allie.

– Mas você tentou – falou Renée. – Se esforçou. Não existem muitas outras pessoas que possam dizer isso.

Nick se sentou na borda do banco, à esquerda de Allie. Olhou para a irmã, depois para Renée, depois de novo para Allie, em seguida moveu as mãos no ar para perguntar algo à irmã. Allie franziu o cenho e começou a fazer pequenos gestos com os dedos.

– Minha mãe era bem melhor em linguagem de sinais – disse Allie. – A única coisa da qual me sinto realmente segura é para soletrar com os dedos. Ele quer saber do que vocês estão falando. É uma das coisas boas de o carinha ser surdo. A gente não precisa se preocupar que ele escute as partes realmente horríveis e fique triste.

– E ele não sabe nada de leitura labial? – perguntou Harper.

– Isso só existe nos filmes.

Don deu um gole no café e fez uma careta.

– Vou dizer uma coisa: nada cura um caso de bem-estar mais depressa do que um gole deste café. A não ser, talvez, falar sobre Harold Cross. – Ele pousou a caneca. – Harold andava quase sempre sozinho. Era meio como um garoto gordo de quem ninguém gosta. Inteligente demais para o seu próprio bem, sabe? Mais inteligente do que todo mundo, e fazia questão que os outros soubessem. Se você estivesse escavando uma latrina, ele ensinava um jeito melhor e mais científico de fazer isso... mas ele próprio não pegava na pá. Dizia estar com dor nas costas ou algo assim. Você conhece o tipo.

– Ele usava uma camiseta listrada e um short de brim preto, e nunca o vi usando nada diferente. Uma vez tinha uma meleca colada nessa camiseta que ficou lá por três dias. Eu juro por Deus – disse Allie.

– Eu lembro dessa meleca! – exclamou Don. – Ele passou tanto tempo com isso na camiseta que deveria ter batizado o troço!

Nick continuava observando, então fez outra pergunta a Allie com alguns gestos lentos, cuidadosos. A resposta dela dessa vez foi mais rápida, e envolveu um punho fechado girado junto ao nariz, imitando o gesto de tirar meleca. Nick abriu um sorriso. Tirou um toco de lápis do bolso da calça jeans e escreveu alguma coisa no jogo americano em formato de peru. Empurrou o papel pela mesa na direção de Harper.

Ele também soltava fumaça às vezes. Nada grave, mas como quando a gente joga um monte de musgo molhado em cima de uma fogueira. Só uma fumacinha fedida saindo debaixo do short. A Allie dizia que a fumaça estava saindo da chaminé da bunda dele.

Quando Harper tornou a olhar para ele, Nick estava com uma das mãos em frente à boca soltando um assobio fino e trêmulo. Podia não ter o dom da fala, mas pelo visto as risadinhas continuavam possíveis até mesmo para os mudos.

– Ele tinha sido aluno de medicina, e quando eu cheguei no campo era o responsável pela enfermaria – disse Renée. – Acho que tinha uns 24 anos, talvez 25. Vivía para lá e para cá com um bloquinho de repórter, e às vezes se sentava numa pedra e começava a escrever nele. Acho que isso deixava algumas pessoas nervosas. Era como se ele estivesse tomando notas sobre você.

– De vez em quando, uma das meninas tentava arrancar o bloquinho da mão dele para ver o que ele estava escrevendo – disse Allie. – Isso deixava a Escama do Dragão dele doidinha, e ele saía correndo soltando fumaça. *Literalmente* soltando fumaça, sabe como?

– Pela chaminé da bunda – disse Don Lewiston, e dessa vez todos riram, *menos* Nick, que havia perdido o fio da meada e só conseguiu dar um sorriso intrigado.

– Na primeira vez em que ele entrou para o Brilho, acendeu rápido – contou Allie. – Algumas pessoas conseguem na hora, outras não. No caso do Harold, talvez tenha acontecido depressa *demais*. Ele entrou para o Brilho tão rápido e com tanta força que ficou com medo. Gritou, se jogou no chão, e ficou rolando como se estivesse em chamas. Depois disse que não gostava da sensação de ter outras pessoas dentro da própria cabeça. O que não acontece *de verdade*. Não é telepatia. Ninguém entra na sua cabeça. É só uma sensação boa emanando das pessoas ao seu redor. É como ser abraçado. Como receber um abraço perfeito. Depois dessa primeira vez, Harold quase nunca mais acendeu. Mantinha-se afastado do resto de nós. Ele não participava... só ficava nos observando.

– É. Isso mesmo – concordou Don. – Então, um belo dia, umas duas semanas depois de chegar na colônia, ele se levantou no final do culto e disse que gostaria de falar para a plateia. Meio que deixou todo mundo atônito. Em geral, se alguém fala na capela, é Pai Storey ou então Carol. Foi como estar assistindo a um programa de TV e de repente um dos figurantes decidiu fazer um discurso que não estava no roteiro.

– Pai Storey – acrescentou Renée. – Não tem como não amar esse homem. Ele simplesmente pôs na boca sua pedra de pensar e se sentou para ouvir, como um aluno se preparando para ouvir uma aula sobre sua matéria preferida.

Allie correu uma das mãos pela curva eriçada do crânio.

– Harold disse para a gente que tinha uma obrigação moral de informar o mundo sobre a nossa “descoberta”. Disse que o nosso lugar não era aqui, escondidos. Disse que a gente deveria estar na TV a cabo, que deveria ir a público contar o que conseguia fazer. Disse que o nosso processo de controlar a Escama do Dragão era de interesse científico, e que muita gente queria saber mais sobre nós. Tia Carol falou: “Harold, querido, como assim, *muitas* pessoas querem saber sobre nós?” E ele respondeu que estava trocando mensagens de texto com um médico de Berkeley que achava que a nossa comunidade talvez representasse um divisor de águas. Um outro médico da Argentina queria que Harold coletasse amostras de sangue das pessoas enquanto elas estivessem no Brilho. Harold disse isso tudo como se não fosse nada de mais. Não parecia ter a menor ideia do que tinha feito.

– Ai, Harper, foi bem ruim – falou Renée. – Foi uma noite ruim.

– O Sr. Patchett se levantou com um pulo e perguntou com quantas pessoas ele havia trocado mensagens, e se tinha mandado as mensagens de dentro da colônia. Disse que rastrear a localização de um smartphone era a coisa mais fácil do mundo, e Harold podia sem saber estar desenhando num mapa um grande X para as Patrulhas de Quarentena. As pessoas começaram a chorar e a pegar seus filhos. Parecíamos os passageiros de um avião que acabaram de ouvir do piloto que tem um terrorista dentro da cabine. – O olhar de Allie se desfocou. Ela não estava mais vendo Harper, mas lembrando uma noite de verão de alarme e comoção. – O Sr. Patchett obrigou Harold a entregar o celular. Passou três minutos olhando todos os torpedos dele. Acabou que ele estava em contato com trinta pessoas diferentes no país inteiro. No mundo inteiro! E mandando fotos também, coisas que tornariam mais fácil identificar onde a gente estava escondido.

– Harold quis que a colônia votasse – contribuiu Don Lewiston. – Bem. Ele quis e conseguiu. Ben conduziu uma votação para confiscar todos os celulares da colônia, e fez Allie e Mickey recolherem os aparelhos dentro de um grande saco de lixo.

– Não gostei do que aconteceu com o Harold depois disso – falou Renée. – Se algum dia fizemos alguma coisa errada, foi nessa hora.

Allie assentiu.

– Depois de os telefones serem confiscados, foi como se o Harold tivesse virado um inseto venenoso, e a colônia inteira quisesse colocar ele dentro de um vidro, onde não pudesse picar ninguém.

Crianças pequenas começaram a chamar ele de Horrendo em vez de Harold. Ninguém queria sentar do seu lado no refeitório a não ser o Vovô, que se dá bem com todo mundo. Aí, um dia, uma das meninas jogou um frisbee bem na cara do Harold e quebrou os óculos dele. Fingiu que tinha sido um acidente, como se estivesse esperando que ele fosse pegar o frisbee, mas foi bem cruel, e eu disse a ela que tinha sido cruel. Minha sensação era que alguém precisava *tentar* defender o cara. Senti que não se importar com ele era ruim para todo mundo. Então o ajudei a consertar os óculos e comecei a sentar ao lado dele e do Vovô no almoço. Me inscrevi para desempenhar tarefas com ele, para que não precisasse trabalhar sozinho. Pensava mesmo que conseguiria revelar o *verdadeiro* Harold. Só que eu consegui, e era tão desagradável quanto o resto dele. Um dia a gente estava lavando a louça para a Sra. Heald no refeitório, e de repente ele enfiou a mão dentro do meu short. Quando perguntei que porra estava fazendo, ele disse que não tinha por quê eu ficar escolhendo com quem trepar, já que a raça humana inteira estava mesmo indo para o saco. Empurrei ele com tanta força que os seus óculos caíram e quebraram outra vez. Então esse era o Harold.

Nick olhava de um rosto para outro com uns olhos imensos, fascinados. Seu chocolate quente tinha quase acabado, sua boca estava suja de chocolate em volta, e ele era a coisa mais Norman Rockwell que Harper já vira na vida. Mostrou a Allie algo que havia escrito no jogo americano. Ela pegou emprestado seu lápis para responder. Nick aquiesceu, então se curvou, escreveu mais alguma coisa, e empurrou o papel pela mesa até ela.

Eu tentei avisar à Allie que ela não podia confiar nele. Toda vez que estava perto dela, ele soltava sua fumaça de bunda mais fedida. Os surdos conseguem sentir cheiros que a maioria das pessoas não consegue, e eu senti o cheiro da maldade naquela fumaça.

Harper virou o jogo americano para Renée poder ler. A outra mulher olhou para o papel, ergueu os olhos para Harper, e as duas gargalharam. Harper se sacudiu todinha, espantada com a força da própria hilaridade; inexplicavelmente, sentiu-se à beira das lágrimas. Nick as observava com assombro.

Ela teve de tomar um gole da caneca para se acalmar, então sentiu uma bolha de riso tornar a subir por dentro de si e quase tossiu o café pelas narinas. Renée lhe deu tapinhas nas costas até o engasgo passar.

Don leu o que Nick havia escrito, e um dos cantos de sua boca se levantou num sorriso de ironia.

– Engraçado, isso. Nunca senti cheiro de maldade nele. Mas uma vez senti *outro cheiro* nele... e de certa forma esse foi o primeiro dominó da sequência que o levou a ser morto. Harold aceitou um trabalho sob minha supervisão: catar minhocas na terra para usar como isca. Era engraçado ele se oferecer para esse tipo de tarefa. Meio como se a rainha se oferecesse para limpar privadas. Mas, como ninguém mais o queria, eu o aceitei na minha equipe. Ele me disse que conhecia um lugar ao sul da colônia, um trecho plano de brejo onde era fácil achar minhocas. E ele sabia do que estava falando. Em vários dias, voltou com mais iscas do que qualquer outro menino que despachei para catar minhocas. Mas em outros dias aparecia com, sei lá, duas minhocas no balde, dava de ombros e dizia não ter tido sorte. Bom, eu pensei que nesses dias ele devia estar indo tirar um cochilo em algum lugar, e não me preocupei muito com o fato. Até que um dia, no meio de agosto, ele apareceu sem nada, e quando estava pondo o balde vazio no chão deixou escapar um arrote, e não é que eu senti cheiro de pizza na porra do hálito dele? Isso não bateu muito bem para mim. Você deve ter reparado que não tem pizza aqui no cardápio da Colônia Wyndham. Dormi mal nessa noite, e no dia seguinte decidi que precisava falar com Ben Patchett. Ben ficou tão chateado quanto eu. Ficou todo retesado, empalideceu, passou um tempo sentado esfregando a boca, e finalmente disse que estava feliz por eu ter falado. Então perguntou se eu me importaria em pôr Michael na minha equipe de catar iscas por uma semana. Eu sabia o que o Mikey tentaria cavar, e não eram minhocas, mas a gente precisava descobrir o que o Harold andava aprontando, então falei tá. Bom, Mikey começou a seguir o cara de longe. Nos primeiros dias, a pior coisa que ele viu Harold fazer foi cagar e usar as páginas de um dos livros da biblioteca da colônia como papel higiênico.

Renée torceu o nariz.

– O livro era *O coração é um caçador solitário*. Nosso único exemplar. Se eu soubesse o que ele ia fazer com as páginas, teria lhe dado um exemplar de *A revolta de Atlas*.

– Mas no quarto dia nosso valoroso Mike seguiu Harold até um chalé de verão abandonado a quase um quilômetro daqui, onde tinha um gerador e internet. E o cara estava lá, num laptop, digitando e-mails com uma das mãos e enchendo a cara de salgado de pepperoni com a outra. Harold não só estava fazendo de novo a mesma coisa, contando nossos segredos para as mesmas pessoas, como tinha um freezer lotado de comida que estava guardando só para si.

Com o olhar, Don passou o bastão para Allie seguir contando a história.

– Eu estava presente quando o Mike apareceu. Foi lá na Casa da Estrela Negra, onde minha tia mora

com o Vovô. Não foi muito depois de a minha mãe morrer. – Allie falou baixinho, sem esconder a dor nem expô-la demais. – Tia Carol estava com algumas coisas da mamãe, e me pediu para dar uma olhada e ver se tinha algo que eu quisesse para Nick ou para mim. Na verdade não tinha nada a não ser isto aqui. – Ela tocou com o dedo o pingente de ouro em formato de livro que usava no pescoço. – Quando o Mike chegou e contou o que tinha visto, a gente parou o que estava fazendo, e o Vovô me mandou chamar o Sr. Patchett. Quando cheguei com o Ben, Tia Carol estava sentada numa cadeira segurando o rosto com as mãos, e soltando filetes de fumaça. Estava *muito* estressada.

Allie prosseguiu:

– Disse que a gente tinha que obrigar o Harold a ir embora da colônia. Mas o Sr. Patchett falou que isso era a pior coisa que a gente poderia fazer. Se mandássemos o Harold embora e ele fosse pego por uma Patrulha de Quarentena, eles o obrigariam a contar tudo que sabia sobre a gente. O Sr. Patchett queria prender o Harold em algum lugar, mas o Vovô disse que bastaria fazer ele prometer ficar nos limites da colônia e parar de falar com gente de fora. Qual de nós vai dizer a ele que essa é a coisa mais senil que ele já falou? Mas a questão com meu avô é que... é meio difícil convencê-lo de que as pessoas simplesmente não vão fazer a coisa certa. Todo mundo odeia dizer qualquer coisa que soe hostil, desconfiado ou mesquinho perto dele. A pessoa sente que ele vai ficar decepcionado com ela. O Sr. Patchett capitulou. Consegui fazer o Vovô concordar em manter Harold sob vigilância estrita, e assim foi.

Allie apoiou os cotovelos na mesa e descansou o queixo sobre as mãos unidas. Agora não estava olhando para nenhum deles, havia baixado os olhos e voltado o olhar para dentro de si, desconsolada. Harper pensou que eles agora estavam quase chegando ao fim. O final da história de Harold Cross... que por acaso também era o final do próprio Harold Cross.

Por fim, Allie retomou:

– Depois de o Sr. Patchett confrontar Harold com o que ele vinha fazendo, o cara começou a sentir dores no estômago e foi para a enfermaria. O Sr. Patchett cuidou para que houvesse sempre uma Sentinela de plantão lá, dia e noite, para garantir que ele não saísse. Quando não estavam dentro da própria enfermaria com ele, ficavam na sala de espera. Quando aconteceu foi no *meu* plantão, durante o dia, quando a colônia inteira estava dormindo. Em determinado momento, já no final do meu turno, por volta da hora do crepúsculo, tive de fazer xixi, e o único jeito de chegar ao banheiro é atravessando a enfermaria. Fiz isso pé ante pé, com todo o cuidado, tentando não acordar o Harold. Ele estava num dos leitos protegidos por divisórias. Eu podia vê-lo debaixo dos lençóis por uma fresta entre as cortinas. Tinha quase chegado ao banheiro quando bati com o quadril numa comadre e a fiz cair no chão com um barulho alto. Harold nem se mexeu. De repente, senti um enjoo gelado, e afastei a cortina para olhar mais de perto. Debaixo dos lençóis só tinha travesseiros. – Ela ergueu os olhos e encarou Harper com um olhar ferido e envergonhado. – É que... eu tinha passado a maior parte da tarde dormindo, quando deveria ter ficado vigiando a sala de espera. Pensei que não estivesse prejudicando ninguém. Imaginei que, se o Harold tentasse se esgueirar por mim, eu escutaria. Pensei que meu sono fosse leve demais para ele conseguir passar por mim. Até parece. Eu devia estar num coma leve, isso sim. Talvez Norma Heald tenha posto um sossega-leão no meu chá na esperança de conseguir se aproveitar de mim. – O canto da boca dela se ergueu num pequeno sorriso, mas seu queixo tremia.

Don pousou uma das mãos calejadas na sua nuca e lhe deu uma espécie de tapinha delicado, canhestro.

– Já pensou que, se você tivesse acordado quando ele estava tentando sair, ele poderia ter te batido? Ele ia sair por aquela porta, de um jeito ou de outro.

– Harold não conseguiria sair no braço nem com o Nick – disse Allie, enxugando os olhos com as costas de uma das mãos num gesto brusco.

– E quem disse que teria sido no braço? Ele poderia ter te chamado para dentro da enfermaria e golpeado você com uma chave de roda. Não, senhora. Ele teria saído, por bem ou por mal. Foi loucura achar que a gente conseguiria manter o cara prisioneiro sem trancá-lo. Eu trocaria socos com um tubarão pelo seu avô, mas ele estava errado na decisão de como lidar com Harold, e Ben Patchett estava certo.

Nick tinha visto Allie esfregar os olhos. Rabiscou alguma coisa no jogo americano. Sua irmã leu e fez que não com a cabeça.

– Não, eu não quero o seu último marshmallow.

Ele escreveu alguma outra coisa, em seguida enfiou uma colher dentro da sua caneca e pescou parte de um marshmallow derretido. Allie suspirou, abriu a boca, e deixou que ele pusesse o doce lá dentro.

– Ele disse que é um remédio para a tristeza – explicou-lhes Allie com uma voz abafada enquanto mastigava o marshmallow grudento. Uma lágrima brilhante rolou por uma de suas faces. – Na verdade,

até que estou me sentindo melhor.

Don Lewiston chegou mais perto dela, cotovelos sobre a mesa.

– Acho que eu posso contar o resto, bem rapidinho. Allie chamou o Mike, e ele correu para chamar Ben Patchett. Minha cama fica do lado da do Ben, e eles cochicharam tanto que me acordaram. Quando ouvi que estavam saindo para ver se conseguiam trazer Harold de volta, me ofereci para ir junto. Talvez eu sentisse que *precisava* ir. Harold fazia parte da minha equipe. A minha falta de supervisão era o que dera a ele uma chance de entrar em contato outra vez com o mundo exterior. Não me lembro quem foi lá e pegou uma espingarda no estande de tiro, mas acho que todos nós pensamos que o Harold talvez não fosse voltar por livre e espontânea vontade. Lembro que disseram para esta daqui não ir. – Ele deu um tapinha no ombro de Allie. – Como você pode imaginar, isso adiantou tanto quanto gritar com as nuvens. Devemos ter percorrido uns cinco quilômetros de trilha pesada em vinte minutos, direto até o esconderijo do Harold, e Allie foi na frente o tempo todo. E mesmo assim foi por pouco. Quando a gente chegou, praticamente já tinha acontecido a pior coisa possível. Pode ser que algumas das pessoas com quem Harold estava se correspondendo fossem quem diziam ser. Pode ser que *a maioria* fosse. Só que nenhuma era. Quando a gente chegou no chalé, tinha um furgão estacionado na frente e homens armados. Não era uma Patrulha de Quarentena oficial. Eram uns caras da cremação. A gente viu tudo por cima de um velho muro de pedra que ficava atrás do chalé. Eles estavam armados com fuzis Bushmaster e dando coronhadas no Harold. Batendo nele. Se divertindo. Harold estava caído no chão, agarrado ao laptop, implorando para não o matarem. Estava dizendo que não era perigoso, que conseguia controlar sua infecção. Estava dizendo que podia levá-los até um esconderijo onde havia uma porção de gente capaz de controlar a Escama do Dragão. Foi nessa hora que Ben perguntou para Mikey se a espingarda estava carregada.

– Achei que a gente fosse lutar pelo Harold – disse Allie. – Igual num programa de TV. Quatro de nós contra doze deles. Que burrice, né? – Sua voz saiu rascante e engasgada, e Harper percebeu que ela estava tentando segurar o choro.

– As mãos do Mikey tremiam tanto que ele deixou cair todas as balas no chão, mas o Ben... ele virou outro homem. Ele antes era policial, você sabe. Deu para ver o policial na cara dele. Ele ficou calmo, mas também ficou *duro*. Falou: “É melhor deixar isso comigo, filho”, e pegou a espingarda da mão do Mikey. Deu o primeiro tiro na garganta do Harold. O segundo acertou o laptop. O Bonde da Cremação se jogou no chão, e até onde eu sei continua lá até hoje, porque a gente se levantou e saiu correndo feito uns doidos e nem olhou para trás. – Seu café tinha acabado. Ele rolou a caneca entre as palmas das mãos. – Lá na mata, Ben Patchett ficou com o semblante gélido, mas ao voltar chorou copiosamente. Ficou sentado num dos bancos da capela abraçado com Pai Storey como se fosse uma criança. Pai Storey o acalmou e disse que, se aquilo era culpa de alguém, era dele próprio, não do Ben.

Com o cenho franzido, Nick estava escrevendo no jogo americano outra vez. Empurrou o papel para Allie, que leu, em seguida passou para Renée e Harper poderem ler também.

*O Sr. Patchett não deveria ter mandado ninguém buscar uma espingarda. Deveria ter mandado alguém buscar o **JOHN**. Ele poderia ter salvado o Harold.*

– Pode ser – disse Don, que estava lendo o jogo americano de cabeça para baixo. – Só que a gente estava com uma baita pressa. E no fim das contas foi bom termos agido rápido. Se tivéssemos chegado dois minutos mais tarde que fosse, o Harold talvez tivesse contado tudo. Aí, em vez de um rapaz morto, teríamos uma colônia cheia de crianças mortas, e adultos mortos também. – Ele pousou a caneca sobre a mesa com um estalo de vidro. As pessoas estavam de pé e enchiam o lugar com várias conversas altas, felizes. Era hora da capela. Harper sentiu o conhecido nó de apreensão se apertar no ventre. Lá vinha outra canção, outra harmonia à qual não conseguiria se juntar, outra explosão acachapante de barulho e de luz.

– Acho que é isso – disse Renée. – A triste balada de Harold Cross.

Harper não queria ir, então quando falou foi mais para ganhar tempo do que qualquer outra coisa.

– Talvez não seja só isso. Uma coisa me deixou encucada. O que tinha no tal bloco de anotações? Alguém descobriu?

– Também me fiz a mesma pergunta – disse Don, pondo-se de pé. – O bloco nunca foi encontrado. Talvez ele o estivesse segurando quando foi morto. Se for esse o caso, a localização da colônia não foi revelada, senão isto tudo aqui já teria virado cinzas. – Ele estalou a língua e balançou a cabeça. – Acho que nunca vamos saber. Alguns mistérios jamais serão solucionados.

10

Duas irmãs, Gail e Gillian Neighbors, estavam tendo uma briga.

Elas dividiam um mesmo vidro de esmalte de unha, que tinha sumido, e uma acusava a outra de ter perdido, ou talvez escondido o esmalte. As duas eram gêmeas, e por natureza se tratavam com barbárie. Gillian já tinha levado um beliscão no mamilo, e quando Harper as separou Gail estava segurando uma meia suja junto ao nariz ensanguentado. Gillian tinha enfiado o polegar quase três centímetros dentro da sua narina.

Harper patrulhava o dormitório, inteirando-se das novidades. Era bom pensar nos problemas dos outros. Melhor do que se preocupar com a hora do apagar das luzes, quando ficaria deitada em sua cama, desesperada para dormir e enjoada só de pensar no que poderia acontecer quando o fizesse.

Imaginou que Allie saberia quem poderia ter pegado o esmalte de unha, se é que alguém tinha pegado (a cor se chamava “Incendiário”, nome cuja graça as gêmeas Neighbors não pareciam captar). Allie e outra menina jogavam cartas em cima de uma pilha de malas. Harper foi até lá e ficou parada atrás da outra menina, Jamie Close, esperando elas repararem na sua presença.

– Que bom que não sou *eu* dormindo ao lado dela – dizia Jamie Close para Allie.

Jamie era uma das mais velhas entre as Sentinelas, 19 anos, quase 20. Tinha os olhos muito juntos e um nariz arrebitado que, somados, lhe davam um desafortunado aspecto porcino.

– Dormindo ao lado de quem? – perguntou Allie, distraída, por cima de suas cartas.

– Você sabe de quem: da enfermeira Raio de Sol – continuou Jamie. – Ela ontem à noite acordou tossindo fumaça. Você escutou? Fiquei pensando, pega fogo *logo de uma vez* para os outros poderem dormir. Tipo, eu...

Allie deu um pisão bem forte no pé de Jamie. Uma criança poderia ter pensado que fora um acidente; uma criança bem pequena e bem ingênua. Jamie se retesou e calou a boca.

Após alguns instantes, o olhar de Allie se ergueu e ela pareceu ver Harper pela primeira vez.

– Oi! O que você conta, enfermeira Willowes?

– As gêmeas Neighbors perderam um vidro de esmalte de unha. Estou só perguntando para ver se alguma de vocês duas por acaso encontrou.

Sentada num balde virado, Jamie Close se manteve rígida. Tinha a camiseta levantada para exibir a tatuagem na base das costas: uma imagem da bandeira confederada acima da palavra **REBELDE**. Não teve coragem de olhar para Harper.

– Desculpe, enfermeira. Eu não faço nada com as minhas unhas a não ser roer.

Allie parecia querer dizer alguma coisa, tinha um olhar preocupado de quem pede desculpas, mas só fez abrir a boca, fechá-la e balançar a cabeça.

Harper forçou um sorriso, agradeceu às duas e se afastou. Sua Escama do Dragão pulsava com um calor desagradável, de um jeito que a fez pensar em alguém soprando brasas.

11

Sonhou que estava usando uma camisola toda feita de vespas, e acordou quando elas começaram a picar.

O subsolo estava abafado e escuro naquele final de manhã, e ela ficou deitada sem se mover, ainda se sentindo picada por vespas: na clavícula, na parte interna da coxa esquerda, entre dois dedos do pé.

Pressionou o queixo contra o peito, olhou para baixo e viu um ponto vermelho queimando o tecido da sua camiseta acima do seio esquerdo, como se alguém estivesse encostando a ponta de um cigarro aceso no algodão... por *dentro*. Um filete sedoso de fumaça branca subia do buraco cada vez maior. Com uma horrível lassidão, Harper observou o buraco se expandir, suas bordas uma renda de laranja vivo. Por fim, esfregou o buraco com o polegar e limpou as faíscas do peito.

Seu corpo latejava por causa de quase uma dúzia daquelas queimaduras que pareciam picadas de vespa. Ela afastou o cobertor para ver se as roupas estavam queimando em algum outro lugar, e uma lufada de fumaça preta flutuou em direção ao teto. Lembrou-se de seu fascínio infantil por sinais de fumaça. O que significaria aquela mensagem? Provavelmente: *Socorro, vou ser queimada viva*.

Chega, pensou.

Sentou-se com grande cuidado, fazendo ranger as molas da cama. Não queria acordar ninguém, não queria causar nenhum problema. Nesses primeiros instantes, não soube ao certo o que pretendia fazer, só que não queria ter de falar com ninguém a respeito. Aquele *chega* indicava algum tipo de decisão, mas não ficou imediatamente claro para ela o que havia decidido.

Na cama junto à sua, Renée dormia de lado, imersa nos próprios sonhos, sorrindo de algum acontecimento imaginado. Harper meio que teve um impulso de se inclinar e beijar sua testa, para ter um último instante de contato físico. *Último instante?* Constatou que não conseguia olhar para Renée por muito tempo. *Chega* representava algum tipo de traição da sua amizade. *Chega* iria ferir Renée, iria deixá-la... o quê? *Perdida*, foi a palavra que lhe veio à mente. *Perdida* e *chega* combinavam como marido e mulher.

Cogitou pôr dentro da bolsa de lona *A mãe portátil* e as roupas, mas *chega* era um destino que não requeria bagagem. *Chega* era uma reverberação bem no fundo de si, uma espécie de vazio ecoante, como se ela fosse um campanário no qual um sino houvesse sido solenemente tocado. Não pergunte por quem os sinos dobram.

Ela se levantou e se pôs a andar pelo concreto fresco e empoeirado. Parou no pé da escada e virou a cabeça para olhar o labirinto de camas, um dédalo de mulheres adormecidas. Nessa hora amou todas elas, mesmo a desagradável Jamie Close, com sua boca feia e seu nariz arrebitado. Sempre quisera ter uma amiga durona como Jamie, uma amiga grossa e desbocada, capaz de machucar outra garota por falar mal dela. Amou Renée e as irmãs Neighbors, e a pequena Emily Waterman, e Allie e Nick. Nick principalmente, com seus olhos verde-garrafa e suas mãos articuladas, que desenhavam palavras no ar como um menino-mago a lançar feitiços.

Subiu três degraus até a porta, soltou o trinco com um clique e saiu. A claridade aguada do sol a fez piscar. Não via luz fazia algum tempo, e seus olhos doeram.

O céu alto e claro parecia o telhado de lona desbotado de um circo. Ela subiu mais degraus, arrastando em seu encalço anéis de fumaça. A escama tinha aberto furos em seus casacos de moletom, deixando sua camiseta do *Rent* toda esburacada. Ela assistira ao musical *Rent*, com Jakob, e ele segurara sua mão quando ela havia chorado no final. Ficou surpresa ao se pegar com saudades de Jakob agora, da potência musculosa e esguia de seus braços quando ele a segurava pela cintura. O fato de ele ter lhe apontado uma arma na última vez em que ela o vira não parecia ter importância.

Supunha que Jakob tivesse razão. Teria sido muito mais fácil fazer as coisas do jeito dele. Ele sabia como seria horrível morrer queimado. Queria apenas poupá-la. Por isso, ela havia estraçalhado a cara dele com um copo quebrado e desperdiçado sua garrafa de vinho especial.

Harper tinha dito a si mesma que estava se mantendo viva pelo bebê, mas na verdade o bebê nunca tivera nada a ver com isso, não de verdade. Ela estava aguentando porque não conseguia suportar dizer adeus à própria vida e a tudo de bom que esta continha. Egoistamente, queria mais. Queria tornar a abraçar seu pai e sentir o cheiro de sua água-de-colônia Eight & Bob, que sempre a fazia pensar numa

corda encharcada de água do mar. Queria se sentar à beira de uma piscina em algum lugar, com o sol batendo na pele quase nua, meio cochilando enquanto ouvia a mãe tagarelar sobre todas as coisas engraçadas que Stephen Colbert tinha dito na TV na noite anterior. Queria ler de novo seus livros preferidos e visitar os amigos mais uma vez: Harry e Ron, Bilbo e Gandalf, Hazel e Bigwig, Mary e Bert. Queria dar mais uma boa chorada solitária e ter outro acesso de riso de fazer xixi na calça. Queria fazer muito mais sexo, embora, pensando bem, a maior parte da sua vida sexual pregressa tivesse envolvido transar com homens dos quais não gostava muito.

Tinha dito a si mesma que estava levando a vida em frente por querer que seu filho (tinha a curiosa certeza de que o bebê era menino, tivera essa certeza quase desde o início) também experimentasse algumas das coisas boas; para que ele pudesse conhecer seus pais, ler alguns bons livros, ter uma namorada. Mas na verdade o seu filho não iria fazer nenhuma dessas coisas. Ele morreria antes mesmo de nascer. Assaria dentro do seu útero. Ela só vivera para poder assassiná-lo. Queria pedir desculpas ao bebê por um dia o ter concebido. Tinha a sensação de já ter quebrado a única promessa que jamais lhe fizera.

Quando chegou ao alto da escada, se deu conta de que havia esquecido os sapatos. Mas não tinha importância. A fina crosta da primeira neve tinha derretido, a não ser por alguns trechos sob os pinheiros. O vento fustigava os altos emaranhados de capim morto e encrespava o mar, formando pequenas ondas de bordas afiadas.

Não teve certeza se poderia aguentar por muito tempo o vento que soprava do mar, não com aquelas roupas finas e esfarrapadas, mas, pelo menos por alguns instantes, pensou que uma lufada de ar marinho lhe faria bem. Em teoria, não podia sair durante o dia, e Ben Patchett ficaria chateado se soubesse, mas a Colônia Wyndham estava seca, fria e vazia, e não havia ninguém por perto para vê-la.

Ela partiu em direção à praia pisando na grama úmida, apodrecida. Parou uma vez, para examinar uma pedra branca do tamanho do crânio de um bebê, estriada de riscos pretos salpicados de mica de um jeito que a fez pensar na Escama do Dragão. Com algum esforço, conseguiu enfiar a grande pedra em um dos bolsos da calça de moletom.

Passou por um trecho de árvores perenes, passou pela garagem de barcos, e recolheu mais algumas pedras de aspecto interessante na descida até o mar.

Foi cantarolando consigo mesma de um jeito desconsolado, entoando as palavras de uma música que entreouvira algumas das crianças menores gritando umas para as outras. Pensou se eles ao menos conheciam o original que aquela canção parodiava, “Hey Jude”. Provavelmente não.

*Eeei tu,
pra quê **chorar**
se você **friiitar**
vai ser bem **meerdaaa**,
Que **pena!**
Você virar um **carvão!**
Quem vai varrer sou eu,
E catar as cinzas.*

Ela sorriu sem nenhum prazer.

Quisera acreditar no milagre de Tia Carol, quisera muito mesmo acreditar que seria capaz de sair daquela situação cantando. Dava certo para todos os outros, garantia sua segurança e os enchia de contentamento, e deveria ter dado certo para ela também, só que não deu, e ela não podia fazer nada: tinha raiva deles por conseguirem fazer o que ela não conseguia. Tinha raiva deles por terem pena dela.

Ali, sozinha na luz clara, fria e cortante da manhã, podia admitir para si mesma que os achava repugnantes quando eles todos se acendiam na igreja. Estar entre eles quando seus olhos se punham a brilhar e sua Escama do Dragão pulsava era quase tão ruim quanto ser apalpada numa multidão pela mão de um desconhecido. Dentre todas as coisas que ela desejava que acabassem, queria o fim da cerimônia matinal na capela, do som e da fúria, do canto e da luz.

Andou até as tábuas cheias de farpas do cais. Ali, no mar aberto, o ar salgado a atingia com golpes repetidos, purificadores. A madeira, amaciada por uma década de água e umidade, tinha uma textura agradável sob seus pés. Ela caminhou até a borda e se sentou. As pedras dentro de seus bolsos fizeram barulho ao se chocar na madeira.

Com os dedos dos pés tocando a superfície da água, Harper olhou para a ilha do Bombeiro. Mergulhou um dos dedões e deu um arquejo: a água estava tão gelada que fez as articulações de seus pés latejarem de dor.

Alguém havia deixado um pedaço de barbante verde puído enrolado em volta de uma das estacas. Quase distraidamente, ela começou a desenrolá-lo. Sentia que era importante não pensar muito no que fora fazer no cais. Se encarasse aquilo de frente, talvez perdesse a coragem.

Em algum nível semiconsciente, porém, sabia que o frio do oceano seria quase tão insuportável quanto a sensação de picada de vespa da Escama do Dragão esquentando, e que o instinto a conduziria de volta à margem. Se amarrasse os próprios pulsos, porém, não conseguiria nadar, e o frio logo passaria da dor à dormência. Pensou que abriria os olhos quando estivesse debaixo d'água. Sempre havia gostado da escuridão embaçada do mundo aquático.

A névoa nublada se esgarçou ao leste, e ela entreviu uma nesga de azul-claro. Sentia-se tão limpa e aberta quanto aquele céu azul. Sentia-se bem. Começou a enrolar o barbante em volta dos pulsos.

A brisa trouxe um grito distante.

Ela hesitou e inclinou a cabeça para escutar.

Em uma das extremidades da pequena ilha ficava a ruína de um chalé de um cômodo só. Apenas duas paredes continuavam de pé. As outras duas haviam desabado junto com o telhado. Vigas calcinadas se entrecruzavam lá dentro.

Uma segunda construção, de tamanho menor, algum tipo de casebre sem janelas pintado de verde e com uma porta branca, fora erguida na meia-lua de areia que ficava de frente para a Colônia Wyndham. Tinha um telhado de capim, e uma duna havia formado um banco de areia alto encostado na parede do outro lado, deixando-a meio parecida com a toca de um hobbit enterrada no flanco de uma colina. Uma chaminé feita com um cano de latão soltava dia e noite um filete de fumaça, mas até onde Harper sabia nunca havia chamado a atenção do mundo exterior. Não era possível correr os olhos pela margem sem ver uma dúzia de filetes de fumaça iguaizinhos.

Só que agora a chaminé transportava o eco de uma vozinha tensa e distante.

– *Não! Não vai, não! Você não pode fazer isso!* – gritava o Bombeiro. – *Não pode desistir!*

O coração de Harper pulou feito uma arapuca que se fecha. Por um alarmante segundo, teve certeza de que ele estava falando com ela.

Mas é claro que ele não podia vê-la de dentro do seu barracão. Não tinha a menor ideia de que ela estava ali.

– *Eu não fiz tudo que você queria?* – gritou ele, e graças a algum truque perverso de acústica o vento capturou sua voz e a trouxe até ela com clareza. – *Não fiz tudo que você pediu? Você não acha que eu quero desistir? Só que eu continuo aqui. Se eu não posso ir embora, você também não pode.*

Ela sentiu que deveria sair correndo, que não tinha o direito de escutar nada daquilo, mas não conseguiu se mexer. A fúria que escutou na voz dele varou seu corpo feito uma estaca, imobilizando-a onde estava.

Um forte clangor de ferro soou dentro do barracão. A porta se sacudiu no batente. Ela aguardou, impotente, para ver o que aconteceria a seguir, torcendo com todo seu coração para ele não estar prestes a sair e vê-la.

Ele não o fez, e nada mais se ouviu. A fumaça continuou saindo tranquilamente da chaminé, desfazendo-se rapidamente conforme se misturava à névoa reinante. O vento sacudia os tufos ásperos de algas na ilha.

Harper escutou, aguardou e observou, até perceber que estava trêmula por causa do frio. Deixou cair o barbante que estava enrolando nos pulsos. Um vento o capturou, o fez flutuar pelo ar e o jogou no mar. Ela aproximou os joelhos do peito e os abraçou para se aquecer. A pedra em forma de crânio de bebê pressionou dolorosamente o seu quadril, então ela a tirou do bolso e a pôs na borda do cais.

Perto demais da borda. A pedra rolou de lado. *Pluft*, fez o mar quando a engoliu.

Foi um som tão gostoso que Harper deixou cair todas as outras pedras que havia recolhido, uma após a outra, só para escutá-lo de novo, e outra vez.

Norma Heald dizia que ali havia fantasmas, fantasmas feitos de fumaça. Talvez John houvesse gritado com um deles. Talvez houvesse gritado com as sombras. Ou consigo mesmo.

Fantasmas traziam recados do além, mas não davam pistas de que seriam bons ouvintes. John havia soado tão infeliz, tão magoado, que Harper pensou que *alguém* precisava escutá-lo. Se não os fantasmas, ela.

Além do mais, Jakob sempre pensara saber melhor do que Harper o que era bom para ela, e se matar seria uma admissão de que ele estava certo. Isso em si já era um motivo para persistir, só para fazê-lo

morder a língua. Agora que estava mais desperta, ela estava se sentindo menos propensa a perdoar a questão do revólver.

Ninguém a ouviu entrar de novo no subsolo da capela. As cobertas de sua cama estavam com cheiro de fogueira, mas eram tão aconchegantes que ela pegou no sono em minutos... e dessa vez não sonhou.

12

Na noite do primeiro sorteio para ver quem iria comer e quem não, Harper foi escolhida para trabalhar na cozinha. Norma a posicionou logo atrás da janela onde as pessoas se serviam, atrás de uma mesa dobrável sobre a qual estavam dispostas garrafas térmicas, canecas, e uma grande lata retangular de açúcar.

– Pode adoçar o café de quem perder. Uma colherada para cada um, não mais do que isso. E deixa eles verem essa sua barriga, para lembrarem por que estão ficando sem almoçar: por causa do seu pequeno e precioso milagre – disse Norma.

Isso não fez Harper se sentir melhor. Fez com que se sentisse gorda, privilegiada e sozinha. É claro que ela não estava gorda, não exatamente. Sim, de fato não conseguia mais abotoar a calça jeans até em cima, fato que escondia usando folgados moletons de capuz. Mas os móveis não chegavam a estremecer quando ela atravessava o recinto.

O almoço foi um mingau aguado acompanhado por pêssegos saídos de outra lata. Coube a Nelson Heinrich distribuir os tíquetes do sorteio, e ele apareceu para cumprir a tarefa usando um de seus suéteres natalinos: verde-escuro, estampado com homenzinhos de biscoito de gengibre dançantes. Usava também um gorro de Papai Noel, um toque obsceno, na opinião de Harper, como se estivesse distribuindo bengalas de doce em vez de tirando refeições.

Os tíquetes foram postos dentro da bolsa de couro marrom de uma mulher. Os perdedores estavam marcados com X pretos. Harper pensou que aquela bolsa era uma espécie de oposto cármico do Chapéu Seletor. Em vez de ser despachado para Sonserina ou Grifinória, você era obrigado a passar fome com uma xícara de café adoçado. Nem sequer podia permanecer no refeitório com os outros.

Não acho que seria uma boa ideia, tinha explicado Ben Patchett. Se deixarmos os perdedores aqui, o pessoal vai ficar com pena e começar a dividir a comida. Em geral sou super a favor de compartilhar, e compartilhar irmãmente, mas nesse caso isso iria contra todo o objetivo do sorteio. Tem tão pouca coisa para dividir que, se as pessoas começarem a repartir suas porções, vai ser como se ninguém estivesse comendo direito.

Ele então disse que haveria apenas 29 tíquetes perdedores na bolsa. Havia decidido tirar o trigésimo, para mostrar que não estava pedindo a ninguém para fazer nada que ele próprio não estivesse disposto a fazer.

Às duas da manhã, seu horário de almoço habitual, Norma soltou a tranca das portas do refeitório e se afastou de lado quando as pessoas começaram a entrar, limpando a neve dos gorros e dos ombros. Estava nevando outra vez, uma precipitação veloz, leve e fina.

Don Lewiston era o primeiro da fila, e foi até Nelson Heinrich. Surpreso, Nelson piscou os olhos para ele.

– Don, você tem 63 anos! Não precisa tirar nenhum papel! Eu não tirei, e tenho só 60! Vai lá comer seus pêssegos. Os meus eu já comi. Nossa, que delícia!

– Vou tirar um papel, sim, igual a todo mundo que está aqui, Nelson, obrigado. Nunca fui de comer muito, mesmo, e quase preferiria uma xícara de café com um pouco de açúcar.

Antes de Don poder colocar a mão dentro da bolsa, Allie chegou do seu lado e o segurou pelo pulso.

– Sr. Lewiston, perdão, será que pode esperar só um minutinho? Estamos com uma porção de Sentinelas que passaram a noite inteira lá fora no frio, varrendo as tábuas entre as construções. Pai Storey disse que tudo bem eles tirarem o papel primeiro – falou ela.

Tirando os olhos de Don, olhou para a fila e fez um gesto com a cabeça. Adolescentes começaram a avançar em direção à frente.

Alguém gritou:

– Ei, que papo é esse de furar a fila? Todo mundo aqui está torcendo para conseguir almoçar.

Allie ignorou o protesto. Michael também, e os jovens continuaram a avançar atrás dele. Michael chegou junto a Don Lewiston, meneou a cabeça, enfiou a mão na bolsa... e tirou uma pedra branca do tamanho de um ovo de melro.

– Xi – disse ele. – Olha só. Acho que tirei um papelzinho perdedor!

Ele pôs a pedra na boca e passou pela fileira de janelas onde as pessoas se serviam até a mesa do

café. Ali, serviu-se uma xícara sem dizer nada e estendeu a caneca de cerâmica para Harper poder adoçar.

Nelson Heinrich o encarava com a boca escancarada de um jeito um tanto abobalhado. Baixou os olhos para a bolsa, tentando entender de onde a pedra tinha surgido.

Allie começou a assobiar uma pequena melodia alegre.

Gillian Neighbors tirou em seguida. Outra pedra.

– Que sorte a minha! – falou, feliz, e jogou a pedra na boca. Foi até Harper, serviu-se um café e esperou pelo açúcar.

Atrás dela, sua irmã Gail já estava pondo a mão dentro da bolsa, e dessa vez Harper viu que já estava com sua pedra na mão antes mesmo de começar a revirar os papeizinhos.

Sentiu vontade de rir. De bater palmas. Sentia-se uma menina cheia de gás hélio, tão leve que poderia ter se soltado do chão e ido bater no teto feito uma bola de encher. Sua felicidade foi tanta que chegou a doer, uma felicidade selvagem, intensa, de um tipo que ela não sentia desde que havia adoecido com a Escama do Dragão.

Quis começar a agarrar os jovens, as Sentinelas, amigos de Allie, e apertá-los com força. E não só por causa do que eles estavam fazendo, ignorando o sorteio e simplesmente optando por não comer, assumindo o fardo de ficar sem almoço para que os outros pudessem se alimentar. Era também por causa do que Allie estava *assobiando*, uma canção que Harper reconheceu nos primeiros três compassos, uma melodia tão linda que ela teve a sensação de que poderia parti-la ao meio, do mesmo jeito que um vidro pode ser estilhaçado por determinadas tonalidades musicais.

Allie estava assobiando “A Spoonful of Sugar”, “uma colherada de açúcar”, a melhor das músicas do melhor dos filmes de todos os tempos.

Gail Neighbors tirou a pedra branca, deu um estalo com a língua e foi pegar seu café. Todos os jovens estavam fazendo a mesma coisa: a turma de Allie. Todas as adolescentes que tinham raspado a cabeça para ficarem iguais a ela, e todos os adolescentes que haviam se inscrito para serem Sentinelas só para conviver com ela.

Don Lewiston empurrou para trás sua boina de pescador grego, coçou a testa com o polegar e começou a assobiar ele também. Conforme cada um dos Sentinelas passava, recolhia sua pedra e ficava sem almoço, ele meneava a cabeça.

Pai Storey também estava assobiando. Harper não o tinha visto entrar, mas ali estava ele, em pé de um dos lados da porta, com um largo sorriso no rosto, mas piscando para conter as lágrimas. Ao seu lado, Tia Carol tinha a cabeça pousada no seu ombro e assobiava junto com os outros, e seus olhos eram duas moedas de ouro. Quase uma dúzia de pessoas agora assobiava a mesma música, uma melodia tão encantadora quanto o primeiro sopro perfumado da primavera, e seus olhos brilhavam como lamparinas. Elas ardiam suavemente por dentro. Ardiam com a canção, com o Brilho.

Gail Neighbors estendeu a caneca para o açúcar. Quando Harper adoçou seu café, começou a cantar.

– *Just a spoonful of sugar makes the medicine go down, makes the medicine go down* – cantou ela com uma voz embargada de emoção. Só uma colherinha de açúcar ajuda o remédio a descer.

Ela cantou, e por um instante esqueceu por completo que estava grávida, gorda, sozinha, coberta por um esporo inflamável sempre pronto para entrar em ignição. Cantou e esqueceu o livro horroroso de Jakob e o revólver horroroso de Jakob. Esqueceu que o mundo estava em chamas.

Uma pontada de calor subiu da base da sua coluna e se espalhou pelas fitas da Escama do Dragão em sua pele numa deliciosa onda que provocou calafrios. Ela cambaleou sem perceber. O mundo havia adquirido uma qualidade nova, líquida. Ela tomou consciência de que seu sangue ondulava como se fosse uma maré, como se ela estivesse flutuando numa piscina de calor e luz, como se ela própria fosse um embrião, em vez de estar carregando um.

Na vez seguinte em que serviu o açúcar, os grãosinhos cintilantes pareceram cair em câmera lenta: uma cascata de riquezas. A luz foi cascadeando pela Escama do Dragão em volta de seus pulsos e garganta, um arrepió branco e prateado. Ela era uma pipa no céu que a música fazia voar, em vez do vento. Estava quente feito uma pipa sob o sol, também, e sua pele ardia, não de um jeito dolorido, mas com um rubor de prazer. Sua mão estava coberta por uma luva de luz.

As Sentinelas se aproximavam, meneavam-lhe a cabeça, pegavam seu café ou chá e seguiam seu caminho, e todos eles brilhavam. Ela se sentiu grata por cada um deles, apaixonada por cada um deles, embora não conseguisse recordar quem era nenhum. Não conseguia se lembrar de nada que houvesse acontecido antes da música. Não conseguia pensar em nada que fosse mais importante do que a melodia. Não acreditava que nenhuma colherada de açúcar, por mais doce que fosse, pudesse ser tão deliciosa quanto a doçura que a percorria agora e fazia tudo derreter.

Pai Storey foi o último a vir pegar seu café. Ele também havia tirado uma pedra, claro. Ainda não a pusera na boca, apenas a segurava.

- Vejam só a Srta. Willowes! – exclamou ele. – Feliz, enfim. Feliz e com uma cara boa!
- Senhorita... Willowes? – indagou ela, com uma voz lenta e sonhadora como açúcar despejado de uma colher. – Quem é Srta. Willowes?
- Você vai se lembrar – prometeu ele.

13

E de fato ela se lembrou. Seu nome lhe voltou logo antes do raiar do dia, voltou quase no mesmo instante em que ela parou de tentar recordá-lo. Seu subconsciente o cuspiu sem aviso algum, de um jeito bem parecido com o que às vezes lhe fornecia a resposta a uma pergunta de palavras-cruzadas que vinha lhe fugindo.

Ela não acordou mais tossindo fumaça. Não houve mais calores subindo por sua camiseta durante a noite. Na ida seguinte à capela, Carol sentou-se em frente ao órgão para tocar “Spirit in the Sky”, “espírito no céu”, e a congregação se levantou para cantar. Todos urraram e bateram com os pés no chão feito marinheiros embriagados num romance de Melville, entupidos de rum e assustando as gaivotas com seus cantos marinhos, e Harper se esgoelou junto com eles, se esgoelou até ficar com a garganta dolorida.

E eles brilharam, todos eles juntos, Harper também. Seus olhos luziam feito dois lampiões, sua pele zumbia de calor e prazer, seus pensamentos voaram para longe como um falcão subindo numa corrente de vento quente de verão, e durante algumas semanas tudo quase ficou bem.

LIVRO TRÊS

FALANDO NO DIABO

JANEIRO

1

No segundo dia de janeiro, ela acordou não de um pesadelo, mas com a sensação de alguma coisa se mexendo dentro dela, empurrando os músculos da sua barriga.

Ficou deitada no escuro, com os olhos arregalados e as mãos espalmadas sobre a cabaça retesada que era o seu ventre.

Uma protuberância ossuda, mais ou menos do mesmo tamanho do osso de um dedo polegar, fez pressão pelo lado de dentro e se elevou contra sua palma direita.

– Oi, você – sussurrou ela.

Na noite em que o pingente sumiu, Renée e Harper estavam ouvindo o Homem de Marlboro num radinho a pilha.

– Não entendo como vocês suportam esse cara. – Norma Heald estava passando por suas camas, e havia parado para ouvir o que elas estavam escutando. – Cada palavra que ele diz é uma gota de veneno dentro dos ouvidos.

– Ele é a coisa mais próxima de um noticiário local que sobrou – falou Renée.

– E, mais importante, nós somos mulheres ruins, e a ruindade dele deixa a gente entusiasmada – disse Harper. – Quanto pior, melhor.

– É – falou Renée. – Tem isso também.

Harper depositava beijos em quadradinhos de papel-manteiga para testar cores diferentes de batom. Depois de beijar, limpava a boca e experimentava outra cor. Renée havia coletado vários batons de todas as ocupantes do subsolo.

Quando Harper dava um beijo que lhe agradava, entregava-o para Renée, que o enrolava em volta de um pau de canela, ou então de um pedacinho perfumado de casca seca de limão, punha dentro de uma garrafinha de vidro e tapava com uma rolha. Eram os beijos de emergência. Harper estava estocando a Mãe Portátil com eles, para que quando seu filho precisasse de um beijo tivesse vários disponíveis entre os quais escolher. A Mãe Portátil não era mais um livro, mas sim um kit, toda uma coleção de objetos potencialmente úteis que havia se multiplicado a ponto de ocupar todo o espaço dentro da bolsa de lona de Harper.

No chão ao pé da cama, Nick jogava general contra si mesmo. Os dados chacoalhavam e batiam dentro do copo de plástico. O subsolo estava lotado, repleto de conversas, discussões, risos e molas de cama gemendo, todos presos lá dentro enquanto do lado de fora nevava forte.

No rádio, o Homem de Marlboro falou:

– Vocês acham que uma garota com a Escama do Dragão consegue soprar anéis de fumaça pela pepeca? Amigos, é uma pergunta que eu sempre me fiz. Bem, neste final de semana o Homem de Marlboro estava soltinho em Portsmouth com os Incineradores do Litoral e teve uma oportunidade de descobrir. Daqui a pouquinho eu conto, mas primeiro uma história lá de Concord. O governador Ian Judd-Skiller afirmou que os integrantes da Guarda Nacional estavam só se defendendo quando ontem mataram a tiros quatro guimbas na fronteira com o Canadá. A multidão atacou a barreira com paus, não com bandeiras brancas, como disseram por aí, e os soldados encurralados abriram fogo para dispersar...

– Ele é um assassino – disse Norma, e fungou. – Esse DJ que vocês estão escutando. Matou gente como a gente. E fica *se vangloriando* disso. Cicuta nos seus ouvidos... é isso que ele é.

– Sim – falou Renée. – Ele é muito burro, sabe. Esse é outro motivo para escutar. Quanto mais nós soubermos sobre *ele*, menos provável ele algum dia saber alguma coisa sobre *nós*. As pessoas ligam para lá com informações, e esse palhaço as coloca no ar ao vivo. Se alguém algum dia mencionar a Colônia Wyndham ou guiar ele até aqui, teremos uma vantagem. E mesmo se ninguém ligar, eu já aprendi uma porção de coisas sobre o Bode da Cremação com o qual ele anda só de prestar atenção no seu programa. Aprendi que são oito homens e mulheres, que dois são ex-integrantes do Exército e conseguiram alguns armamentos pesados. Um não sei quê calibre cinquenta? Imagino que seja uma arma bem grande. Sei que eles andam em dois veículos, um furgão e um caminhão grande cor de laranja. Sei que escutam a frequência da polícia, e que na maior parte do tempo as forças de segurança pública ficam felizes em...

– Caminhão cor de laranja? – indagou Harper. – Tipo um caminhão municipal?

Do outro lado do recinto, Allie gritou:

– *Não! NÃO!* – E virou a cama de cabeça para baixo, produzindo um estrondo ribombante.

Todas as cabeças se viraram, menos a de Nick, claro, pois ele não tinha ouvido nada.

Allie acertou com um chute uma mala surrada, espalhando roupa suja por todo o chão.

– Puta que pariu! – berrou. – Porra! Puta *que pariu caralho PORRA!*

As conversas morreram. Emily Waterman, que mal havia completado 11 anos, uma menina que vira a família inteira morrer e cuja parte de trás dos braços sardentos era coberta por belas plumas de Escama

do Dragão, entrou debaixo da cama e tapou os ouvidos.

Renée foi a primeira a se mover, mantendo o semblante redondo e agradável inteiramente calmo. Harper seguiu dois passos mais atrás.

Renée diminuiu a velocidade ao chegar perto de Allie, e se aproximou da adolescente de um jeito bem semelhante ao que poderia ter usado para tentar se aproximar de um felino selvagem. Harper se ajoelhou no chão para olhar debaixo da cama de Emily Waterman.

– Emily? Está tudo bem – falou, estendendo a mão para a menina. – Allie está fazendo fuzuê – acrescentou, num sussurro.

Mas Emily balançou a cabeça e se esquivou da mão dela. Harper desejou ter consigo sua lancheira da *Mary Poppins*, com as barrinhas de chocolate e o rabanete de emergência.

– Allie – disse Renée. – O que houve?

– Sumiu, *porra*, sumiu...

– O que sumiu? O que você perdeu?

– Eu não *perdi* nada. Meu pingente estava debaixo do meu travesseiro, e agora não está mais porque uma de vocês pegou, suas *piranhas*. – Ela correu uns olhos raivosos pelo subsolo.

Emily emitiu um fino ganido de terror e virou a cabeça para longe da mão estendida de Harper. Harper cogitou puxá-la para um abraço, decidiu que isso poderia ser demasiado alarmante, e contentou-se em estender a mão e afagar suas costas.

– Allie, eu sei que você está chateada, mas precisa falar baixo... – falou Renée.

– Eu não preciso fazer merda nenhuma.

– ... porque está assustando os menorzinhos. Por que não pergunta ao Nick...

– Eu já perguntei, a senhora não acha que eu *já perguntei* quando comecei a *procurar* quinze minutos atrás?

Um filete de fumaça clara começou a escorrer de uma das pernas da calça do macacão folgado de Emily Waterman.

– Allie! – disse Harper. – Para com isso. Você está fazendo a Emily soltar fumaça!

– Por favor, Allie – disse Renée, e tocou o ombro da adolescente. – Todo mundo aqui está vivendo sob tamanha pressão que você não seria humana se às vezes não quisesse gritar. Mas por que não senta aqui comigo...

– Quer parar de *tocar* em mim? – gritou Allie. Ela afastou a mão de Renée. – Você não sabe nada sobre mim. Você não é minha mãe. A minha mãe morreu *queimada*. Você não é *nada* meu. Não é minha mãe, não é minha amiga. Você é um abutre *da dor* que fica voando em círculos à procura de alguém para se alimentar. É por isso que passa todo o seu tempo livre lendo para as crianças. Você adora os coraçõezinhos machucados delas. Se alimenta da solidão delas igualzinho a um vampiro. Você ama crianças sem pais porque elas *precisam* de alguém. É fácil ler uma história para elas e assim se sentir especial. Só que você não é especial. Para de se alimentar da gente.

Um silêncio aturdido tomou conta do subsolo.

Harper quis dizer alguma coisa, mas havia perdido o dom da fala. Não sabia ao certo se o que a silenciara fora o seu horror, pois jamais imaginara que Allie, tão destemida, tão inteligente, tão linda e tão engraçada, pudesse ser tão cruel, ou se fora uma onda paralisante de *déjà vu*. Pois quando Allie afirmou que altruísmo na verdade era egoísmo, e a gentileza uma forma de manipulação, soou igualzinha a Jakob. Sua violenta capacidade lógica era igual à dele. Ela fazia as pessoas se sentirem ingênuas e infantis por imaginarem que pudesse haver alguma coisa boa no mundo.

Renée, por sua vez, havia erguido um braço para proteger o rosto, como se esperasse ser agredida. Estudava Allie com um fascínio mudo e magoado.

O dormitório ainda estava esperando sua resposta, esperando ela se defender, quando Nick atravessou correndo o recinto e se intrometeu entre Allie e Renée. Levantou o cartão de pontos do jogo de general e mostrou o verso, onde havia escrito:

DOIS GENERAIS SEGUIDOS:

Allie encarou aquela mensagem com uma incompreensão inexpressiva. Então pegou a folha de papel da mão do irmão, embolou-a e a jogou na cara dele. O papel quicou na testa de Nick e foi parar no chão.

Ele cambaleou para trás como se tivesse levado um empurrão. Seu ombro bateu no peito de Renée. Harper não achava que algum dia tivesse visto tanta mágoa estampada no rosto de alguém.

Nick saiu correndo. Antes que alguém pudesse pegá-lo, correu até a escada. No pé dos degraus, hesitou e lançou um último olhar para a irmã mais velha, e por um instante a encarou com uma expressão de desprezo tão feroz quanto qualquer coisa que a própria Allie era capaz de produzir. Assim como a beleza élfica, talvez um dom para o ódio fosse algo que corresse na família.

Harper chamou o nome dele, gritou para ele esperar. Mas é claro que Nick não a escutou, *não podia* escutá-la. Levantou-se para ir atrás dele, mas ele já tinha subido correndo a escada, passado com um empurrão pela porta lá em cima, e se precipitado para o meio da nevasca.

Ela se virou para Allie com um olhar de frustração.

– O que é? *O que é que é?* Tem alguma coisa a dizer, enfermeira Ninguém? – perguntou Allie.

– Tenho, sim – disse Harper, invocando toda a Julie Andrews que tinha no coração. – Seu showzinho foi *de quinta categoria*, Allie. De quinta mesmo. Ele também perdeu a mãe, sabia, e tudo que lhe restou foi *você*. Que vergonha. Depois de ele fazer dois generais!

A reação de Allie a chocou mais do que todo o resto. Sua expressão se desfez e ela começou a soluçar. Sentou-se pesadamente, com as costas apoiadas nas molas de sua cama virada.

Diante dessa súbita demonstração de derrota, as gêmeas Neighbors, Jamie Close e todos os outros membros da irmandade extraoficial e sem nome de Allie, aquela sociedade de meninas órfãs de cabeça raspada, correu para junto dela. Até mesmo Emily Waterman saiu de debaixo da cama e correu para se atirar no pescoço de Allie. Meninas seguraram suas mãos e se sentaram ao seu lado sussurrando palavras tranquilizadoras, preocupadas. Gail Neighbors começou a recolher suas coisas em silêncio. Alguém que tivesse entrado ali teria imaginado que fora Allie quem acabara de ser agredida e humilhada, não Renée ou Nick.

Harper voltou para sua cama, posicionada perpendicularmente à de Renée. Esta estava sentada na borda do colchão, com um aspecto tão cansado e desconsolado quanto o sentimento que dominava Harper.

– Alguém deveria ir atrás do Nick? – indagou ela.

– Acho que não. Ele não vai muito longe nessa neve. Se ele sequer pisar fora das tábuas, uma das Sentinelas vai gritar. Alguma hora um deles acaba trazendo ele de volta.

O Homem de Marlboro continuava falando, algo sobre uma mulher que tinha cheiro de gato molhado quando pegava fogo. Parecia ofendido por ela ter a deselegância de feder na hora da morte. Programas de rádio do tipo talk-show bastavam para fazer Harper pensar que o fim do mundo não era tão ruim assim, no fim das contas.

– Eu não aguento mais – falou Renée, e Harper pensou que ela estivesse falando sobre a vida na colônia, mas ela estava se referindo apenas ao DJ. Estendeu a mão e, com um gesto irritado, trocou o rádio para o AM e começou a percorrer faixas de estática.

– O que você está fazendo? – perguntou Harper. – Por que o pessoal desta colônia só vive ouvindo estática? O que vocês estão *tentando* ouvir?

– Martha Quinn – respondeu Renée.

– *Martha Quinn?* Aquela que era da MTV mil anos atrás?

– Ela está por aí... em algum lugar.

– Mentira – murmurou Norma Heald. – Tudo mentira. Isso é um castelo de areia.

Renée a ignorou.

– Você sabe o que a molecada diz.

– Eu não faço *ideia* do que a molecada diz. O que a molecada diz?

– Que ela voltou dos anos 1980 para salvar a humanidade. Que Martha Quinn é a nossa única esperança.

3

– Eu mesma nunca ouvi a transmissão, mas parece que ela irradia lá do litoral do Maine. –

Renée se contorceu para vestir uma volumosa parca laranja.

Era mais tarde. Mulheres se aglomeravam ao redor do pé da escada, escolhendo casacos e chapéus dentro de caixas de papelão, em preparação para a marcha de cem metros pela neve até o refeitório e o jantar. O vento uivava lá fora.

– De um barco?

– De uma ilha. Eles têm uma pequena cidade e um laboratório de pesquisa próprio, apoiado pelo governo federal. Pelo que sobrou do governo federal, enfim. Estão testando tratamentos experimentais.

Jamie Close sorriu e deixou à mostra uns dentes apinhados, com dois incisivos faltando na arcada inferior.

– Eles têm um soro que aplicam em você em dezoito injeções. Tipo uma antirrábica. O soro suprime a Escama do Dragão, mas eles precisam injetar *diariamente*. É se abaixar, tirar a calça e aguentar firme, porque você vai levar na bunda. Para mim não, obrigada. Se eu quisesse alguém espetando coisas doloridas na minha bunda diariamente, tenho um tio que poderia procurar.

A boca de Harper estava coberta por um cachecol enrolado em várias voltas ao redor da parte inferior de seu rosto, e sentiu que isso lhe dava permissão para não responder. Espremeu-se para o meio das mulheres que subiam a escada e saíam para a escuridão e a tempestade ruidosa.

– Não é tão ruim assim – murmurou Gail Neighbors. Pelo menos Harper pensou que fosse ela. Já teria sido difícil identificar as gêmeas em qualquer circunstância, mas com um gorro enterrado até as sobrancelhas e a gola estufada da parca em volta das orelhas, Harper mal conseguia ver qualquer parte do seu rosto. – Parece que eles estão fazendo coisas incríveis com maconha medicinal. Todo mundo tem direito a um pouco, sete baseados por semana. E maconha cultivada pelo governo, ou seja, superpura, supersuave.

– Além do mais, a idade mínima para beber lá é 16 anos – disse a que Harper pensava ser Gillian. Ambas tinham completado 16 logo após o dia de Ação de Graças, lembrou ela.

A pressão das mulheres mais atrás a ejetou para fora da escada e para dentro da noite. Duas tábuas corriam paralelas por sobre a neve e se perdiam na escuridão. A ventania salgada de maresia a fustigou e a fez cambalear. Ela não era mais tão estável sobre as próprias pernas quanto dois meses antes. Seu centro de gravidade havia se modificado. Apoiou-se numa pedra encimada por um gorro branco de neve.

As irmãs Neighbors a ultrapassaram e seguiram em frente. Emily Waterman veio saltitando atrás das duas, e Harper a ouviu dizer:

– Toda sexta-feira lá tem sorvete! Sorvete feito em casa! De três sabores: morango, baunilha, e café, eu acho. O meu preferido é café.

– Sorvete todo dia! – prometeu uma das irmãs Neighbors.

– Sorvete no café da manhã! – disse a outra, e elas sumiram na noite.

Allie segurou Harper pelo cotovelo para ajudá-la a ficar em pé direito.

– Você acha que o Nick foi para o refeitório? – indagou ela com uma voz baixa e desanimada. Ele não voltara para o dormitório, não fora visto desde que havia fugido.

– Não sei – respondeu Harper. – Provavelmente.

– Acha que a Renée algum dia vai voltar a falar comigo?

– Eu acho que você vai se sentir melhor assim que pedir desculpas.

– Don Lewiston sabe onde fica.

– Onde fica o quê?

– A ilha. A ilha da Martha Quinn. Ou pelo menos ele *acha* que sabe. Me mostrou num mapa um dia. Disse que, com base em todas as informações, é provável que seja Free Wolf Island, ao largo da cidade de Machias.

– Quer dizer que ele ouviu a transmissão?

– Não.

– E você, ouviu?

- Não.
- *Alguém* já ouviu a Martha Quinn?
- *Não* – disse Carol Storey antes de Allie conseguir responder.

Elas haviam chegado a uma interseção após o Parque dos Monumentos, onde o caminho que vinha da capela se unia a uma série de tábuas estendidas a partir da mata. Carol emergiu da neve que caía quase na diagonal, e atrás dela vinha seu pai. Ela o conduzia como se ele fosse uma criança, segurando sua mão coberta por uma luva inteira, sem dedos.

– Pode perguntar para todo mundo na colônia – disse Carol Storey. – É sempre outra pessoa que escutou. E se ter um porto seguro perfeito com o qual sonhar acordado é bom para elas, o que tem de errado nisso? Eu mesma também já me peguei vasculhando a frequência AM. Mas uma coisa eu digo a você: mesmo se estiver por aí, Martha Quinn não tem nada de que a gente precise. Já temos tudo de que precisamos aqui mesmo.

Harper bateu com os pés no chão ao entrar no refeitório, e a neve se desprende de suas botas em placas brancas molhadas. Pai Storey abanou o casaco, e uma pequena nevasca caiu em volta de suas pernas. Ela olhou em volta à procura de Nick e não o encontrou.

Todos pegaram bandejas e avançaram pela fila para serem servidos.

Pai Storey falou:

– Eu sempre fui meio que a fim da Martha Quinn, com aqueles coletes berrantes e gravatas fininhas. Mulher de gravata tem um negócio, sei lá... Dá vontade de segurar a gravata e puxar ela para um amasso. – Ele deu uma piscadela. Norma Heald lhe serviu uma colher de ravióli. O molho tinha consistência de lama. – Norma, está com uma cara ótima. A receita é sua mesmo?

– É enlatado – respondeu ela.

– Que maravilha! – exclamou Pai Storey, e avançou para pegar uns biscoitos salgados.

Norma revirou os olhos ao observá-lo se afastar, em seguida tornou a olhar para Harper. Encheu outra colher de ravióli, mas em vez de despejá-la na tigela de Harper acenou para ela com a grande colher de servir.

– Eu lembro quando ela aparecia na TV. Martha Quinn. Para ensinar as menininhas a se vestirem como putas em miniatura. Ela, a Madonna, e aquela outra com os cabelos que nem algodão-doce, a Cindy Lauper. Gente como a Martha Quinn é o motivo pelo qual este mundo está sendo purificado pelo fogo. Pergunte a você mesma se Deus deixaria uma mulher assim viver, e fazer dela a Sua voz para chamar Seu povo para a segurança? Olhe bem dentro do seu coração. Você sabe que Ele não deixaria. Martha Quinn morreu, Madonna morreu, e morreram também todos os agiotas da judia Nova York que enriqueceram transformando menininhas em putas. Você sabe disso, e eu também sei. – Os raviólis caíram da colher dentro da tigela de Harper com um *schlep* grosso e molhado.

– Norma, duvido muito que Deus tenha opiniões antissemitas em relação a Nova York ou a qualquer outro lugar – disse Harper. – Como ele chamou os judeus de seu povo escolhido, parece altamente improvável. Você viu o Nick? Ele apareceu para jantar?

Norma Heald a encarou com um olhar vítreo, opaco e pouco amistoso.

– Não vi. Por que não vai lá fora e grita por ele?

– Ele é surdo – disse Harper.

– Não deixe que isso a impeça – retrucou Norma.

4

Michael trouxe Nick de volta alguns minutos antes de o dia raiar. O menino estava encharcado e tremia depois da noite ao relento, com os cabelos embaraçados e duros e os olhos profundamente encovados. Harper pensou que ele parecia um bicho selvagem, como se tivesse sido criado por lobos.

Ele passou depressa pela cama de Allie, sem sequer relancear os olhos para a irmã adormecida, e foi direto para a de Harper. Escreveu num Post-it: *eu não quero mais dormir com ela. Posso dormir aqui?*

Harper pegou o Post-it e escreveu: *me ensina a dizer “hora de dormir” na língua dos sinais que eu topo.*

E foi assim que Nick Storey passou a dormir com Harper em vez de com Allie, e foi assim que Harper renovou seus conhecimentos de linguagem de sinais norte-americana; como preço para poder subir na sua cama, eles combinavam uma palavra ou expressão nova por noite. Ela era uma boa aluna, gostava de treinar com ele, e sentia-se grata pela distração.

Mas talvez tenha ficado distraída *demais*: quando a ladra apareceu para roubar a Mãe Portátil, não percebeu o sumiço até Renée Gilmonton perguntar o que havia acontecido.

5

Harper nunca tinha visto o Bombeiro na capela, ninguém tinha, e ficou tão espantada quanto os outros quando ele apareceu na noite seguinte ao roubo da Mãe Portátil. Não chegou a entrar, mas permaneceu no nárTEX, logo depois das portas internas. Sua presença contribuiu para uma atmosfera discreta, porém sustentada de expectativa, que vinha se intensificando a noite toda. Corria o boato de que Pai Storey faria um pronunciamento em relação aos roubos no dormitório feminino. Ele iria tomar alguma providência.

– Eu acho que a gente deveria mandar a piranha embora – disse Allie durante o café da manhã. – Descobrir quem é e fazer as malas dela. Sem desculpas, sem pedido de perdão.

– E se a ladra for pega por um Bonde da Cremação? – indagou Harper. – Eles não só iriam matá-la como também a forçariam a contar tudo sobre a colônia.

– Ela não vai contar nada. Não se a gente arrancar a porra da língua dela antes de ela ir. E quebrar os dedos dela para ela não poder escrever.

– Ai, Allie. Eu acho que você não está falando sério.

Mas Allie só fez sustentar seu olhar com uma expressão de serenidade vidrada e indiferente. Como todas as Sentinelas, já fazia um mês agora que ela vinha pulando o almoço. Seus malarés saltavam de tal forma que quem a olhava tinha plena consciência do crânio debaixo de sua pele.

Harper, por sua vez, não queria que Pai Storey nem ninguém se preocupasse com o que ela perdera. Todo mundo havia perdido alguma coisa: casas, famílias, esperança. Comparada com essas coisas, a Mãe Portátil não parecia uma perda tão grande.

O que não queria dizer que não significasse nada. Harper havia encontrado um sem-fim de coisas para enfiar na bolsa de lona para o bebê. Uma espada de madeira com cabo de corda para quando ele precisasse praticar esgrima. Um miniaparelho de áudio no qual ela havia gravado cantigas de ninar, histórias para a hora de dormir e alguns poemas. Um guarda-chuva para os dias chuvosos e pantufas para os de preguiça. E principalmente o caderno que dera início a tudo, e que ela havia preenchido com fatos (*seu avô, meu pai, trabalhou trinta anos na NASA... ele fazia naves espaciais de verdade!!*), conselhos (*você pode pôr qualquer coisa numa salada, fatias de maçã, pimentas picantes, castanhas, uvas-passa, frango, qualquer coisa, e tudo vai ficar gostoso junto*), afeto (*eu não disse que te amo em lugar nenhum desta página, então aqui vai um lembrete: eu te amo*) e muitas letras maiúsculas e pontos de exclamação (**EUTEAMO!!!**).

Outros também tinham dado suas contribuições. Allie Storey pusera na bolsa uma máscara de plástico do Homem de Ferro, para quando ele estivesse em missão secreta e precisasse de um disfarce. Renée Gilmonton havia se apropriado de dezoito livros curtos da biblioteca da colônia, cada qual adequado para um ano da vida do seu filho, começando com *As rodas do ônibus* e terminando com *Ratos e homens*. Don Lewiston havia fabricado de presente um barco numa garrafa. Carol Storey tinha dado de presente a Harper um View Master cheio de imagens de lugares históricos que já não existiam. A Torre Eiffel agora era uma lança toda preta a espetar um céu de fumaça. O Strip do centro de Las Vegas era um deserto calcinado. No View Master, porém, as luzes de néon e os chafarizes ligados continuariam coloridos para sempre.

Depois de os últimos retardatários entrarem na capela, Pai Storey subiu os degraus do tablado, tirou da boca o seu seixo e falou:

– Hoje eu pensei que talvez valesse a pena reverter a ordem habitual das coisas e encerrar logo o meu blá-blá-blá antes de cantarmos e entrarmos para o Brilho. Peço desculpas antecipadamente. Por mais que eu adore me escutar falar, sei que as canções são a *minha* parte da noite preferida. Imagino que também seja assim para vocês. Às vezes eu penso que, com metade do mundo em chamas, com tanta morte, tanta dor, cantar e sentir-se bem é um tipo especial de pecado. Mas aí penso, ué, mesmo antes da Escama do Dragão a maioria das vidas humanas era injusta, brutal, cheia de perda, tristeza e confusão. A maioria das vidas humanas era e é curta demais. A maioria das pessoas passou a vida faminta e descalça, fugindo de uma guerra aqui, de uma fome ali, de uma epidemia aqui, de uma enchente acolá. Mas as pessoas mesmo assim precisam cantar. Até mesmo um bebê que não come há dias para de chorar e olha

em volta quando ouve alguém cantar de alegria. Quando você canta, é como dar de beber a quem tem sede. Uma gentileza. Isso faz você brilhar. A prova de que vocês têm importância está na sua canção e na maneira como vocês se acendem uns para os outros. Os outros podem cair e pegar fogo, eles *vão* cair e pegar fogo. Não existe nenhum de nós que não tenha visto isso acontecer. Mas aqui ninguém pega fogo. Aqui nós *brilhamos*. Uma alma assustada e sem fé é um combustível perfeito...

– Amém – murmurou alguém.

– ... e o egoísmo é tão ruim quanto querosene. Quando alguém está com frio e você divide o seu cobertor, os dois ficam mais aquecidos do que teriam ficado sozinhos. Quando você dá remédio a um doente, a felicidade dele vira o *seu* remédio. Alguém decerto bem mais inteligente do que eu disse que o inferno são os outros. Eu digo que você está no inferno quanto deixa de dar a quem precisa porque não suporta ter menos. Nesse caso, está abrindo mão é da sua alma. É preciso cuidar uns dos outros, caso contrário viver é andar sobre cinzas, um fósforo pronto para ser aceso. Enfim, é nisso que eu acredito. E vocês, acreditam?

– Eu acredito – disse Ben Patchett à direita de Harper. Outros disseram também. A própria Harper.

Sentada ali, no banco da capela, ela se sentia tão apaixonada quanto jamais estivera por Jakob em seus momentos de maior felicidade... ou até mais. Não por um único homem ou mulher, mas por todos eles, pela igreja inteira lotada de fiéis. Por todos os seus companheiros de viagem no Brilho. Nas últimas semanas, houvera momentos em que lhe parecera estar descobrindo o que era estar apaixonada pela primeira vez.

Jakob tinha lhe dito que todos os atos de altruísmo eram atos de egoísmo disfarçados, que na verdade você só estava fazendo pelos outros para agradar a si mesmo. E ele estava certo, sem nunca ter entendido de fato em relação a quê estava certo. Para ele, o altruísmo era inútil caso trouxesse felicidade, na verdade não era altruísmo, mas ele não via que se sentir bem por fazer os outros se sentirem bem não era algo errado. Quando você abria mão da sua felicidade, ela voltava em dobro. Não parava de voltar, e voltar, como os pães e os peixes. Esse aumento impossível talvez fosse o único milagre a jamais ter sido desmentido pela ciência. O último prodígio permitido à religião. Viver pelos outros era viver plenamente; viver só para si era uma espécie fria de morte. O açúcar era mais doce quando você o dava para outra pessoa provar.

Ela antes não achava que fosse uma pessoa religiosa, mas na igreja da Colônia Wyndham descobrira que *tudo mundo* era religioso. Se você era capaz de cantar, era capaz de acreditar e ser salvo.

Com a possível exceção do Bombeiro, talvez. Ele encarava Pai Storey com um ar calmo e distante enquanto soprava anéis de fumaça. Não estava fumando um cigarro. Estava apenas formando os anéis em algum lugar da garganta, gordos círculos de nuvens que subiam em arcos trêmulos. Pegou Harper olhando para ele e sorriu. Exibido.

Pai Storey tirou os óculos, limpou-os no suéter e tornou a colocá-los.

– Mas acho que tem alguém que não acredita. Uns dois meses atrás, alguém começou a roubar coisas da cozinha. Nada de mais: um pouco de leite, um pouco de carne em conserva. Mal valia a pena comentar. Pensando bem, roubar umas latas de apesuntado talvez possa até ser considerado um favor a todos nós. Aí outras coisas começaram a sumir do dormitório das meninas. Pegaram uma xícara da Emily Waterman, a sua xícara de estrelas da sorte. Um vidro de esmalte foi roubado das irmãs Neighbors. Cinco dias atrás, alguém roubou o pingente da minha neta de debaixo do travesseiro dela. Não tenho certeza de que faça diferença o fato de ele ser de ouro, mas lá dentro tinha uma foto da mãe dela, tudo que restou a Allie da mãe, e perder isso partiu seu coração. Aí, ontem, levaram o kit de cuidados da enfermeira Willows para seu filho que vai nascer. Creio que a maioria de vocês sabe sobre esse kit de cuidados, que ela vem chamando de Mãe Portátil.

Pai Storey pôs as mãos nos bolsos e fez um movimento com os quadris, e por um segundo seus óculos lampejaram, refletindo a vela sobre o tablado, tornando-se círculos vermelhos de fogo.

– Tenho certeza de que a pessoa que pegou as coisas no dormitório das meninas, seja ela quem for, deve estar sentindo muita vergonha e medo. Não tem uma pessoa aqui neste recinto que não tenha sofrido horivelmente desde que se descobriu marcado com a escama, e com uma pressão dessas pode ser fácil agir de modo impulsivo, pegar coisas dos outros sem pensar no quanto eles vão ficar chateados. A pessoa que pegou essas coisas e está sentada entre nós agora, eu digo: pode se identificar, você não tem nada a temer.

– Não aposte nisso – sussurrou Allie, e as gêmeas Neighbors abafaram uma risadinha nervosa. Mas o rosto de Allie não exibiu bom humor algum.

– Seria preciso a coragem mais profunda para usar sua voz, falar e admitir que foi você. Mas se você nos disser a verdade, se erguer a voz para devolver as coisas, todo mundo aqui reunido vai brilhar para

você. A felicidade que todos sentimos ao cantar não vai ser nada em comparação com isso. Eu sei. Vai ser mais doce do que qualquer canção, e todos os corações aqui vão lhe dar algo melhor do que as coisas que você pegou. Eles vão lhe dar o perdão. Eu acredito nestas pessoas e na sua bondade, e quero que você saiba sobre elas as mesmas coisas que *eu* sei. Que elas podem amar você mesmo depois disso. Todo mundo aqui sabe o que faz a Escama do Dragão brilhar. Não é a música; se fosse só a música, meu neto surdo não brilharia conosco. É a *harmonia*, a harmonia uns com os outros. Ninguém vai humilhar você nem colocar você no ostracismo... – Ele baixou o queixo e fitou a plateia com um olhar quase severo por cima dos óculos. – ... e se alguém fizer isso eu vou dar um jeito. Nós aqui erguemos nossa voz em canção, não em desprezo, e acredito que a pessoa que pegou essas coisas não podia ter feito diferente, do mesmo jeito que meu neto não pode fazer nada em relação a ser surdo. Acredite em nós, e eu lhe prometo: vai *ficar tudo bem!* – E ele abriu um sorriso tão encantador que o coração de Harper ficou apertado. Parecia uma criança olhando para o céu de julho à espera dos fogos.

Ninguém se mexeu.

Uma tábua do piso rangeu. Alguém pigarreou.

A pequena vela bruxuleou no atril.

Harper percebeu que estava prendendo a respiração. Detestava pensar que ninguém iria dizer nada e que eles iriam decepcionar Pai Storey, que iriam apagar aquele sorriso. Ele era o último homem inocente do mundo, e ela não podia suportar que isso mudasse. Um pensamento absurdo, porém intenso, lhe ocorreu: deveria dizer que *ela* havia roubado as coisas, mas é claro que ninguém acreditaria, e ela não havia roubado, portanto não poderia devolver.

As irmãs Neighbors se entreolharam com um ar ansioso, apertando com força a mão uma da outra. Michael afagou as costas de Allie até ela o repelir com um safanão. Ben Patchett expirou, uma expiração fina, tensa, infeliz. No tablado, Carol Storey abraçou o próprio corpo com força como para evitar um resfriado. Na capela inteira, talvez a única pessoa imune à tensão fosse Nick. Ele não sabia fazer leitura labial nem nas melhores condições, e certamente não à luz de velas, a quinze metros de distância. Estava desenhando lápides na contracapa de um hinário. Os saudosos finados incluíam os célebres **I.M. DUNFORE**, **HARRY PITTS** e **BARRY D. BODIE**. Uma das lápides dizia **AQUI JAZ UM ROUBADOR, MORTO SEM RANCOR...** de modo que, pensando bem, talvez estivesse acompanhando sem dificuldade.

Quando Pai Storey finalmente ergueu os olhos, ainda estava sorrindo. Não exibia o menor sinal de decepção.

– Ah – disse ele. – Acho que isso foi pedir demais. Imagino que a pessoa que pegou as coisas na cozinha e no dormitório das meninas deva estar sentindo uma pressão terrível. Eu só queria mostrar a você que todo mundo aqui deseja o seu bem. Você é um de nós. O lugar da sua voz é junto com as nossas. As coisas que você pegou agora devem ser um peso horrível, e tenho certeza de que você gostaria de se livrar dele. É só deixar o que você pegou em um lugar onde seja fácil encontrar, e me deixar um bilhete dizendo onde procurar. Ou então ter uma conversa em particular comigo. Eu não vou julgar você, nem tenho interesse em punição. Com todos nós andando com uma sentença de morte gravada na própria pele, qual a necessidade de se punir? Fomos todos considerados culpados de sermos humanos. Existem crimes piores. – Ele olhou para Carol atrás de si. – O que vamos cantar hoje, alegria?

Carol abriu a boca, mas antes de poder responder alguém gritou:

– E se ela *não* se identificar?

Harper olhou em volta: Allie. A adolescente tremia, de fúria, mas talvez também de nervoso, e ao mesmo tempo seu maxilar estava posicionado de um jeito que traduzia uma perfeita teimosia, uma perfeita hostilidade, uma perfeita Allie. Por algum motivo, Harper não se espantou. Allie era a única na colônia a não se assombrar diante do velho.

– E se a ladra continuar roubando mais coisas? – insistiu ela.

Pai Storey ergueu uma sobrancelha.

– Nesse caso, imagino que vamos nos contentar com menos.

– Não é justo – sussurrou Gillian Neighbors. Sua voz saiu baixa, pouco mais de um sussurro, mas no espaço amplo e cheio de ecos da capela todos puderam escutar.

Carol deu um passo à frente, até a borda do tablado, olhando para os próprios pés. Quando levantou o queixo, tinha os olhos vermelhos, como se houvesse chorado ou estivesse prestes a começar.

– Não estou especialmente com vontade de cantar – falou ela. – Sinto que alguma coisa importante se foi hoje. Alguma coisa especial. Talvez nossa confiança uns nos outros. Allie, minha sobrinha, não quer mais ficar com as outras meninas sabendo que tem uma ladra lá. Ela não tem nenhuma outra foto da mãe, minha irmã. Nenhuma forma de recordá-la. Só a que estava no pingente. Esse pingente nunca vai

significar para ninguém o que significa para ela e o irmão. Não entendo como alguém seria capaz de feri-la tanto assim e depois vir aqui e cantar como se se importasse com os outros. Isso faz a coisa toda parecer falsa. Vou tocar uma música que vocês todos conhecem, e vocês podem cantar se quiserem, ou podem ficar em silêncio junto comigo. O que sentirem que for melhor para vocês. Parte de mim sente que, se não conseguirmos ser honestos uns com os outros, o silêncio talvez seja melhor. Talvez todos nós devêssemos pôr na boca por um tempo uma das pedras do Pai Storey, e pensar no que realmente importa.

Na opinião de Harper, a sugestão soou como a de uma professora primária, mas ela viu gente assentindo com a cabeça. Viu também Allie enxugar uma lágrima de raiva com um dedo, em seguida virar a cabeça e começar a sussurrar furiosamente alguma coisa com Gail e Gillian Neighbors.

Carol então começou a tocar, puxando as cordas do ukulele em vez de dedilhá-las. Notas ecoaram feito martelos batendo em sinos de prata. Harper levou só um segundo para reconhecer “Silent Night”. Ninguém cantou. Houve, isso sim, um silêncio reverente, e nenhum som ecoou no recinto a não ser de Carol tocando.

Harper não soube dizer quem acendeu primeiro. Em determinado momento, porém, tornou-se consciente de uma tênue luminescência na penumbra cavernosa. Olhos luziram com o verde azulado de vaga-lumes a piscar numa noite de verão. A Escama do Dragão se transformou em rabiscos debilmente fluorescentes. Harper pensou naqueles peixes que habitam as maiores profundezas do oceano e as iluminam com seus próprios órgãos que brilham no escuro. Era uma luz fria, alienígena, diferente da intensidade habitual quase ofuscante do Brilho. Harper não imaginava que eles pudessem criar harmonia sem som algum, que pudessem entoar um coro silencioso não de canção, mas de reprovação.

Apenas cerca de metade das pessoas na capela se acendeu, e Harper não estava entre elas. Pela primeira vez em semanas, não conseguiu se unir aos outros, não conseguiu *se conectar*. Nas últimas semanas, passara a aguardar com ansiedade a hora da capela, e mergulhava no Brilho como teria mergulhado em uma banheira de água morna. Mas agora a água estava fria. Ela não entendia como qualquer um dos outros era capaz de aguentar.

A última nota ficou pendurada no ar feito um floco de neve que se recusava a cair. Quando ela se foi, aquele novo Brilho de tom sinistro desapareceu junto, e a escuridão à sua volta retornou.

Carol piscou uns olhos cheios de lágrimas. Pai Storey a segurou por trás e a puxou para um abraço. No fim das contas, era possível que a ladra tivesse roubado o pingente de quatro pessoas: além de mãe de Allie e Nick, a mulher morta era irmã de Carol e filha de Tom Storey.

Pai Storey espiou o interior da capela por cima do ombro da filha e sorriu.

– Bem. Foi muito lindo, mas tomara que não vire um hábito. Eu gosto de ouvir todos vocês. Vamos reposicionar os bancos para a leitura da manhã, e ah! John! Quase me esqueci de você. Obrigado por ter vindo hoje. Você queria nos dizer alguma coisa?

Nos fundos do recinto, o Bombeiro sorriu.

– Encontrei dois homens que precisam de abrigo. Com a sua permissão, gostaria de trazê-los para a colônia. Não posso dar nenhuma garantia em relação a eles, Pai... ainda não consegui chegar perto o suficiente para falar com eles. Eles se encalacraram numa situação meio delicada. Posso fazê-los escapar e criar uma distração para disfarçar sua fuga, mas vou precisar de alguns outros para guiá-los de volta à colônia.

Pai Storey franziu o cenho.

– Claro. Qualquer um que precisar da nossa ajuda. Estou surpreso com a sua pergunta. Existe algum motivo especial de preocupação?

– A julgar pelos macacões cor de laranja que eles estão usando, com “Tribunal do Condado de Brentwood” escrito nas costas, eles talvez estejam ainda mais necessitados de salvação do que o integrante médio do seu rebanho, Pai – respondeu o Bombeiro.

6

Quando Pai Storey perguntou ao Bombeiro de quem ele iria precisar, Harper não imaginou que faria parte da lista, mas ela foi a única pessoa que ele citou pelo nome.

– Dois ou três homens e a enfermeira Willowes, Pai, se for do seu agrado. Não sei em que estado eles vão estar. No mínimo terão passado vinte e quatro horas num esconderijo apertado, em temperaturas pouco acima de zero, então vão estar com sintomas de exposição ao frio. Talvez faça sentido ter auxílio médico à disposição. Que tal nos reunirmos no Parque dos Monumentos daqui a vinte minutos? Eu gostaria de ir logo.

Era o fim do culto. As pessoas se aglomeraram nos corredores, todas falando ao mesmo tempo. Harper abriu caminho entre a densa massa de corpos e o barulho. Ben Patchett estava dizendo alguma coisa, *Harper, você está grávida, ele enlouqueceu*, mas ela fingiu não escutar. Dali a mais alguns instantes, saiu pelas imensas portas vermelhas para um frio tão seco e cortante que seus olhos arderam.

Sozinha na enfermaria, começou a abrir armários para coletar qualquer coisa que pudesse ter utilidade, e foi jogando tudo numa pequena mochila de náilon. Na pressa, seu cotovelo esbarrou no grande modelo anatômico de uma cabeça humana, que se desequilibrou de cima da bancada e se espatifou no chão.

Ela soltou um palavrão e se virou para chutar os cacos de modo que ninguém visse, já que estava apressada demais para varrer, então hesitou.

A cabeça havia se quebrado em vários pedaços grandes. Uma das metades a encarava boquiaberta com um espanto abobalhado. Entre os cacos havia um bloco de anotações de estenógrafo enrolado e preso com elásticos grossos.

Harper recolheu o bloco do meio dos cacos, removeu os elásticos e leu o que estava escrito na capa.

CADERNO PARTICULAR DE HAROLD CROSS
OBSERVAÇÕES MÉDICAS E REFLEXÕES PESSOAIS
COM ALGUNS POEMAS OCASIONAIS

Ponderou o que fazer com aquilo, pensou que talvez um número bastante grande de pessoas na colônia fosse querer saber sobre o que Harold tinha escrito nas semanas anteriores à sua morte. Por fim, decidiu não decidir. Não havia tempo. Jogou o bloco numa gaveta e saiu.

O Capitão América estava à sua espera nos degraus da enfermaria.

– Tenho umas outras máscaras se você quiser – disse Allie, seguindo na frente pelas tábuas bambas dispostas entre as construções. – Tem o Hulk, o Optimus Prime e a Sarah Palin.

– É importante disfarçar nossa identidade?

– Acho que não. Mas a gente assim se sente mais durona. Tipo os caras que resolvem roubar um banco e usam máscaras assustadoras de palhaço, sabe? Eu tenho *muito* tesão em máscaras assustadoras de palhaço.

– A não ser que você tenha a Mary Poppins, acho que vou sem, mesmo. Mas obrigada por perguntar.

Allie a conduziu por entre as imensas pedras pagãs do Parque dos Monumentos até um altar de pedra que teria sido um lugar perfeito para sacrificar Aslan. Pai Storey estava em pé atrás do altar, com o Bombeiro à sua direita e Michael e Ben à esquerda, imagem que fazia pensar estranhamente em *A última ceia*, pensou Harper. Michael tinha até a barba ruiva crespa de Judas, ainda que nenhuma da sua maldade ou medo.

– Allie? – Pai Storey levantou uma das mãos com a palma para a frente, como quem abençoa. – Eu prometi para sua tia que você não iria participar disso. Vá lá para o ônibus... você hoje vai vigiar o portão.

– Eu troquei com a Mindy Skilling – disse Allie. – Ela não se importou.

– E tenho certeza de que não vai se importar se você trocar de volta.

Allie lançou para o Bombeiro um olhar inquisitivo e hostil.

– Eu *sempre* vou. Desde quando é para eu não ir? O *Mike* vai. Ele tem só um ano a mais do que eu. Fui eu quem criei as Sentinelas, não ele. Eu fui a primeira.

– Da última vez que você saiu por aí com John, sua tia Carol ficou sentada olhando pela janela, agarrada a um dos seus moletons e rezando – disse Pai Storey. – E não foi para Deus que ela rezou, Allie. Ela rezou para a sua *mãe* manter você segura. Não a faça passar por outra noite assim. Tenha dó dela. E tenha dó de mim.

Allie continuava encarando o Bombeiro.

– Você vai engolir esse papo furado?

– Você ouviu o que ele disse – retrucou o Bombeiro. – Vá andando, Allie, e não me lance um daqueles seus olhares mortíferos de menina de 16 anos. Se quiser arrumar briga comigo, vai ter que ser mais tarde.

Ela ainda o encarou com fúria por mais alguns instantes, olhando como se tentasse decidir o melhor jeito de se vingar. Então olhou para Michael e abriu a boca como se fosse implorar com *ele*. Mas Mike meio que se virou para o outro lado, coçou as costas com seu cassetete de madeira e fingiu não vê-la encarando.

– Vão se foder – disse Allie, com uma voz trêmula de raiva. – Vão se foder vocês todos.

No instante seguinte, ela correu para o meio das árvores. Harper também já conseguira se mover assim; lembrava-se com bastante nitidez de como era ter 16 anos.

Pai Storey sorriu de um jeito dolorosamente parecido com uma careta.

– À sua maneira suave e delicada, ela consegue *mesmo* dar o recado, não é? Devo acrescentar que, em comparação com a mãe, Allie Storey é um modelo de autocontrole.

– Caramba – disse Ben Patchett. – Esqueci de pegar uma lanterna.

– Sem problemas, Ben – disse o Bombeiro, tirando a luva esquerda. – Tenho algo para iluminar.

Sua mão se acendeu com um leve *puf* até virar um ponto de chama azul que iluminou um círculo com três metros de diâmetro. As pedras projetavam sombras monstruosas até metade da descida do morro.

Ben Patchett engoliu em seco enquanto Harper chegava mais perto dele.

– Nunca vou me acostumar com isso – falou.

Eles seguiram o Bombeiro para longe da igreja e para baixo dos pinheiros, onde não havia tábuas sobre as quais caminhar. Mas a neve ali estava dura, congelada e espelhada na superfície, e eles praticamente puderam descer o morro inteiro sem deixar qualquer pegada.

Descer o morro? Pelo visto estavam indo na direção da água. Harper ficou surpresa; imaginava que eles fossem entrar num carro.

Seus pés atravessaram a superfície vítrea da neve, e ela cambaleou para cima de Ben. Ele a equilibrou e passou o braço pelo seu.

– Deixa eu ajudar – falou. Lançou um olhar severo para as costas do Bombeiro. – Que loucura ter trazido você – murmurou.

Uma massa pesada de formato esquisito dentro do seu bolso encostou no braço de Harper, e ela franziu o cenho. Enfiou os dedos no bolso do casaco dele e achou um revólver: cabo de nogueira riscado, cão de aço frio.

Soltou seu braço.

Ele a olhou de relance, com um meio sorriso no rosto.

– Deveria ter perguntado se isso no meu bolso é uma arma ou se eu só estava feliz em estar perto de você.

– Por que precisa disso?

– Você precisa perguntar?

– Desculpa – disse ela. – Pensei que a gente estivesse indo ajudar pessoas, não atirar nelas.

– Você está indo ajudar pessoas. Eu estou neste grupo para ter certeza de que a minha enfermeira preferida volte para casa inteira. A gente não sabe nada sobre esses dois caras. Não sabe por que eles estavam presos. Talvez John Rookwood ache que tudo bem arriscar a vida por causa de dois marginais, mas eu não acho. – Seu rosto corou, e ele olhou para baixo e para longe. – Você agora já deve saber quanto eu gosto de você, Harp. Se alguma coisa acontecesse... nossa.

Ela levou a mão à parte de trás do braço dele e apertou. Torceu para ele ler aquele apertão como *Obrigada pelo seu carinho*, e não *Nossa, estou morta de tesão, a gente deveria mesmo trepar um dia desses*. Na sua experiência, era muito difícil demonstrar afeto e gentileza a um homem sem lhe dar a impressão de que você estava oferecendo também uma transa.

Ele sorriu.

– Além do mais, as regras do departamento obrigam qualquer oficial que esteja transportando um prisioneiro a portar sua arma de fogo o tempo todo. A gente pode entregar o distintivo, mas a mentalidade é difícil de mudar. Não que eu algum dia tenha *de fato* entregado o distintivo.

– Ainda está com você?

– Guardo junto com meu anel decodificador de segredos e com o bigode falso que costumava usar para operações secretas. – Ele lhe deu um encontrão afetuosamente com o ombro.

À luz do luar, a neve tinha cor de aço azul, de chumbo.

– Às vezes eu penso que deveria voltar a usar – refletiu ele.

– O bigode falso? – Ela estudou seus traços. – Acho que daria para usar sem ficar excessivamente mal-encarado. Você tem um rosto bom para bigodes.

– Não. Meu distintivo. Eu às vezes acho que essa comunidade bem que precisa de um pouco de lei. Ou pelo menos de um pouco de justiça. Pense na fulana que está andando por aí pegando comida e joias. Se ela se entregar e confessar o que fez, ou se a gente descobrir quem é, será que vai ser *mesmo* o fim da história? Será que todo mundo vai se abraçar e pronto só porque Pai Storey mandou?

– Quem sabe ela pode passar uma semana descascando batata ou algo assim.

– Ou então a gente poderia deixar ela presa por três meses e lhe ensinar uma lição. Eu já sei o lugar que escolheria. Debaixo do refeitório tem um frigorífico de carnes mais ou menos do mesmo tamanho de uma cela na prisão do condado. Era só levar uma cama e...

– Ben! – exclamou ela.

– O quê? Ela não morreria congelada. Lá dentro deve ser mais quente do que no subsolo da igreja.

Há meses que não tem energia.

– Que nojo, isso. Confinamento solitário num recinto fedendo a carne podre. Por causa de uma ou duas latas de leite?

– E da Mãe Portátil.

– Que se foda a Mãe Portátil.

Ele se retraiu.

Pai Storey e Michael Lindqvist andavam na sua frente, e Pai Storey dizia alguma coisa com uma das mãos nas costas do rapaz. Mike caminhava com o cassete esticado para um dos lados, raspando-o de vez em quando num tronco de árvore qualquer feito um menino que esfrega um galho nas ripas de uma cerca. Ben os observou por alguns instantes, em seguida balançou a cabeça e deu um muxoxo.

– Se eu fosse o Mike, estaria aliviado por sair da colônia, e não sei se voltaria logo. Ele talvez esteja correndo mais perigo lá dentro.

– Por causa de quem? – indagou Harper.

– Da Allie. Aquela menina tem pavio curto. Eu é que não iria querer contrariá-la.

– Você acha que ela está brava porque o Michael não a defendeu?

– Principalmente depois do que eles estavam fazendo antes da capela. Vi os dois escondidos atrás de um pinheiro na borda da mata, se pegando como se nunca mais fossem se ver. Se eu fosse o pai dela, teria... só que eu não sou, e acho que nenhum deles dois é mais exatamente uma criança.

– Eu não sabia que eles tinham um lance.

Ben agitou a mão no ar.

– Eles terminam e voltam. Pelo visto voltaram outra vez. – Dizer isso o fez sorrir. Quando ele tornou a falar, sua voz saiu grave e branda. – Pôr a ladra no frigorífico talvez seja uma gentileza. Você não vê isso porque acha que todo mundo tem calor no coração feito você. Pai Storey também não vê. Sob esse aspecto, você e ele são dois lados da mesma moeda.

– Uma gentileza em que sentido?

– Poderia impedi-la de ser morta. É menos uma punição e mais uma detenção protetiva.

Harper abriu a boca para discordar, então se lembrou de Allie falando em encontrar a ladra e arrancar sua língua. Fechou a boca e não disse nada.

Três canoas amarradas junto ao cais balançavam no mar. O Bombeiro abaixou a mão esquerda acesa, a enfiou debaixo da aba do casaco e abafou a chama.

– Vai ser mais seguro e mais fácil fazer o resto do caminho de barco. – Ele se acomodou na canoa mais perto do final do cais, e depositou seu pé de cabra no fundo.

Ben franziu o cenho.

– Ahn... John? Estou errando a conta, ou tem pelo menos um barco faltando? A gente vai resgatar dois homens, não é? Então... onde vamos colocá-los?

– Vai ter lugar para eles. Eu não vou voltar de barco. Já providenciei outro transporte. – O Bombeiro soltou uma corda e empurrou a canoa para dentro do Atlântico. A linha de flutuação ficou bem baixa, e Harper se perguntou quanto na realidade pesava um pé de cabra.

Ben gesticulou para uma das outras canoas.

– Harper, eu não sei muita coisa sobre barcos. Quer ficar você no leme e eu...

– Na verdade eu tenho uma questão médica pessoal para conversar com a enfermeira Willowes – disse Pai Storey. – Você se importa?

Ben se importava *sim*, e por alguns instantes a decepção em seu rosto foi tão patente que chegou a ser quase cômica. Mas ele assentiu e embarcou em uma das outras canoas.

– A gente se vê quando chegar aonde está indo, então. Cuidado com os icebergs.

Harper soltou a corda enquanto Pai Storey entrava com cuidado na frente da canoa. Quando eles se afastaram do cais, ela fechou os olhos e respirou fundo. O ar estava tão limpo e tinha um cheiro tão forte de maresia que por um breve instante ela ficou zozza.

– Eu gosto de estar no mar. Sempre gostei – disse Pai Storey, falando por cima do ombro. – A colônia tem um veleiro de quase quarenta pés guardado lá na ilha do John, sabia? Grande o suficiente para.... ah, olha só para isso! – Ele apontou para a água com um remo pingando.

Allie estava na proa da canoa do Bombeiro com um remo. Havia sentado assim que eles se afastaram quinze metros do cais.

– Lembra do que o John disse para ela lá na margem? “Se quiser arrumar briga comigo, vai ter que ser mais tarde.” – Pai Storey fez uma voz um pouco parecida com a de Paul McCartney em *Submarino amarelo*. Até que era uma boa imitação do Bombeiro. Repetiu a palavra briga, *row*, com a pronúncia britânica, com o O aberto, e então a repetiu outra vez, só que à moda americana, com o O fechado. *Row*

com o O fechado também queria dizer remar. – Rá! Ele estava avisando a ela que iríamos pegar as canoas, para ela poder ir na frente e nos esperar. Bom. Allie teve de onde puxar esse seu lado de ninguém manda em mim. Eu também nunca consegui mandar a mãe dela fazer nada.

A margem, toda espetada de coníferas, desfilava de ambos os lados conforme eles iam deixando o pequeno porto.

– Qual é o problema, Pai? O senhor falou que não estava se sentindo bem?

– Eu acho que disse que era uma questão médica particular. Não acho que disse que tinha algo a ver comigo. Eu acho que estou bem. Um pouco triste. Você não trata isso, trata?

– É claro que trato. Coma dois chocolates e me chame de manhã. Eu acho que a Norma Heald tem uns bombons Hershey's Kisses lá na cozinha. Diz pra ela que eu receitei.

Ele não riu.

– Eu acho que vou ter de mandar alguém embora. Venho tentando encontrar um jeito de proteger uma pessoa que ninguém quer perdoar. Me parece que mandá-la embora é sua única esperança. Se ela ficar, tenho medo do que a colônia vai fazer com ela. – Ele olhou para trás de relance na direção de Harper e deu um leve sorriso. – Toda vez que eu os vejo cantar e brilhar juntos, sempre me pergunto o que aconteceria se eles decidissem linchar alguém. Você acha que a Escama do Dragão gostaria tanto de uma multidão linchando alguém quanto de um coro de vozes? Eu acho.

8

Ele sabe quem é a ladra, pensou Harper. Pensar isso foi um choque intenso, o equivalente mental de pisar numa tachinha.

– Por que está me dizendo isso? – indagou Harper.

Pai Storey deixou o olhar se perder por cima da proa do barco.

– A pessoa de quem estou falando nunca iria embora por vontade própria. Será que você... se precisasse... poderia administrar algum remédio? Para acalmar uma pessoa se ela estivesse... histérica? Ou apresentasse perigo? Para si mesma ou... para os outros?

O que quer que Harper houvesse imaginado que eles fossem conversar, não era aquilo.

– Não tenho nada forte o bastante no meu material. Para ser sincera, Pai...

– Eu preferiria que você não me chamasse assim – disse ele com súbita amargura. – Eu nunca fui ordenado, por nenhuma igreja. A única pessoa que deveria me chamar de pai é Carol. Nunca deveria ter deixado uma coisa dessas começar, mas isso satisfazia o meu ego. Eu dava aula de ética e história do cristianismo numa escola preparatória para o ensino superior em Massachusetts. Em cinco meses, passei de tiozão careta inacessível a alto sacerdote-Dalai Lama da Nova Fé. Se encontrar alguém capaz de resistir a isso, *esse sim* é um santo de verdade.

– Ah, *Pai*. Se eu ouvisse alguém zombando do senhor desse jeito, quebraria alguma coisa na sua cabeça. O senhor não sabe que dá esperança a toda essa gente? Dá esperança *a mim*, o que é tão mágico quanto uma igreja inteira cheia de pessoas acesas feito luzinhas de Natal. Já comecei a acreditar que talvez viva para ver meu filho nascer, e isso por causa *do senhor*, das canções, e de todas essas pessoas maravilhosas que se reuniram à sua volta.

– Ah. Quanta generosidade, Harper. Só se lembre de uma coisa: eu não fiz nada para tornar vocês todos maravilhosos. Vocês já eram assim quando eu os encontrei.

Eles passaram por uma barra e deram a volta nela para entrar no mar aberto. A doze metros de distância, a outra margem era um forte aclave que subia por entre rochedos e árvores magrelas desfolhadas.

– Voltando à sua pergunta, não tenho sedativos de qualquer potência que seja. Deus nos ajude se algum dia precisar fazer uma cirurgia. A droga mais potente no armário de remédios da colônia é Advil. Mas mesmo que eu tivesse alguma coisa mais forte, não gostaria de sedar alguém só como medida punitiva. Eu não faço isso. Eu ajudo gente doente.

– Essa pessoa... ela *está* doente. E, antes que você pergunte, não, eu não quero dizer em quem estou pensando. Só quando tiver tomado uma decisão firme em relação ao que fazer.

– Eu não ia perguntar. – Ela já havia percebido o jeito como ele estava tentando evitar citar nomes.

Ele fez uma pausa e ficou alguns instantes pensativo, então perguntou:

– O que você acha sobre a ilha da Martha Quinn?

– Acho que me sentiria bem melhor em relação ao assunto se conhecesse alguém que de fato tivesse escutado a transmissão.

– Harold Cross alegava ter escutado – disse Pai Storey. – E ele estava se correspondendo por mensagens de texto com alguém de Lubec, que vem funcionando como capital do Maine desde que Augusta virou cinzas.

– Harold estava se correspondendo por mensagem de texto com alguém que *dizia* estar em Lubec – disse Harper. – Não cheguei a conhecer o Harold, mas pelo que ouvi dizer o cara era meio crédulo demais.

– Eu não poderia estar mais de acordo – disse Pai Storey, e mais uma vez soou em sua voz um tom de amargura cáustico e mau tão pouco característico dele.

Harper podia sentir o oceano sob o barco, sua sonhadora correnteza. Se eles parassem de remar, a corrente pegaria a canoa e a levaria para o leste. Dali a meia hora, eles estariam longe o suficiente para ver todas as luzes de Portsmouth; em uma hora, talvez longe o bastante para ver todas as luzes do litoral de New Hampshire. Uma hora depois disso, estariam longe demais para ver qualquer luz que fosse.

– Infelizmente, eu acho que vamos ter que mandar alguém embora. Forçar uma mulher a sair da colônia – disse Pai Storey. – Quando isso acontecer... bom, eu não mandaria ninguém para o exílio

inteiramente sozinho, por mais que a pessoa estivesse fora do seu juízo. Mais cedo ou mais tarde, um Bonde da Cremação a pegaria. Não. Eu acho que vou com ela. Talvez no grande veleiro que está lá na ilha do John. Eu e Don Lewiston. Eu gostaria de sair em busca de Martha Quinn.

– E quem vai ficar cuidando da colônia?

– Teria de ser o John. Ele é o único que eu tenho certeza de estar à altura da tarefa.

Eles acabaram de passar a barra e adentraram uma enseada estreita, com não mais de vinte e cinco metros de largura, casas de ambos os lados e deques construídos diretamente sobre a água. Bem em frente havia uma ponte curta na entrada da pequena baía mais além.

Harper só reconheceu onde estavam quando começaram a deslizar por baixo da ponte, onde sua respiração produziu ecos metálicos e reverberou na estrutura de metal enferrujada acima deles. South Mill Pond se espalhou na sua frente, um lago em forma de cabaça situado entre um parque... e o Departamento de Polícia de Portsmouth.

A maioria dos prédios ao redor do lago estava às escuras, mas a delegacia e o estacionamento colado a ela estavam iluminados como um estádio em dia de jogo. De onde estava sentada, Harper podia ver dois grandes montes de lixo queimando no estacionamento. Cada pilha tinha quase sete metros de altura. Perguntou-se o que eles estariam destruindo... roupas contaminadas? Alguns carros de bombeiros estacionados por perto mostravam que eles estavam controlando o fogo. Ela viu homens de capacete e casacos de bombeiro se movendo para lá e para cá em volta das fogueiras. Os montes em chamas produziam uma fumaça de aspecto maligno, que subia pela noite escondendo as estrelas.

O Bombeiro começou a remar em direção à delegacia.

– Ah, John – disse Pai Storey com um suspiro. – Espero que você saiba o que está fazendo.

Do tamanho de um campo de futebol, o lago era dividido por uma passagem elevada situada diretamente à sua frente. Não havia como atravessá-la para alcançar a água do outro lado sem carregar as canoas. Harper não teve certeza quanto a onde o Bombeiro pretendia atracá-las, mas de uma forma ou de outra eles dali a pouco estariam em terra firme.

Inclinou-se para a frente e sibilou:

– Conversamos mais quando voltarmos para a colônia. Mas é claro que eu farei o que puder para ajudar o senhor. Se tivesse os medicamentos adequados, estaria disposta a sedar a ladra depois que o senhor a confrontasse... mas só como último recurso. Não posso acreditar que vá chegar a esse ponto. Se o senhor e Carol abordarem essa pessoa juntos, reservadamente, e tiverem com ela o mesmo tipo de empatia e compreensão sobre o qual o senhor falou na capela... bem, não posso imaginar ninguém na colônia que não fosse reagir a isso.

Tom Storey virou a cabeça para trás e a encarou com o cenho franzido de incompreensão, e uma pergunta nos olhos que começou a se formar em seus lábios... como se ela o houvesse desafiado com um enigma muito difícil. Aquilo deixou Harper intrigada. Sua sensação era de que não poderia ter sido mais direta ou clara. Queria lhe perguntar o que ele não estava entendendo, mas não houve tempo. O Bombeiro os estava conduzindo até a margem, perto da passagem elevada. Harper apontou com seu remo, e Pai Storey meneou a cabeça e se virou. *Mais tarde*, pensou ela, sem imaginar que não haveria um mais tarde.

Não para Pai Storey.

O paredão da margem era formado por blocos de granito talhados de modo grosseiro que subiam de uma faixa de areia. Ao encostar no fundo, a canoa emitia um barulho rascante doído de tão alto. Ben já estava à espera para puxar sua embarcação até junto das outras duas.

O Bombeiro apertou o ombro de Allie e apontou na direção da passagem elevada. Murmurou algo no seu ouvido, e Allie aquiesceu e começou a avançar pelo estreito trecho de areia, mantendo-se abaixada.

– Aonde ela vai, John? – perguntou Harper num sussurro.

– Os homens que a gente veio resgatar estão do outro lado da passagem elevada, e o único jeito de chegar até eles sem ser visto é por *aquilo ali*.

Ele tornou a apontar, e dessa vez Harper avistou uma das extremidades de um cano de escoamento abaixo da passarela. Na maré alta, a abertura ficaria submersa, mas agora estava quase seca. Allie se agachou e começou a remover os galhos secos e latinhas de cerveja enferrujadas que impediam a entrada.

– Você vai mandar uma menina de 16 anos falar com dois criminosos? – indagou Ben. – E se um deles a pegar pelos cabelos e a puxar para fora do cano?

– Ela não tem nenhum cabelo para puxar, Ben, e sabe o que está fazendo. Não é a primeira vez que ajuda alguém a sair de uma situação difícil – disse o Bombeiro.

Ele levou a mão de volta até sua canoa. Um tilintar de aço. A mão voltou trazendo o pé de cabra.

– John, eu confio em você – disse Pai Storey. – Contanto que me garanta a segurança de Allie.

– Tom, eu não poderia garantir isso nem que ela tivesse ficado tricotando com Norma Heald. Mas não tenho medo dos dois homens escondidos do outro lado da passarela. Eles querem fugir, não serem pegos.

– Esse cano parece bem estreito – comentou Michael. – Tem certeza de que eles vão conseguir passar de volta atrás dela?

Allie lutava com um carrinho de supermercado enferrujado que bloqueava parcialmente a entrada.

– Tenho certeza que não – respondeu o Bombeiro. – Um deles é alto feito o Boris Karloff, e o outro tem mais ou menos o mesmo tamanho de um búfalo. Se eles tentassem passar atrás dela, ficariam ainda mais encalacrados do que estão agora. Não, eles vão ter que vir por cima da passagem elevada, assim que for seguro passar sem ser visto. Ben, Michael, Pai: fiquem a postos para ajudá-los. Não sei o quão bem eles vão estar conseguindo andar.

– Como *assim* eles vão ter que vir por cima da passagem? – perguntou Ben. – Quando vai ser seguro para eles fazer isso?

O Bombeiro começou a escalar o íngreme paredão da margem, usando o lado pontudo do pé de cabra para se impulsionar. Olhou para trás e sussurrou:

– Quando começar a gritaria.

Ele chegou ao alto do muro, ficou parado por alguns instantes na borda do estacionamento com a luz cor de bronze das fogueiras a dançar sobre seus traços, então apoiou o pé de cabra num dos ombros e saiu andando e assobiando.

– Ele faz vocês se sentirem burros? – perguntou Ben a ninguém em especial. – Ele sempre faz eu me sentir burro.

– E agora? – indagou Harper.

– Acho que a gente se abaixa – falou Ben. – E espera para ver se alguma coisa sai errado.

O Bombeiro tinha saído havia poucos segundos, o som forte e potente de seu assobio acabara de se dissipar na distância, quando Allie recuou para longe do cano com um grito débil de horror, cambaleou e caiu sentada na água.

– Que rápido – disse Michael.

10

Harper foi a primeira a chegar até Allie, e a ajudou a se levantar.

– O que foi? – sussurrou ela. – O que aconteceu?

Allie balançou a cabeça; seus olhos eram pontinhos brilhantes nos buracos de sua máscara de Capitão América.

Harper ficou de cócoras junto à entrada do cano. Ali estava preso um monte de lama, gravetos e folhas, uma massa densa e espinhosa, pouco além do alcance da mão.

A massa de folhas se levantou, mudou de posição e virou de lado.

Era um bicho. Tinha uma porra de um bicho dentro do cano, um ouriço do tamanho de um cão da raça corgi.

Harper viu um galho com pouco mais de meio metro de comprimento, bifurcado em uma das pontas. Pensou que poderia passar o galho até o outro lado do ouriço e puxá-lo na sua direção para tirá-lo do buraco. Mas o que aconteceu foi que a ponta bifurcada do galho espetou o flanco do animal. Espinhos se eriçaram. O bicho grunhiu e recuou mais para dentro do cano.

Ela olhou para trás à procura de Allie. Michael tinha chegado ao seu lado e posto o próprio casaco à sua volta. Sua calça jeans estava encharcada por causa da queda n'água, e ela tremia sem parar. Tremia... e encarava o cano de escoamento com uma expressão sombria de alarme. Era a primeira vez que Harper via o mais leve indício de medo no semblante de Allie Storey, e de certa forma foi uma espécie de alívio saber que *alguma coisa* podia atingi-la.

Harper não a culpava. A ideia de se espremer dentro de um cano de um metro de diâmetro junto com um ouriço gordo e putro da vida era desalentadora, quase inconcebível.

Ela não pensou. Ficou de quatro no chão e enfiou a cara no cano. Sentiu cheiro de lixo podre, e um fedor cálido de mamífero.

– Que diabo é isso? – perguntou Ben. – Ah, Harper... Ah, não faça isso. Não entre aí. Deixe que eu...

Mas quando ele estendeu a mão para Harper, ela livrou o braço com um safanão e entrou com os ombros no cano. Ben tinha 1,83 metro de altura e pesava mais de 90 quilos; tinha tanta chance de passar pelo cano quanto o carrinho de supermercado enferrujado que Allie havia jogado na água rasa.

Harper, porém, era só um pouco mais alta do que Allie, talvez uns sete quilos mais pesada, e sabia que, se algum deles conseguiria rastejar pelo cano, era ela. Mas seria apertado. Já podia sentir isso, sentir as paredes forçarem seus ombros mais para junto do corpo.

Então se lembrou que estava no segundo trimestre, e devia estar pesando *quinze* quilos a mais do que Allie. Pensou se teria engordado o suficiente para ficar imprensada lá dentro. Cogitou voltar, em seguida se contorceu para avançar mais meio metro.

O ouriço havia parado de se mexer e se virado de lado para observá-la se aproximar. Ela tornou a espetá-lo com o galho, e o olho que a fitava pareceu lampejar de indignação. Tinha a mesma cor do sangue congelado numa gota de âmbar. O ouriço chiou e seguiu andando.

Ela foi atrás, engatinhando por cima de sulcos espiralados. Tinha percorrido talvez um terço da distância quando seu quadril entalou.

Ela projetou o peso para a frente, tentando se soltar, mas não conseguiu. O que sentiu foi as paredes do cano se fecharem mais à sua volta. Tentou recuar, não conseguiu, e na sua mente surgiu a imagem de uma rolha presa numa garrafa de vinho, daquela última noite com Jakob.

O ouriço hesitou, e pareceu lhe lançar um olhar especulativo e hostil: *O que foi? Algum problema? Ficou meio entalada? Quem sabe você precise de uma cutucada amiga com um galho para voltar a andar?*

A água que corria entre suas mãos estava gelada, e as paredes de aço inox estavam cobertas por uma fina camada de gelo, mas de repente Harper sentiu calor. A quentura subiu formigando pelas laterais de seu corpo e pelas saboneteiras formadas pelas clavículas. Não era a onda de calor normal que a pessoa às vezes sente num momento de ansiedade. *Aquela* sensação ela conhecia bem, como a de passar repelente numa pele lacerada. Tornou a inspirar com um arquejo e sentiu cheiro de fumaça, um fedor adocicado e enjoativo, feito bacon defumado em bordo queimando na frigideira.

É você, pensou, e quando baixou os olhos viu que a teia da Escama do Dragão nas costas de suas mãos irradiava uma nuvem pálida de fumaça.

Eu te disse, sussurrou o ouriço com a voz de Jakob. A gente deveria ter morrido junto, do jeito que tinha planejado. Não teria sido melhor do que morrer queimada assim, dentro de um buraco escuro? Você poderia ter adormecido nos meus braços e pronto, sem confusão, sem dor. Em vez disso, vai assar aqui dentro, e quando começar a gritar vai atrair a polícia, e aí vão pegar Allie, Pai Storey, Ben e Michael, vão fazer eles se ajoelharem na areia e meter uma bala na cabeça deles, e vai ser tudo culpa sua.

Ela tornou a empurrar. O cano continuou a prendê-la.

Ela piscou; a fumaça fez seus olhos lacrimejarem. Então entendeu: o que matava não era o fogo. O que matava era o terror, ou quem sabe a entrega. O instante em que, tomado de horror e vergonha, você se dava conta de que havia se entalado em algum lugar, e que era fraco demais para se libertar. A Escama do Dragão era a bala, mas o dedo que puxava o gatilho era o medo.

Sua respiração saía chiada da garganta. Ela espetou o ouriço com o galho antes de ele se engraçar, e arrancou do bicho um pequeno ganido engasgado. Ele começou a se afastar, movendo-se ainda mais depressa do que antes.

Ela não conseguia mais ver a outra ponta do cano através da fumaça que emanava de si própria. Não entendia por que não estava sufocando. Inspirou fundo, preparada para tossir, e pensou: *Canta*. Canta que passa.

– *Lá lá li, lá lá lá* – sussurrou ela com uma voz falhada e rouca, e na mesma hora parou.

Já era ruim o suficiente estar entalada dentro de um cano junto com um ouriço, pior ainda era estar lá dentro com um louco, mesmo se o louco por acaso fosse ela mesma. O desespero que escutou na própria voz a perturbou.

Uma nova onda de calor químico formigou pelo seu corpo. Um calor rastejou por seu couro cabeludo como vermes. Ela sentiu o cheiro do próprio cabelo fritando, e pensou que, se conseguisse sair do cano, deixaria Allie raspar sua cabeça, só que não iria sair do cano porque aquilo era tudo uma mentira, o conceito de que cantar podia ser a sua salvação. As crianças britânicas cantavam umas para as outras durante a Blitz, e mesmo assim o teto desabava nas suas cabeças. Sua própria voz jamais tivera qualquer importância. A fé de Tom Storey era uma prece para um armário vazio.

A fumaça queimou sua garganta. Nuvens brancas jorraram das narinas. Ela detestou cada instante de esperança que jamais se permitira ter. Detestou a si mesma por se unir ao canto, por cantar com os outros, cantar *para* os outros, por cantar...

Cantar para os outros, pensou. Cantar em harmonia. Segundo Pai Storey, o que importava não era a *canção*, mas a *harmonia* em si. E não era possível criar harmonia sozinho.

Ela piscou em meio à fumaça, com os olhos molhados e as lágrimas pegajosas no rosto, e com uma voz suave e trêmula voltou a cantar, com a mente voltada para dentro, para a vida concentrada dentro do seu útero feito um punho cerrado.

– *I'll be your candle on the water* – cantou. Dessa vez não foi Julie Andrews, mas sim Helen Reddy. “Serei sua vela na água.” Foi a primeiracanção que lhe veio à mente, e ao ouvi-la ecoar debilmente dentro do cano ela sentiu o súbito e quase histérico impulso de rir. – *My love for you will always burn*. – “Meu amor por você vai arder para sempre.”

Estava muito desafinada, sua voz tremia de emoção, mas quase desde a primeira palavra sua Escama do Dragão pulsou e emitiu uma suave luz dourada, e a sensação de calor químico formigando por sua pele começou a diminuir. Ao mesmo tempo, foi como se o neném houvesse se mexido de leve dentro dela, girando feito um saca-rolha, e ela pensou: *Ele está te mostrando o que fazer. Ele está em harmonia*. Uma ideia absurda, mas ela então girou os quadris, acompanhando os sulcos oblíquos do cano, e conseguiu avançar. Soltou-se tão de repente que bateu a cabeça e fez soar um gongo oco.

Avançou engatinhando para dentro de um funil de fumaça. Seus pulmões lutavam para encontrar um oxigênio inexistente, mas ela não ficou tonta nem sentiu que fosse desmaiar. Na verdade, teve ar suficiente para seguir cantando para o bebê, um cântico exausto e sussurrado.

Abaixou a cabeça, piscou para se livrar das lágrimas, e quando tornou a olhar para cima, com os olhos vermelhos, o ouriço estava bem na sua frente, tão perto que ela quase encostou a mão nele. O manto de espinhos se eriçou.

Ela bateu com o galho na parede do cano, puxou-o para trás e o atirou no ouriço.

– Eu vou ser uma vela enfiada no meio do seu cu se você não continuar andando, seu balofo – falou, meio cantando, meio engasgando.

O bicho recomeçou a se sacudir para longe, mas Harper já estava farta do ouriço e farta do cano de

escoamento. Recolheu o galho de debaixo do traseiro dele e foi tocando o bicho na sua frente. Sentiu que ali nascia um novo esporte olímpico: curling de ouriço.

O roedor iniciou o que, para a sua espécie, equivalia a uma carreira. Não hesitou ao chegar ao final do cano, mas desceu e saiu pela abertura. À luz alaranjada bruxuleante que clareava a noite, Harper viu que o ouriço no fim das contas não era tão grande assim. Entalado dentro do cano, parecia ter o tamanho de um filhote de cachorro. Ali, sob o clarão latejante das fogueiras, não passava de um hamster com espinhos. Ele a encarou ferozmente com um único olho reprovador e seguiu seu caminho. Por um instante, Harper quase sentiu culpa pelo modo como o havia tratado. Ela também fora expulsa de casa, e entendia o que ele sentia.

Ouviu um sussurro espantado vindo de fora do cano, da esquerda.

– Que porra é essa? – Alguém jogou uma pedra no ouriço, e a pobre criatura perseguida fugiu para o meio da vegetação.

Harper se projetou para a frente alguns centímetros, quase até a borda do cano.

– Alô, aí fora – falou, em voz baixa.

O final do cano escureceu ao ser preenchido, e o céu noturno foi eclipsado pela cabeça e pelos ombros de um homem grande.

Harper não estava mais soltando fumaça nem cantando, e em determinado momento dos últimos segundos os pontinhos dourados da Escama do Dragão tinham parado de brilhar. Seus braços e costas, desenhados com os finos e delicados fios do esporo, estavam sensíveis e doloridos, sensação não de todo desagradável.

– Quem está aí? – perguntou o grandalhão, espiando para dentro do cano.

Mesmo púido, imundo e todo sujo de cinzas, seu macacão cor de cenoura se destacava nas sombras e brilhava feito uma luz néon. Ele era parrudo feito um urso, e tinha um rosto largo cheio de cicatrizes de acne... mas seus olhos amarelados pareceram a Harper quase professorais. Na verdade, tinham quase exatamente a mesma cor dos olhos do ouriço.

– Meu nome é Harper Willowes. Eu sou enfermeira. Vim ajudar vocês a fugirem. Vocês são dois, né?

– É... mas ele já tentou se enfiar dentro do cano e não conseguiu. E eu sou maior ainda do que ele.

– Vocês não vão passar pelo cano. Vão vir andando por cima da passagem. Do outro lado tem amigos esperando com barcos. Eles vão levar vocês para um lugar seguro.

– Moça, a gente está há vinte horas escondido dentro de uma galeria pluvial. Nenhum de nós dois vai atravessar correndo essa passagem elevada. O meu parceiro mal consegue ficar em pé. Obrigado por pensar na gente. Sério, obrigado mesmo. Mas isso não vai acontecer. Pouco importa se os seus barcos estão só a trinta metros de distância. É como se estivessem na lua. Tem cinquenta homens lá naquele estacionamento, a maioria armados. Se a gente sair do esconderijo e correr... ou mancar, para ser mais exato... eles vão atirar primeiro e perguntar nunca.

– Vocês não vão correr – disse ela, recordando as palavras do Bombeiro. – Vão andar. E ninguém vai ver vocês. Vai haver uma distração.

– Que distração?

– Vocês vão saber quando virem – disse ela, pois isso soava melhor do que reconhecer que não fazia a menor ideia.

Ele sorriu, e deixou à mostra um dente de ouro no fundo da boca. Era o que o pai dela teria chamado de um cabra feio.

– Por que não sai daí? Vem cá sentar com a gente, querida.

– Eu preciso voltar. Fiquem preparados – disse ela.

– Você não vai voltar de ré por esse cano todo, vai? Não seria melhor sair e dar meia-volta?

Ela só agora tinha pensado sobre como voltar, o que era ridículo, mas real, e não soube responder. Ele estava certo, claro. Conseguiria tanto sair do cano engatinhando de ré quanto virar fumaça e sumir; na verdade, virar fumaça era uma possibilidade bem mais provável.

Se avançasse trinta centímetros sequer, porém, imaginou o grandalhão agarrando um punhado de seus cabelos, o sorriso desaparecendo de seu rosto e seus olhos ficando mortos. Ele e o amigo poderiam fazer com ela o que quisessem; ela não iria gritar, nem chamar a polícia e revelar assim a localização dos amigos. O Bombeiro tinha dito que eles queriam fugir, que não queriam ser pegos, e era verdade. Mas era verdade também que se tratava de dois presidiários, e ela era uma mulher grávida sem possibilidade de pedir socorro. Agora entendia que era perfeitamente possível eles a estuprarem e matarem.

Estava entalada outra vez, talvez de modo ainda pior do que na metade do cano. Não conseguia ver um caminho de volta, e não se atrevia a avançar. *Por que não canta para ele alguma música de um dos seus musicais prediletos?*, pensou, e quase riu.

Mas no final das contas não houve nada para decidir; foi um problema que não chegou a demandar solução. O homenzarrão foi distraído por algo lá em cima na passagem elevada. O terror deixou seus olhos que refletiam a luz das fogueiras atônitos e opacos.

– *Aaaah* – suspirou ele. – Santo... *santo*...

Ela supôs que o homem estivesse tentando dizer *Santo Deus*, mas ele não conseguiu articular mais do que as primeiras palavras. E mais tarde lhe ocorreu que talvez ele tivesse dito exatamente o que queria: que o que estava acontecendo na rua lá em cima era uma espécie de manifestação sagrada, tão improvável quanto um arbusto ardente ou um céu noturno repleto de anjos a luzir acima de Belém.

Mas *santo* não foi a palavra que veio à mente de Harper quando ela viu o que estava acontecendo na rua.

O termo mais adequado era *infernai*.

11

A luz diminuiu. Foi como se uma gigantesca cortina preta houvesse sido baixada entre a água e as fogueiras acesas no estacionamento.

Os olhos do presidiário se arregalaram aos poucos.

– O que foi? – perguntou ela.

Ele não respondeu, apenas balançou a cabeça com um movimento curto e distraído. Levou uma das mãos ao joelho e empurrou, pondo-se de pé com algum esforço. Ela pôde notar que suas pernas doíam. Ele deu alguns passos para a sua esquerda e saiu do seu campo de visão. Ela o ouviu sussurrar com alguém, ouviu um grunhido baixo de dor, e ouviu sapatos se arrastarem sobre pedra. Depois mais nada.

Não: mais nada não. De longe, ouviu gritos, gritos de susto.

Foi como se toda a luz estivesse sendo engolida, afogada. Ela não conseguiu de modo algum imaginar o que poderia estar sufocando a noite daquele jeito.

Esticou a cabeça para fora do cano para dar uma olhada, com a intenção de trazê-la de volta na mesma hora caso visse o homem de macacão laranja. Mas não tinha ninguém à sua espera. À sua esquerda havia outro paredão inclinado de quase dois metros de altura, feito de blocos irregulares de granito. Embutido nele havia uma galeria aberta de águas pluviais, larga e revestida de concreto, um nível abaixo do estacionamento mais acima. Dava para talvez dois homens ficarem escondidos, agachados debaixo do teto de concreto, mas barras enferrujadas impediam o acesso à passagem escura mais além. Era ali que os presidiários tinham se escondido... imprensados naquele espaço apertado, amontoados para se aquecer junto às barras de ferro fundido.

Harper espichou o pescoço para tentar ver a passagem elevada lá em cima, mas ainda estava com o corpo quase inteiro dentro do cano, e daquele ângulo não conseguiu distinguir muita coisa. O que conseguiu distinguir foi fumaça: uma nuvem negra borbulhante se despejando no céu, se espalhando pela rua e pelo estacionamento.

Deslizou para a frente sobre os joelhos, saiu de dentro do cano, ficou em pé e se pôs a fitar estupidamente o alto do paredão.

No meio daquela imensa nuvem estava o diabo: um diabo com dois andares de altura, um diabo de ombros largos com a cabeça encimada por uma imensa galhada de chifres. Era uma aparição de fogo tremeluzente enterrada bem fundo naquela fervilhante nuvem de fumaça. Em uma das mãos ele segurava um martelo, e ergueu um braço grosso feito um poste que então baixou sobre uma bigorna vermelha incandescente. Um clangor de aço retiniu; ela escutou com bastante nitidez. Centelhas voaram de algum lugar dentro da nuvem preta. O rabo do diabo, um chicote fino de quatro metros feito de fogo, estalou atrás dele.

A nuvem preta era tão imensa que Harper não conseguia mais ver a delegacia, nem o estacionamento, nem as fogueiras. A fumaça se espalhava pela passagem elevada, uma massa impenetrável de bruma tóxica.

Homens gritavam, berravam, corriam para lá e para cá do outro lado da fumaça.

O diabo desferiu o martelo outra vez, e mais outra, a cada vez com um novo *plém!* ribombante. Jogou a cabeça em chamas para trás, e seus olhos eram duas brasas vermelhas e deliciadas. De perfil, foi impossível não reconhecer nele o Bombeiro.

O diabo concluiu seu serviço, deixou o martelo de lado e ergueu o instrumento que acabara de forjar: uma lança de fogo, um tridente feito de chama pura, tão comprido quanto seu corpo.

Alguém do outro lado da fumaça soltou um lamento. Harper jamais tinha ouvido uma voz soar com tamanho desespero. Aquilo era o grito de um homem que temia pela própria alma.

Várias possibilidades lhe ocorreram em rápida sucessão, uma sequência de fogos de artifício estourando.

Em primeiro lugar: aquilo era um teatro de sombras. Não sabia como ele estava fazendo, mas tinha certeza de que o que estava vendo era como se um menininho estivesse movendo uma lanterna para desenhar na parede do quarto a sombra de um elefante.

Em segundo lugar: se fosse para ela ir embora, tinha de ser *agora*. Não seria possível aquilo durar.

Em terceiro lugar: o próprio John precisava ir embora. Encerrar aquele espetáculo e fugir. Tinha

produzido fumaça e caos mais do que suficientes para permitir aos presidiários atravessarem a passagem elevada mancando sem serem vistos.

Em quarto e último lugar: talvez ele não ligasse para escapar ou não. Talvez nunca tivesse ligado. Talvez a possibilidade da sua própria captura e morte não fosse uma preocupação, mas sim um incentivo.

Ela escalou o paredão de quatro, cravando os dedos nas ranhuras cheias de musgo dos blocos de granito.

Levantou-se com esforço e ficou em pé no meio da densa e negra nuvem de fumaça. Sabia que não deveria inspirar, mas mesmo assim sua garganta e narinas começaram a arder. Melhorava um pouco se ela se abaixasse, mas só um pouco.

Avançou pela nuvem. Conseguia distinguir o asfalto logo abaixo de seus pés, mas não mais do que isso. A fumaça estava densa demais para ver mais além.

Do outro lado da parede de fumaça, ouviu um barulho novo, um coro de gritos organizados, autoritários, o som de vários homens falando uns com os outros enquanto trabalhavam simultaneamente.

O jato d'água atingiu a parede de fumaça, mirando no peito em chamas do diabo. Satã tremeluziu, levantou os braços para proteger o rosto, e por um instante o tridente estremeceu e assumiu o formato de um imenso pé de cabra.

O Bombeiro gritou em algum ponto no meio da fumaça, um grito de surpresa. Ouviu-se batidas e pancadas de aço.

Satã cambaleou, rodopiou no próprio eixo e largou o tridente tremeluzente. Fechou as asas ao redor do próprio corpo, escondendo-se lá dentro, murchou para dentro de si mesmo e desapareceu.

Os homens que seguravam a mangueira anti-incêndio continuaram a jogar água na nuvem. Respingos choveram em Harper. A água silvava na fumaça quente, e a nuvem mudou de cor e de textura: de poluída e negra, tornou-se úmida e clara, nem mais tanto fumaça, e sim vapor.

Ela entendeu o que tinha acontecido. Eles o tinham pego, era isso. O aríete de água havia derrubado o Bombeiro no chão.

Sem pensar, correu mais para dentro da fumaça e mergulhou na direção em que pensara ter ouvido a voz dele.

Novos gritos, agora mais próximos. Alguns deles se moviam dentro da fumaça, vindos na sua direção. Não... indo na direção do Bombeiro.

Seu pé tropeçou em alguma coisa, uma barra de metal que emitiu um clangor ao rolar pelo asfalto, e ela cambaleou e se endireitou. O pé de cabra. Algo se moveu ali perto na névoa. Alguém fez que ia vomitar.

O Bombeiro se levantou até ficar de quatro, bambo. O capacete havia sido arrancado de sua cabeça, e seus cabelos estavam encharcados. Seus ombros se convulsionaram. Ele engasgou e vomitou água.

– John? – perguntou ela.

Ele ergueu a cabeça. Tinha os olhos atônitos e infelizes.

– Que porra você está fazendo aqui? – rebateu ele.

Ficou de joelhos, trôpego, e abriu a boca para dizer mais alguma coisa. Antes de poder fazê-lo, uma forma surgiu nas nuvens à sua esquerda e chamou sua atenção.

Algo emergiu da fumaça, uma monstruosidade com cara de inseto. Os olhos lustrosos e úmidos brilhavam em meio à névoa movente, e ele tinha uma boca bulbosa e grotesca. Fora isso, tinha o aspecto de um homem usando um casaco de bombeiro e calçando botas até os joelhos. Ele levou uma daquelas botas pretas até o ponto entre as omoplatas do Bombeiro e pisou, e John foi empurrado com a cara no chão.

– Seu escroto – disse a monstruosidade, um bombeiro, um bombeiro *de verdade* usando uma máscara de gás. – Seu escroto de merda, agora eu peguei você – disse o Homem da Máscara de Gás.

John começou a ficar de quatro. O Homem da Máscara de Gás recuou uma das botas e a arremeteu contra suas costelas, fazendo suas mãos e joelhos cederem.

– Que se foda você, seu merdinha – disse o Homem da Máscara de Gás. – Seu escroto de merda... pessoal! *Pessoal*, eu o peguei! Eu *peguei* esse escroto!

Ele tornou a chutar o Bombeiro, dessa vez na lateral do corpo, e quase o fez se virar.

Harper viu com bastante clareza que dali a instantes John estaria subjugado, e que seria chutado até a morte pelo Homem da Máscara de Gás e seus amigos.

Abaixou-se, pegou o pé de cabra...

... e gritou de susto e de dor ao deixá-lo cair. Em choque, olhou para a própria mão. Bolhas já se formavam na palma toda vermelha. O pé de cabra estava *quente*, quase tão quente quanto a ponta incandescente de um ferro de marcar.

Seu grito chamou a atenção do Homem da Máscara de Gás. Ele a encarou com seu olhar cego, terrível, e apontou uma das mãos enluvadas.

– Você aí! Deita na porra do chão, caralho! Peitos no chão, mãos atrás da porra da cabeça! *Anda*, vai logo, porra...

John se levantou com um grito de fúria, enlaçou o Homem da Máscara de Gás com os braços e tentou derrubá-lo. Tudo que conseguiu foi fazer o cara recuar uns poucos passos antes de o Homem da Máscara de Gás, quinze centímetros mais alto e cinquenta quilos mais pesado do que John Rookwood, começar a empurrá-lo de volta.

Os dois se engalfinharam, rodando em círculos. O Homem da Máscara de Gás fechou as mãos em torno do braço direito de John e torceu. Uma articulação emitiu um estalo nauseante, estranhamente molhado. John caiu sobre um dos joelhos, e o Homem da Máscara de Gás levantou o joelho por baixo do seu queixo e fez sua cabeça dar um tranco para trás. John caiu de costas. O Homem da Máscara de Gás deu um passo à frente, pôs o pé no peito do inglês e pisou. Ossos se partiram.

Harper tirou o casaco, enrolou-o na mão direita queimada e tornou a pegar o pé de cabra. Mesmo através de um punhado de tecido, pôde sentir o calor, sentiu o cheiro que ele produziu ao liquefazer o náilon.

Ela ergueu o pé de cabra no ar. O Homem da Máscara de Gás se virou, tirou o pé de cima do peito de John e partiu para cima dela com os braços abertos. Ela brandiu o pé de cabra, e a barra o atingiu no capacete com um *tlém!* de aço. Ele deu mais um passo e desabou, mergulhando de cara no chão. Seu capacete saiu voando, rasgando a bruma feito um Frisbee. Caiu no chão fazendo barulho, com uma massa grotesca afundada numa das laterais.

A visão daquela massa a deixou enjoada. Ela sentiu a bile subir pelo peito, sentiu seu gosto no fundo da garganta. A visão daquela massa foi por algum motivo pior do que ver uma cabeça esmagada.

Não sabia o que a fizera agir assim. Queria assustá-lo com o pé de cabra, não esmagar seu crânio. Largou a barra com repugnância. Ela caiu na imensa poça suja que cobria o asfalto e silvou.

Mais gritos. Ela viu outro bombeiro correr pela nuvem branca movente de fumaça e vapor à sua esquerda. Ele passou correndo sem vê-los.

O Bombeiro, o seu Bombeiro, agora a segurava pelo cotovelo. Seu outro braço, o direito, pendia junto ao flanco num ângulo esquisito, e ele estava meio curvado, com uma careta no rosto, feito um corredor que tenta recuperar o fôlego.

– Está tudo bem? – perguntou ele.

Ela o encarou como se ele houvesse falado um idioma estrangeiro.

– John! Eu... eu acertei ele com o seu pé de cabra.

– Ah, acertou mesmo! Parecia alguém tocando um tambor de aço. – Ele sorriu com admiração.

Alguém gritou do que pareciam ser apenas uns poucos metros de distância. John olhou para trás por cima do ombro, e quando tornou a olhar para ela o sorriso tinha quase sumido. Agarrou-a pelo ombro.

– Vem. A gente tem que ir. Me ajuda a pegar o casaco dele.

Quando ela não quis chegar mais perto do cadáver, ele a soltou e entrou no meio da fumaça. Abaixou-se com algum esforço para pegar o capacete afundado, e mesmo com todo o choque ela registrou a contração de dor do seu rosto. Quando ele tornou a olhar na sua direção, ela ainda não tinha se mexido.

– O casaco dele, Willows! – gritou John. – Rápido, vai.

Ela balançou a cabeça. Não dava. Não conseguia olhar para ele. Havia matado um homem, esmigalhado seus miolos, e estava fazendo de tudo para não chorar, para não cair ajoelhada no chão.

– Deixa – disse o Bombeiro, e pela primeira vez soou impaciente com ela, zangado, até. Tirou o próprio casaco, passando-o delicadamente pelo braço direito inerte com todo o cuidado, e ao chegar perto dela o pendurou nos seus ombros. Por baixo estava usando uma camiseta preta feita de algum tipo de material elástico, e suspensórios amarelo-vivo.

Ele então pôs o capacete afundado na cabeça de Harper, e ela se encolheu e recuou. Ele seguiu seu olhar até o corpo caído no chão, e por fim pareceu entender.

– Ah, pelo amor de Deus – falou. – Você não matou o cara. Olha...

Ele enfiou a bota por trás da orelha do Homem da Máscara de Gás e deu um leve cutucão. O Homem da Máscara de Gás emitiu um gritinho agudo e infeliz.

– Não tem nenhum sangue nem miolo nesse capacete, então põe ele logo e *vem me ajudar* – disse o Bombeiro, e dessa vez Harper o deixou pôr o capacete na sua cabeça. Ele deu um passo para trás, olhou para ela e tornou a sorrir. – Olha só! Você ficou uma perfeita bombeirazinha!

E então as pernas dele cederam.

12

Ela o amparou antes de ele cair ajoelhado, e passou as mãos em volta da sua cintura. Ele apoiou o peso nela. Enquanto eles cambaleavam num círculo embriagado, cantarolou uma melodia desconcertante de tão alegre.

– O que é isso?

– The Hooters! *And we danced*, “e a gente dançou”! – Ele quase cantou. – Um tesouro perdido de um tempo melhor, época de calças jeans desbotadas e penteados malucos. Você gosta da música dos anos 1980, enfermeira Willows?

– Será que a gente poderia conversar sobre hits antigos outra hora?

– O quê? *O quê?* Hits antigos? Primeiro um homem estoura minhas costelas com um chute, aí vem você e arranca meu coração.

– Ei! – gritou alguém surgindo da fumaça. Harper olhou para trás de John e viu outro Homem da Máscara de Gás vindo na sua direção, maior ainda do que o primeiro. – Vocês estão bem?

Harper se deu conta de que, no meio das nuvens em constante movimento, ele pensava que eles fossem bombeiros também.

– Ele fugiu! O cara! A porra do cara que fez a fumaça! – gritou John, e sua voz saiu sem qualquer vestígio de sotaque. – Bateu na gente e foi por ali! – Ele apontou para o vapor ondulante atrás de Harper.

– Essa porra desse cara... essa porra desse cara *outra vez* – disse o segundo Homem da Máscara de Gás.

– Tem um dos nossos caído, porra! – gritou John, apontando na direção do primeiro Homem da Máscara de Gás esparramado no chão. – Porra, caralho, puta que pariu! – Harper quis cutucá-lo na lateral do corpo, mas as costelas dele não iriam aguentar.

– Vão, saiam daqui, porra – disse o segundo Homem da Máscara de Gás. – Vocês dois. Saiam do meio desta porra de fumaça. Eu cuido dele.

Ela teve de ajudar John a andar, com o braço em volta da sua cintura e o dele nos seus ombros. Eles se afastaram mancando uns poucos passos, e então o segundo Homem da Máscara de Gás gritou atrás deles.

– Ei! Peraí!

Ela se forçou a olhar para trás, com os olhos baixos.

O segundo Homem da Máscara de Gás lhe estendeu o pé de cabra caído.

– Leva isso. Tem muitos caras correndo por aí. Não quero que alguém caia de joelhos em cima de uma porra de machadinha.

– Tá bom. Obrigada – disse ela. – Porra – acrescentou, para garantir.

O metal continuava quente, e sua palma formigou de dor quando ela o segurou, mas a água fria do chão tinha baixado a temperatura o suficiente para ela conseguir segurar o pé de cabra sem primeiro proteger as mãos. Segurou e puxou, mas por um instante o segundo Homem da Máscara de Gás não soltou a outra ponta. Através das lentes de sua máscara, ela viu seu cenho se franzir. Ele estava olhando para os dois, olhando *mesmo*, talvez pela primeira vez. Era possível que estivesse pensando que *bombeiras* eram muito raras, tão raras que ele conhecia todas pelo nome, e de repente havia percebido que ali não era o lugar dela. Dali a um segundo, iria puxar o pé de cabra de volta da sua mão e atacá-los com ele.

A fumaça branca úmida rodopiava ao seu redor, pintando fantasmas.

O segundo Homem da Máscara de Gás soltou o pé de cabra e se virou para o outro lado balançando a cabeça. Abaixou-se sobre um dos joelhos ao lado do homem caído.

– Enfermeira Willows – murmurou John, e ela percebeu que era seguro ir embora.

Ela o ajudou a atravessar a fumaça. Homens passavam correndo na direção oposta, gritando uns com os outros.

– Ele disse “esse cara *outra vez*” – falou ela, inclinando-se para falar baixinho no pé do seu ouvido. – Você passa muitas noites causando histeria entre os bombeiros com atos criativos de incêndio criminoso?

– Todo mundo precisa de um hobby – foi a resposta.

Eles então saíram da fumaça e entraram no estacionamento, com o Departamento de Polícia de

Portsmouth menos de cem passos à esquerda. A fumaça era um muro alto de nuvem branca que ocultava a passagem elevada e as águas do South Mill Pond mais atrás.

Tinham saído perto de uma das duas fogueiras. As cinzas quase apagadas emitiam um som que era impossível não associar com a raiva, e ela se perguntou pela primeira vez se o fogo era capaz de odiar... um pensamento absurdo e infantil que não conseguiu afastar por completo.

Agentes de segurança pública se aglomeravam logo após a porta de vidro dupla da delegacia. Harper e John tinham emergido da fumaça bem ao lado de um policial de rosto redondo, sardento e inocente, usando um poncho preto e luvas pretas de borracha. O homem fitava a fumaça com os olhos esbugalhados e não olhou para eles. Harper pensou ter visto seus lábios se mexerem numa prece muda. Seria mesmo uma surpresa? O mundo inteiro estava pegando fogo, e nessa noite ela vira o diabo finalmente vir reivindicar seu reino de fogo.

Harper olhou para a primeira fogueira, e viu que no fim das contas não eram pilhas de roupas em chamas. Ou melhor, eram *sim* pilhas de roupas em chamas... só que ainda havia pessoas usando as roupas. A fogueira da esquerda era uma pilha de corpos ressequidos, enegrecidos e murchos. No meio das chamas, eles estalavam, assobiavam e crepitavam ruidosamente, feito qualquer outro combustível.

Ela viu uma mulher morta segurando uma criança de mais ou menos 8 anos, com o rosto do menino enterrado no peito. Não se retraiu diante dessa visão. Tinha visto mortos suficientes no Hospital de Portsmouth. Se sentiu alguma coisa, foi apenas gratidão pelo fato de os dois, mãe e filho, terem morrido juntos, abraçados. Ser abraçado pela mãe, ou poder abraçar o filho no final lhe parecia uma espécie de bênção.

– Fica de cabeça baixa – murmurou John. – Ele pode ver.

– Ele quem?

– O ex.

Ela olhou para além da primeira fogueira na direção do imenso caminho municipal cor de laranja do outro lado. A porta da caçamba estava arriada e a traseira levantada, como para descarregar um carregamento de areia. Ainda restavam quatro ou cinco corpos dentro da caçamba, que por algum motivo não tinham sido despejados. Talvez houvessem congelado e ficado grudados no metal.

No vão da porta aberta do carona estava sentado Jakob, cotovelos apoiados nos joelhos, fumando um cigarro Gauloise. Tinha o rosto afogueado, untado de suor devido ao calor da fogueira, e fazia um tempo que não se barbeava. Havia emagrecido, e dava para notar isso no seu rosto, nas bochechas encovadas e nas fundas olheiras em volta dos olhos.

Como se houvesse sentido seu olhar, como um leve toque na cicatriz em sua bochecha, ele virou a cabeça e a encarou de volta. Suas feridas tinham cicatrizado mal, e riscos brancos reluziam na lateral de seu rosto. Pior ainda era a marca preta no pescoço, uma horrenda queimadura no formato da mão de um homem.

Ela baixou os olhos e seguiu andando. Contou até dez e arriscou outro olhar para trás. Jakob agora olhava para a passagem elevada, encarando a fumaça com um olhar inexpressivo. Não a tinha reconhecido. Talvez isso não fosse assim tão surpreendente. Embora ela o houvesse identificado na hora, de algum jeito obscuro sentia que tampouco o conhecia.

– Ele não está doente – falou.

– Não com a Escama do Dragão.

Harper e John avançaram devagar pelo estacionamento, deixando a delegacia para trás. À medida que se afastavam das luzes, as presenças foram ficando mais rarefeitas. Mas a outra extremidade do estacionamento não estava totalmente às escuras. A segunda fogueira projetava na escuridão uma claridade vermelha pulsante. O cheiro lhe deu náuseas, um fedor como se estivessem queimando tapetes molhados. Ela não quis olhar e não conseguiu se conter.

Cachorros. Eles estavam queimando cachorros. Cinzas negras choviam da noite.

– Olha quanta cinza – comentou o Bombeiro, soprando um flocó para longe do nariz. – Imbecis. Daqui a poucas semanas alguns desses homens vão estar do nosso lado nesta batalha. Você pode não ter infectado seu marido, enfermeira Willowes, mas talvez ele ainda tenha sorte.

Ela o encarou com um ar questionador, mas ele não pareceu inclinado a se explicar.

– Por que estão queimando cachorros? – perguntou ela. – Cachorros não transmitem a escama, transmitem?

– Tem duas infecções fora de controle. Uma delas é a Escama do Dragão. A outra é o pânico.

– Eu sempre fico surpresa quando você faz isso.

– Isso o quê?

– Dizer algo inteligente.

A risada dele se transformou num chiado fino, cheio de dor, e eles precisaram parar enquanto ele titubeava sem sair do lugar, apertando a lateral do corpo.

– Meu peito está cheio de vidro quebrado – falou.

– A gente precisa deitar você. Quanto falta?

– É ali – respondeu ele, meneando a cabeça para a escuridão.

Havia mais alguns carros e caminhões parados do outro lado do estacionamento, e entre eles estava um carro de bombeiros antigo, que devia ter uns 80 anos, com dois faróis posicionados bem próximos por cima de uma alta grade dianteira.

Quando John tentou se içar até o banco do motorista, quase perdeu o pé e caiu do estribo. Ela levou as mãos aos seus quadris para ampará-lo e equilibrá-lo. Ele ficou pendurado na lateral do caminhão, aos arquejos. Tinha os olhos saltados, como se o simples ato de respirar exigisse força de vontade e concentração.

Uma vez recuperado, ele tornou a tentar, e suspendeu o próprio corpo até o velho banco de couro preto. Uma sineta de cobre pendia de um suporte de metal preso à lateral do para-brisa. Uma sineta *de verdade*, com uma pesada lingueta de ferro no interior.

Ela deu a volta até o outro lado do caminhão e subiu também. Um par de ganchos de aço enferrujados tinha sido afixado atrás dos bancos; o pé de cabra se encaixou neles direitinho.

O motor, ao ser ligado, emitiu uma agradável sequência de ruídos semelhantes a pigarros que fez Harper pensar não num caminhão, mas sim em roupas girando numa secadora.

– Enfermeira Willowes, poderia ter a bondade de empurrar a alavanca de marchas para a frente e para a direita?

Ele estava com o braço direito aninhado no colo, mão esquerda no volante. Ela não gostou do jeito como seu pulso direito estava virado.

– É melhor me deixar ver esse braço – falou.

– Quem sabe quando estivermos à vontade – disse ele. – A marcha.

Ela engatou a ré enquanto ele manevrava a embreagem.

John tirou o caminhão de debaixo da sombra de um grande carvalho e entrou na rua, quando lhe pediu para engatar a primeira marcha. Quando eles passaram pela delegacia e saíram do estacionamento, pôs a mão para fora da janela e tocou a sineta, *blém-blém*. Harper pensou em filmes antigos dos bondes de São Francisco.

Várias pessoas os observaram partir, talvez até umas cinquenta, e nenhuma pareceu lhes dar a menor atenção. Um policial chegou a levantar o quepe para eles. Harper tornou a procurar Jakob, mas ele não estava mais sentado dentro do Freightliner, e ela não conseguiu encontrá-lo na confusão de gente.

– Você tem seu próprio carro de bombeiros – falou.

– Num mundo que tem um incêndio em cada esquina, é um veículo surpreendentemente discreto. Além do mais, você não imagina o quanto uma escada de vinte metros pode vir a calhar.

– Posso imaginar, *sim*. Nunca se sabe quando você vai precisar dela para ajudar uma criança a fugir do terceiro andar de um hospital.

Ele aquiesceu.

– Ou trocar uma lâmpada beeeem alta. Pode empurrar a alavanca para trás outra vez? Na segunda... ah, ótimo.

Eles ganharam velocidade de repente e se afastaram das fogueiras, da fumaça, do cheiro de gente e cachorros queimados.

Perto da água, a noite de inverno estava fria. Dentro do caminhão de bombeiro que avançava a cinquenta por hora, a temperatura era glacial.

Ele ligou o limpador de para-brisa e espalhou pelo vidro fitas de cinzas cor de chumbo claro.

– Ah – comentou. – Olha só para isso. Daria para infectar Rhode Island quase inteira com o que tem no para-brisa.

Eles seguiram chispando pela noite.

– As cinzas – disse ela. – O esporo está nas cinzas. Foi por isso que eu não infectei o Jakob. Ele não é transmitido por nenhum tipo de toque. É preciso entrar em contato com as cinzas.

– É um modo bem comum de os fungos se propagarem. Terceira, por favor. Obrigado. Agricultores sul-americanos queimam uma safra infectada, e o evento carrega esporos fúngicos nas cinzas ao redor do mundo até a Nova Zelândia. Com o *Draco incendia trycophyton* é a mesma coisa. Você o respira junto com as cinzas que o protegem e que o preparam para a reprodução, e em pouco tempo ele está colonizando terrenos dentro dos seus pulmões. Pode passar a quarta... isso, perfeito. – Ele deu um sorriso triste antes de retomar. – Foi naquele dia que você se infectou, entende? No dia em que o hospital

pegou fogo. Eu vi você respirando a cinza, mas já era tarde demais para alertar qualquer um.

Eles passaram por cima de um buraco; o caminhão não parecia ter amortecedor algum, e dava para sentir cada vala, cada rachadura, cada sulco e cada emenda. John grunhiu.

– Não é tarde demais para alertar o resto do mundo.

– Ahn? Você acha que eu sou a primeira pessoa a me dar conta de que o esporo se propaga nas cinzas? Eu sou só um reles micologista de faculdade estadual. Ou era. Tenho certeza de que o processo já foi bem compreendido nos lugares onde o estudo da Escama do Dragão é uma preocupação importante. Onde quer que isso seja.

– Não. Se eles entendessem a transmissão, estariam alertando as pessoas.

– E talvez estejam... nas partes do país que não sucumbiram ao caos e foram abandonadas para morrer. Mas a gente está a favor do vento, entende? Em relação a *todo mundo*. A corrente de jato da América do Norte sopra tudo na nossa direção. Quem não pegou até agora vai pegar amanhã, ou no ano que vem. Acho que o esporo pode continuar vivo nas cinzas à espera de um hospedeiro por muito, muito tempo. Milhares de anos. Talvez milhões.

O caminhão se desviou para a esquerda e entrou no acostamento da estrada. A borda do capô bateu numa caixa de correio e a fez sair voando. Harper segurou o volante e ajudou John a posicionar o caminhão de volta no meio da estrada em formato de corcova.

John estremeceu de leve e passou a língua pelos lábios secos. Parecia mais estar sendo guiado pelo caminhão do que propriamente guiando, e segurava o volante como se sua vida dependesse disso.

– Na verdade é um ciclo bem engenhoso, se você pensar bem. A cinza infecta um hospedeiro que acaba morrendo queimado, criando mais cinza para infectar novos hospedeiros. No momento existem os doentes e os saudáveis. Mas daqui a alguns anos vão existir apenas os doentes e os mortos. Só vai sobrar quem aprendeu a viver com a Escama do Dragão e quem pegou fogo... por causa do próprio terror, da própria ignorância.

Ele estendeu a mão para o escuro e começou a tocar a sineta; tocou com tanta força que machucou os ouvidos de Harper, fez seus dentes doerem. Eles estavam chegando à saída da estrada. Ela quis que ele diminuísse a velocidade, tentou dizer isso, dizer *John, por favor, mais devagar*, quando ele fez uma careta e deu um tranco no volante, guiando o caminhão para fora da Little Harbor Road.

O caminhão se lançou na estradinha coberta de neve que conduzia à colônia, e passou pelos rochedos altos que ladeavam a entrada. Harper viu uma menina esguia de seus 20 anos em pé em um dos lados da estrada de terra batida, a que fora incumbida de ficar de guarda dentro do ônibus. Ela havia escutado John tocar a sineta, e sabido que devia baixar a corrente e deixá-los passar.

– Passa a terceira de novo, enfermeira Willowes... excelente.

Enquanto o caminhão corria morro acima, diminuindo cada vez mais a velocidade, John se balançava de um lado para outro. Harper começou a repassar na cabeça o que precisaria ser feito quando o levasse para a enfermaria. Iria precisar de esparadrapo, gaze, Advil, uma tesoura, uma tipoia para o braço dele, ataduras de compressão, uma tala plástica. Tirando o Advil e o esparadrapo, não tinha certeza de quantas dessas coisas eles dispunham. O caminhão chegou ao alto do morro...

... e começou a descer a estradinha. A capela passou num relance à esquerda. Os pneus levantaram um jato cintilante de neve gelada.

– Você passou a entrada da enfermaria – disse ela.

– A gente não vai para a enfermaria. Não posso passar a noite inteira fora de casa. Meu fogo vai apagar.

– E daí? Você não está dizendo coisa com coisa. Está com umas costelas esmagadas, um pulso deslocado ou quebrado... possivelmente também uma fratura no antebraço ou no cotovelo... e precisa dar meia-volta com este troço.

– Infelizmente eu acho que já passei há muito tempo do ponto em que podia dar meia-volta em alguma coisa, enfermeira Willowes.

O caminhão continuou a diminuir a velocidade, batendo no chão e se balançando para um lado e para outro ao passar por uma brecha numa densa faixa de abetos e ir dar perto da garagem de barcos. Com esforço, ele puxou o volante e foi freando conforme eles entravam na garagem, passando por prateleiras de caiaques e canoas, até estacionar o caminhão no centro da área externa pavimentada de concreto.

Ele girou a chave, e os dois ficaram sentados na escuridão fria e silenciosa. John afundou para a frente até encostar a testa no volante.

– Enfermeira Willowes, eu preciso atravessar a água – falou, sem olhar para ela. – *Eu preciso*. Por favor. Você disse que queria me ajudar. Se estava mesmo falando sério, vai me ajudar a voltar para minha ilha, onde é o meu lugar.

Ela saltou e deu a volta no caminhão para ajudá-lo a descer.

Ele passou o braço bom por cima dos seus ombros e ela o abaixou, com grande dificuldade, primeiro até o estribo, depois até o chão. O rosto dele estava tão pálido que brilhava no escuro. Seus olhos se arregalaram com um assombro repentino. Harper tinha visto isso muitas vezes no seu tempo de enfermeira. Quando a dor batia com força total, muitas vezes deixava os feridos tão assombrados quanto se houvessem visto um mágico levitar.

Os dois seguiram mancando pela superfície branca e vítrea da neve, agarrando-se um ao outro e avançando com os passos diminutos dos idosos.

Na margem havia um barco a remo, com os remos em pé lá dentro. Nenhuma canoa, nem sinal de Pai Storey ou dos outros. Mas, pensando bem, eles não iriam voltar por pelo menos uma hora. Havia demorado mais ou menos esse tempo para chegar a South Mill Pond de barco, e eles não tinham tido que enfrentar a névoa.

Uma bruma havia baixado e pairava sobre a água, ocultando o horizonte. A ilhota de John ficava a menos de cem metros da margem (na maré baixa, era quase possível chegar andando), mas agora Harper não conseguia vê-la.

– Espero que eles consigam achar o caminho de volta no meio disso – falou ela. – E espero que entendam que eu vim com você.

– Pai Storey conhece o caminho – disse John. – Eles traz crianças para remar nestas águas desde que você era criança. Provavelmente antes disso. E sabe também que eu não teria deixado você para trás. – Harper pensou: ele ignorou o fato de que, se não fosse por mim, *ele* teria sido deixado para trás.

John se sentou com cuidado na proa, e Harper impulsionou o barco a remo para longe da margem antes de subir na popa. Ajeitou-se no banco e pegou os remos.

– Vamos, reme – disse ele. – Faça-nos atravessar o Lete, barqueiro. Barqueira. Barfermeira. – Ele riu. – *Allons-y!*

Ele estendeu a mão para pegar uma lamparina a óleo, pôs a lamparina no piso entre os bancos, ergueu a chaminé de vidro e tocou a mecha com o dedo. Esta se acendeu: uma língua quente de chama azul. Relanceou os olhos na direção de Harper para se certificar de que ela estava olhando. Mesmo machucado como estava, adorava a atenção.

Os remos fizeram barulho nos suportes. Harper teve a sensação de sair deslizando não pelo mar, mas pelo céu, por uma extensão de nuvem impossível de tão leve. A bruma se abria na sua frente, e se curvava para longe da proa em plumas luminosas.

Harper ainda tinha os olhos estreitados para a névoa clara, fria e ondulante, à procura da ilha, quando eles bateram no chão e pararam com um tranco violento.

– Vai estar meio molhado quando a gente saltar, mas não acho que nenhum de nós dois vá se afogar na lama – disse ele. – Me segue e pisa onde eu pisar.

Ele passou uma das pernas pela lateral do barco antes de ela conseguir chegar até ele, e caiu de lado. Estava segurando a lamparina, que voou da sua mão, estilhaçou-se em algum lugar no escuro e se apagou. Ele gritou de dor, então riu: um cacarejo feio, embriagado, que a deixou ao mesmo tempo com medo e irritada.

Ela pulou do barco, e afundou na lama até acima dos tornozelos. Foi como pisar num pudim gelado e grudento. Ao percorrer com esforço a lama rançosa até junto dele, Harper perdeu uma das botas. Perdeu a segunda quando o estava ajudando a subir para o terreno mais alto. O calçado foi sugado de seu pé com um ruído úmido de sucção, e ela seguiu em frente descalça.

Os dois foram subindo cambaleantes pela umidade fria até chegarem à areia molhada e firme. Harper viu o abrigo, uma parede verde apagada com uma porta branca, e os guiou nessa direção.

– Você tem que voltar e arrastar o barco até aqui em cima. – John levantou o trinco e empurrou a porta com o ombro. – Senão a maré sobe e leva embora.

Os olhos de Harper precisaram de alguns instantes para se ajustarem à obscuridade. Ela viu uma cama de campanha; roupas penduradas num varal; pilhas de livros de formato brochura que pareciam ter sido molhados e secados muitas vezes, e estavam agora inchados e deformados. Uma mistura prateada de claridade e névoa entrava por duas claraboias, as únicas janelas do recinto.

Nos fundos daquela oficina de um cômodo só, palavra que melhor descrevia o lugar, havia um grande barril de ferro fundido, virado de lado e suspenso do chão por pés de metal. Seu pai tinha algo parecido em seu quintal na Flórida; usava para fazer churrasco de paleta de porco. Um cano soldado em uma das extremidades do barril servia de chaminé, e se curvava até desaparecer através da parede dos fundos.

O barril tinha uma abertura de correr na lateral. Junto a essa fornalha caseira havia madeira e algas dispostos em pilhas bem-arrumadas. John a soltou, projetou-se tropegamente pelo piso feito de tábuas

estreitas e parou em frente à fornalha. Espiou lá dentro uma chama que ardia em estranhos tons de verde e azul.

– Estou aqui, amor – disse ele para as brasas. – Cheguei.

Escolheu alguns pedaços secos de madeira e pôs lá dentro, enfiando as mãos na chama até os pulsos. Então recuou, segurando as laterais do corpo. Tinha os olhos vidrados e sem expressão, e não os desgrudou da fornalha. Foi recuando até chegar ao catre estreito. Quando seus tornozelos bateram na cama, sentou-se.

Harper foi até ele, ajudou-o a se deitar e começou a desabotoar sua camisa. Ele encarava o barril cheio de fogo atrás dela. Aquilo parecia fasciná-lo.

– Fecha a abertura – sussurrou ele.

Ela o ignorou e soltou seus suspensórios.

– Tira a camisa.

– Por favor – disse ele, e deu uma risada fraca. – Ela pode ver a gente e entender errado.

Harper encostou a palma da mão na lateral do seu rosto. Não gostou muito da quentura febril que sentiu na bochecha. Puxou sua camisa para cima e começou a tirá-la. Não foi difícil soltar o braço esquerdo, mas quando ela começou a descer o pano pelo direito ele deu um arquejo rápido, algo a meio caminho entre soluço e risada.

Seu cotovelo direito estava inchado e apresentava um tom feio de roxo sarapintado de pontinhos mais escuros, quase pretos.

– Você consegue dobrar? – indagou ela.

O Bombeiro deu um grito quando ela levantou seu braço com delicadeza, flexionou o cotovelo, e passou os dedos com cuidado pelas protuberâncias ósseas. Nada quebrado, mas os tecidos moles haviam inchado e se retesado; os ligamentos agora eram fios esgarçados. O pulso estava pior do que o cotovelo, já com a mesma circunferência do tornozelo, e com um profundo hematoma azul debaixo da pele.

Ela segurou a mão direita dele com uma das suas e, com a outra, seu antebraço. Girou o pulso para um lado e para outro à procura de uma subluxação. Um calombo de osso, o semilunar, tinha se soltado dos outros e saído inteiramente do lugar.

– É sério? – quis saber ele.

– Nada grave – respondeu ela. Teria que realinhar o osso, quanto mais cedo, melhor. Cruzou os polegares por cima do pulso dele. Seu rosto pálido e quase sem cor estava coberto de suor.

– Diz aí – falou ele. – Não vai fazer uma coisa horrível comigo, vai?

Ela sorriu como quem pede desculpas e *apertou*. O semilunar se espremeu de volta para o lugar entre os outros ossos com um leve *plec!* úmido. Ele estremeceu violentamente e fechou os olhos.

Harper olhou para além do braço dele na direção de seu flanco direito, todo escurecido por uma grotesca colcha de retalhos de hematomas. Correu os dedos por suas costelas. Fratura aqui. Fratura aqui. Mais uma. Quatro.

– Harper – sussurrou ele suavemente. – Pode ser que eu desmaie.

– Tudo bem se desmaiar.

Mas ele não desmaiou. Não ainda. Arqueou as costas na borda do colchão, tomado por tremores incontrolláveis, com o braço ferido agarrado à lateral machucada do corpo.

Harper queria uma tipoia para ele. Pôs-se de pé e começou a vasculhar as tralhas junto à cama. Achou uma caixa com Frisbees sujos, bolas de tênis, arcos e tacos de croquê. Tudo que qualquer pessoa poderia querer para uma tarde relaxante de lazer ao ar livre. Enfiado atrás da caixa havia um arco comprido que já tinha visto dias melhores... *isso*. Uma aljava de lona com algumas flechas de aspecto triste e quase sem penas presas dentro. Ela as jogou no chão fazendo-as chacoalhar. Em mais um minuto de busca, conseguiu desencavar um podão de jardim.

Cortou a aljava de uma ponta à outra, criando um suporte de lona em forma de meia-lua. Solto a tira que prenderia a aljava às costas do arqueiro. Quando voltou para junto da cama, John havia caído na cama sobre o lado esquerdo do corpo. Ainda tremia, mas agora em pequenos latejos fracos. Suas pálpebras pendiam.

Harper encaixou o braço direito dele em sua tipoia improvisada melhor do que nada, agindo com paciência e cuidado para não sacudir indevidamente o pulso ou o cotovelo. Ele sorveu algumas inspirações curtas e arquejantes, mas tirando isso aguentou sem fazer barulho. Uma vez o braço no lugar, ela segurou seus pés e os pôs sobre a cama, então o cobriu com um cobertor.

Pensou que ele tivesse pegado no sono enquanto o estava ajeitando na cama, mas o ouviu sussurrar:

– Agora a portinhola da fornalha, por favor. Para manter o calor. Assim o fogo não se consome depressa demais.

Harper afastou um cacho de cabelos castanhos da sua têmpora suada.

– Tá bom, John – murmurou ela.

Foi até a fornalha, mas hesitou antes de fechar a portinhola; seu olhar foi atraído pelos tons estranhos e vibrantes da chama lá dentro: ela viu lampejos de jade e cor-de-rosa. Ficou observando por quase meio minuto, numa espécie de transe, e estava quase a ponto de fechar... quando a viu.

Por um segundo, um rosto apareceu no fogo: um rosto de mulher com dois olhos arregalados de espanto, bem afastados um do outro, e os traços perfeitos das estátuas clássicas, um rosto bem parecido com o de Allie, só que mais cheio, mais velho e mais triste. Com os lábios entreabertos como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Não foi uma alucinação; não foi algo imaginado; não foi uma ilusão causada pelo fogo dançante. O rosto nas chamas a encarou durante cinco segundos inteiros.

Harper tentou gritar, mas não encontrou fôlego. Quando finalmente conseguiu inspirar, a mulher que tinha visto no fogo havia sumido.

13

Harper recuou, com os olhos pregados no fogo à espera de novos prodígios. O susto tinha varrido de sua mente qualquer lembrança de fechar a portinhola. Olhou em volta à procura de John para perguntar a ele o que acabara de ver, perguntar a ele que *diabo* havia dentro da fornalha, e viu que ele estava dormindo. Sua respiração era um silvo fino, laborioso.

Ela sentiu profundamente a própria exaustão. O cansaço era uma dor seca e intensa em cada articulação. Sentou-se numa cadeira macia sobre almofadas de tecido puído, numa posição boa para observar o fogo e ficar de olho nele para o caso de acontecer mais alguma coisa.

As chamas ondulavam e se moviam, lançando seu antigo feitiço hipnótico, esvaziando sua mente de qualquer vontade ou pensamento. O fogo também irradiava um calor tão agradável quanto o de uma colcha velha e confortável. Parte de si temia que a mulher abrisse aquelas cortinas rubras e olhasse para ela outra vez. Outra parte ansiava por vê-la de novo.

Ela talvez tenha fechado os olhos por um instante.

Um grito a fez se sobressaltar, um leve soluço de dor ou de pavor. Não soube ao certo quanto tempo tinha se passado, se um minuto ou uma hora, e não soube se o grito fora real ou imaginado. Escutou com atenção, mas não ouviu mais nada.

As chamas haviam diminuído um pouco, e ela por fim se lembrou de que John queria que ela fechasse a portinhola. Foi preciso toda sua energia para se levantar e fechar a abertura de correr de aço. Então tornou a se sentar e passou um longo tempo flutuando, sem amarras, na tranquila zona cinzenta entre o sono e a vigília. Sentiu-se livre e à deriva como um barco vazio num mar deserto, uma sensação boa, mas um pensamento ruim, e de repente despertou por completo num susto. O barco. John a havia alertado que era preciso puxá-lo mais para cima da praia, caso contrário eles ficariam ilhados.

Pensar em perder o barco a fez pular da cadeira e se levantar. O resto das teias de aranha em sua mente foram dispersadas assim que ela saiu e sentiu uma rajada de vento abrasiva e salgada.

O dia estava quase raiando, e a luz da aurora tornava a bruma perolada e sedosa. A brisa a dispersava transformando-a em lenços de prata, e por um grande rasgo no tecido dessa névoa Harper pôde ver a margem oposta.

Três canoas haviam sido puxadas para cima da neve. Todos tinham voltado com vida, então. Na praia, Nick arrastava uma das canoas pela areia. Harper se perguntou quem teria mandado um menino pequeno puxar sozinho as embarcações de volta até a garagem. Aquela hora, quase de manhã, o lugar dele era na cama.

Ela acenou. Assim que ele a viu, parou o que estava fazendo com a canoa e começou a acenar também, com frenesi, agitando os dois braços acima da cabeça no gesto universal de quem pede socorro. E ela por fim entendeu o que havia de errado com aquele instante. Nick não estava vestido para o frio; usava apenas um suéter leve de microfibra preta e suas pantufas. E a canoa... ele não a estava arrastando *em direção* à garagem de barcos, mas sim em direção à água. Ninguém o mandara guardar as canoas. Ele tinha vindo procurá-la.

Com dois passos, ela já estava afundada novamente até os tornozelos na lama salobra e malcheirosa. Suas botas estavam em algum lugar daquela sopa. Ela não as procurou; simplesmente empurrou o barco a remo até a água e subiu.

Quando atracou junto ao cais, Nick estava à sua espera com um pedaço de corda coberto de musgo. Enrolou-o num cunho na ponta do barco e a segurou pelo braço. Ela pensou que, se ele fosse grande o suficiente, a teria feito voar até sobre as ripas de madeira do cais como um pescador puxando seus peixes.

Ele queria correr, mas também não queria soltá-la, e foi puxando seu braço conforme eles subiam a ladeira íngreme. Sua respiração chiava na garganta. Harper não conseguia andar tão depressa quanto ele queria, e seguia amassando a neve granulosa com os pés descalços.

– Para – falou, e o fez estacar junto com ela, fingindo que precisava recuperar o fôlego quando na verdade queria que ele recuperasse o seu. – Você consegue escrever? Nick, o que aconteceu?

Harper soltou seu braço para fazer com as mãos a mímica do ato de escrever, rabiscando com uma

caneta invisível o papel do ar leitoso. Mas ele balançou a cabeça, desesperado e infeliz, e recomeçou a correr, sem se dar mais ao trabalho de tentar arrastá-la.

A névoa descia por entre os troncos dos pinheiros-da-noruega, escorrendo feito o fantasma de uma grande enchente a se derramar pelo chão, em câmera lenta, de volta em direção ao mar.

Ela seguiu Nick, na verdade o perseguiu até a enfermaria, onde ele enfim parou para aguardá-la ao pé da escada. Sua tia estava ao seu lado, trajando um fino pijama de flanela e também descalça.

– Meu pai... – disse Carol, com a voz saindo em rompantes descontrolados entre um e outro soluço para respirar, como se ela, e não Harper, houvesse acabado de subir correndo o morro pela neve. – É o meu pai. Eu rezei, *rezei* para você voltar, e você chegou, e precisa dizer que vai salvá-lo, precisa *dizer*.

– Farei todo o meu possível – disse Harper, e segurou Carol pelo ombro para virá-la na direção da enfermaria. – O que aconteceu?

– Ele está chorando sangue – disse Carol. – E está falando com Deus. Quando o deixei, ele estava implorando para Deus perdoar a pessoa que o assassinou.

Havia gente demais na enfermaria. Carol e Harper se espremeram para passar por uma multidão que incluía Allie, as irmãs Neighbors, Michael, e uns outros poucos Sentinelas. Alguns estavam de mãos dadas. Mike havia tirado a camisa, e uma substância vermelha reluzia em seu peito, sangue misturado com suor. De cabeça baixa, olhos fechados e com os lábios se movendo numa prece muda, ele parecia um esotérico da Era de Aquário dentro de uma tenda do suor. Uma menina sentada no chão com os joelhos abraçados junto ao peito soluçava desconsolada.

Velas cobriam as bancadas e a área em torno da pia, mas mesmo assim apenas uma penumbra iluminava o recinto. Tom Storey estava deitado numa das camas de campanha. Nas sombras, teria sido possível confundi-lo com um casaco largado sobre os lençóis. Don Lewiston estava em pé junto à cabeceira da cama.

– Meninos – disse Harper, como se fosse décadas mais velha do que Allie e Michael, e não uma moça de 26 anos que só tinha se formado quatro anos antes. – Obrigada. Muito obrigada pelo que vocês fizeram. – Não sabia se eles tinham feito alguma coisa, mas pouco importava. Seria mais fácil guiá-los caso eles sentissem que suas importantes contribuições tinham sido reconhecidas, caso acreditassem que tinham feito toda a diferença. – Agora tenho que pedir para todo mundo sair. Precisamos de ar e de silêncio aqui dentro.

Allie havia chorado. Tinha as faces coradas, mas linhas brancas quentes acusavam a passagem das lágrimas. A máscara de Capitão América pendia do seu pescoço, encardida e surrada. Ela meneou a cabeça para Harper num gesto curto, assustado, e apertou a mão de Michael. Os dois começaram a conduzir os outros de volta até a sala de espera, tudo sem falar nada.

Harper segurou Michael pela parte superior do braço e o puxou para trás. Em voz baixa, falou:

– Leva a Carol, também. Por favor. Diz que você quer cantar com ela. Diz que o Nick está abalado e precisa da tia. Diz o que você quiser, mas *leva ela embora*. Ela não pode ficar aqui.

Michael moveu a cabeça num gesto quase imperceptível de quem concorda, então falou, alto:

– Srta. Carol? Quer vir cantar com a gente? Quer vir nos ajudar a cantar para Pai Storey?

– Não – respondeu ela. – Eu agora preciso ficar com o meu pai. Ele precisa de mim. Quero que ele saiba que eu estou aqui.

– Ele vai saber – disse Michael. – Vamos todos cantar juntos e chamar ele para o Brilho junto com a gente. Se quiser que ele a sinta perto, o jeito é esse. Se levar ele para o Brilho, ele vai saber que a senhorita está lá junto com ele e não vai sentir medo nem dor. No Brilho nada machuca. É a única coisa que podemos fazer por ele agora.

Carol tremia em espasmos nervosos. Harper pensou se ela estaria em choque.

– É. É, Michael, eu acho que você tem razão. Acho que...

Pai Storey falou com uma voz bem-humorada, mas forçada, como se houvesse passado muito tempo falando e estivesse com a garganta irritada.

– Ah, Carol. Quando você canta, fico tão apaixonado por você que meu coração seria capaz de arrebentar. – Ele riu, um riso sarcástico, nada a ver com Tom. – Depois daquela última canção, meu coração está aberto feito uma janela! E ainda bem! É difícil ver alguma coisa através de vitrais.

Carol o encarava, vidrada, com uma expressão fixa de dor e espanto, como se alguém houvesse lhe cravado uma faca.

Don Lewiston segurava o crânio de Pai Storey, pressionando algodão branco junto à ferida. A camisa de Michael jazia embolada em cima da cama, a flanela já enrijecida por causa do sangue.

Os olhos de Pai Storey estavam bem abertos, cada qual olhando numa direção. Um deles mirava para baixo e para a esquerda. O outro apontava para os dedos de suas botas. Ele sorria com uma espécie de sagacidade discreta.

– Mil preces por minuto em todo lugar, e o que Deus jamais disse de volta? Nada! Porque o silêncio nunca mente. O silêncio é a derradeira vantagem de Deus. O silêncio é a forma mais pura de harmonia. Todo mundo deveria experimentar. Ponham uma pedra na boca em vez de uma mentira. Ponham uma pedra sobre a língua em vez de fofocar. Enterrem os mentirosos e os maus debaixo de pedras até eles não dizerem mais nada. Mais peso, aleluia. – Ele sorveu outro pequeno gole de ar, e prosseguiu num sussurro.

– O diabo está solto. Hoje à noite eu o vi. Eu o vi sair da fumaça. Aí minha cabeça desabou, e agora está cheia de pedras. Mais peso, amém! Melhor ficar de olho, Carol. Esta colônia pertence ao diabo, não a você. E ele tampouco está sozinho. Muitos o servem.

Carol encarava o pai com um fascínio matizado de horror. Pai Storey passou a língua pelos lábios.

– Eu causei isso a mim mesmo. Chamei a fraqueza de gentileza, e contei mentiras quando deveria ter ficado com uma pedra na boca. Fiz a pior coisa que um pai pode fazer. Tive uma preferida. Eu sinto muito, Carol, muito mesmo. Por favor, me perdoe. Eu sempre amei mais a Sarah. É certo e adequado eu ir ficar com ela agora. Me deem outra pedra. Mais peso. Eu já disse amém o bastante.

Ele exalou uma expiração comprida, sonhadora, e não disse mais nada.

Harper cruzou olhares com Carol.

– Seu pai não quis dizer isso. Ele está com um hematoma subdural. Só está dizendo bobagens por causa da pressão no cérebro.

Carol a encarou de volta com uma estranha falta de reconhecimento, como se as duas jamais houvessem se visto.

– Não é bobagem. É uma revelação! Ele está fazendo o que sempre fez. Nos mostrando o caminho. – Carol estendeu a mão, bateu às cegas para trás e segurou a de Michael. Apertou os dedos do rapaz. – Nós vamos cantar. Vamos cantar e chamar meu pai para o Brilho. Vamos dar a ele toda luz de que ele precisa para encontrar o caminho de volta até nós. E se ele não conseguir voltar para nós... se tiver de ir... – Sua voz engasgou. Ela tossiu, e seus ombros se sacudiram de maneira espasmódica antes de ela retomar. – ... se ele tiver de ir, terá nossa canção para servir de guia e reconforto.

– Isso – falou Harper. – Eu acho que é isso mesmo. Cantem para ele agora. Ele precisa da sua força. E cantem para mim, porque eu também preciso da sua força. Vou tentar ajudá-lo, mas estou com medo. Significaria muito para mim se vocês pudessem elevar suas vozes para nós dois.

Carol lhe lançou um último olhar intrigado, então ficou na ponta dos pés e a beijou no rosto. Talvez tenha sido a última gentileza que ela jamais lhe demonstrou. Um segundo depois, passou roçando pela cortina e sumiu, levando os outros consigo.

Don Lewiston estava se preparando para sair também, e puxava as mangas para baixo de modo a poder abotoá-las.

– Você não, Don – disse Harper. – Fica. Vou precisar de você.

Ela deu a volta no leito por trás e assumiu a posição de Don Lewiston atrás da cabeça de Pai Storey. Com delicadeza, segurou seu crânio com as duas mãos. Os cabelos prateados estavam ensopados de sangue. Ela conseguiu sentir o local atrás da orelha direita onde ele havia sido atingido, um calombo quente e úmido, e outro ponto, mais acima, onde talvez tivesse havido um segundo golpe.

– Como isso aconteceu? – perguntou.

– Não sei – respondeu Don. – Não entendi a história toda. Mikey o carregou até a colônia depois de encontrá-lo quase morto na mata. Acho que foi um dos presidiários. É o que se sabe até agora. Ben está trabalhando neles agora mesmo.

Trabalhando neles? O que significava isso? Pouco importava. Não agora.

– E Pai Storey não conseguiu dizer nada sobre o que aconteceu?

– Nada que fizesse sentido. Disse que era uma sentença. Que era o que ele merecia por ter protegido os maus.

– É a pressão no cérebro. Ele não faz ideia do que está dizendo.

– Eu sei.

Ela olhou para as pupilas de Pai Storey, cheirou seus lábios e sentiu um nada surpreendente odor de vômito. Pensou no que tinha de fazer e ficou enjoada também. Não por pensar em fazê-lo, pois havia muito tempo que não tinha mais frescura em relação ao sangue, mas por pensar que poderia errar.

Na sala de espera, ouviu vozes se aquecendo, e as Sentinelas cantarolando em conjunto, tentando encontrar a mesma nota.

– Preciso de uma gilete para raspar o cabelo aqui atrás – falou.

– Sim, senhora. Vou pegar – disse Don, e deu um passo em direção à porta.

– Don?

– Senhora?

– Você conseguiria uma furadeira? Talvez lá na carpintaria? Uma furadeira elétrica seria ideal, mas não imagino que você vá encontrar nenhuma carregada. Posso me contentar com uma furadeira manual.

Don olhou para ela, em seguida para Tom Storey e seus cabelos encharcados com uma espuma rubra que parecia um xampu, depois de novo para ela.

– Ai, meu Deus. Mais alguma coisa?

– Só água quente para esterilizar a broca da furadeira, por favor. Obrigada.

Quando ele não respondeu, ela ergueu a cabeça para lhe dizer que era só isso e que ele podia ir, mas ele já tinha saído.

No cômodo ao lado, os meninos começaram a cantar.

15

Harper limpou o rosto de Pai Storey com um pano de prato fresco e molhado, removendo a fuligem e o sangue com gestos amplos até revelar o rosto magro e curiosamente lupino que havia por baixo. De vez em quando, uma nova gota de sangue empoçava em seu olho esquerdo. O sangue escorria até a orelha, e ela tornava a limpá-lo.

Ele parecia atento, escutando as vozes do cômodo contíguo. Os jovens cantavam a mesma canção que Harper tinha ouvido na primeira noite em que chegara à colônia. Cantavam que eram um só sangue, e cantavam que eram uma só vida. Harper teve certeza de que ela própria não seria atraída para o Brilho; não podia se dar ao luxo de se deixar levar por aquela claridade cintilante onde tudo era mais fácil e melhor. Seu lugar era ali, com o homem à beira da morte. Perguntou-se, porém, se Pai Storey talvez pudesse ser levado, e se talvez aquilo no fim das contas não pudesse ser uma verdadeira ajuda para ele, um substituto para os sedativos e o plasma de que ela não dispunha.

Mas a Escama do Dragão dele permaneceu fria, escuros arabescos e riscos sobre a pele velha e flácida.

– Deus é uma história boa – disse ele de repente. – Eu gosto dessa história, e gosto também daquela da frigideira e da Wendy. A gente leu essa juntos quando você era pequena, Sarah.

Em sua mente, Harper viu de relance um rosto belo e sereno feito de chamas. Apertou a mão dele.

– Eu não sou a Sarah, Pai Storey. Sou sua amiga, a enfermeira Willowes.

– Ótimo. Enfermeira Willowes, eu tenho um jargão médico particular para ofender você. Infelizmente acho que alguém andou manipulando a gente como se fosse um ukulele. Alguém andou pondo letras novas em canções velhas. É importante agir agora. Essas economias não vão durar.

– Primeiro precisamos consertar sua cabeça – disse ela. – Depois podemos nos preocupar com a ladra.

– Eu não poria uma ladra na boca para roubar meus miolos – disse ele. – De toda forma, as pedras têm um gosto melhor. Acho que bati com a cabeça em alguma coisa e derrubei minha sombra. Você vai costurar ela de volta, ou ela fugiu?

– Só preciso de uma pequena agulha e de um pouco de linha, e o senhor vai ficar novinho em folha.

– Ou pelo menos bom da cabeça – disse ele. – Eu estou no fim da linha. Minha pequena Sarah era uma danada de uma ladra também, sabia? Ela se roubou de mim... se roubou de todos nós. Até do Bombeiro. Pobre John Rookwood. Ele tentou não matá-la. Acho que agora vai tentar não matar você. Provavelmente deve estar apaixonado por você, o que é uma falta de sorte. É pular da frigideira para o Bombeiro.

– É claro que ele tentou não matá-la, Pai Storey. Ele *não* a matou. Ouvi dizer que ele nem estava na ilha quando a Sarah...

– Ah, não! Claro que não. Ele foi um espectador inocente. Nick também. Não se pode culpar o menino. Os dois foram cúmplices involuntários dela. O que ela não conseguiu de um, pegou do outro. Sarah era uma mulher de muito talento. Sei que John se culpa, mas não deveria. Ele foi incinerado por um crime que não cometeu. A noiva morreu e todo mundo chorou. Não que eles fossem casados. Eles nunca teriam se casado. Todos os bombeiros no fim das contas são casados com as cinzas. Sabe aquilo que se diz? “Amar é brincar com fogo.” – Ele fez uma pausa, e então seu olho esquerdo se fixou em algo atrás do ombro dela. – Olha ali a minha sombra! Rápido! Costura ela de volta!

Ela olhou. A cabeça de uma forma escura se balançou do outro lado da cortina verde, entre a enfermaria e a sala de espera. Don Lewiston passou pela cortina com uma bacia de aço cheia de água fumegante em uma das mãos e um saco de papel na outra.

– Porra, a senhora não vai acreditar na nossa sorte – disse ele. – Arrumei uma porra de uma furadeira elétrica, ainda com pilha, funcionando. Um cara das antigas que apareceu na colônia esta semana tinha ela na caminhonete. Pus a broca na água quente agora mesmo.

– Conseguiu a gilete? Uma tesoura?

– Sim, senhora.

– Ótimo. Venha aqui. Pai Storey? Tom?

- Srta. Willows? – disse Tom Storey, destacando as sílabas.
- Tom, vou dar só uma cortadinha no seu cabelo. Só uma cortadinha.
- Uma geladinha? Não sou muito de beber, mas uma geladinha eu topo. Tanta sede.
- Está entendendo alguma coisa? – perguntou Don Lewiston.
- Don, na maior parte do tempo eu mal entendo você. Levanta a cabeça dele.

No cômodo ao lado, a canção terminou com uma última nota de harmonia. Carol começou a murmurar para seu pequeno e atento rebanho. Ela e seus fiéis estavam agora profundamente mergulhados no Brilho, e emitiam luz suficiente para fazer a cortina verde em frente ao vão da porta cintilar num tom vivo de verde-limão.

Don segurou a cabeça de Pai Storey entre os dedos crispados enquanto Harper ia cortando chumaços de cabelo ensanguentado no ponto atrás da orelha onde ele fora golpeado. O couro cabeludo estava preto arroxeado, cor de berinjela.

Na sala de espera, as vozes tornaram a soar. Uma canção dos Beatles agora. O sol estava chegando, era o fim do longo e solitário inverno.

Pai Storey se retesou e começou a chutar com os calcanhares.

- Ele está tendo uma convulsão – falou Harper.
- Ele vai sufocar com a própria língua – disse Don Lewiston.
- Anatomicamente impossível.
- Estamos perdendo ele.

Sim, pensou Harper. Se aquilo não era uma última convulsão, era quase. Uma espuma escorreu do canto da boca dele. Sua mão esquerda segurou punhados de lençol, soltou, tornou a segurar. Com a mão direita ele não conseguia fazer nada. Harper segurava seu pulso direito para monitorar a pulsação irregular e acelerada.

A canção no cômodo ao lado subiu numa nota aguda, bela e perfeita, e os olhos de Pai Storey tornaram a se abrir, e suas íris eram anéis de luz dourada.

Suas costas antes estavam arqueadas, e somente a cabeça e os calcanhares tocavam o colchão, mas ele então relaxou sobre os lençóis. Seu ritmo cardíaco começou a diminuir. Garranchos de luz vermelha opaca pulsavam em sua Escama do Dragão, apagavam, tornavam a pulsar.

Ele parecia quase estar sorrindo, com os cantos da boca erguidos só de leve e as pálpebras bem fechadas.

- Ele apagou – disse Don. – Por Deus, a canção ajudou. Eles o fizeram passar pelo pior cantando.
- É, acho que fizeram sim. Don, pode pôr a broca para mim?
- A gente vai fazer isso mesmo?
- Ele não tem mais muitas forças. Se não for agora, pode não haver outra oportunidade depois.

Ela raspou o que restava de cabelo na parte de trás da cabeça de Pai Storey para expor a pele danificada. De nada adiantava dar tempo a si mesma para refletir. Não ajudaria pensar que poderia matá-lo, ou lobotomizá-lo, escorregar e furar fundo demais com a broca para fazer espirrar pedaços de miolos.

Don mergulhou a mão na água fervente ali perto sem qualquer sinal de desconforto e trouxe a broca pingando água; Harper pensou que aquelas mãos eram só levemente mais sensíveis do que um par de luvas de lona. Ele encaixou a broca numa furadeira elétrica Black & Decker vinda diretamente de uma filial da Home Depot e pressionou o gatilho. A ferramenta ganhou vida com um zumbido, um som que a fez pensar em batedores de ovos e glacê para bolo.

Ben encarou o hematoma cada vez mais escuro no couro cabeludo de Pai Storey e engoliu em seco.

- A senhora não vai me pedir para... – começou, então se conteve e tornou a engolir em seco. – Não sei quantos peixes eu já matei, estripei e limpei, mas uma pessoa... o *Tommy*... não sei se eu consigo...
- Não. Não vou pedir isso para o senhor. É melhor eu fazer.
- Claro. A senhora já fez isso antes.

O jeito como ele falou não foi de fato uma pergunta, e ela não achou que precisasse responder. Estendeu a mão para pegar a furadeira. A broca fumegava.

– Vou precisar que o senhor segure a cabeça dele. Não deixe ela mexer de jeito nenhum enquanto eu estiver operando, Sr. Lewiston – falou, num tom de comando frio que quase não podia ser identificado como a sua voz.

– Sim, senhora.

Ele afastou bem os dedos em volta da cabeça de Pai Storey e a ergueu do travesseiro.

Harper examinou a furadeira, encontrou o ajuste que controlava as funções e o girou até o máximo. Apertou o gatilho para testar. A broca lhe deu um susto ao girar e se transformar num borrão cromado, e quando ela sentiu a vibração descer pelo braço.

– Porra, a gente poderia ter uma luz melhor – disse Don.

– Porra, a gente poderia ter um médico melhor – disse Harper, curvando-se e encostando a ponta da broca cinco centímetros para um dos lados da orelha direita de Pai Storey, onde o hematoma estava mais feio.

Ela pressionou o gatilho.

A broca mastigou em um segundo a fina camada de pele, transformando-a no que pareciam flocos molhados de mingau de aveia. O osso soltou fumaça e chiou ao ser penetrado pelo metal. Ela aplicou uma pressão lenta e firme. O suor brotou em seu rosto, mas Don estava ocupado segurando a cabeça e ela não podia lhe pedir para enxugar sua testa. Uma única gota de suor ficou presa num cílio e, quando ela piscou, seu olho começou a arder.

O sangue minou do furo no crânio e subiu pelos sulcos da broca. De modo obsceno, ela pensou numa criança chupando um refrigerante vermelho por um daqueles canudos torcidos de festa.

Sem abrir os olhos, Pai Storey falou:

– Melhor, Harper. Agradecido.

Ele então se calou, e não voltou a falar por dois meses.

LIVRO QUATRO

HOMEM DE MARLBORO

1

Do diário de Harold Cross:

18 DE JUNHO:

AS MENINAS DESTA COLÔNIA SÃO UM BANDO DE PIRANHAS LÉSBICAS, E SE TODAS ELAS QUEIMASSEM AMANHÃ EU NÃO SOLTARIA NEM UM PEIDO DE FUMAÇA.

DIZEM QUE EM SÃO FRANCISCO TEM ^{2.500} PESSOAS VIVAS NO PRESÍDIO COM A ESCAMA, E NENHUMA DELAS ESTÁ PEGANDO FOGO. QUE SE FODA ESSA MERDA TODA. AMANHÃ VOU FAZER UM ANÚNCIO NA IGREJA. ALGUÉM PRECISA AVISAR A ESSES IGNORANTES QUE NÃO É PRECISO VENERAR A SANTA IGREJA DOS SAGRADOS PENTELHOS DA XOXOTA DA CAROL STOREY PARA VIVER. QUALQUER LIBERAÇÃO DE OXITOCINA AVISA À ESCAMA QUE ELA ENCONTROU UM HOSPEDEIRO SEGURO.

SE EU OUVIR MAIS UMA RODADA DE “SPIRIT IN THE SKY” OU “HOLLY HOLY” VOU VOMITAR. A GENTE PODERIA NEUTRALIZAR O ESPORO COM A MESMA FACILIDADE BATENDO UMA GRANDE BRONHA COLETIVA. UMA GIGANTESCA RODA DE PUNHETA COLETIVA, E A BELA MÃOZINHA DA CAROL SEGURANDO A VARA. O SEU PAIZINHO PODE FICAR TOCANDO SIRIRICA NELA ENQUANTO ELA ME BATE UMA, AFINAL DE CONTAS É ISSO QUE ELA QUER, MESMO.

FAZ DIAS QUE NÃO ESCREVO UM POEMA NOVO. EU ODEIO ESTE LUGAR.

2

Harper só leu essa única página do bloco de anotações de Harold, escolhida ao acaso, em seguida folheou algumas outras. Passou por rabiscos de peitos e pelos pubianos, viu algumas palavras em letras de forma escuras: **PUTAS VADIAS PIRANHAS ESCROTAS**. Não havia conhecido Harold Cross, mas sentia que o compreendia bastante bem. Pensou que uma coletânea de poemas do Sr. Cross decerto ficaria bem na mesma prateleira de *O arado da desolação*.

Retornou ao registro de 18 de junho e deixou que seu olhar se demorasse naquela frase específica: **QUALQUER LIBERAÇÃO DE OXITOCINA AVISA À ESCAMA QUE ELA ENCONTROU UM HOSPEDEIRO SEGURO**. Fechou o bloquinho, bateu com ele na coxa e o guardou numa das gavetas... então, instantes depois, tornou a pegá-lo.

O rebaixo do teto era composto por grandes quadrados brancos de compensado. Ela teve de subir numa cadeira para alcançá-lo. Ergueu um dos módulos do teto e empurrou o bloquinho para cima até ele sumir. Não era um esconderijo tão bom quanto dentro de um modelo anatômico da cabeça humana, mas por ora iria servir.

Não teria sido capaz de dizer de quem o estava escondendo. Talvez fosse só porque o próprio Harold o tivesse escondido, ou seja, ele achava que alguém pegaria o bloquinho se tivesse oportunidade.

Quando estava empurrando a cadeira de volta para onde a pegara, reparou que os nós de seus dedos estavam sujos de sangue, que os dedos da mão direita estavam manchados. O sangue de Tom Storey. Lavou as mãos com água gelada, e viu espirais cor-de-rosa se esvaírem umas atrás das outras pelo ralo em listras que lembravam balas de açúcar.

Pai Storey dormia deitado de costas, com o topo da cabeça envolto por um gorro de atadura branca limpa. As janelas empoeiradas mais acima deixavam entrar raios leitosos de sol. Assim como o próprio Pai Storey, a luz do dia tinha um ar cansado, mal parecia estar presente. Mas o lençol estava posicionado debaixo do seu queixo, não cobrindo seu rosto. Ele havia sobrevivido à noite. Não era pouca coisa.

Harper estava tonta de exaustão, mas o bebê não a deixaria dormir. O bebê estava com fome. O que o bebê queria era uma tigela funda, morna e amanteigada de mingau de farinha de trigo afogada em xarope de bordo. Comer primeiro, dormir depois.

Enquanto andava sobre a neve por um caminho de tábuas de madeira bambas, em meio a uma névoa que lhe chegava aos joelhos, tentou recordar o que sabia sobre a oxitocina. A substância tinha um apelido, “o hormônio do amor”, porque era liberada quando uma mãe segurava seu bebê, tanto na mãe quanto na criança. Harper pensou em quando estava rastejando por aquele cano cheio de fumaça e como havia cantado para o filho que ainda não vira, e em como isso tinha apaziguado a escama.

O cérebro humano liberava oxitocina quando a pessoa abraçava, quando recebia uma salva de palmas, quando cantava em harmonia com alguém e o canto saía direito. Experiências coletivas fortes produziam a substância mais do que qualquer outra coisa. Também era possível obter uma dose com uma boa experiência no Twitter ou no Facebook. Quando várias pessoas retuitavam algo que você dizia ou curtiam uma foto sua, estavam ligando o interruptor para mais uma dose de oxitocina. Por que então não chamá-lo de hormônio das mídias sociais? Melhor do que “hormônio do amor”, porque... porque...

Ela não conseguiu se lembrar. Havia mais um dado sobre a oxitocina, um dado importante, mas já fazia muito tempo que lera a respeito. Por algum motivo, porém, quando fechou os olhos, o que viu foram soldados vestindo uniformes próprios para o combate no deserto e calçando *boots*, segurando fuzis M16. Por que seria? Por que a oxitocina também a fazia pensar em cruzeiros ardendo na noite do Mississippi?

O refeitório estava trancado por fora com um cadeado, e havia tábuas de compensado pregadas nas janelas. O lugar parecia fechado para o inverno. Mas Harper já tinha ajudado o suficiente na cozinha para saber onde ficava a chave, pendurada num prego debaixo da escada.

Entrou na penumbra espaçosa e empoeirada. As cadeiras e bancos estavam todos virados de cabeça para baixo sobre as mesas. A cozinha estava sombria, tudo guardado.

Encontrou uma assadeira de biscoitos no forno coberta com filme de PVC. Pegou uma bisnaga de manteiga de amendoim em um dos armários, e estava atravessando o recinto para pegar uma faca de mesa quando quase pisou num alçapão aberto que conduzia ao subsolo. Uma escada de madeira inclinada

descia rumo a uma escuridão que recendia a terra e roedores.

Estava encarando o buraco aberto com o cenho franzido quando ouviu um palavrão vir lá de baixo seguido por uma leve pancada, como se alguém tivesse deixado cair no chão um saco de farinha. Um homem grunhiu. Harper enfiou um biscoito na boca e começou a descer.

O subsolo estava abarrotado com várias estantes de aço baratas ocupadas por garrafas plásticas de óleo vegetal e sacos de farinha. Embutido em uma das paredes havia uma câmara frigorífica cuja grossa porta de metal aberta uns quinze centímetros deixava escapar uma luz.

– Olá – chamou ela, mas não conseguiu emitir mais do que um grasnado, pois sua garganta estava cheia de biscoito seco. Andou até a imensa porta e espichou a cabeça lá para dentro.

Os presidiários estavam na ponta dos pés junto à parede dos fundos. Uma alga os prendia um ao outro, e a corrente estava enrolada em volta de um pedaço de cano localizado a uns dois metros do chão, o que os obrigava a ficar em pé, cada qual com um braço levantado, como dois alunos tentando chamar a atenção do professor.

Ela já tinha visto um dos presidiários antes, o grandalhão de estranhos olhos amarelos, mas o outro era novidade. O segundo homem podia tanto ser um jovem de 30 anos quanto um homem de 50, era comprido e tinha um corpo desengonçado, além de uma testa larga que lembrava o Frankenstein e uma cabeça coberta por cabelos pretos cortados bem rente e permeados por fios grisalhos. Ambos usavam meias grossas e macacões da mesma cor laranja dos ônibus escolares.

O homem que Harper tinha conhecido na noite anterior sorriu e deixou à mostra uns dentes rosados. Seu lábio superior estava aberto num talho feio, e ainda vertia sangue. A câmara frigorífica tinha um ranço de carne estragada. Poças de matéria orgânica haviam secado no chão de concreto, sob correntes enferrujadas que outrora haviam sustentado peças de carne.

Ben Patchett estava sentado numa cadeira de madeira de encosto reto, com a cabeça entre os joelhos. Parecia estar tentando não passar mal. Havia uma luminária a pilha pousada no chão ao lado de um pano de prato embolado.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Harper.

Ben levantou a cabeça e a encarou como se nunca a tivesse visto na vida.

– O que você está fazendo aqui? Deveria estar quentinha na cama.

– Mas estou aqui. – Ela ficou surpresa com o misto de distanciamento e calma que escutou na própria voz. Não era um tom que usava com amigos, e sim que reservava para pacientes irritantes. – Estes homens estão com hipotermia. Pendurá-los num cano não seria o tratamento que eu recomendaria.

– Ah, Harp. Harper, você não faz ideia do que... *este cara*. Este cara aqui... – disse Ben, e gesticulou com a arma. Só nessa hora Harper reparou que ele estava armado.

– *Eu?* – fez o prisioneiro com a boca suja de sangue. – Ah, sim, *eu*. É melhor eu confessar de uma vez. Enchi o saco de ficar pendurado nesta porra deste cano ouvindo esse bosta gritar comigo. Me deixei dominar pelo mau humor e tentei atacar a arma dele com a minha cara. Que pena a senhora ter nos interrompido. Eu estava me preparando para atacar a bota dele com o meu saco.

Ben o encarou com fúria.

– Eu não fiz nada com você que não tenha sido em legítima defesa. – Ele olhou para Harper. – Ele me derrubou com um chute. Tentou pisar na minha cabeça também.

– Legítima defesa, é? Foi para isso que você trouxe esse pano cheio de pedras aqui para baixo? Previu que precisaria se defender com elas e que o seu três oitão não daria conta? – indagou o homem ensanguentado.

Ben corou. Harper nunca tinha visto um homem adulto ficar tão vermelho.

Ela apoiou um dos joelhos no chão e abriu uma das pontas do pano de prato. Estava cheio de pedras brancas. Ergueu os olhos, mas Ben não a encarou. Ela então olhou na direção do homem com a boca machucada.

– Qual é o seu nome?

– Mazzuchelli. Mark Mazzuchelli. Um monte de gente me chama de Mazz. Dona, sem querer ofender, mas se eu soubesse que era isso que a senhora queria dizer quando falou que ia resgatar a gente, acho que teria dito não, obrigado. Eu estava morrendo muito bem lá mesmo onde estava.

– Eu sinto muito. Nada disso deveria ter acontecido.

– Nisso você tem razão, Harper – falou Ben. – A começar pela hora em que esse cara resolveu amassar a cabeça do Pai Storey e se mandar. Uns caras o encontraram todo coberto de sangue tentando fazer ligação direta num dos nossos carros.

– Sangue *antigo*. Pelo amor de Deus, aquilo era sangue *antigo*. Qualquer um podia ver que era. Mas enfim, por que motivo eu iria atacar esse seu tal de Pai? O cara tinha acabado de salvar a minha vida. O

que eu ganharia atacando ele?

– As botas – respondeu Ben. – As que você estava calçando quando a gente te pegou fugindo. As botas e o casaco dele.

Mazz olhou para Harper com uns olhos ressentidos, suplicantes.

– O cara, esse seu tal Pai, ele *me deu* as botas dele quando viu que eu estava descalço. O casaco também. Me deu porque eu não conseguia sentir os pés por causa do frio. É esse o tipo de cara que você retribuiu com uma pedrada na cabeça? Olha aqui, eu estava falando pra esse sujeito aí, já disse pra ele. O Santo Pai e eu viemos na frente dos outros dois barcos. Ele não fez nada além de se mostrar bom comigo. Me deu as botas e o casaco porque viu que eu não parava de tremer. Quando chegamos à margem, ele me guiou mata adentro. A gente andou, sei lá, uns sessenta metros. Aí ele apontou para o campanário da igreja e me disse para seguir na trilha, que dali a mais um ou dois minutos eu chegaria na capela e que lá teria gente para me ajudar. Disse que queria voltar para se certificar de que todo mundo tinha chegado com segurança à margem. Eu ofereci devolver as botas, mas ele não quis. E... tá bom. Olha aqui. Eu não *conheço* nenhum de vocês. Eu vi a capela, mas vi também um Buick em perfeito estado estacionado logo atrás, e pensei: *Porra, talvez seja melhor eu ir para um lugar onde conheça alguém*. Não fiz por mal. Eu nem sabia que o carro era de alguém.

– Ah, tá. Você não sabia que o carro era de alguém. E o mundo está cheio de carros grátis. É como colher margaridas no acostamento da estrada – disse Ben.

– O mundo *agora* está cheio de carros grátis, sim – retrucou Mazz. – Isso porque a pessoa abre mão da propriedade dos seus veículos automotores depois que vira fumaça. Deve ter uns mil carros neste estado que ninguém nunca mais vai querer de volta.

Harper andou em direção aos presidiários. Ben se levantou com um pulo e a segurou pelo pulso.

– Não. Não quero você perto dele. Fica atrás de mim. Esse cara...

– Precisa de tratamento médico. Sr. Patchett, por favor, solte o meu braço.

Ele quase pareceu se retrair ao ouvir o tratamento formal. Ou quem sabe o que o fez se retrair tenha sido o tom de voz dela: um tom calmo, paciente, mas impessoal, e imbuído de uma autoridade tranquila. Ele largou seu braço, e se havia alguma surpresa descontente no seu rosto talvez fosse porque ele compreendesse que estava largando também o controle daquela situação. Com Harper ele podia discutir, mas com a enfermeira Willowes não.

Ele olhou para os presidiários atrás dela.

– Se tocarem nela... qualquer um dos dois... não é a *coronha* do revólver que eu vou usar em vocês, entenderam bem?

Harper se aproximou de Mazz o suficiente para sentir o cheiro de seu hálito: um odor metálico de sangue fresco. Inclinou-se mais para perto para inspecionar seus dentes rosados.

– Não vai precisar dar ponto – falou. – Mas eu queria pôr uma compressa fria na sua boca. Como estão seus pés?

– Já faz um tempo que não sinto. Gilbert está pior. O Gil mal consegue ficar em pé. – Ele moveu a cabeça na direção do outro presidiário, que ainda não havia falado. – E as minhas mãos... estas algemas... eu estou sem circulação.

– Nós vamos tirar essas algemas. Sr. Patchett?

– Não. As algemas ficam.

– Pode prendê-los em alguma outra coisa se achar necessário, mas não dá para deixar os dois assim, nessa posição estressante. Isso precisa acabar. Não importa o que o senhor acha que eles fizeram, isso não justifica maus-tratos.

– Deixa eu te falar um pouco sobre maus-tratos! – exclamou Mazz. – Deixar a gente amarrado aqui é o de menos! A senhora precisa saber como eu acabei com esta boca arrebitada. Ficar preso com o braço saindo da articulação eu podia aguentar, entende, e podia aguentar ficar sem comer, sem nada para beber e sem descansar. O que me fez perder as estribeiras foi a sensação de que eu talvez precisasse soltar um barro. Esse daí falou que me ajudaria com prazer, assim que eu comesse a responder às perguntas dele do jeito que ele queria que fossem respondidas. Disse que talvez a próxima coisa a sair da minha boca fosse uma coisa boa. Como eu não queria decepcionar o cara, cuspi nessa sua cara gorda de polícia. Aí ele me deu uma coronhada. Teria me dado uma segunda, mas eu dei uma joelhada na barriga dele que derrubou ele no chão, o que só mostra que eu sou capaz de dar uma surra nele com uma das mãos algemada nas costas. *No sentido literal*.

– Que tal você calar essa boca antes de ...

– Antes de o senhor dar outra coronhada num homem algemado, Sr. Patchett?

Ben lançou um olhar espantado e constrangido para Harper, expressão que a fez pensar num aluno do

sexto ano flagrado olhando uma imagem obscena.

– Puxa – sussurrou ele. Ficou claro que não queria que os prisioneiros escutassem, mas a acústica do recinto metálico vazio tornava impossível uma conversa reservada. – Ah, Harper. Sério mesmo. Não foi nada disso. Eu algemei eles aí porque era o lugar mais fácil, não para causar sofrimento. E o pano cheio de pedras... era só para assustar os caras. E esse daí tentou esmagar minha cabeça, do mesmo jeito que esmagou a cabeça de Pai Storey. Eu tive sorte de conseguir escapar. Não posso crer que você vai acreditar nele em vez de em mim. Só posso pensar que é por causa dos hormônios.

– Estou pouco ligando para qual de vocês está dizendo a verdade – disse ela. Foi um esforço não deixar a raiva transparecer na sua voz. *Hormônios*. – Minha preocupação é de ordem médica. Esse homem está ferido, e não pode continuar pendurado como está. Tira ele daí.

– Vou tirar. Mas ele pode ir cagar algemado.

– Por mim, tudo bem – disse Mazz. – Contanto que você prometa limpar minha bunda quando eu acabar. E vou logo avisando, irmão, estou sentindo que esse barro vai ser mole.

– Isso não adianta nada – disse Harper.

– Tem razão. Desculpe, dona. – Mazz baixou os olhos, mas um sorriso repuxava os cantos de sua boca.

– E você? – perguntou Harper, virando-se para o homem que não tinha falado. – Gilbert. Precisa ir ao banheiro?

– Não, dona, obrigado. Estou bastante constipado. Já faz vários dias que não sai nada.

A informação foi seguida por alguns instantes de silêncio, e então Harper riu. Não conseguiu evitar. Não saberia nem dizer por que aquilo era tão engraçado.

– Gilbert. Qual seu sobrenome?

– Cline, mas pode me chamar de Gil. Não preciso ir ao banheiro, mas cometeria todo tipo de crime em troca de alguma coisa para comer.

– Não se preocupe – disse Renée Gilmonton. – Não vamos deixar o senhor passar fome, Sr. Cline. Nenhuma contravenção será necessária.

Harper se virou e viu Renée no vão da porta aberta do freezer.

– Só não sei como vocês conseguem ter apetite aqui dentro – continuou Renée. – Nossa, que fedor. Isso é o melhor que podemos fazer por eles?

– Deus do céu – murmurou Ben. – Primeiro ela, agora você. Sinto muito se a porcaria do Hilton não tinha nenhum quarto disponível para um responsável por tentativa de assassinato e seu cúmplice. Que diabo está fazendo aqui? Você deveria estar dormindo. Ninguém deveria sair durante o dia. Nossas regras têm razão de ser.

– As meninas queriam notícias de Pai Storey, e quando fui checar a enfermaria Harper não estava lá. Calculei que o refeitório fosse a segunda melhor aposta. Algo que eu possa fazer para ajudar?

– Não – respondeu Ben.

– Sim – disse Harper. – Este homem precisa de um compressa fria para o rosto, uma xícara de chá quente e uma ida ao banheiro, mas provavelmente não nessa ordem. Os dois deveriam comer alguma coisa de café da manhã. E tem razão, este lugar é imundo para eles. Tem dois leitos vagos na enfermaria. A gente deveria...

– Fora de cogitação – falou Ben. – Eles vão ficar aqui.

– Os dois? Tá. Eu ia mesmo chegar nisso. Você disse que o Sr. Mazzuchelli atacou Pai Storey. Não entendi bem por que o Sr. Cline também está preso.

– Porque eles estão juntos, esses dois. Já se uniram para fugir de um lugar.

– Mas pelo que entendo o Sr. Cline não estava nem perto do lugar em que Pai Storey foi atacado.

Os olhos de Ben estavam opacos, sem expressão.

– Não. Ele estava no barco comigo. Pai Storey e Mazzuchelli chegaram primeiro de volta à colônia. Depois Allie e Mike. Cline e eu nos perdemos remando na névoa, e durante algum tempo não consegui achar a enseada. Por fim, vi a luz de uma lanterna e remamos nessa direção. Era Allie, fazendo sinal da praia. Ela ficou na praia para ter certeza de que encontrássemos o caminho de volta enquanto Michael seguia na frente. Mal tínhamos puxado a canoa para a margem quando ouvimos Mike gritar por socorro. Fomos até lá... – Harper reparou em como Ben inconscientemente havia começado a contar a história como quem dava um depoimento a um advogado hostil. – ... e encontramos Mike sentado na neve junto com Pai Storey e sangue por toda parte. Mike disse que alguém o tinha matado. Mas quando Allie verificou seu pulso, vimos que ele ainda estava com a gente. Michael carregou Pai Storey até a colônia, e foi lá que encontramos alguns homens segurando o Sr. Mazzuchelli. Allie observou que o Sr. Mazzuchelli estava usando as botas e o casaco de Pai Storey. Daí em diante, a situação ficou hostil. Estes dois homens

têm sorte de não terem sido mortos.

– Mesmo assim, isso não explica por que o Sr. Cline está sendo tratado como uma ameaça – falou Renée.

– Quando as coisas ficaram feias, meu parceiro gritou por ajuda – disse Gilbert. – Eu ajudei.

– Ele quebrou três dedos da mão direita de Frank Pendergast – disse Ben. – E deu um soco tão forte na garganta da Jamie Close que pensei que tivesse esmagado a traqueia dela. A Jamie tem 19 anos, aliás, é quase uma criança.

– Uma criança que estava segurando uma garrafa quebrada – disse Gilbert, quase como quem pede desculpas.

– Vou precisar examinar os dois – disse Harper. – Já deveria ter examinado o Sr. Pendergast.

– Ele não quis distrair você de Pai Storey – falou Ben. – Don fez uma atadura bem boa nele com uns trapos que tínhamos à mão.

– Que droga – disse ela.

Os ferimentos que não podia tratar de forma adequada por falta de material não paravam de se acumular: hematoma subdural, contusão facial, hipotermia avançada, as torções, costelas quebradas e deslocamentos de John, e agora a mão de alguém gravemente quebrada. Ela dispunha de iodo, Band-Aid e Alka-Seltzer. Havia tampado o buraco no crânio de Pai Storey com cortiça e cera de vela, como um médico do século XVI. Ali no mato era *mesmo* o século XVI.

– O que quer que Cline tenha feito e por que ele fez, sejamos claros – prosseguiu Ben. – Todos nós sabíamos quem tinha esmagado a cabeça de Pai Storey. Cline tão bem quanto os outros. Ele escolheu seu lado.

– Ele escolheu não ver o amigo ser linchado – falou Renée. – É compreensível.

Ben olhou para Gilbert Cline e disse:

– O que eu entendo é que ele deveria escolher melhor os amigos. Seu parça quase matou um homem. Cline sabia disso. Poderia ter ficado de fora. Mas ele escolheu cometer os próprios ataques, que puseram outras vidas em risco. Se quiser contestar alguma parte dessa história, Cline, fique à vontade para falar.

– Não, senhor – respondeu Gilbert Cline, mas olhando para Renée. – Foi assim mesmo que aconteceu. Eu só não morri na cadeia por causa do Mazz. E se não fosse por ele jamais teria conseguido passar pela fumaça e chegar às canoas. Eu mal conseguia mexer as pernas. Ele praticamente me carregou. Me senti obrigado a não cruzar os braços e ficar olhando ele ser morto.

– E você achou que ele tivesse esmagado a cabeça de Pai Storey? – indagou Ben.

Cline olhou para Mazzuchelli, depois outra vez para Ben. Seu rosto inexpressivo estava calmo, controlado.

– Nem passou pela minha cabeça se isso tinha importância. Eu tinha uma dívida com ele.

Até então, Harper estava ocupada com ferimentos e hipotermia. Não havia parado para pensar no que significava se Mark Mazzuchelli tivesse mesmo feito aquilo... se tivesse mesmo dado uma pedrada na parte de trás da cabeça de Pai Storey, tudo por causa de um par de botas.

A pedra.

– O Sr. Mazzuchelli estava com a arma quando você o surpreendeu tentando fugir? – indagou ela.

– Não – respondeu Mazz. – Porque isso é tudo papo furado. Eu nunca tive arma nenhuma.

– Não encontramos o que ele usou para esmagar a cabeça de Pai Storey – disse Ben com uma voz tensa. – Ainda não. Talvez ainda venhamos a encontrar.

– Então o que temos é um ataque sem testemunhas, sem arma, e um homem que se diz inocente mesmo depois de o senhor o pendurar numa posição de estresse e bater nele com seu revólver.

– Não foi nem um pouco desse...

Harper levantou uma das mãos.

– O senhor não está no tribunal e eu não sou juíza. Não tenho autoridade alguma para dar vereditos. *Nem o senhor*. No que me diz respeito, o senhor não tem prova *de nada*, e enquanto não tiver estes homens devem ser tratados tão bem quanto qualquer outra pessoa na colônia.

Renée tomou a palavra:

– E, sem prova de delito, estou curiosa para saber por quanto tempo você pretende manter estes dois trancados, e com base em quê. É preciso haver algum tipo de julgamento justo. Eles têm direito a uma defesa. Têm direito a ter *direitos*.

– Eu adoraria largar aquele barro agora – disse Mazz, mas ninguém lhe deu ouvidos.

– Não sei se você ficou sabendo, Renée, mas a Constituição queimou junto com o resto da capital lá em Washington – falou Ben. – O pessoal desta colônia gostaria muitíssimo de não virar cinzas também, Sra. Direitos Civis.

– Na verdade, eu costumava fazer doações anuais para a Associação Norte-Americana de Direitos Civis – comentou Renée. – Mas vamos deixar isso para lá. Estou tentando dizer uma coisa. Não precisamos só decidir se este homem tentou ou não matar Tom Storey. Precisamos decidir *como* vamos decidir, e *quem* vai decidir. E se o aqui presente Sr. Mazzuchelli for *mesmo* considerado culpado, precisamos, como uma comunidade, tomar a decisão sobre o que fazer com ele... sobre o que podemos aceitar. A parte mais difícil é essa.

– Não acho que seja tão difícil assim. Acho que esta comunidade já tomou uma decisão. Você saberia se estivesse lá quando eles começaram a jogar pedras. Não sei o que ficou fazendo a noite inteira, mas perdeu toda a diversão.

– Talvez eu tenha passado a noite escondida na mata, esperando uma chance de matar Pai Storey – falou Renée.

Ben a encarou, boca aberta e cenho franzido, como se ela houvesse acabado de propor uma adivinhação particularmente irritante. Balançou a cabeça.

– Você não deveria brincar. Não faz ideia do que Carol, Allie e aquela turma fariam com você se pensassem que... – Sua voz se perdeu e então voltou, junto com um sorriso duro em seu rosto. – A questão é que você é uma pessoa de boas intenções, Renée. Com seu chá, seus livros e suas sessões de histórias para as crianças, é a pessoa mais inofensiva que pode haver. E, como a maioria das pessoas realmente inofensivas, não faz a menor ideia do que os outros são capazes.

– Mas Ben, será que você não entende? É exatamente isso que eu estou dizendo. Nós *não sabemos* do que os outros são capazes. Nenhum de nós sabe. Quem poderia afirmar com certeza que Pai Storey não foi surpreendido por alguém desta colônia que quer machucá-lo? Até onde você sabe, *eu mesma* poderia ter um motivo para querer vê-lo morto, e *poderia* ter sido eu de tocaia na mata com uma pedra. Poderia ter sido *qualquer um*, e sem ter certeza não podemos executar um homem publicamente. Não deveríamos nem deixá-lo preso por um prazo indefinido.

– É aí que você se engana, Renée. É aí que encurrala a si mesma. O nosso Sr. Mazzuchelli aqui teve um motivo, entende, e teve *também* uma oportunidade. O que já é ruim. Mas o pior de tudo é que não consigo pensar em nenhuma outra pessoa nesta colônia inteira que fosse desejar o mal do doce velhinho que acolheu a todos nós, que nos deu abrigo, e que nos ensinou a nos proteger da Escama do Dragão. É simples assim. Não consigo pensar em um motivo sequer pelo qual qualquer outra pessoa fosse querer a morte de Pai Storey.

E foi então que Harper se lembrou do que Tom Storey tinha lhe dito na canoa.

Vou ter que mandar alguém embora, dissera ele. *Alguém que cometeu... atos imperdoáveis.*

– Ah, já eu consigo – disse ela. – Pensar num motivo.

3

Do diário de Harold Cross:

19 DE JUNHO:

QUE BANDO DE BOSTAS.
QUE BANDO DE BOSTAS IGNORANTES E DETESTÁVEIS.

19 DE JUNHO, MAIS TARDE:

O AGENTE PALHACETT PEGOU MEU TELEFONE. E, ANTES DE DESLIGAR, LIMPOU OS DADOS DO APARELHO BEM NA MINHA FRENTE. TODOS OS TORPEDOS, TODOS OS E-MAILS, TODAS AS NOTAS.

ELES NÃO ENTENDERAM NADA. NEM TENTARAM ENTENDER. ASSIM QUE EU CONTEI QUE VINHA ME COMUNICANDO COM PESSOAS DE FORA, FICARAM HISTÉRICOS. SE TIVESSEM O SUQUINHO DO JIM JONES À MÃO, ESTARIAM TODOS FAZENDO FILA PARA TOMAR UM COPO. AGORA QUE ESTOU MAIS CALMO, FICO PENSANDO SE DEVERIA TER PREVISTO O QUE ACONTECEU.

A CARACTERÍSTICA MAIS SINGULAR DO FUNGO É O MODO COMO ELE SE VINCULA À MENTE. O DR. SOLZHENITSYN, DE NOVOSIBIRSK, MOSTROU QUE O ESPORO TEM UMA NATUREZA DENDRÍTICA E COMPATÍVEL COM A ARQUITETURA DO CÉREBRO. A OXITOCINA AVISA AO DRACO INCENDIA TRYCHOPHYTON QUE ELE ENCONTROU UM AMBIENTE SEGURO. O FUNGO, POR SUA VEZ, ESTIMULA COMPORTAMENTOS DE MANADA PARA PRESERVAR O PRÓPRIO BEM-ESTAR. O MESMO PENSAMENTO DE GRUPO QUE FAZ UM BANDO DE ANDORINHAS MUDAR DE CURSO EM UM SEGUNDO. A ESCAMA É TÃO POTENTE QUE PODE APAGAR TEMPORARIAMENTE ATÉ MESMO CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE IDENTIDADE PESSOAL. AS IDEIAS DOS OUTROS PARECEM SUAS, AS NECESSIDADES DOS OUTROS PARECEM MAIS IMPORTANTES DO QUE AS SUAS ETC. ESTAMOS MESMO VIVENCIANDO O APOCALIPSE ZUMBI, SÓ QUE OS ZUMBI SOMOS NÓS.

TUDO ISSO FAZ SENTIDO DEVIDO À NATUREZA DA OXITOCINA, QUE RECONFORTA AQUELES QUE PARTICIPAM DE COMPORTAMENTOS TRIBAIS. EU NÃO FAÇO PARTE DESSA TRIBO CRISTIANIZADA DE MERDA, MOTIVO PELO QUAL VIVO SOLTANDO FUMAÇA E NÃO OBTENHO NENHUM BENEFÍCIO QUÍMICO DAS SUAS CANTORIAS DIÁRIAS IMBECIS. ISSO EXPLICA TAMBÉM POR QUE TODO MUNDO SE MOSTROU TÃO ANSIOSO PARA ENTREGAR O CELULAR (SIM, O BABACA PEGOU TODOS OS CELULARES, NÃO SÓ O MEU). A ESCAMA DEIXOU TODOS ELES VICIADOS EM APROVAÇÃO SOCIAL.

EU ADORARIA SABER POR QUE O BOMBEIRO CONSEGUE CONTROLAR A ESCAMA EM VEZ DE SER CONTROLADO POR ELA. NÃO EXISTE NINGUÉM MAIS DISTANTE. EU SERIA CAPAZ DE MATAR PARA DESCOBRIR COMO ELE CONSEGUE PÔR FOGO EM DETERMINADAS PARTES DO PRÓPRIO CORPO SEM SE FERIR.

E EU TAMPOUCO SOU O ÚNICO A QUERER SABER O QUE ELE SABE. ESTAVA NA PRAIA TRÊS DIAS ATRÁS E OUVI OS DOIS LÁ NA ILHA, GRITANDO UM COM O OUTRO. SAIBA ELE O QUE SOUBER, NÃO QUER CONTAR PARA SARAH STOREY, E MENINO DO CÉU COMO ELA ESTÁ PUTA COM ISSO.

SE ELA RASGAR UM CU NOVO NELE, VAI SER DUREZA PARA O SR. ROOKWOOD. O ESTOQUE DE BAND-AIDS DE CU DA NOSSA ENFERMARIA ACABOU. ASSIM COMO TODO O RESTO.

4

Ela fez o bloquinho estalar sobre a coxa e olhou pela janela. Flocos de neve fluuavam feito plumas de ganso, sem decidir se queriam descer ou subir. A colônia era um daqueles globos de brinquedo cheios de neve sacudido por um deus-criança.

Harper estava acordada havia quinze minutos, e ainda não sabia ao certo se era de manhã ou de tarde. A luz estava difusa e cinzenta, como se o mundo inteiro estivesse escondido debaixo de um lençol. Ela estava sentada na borda da cama de Pai Storey. De vez em quando, ele sorvia uma inspiração súbita e assustada, como quem acaba de ler uma notícia horrível no jornal. O obituário de um amigo, talvez. O próprio obituário.

Uma coisa que tinha sido verdade no verão de Harold Cross era mais verdade ainda agora. Faltavam Band-Aids de cu na enfermaria, assim como todo o resto. Ela havia desinfetado a trepanação de Pai Storey com uma talagada de vinho do Porto, e tratado o braço estropiado de John Rookwood com uma dose fraca de boas intenções. Não sabia ao certo se o caminho do inferno estava sempre calçado de boas intenções, mas elas com certeza não eram o padrão mais alto de cuidados médicos.

Subiu na cadeira e estendeu o braço para guardar o bloco de anotações de Harold atrás do rebaixo do teto. Uma leve movimentação ou gesto na periferia de sua visão lhe chamou a atenção. Ela olhou em volta e descobriu que ela e Pai Storey tinham companhia nessa manhã.

Nick estava deitado no leito mais perto da porta, com os lençóis puxados até o peito. Seus cabelos formavam uma adorável bagunça negra. Ele a encarava como se tivesse esquecido o que era piscar. Devia ter se esgueirado até ali enquanto ela dormia, e silenciosamente se acomodado na primeira cama vazia.

Ela empurrou o bloquinho para onde ele não pudesse ser visto e decidiu agir como se aquilo fosse uma coisa perfeitamente normal de se fazer. Após recolocar no lugar o módulo de compensado, desceu da cadeira e foi se postar ao pé da cama de Nick. Moveu as mãos com cuidado, usando o que ele havia lhe ensinado até então, para perguntar o que ele estava fazendo ali.

Ele pegou o bloquinho e a caneta que levava consigo aonde fosse e escreveu: *Estou com dor de barriga. A Allie me trouxe. Ela precisava mesmo vir à enfermaria porque hoje está de plantão aqui.* Harper sentou-se ao lado dele na cama, pegou o bloquinho e escreveu: *Você vomitou? Teve diarreia?*

Ele fez que não com a cabeça. Ela desconfiava de ansiedade por causa de Pai Storey, não de uma indigestão.

Como assim, a Allie está de plantão aqui?, escreveu Harper, e passou-lhe o bloco e a caneta.
Ela está na sala ao lado, rabiscou Nick.

Harper ergueu os ombros num gesto exagerado, com as mãos estendidas e as palmas viradas para cima: *Por quê?*

A Allie veio aqui por proteção. Tia Carol quer ter certeza de que o vovô está seguro. O que você acabou de guardar no teto? Antes de ela conseguir formular uma resposta, ele acrescentou: *Eu juro que se você me contar eu NÃO VOUDIZERNADA.* Ela teve que sorrir. É claro que ele não iria dizer nada.

Só umas anotações que estou fazendo, respondeu, o que era verdade, ainda que estivesse omitindo um detalhe ou outro.

Anotações sobre o quê?
Se você não perguntar sobre isso, eu não pergunto se está mesmo com dor de barriga, escreveu ela.

Ele bateu com base da palma da mão na testa, um gesto que devia ter aprendido na TV. Ela não julgou. Harper às vezes tinha a sensação de passar metade da vida interpretando Julie Andrews na versão para o cinema da sua vida. O problema dos modelos de comportamento é que eles são modelos de comportamento.

Usou as mãos para soletrar **D.O.R.M.I.R.**

Ele aquiesceu e disse:
– Você também, né? – Falou em silêncio, movendo as mãos no ar com precisão, como quem ajusta as engrenagens de uma máquina invisível.
– Vou sair – disse ela com suas mãos menos fluentes. – Volto já.
– Cuidado – disseram as mãos de Nick.

Allie estava na sala de espera, encolhida no sofá. Não estava dormindo nem lendo, só deitada ali, com os nós dos dedos de uma das mãos encostados na boca. Piscou e ergueu os olhos. Por um instante, seu olhar permaneceu desfocado, e foi como se ela estivesse olhando para Harper sem reconhecê-la.

– Nick falou que você estava de plantão aqui.

– Ben e tia Carol acham que alguém na colônia talvez esteja tentando matar o Vovô. Eu acho isso maluquice... todo mundo sabe que foi aquele tal de Mazz... mas não sou eu quem decido.

– Quem decide é o Ben?

– Ele só está fazendo o que tia Carol quer. E ela quer o Vovô seguro. Não se pode culpá-la. Alguém tentou *mesmo* matar ele. Tia Carol também quer que você fique aqui de agora em diante. Para que tenha sempre uma equipe médica à disposição, caso ele tenha uma convulsão ou sei lá o quê.

– Eu vou começar a comer aqui também?

Harper estava brincando, mas Allie respondeu:

– Vai. Ela ficou muito chateada quando soube que você ontem saiu para pegar um lanche e deixou o Vovô sozinho. O coração dele poderia ter parado. Ou alguém poderia ter entrado e posto um travesseiro em cima da cara dele.

– Eu não posso ficar aqui. Não o tempo todo. Na verdade, preciso sair agora mesmo. John está bem avariado. Quero ir até a ilha pôr uma atadura de compressão e uma tala nele.

Harper não estava carregando nem uma coisa nem outra, mas confiou que Allie não fosse notar, e ela não notou.

– Não dá – disse a adolescente. – Mesmo que você tivesse permissão para sair da enfermaria, está no meio do dia. Ninguém sai durante o dia.

– Como assim, mesmo que eu tivesse permissão? Isso veio da Carol? Quem a pôs no comando?

– Nós.

– Nós *quem*?

– Todo mundo. A gente votou. Você não estava. Estava dormindo. A gente se reuniu na igreja e cantou para Pai Storey. Cantou para que todo mundo que já perdemos nos mostrasse o que fazer. Eu juro que consegui escutar eles cantando com a gente. Éramos só 140 na igreja, mas foi como mil pessoas cantando ao mesmo tempo. – Os braços nus de Allie se eriçaram, arrepiados com a lembrança. Ela abraçou o próprio corpo. – Foi uma sensação de estar sendo *resgatada*.... de qualquer sentimento ruim que você jamais tenha tido. Acho que era exatamente do que a gente estava precisando. Depois a gente se acalmou, ficou de mãos dadas e conversou. Falamos sobre as coisas pelas quais ainda sentíamos gratidão. Agradecemos. Como se faz antes de comer. E fizemos planos. Foi nessa hora que votamos para tornar tia Carol a chefe dos cultos na capela e do planejamento diário, que é o que Pai Storey costumava fazer. No início ela não quis. Disse que não podia assumir mais trabalho. Disse que precisava cuidar do pai. Então a gente votou outra vez, e todo mundo votou na Carol de novo. Então aí ela disse que a gente estava cometendo um erro. Disse que não era forte que nem o pai. Que ele era melhor do que ela sob todos os aspectos. Mais gentil, mais atencioso e paciente. Mas a gente votou uma *terceira* vez, e ela ganhou de novo, por unanimidade. Foi engraçado. Foi bem engraçado. Até a Carol riu. Meio que chorou e riu ao mesmo tempo.

Harper pensou em algo no diário de Harold, **O FUNGO ESTIMULA COMPORTAMENTOS DE MANADA PARA PRESERVAR O PRÓPRIO BEM-ESTAR. O MESMO PENSAMENTO DE GRUPO QUE FAZ UM BANDO DE ANDORINHAS MUDAR DE CURSO EM UM SEGUNDO**, mas não gostou de para onde esse pensamento a conduzia e o deixou de lado.

– Eu acho que não deveria deixar você ir – falou Allie. – Da última vez que estava de sentinela na enfermaria e não fiz o meu trabalho, uma pessoa morreu. – Ela abriu para Harper um sorriso torto, sem qualquer felicidade genuína.

– O que você vai fazer comigo se eu sair? Vai se engalfinhar com uma grávida?

– Não – respondeu Allie. – Provavelmente só daria um tiro na sua perna ou algo assim.

Ela estava sorrindo com ironia ao dizer isso, e Harper quase riu. Então viu a Winchester apoiada em um dos cantos da sala.

– O que você está fazendo com uma *espingarda*, pelo amor de Deus?

– O Sr. Patchett decidiu que as Sentinelas de guarda deveriam andar de espingarda – respondeu Allie. – Ele disse que a gente deveria ter distribuído as espingardas faz tempo. Se um Bonde da Cremação aparecer, uns tirinhos iriam...

– ... matar muito mais gente, é isso que uns tirinhos iriam fazer. Nenhum de vocês deveria estar armado com uma espingarda. Allie, alguns do grupo de Sentinelas têm só 14 anos. – Ela não mencionou

que a própria Allie ainda não havia completado 17. A ideia de crianças patrulhando a neve com espingardas carregadas a deixou nervosa, e lhe deu vontade de cutucar Ben Patchett com força na sua pança mole.

– São só os mais velhos – disse Allie, mas pela primeira vez soou na defensiva.

– Eu vou sair – disse Harper.

– Não. *Não sai*. Por favor? Vamos esperar escurecer, aí a gente fala com a Carol. Sair durante o dia é praticamente a regra mais importante da colônia. Vai escurecer já já.

– Com esta neve, é como se já tivesse escurecido.

– A gente tirou as tábuas. Você vai deixar pegadas.

– Não por muito tempo. Está nevando agora. Minhas pegadas vão sumir. *Allie*. Você deixaria alguém te dizer que *você* não pode sair?

Allie ficou sem resposta.

Encarou a penumbra azulada coalhada por um bilhão de partículas reluzentes da neve que caía. Os músculos nos cantos de seu maxilar se contraíram.

– Que merda – disse ela, por fim. – Isso é uma burrice. Eu não deveria.

– Obrigada – falou Harper.

– Você precisa voltar daqui a duas horas no máximo. Se não voltar daqui a duas horas, eu entrego você para as feras.

– Seja como for, se eu não voltar daqui a duas horas você deveria chamar Don Lewiston, só para verificar a condição de Pai Storey, ver como ele está.

Allie a encarou com raiva.

– Você não tem ideia do absurdo que isso é. As Sentinelas se reúnem depois da capela. Ben Patchett disse que muita gente tem se colocado na frente do bem-estar da colônia, tem feito só o que quer. Ele disse que a gente precisa transformar quem não consegue seguir nossas regras em *exemplos*. Todo mundo votou. A gente concordou. A gente fez um *pacto*.

– O Sr. Patchett pode se preocupar com o bem-estar da colônia – disse Harper. – Eu preciso me preocupar com o bem-estar dos meus pacientes. Se ele descobrir, você diz que tentou me obrigar a ficar e não conseguiu. Mas ele não vai descobrir, porque eu vou voltar antes de você se dar conta.

– Então vai, se precisa mesmo ir. Antes que eu mude de ideia.

Harper já estava com a mão no trinco quando Allie tornou a falar.

– Que bom que ele gosta de você – disse ela. – John é a pessoa mais sozinha que eu conheço.

Ela olhou para trás, mas Allie não a estava mais encarando. Estava jogada de lado no sofá outra vez, toda encolhida.

Harper pensou que as bênçãos suaves das crianças muitas vezes vinham tão sem provocação, tão inesperadas e tão sem solicitação quanto as suas crueldades. No fim das contas, nesse inverno, a Colônia Wyndham não era nem Hogwarts nem a ilha de *O senhor das moscas*, mas sim um lugar de órfãos perdidos, traumatizados, crianças dispostas a ficar sem almoço de modo a garantir comida suficiente para os outros.

– Eu volto logo – disse Harper, e ao dizer isso, acreditou.

Mas ela só voltou muito, muito depois de escurecer, e a essa altura tudo na colônia havia mudado novamente.

5

As árvores eram fantasmas de si mesmas num mundo de fumaça feito de nuvens baixas e neve que caía. A tarde agonizante recendia a pinhas queimadas num cinzeiro.

Harper fora sincera em cada palavra do que havia prometido para Allie: remaria até a ilha do Bombeiro, verificaria sua condição e voltaria. Tinha deixado de fora a parte sobre precisar primeiro passar em casa, pois o armário da enfermaria estava praticamente vazio e ela teria de vasculhar seu estoque pessoal em busca das coisas que John necessitava. Se soubesse *disso*, Allie talvez a houvesse derrubado no chão e sentado em cima do seu peito para impedi-la de ir.

Pensou que poderia dar uma boa vasculhada enquanto estivesse em casa. Para ver o que mais poderia encontrar que pudesse ser útil na Colônia Wyndham. Xampus, livros, meias.

No entanto, chegando lá descobriu que não havia tanto para vasculhar quanto imaginava. Parou na orla da mata e encarou o que restava de sua casa com uma sensação de choque tão forte que beirou o assombro.

A lateral que ficava de frente para a rua tinha desabado, a fachada inteira pulverizada. Alguma força imensa havia arrastado o sofá da sala até o quintal e o arremessado até a borda do acesso de carros. A neve tinha se acumulado por cima, mas ela ainda podia ver os descansos de braço. Imaginou que houvesse mais coisa espalhada pelo gramado, mas agora eram apenas montinhos sob a neve. Parecia que a sua casa fora atingida por um tornado.

Ela recuperou o fôlego e relembrou a noite em que saíra de casa. Recordou um barulho muito forte de algo rachando, tão alto que fez o chão tremer. Jakob havia subido no seu Freightliner e projetado o limpaneve de lado contra a frente da casa, derrubando o telhado sobre o que restava de sua vida em comum.

Papéis pendiam empalados nos galhos secos das árvores, espalhados por todo o limite da mata. Harper recolheu um: era uma página de *O arado da desolação*. Leu as primeiras palavras, desespero é apenas um sinônimo de consciência, e demolição é quase o mesmo que arte, e deixou a brisa agitada arrancar a folha da sua mão. O papel saiu voando no vento.

Estava tão atarantada que quase esqueceu seu plano, e saiu da mata para o quintal deixando pegadas por todo o caminho. Mas um carro passou na rua produzindo um barulho de ar se deslocando, como uma admoestação para fazer silêncio, lembrando-lhe de tomar cuidado. Ela deu a volta na casa até o lado sul dos escombros, onde as árvores chegavam perto da parede. Um único abeto vermelho estendia um galho molhado e cintilante por cima da neve, quase tocando a lateral de vinil.

Num consultório médico da mente, a enfermeira Willowes, usando um impecável uniforme branco, se dirigiu à Srta. Willowes, grávida de seis meses e sentada na sala de exame usando um avental de papel. *Ah, sim, espero que a senhorita continue na academia. É importante se manter saudável e ativa enquanto for confortável!*

Harper envolveu o galho situado a pouco mais de um metro do chão com as duas mãos, inspirou fundo e *se lançou*. Projetou-se feito um pêndulo por uns dois metros de neve e aterrissou sobre os dois pés, crispando os dedos dos pés para se agarrar ao cascalho congelado que margeava a casa. Sentiu-se escorregar para trás, e correu o risco de soltar o galho e cair no chão duro de gelo. Pedalou com os pés sobre as pedrinhas soltas, esticou o corpo e soltou o galho. Caiu por cima da parede, e a protuberância elástica de seu ventre quicou de leve na lateral da casa. Até que um pouco de amortecimento extra vinha a calhar.

Foi seguindo a estreita faixa de cascalho sob os beirais até dar a volta na casa. A porta que dava para o porão estava fechada, mas ela aplicou a combinação de tranco-*chute-ombro-empurrão* que Jakob tinha lhe ensinado e a porta se abriu. Ela entrou no ambiente frio e fechado e fechou a porta atrás de si.

Pouco depois de se mudar, eles haviam reformado o porão para transformá-lo numa “área de entretenimento” completa, com bar e mesa de sinuca, mas o lugar jamais deixara de passar a sensação de uma adega. Um carpete barato e áspero cobria o piso de cimento. O espaço recendia a encanamento de cobre e teias de aranha.

O desabamento do andar de cima havia promovido uma redecoreação bem mais radical. A geladeira caíra da cozinha pelo teto e tombara de lado. A porta aberta permitia ver os condimentos e molhos de

salada ainda nas prateleiras. Fios pendiam do rombo no teto.

A mesa de sinuca se mantivera curiosamente intacta no meio do espaço. Harper nunca tinha aprendido a jogar. Jakob, por sua vez, não só era capaz de encaixar todas as bolas como também de equilibrar um taco num dedo só com um prato na ponta, mais um de seus truques circenses. Em retrospecto, Harper pensou que não compensava se impressionar com um homem só porque ele conseguia andar de monociclo.

O material de camping, barraca, fogareiro a gás portátil, lampião a óleo, estava todo guardado no módulo de armários encostado na parede dos fundos, e o kit de primeiros socorros estava lá também. Eles sempre haviam gostado de viajar de mochilão. Essa era uma das coisas que ela podia recordar com carinho: ambos tinham loucura por transar ao ar livre.

Ela havia torcido feio um dos tornozelos quando eles tinham ido fazer trilhas em Montana, e Jakob a carregara alegremente nas costas até o Granite Park Chalet. Ela havia comprado o kit de primeiros socorros assim que eles chegaram em casa, de modo a estar preparada para a vez seguinte em que um deles se machucasse numa trilha, só que não houve vez seguinte, e depois de mais alguns anos não havia mais trilhas.

O kit era mais incrementado do que ela recordava. Continha um pacote de ataduras de compressão, compressas de gelo e pomada para queimadura. Mas o verdadeiro prêmio estava enfiado ao lado do material de primeiros socorros, e era a coisa que ela mais queria, seu principal motivo para ter voltado: uma tala de cotovelo feita de plástico preto, guardada havia dois anos. Jakob tinha caído durante uma partida de *racquetball* com ela e dado um mau jeito no braço. Eles nunca mais haviam jogado desde então. Ele dizia que de vez em quando ainda sentia uma fisgada no cotovelo e não queria correr o risco de forçá-lo outra vez, mas ela às vezes imaginava que ele houvesse desistido do *racquetball* por motivos bem menos compreensíveis. Ela estava ganhando dele de lavada na ocasião em que ele batera com o cotovelo na parede. O problema não era nem tanto que ele odiava perder. Era só que ele odiava perder *para ela*. No seu relacionamento, quem tinha coordenação motora era ele, enquanto Harper era cômica e encantadoramente desengonçada. Era uma ofensa pessoal quando ela saía desse papel.

Ela remexeu nos outros armários e achou um pacote comprido de Gauloises enfiado bem fundo numa prateleira alta, com o celofane aberto e alguns maços faltando. Um ano antes, um milhão de anos antes, Jakob anunciara que tinha parado de fumar na raça, e sentia pena de quem não tinha força de vontade suficiente para fazer a mesma coisa. Dessa vez ela ficou feliz por ele ser tão cascadeiro. Como em qualquer economia de guerrilha, nos últimos tempos não havia como subestimar o valor de um cigarro. As pessoas estavam erradas ao acumular ouro para o colapso da civilização. Estocar maços de Camel teria sido melhor opção.

Ela foi até atrás do bar ver o que eles tinham de biritá. De frente para a bancada, atrás dela, havia uma porta de vidro fumê em frente a um buraco vazio onde eles planejavam um dia pôr um sistema de som. Não haviam chegado a fazê-lo. Jakob insistia para eles comprarem um sistema da Bang & Olufsen que custava quase dez mil dólares, e qualquer projeto de juntar dinheiro para comprar o equipamento havia permanecido inteiramente hipotético.

Ela se agachou para examinar o armário de bebidas e achou uma garrafa de Balvenie 30 Anos que devia ter sabor de fumaça e deixar quem bebia com o hálito carregado. Havia também uma garrafa de rum vagabundo sabor banana que daria perfeitamente conta do recado se você quisesse passar mal. Harper se perguntou o que John Rookwood poderia lhe contar sobre a Escama do Dragão depois de uns dois ou três Balvenies *on the rocks*.

Ainda estava abaixada atrás do bar quando alguém tranco-*chutou-ombro-empurrou* a porta do subsolo.

– Grayson! – chamou uma voz rouca, chiada, alta e de algum modo conhecida, e Harper engasgou com um grito. Não respondeu, sequer se mexeu. Ficou ali abaixada, petrificada, esperando quem quer que fosse lhe dizer o que fazer.

– Grayson! – o homem tornou a gritar, e Harper se deu conta de que ele não estava do lado de fora gritando *para dentro*, mas sim do lado de dentro gritando *para fora*. – Deu certo! Entramos.

– Eu queria consertar essa fechadura. Vivía preocupado que alguém entrasse, roubasse o uísque bom e violentasse minha mulher – disse Jakob. – Eu era muito protetor em relação ao uísque.

Sua voz saiu cortante como uma faca.

Abriu a porta de vidro fumê do buraco onde eles planejavam pôr o sistema de som. O interior tinha a mesma profundidade de uma escrivania grande, e não havia nada lá dentro exceto uns cabos soltos. Ela entrou ali junto com o kit de primeiros socorros, a tipoia e os cigarros, e se encolheu todinha ao redor da bola que era sua barriga. Três dias antes, havia rastejado dentro de um cano cheio de fumaça com aquela

barriga. Não achava que fosse conseguir isso agora. Fechou a porta de vidro depois de entrar.

– Certo – disse o primeiro homem, com uma voz que a fez pensar num cara gordo chiando diante de um prato de ovos mexidos com porção dupla de bacon. – Isso eu entendo. Você não queria que nenhum filho da mãe sem escrúpulos bebesse o seu estoque de biritá cara. Infelizmente para você, agora me trouxe direto até ele. – Ele riu: o som era como alguém apertando uma sanfona de brinquedo quebrada, uma espécie de arquejo musical. – Por que não sobe lá em cima e dá uma olhada? Para ver se ela esteve aqui. A gente vai checar o subsolo. “Checar” significa tomar seu uísque, jogar sinuca e procurar vídeos pornôs caseiros.

– Ela não veio. Eu passo aqui de vez em quando, sabe? Para ficar de olho na casa. Imaginei que mais cedo ou mais tarde ela fosse voltar. Para pegar os livros dela, seu pijama favorito ou seu velho Ursinho Pooh. Eu às vezes me sentia um pedófilo quando transava com ela, juro. Todo Natal a gente tinha que ver *Mary Poppins*. Assim que acabava de abrir os presentes.

– Meu Deus – disse o homem da voz de gordo, e Harper enfim entendeu por que ele soava conhecido. Já havia escutado o Homem de Marlboro vezes suficientes no rádio. – E você esperou ela ficar doente para tentar matá-la? – Ele urrou de tanto rir da própria piada. Outro homem, que não era Jakob, confirmou a inteligência da piada com um trinado agudo.

– Dá para ver pela neve que ninguém esteve aqui. Não tem nenhuma pegada – disse Jakob.

– Você deve ter razão. Mas a gente vai olhar assim mesmo. Só para ter certeza. Você sabe sobre a minha transmissão secreta? Já te falei sobre isso? O rádio dentro da minha cabeça? Não? Quando eu tinha 12 anos, conseguia pôr a mão num rádio silencioso, fechar os olhos e *ouvir* o DJ apresentar “Walk This Way”. Podia ouvi-lo *dentro da minha cabeça*. Como se eu fosse a antena e estivesse atraindo o sinal para dentro do meu cérebro. Dizia para os meus amigos: aposto com todos vocês que se a gente ligar o rádio vai estar tocando “Walk This Way”. Todo mundo pingava um dólar. Eu ligava o rádio, e lá estava o Steve Tyler se vangloriando de como a garota dele sangrava bem. Ou quando eu tive idade suficiente para dirigir. Estava sentado no Trans Am de bosta do meu amigo, com o motor desligado, esperando ele sair de uma loja na esquina trazendo um pack de seis latinhas de Schlitz. E de repente eu sabia que o Mo Vaughn tinha acabado de fazer um *home run*. Simplesmente *sabia*. Meu amigo saía, girava a chave, e o estádio de Fenway inteiro estava comemorando o feito, com Joe Castiglione narrando aos berros a distância da tacada do Mo. Passei muito tempo pensando que de algum jeito poderia estar atraindo sinais com as minhas obturações. Mas desde que a peste começou venho ouvindo sinais *novos*. Às vezes ouço a minha *própria* voz na transmissão secreta, lendo um noticiário. Ouço a mim mesmo falando sobre como uma dúzia de guimbas foram encontradas escondidas no subsolo da Biblioteca de Portsmouth, e como foram fuziladas por um heroico Bonde da Cremação. Aí junto a galera, a gente vai lá e bingo: guimbas escondidas no subsolo. Lembra disso, Marty? Lembra aquela vez em que eu falei que a gente deveria ir à Biblioteca de Portsmouth dar uma avaliada na situação? A gente matou aqueles filhos da puta todos. Tudo aconteceu exatamente do jeito como eu tinha escutado no meu noticiário telepático.

– É verdade, Homem de Marlboro! – exclamou o terceiro homem com uma voz estridente e obsequiosa. – Você *sabia* que eles estariam lá! Sabia antes de *qualquer um* de nós.

– Então foi por isso que a gente precisou vir aqui hoje? Você teve um pressentimento psíquico de que a minha mulher talvez tivesse voltado para casa? – indagou Jakob. Pela voz, não parecia estar acreditando muito.

– Pode ser. Pode ser que eu tenha escutado uma vozinha dizendo: por que não passar lá e dar uma olhada? Mas talvez eu tenha só lembrado de você ter dito que tinha um bom uísque escocês em casa e quis uma provinha. Por que não dá uma geral pela casa para a gente descobrir qual dos dois é verdade?

– Claro – disse Jakob. – Olha atrás do bar. Vê o que ainda tem.

Uma porta se abriu do outro lado do subsolo. Pedacos de drywall e sarrafos de madeira quebrados desmoronaram com um estrondo. Jakob disse um palavrão. O que se chamava Marty emitiu sons de hiena semelhantes a uma risada. Jakob se afastou abrindo caminho por entre destroços que escorregaram, caíram e fizeram barulho.

Alguém chegou perto do bar. Através do vidro fumê, Harper entreviu um homem usando uma calça de neve. Um homem magro com um penteado afro volumoso de cabelos ruivos crespos se abaixou, abriu o armário de bebidas e pegou o Balvenie.

– Este negócio é bom?

– Caralho. Passa aqui. Deixa eu dar uma olhada. – Silêncio. – Caraca, isto aqui custa mais do que eu costumava ganhar em uma semana. Você acha que a mulher dele é tão boa quanto esta mesa de sinuca e este uísque? – perguntou o Homem de Marlboro.

– Não importa – disse Marty. – Ela está bichada. Você não vai querer trepar com um troço daqueles.

– Verdade. Falando em bichado, vê se tem algum copo aí. Não quero seu cuspe dentro da garrafa.

O magrelo se abaixou, remexeu no armário e encontrou uns copinhos.

– Quer ouvir música? A tirar pela mesa de sinuca e pelo uísque, aposto que ele tem um sistema de som bem bacana – disse Marty. Ele se virou para o armário do som e pressionou o trinco de ímã. A porta de vidro se abriu um centímetro. Harper fechou os olhos e pensou: *desespero é apenas um sinônimo de consciência*.

– Está sem luz, seu babaca – disse o Homem de Marlboro. – Sem gasolina no tanque, um Porsche é apenas meia tonelada de ferro inútil.

– Ah, porra. Boa, Homem de Marlboro! Eu não pensei direito! – Ele fechou a porta do armário sem olhar lá dentro.

– Grande novidade.

Nenhum dos dois falou por alguns instantes. Ela ouviu o gorgolejar do uísque sendo despejado no copo, ruídos de deglutição e suspiros reverentes.

Quando Marty tornou a falar, sua voz saiu baixa:

– Ele é meio assustador, você não acha?

– Quem? O Obras Municipais?

– É. Jakob. Com aquela queimadura no pescoço. Aquela mão preta... cozida direto na pele. E os olhos dele, sabe? Parecem um vidro antigo todo empoeirado. Como olhos de um boneco.

– Olha só o cara... Você está praticamente um Lorde Byron com essas suas analogias.

– Vou te dizer uma coisa. Eu acho que ele preferiria encontrar o Bombeiro aqui do que a própria mulher. Acho que tem mais tesão no cara do que na noiva fujona.

– Não existe nenhum Bombeiro.

Seguiu-se um silêncio tenso.

– Bom – falou Marty. – Homem de Marlboro... *alguém* queimou o pescoço dele. E ontem à noite? Oitenta caras viram o diabo de dois andares de altura lá perto da delegacia. *Oitenta caras*. E o Arlo Granger, do corpo de bombeiro, se engalfinhou com um sujeito no meio da fumaça. Um sujeito com sotaque britânico, de capacete de bombeiro e tudo. Arlo teria acabado com ele, mas o Bombeiro tinha amigos, tipo uns cinco amigos, e eles juntaram o Arlo e...

– Eu conheço o Arlo Granger, o cara é um cascadeiro de merda. Ele uma vez me disse que tinha entrado no camarim num show do Rush e dado um teco com o Neal Peart. *Quem dera* os caras do Rush cheirassem pó. Talvez isso os animasse a tentarem tocar algum rock’n’roll de verdade para variar um pouco, em vez daquela babaquice de rock progressivo.

– Minha prima é da Guarda Nacional. Amy Castigan, você já esteve com ela...

– Amy... sua prima Amy... é, pode ser. Acho que ela chupou meu pau uma vez.

– É, tá, o meu também, mas escuta, Homem de Marlboro, *escuta*. Amy estava de guarda no posto de controle da Ponte de Piscataqua em setembro, no meio da noite... e viu uma labareda vermelha subindo o rio. Como se alguém tivesse lançado um foguete em cima deles. Ela e os outros se jogaram no chão, e foi bem na hora. Um gigantesco pássaro de fogo com dez metros de envergadura mergulhou em cima deles. Passou tão perto que os sacos de areia pegaram fogo! E enquanto a Amy e os outros da unidade dela se encolhiam para se proteger, um carro furou o posto de controle e algumas guimbas fugiram para o Maine. Era ele também! É isso que ele faz, cara! Ele entendeu como transformar a Escama do Dragão numa arma!

– É uma possibilidade – disse o Homem de Marlboro. – A outra é que a sua prima é a maior piranha da Costa Leste, e alguém furou o posto de controle enquanto ela estava pagando o boquete especial da Amy Castigan para a unidade inteira. Não existe nenhum Bombeiro. E Satã não apareceu na delegacia ontem à noite. As pessoas veem coisas no fogo. Rostos assustadores, essas coisas. Só isso.

Harper não pôde evitar pensar na moça dentro da fornalha de John: tinha certeza de que era Sarah Storey. O Homem de Marlboro podia pensar o que quisesse, mas às vezes o rosto no fogo era *mesmo* alguém encarando você.

Tábuas e placas de gesso escorregaram e bateram na escada.

– Nada – disse Jakob. – Não tem nada nem ninguém. Eu disse a vocês. Se alguém tivesse vindo aqui, haveria pegadas. Ela está grávida de seis meses. Duvido que consiga dar cem passos sem ficar sem ar.

– Bom argumento, meu nobre – disse o Homem de Marlboro. – A minha ex, quando ficou grávida, toda vez que queria alguma coisa, cigarro, cerveja, sorvete, qualquer coisa, ela me mandava buscar, mesmo que estivesse no quarto ao lado.

– Sinto muito que sua visão paranormal não tenha dado certo. Mas pelo menos você achou o Balvenie. A gente pode levar. Isso vale quinhentos dólares a garrafa, então bebam devagar.

– Por quê a pressa? Bebe um pouco você também, e eu te dou uma surra na sinuca.
– Eu tenho que beber mais do que um pouco para isso acontecer – retrucou Jakob.
– Quer apostar?
– Apostar o quê? O dinheiro não é mais o que era antes.
– Se eu ganhar, você tem que subir e achar uma calcinha da sua mulher para mim – disse o Homem de Marlboro.
– Se *eu* ganhar, você tem que vestir a calcinha – falou Jakob.
– E se *eu* ganhar? – perguntou Marty.
– E se você inventasse uma cura para a porra da Escama do Dragão? E se você não risse feito uma menina de 13 anos com soluço?
Marty riu feito uma menina de 13 anos com soluço.
– Quem começa? – indagou Jakob.
Um estalo alto ecoou quando uma bola bateu em outras doze.
– É por eliminação simples? – quis saber Marty. – Ou melhor de três?
– Tanto faz – disse o Homem de Marlboro. – Eu não tenho nenhum compromisso.

6

Uma neve pulverizada granulava a noite. Harper flutuava por uma escuridão congelada, e suas narinas ardiam por causa do frio. A luz estava caindo quando ela havia entrado em casa. Agora, seis partidas de sinuca mais tarde, sabe-se lá que horas seriam... Nove? Dez? E suas pernas estavam dormentes por causa das muitas horas encolhida dentro do armário atrás da porta de vidro fumê.

Jakob era melhor na sinuca, mas o Homem de Marlboro segurava melhor a bebida. O gordo, pois só pela voz Harper tinha certeza de que o cara pesava no mínimo uns 140 quilos, tinha ido embora com uma calcinha sua no bolso do casaco, assobiando a música “Centerfold”. Ela deixou passar pelo menos meia hora antes de engatinhar para fora do esconderijo, meio que acreditando que Jakob e seus novos amigos ainda estariam ali, esperando por ela em silêncio. Eles haviam deixado a garrafa vazia de Balvenie de cabeça para baixo dentro de uma das caçapas.

Ela deveria estar péssima, engasgada de tanto chorar, ou então tremendo descontroladamente de choque. Mas em vez disso estava meio sonada, como se houvesse acabado de descer uma pista de esqui quase além da sua capacidade, fazendo as curvas mais depressa do que nunca. Já ouvira falar em ondas de adrenalina, mas não tinha certeza se já tivera isso alguma vez. Mal tinha consciência das próprias pernas a carregá-la para a frente.

Não sabia para onde estava indo até chegar lá. Passou direto pela entrada da Colônia Wyndham, passou pela corrente pendurada entre os monolitos de pedra, passou pela carcaça incendiada do ônibus, e foi seguindo a Little Harbor Lane até o chão passar a ser de cascalho. Dali a mais uns trinta metros, a estradinha virava uma rampa para barcos que descia para dentro da espuma movente do Atlântico.

E lá estava a ilha do Bombeiro. Uma rápida escalada de um quebra-mar de pedra, uma caminhada de dois minutos pelos seixos, e ela pôde ver o cais da colônia.

Tinha prometido para Allie voltar em duas horas. Devia ter se passado o dobro disso. Estava com medo de enfrentar Allie, que decerto a essa altura estava encrencada, e que quase com certeza devia ter passado a noite inteira doente de tanta preocupação. Decidiu solenemente fazer o que fosse preciso para fazer as pazes com a adolescente.

Mas Allie teria de se preocupar um pouco mais. Harper havia deixado John Rookwood sozinho em sua ilha por três dias, com costelas quebradas, uma torção no cotovelo e um pulso que sofrera um grave deslocamento. Ele era seu único motivo para ter saído da enfermaria. Seria uma piada de mau gosto voltar para lá sem vê-lo.

Além do mais, apesar de toda a conversa de Allie sobre como eles iam começar a transformar em exemplos quem violasse as regras, Harper não conseguia levar nada disso muito a sério. Para ela, aquilo era um repeteco do ensino fundamental... mas tanto as regras quanto as consequências eram aplicadas por adultos nas crianças, e Harper era adulta. Um aluno podia levar uma advertência por correr no corredor, mas se algum funcionário comesse a correr, provavelmente havia um bom motivo. Ben talvez se irritasse, mas ela conversaria com ele e resolveria tudo. Não se sentia mais ameaçada pela sua autoridade (nem pela de Carol) do que teria se sentido ameaçada por um professor. Afinal de contas, ninguém a faria escrever cem vezes no quadro-negro *Eu não vou sair da colônia sem um bilhete de autorização*.

Foi remando por uma escuridão líquida ondulante. Sentia também um lento balanço de maré dentro de si, como se ela própria contivesse um mar em tamanho menor.

Bateu no alizar da porta do casebre do Bombeiro.

- Quem é?
- Harper.
- Ah, até que enfim. Vou logo avisando, não estou vestido.
- Eu espero um instante.

Ela inspirou fundo o ar úmido, salgado e congelado, e o soltou num filete de fumaça branca. Nunca havia explorado aquela ilha, não de verdade, e escalou a grande duna central para ver a vista do ponto mais alto.

Não era uma pedra grande. Mais ou menos um hectare de comprimento, no formato de um olho. Uma cresta central percorria a ilha inteira no sentido do comprimento, com o abrigo do Bombeiro construído

em um dos flancos. Na ponta meridional havia as ruínas de uma casa de hóspedes, um retângulo desabado de vigas carbonizadas a despontar de uma camada de neve fina como um lençol. Ela levou um susto momentâneo ao ver o barco: logo acima dos seixos do lado leste da ilha estava um veleiro de 35 pés pousado num reboque de aço inox, com o convés coberto por uma lona encerada branca retesada. Mas Pai Storey tinha comentado que havia um veleiro ali, falado em ir embora nele à procura de Martha Quinn. Se continuasse a nevar, o veleiro logo estaria parecendo parte da paisagem, uma grande duna branca mais alta do que as outras.

O frio estava deixando suas bochechas anestesiadas. Ela tornou a descer pela areia e entrou no abrigo do Bombeiro sem bater. Entrou batendo com força as botas no chão e esfregando as mãos para remover a neve.

– Willowes! Eu nunca fiquei tão feliz em ver o rosto de outra pessoa! Parece que tem um carro estacionado em cima do meu peito. Eu não sentia tanta dor desde que o Guns N’ Roses se separou.

– Sinto muito – disse ela. Largou a sacola de compras de tecido que trouxera consigo. – O dia foi cheio.

Ela abriu a boca para lhe contar sobre Jakob, o Homem de Marlboro e como quase fora descoberta, mas se conteve.

O Bombeiro estava sentado na cama e continuava nu em pelo, a não ser pela tipoia que ela havia improvisado com uma aljava de lona. Seu único gesto de pudor era o lençol embolado no colo e espalhado em volta dos quadris. Sua pele estava toda rabiscada com a caligrafia preta e dourada do diabo. Os hematomas por baixo da escama tinham escurecido até tons de mirtilo e romã. Só de olhar para aquilo, Harper sentiu o próprio peito doer.

– Você ainda não se vestiu – falou.

– *Bom* – disse ele. – Não tive certeza de que precisava. Você não vai me examinar? Pensei que seria muito esforço para depois ter que tirar tudo outra vez. E você, por onde andou? Fiquei ilhado aqui neste pingo de areia lamacento durante *dias*, sem ninguém com quem conversar a não ser eu mesmo.

– Pelo menos estava conversando com alguém que te acha inteligente.

Ele encarou a sacola de compras com um olhar rapineiro.

– Tomara que tenha morfina aí dentro. E cigarro. E café moído na hora.

– *Quem me dera* eu ter morfina. Na verdade, a gente precisa conversar sobre isso.

– *Cigarro?*

– Sr. Rookwood, eu não tenho nenhum cigarro para o senhor no momento – disse ela, escolhendo com cuidado as palavras. Não era mentira... mas tampouco era estritamente a verdade. Harper estava ficando craque nessas esquivas. – Considere isso uma oportunidade para parar de fumar antes de o cigarro te matar.

– Você acha que fumar vai *me matar*? Quando *eu* faço fumaça, enfermeira Willowes, quem tem que se preocupar com a saúde são os outros. Nesse caso, é bom você ter trazido café fresco.

– Eu trouxe uns chás a granel maravilhosos...

– *Chá?* E eu lá quero chá?

– Por que não? Você é inglês.

– E por isso você acha que eu bebo *chá*? Por acaso imagina que eu ficava perambulando pela névoa londrina com uma boina de caçador na cabeça, conversando com meus amigos em pentâmetro iâmbico? Lá também tem Starbucks, mulher.

– Ah, que bom. Porque eu trouxe também alguns pacotes de café solúvel do Starbucks.

– Por que não disse logo?

– Porque você é muito divertido de decepcionar. Que tal eu pôr uma água para ferver e você vestir pelo menos uma calça? Não me lembro de nenhum ferimento abaixo da cintura que precise de uma opinião médica.

Ele correu um olhar enevoado pelo chão e esticou um pé ossudo para pescar a calça de bombeiro.

Harper inspirou fundo para lhe contar sobre ter ido em casa, então se distraiu de novo e disse:

– Você sempre quis ser bombeiro? Há quanto tempo se veste assim? Desde criança? – Era a adrenalina que estava falando. Pensou se era assim que as pessoas se sentiam após saltar de paraquedas. Suas mãos tremiam.

– De jeito nenhum. Eu queria ser um rockstar. Queria usar calça de couro, passar os finais de semana na cama com supermodelos doidaças e escrever músicas cheias de enigmas pretensiosos.

– Não sabia que você gostava de música. Que instrumento você tocava?

– Ah, nunca cheguei a aprender nenhum instrumento. Parecia dar muito trabalho. Além do mais, como minha mãe era surda e meu pai violento, a educação musical não era uma prioridade na minha família. O

mais perto que eu já cheguei da vida de um rockstar foi vendendo drogas.

– Você foi traficante? Acho que não gosto disso. Qual droga?

– Cogumelos alucinógenos. Parecia um jeito lógico de lucrar com meu diploma de botânica. A micologia sempre foi minha área de estudo. Eu vendia uma forma de psilocibina chamada Pipiu de Smurf que era bem azul, bem popular e ficava bem gostosa com ovo. Quer dividir comigo um omelete de Pipiu de Smurf um dia desses, enfermeira Willowes?

Ela virou as costas de modo a lhe dar privacidade para vestir a calça.

– A Escama do Dragão... ela é um tipo de esporo. Um fungo. Você deve saber muito sobre ela.

O Bombeiro não respondeu. Ela olhou para trás, e o rosto dele exibia uma expressão controlada de inocência benigna. Ele nem estava tentando pegar a calça. Esta continuava enroscada em volta dos seus pés. O fato de ele não querer se vestir a irritou. Aquilo o fez parecer mais cafajeste do que ela esperava que ele fosse. Tornou a desviar os olhos.

– É por isso que você consegue controlar a escama? Usá-la? Não ser queimado vivo como se estivesse coberto de amianto? É porque você entende alguma coisa sobre ela que os outros não entendem?

Ele produziu um leve ruído cantarolado e disse:

– Não tenho certeza de entender a escama tanto quanto a ajudei a entender *a mim*. As frigideiras ficam na caixa debaixo da fornalha.

– Para que eu preciso de uma frigideira?

– Não vai fazer ovos para a gente?

– Você tem algum ovo?

– Não. Você também não? Nessa sua sacola de compras? Pelo amor de Deus, enfermeira Willowes, *alguma coisa* você deve ter me trazido!

– Sinto dizer que não trouxe nem ovos, nem carne assada, nem morfina. O que fiz foi percorrer cinco quilômetros a pé e quase dar de cara com um Bonde da Cremação para pegar uma tipoia para o seu cotovelo e ataduras para o seu pulso. Bonde esse que incluía o meu ex-marido. – Ela sentiu uma ardência inesperada atrás dos olhos que se recusou a deixar se transformar em qualquer outra coisa. – Também trouxe um ótimo chá a granel porque eu sou legal e pensei que isso fosse alegrar você, e não pedi nem um obrigado em troca. Tudo que pedi foi para você vestir a calça, mas nem isso você quer fazer, porque imagino que curta ficar pelado para ver se isso me incomoda.

– Eu não consigo.

– Não consegue *o quê*? Agradecer? Pedir desculpas? Demonstrar uma cortesia humana básica?

– Não consigo vestir a calça. Não consigo dobrar o corpo para pegar. Doí demais. E você foi muito gentil e é claro que eu deveria ter dito obrigado. Estou dizendo agora. Obrigado, enfermeira Willowes.

A contrição em sua voz a fez murchar, de certa forma. Ela agora estava saindo da onda de adrenalina, como se fosse a maré baixando para revelar o cansaço que havia por baixo.

– Desculpa. Estes últimos dias foram longos. E eu acabei de passar pela pior parte. Voltei em casa para pegar uns materiais e o Jakob apareceu com um bando de amigos novos. Um deles era aquele reça do rádio, o Homem de Marlboro, aquele que vive se vangloriando de todas as guimbas que executou. Tive de me esconder. Por um *tempão*.

– Você foi em casa? Sozinha? Por que não mandou alguém?

– Quem? As Sentinelas são todos crianças. Crianças famintas, exaustas. Não quis pôr uma delas em risco. Não podia mandar você, não com as suas costelas do jeito que estão. Além do mais, eu sabia onde procurar as coisas que queria. Parecia fazer mais sentido eu mesma ir e pronto. Você não me contou o que tinha acontecido com a minha casa.

– Que o seu ex tinha resolvido fazer uma reforma com um limpa-neve de duas toneladas? Achei que você já tinha perdido coisa suficiente em uma semana. Por que somar ainda mais uma? Você está bem?

– Eu fiquei... fiquei com medo. Ouvi eles falando sobre mim. Falaram sobre você, também.

– Não brinca? – Ele soou satisfeito.

– É. Falaram sobre um homem que transforma a Escama do Dragão em arma, que é capaz de lançar chamas e anda por aí vestido de bombeiro. Não conseguiam decidir se você era real ou uma lenda urbana.

– Ah! Estou a meio caminho de ser um rockstar, enfim!

– Eles falaram principalmente sobre o que fizeram com gente que está doente. O Homem de Marlboro contabiliza os números de todo o Bonde da Cremação, e ficou falando sobre quem mais matou de modo global, quem mais matou num único dia, quem matou a garota mais feia, quem matou a mais gostosa. Era como se estivesse falando sobre as estatísticas do time de basquete dos seus sonhos.

O Homem de Marlboro havia elogiado Jakob por “tirar a barriga da miséria” no dia de Ano-Novo. Harper demorou vários minutos para se dar conta de que ele não estava se referindo a sexo, mas sim a assassinato. Jakob havia usado seu Freightliner para abalroar um Nissan com uma família doente inteira dentro, homem, mulher e dois filhos. O carro tinha virado uma panqueca. Os corpos foram espremidos para fora das ferragens feito pasta de dente, ou assim dissera o Homem de Marlboro. Jakob havia aceitado o elogio sem qualquer comentário, sem expressar nem orgulho nem horror.

Que coisa curiosa: pensar que o homem com quem ela havia se casado, um homem que havia amado e ao qual tinha se dedicado, passara agora a cometer assassinatos. Havia matado e pretendia tornar a matar. Um ano e meio antes, eles passavam as noites agarradinhos no sofá assistindo a *Master of None*.

– Tive medo de começar a tremer e eles me escutarem. De ouvirem meus dentes batendo. Aí eles foram embora, e quando eu soube que estava bem, que iria sair da casa viva, eu senti... senti... como se alguém tivesse jogado uma granada em mim, e por algum motivo ela não tivesse explodido. Saí de lá com a cabeça toda zonga e as pernas parecendo de borracha. Você não vai me fazer um sermão?

– Por ter sido uma idiota e ter se metido numa enrascada como se nada fosse?

– É.

– Nem vou. Não consigo pensar em duas qualidades que eu mais admire em alguém. Mas estou feliz por você ter voltado. Não tomo um café há dias.

Quando ela se virou, o Bombeiro estava bocejando, com um punho fechado em frente à boca e os olhos bem fechados, e o lençol havia escorregado e deixado à mostra o contorno de seu quadril. Harper ficou surpresa com a própria reação ao ver aquele corpo magro, peludo, o denso manto de pelos no peito encovado e ferido. Sentiu um espasmo imediato de desejo físico, extravagante e absurdo, onde um minuto antes não havia nada.

Sentindo que agir depressa proporcionaria segurança, marchou até a cama.

– Levanta as pernas.

Ele levantou os pés. Ela puxou a calça de bombeiro até seus joelhos, em seguida se sentou ao lado dele e passou um braço por baixo de suas axilas.

– Quando eu contar até três, levanta essa bunda magra. – Mas quem fez a maior parte da força foi ela, e quando o levantou foi que ouviu: a inspiração chiada, o início trêmulo de um arquejo rapidamente contido. A pouca cor que havia no rosto dele se esvaiu.

– O pior não é a dor quando eu me mexo. É a coceira no peito. Depois de cada respiração. Coça tanto que não dá nem para dormir.

– Coçar é bom. Nós gostamos quando coça, Sr. Rookwood. Ossos coçam quando estão remendando.

– Imagino que vá melhorar quando você enfaixar meu peito.

– Hmm, não, desculpa, não se faz mais isso. Não queremos comprimir pulmões que precisam respirar. Mas eu gostaria de enfaixar esse seu pulso e pôr esta tala no seu cotovelo.

Ela subiu a tala de plástico pelo seu antebraço devagar, moveu-a para o lugar certo, então começou a cuidar do pulso inchado e coberto por horríveis hematomas. Aplicou discos de algodão de um lado e do outro, em seguida foi enrolando a atadura de compressão em várias voltas, subindo e descendo pelo pulso, até criar uma couraça rígida mas confortável em volta da articulação. Depois disso levantou seu braço direito para examinar o flanco roxo. Correu os dedos pelas costelas, procurando cuidadosamente cada fratura. Tentou não derivar qualquer prazer dos ossos da coluna dele nem dos desenhos da Escama do Dragão em sua pele. Ele parecia um homem todo pintado para o carnaval. Não havia como calcular quantas pessoas a Escama do Dragão havia matado, mas mesmo assim ela não pôde evitar pensar que aquilo era lindo. Naturalmente, estava morta de tédio. O que não ajudou.

– Talvez você vá levar mais do que um sermão do Ben Patchett – disse o Bombeiro. – E talvez tenha direito a um olhar muito infeliz e uns grandes suspiros tristes de Tom Storey. Nada deixa uma pessoa mais baixo-astral e mais envergonhada do que decepcionar o velho. É como dizer a um Papai Noel de shopping que você sabe que a barba dele é falsa.

– Eu não acho que vá ter problemas com Pai Storey.

Ele a encarou com um olhar incisivo, penetrante, e todo o bom humor sumiu de sua expressão.

– Melhor me contar tudo, então.

Ela lhe contou como havia trepanado o crânio de Pai Storey com uma furadeira elétrica e desinfetado o furo com vinho do Porto. Contou-lhe sobre Ben no frigorífico de carne, sobre os presidiários algemados e o pano de prato recheado de pedras. Então teve de rebobinar um pouco para lhe narrar sua última conversa com Pai Storey na canoa.

O Bombeiro não fez muitas perguntas... até ela reproduzir a última conversa com o velho.

– Ele ia exilar uma pobre garota por ter roubado uma xícara e latas de apresuntado?

– E um pingente. E a Mãe Portátil.

Ele balançou a cabeça.

– Mesmo assim. Não parece coisa do Tom.

– Ele não ia exilar a menina por ter roubado. Ia exilar a menina porque ela era *perigosa*.

– E ele sabia disso porque a tinha confrontado em relação aos roubos e ela... fez o quê? O ameaçou?

– Algo assim – respondeu Harper.

Mas ela franziu a testa. Era difícil lembrar agora exatamente o que Tom tinha dito e de que forma o tinha dito. A conversa parecia ter acontecido meses antes, não dias. Achou enlouquecedora aquela dificuldade para lembrar o que ele tinha lhe dito sobre a ladra; havia momentos em que tinha a sensação de que ele não chegara a mencionar roubo em momento algum.

– E por algum motivo ele decidiu que precisava ir para o exílio *junto* com essa ladra?

– Para cuidar dela. Ele ia procurar a ilha da Martha Quinn.

– Ah, a ilha da Martha Quinn. Gosto de imaginar esse lugar cheio de refugiados dos anos 1980 andando para lá e para cá com roupas de lycra e de oncinha. Espero que Tawny Kitaen esteja lá. Ela ocupava o centro das minhas primeiras fantasias sexuais. E quem Tom ia deixar responsável pela colônia?

– Você.

– Eu? – Ele riu. – Tem certeza de que ele não disse tudo isso *depois* de levar a bordoadada na cabeça?

Não consigo imaginar ninguém pior para essa tarefa.

– Que tal a Carol?

Ele estava sorrindo, mas ao ouvir isso sua expressão tornou a ficar infeliz.

– Gosto tanto da Carol como santa sacerdotisa quando gostaria de outro chute nas costelas.

– Você acha que ela é de boa índole?

– Tenho *certeza* de que ela é de boa índole. Quando o seu governo estava torturando uns pobres coitados para encontrar o Bin Laden, *eles* tinham boas intenções. O pai da Carol tinha uma influência moderadora sobre ela, uma força que acalmava sua personalidade frágil. Sem ele, *bom*. Como ameaças externas, Carol tem Patrulhas de Quarentena, a polícia e Bondes de Cremação. Tem a ladra e os tais dois presidiários gerando pressão interna. O medo não tende a fazer as pessoas moderarem seu uso de táticas extremas. Principalmente pessoas como a Carol.

– Eu não sei. Ela nem queria o cargo. Recusou três vezes antes de aceitar.

– César fez a mesma coisa. Eu só queria que a Sarah... – Ele não completou a frase, e lançou um olhar frustrado na direção da fornalha. Então baixou os olhos e tornou a tentar. – Não que a Sarah fosse ter contido a irmã, nem tentado tomar a colônia dela nem nada disso. Mas ela teria tentado lançar uma corda para a Carol caso visse que a irmã mais nova estava se afogando. É com isso que eu me preocupo, sabe. O risco de a Carol se afogar na própria paranoia já é grande o suficiente. Mais grave ainda é que vítimas de afogamento puxam os outros para baixo junto com elas, e nesse momento Carol está abraçada com a colônia inteira.

Um nó de madeira estalou dentro da fornalha, um estalo seco de carvão.

– Como era a Sarah? Diferente da Carol, imagino. Mais parecida com o Tom?

– Tinha o mesmo senso de humor do Tom. Tinha também mais determinação do que qualquer outra pessoa que eu já conheci. Ela se jogava nas coisas feito uma bola de boliche. Dá para ver um pouco disso na Allie, sabe? Sarah sempre fazia eu me sentir um dos dez pinos. – Ele lançou um olhar demorado, lento e reflexivo para as chamas que pulavam dentro da fornalha... em seguida virou a cabeça e abriu para Harper um sorriso encantador, quase de menino. – Imagino que isso seja uma descrição bem exata de um certo tipo de amor, né?

– O que dizer sobre Sarah antes de ela me conhecer? Grávida aos 17 anos do seu professor de piano, um lituano de beleza angelical poucos anos mais velho do que ela. Expulsa da escola particular onde seu pai era professor. Tom, seu melhor amigo em todo o mundo e o homem mais capaz de perdoar que ela conhece, diz coisas horríveis para a filha e a expulsa de casa para morar com parentes. Ela termina o ensino médio em desgraça numa escola pública, com o barrigão debaixo do moletom. Se casa num cartório um dia depois de se formar. Seu lituano, humilhado e sem conseguir arrumar emprego de professor, volta a dar aulas particulares, e é nessa hora que a Sarah descobre que trepar com as alunas é um dos tiques nervosos dele. Não importa... ela continua casada, porque se deixasse o marido teria de voltar para casa, e tinha prometido a si mesma nunca mais pedir nada ao pai na vida. Então ela decide que o único jeito de salvar o relacionamento é ter outro bebê. Estou indo depressa demais? Prometo que já vamos chegar à parte interessante.

– Que parte? – indagou Harper.

– A parte em que eu entro na história. Nick nasce. Nick é surdo. O pai sugere doar o bebê para a adoção, já que nunca vai conseguir ter um relacionamento com um pirralho defeituoso incapaz de apreciar sua música. Sarah sugere que o marido arrume outro lugar para morar e o manda embora de casa. Em uma noite de outubro, ele arrebenta a porta de tela da casa às quatro da manhã e ameaça a família inteira com uma raquete de badminton. Sarah solicita uma medida cautelar de afastamento contra ele. Ele reage aparecendo na escola da Allie, supostamente para levar a filha a uma consulta no dentista, e em seguida sumindo com a menina.

– Meu Deus.

– O cara foi preso quatro *longos* dias depois, num hotel de beira de estrada perto da fronteira com o Canadá, onde estava tentando dar um jeito de chegar a Toronto sem um passaporte para a filha. Pelo que entendo, a intenção dele era chegar à embaixada lituana e tentar voltar para a Europa com a menina. Ele se enforcou quando estava em liberdade condicional.

– Parece que tanto a Sarah quanto eu arrumamos nossos maridos na mesma loja – comentou Harper.

– A última valsa do professor de piano teve pelo menos uma consequência boa. Naqueles dias terríveis em que Sarah não sabia onde Allie estava, o pai dela apareceu na sua casa para fazer o que pudesse pela filha. Certificou-se de que Sarah dormisse e comesse, abraçou-a quando ela chorou, cuidou do Nick. Era a sua chance, entende... de ser o pai que ela queria, o pai que Sarah acreditava que ele fosse antes de ele a deixar na mão de modo tão completo e colossal. Eu conheço Tom, e duvido que ele algum dia tenha de todo se perdoado por ter virado as costas para a filha quando ela era uma criança assustada e grávida.

“Tom ficou meses com ela. Mais tarde, Sarah se mudou para mais perto da casa dele, e Tom passou a ajudar com as crianças quando ela voltou a cursar serviço social na faculdade. Assistência aos deficientes, era o seu campo de atuação.

“Por acaso, Tom Storey vinha supervisionando o culto religioso na Colônia Wyndham desde os anos 1980, e uma década mais tarde foi nomeado seu diretor. Na primavera em que Nick completou 7 anos, Sarah sugeriu à colônia um programa de quinze dias para surdos, e Tom possibilitou sua realização.

“Eles começaram a procurar monitores que soubessem linguagem de sinais, e eu atendo a esse requisito. Aprendi quando era pequeno com minha mãe irlandesa surda... fato esse que, devo acrescentar, encantou uma boa parte das crianças, que gostavam de dizer que minhas mãos tinham sotaque irlandês. Eu estava aqui nos EUA fazendo mestrado, e fiquei feliz por arrumar um emprego de verão com uma remuneração decente. *Não tem como* um sujeito ganhar a vida neste maldito país vendendo Pipiu de Smurf. Vou dizer uma coisa: quem trafica heroína e passa cristal transformou isso aqui num lugar horrível para ser um traficante de drogas simples e honesto, que quer proporcionar aos seus clientes uma experiência produzida com todo cuidado.

“Tom me contratou para ensinar coisas sobre a natureza... que frutas se pode comer, que folhas não usar para limpar a bunda, como acender um fogo sem fósforos. Eu sempre fui especialmente bom nesse último truque. Quando a gente chegava, cada um recebia um nome bonitinho. O meu era John Wood, por

causa do meu sobrenome. Sarah era Sarah Ranger.

“Tivemos uns dias de orientação e treinamento antes de as crianças chegarem, e não precisei passar muito tempo aqui para ver que o apelido Wood iria ser um problema, já que um dos significados da palavra *wood* é *pau*. Já no primeiro dia, a Sarah me cumprimentou dizendo: ‘Oi, Pau’, com uma expressão encantadora de doce inocência no rosto. Os outros monitores escutaram e passaram mal de tanto rir. Em pouco tempo todo mundo estava me chamando assim. ‘O Pau está com quem hoje?’ ‘Ah, gente, não peguem tão pesado com o Pau.’ ‘Passei a manhã inteira com o Pau por aí.’ Enfim, você entendeu.

“Bom, na noite anterior à chegada das crianças, a gente estava tomando umas cervejas e eu disse à Sarah que talvez um dia, se ela tivesse sorte e fizesse tudo direitinho, talvez acordasse abraçada no Pau. Isso valeu algumas risadas. Ela disse que preferiria acordar com uma farpa num lugar esquisito, e as pessoas riram mais ainda.

“Perguntei como ela havia conseguido o apelido de Sarah Ranger, e ela respondeu que, como era diretora do programa, podia escolher o próprio apelido. Então anunciei que, segundo o antigo direito inglês, eu podia contestar sua autoridade com um julgamento por combate. Falei que iríamos acertar as coisas nos dardos. Cada um teria direito a um lançamento. Se eu acertasse mais perto do centro, poderia mudar tanto o apelido dela quanto o meu. E já fui logo avisando que iria escolher Mestre das Matas para mim e Coelhoinha da Colônia para ela. Ela falou que eu iria perder e que me diria meu novo nome depois do jogo, e que eu em breve estaria com saudade da época em que era apenas o velho Pau.

“Agora todo mundo estava falando muito sério. Quando digo ‘muito sério’, quero dizer que estavam ‘rolando no chão chorando de tanto rir’. Eu achava que tinha boas chances. Quando estava na graduação, passava mais tempo nos *pubs* jogando dardos do que em sala de aula anotando a matéria. Eu me posicionei bem para trás, e acertei quase no centro do alvo sem ter sequer me aquecido. De repente, todo mundo se calou. Assombrados pelo meu poder.

“Sarah nem piscou. Tirou do cinto uma machadinha, andou até a linha e lançou. Não só acertou o meio do alvo como partiu o alvo ao meio. ‘Você nunca disse que precisava ser um dardo’, falou para mim. Bom, foi assim que eu virei John Lançador. Por saber tão bem lançar um dardo.

“E acho que foi aí que começou... o sentimento de que tínhamos sido feitos para ficar juntos.

“Na época em que a colônia iniciou oficialmente as atividades, Allie e a mãe mal estavam se falando. Allie, que tinha só 14 anos, fora dispensada pelo terceiro terapeuta depois de atirar um peso de papel no saco dele. Havia destruído o carro da mãe ao levar uns meninos para dar uma volta. Meninos mais velhos. Eu não sabia dizer quanto do seu comportamento se devia a ter sido raptada pelo pai no terceiro ano do fundamental, mas com certeza sua raiva ia muito além das coisas de adolescente normais. Allie odiava a mãe por exercer qualquer controle sobre ela, e ficava uma fera por ter sido forçada a trabalhar como aprendiz de monitora. Esses primeiros dias foram bem ruins. Allie se afastava das outras crianças para ficar fazendo coisas no celular. Se não gostava do que estavam servindo no refeitório, saía da colônia e pegava carona até a cidade para encontrar amigos. E assim por diante.

“Sarah decidiu que Allie iria acompanhá-la numa trilha de dois dias até o Poço de Jade, uma piscina de água gélida ao pé de um despenhadeiro de seis metros. Talvez tivesse resolvido estrangular a filha, e imaginou que seria mais fácil ocultar o corpo nas profundezas escuras da mata. Elas precisavam de um terceiro adulto, e escolheram a mim. E lá fomos nós, junto com doze crianças pequenas, fazer a trilha de 16 quilômetros em meio a uma nuvem de mosquitos. Tudo que posso dizer é graças a Deus que as crianças eram surdas. Allie e Sarah passaram o caminho inteiro se xingando. Bastou Allie olhar o celular uma vez para Sarah confiscar o aparelho. Ela puxava galhos e os soltava na cara da mãe. As crianças sabiam que alguma coisa estava errada, e começaram a ficar cada vez mais agitadas.

“Quando chegamos ao Poço de Jade, as duas já estavam aos gritos uma com a outra. Todos tinham pegado sol demais e sido devorados por insetos. Sarah estava uma fera com Allie por ter esquecido o repelente no ônibus, e Allie estava com raiva de Sarah por culpá-la pelo erro, e eu estava pronto para desistir. Elas estavam em pé quase na borda do despenhadeiro, e eu não consegui me conter. Segurei as duas pelo braço e as joguei lá embaixo, de bota e tudo. E sabe o que aconteceu? Elas subiram à superfície rindo... rindo e cuspiendo água uma na outra.

“As duas passaram o resto da trilha implicando comigo. Quando serviram cachorro-quente, me deram um belo absorvente interno usado dentro do pão. Abriram o telhado da minha barraca às duas da manhã e me jogaram água fria. Me borrifaram laquê em vez de protetor solar. E sabe o que mais? Foi ótimo. A volta foi tão feliz quanto a ida tinha sido um horror. As crianças passaram a me proteger de Sarah Ranger e do Projeto de Vândala Allie. Principalmente Nick. Acho que ele decidiu que era responsabilidade especial dele me proteger de suas parentes loucas. Ele foi meu guarda-costas durante o resto do verão.

“Houve outra trilha de dois dias no último fim de semana da colônia. Foi nessa noite que Sarah abriu o zíper da minha barraca. Só disse uma coisa. ‘Eu fiz tudo direitinho?’

“Depois disso, tivemos quase exatamente um ano juntos como casal. Ela tinha o sonho de nadar na Grande Barreira de Coral. Queria que tivéssemos ido lá. Queria que tivéssemos lido um para o outro. Tivemos um fim de semana romântico em Nova York enquanto o pai dela cuidava das crianças. Queria que tivéssemos tido outros. Queria que não tivéssemos passado tanto tempo em frente à TV. Até que era legal, a gente ficava agarradinho, ria do Stephen Colbert e do Seth Meyers, mas não gerou grande coisa em matéria de recordações. A gente fazia coisas normais, banais. Pedia uma pizza, jogava Master com a irmã e o pai dela. Ajudava as crianças com o dever. Lavava mais louça juntos do que transava. Que tipo de vida é essa?”

– Vida real – respondeu Harper.

Ele não tinha olhado para ela sequer uma vez enquanto narrava a história do seu namoro. Ficou, isso sim, olhando para a própria sombra, que subia e descia num movimento como que de maré à medida que a luz do fogo pulsava dentro da fornalha aberta.

– Passo mais tempo pensando nas coisas que gostaria que tivéssemos feito do que pensando nas coisas que *de fato* fizemos. Foi como se tivéssemos aberto a garrafa de vinho perfeita e tomado um gole cada um... aí um garçom desastrado tivesse derrubado a garrafa no chão antes de conseguirmos beber mais.

Ele prosseguiu:

– A primeira vez que vi o esporo foi num almoço de apresentação na Sociedade de Micologia de Boston, três meses antes de Seattle. – Ele não precisou explicar o que significava *Seattle*. Harper sabia que estava se referindo à Space Needle. – Um cara chamado Hawkins, que tinha acabado de chegar da Rússia, fez um PowerPoint de quarenta minutos sobre o tema. Não sei o que me deixou mais assustado, as fotos ou o próprio Hawkins. Ele ficava com a boca seca toda hora. Bebeu meia jarra de água enquanto estava em pé atrás do atril. E falava com uma voz tão baixa que era preciso se esforçar para ouvir o que ele dizia. Só conseguíamos captar pedacinhos: “vetores da doença”, “pontos de contágio”, “combustão celular”. Enquanto isso, ele ia mostrando umas imagens de filme de terror de cadáveres carbonizados, só dentes e carne enegrecida. Uma coisa eu posso dizer: demorou alguns segundos antes de alguém voltar ao bufê, mas o bar com certeza encheu. Na conclusão, o tal Hawkins disse que, apesar de ter havido apenas 76 mortes conhecidas em Kamchatka como resultado direto do esporo, isso havia resultado em incêndios florestais que tinham posto fim à vida de outras 530 pessoas. Os danos a áreas urbanas chegavam quase a oitenta milhões de dólares, e os russos tinham perdido quase 1,8 mil hectares das florestas madeiras mais caras do mundo. Segundo ele, três casos recentes no Alasca sugeriam que o patógeno talvez tivesse um modo de transmissão diferente dos vírus tradicionais, e que era urgente fazer mais estudos. Com base nas contas dele, 250 mil doentes nos Estados Unidos acarretariam facilmente a morte de mais de vinte milhões de pessoas, e poderiam transformar dois milhões e meio de hectares em cinzas.

– Quanto é isso?

– Mais ou menos a área de Massachusetts. Devo dizer que ele na época nos deixou apavorados, mas em retrospecto foi extremamente conservador. Acho que os seus cálculos não levaram em conta um colapso social tão grave que não sobraria ninguém para combater os incêndios.

“Mas sabe... quando chegou a hora do jantar, eu quase já tinha parado de pensar no assunto. Aquilo não levou muito tempo para ficar parecendo apenas mais um dos apocalipses possíveis, porém improváveis, deste século, como uma epidemia de gripe aviária que matasse bilhões ou um asteroide que partisse o planeta ao meio. Não há nada que se possa fazer em relação a isso, está acontecendo com gente pobre do outro lado do mundo, e as crianças precisam de ajuda com o dever de casa, então você simplesmente para de pensar no assunto.

“Até onde eu *consegui* parar. A coisa aparecia na linha de assunto de todos os e-mails e nos trinta principais *threads* de todos os fóruns da comunidade de micologia. Houve seminários na web, conferências, um comitê presidencial. Houve um relatório apresentado ao Senado. Durante algum tempo, acompanhei tudo isso por interesse acadêmico. Além do mais, enfermeira Willowes, você me conhece, sabe como eu gosto de me exibir. O que aprendi sobre o esporo me proporcionou enorme sucesso nos churrascos de fundo de quintal. Acho que não me dei conta, num nível humano, que esse troço algum dia fosse chegar na *nosso* quintal até Manitoba começar a pegar fogo e ninguém conseguir apagar. Isso foi mais ou menos um mês antes dos primeiros casos de Boston.

“Mas de que adiantava saber? Se fosse uma peste igual a outras pestes, as pessoas se esconderiam. Iriam para a mata. Pegariam quem amassem e iriam se esconder em algum lugar, trancariam a porta e esperariam a infecção consumir a si mesma. Mas *isso*. Uma pessoa infectada com o esporo poderia dar

início a um incêndio que dizimaria metade do estado. Se esconder na mata seria como se esconder numa fábrica de fósforos. Pelo menos as cidades têm corpos de bombeiros.

“Posso dizer exatamente quando e como eu fui contaminado. Posso contar onde *todos nós* estávamos quando fomos contaminados, porque é claro que estávamos juntos. No iníciozinho de maio, tínhamos feito uma pequena festa para os 30 anos da Carol. Sarah e eu tínhamos acabado de ir morar juntos. A gente tinha uma piscininha, mas estava tão frio que ninguém quis entrar a não ser ela. A festa não foi grande coisa, só Tom, as crianças, Sarah, Carol, eu, e um bolo sem glúten para a aniversariante.

“Sarah e eu muitas vezes tínhamos debates noite adentro sobre se a Carol já tinha transado ou não. Quando mais jovem, ela fora noiva de um rapaz muito dedicado que todo mundo sabia ser homossexual, exceto, pelo visto, a própria Carol. Acho que ele era um daqueles jovens gays decentes e atormentados, que são atraídos pela religião porque acham que vão conseguir deixar de ser gays rezando. Sarah me disse que não achava que os dois tivessem dormido juntos, embora trocassem uns e-mails bem apaixonados. Carol foi visitar o noivo de surpresa quando ele estava fazendo residência num instituto de Teologia em Nova York, e flagrou o cara na cama com um aluno de dança cubano de 19 anos.

“Uma vez perguntei para Sarah se ela achava que *a própria* Carol poderia ser gay, e depois de passar um longo tempo com a testa franzida ela enfim respondeu que, na sua opinião, Carol sobretudo simplesmente detestava o conceito de sexo em si. Detestava o conceito de desordem. Carol queria que o amor fosse feito uma barra de sabão: uma limpeza purificadora e higiênica. Sarah disse também que Carol era muito apegada ao pai, e que ele na verdade era o único homem que jamais tivera importância para ela.

“Carol e Sarah podiam se mostrar bem desconfiadas uma com a outra. Quando Sarah era adolescente e engravidou, Carol mandou uma carta lhe passando um sabão sobre ter magoado o pai e jurando nunca mais falar com ela. E, de fato, ficou sem falar com ela até Nick nascer. Sarah tornou a abrir um espaço em sua vida para a irmã caçula, mas as coisas entre as duas sempre foram tensas. Carol era capaz de competir por atenção de um jeito tão infantil que chegava a ser engraçado. Se Sarah estivesse ganhando no Scrabble, fingia um acesso de tosse, dizia estar com alguma alergia e obrigava seu pai a levá-la de carro até o hospital. Se Sarah e Tom começavam a conversar sobre Victor Hugo, Carol insistia que Sarah na verdade não podia avaliar os romances porque não os lera no original em francês. Sarah só fazia rir desse tipo de coisa. Acho que ela sentia pena demais de Carol para competir com ela, e vivia se esforçando para fazer coisas legais pela irmã. Como na festa de aniversário.

“Eu estava juntando energia para entrar em casa e pegar outra cerveja quando uma grande pancada soou, como se alguma coisa pesada tivesse caído de um caminhão bem longe dali, alguma coisa tão pesada que fez a água da piscina estremecer. Todo mundo olhou em volta, até Nick, que sentiu a vibração com os pés.

“Sarah estava em pé no lado raso da piscina, toda arrepiada, com a boca azul e muito bonita, prestando atenção para ver se haveria mais alguma coisa. Nick foi o primeiro a ver: uma torre de fumaça negra e oleosa vinda do final do quarteirão. Ouviu-se outra pancada, e mais outra, então várias em rápida sequência, altas o suficiente para sacudir as janelas e fazer os talheres pularem.

“Sirenes começaram a tocar. Sarah falou que achava que era a farmácia CVS da esquina, e perguntou se eu poderia ir dar uma olhada na rua e ver.

“Vários dos vizinhos tinham saído para as calçadas e estavam em pé debaixo das árvores. A brisa rodopiava e soprava a fumaça pela rua. Nossa, que fedor. Um fedor de pneu queimado e ovo podre.

“Desci pelo quarteirão até conseguir ver a CVS. Uma das laterais da farmácia era uma parede revolta e vermelha de chamas. Uma mulher chorava no meio-fio, e usava a própria camiseta para enxugar as lágrimas. Como eu tinha um lenço, passei para ela e perguntei se ela estava bem. Ela me disse que um cara de moto tinha entrado no armário de metal em frente à farmácia, onde ficavam armazenados os botijões de gás, que explodiram como num espetáculo dos maiores fogos de artifício do mundo. Alguém falou que tinha sido um baita acidente, e ela dizia que não tinha sido só um acidente. Disse que o cara estava pegando fogo *antes mesmo* de bater nos botijões. Disse que parecia o *Motoqueiro fantasma*. Disse que o visor do capacete dele estava levantado, e que lá dentro havia uma caveira em chamas, só labaredas e dentes arreganhados.

“Voltei para casa com a intenção de mandar todo mundo entrar. Não por qualquer motivo claro. Apenas uma... uma vaga apreensão. Eles estavam exatamente no mesmo lugar onde eu os tinha deixado, com o rosto erguido para olhar a fumaça no céu. Estavam todos juntos ali no meio da neve. Porque tinha começado a nevar, entende? Grandes flocos de cinzas que pareciam plumas. Caindo no cabelo de todo mundo. Caindo em cima do bolo de aniversário.

“Umas duas semanas depois disso, Nick acordou Sarah e eu para nos mostrar a listra em seu pulso.

Nem perguntou o que era. Ele já sabia. Encontrei minha primeira marca nessa mesma tarde. Em quatro dias, estávamos todos rabiscados com a Escama do Dragão... todo mundo menos a Sarah.”

8

– Todo mundo menos a Sarah? – indagou Harper.

– Acho que isso é história para outra noite.

– Você deve sentir muita saudade dela.

A voz do Bombeiro havia perdido intensidade, e ele tinha os olhos pregados na fornalha aberta do outro lado do recinto, um olhar vazio, vidrado. Levantou-se devagar, olhou em volta e sorriu.

– Ela continua comigo.

A pulsação de Harper latejou em seu pescoço.

– Como assim?

– Eu falo com ela quase todos os dias. – Ele estreitou os olhos até virarem fendas e olhou com atenção para a penumbra tremeluzente, como se a estivesse vendo em algum lugar ali do outro lado do casebre. – Sempre consigo imaginar exatamente o que ela diria para debochar de mim. Quando faço uma pergunta a mim mesmo, a voz que responde é a dela. A gente aprende a pensar na personalidade como um bem singular, demonstrado. Todas as ideias, crenças e atitudes que fazem de você *você*, somos criados para acreditar que são um conjunto de arquivos armazenados no cofre-forte da mente. A maioria das pessoas não faz ideia do quanto de si guarda *do lado de fora*. A sua personalidade não é só uma questão do que você sabe, mas do que os outros sabem sobre você. Você é uma pessoa com sua mãe, outra com seu par, e uma terceira com seu filho ou filha. Essas outras pessoas *criam* você tanto quanto você *mesmo* se cria, elas lhe dão seu acabamento. Quando você se vai, aqueles que deixou para trás guardam a mesma parte sua que sempre tiveram.

Ela franziu os lábios e soltou uma expiração junto com um assobio. Ele estava falando sobre lembranças, não sobre fantasmas.

O olhar do Bombeiro se voltou para a portinha aberta na lateral da fornalha, e ela pensou: *Pergunta a ele sobre o que você viu, pergunta a ele sobre o rosto*. Algum instinto de cautela a impediu. Ela pensou que, se o pressionasse agora, ele iria bancar o bobo, fingir que não sabia do que ela estava falando. E, afinal, havia outras questões mais importantes em relação às quais pressioná-lo.

– Você mal tocou no seu café – comentou. – Agora esfriou.

– Isso é fácil de resolver – disse ele, e ergueu a caneca de metal com a mão esquerda.

Os hieróglifos dourados que eram as marcas da sua Escama do Dragão se acenderam e piscaram. Sua mão se transformou num cálice de fogo. Ele girou a caneca lentamente entre os dedos, e a bebida lá dentro começou a fumar.

– Queria que houvesse algum tratamento para essa sua avidez por atenção – disse ela.

– Como assim, você acha que eu estou me exibindo? Isso aqui não é nada. Ontem, sem poder sair da cama, tão morto de tédio quanto de dor por causa do meu peito esmagado, eu aprendi a peidar anéis de fumaça de três cores diferentes. *Isso sim* foi impressionante.

– Que bom que alguém está se divertindo com o fim do mundo.

– Por que você acha que o mundo está chegando ao fim? – Ele soou genuinamente surpreso.

– Com certeza isso está me parecendo o fim do mundo. Quinze milhões de pessoas estão infectadas. O Maine agora parece Mordor... um cinturão de cinzas e veneno com mais de 150 quilômetros de largura. O sul da Califórnia está pior ainda. Pelas últimas notícias que recebi, a região estava em chamas de Escondido até Santa Maria.

– Que merda. Eu sabia que não deveria ter adiado a visita aos estúdios da Universal.

– Que parte do fim do mundo você está achando engraçada?

– Todas. Principalmente o conceito arrogante de que o mundo vai acabar só porque talvez os humanos não passem deste século. Pelo que eu sei, nós nunca nos mostramos devidamente gratos por termos atravessado o último século. A humanidade é pior do que moscas. Se um mísero pedacinho seco de carne podre sobreviver ao fogo, vai todo mundo se jogar em cima. E brigar para ver quem é seu dono, e para vender os pedaços mais cheirosos para os ricos e os crédulos. Você está com medo de ser o Fim dos Tempos porque estamos cercados por morte e por ruínas. Mas você não sabia, enfermeira Willowes? A morte e a ruína são o ecossistema *preferido* do homem. Já leu sobre a bactéria que prospera dentro dos vulcões, bem à margem da rocha fervente? Somos nós. A humanidade é um germe que prospera bem na

fronteira da catástrofe.

– Para quem você faz esses discursos quando eu não estou por perto?

Ele deu uma sonora risada, então se encolheu e fez uma careta.

– A ideia de morrer de rir é mais romântica na teoria do que na prática.

Ela se virou de frente para ele e cruzou as pernas como quem se prepara para meditar.

– Me ensina o que você sabe fazer.

– O quê? Não. Eu não posso. Não adianta me perguntar como eu faço. Nem eu mesmo entendo. Não posso ensinar porque não tem nada para ensinar.

– Nossa, como você mente mal.

Ele pousou no chão sua tigela de aveia.

– Estava horrível. É feito comer cola. Eu teria me dado melhor catando insetos debaixo de pedras.

Que tipo de analgésico você tem nessa sua sacola? Preciso de alguma coisa potente para me derrubar. Não dormi mais de dez minutos seguidos nos últimos três dias.

Ela se levantou e vasculhou a sacola de compras de tecido no chão. Voltou com duas ampolas de plástico escorregadias de Advil.

– É tudo que eu posso dar. Faça um intervalo de no mínimo seis horas antes de tomar o segundo...

– Tá de brincadeira, que diabo é isso? – exclamou ele. – *Advil?* Um rele *Advil?* Você não é enfermeira. Você é uma torturadora do terceiro mundo.

– Eu estou *desesperada*, Sr. Rookwood, isso sim. Está vendo aquela sacolinha de compras? Lá dentro tem um kit de primeiros socorros. Ele contém mais da metade de todo o material médico de que disponho para cuidar de 150 pessoas, incluindo um paciente idoso em coma com um furo de meio centímetro no crânio.

Ele a encarou com uma expressão esgazeada, exausta.

– Você precisa de material.

– E como. Curativos. Morfina. Antibiótico. Compressas para queimaduras. Anti-histamínicos. Um desfibrilador. Norma Heald tem artrite reumatoide, e nas manhãs em que faz frio mal consegue abrir as mãos. Ela precisa de Plaquinol. Michael é diabético e daqui a dez dias a insulina dele vai acabar. Nelson Heinrich tem pressão alta e...

– Tá, tá bom. Já entendi. Alguém tem que assaltar uma farmácia.

– Alguém tem que assaltar uma *ambulância*.

– Sim, acho que isso resolveria, né? – Ele tocou delicadamente a lateral do próprio corpo. – Vou precisar de uns quatro ou cinco dias para estar pronto. Não, melhor uma semana. Estou dolorido e cansado demais para fazer o que precisa ser feito agora.

– Você não vai estar pronto para ir a lugar nenhum por pelo menos de duas a quatro semanas. Duvido que consiga andar até a capela no seu estado atual.

– Ah, eu não vou. Vou mandar minha Fênix. Agora escuta. Tem uma casa...

– Como assim, mandar uma fênix? – Assim que falou, Harper se lembrou do amigo do Homem de Marlboro, Marty, falando de maneira quase indistinta: *Um gigantesco pássaro de chamas com dez metros de envergadura mergulhou em cima deles. Passou tão perto que os sacos de areia pegaram fogo!*

– Ah, só mais um dos meus pequenos truques. Uns fogos de artifício para impressionar os nativos, e felizmente algo que eu posso gerenciar de longe. Você e algumas mãos de confiança vão querer achar uma rua lateral bem longe da colônia. A Verdun Avenue serviria, fica em frente ao cemitério, e eu por acaso sei que a casa número 10 está vazia. Estacionem em frente a essa casa e...

– Como você sabe que essa casa está vazia?

– Sarah e eu morávamos lá. Daqui a uma semana a contar de hoje à noite, quero que vocês liguem para a emergência. Liguem de um celular, acho que o Ben ficou com uma coleção. Avisem que o seu querido pai idoso está enfartando. Quando eles perguntarem, jure que ele não tem a Escama do Dragão. Digam que ele precisa de uma ambulância e esperem.

– Eles não vão mandar uma ambulância sem escolta policial.

– Sim, mas não se preocupe com isso. É para isso que serve a Fênix... meu pequeno show de luzes. Quando eles pararem em frente à casa, vou dar um jeito de todo mundo ser enxotado de lá, e você poderá sair correndo com todo o material que quiser. Queria que pudesse simplesmente ir embora na ambulância, mas...

– Ela deve ter um rastreador. Ou algum outro jeito de ser localizada.

– Pois é.

– Não quero que ninguém se machuque. As pessoas da ambulância estão arriscando a vida para

cuidar dos outros.

– Ninguém vai se machucar. Vou deixar eles morrendo de medo, mas só.

– Odeio pedir sua ajuda. Você sempre faz isso. Torna misterioso o que não precisa ser misterioso, porque gosta de fazer todo mundo ficar se perguntando como você faz. Que prazer barato.

– Não me negue meus pequenos prazeres. Você vai conseguir tudo o que quer. Não há motivo para eu também não conseguir um pouco do que eu quero.

– Não vou conseguir *tudo*. Se eu conseguisse fazer o que você consegue, não *precisaria* implorar por ajuda. Por favor... John. Não pode pelo menos *tentar* me ensinar?

Ele olhou para trás dela na direção da fornalha e tornou a encará-la.

– É como pedir para um peixe ensinar você a respirar debaixo d'água. Agora vá indo. Meu corpo está dolorido e eu preciso dormir um pouco. Não volte sem cigarros.

– Você tentou ensinar *a ela*? À Sarah?

Ele pareceu se encolher para longe dela. Por um instante, seus olhos exibiram tanto choque e tanta dor que foi como se ela o tivesse golpeado nas costelas.

– Não. Eu não. – O que era uma negação estranha, pensou ela mais tarde. Ele se deitou e se virou para o lado que não estava machucado, deixando-a de frente para a curva ossuda de suas costas. – Você não tem mais gente para cuidar? Vá tranquilizar outro com o bálsamo da sua conversa ao pé da cama, enfermeira Willows. Eu já tomei minha dose.

Ela se levantou e calçou os sapatos. Vestiu a parca e fechou o zíper. Pegou a sacola do chão. Parou com a mão no trinco.

– Eu hoje passei três horas escondida dentro de um armário, com meu ex a menos de quatro metros de distância. Tive três horas para ouvir ele falar sobre as coisas que fez com os doentes. Ele e seus novos amigos. Três horas para ouvir ele falar sobre as coisas que faria comigo se tivesse uma oportunidade. Do ponto de vista deles, os vilões da história somos *nós*. Se ele me vir de novo, vai me matar. Se pudesse, mataria todo mundo na colônia. E depois disso sentiria que teve um bom dia de trabalho. Na sua cabeça, ele é aquele cara de chapéu de caubói de *The Walking Dead* exterminando os zumbis.

O Bombeiro não respondeu nada.

– Você me salvou uma vez – continuou ela. – Vou ficar devendo isso pelo resto da vida, dure ela quanto durar. Mas se eu morrer nos próximos dois meses e você pudesse ter me ensinado como ser igual a você... como me proteger? Vai ser como se tivesse ficado escondido na mata naquela noite e deixado o Jakob me matar.

As molas da cama rangeram desconfortavelmente.

– Eu vou viver para ter este filho. Se Deus puder me ajudar a atravessar os próximos três meses, eu vou rezar. Se a Carol Storey puder me manter viva, vou cantar “Kumbaya” com ela até ficar com a garganta rouca. E se você puder me ensinar algo útil, Sr. Rookwood, eu posso até aturar sua atitude superior, sua falta de modos e seus sermões de filosofia de meia-tigela. Mas não pense nem por um segundo que eu vou desistir. Você tem alguma espécie de remédio para se manter vivo. Eu quero isso. – Ela abriu a porta. O vento entrou uivando num tom ao mesmo tempo aterrorizante e melodioso. – E mais uma coisa. Eu não disse que não tinha cigarro. Eu disse que não tinha cigarro *para você*. E vou continuar *não tendo*... até você pôr seu chapéu de professor e me dar minha primeira aula de como sobreviver à combustão espontânea. Até esse dia chegar, meus Gauloises vão continuar dentro da minha sacola de compras.

Assim que ela fechou a porta, ele começou a berrar. Harper aprendeu alguns palavrões novos no caminho de volta até o barco. *Água de buceta mal-lavada* foi um dos melhores. Esse ela teria que guardar para uma ocasião especial.

Harper não sabia que havia alguém à sua espera no cais até o barco bater nele e a pessoa estender a mão para pegar o remo.

– Quer ajuda para saltar, enfermeira? – Jamie Close lhe ofereceu a mão.

Foi como se a própria escuridão houvesse falado. Harper mal conseguia destacar a silhueta atarracada e parruda de Jamie dos pinheiros pretos ondulantes e da tormenta preta de nuvens pretas num céu preto. Havia mais alguém com ela, amarrando a proa do barco num cunho. Allie. Harper a reconheceu pela silhueta esguia e andrógina e pela graça veloz.

Harper segurou a mão de Jamie, então hesitou. A sacola de tecido cheia de material estava enfiada debaixo do banco no qual ela estava sentada, uma sacola de compras feita de lona na qual estavam o rum, os cigarros, o café solúvel e o chá, entre outras coisas. Segundo as antigas regras da colônia, o que era seu pertencia a todos... mas ela agora iria escrever as próprias regras. Se bebida e cigarros podiam comprar os segredos do Bombeiro, então a colônia teria de ficar sem eles.

Harper levou a mão até debaixo do banco e pegou o kit de primeiros socorros que estava por cima na bolsa. Levantou-se e deixou o resto onde estava.

Olhou para trás de Jamie e tentou cruzar olhares com Allie, mas a adolescente já havia se levantado de junto do cunho e virado de costas. Estava tremendo... de raiva, pensou Harper, não de frio. Trazia uma espingarda no ombro. Jamie também.

– Desculpe não ter voltado antes, Allie. Entendo se você estiver brava comigo. Se tiver tido qualquer problema por minha causa, eu falo com o Ben, com a Carol ou com quem quer que seja, e faço eles entenderem que você não teve responsabilidade nenhuma. Mas não entendo por que você iria se encenar. Eu disse que ia ver como o Bombeiro estava e depois voltar, e foi o que fiz. Mais ou menos.

– Só que a senhora deixou de fora a parte sobre ter passado em casa primeiro, não é, enfermeira? – indagou Jamie.

Então elas sabiam que ela havia feito um desvio a caminho da ilha do Bombeiro. Ela se mantivera perto das árvores ao sair da colônia, mas havia olhado para trás uma vez e se perguntado se Michael, lá no campanário da igreja, a estaria espiando. O olho no campanário que a todos vê.

– Estavam faltando algumas coisas críticas na enfermaria. Felizmente, eu sabia que poderia conseguir aquilo de que precisava no meu próprio subsolo.

As duas se aproximaram dela, cada qual por um lado. Harper pensou numa escolta policial acompanhando um prisioneiro até o tribunal.

– Que sorte grande – comentou Jamie. – Sabe o que mais foi uma sorte? A senhora não ter morrido espancada com tacos de sinuca. *A gente* também teve sorte. Sorte de eles não terem seguido suas pegadas pela mata de volta até a colônia. Ah, sim. *A gente* viu os caras. O Bonde da Cremação que apareceu logo depois de a senhora entrar. Estávamos as duas com as espingardas, mas a Allie me disse que era eu quem teria de atirar na senhora. Ela não podia suportar a ideia de fazer isso. *A gente* ficou escondida na mata até a luz do dia cair. Depois disso não adiantava mais.

Harper e suas acompanhantes saíram do meio dos abetos ao lado do campo de futebol, um cesto de neve preenchido pela luz do luar. Harper não soube dizer se a pontada de dor na sua barriga era uma câibra de tensão ou o bebê lhe dando um chute com o calcanhar.

– Allie – disse ela. – Eu sinto muito se assustei você. Não deveria ter feito você passar por nada disso. Mas você precisa entender que eu não consigo suportar a ideia de pôr uma criança em perigo quando é uma coisa que eu mesma posso fazer. E você é uma criança. Todas as Sentinelas são crianças.

– Mas a senhora *pôs* a gente em perigo, entende? *Pôs* a colônia *inteira* em perigo – disse Jamie.

– Eu tomei cuidado. Eles não teriam achado as minhas pegadas.

– Eles não precisavam achar pegada nenhuma. Só precisavam achar *a senhora*. Talvez ache que não teria dito nada, mas é curioso como um taco de sinuca enfiado na xoxota solta a língua de algumas pessoas. A senhora não deveria ter ido lá. *Sabe* que não deveria. E o que deixou a Allie mais arrasada foi saber que ela não deveria ter deixado a senhora ir. *A gente* prometeu garantir a segurança das pessoas. Manter os imbecis bem-intencionados dentro da colônia, sob supervisão. Todos do grupo de Sentinelas prometeram à Mãe Carol...

– À Mãe QUEM? Ela não é mãe de *ninguém*, Jamie. – Harper pensou que Mãe Carol e as Sentinelas soava como o nome de uma banda que poderia ter tocado do festival de Lilith Fair em 1996.

– A gente prometeu a ela, e prometeu uns aos outros e estragou tudo. Carol ficou mal quando soube que a senhora tinha saído. Como se já não tivesse tido que aguentar o suficiente.

– Tá. Vocês disseram o que tinham a dizer. Digam à Carol que deram o recado, e da próxima vez que eu sentir necessidade de respirar um pouco de ar puro não vou esquecer de deixar um bilhete para ela. E Allie, pode desamarrar essa tromba. Estou um pouco velha demais para me impressionar com isso. Tem algo a dizer? Me faz um favor: fala logo.

Allie virou a cabeça e a encarou raivosamente com uns olhos úmidos e acusadores. Jamie deu um muxoxo.

– O que foi? – perguntou Harper.

– Está achando que *a senhora* está encrencada. Isso não é nada em comparação com a montanha de merda que soterrou a Allie por ter deixado a senhora sair. Ela está fazendo penitência por causa disso agora mesmo. Pede uma chance de se redimir, e Mãe Storey lhe deu uma chance.

– Como? Ela fez voto de silêncio?

– Não exatamente. Lembra o que Pai Storey costumava fazer? Aquilo de chupar uma pedra quando precisava pensar?

A neve chiou sob seus sapatos quando elas foram subindo o morro. Harper teve de contar até três para entender. A noite havia sido longa.

– Vocês devem estar de sacanagem comigo.

– Não é sacanagem. Allie está com uma pedra na boca para repensar os próprios erros e se reconcentrar nas próprias obrigações. Da última vez em que baixamos a guarda, alguém pegou uma pedra e usou para esmagar a cabeça de Pai Storey. Agora nós todos carregamos pedras, para lembrar. – Jamie tirou uma das mãos do bolso e mostrou a Harper uma pedra do tamanho de uma bola de golfe.

– Ah, pelo amor de Deus. E aí, Allie, por quanto tempo você vai andar chupando esse troço? – indagou Harper, como se houvesse alguma esperança de uma resposta.

Allie pareceu querer cuspir a pedra na sua cara.

– Tudo depende da senhora, entende? – disse Jamie. – A senhora não estava na reunião quando resolvemos que tinha de haver consequências para quem achar que está acima das regras. Ninguém está puto além da conta com a senhora. Mikey a viu remando até a ilha do Bombeiro, então já faz um tempo que a gente sabe que a senhora está bem. Ben e Mãe Storey conversaram, e concordaram que não seria justo fazer uma tempestade pelo fato de a senhora ter saído do território seguro. Ao mesmo tempo, Carol ficou preocupada que o resto da colônia se revoltasse se as suas regras fossem mais frouxas do que as dos outros. Então tomaram uma decisão, e a Allie concordou. Ela só tem que ficar com a pedra na boca até *a senhora* a pegar. E *a senhora* só tem que ficar com ela na boca por...

– Jamie, obrigada por ser tão direta comigo. Mas você precisa saber, pouco importa o que vocês acham que decidiram, eu nunca vou chupar uma pedra por causa de alguma penitência medieval. Se vocês acham que eu vou, então não é só a Allie quem está com a cabeça cheia de pedras.

Elas foram dar na quina sudeste da capela, perto da escada que descia para o dormitório feminino no subsolo. Três Sentinelas sentados em troncos cantavam um hino rústico e curiosamente brutal chamado “Eles o penduraram numa cruz”. Seus olhos brilhavam feito moedas de cobre, e a Escama do Dragão em suas mãos expostas parecia uma renda ardente a banhar a neve com uma luz rubra. Seu hálito se desprendia da boca em filetes de vapor vermelho. Todos tinham um aspecto faminto, e os ossos de seu rosto saltavam. Mãos magras, pescoços finos, têmporas encovadas, cortes de cabelo ao estilo campo de concentração. Um pensamento aleatório e solto ocorreu a Harper: *Quando a barriga está vazia, a cabeça também fica.*

– Bom, espero que a senhora mude de ideia, enfermeira. Porque a penitência da Allie só vai acabar quando a sua começar.

– Allie, eu assumo a responsabilidade pela minha cagada – disse Harper. – Assumo *plena* responsabilidade. Ou seja, se quiser bancar a mártir, o problema é seu. Eu não estou te obrigando. – Ela olhou para Jamie de soslaio antes de prosseguir. – E ninguém vai obrigar *a mim*, tampouco. Isso é degradante e infantil. Se alguém quiser que eu descasque batatas ou areie painéis, não tenho medo de sujar as mãos. Mas esse ato grotesco específico de autorrebaixamento eu vou passar, muito obrigada.

– Allie está disposta a fazer o que for preciso para remediar a situação. As pessoas a admiram, enfermeira... com certeza seria legal a senhora retribuir. Allie está disposta a servir de exemplo pelo tempo que for necessário.

– Ou até a hora do jantar.

– Não. Errado. Se a senhora não pegar a pedra dela e puser na boca, a pedra vai ficar onde está durante o café da manhã, o almoço e o jantar... mas a senhora talvez se lembre que nós Sentinelas abrimos mão do *nosso* almoço faz algum tempo, para que gente como *a senhora* pudesse comer. Acho que a Allie vai ter que tirar a pedra e pôr debaixo do travesseiro quando for dormir, mas é isso.

– Não sei qual de vocês duas é pior. Ela com a boca cheia de pedra, ou você com a sua cheia de besteira. – Harper parou, virou-se para Jamie Close e se dirigiu a Allie com gestos.

– Para com isso – falou, no idioma silencioso que Nick havia lhe ensinado.

Allie a encarou com uns olhos frios e cheios de ódio. Só sabia falar com gestos soletrando, de modo que a resposta veio num ritmo lento que Harper foi obrigada a destrinchar na cabeça:

~~V.O.CÊ~~

~~S.A.B.E~~

~~C.O.M.O~~

~~M.E~~

~~F.A.Z.E-R~~

~~P.A.R.A-R~~

A última parte da frase de Allie requereu o uso do dedo médio, e era amplamente conhecida até mesmo por quem nunca tinha estudado linguagem de sinais.

LIVRO CINCO

PRISIONEIRO

1

Do diário de Harold Cross:

30 DE JUNHO:

VOLTEI DO CHALÉ. NÃO DEVERIA TER COMIDO AQUELE TERCEIRO SALGADO. FIQUEI MEIO ENJOADO, E ATÉ AS PORCARIAS DOS MEUS PEIDOS ESTÃO COM CHEIRO DE PEPPERONI.

NOTÍCIAS INTERESSANTES DE CÓRDOBA. DUZENTOS INFECTADOS MORRERAM NO MONASTÉRIO JESUÍTA DE ALTA GRACIA, E SEUS CORPOS FORAM JOGADOS NUMA COVA PELOS MILITARES COM UMA RETROESCAVADEIRA. O DR. BÁ CONSEGUIU RECUPERAR QUATRO CADÁVERES, ENTRE ELES O DE EL HORNO DE CAMINAR, QUE RESISTIU SOZINHO AO ATAQUE DOS MILITARES POR QUASE UMA HORA CRIANDO UMA ESPÉCIE DE TUFÃO DE CHAMAS, ATO QUE PERMITIU A QUASE MIL PESSOAS COM A ESCAMA DO DRAGÃO FUGIREM PARA A MATA. PARECE ALGUÉM QUE A GENTE CONHECE? A TRADUÇÃO DE EL HORNO DE CAMINAR É «A FORNALHA AMBULANTE».

O DR. BÁ TEVE A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR NOS CORPOS RESGATADOS, E ME MANDOU AS DESCOBERTAS PRELIMINARES POR E-MAIL. INTERESSANTE. ELE FEZ UMA AUTÓPSIA NO CÉREBRO DE UMA CRIANÇA INFECTADA RECENTEMENTE, E SÓ ENCONTROU UMA PEQUENA QUANTIDADE DO ESPORO NOS SEIOS PARANASAIS E NA MEMBRANA QUE RECOBRE O CÓRTEX CEREBRAL. MAS O BOMBEIRO ARGENTINO ESTAVA INFECTADO HAVIA MUITO MAIS TEMPO, E O DRACO INCENDIA TRYCHOPHYTON HAVIA PENETRADO BEM FUNDO NO SEU GIRO TEMPORAL SUPERIOR.

EL HORNO DE CAMINAR DEU UMA ENTREVISTA PARA UM BLOG DE MEDICINA ALTERNATIVA LOGO NO INÍCIO DA PESTE, E EXPLICOU COMO CONSEGUIA CONTROLAR O FOGO SEM NUNCA SER FERIDO POR ELE. «VOCÊ PODE PEDIR AO ESPORO PARA TE PROTEGER, MAS PRIMEIRO PRECISA ESQUECER A PRÓPRIA VOZ. PODE PEDIR PARA ELE LUTAR POR VOCÊ, MAS PRECISA FALAR COM ELE COMO UM SUPPLICANTE, SEM USAR A LINGUAGEM.» PROVAVELMENTE A TRADUÇÃO ESTÁ UMA BOSTA, MAS A MIM PARECEU INTERESSANTE. O GIRO TEMPORAL SUPERIOR É ONDE FICA A ÁREA DE WERNICKE, UMA DAS REGIÕES RESPONSÁVEIS PELA FALA. SINTO QUE ELE EXPLICOU TUDO, MAS MESMO ASSIM NÃO ESTOU ENTENDENDO NADA.

Harper estava lendo o bloco de anotações no banheiro, com a porta trancada para evitar que alguém entrasse e a encontrasse com ele. Tinha a vaga sensação de ser uma adolescente examinando escondida uma obra pornográfica, com a boca seca e o coração aos pulos.

Quando finalmente voltou à enfermaria e à claridade leitosa da aurora, encontrou uma pedra branca no pé de sua cama com um pedaço de papel embaixo. **QUANDO É QUE VOCÊ VAI TOMAR O SEU REMÉDIO?**, havia escrito alguém.

Pai Storey cochilava em uma das camas, Nick em outra. Com os dois adormecidos na mesma posição, e com o mesmo ar concentrado no rosto de cenho franzido, era impossível não ver a forte semelhança entre eles. O menino ainda existia em algum lugar de Pai Storey, do mesmo jeito que uma mosca se mantém perfeitamente preservada dentro de uma gota de âmbar. Já o velho esperava por Nick, um sobretudo folgado que ele estaria pronto para usar dali a seis décadas.

Harper espiou de relance a cortina que delimitava a sala de espera, para ter certeza de que ninguém a observava, e tornou a guardar o bloquinho no rebaixo do teto. Então pegou a pedra e foi até o recinto contíguo.

Quem estava de guarda era Mindy Skilling, menina bonita e delicada de seus 20 anos. Harper a havia tratado de uma infecção urinária no mês anterior. Mindy a encarou com um olhar suave, cheio de pena. Tinha um rosto encantador e expressivo, olhos brilhantes e longos cílios curvos, e Harper se lembrou de que, numa vida anterior, a moça estudava teatro.

– Foi você quem pôs isto aqui na minha cama? – perguntou, estendendo a pedra.

Mindy fez que não com a cabeça.

– Quem foi?

– A senhora não se sentiria melhor acabando logo com a sua punição? – indagou Mindy. – Sei que a Allie se sentiria. – Seus olhos se arregalaram numa súbita inspiração. Ela avançou até a borda do sofá. – E se a senhora pusesse a pedra na boca por cinco minutos? Eu diria para todo mundo que foi meia hora.

– Nem cinco segundos – disse Harper. – E ah, Mindy? Da próxima vez que você tiver infecção urinária?

A garota a encarou com uma expressão apreensiva de quem estava prestes a ser magoada.

Vai se mijar de dor, disse Harper dentro da própria cabeça, mas na vida real apenas deu um suspiro e falou:

– Esquece. – E tornou a entrar na enfermaria.

Na verdade, não tinha o temperamento certo para comentários maldosos. Nas poucas vezes na vida em que tinha dito coisas verdadeiramente desagradáveis para alguém, ficara com um gosto ruim na boca. Uma pedra não poderia ter sabor pior.

3

Aconteceu de novo, e pior, na noite seguinte, durante a primeira refeição.

Quando Harper saiu para a escuridão e sentiu a neve derreter nos cabelos, já tinha uma fila que se estendia por metade da circunferência interna do refeitório. Ela viera quase correndo da enfermaria, com um vento a uivar atrás de si durante todo o trajeto. Não conseguia sentir as orelhas, e a primeira lufada de cheiro de aveia com xarope de bordo a deixou desesperada de fome.

Metade da colônia já estava sentada, e as conversas e as colheres raspando nas tigelas ecoavam por todo o recinto. O barulho era tão alto que Harper no início não ouviu Gail Neighbors, nem percebeu que alguém estava falando com ela até Gillian Neighbors a cutucar para chamar sua atenção.

As gêmeas Neighbors estavam bem atrás dela, uma ao lado da outra. Usavam suéteres vermelhos de gola rulê iguaizinhos, uma escolha infeliz de traje que sugeria uma semelhança com Coisa Um e Coisa Dois do livro do Dr. Seuss.

– Allie ontem passou o dia inteiro sem comer – disse Gail. Harper teve quase certeza de que era Gail – a do queixo pontudo – falando.

Virou as costas para as duas.

– Se ela não quer comer, problema dela. Ninguém a está obrigando a passar fome.

Uma das irmãs a puxou pela manga, e Harper foi obrigada a olhar para trás.

Gillian tinha um aspecto bem menos amigável do que Gail. Seus lábios eram uma fina linha branca. Ela não havia raspado a cabeça recentemente, e os fios que nasciam deixavam seu couro cabeludo com um aspecto azulado.

– É verdade que só custaria meia hora com a pedra na boca para a senhora se redimir? – perguntou Gillian.

– Isso e a minha dignidade.

As duas irmãs não responderam. Harper deu as costas para elas outra vez. A fila avançou devagar.

– Como a senhora é maldosa – disse uma delas baixinho.

Dessa vez Harper não olhou para trás.

– Sabe, tem gente que acha que... – disse a outra, e a primeira a fez calar com um “shhh”.

Harper não estava nem aí para o que algumas pessoas achavam, e não se preocupou em dar uma resposta.

Só descobriu que Allie estava de plantão na cozinha servindo colheradas de aveia quando chegou ao balcão. Pelo jeito como a adolescente franzia os lábios, pôde ver que ela ainda estava com a pedra na boca.

Allie ergueu os olhos e encarou Harper com uma expressão difusa e de rancor. Então levou a mão até debaixo do balcão, pegou um pedaço de granito liso em formato de ovo, pôs dentro de uma tigela e lhe estendeu.

Harper pousou a bandeja e se afastou; as irmãs Neighbors guincharam de tanto rir.

Tarde da noite, ou cedo de manhã, dependendo do ponto de vista, Nick lhe deu aulas de como falar sem palavras, e Harper foi sua aluna atenta na sala de aula solitária da enfermaria.

Se alguém perguntasse por que Nick estava na enfermaria e não com a irmã no dormitório feminino, ou então com os homens no masculino, Harper teria respondido que desejava mantê-lo sob observação. Teria alegado estar preocupada com uma hérnia inguinal tardia decorrente da apendicectomia no verão. O termo *inguinal* era assustador o suficiente para impedir qualquer outra pergunta. Só que não houve perguntas, e Harper desconfiava que poucas pessoas se preocupassem com o lugar em que Nick dormia. Quem não tinha voz não tinha identidade. A maioria das pessoas prestava tanta atenção nos profundamente surdos quanto na própria sombra.

Eles estavam sentados um de frente para o outro na cama de Nick, de pijama. Harper mantinha três botões abertos abaixo dos seios para exibir o globo rosado e brilhante do ventre, e quando eles acabaram de treinar os gestos dessa noite Nick tirou a tampa de um pilot e desenhou um rosto sorridente na barriga dela.

Qual vai ser o nome dela?, perguntou ele. Tentou perguntar na língua dos sinais, mas Harper se perdeu e ele foi obrigado a soletrar.

– É menino – disse ela com as mãos.
Ele pressionou as duas palmas sobre o ventre dela, fechou os olhos e inspirou suavemente.
– Tem cheiro de menina.
– Que cheiro têm as meninas? – indagou ela, e suas mãos encontraram as palavras automaticamente, fato que lhe causou um leve rubor de orgulho.

Ele fez cara de quem não tinha entendido e escreveu: *cheiro de açúcar & canela & tudo que a vida tem de bela, dã.*

Você não consegue sentir pelo cheiro se é menina, escreveu ela.

Quem perdeu 1 dos sentidos fica mais forte nos outros, retrucou ele. *Você não sabia? Eu sinto*
VÁRIOS *cheiros que os outros não sentem.*

Tipo quais?
Tipo ainda tem alguma coisa errada dentro do Pai Storey. Seu olhar nessa hora ficou solene, e ele não piscou. *Ele tem cheiro de doenssa. Um cheiro... doce demais. Como flores quando apodrecem.*

Harper não gostou disso. Tivera um médico na escola de enfermagem que alegava conseguir sentir o cheiro da morte, que a ruína do corpo tinha um odor específico. Era possível senti-lo no sangue da pessoa, insistia ele: um leve cheiro de coisas putrefatas.

O lençol cor de musgo que separava a enfermaria da sala de espera se moveu, e Renée Gilmonton se abaixou para passar trazendo uma tigela coberta com papel alumínio.

– Norma me mandou trazer um pouco de mingau de aveia para o menino doente – disse ela, atravessando o espaço até a cama de Nick e se deixando cair sobre o colchão, bem em frente a Harper. Enfiou a mão num dos bolsos da parca e pegou alguma outra coisa envolta em alumínio. – Imaginei que ele não seria o único pequeno que talvez estivesse a fim de um lanchinho. – Ela meneou a cabeça para a barriga inchada de Harper.

Harper quase esperou que fosse abrir o papel alumínio e encontrar uma pedra lá dentro. *Coma isso, piranha*, lhe diria Renée, *depois se ajoelhe e peça perdão à Mãe Carol.* Mas é claro que não era uma pedra, só pelo peso ela já percebeu antes mesmo de desembulhar. Renée havia lhe trazido um pãozinho com uma improvável e reduzida quantidade de mel no meio.

– Allie deveria estar envergonhada – continuou Renée. – Oferecer uma pedra em vez de comida. Você está bem no meio do terceiro trimestre. Não pode pular refeições. Pouco me importa o que ela acha que você fez.

– Eu a decepcionei. Ela confiou que eu não faria nenhuma besteira, e eu ferrei com ela.
– Você estava tentando conseguir material médico para cuidar dos seus pacientes. Estava tentando pegar esse material na *sua casa*. Ninguém pode te proibir de ir em casa. Ninguém pode tirar os seus direitos.

– Não tenho tanta certeza. A colônia votou para pôr Ben e Carol no comando das coisas. Isso não é

tiranía, é democracia.

– Tá, e eu tenho a bunda branca. Não foi uma eleição de verdade. Eles votaram depois de passar uma hora cantando, e estava todo mundo muito doido no Brilho. A maior parte da colônia estava tão chapada que teria votado em uma cartola e pensado que estivesse elegendo o Abraham Lincoln.

– As regras...

Renée balançou a cabeça.

– Isso não tem nada a ver com regras. Você não percebe? Tem a ver com controle. Você foi em casa pegar material médico... para *ajudar* os outros. Para ajudar o pai da própria Carol! O seu verdadeiro crime não foi violar uma regra sobre sair da colônia. O seu *verdadeiro* crime foi decidir por si mesma o que era melhor para as pessoas de quem estava cuidando. Agora só Carol e Ben podem decidir o que é melhor para todo mundo na Colônia Wyndham. Segundo Carol, nós falamos numa só voz. O que ela não diz é que essa voz é a *dela*. Ultimamente só existe uma única canção para cantar, a canção de Carol, e se você não estiver em harmonia pode pôr uma pedra na boca e calar o bico.

Harper olhou de soslaio para Nick que, curvado acima da tigela de mingau, não prestava a menor atenção nelas, e por ora não exibía qualquer sinal da dor de barriga que o havia levado à enfermaria.

– Essa história soaria melhor se um Bonde da Cremação não tivesse aparecido enquanto eu estava em casa – disse ela. – Se eles tivessem me encontrado, teriam me obrigado a falar antes de me matar. Meu marido estava com eles. Meu ex-marido. *Ele* teria me feito falar. Posso ver isso na minha cabeça. Posso imaginá-lo me fazendo perguntas com uma voz bem calma, bem sensata, enquanto usa um podão de jardim para cortar fora os meus dedos.

– É. Bom. Essa parte é... não sei o que pensar sobre essa parte. Quero dizer, qual era a probabilidade de eles aparecerem na sua casa justo quando você estava lá? É feito ser atingido por um raio.

Harper cogitou contar a Renée sobre o Homem de Marlboro e sua transmissão secreta, a estação de rádio que ele dizia escutar em pensamento, sua transmissão paranormal vinda do futuro, mas então decidiu que não queria pensar no assunto. Em vez disso, comeu seu pãozinho. O mel tinha sabor de jasmim, melado e verão. Sua barriga roncou, um barulho tão alto quanto alguém arrastando móveis pelo chão, e as duas trocaram olhares de surpresa cômica.

– Queria fazer alguma coisa para dizer à Allie que eu sinto muito – falou Harper.

– Já tentou *dizer* a ela que sente muito?

– Já.

– Então pronto. Isso deveria bastar. Ela... ela não está no seu estado normal, Harp. A Allie e eu nunca nos demos lá muito bem, mas agora é como se ela fosse alguém que eu nem conheço.

Harper deveria ter respondido, mas por ora estava ocupada engolindo rapidamente os últimos pedaços do pão. Ele havia parecido grande na palma da sua mão, mas tinha desaparecido com uma rapidez decepcionante.

– As coisas estão azedando por aqui – disse Renée. Harper meio que pensou que ela estivesse brincando, e foi pega de surpresa pela inquietude que viu nos olhos da outra mulher. Renée deu um sorriso cansado e torto antes de prosseguir. – Você perdeu uma boa cena na escola hoje de manhã. Eu dou às crianças um intervalo de vinte minutos depois da nossa aulinha de história. Elas não podem sair, mas a gente interdita metade da capela com os bancos para dar um pouco de espaço para elas correrem. Reparei que Emily Waterman e Janet Cursory estavam cochichando num canto. Ogden Leavitt foi até elas uma ou duas vezes, mas as meninas o enxotaram. Bom, depois do intervalo eu juntei todo mundo para a hora de ouvir histórias, mas pude ver que Ogden estava triste e tentando não chorar. Ele tem só 7 anos e viu os pais morrerem... foram mortos tentando fugir de uma Patrulha de Quarentena. Faz pouco tempo que ele voltou a falar. Eu estava com ele no colo e perguntei qual era o problema, e ele disse que Emily e Janet eram super-heroínas e que ele também queria ser um super-herói, mas elas não queriam falar para ele a rima encantada e ele achava que as regras proibissem segredos. Janet ficou zangada e chamou o menino de cagete, mas Emily empalideceu. Falei para o Ogden que eu sabia uma rima que dava superpoderes: *Be-bop-a-lu-lém, eu tenho superpoderes também!* Ele se alegrou na mesma hora e disse que agora sabia voar, e eu pensei: *Bom trabalho, Renée Gilmonton, você salvou a situação outra vez!* Tentei reconduzir as coisas para a hora de contar histórias, mas então Emily se levantou e perguntou se podia pôr uma pedra na boca para se redimir por ter guardado segredos. Eu disse que a regra só valia para segredos *graves*, segredos *de adulto*, mas Emily fez cara de quem estava passando mal e disse que, se não se redimisse, não conseguiria cantar com os outros na capela, e que quem não cantava e alcançava o Brilho podia entrar em combustão. Isso assustou Janet, que também começou a implorar por uma pedra.

Renée fez uma pausa, depois continuou:

– Tentei tranquilizar as meninas. Disse que elas não tinham feito nada de que precisassem se redimir. Harper... elas estavam só sendo *crianças*. Mas aí Chuck Cargill ouviu a confusão e chegou mais perto. Ele é um dos amigos da Allie, tem mais ou menos a mesma idade que ela. É uma das Sentinelas, claro. E ele falou que era muito legal as duas quererem se redimir como crianças maiores, e que se cada uma ficasse dez minutos com uma pedra na boca a coisa estaria resolvida. Deu uma pedra para cada uma, e elas ficaram chupando cada uma a sua durante toda a hora de contar histórias; era como se Cargill tivesse lhes dado um pirulito. Quer saber a pior parte, Harp? Assim que a hora de contar histórias acabou, Ogden correu até Chuck Cargill e anunciou que vinha escondendo revistas em quadrinhos debaixo da cama, e perguntou se ele também podia fazer penitência. No final da aula, metade das crianças estava com pedras na boca... e Harp. Elas estavam *brilhando*. Seus olhos estavam brilhando. Igualzinho a como se estivessem todas cantando juntas.

– Oxitocina – balbuciou Harper.

– OxyContin? Isso não é um remédio contra dor?

– O quê? Não. Nada. Esquece.

– Você faltou à capela hoje de manhã – comentou Renée.

– Eu estava montando uma sonda intravenosa para alimentar Pai Storey. – Ela meneou a cabeça em direção ao velho. Uma bolsa plástica cheia de suco de maçã pendia da estrutura de uma luminária junto à cama. O tubo dava duas voltas antes de sumir dentro das narinas dele.

– Está diferente agora sem Pai Storey – comentou Renée.

– Diferente como?

– Antes, quando todo mundo entrava no Brilho, era como se... bom, todo mundo compara a coisa com estar meio bêbado, né? Como tomar uns goles de um bom vinho tinto. Agora é como se a congregação estivesse tomando um porre de uma aguardente caseira vagabunda e horrorosa. Todo mundo canta até ficar rouco, e depois fica só... *zumbindo* por um tempo. Se balançando e zumbindo, com os olhos pegando fogo.

– Zumbindo? – estranhou Harper.

– Feito abelhas numa colmeia. Ou feito... feito moscas em volta de um animal atropelado na estrada. – Renée estremeceu.

– Acontece com você também?

– Não – respondeu ela. – Tenho tido dificuldade para me juntar ao resto. Don Lewiston também. E uns outros poucos. Não sei por quê.

Mas Harper pensou que *ela* sabia. Na primeira vez em que tinha lido as anotações de Harold Cross sobre a oxitocina, havia pensado, de modo aleatório, em soldados no deserto e cruzeiros em chamas na noite. Na época não entendera a conexão, mas agora entendia. A oxitocina era a substância que o corpo usava para recompensar as pessoas quando elas conquistavam a aprovação da tribo... mesmo que essa tribo fosse a Ku Klux Klan ou um esquadrão de fuzileiros navais humilhando prisioneiros em Abu Ghraib. Se você não fizesse parte da tribo, não recebia a recompensa. A colônia estava se dividindo, orgânica e naturalmente, entre quem *fazia parte*... e quem constituía uma ameaça.

Desconsolada, Renée deixou o olhar se perder na enfermaria, e com uma voz etérea e distraída falou:

– Às vezes eu acho que seria melhor se um dia desses a gente simplesmente...

Não completou a frase.

– A gente simplesmente o quê? – quis saber Harper.

– Simplesmente pegasse um dos carros e alguns víveres e fosse embora daqui. Reunisse as últimas poucas pessoas sensatas da colônia e fugisse. Ben Patchett escondeu todas as chaves em algum lugar, mas não teríamos que nos preocupar com isso. Teríamos Gil, e ele consegue... – Ela se conteve a tempo e se calou.

– Gil?

– Gilbert. O Sr. Cline.

Seu rosto era um vazio estudado e falsamente inocente. Harper não se deixou enganar nem por um segundo. Algo fez cócegas em sua memória, uma terrível comichão mental, e então ela se lembrou. No verão, quando Renée Gilmonton era paciente no Hospital de Portsmouth, havia lhe contado sobre trabalhar como voluntária no presídio estadual, onde organizava e administrava um grupo de leitura.

– Vocês se conhecem? – perguntou, mas a resposta estava ali, nos olhos acesos e espantados de Renée.

A mulher mais velha olhou de relance para Nick, agora sentado com a tigela vazia no colo, a observá-las com atenção.

– Ele não sabe fazer leitura labial – disse Harper. – Não muito bem.

Renée sorriu para o menino, bagunçou seus cabelos e disse:

– Que bom que ele está melhorando da dor de barriga. – Então levantou o queixo, sustentou o olhar de Harper e começou a falar. – Sim, eu o reconheci na hora, assim que o vi. Bom, New Hampshire é um estado pequeno. Seria um choque se alguns de nós não nos conhecêssemos de nossas vidas passadas. Ele era do clube do livro que eu administrava lá em Concord. Tenho certeza de que a maioria dos homens de lá só entrou para o clube para ter a oportunidade de conversar com uma mulher. Os padrões caem depois de um tempo na prisão, e mesmo alguém de quase 50 com o corpo no formato de um saco de batatas começa a parecer atraente.

– Ah, Renée!

Renée riu e acrescentou:

– Mas o Gil gostava das histórias. Sei que gostava. No início ele me deixava nervosa, porque tinha um caderno onde anotava tudo que eu dizia. Mas depois de algum tempo a gente começou a se sentir à vontade um com o outro.

– Como assim, à vontade? Você fazia *ele* sentar no seu colo para ouvir histórias?

– Deixe de ser má! – exclamou Renée, com uma expressão facial que sugeria que a maldade nesse caso era um deleite. – Eram conversas sobre literatura, não conversas de alcova. Ele era difícil de se comunicar, tímido, sabe?, mas eu achava que tinha ideias boas e disse isso a ele. Eu o incentivei a tentar uma formação de língua inglesa na UNH. Acho que ele tinha acabado de se matricular num curso on-line quando os primeiros casos de Escama do Dragão começaram a aparecer na Nova Inglaterra. – Renée baixou os olhos para as botas e tornou a falar, num tom casual. – Na verdade, parece até que estamos reunindo o clube outra vez. Recebi permissão do Ben para visitar os presidiários. Ele até me deixou colocar umas cadeiras bambas e um pedaço de tapete num canto do subsolo. Uma vez por noite, os presidiários podem sair daquele frigorífico horroroso, tomar uma xícara de chá e sentar um pouco comigo. Sob vigilância, claro, embora o vigia em geral fique sentado na escada do subsolo para nos dar privacidade. Estamos lendo *A longa jornada* juntos. No começo, o Sr. Mazzucchelli não queria ler uma história sobre coelhos, mas acho que consegui convencê-lo. E Gil... o Sr. Cline... bem, eu acho que ele simplesmente fica feliz por ter alguém com quem conversar. – Renée hesitou antes de arrematar. – Eu também fico feliz por ter alguém com quem conversar.

– Que bom – falou Harper.

– Soube que o Gil tem uma citação do Graham Greene tatuada no peito – disse Renée. Ela estava estudando um pouco de neve derretida que escorria pelo bico de uma das botas. Sua voz tinha um tom de indiferença calculado. – Alguma coisa sobre a natureza da prisão. Mas é claro que eu nunca vi.

– Ah! – fez Harper. – Que beleza. Se o Ben pegar vocês dois com o Gil seminu, diz para ele que é uma questão de pesquisa literária urgente e pede para ele voltar depois... depois que você tiver consultado a enciclopédia do Gil.

Renée se sacudiu com uma alegria que mal pôde conter. Harper quase imaginou que fosse ver suas orelhas começarem a soltar fumaça, e nessa época de fogo e de peste essa não era uma possibilidade de todo irrealista. Foi bom ver Renée rindo de uma pequena travessura inocente. Parecia a vida normal outra vez.

– Xi. Tem rebuliço no galinheiro. – Ben Patchett passou pela cortina para entrar na enfermaria e as encarou com um sorriso hesitante. – Devo me preocupar?

5

– Falando no diabo – disse Renée, enxugando os olhos com um dos polegares.

Rebulição no galinheiro. Harper pensou que seria preciso tirar par ou ímpar para saber qual das palavras ela mais odiava para se referir à mulher: piranha ou galinha. Uma galinha era um bicho que você mantinha preso numa gaiola, cujo único valor eram os ovos. Pelo menos uma piranha tinha dentes.

Se a irritação transpareceu no seu rosto, Ben não viu ou não quis ver. Avançou até meio caminho do leito de Pai Storey e olhou para o tubo cheio de suco cor de âmbar, e para o saco plástico quase vazio pendurado na luminária junto à cama.

– Isso é ideal? – indagou.

– Alimentá-lo usando um saquinho Ziploc? Ou o furo no crânio que eu tampei com rolha e cera de vela? Totalmente ideal. Na Clínica Mayo teriam feito a mesma coisa.

– Tá, tá bom. Não precisa me dar um fora. Não estou dando nenhum fora em você. Eu sou seu fã, Harper! Você fez coisas incríveis aqui. – Ben se sentou na borda da cama de Pai Storey, de frente para ela. Molas rangeram. Ele encarou o rosto sério do velho, que dormia. – Queria que ele tivesse contado mais sobre a tal mulher que pretendia exilar. Tirando que achava que teria de mandá-la embora e talvez fosse junto, ele não disse mais nada?

– Disse. Ele disse mais uma coisa.

– O quê?

– Que se ele fosse embora queria que John ficasse responsável pela colônia.

– John. O Bombeiro. – Uma voz sem entonação.

– É.

– Informação fascinante de saber nesta data tão tardia. Porque... o Bombeiro nem faz parte da colônia. Que coisa mais ridícula. Por que não Carol? Por que ele não iria querer que a própria filha fizesse esse papel?

– Talvez porque soubesse que ela era o tipo de paranoica nervosa que acharia uma boa ideia armar crianças com espingardas – respondeu Harper.

Ben olhou de relance para a cortina em direção à sala de espera, como se temesse que alguém estivesse em pé bem do outro lado, bisbilhotando a conversa.

– Fui *eu* que decidi distribuir as armas de fogo, e ninguém abaixo dos 16 recebeu uma. E digo mais. Eu obrigo as Sentinelas a andarem com a trava aberta o tempo todo, para provar que a espingarda não está carregada. Se eu algum dia vir a trava fechada em alguma daquelas espingardas, eles vão chupar uma pedra até... – Sua voz morreu e ele deixou a frase inacabada. Um rubor coloriu suas bochechas. – E talvez você não queira andar pela colônia chamando a Carol de “paranoica”. Já está encrascada o suficiente. Na verdade, é por isso que estou aqui. Dois dias atrás, você saiu da colônia, foi em casa, e quase deu de cara com um Bonde da Cremação. Aí, depois de conseguir escapar, graças a Deus, em vez de voltar para o seu posto você atravessou para ir ver o Bombeiro e passou a maior parte da noite lá.

– Meu posto?

– Mãe Carol deixou bem claro que espera que você fique junto do pai dela, noite e dia, até a crise passar. De uma forma ou de outra.

– A crise imediata *já* passou, e eu tenho outros pacientes.

– Não *no* que diz respeito a Mãe Carol. – Ben abaixou a cabeça, pensou por alguns instantes e ergueu os olhos. – É nessa hora que o Bombeiro planeja fazer sua jogada? Quando as costelas dele sararem?

– Como assim, jogada? Jogada de qual jogo?

– Deste jogo aqui. Para tomar a colônia.

– Ele não quer tomar coisa nenhuma. – Passou pela cabeça de Harper que ela talvez tivesse cometido um erro tático dizendo ao braço-direito de Carol que Pai Storey queria outra pessoa em seu lugar. Então pensou: *Que se foda*. Se pensar numa briga pelo poder com o Bombeiro deixava Ben nervoso, melhor assim. *Ele* que se sentisse pressionado e ameaçado para variar um pouco. – Mas suponho que no final vá fazer o que for melhor para a colônia. É o que John sempre fez.

Renée tossiu de um jeito que parecia significar *Cale a boca*.

Ben levou alguns segundos para se recompor. Entrelaçou os dedos no colo e baixou o olhar para o berço formado por suas palmas.

– Vamos voltar para quando você saiu da colônia. Ando tentando resolver o que fazer em relação a isso. Acho que sei como consertar a situação.

– Como assim, consertar a situação? Não tem nada para consertar. Eu fui, voltei, está tudo bem e fim de papo.

– Não é tão simples assim, Harper. Nós aqui estamos tentando proteger 163 pessoas. Cento e sessenta e quatro, se contarmos esse bebê que você está esperando. *É preciso* tomar providências para garantir a segurança de todos. Se as pessoas fizerem coisas que não são seguras, bom, é preciso haver consequências. Se alguém roubar. Se estocar provisões. Se sair por aí e potencialmente for capturado por quem quer nos matar. Harp, eu *sei* por que você foi em casa. Sei que foi na melhor das intenções. Mas qualquer criança que fez catecismo sabe aonde as boas intenções levam. Você não arriscou só a *sua* vida e a vida dessa carga preciosa que está levando...

Harper não soube dizer por que a expressão *carga preciosa* lhe causou um mal-estar. Não era o adjetivo *preciosa*, e sim o substantivo *carga*. Possivelmente era também uma aversão a clichês. Em se tratando de clichês, Ben Patchett não deixava pedra sobre pedra.

– ... mas arriscou também a vida de Pai Storey e de todo mundo aqui na colônia. Foi perigoso, imprudente, violou regras que existem por bons motivos, e não pode ficar sem consequências. Nem mesmo para você. E pode acreditar em mim: é preciso haver consequências para comportamentos arriscados. É preciso haver um jeito de manter a ordem. *Todo mundo* quer isso. Eles não vão abrir mão disso. Querem saber que estamos tomando medidas para manter este refúgio seguro. As pessoas *precisam* de leis. Precisam saber que alguém está zelando por elas. Talvez até se sintam melhor se souberem que o comando está nas mãos de alguns durões. Força gera confiança. Pai Storey, que Deus o abençoe... – Ele lançou um olhar insincero por cima do ombro para o homem lá atrás, mergulhado em seu sono de não dormir. – Ele nunca pareceu compreender isso. Sua resposta para tudo era um abraço. Sua reação a alguém que roubava era dizer que os bens eram supervalorizados. As coisas estavam indo por água abaixo antes mesmo de trazermos os presidiários para cá. Então.

– Então – repetiu Harper.

Ele ergueu os ombros e os deixou cair com um grande suspiro.

– Então nós precisamos pelo menos demonstrar que a estamos punindo. E é isso que vamos fazer. Carol quer falar com você amanhã para saber notícias do pai. Vou levá-la até lá, e vamos passar um tempo com ela tomando chá. Quando voltarmos, vou espalhar a notícia de que você se redimiú na Casa da Estrela Negra, que passou a maior parte do tempo lá com uma pedra na boca. Sob vários aspectos, essa é a maneira mais justa de lidar com a situação. Na minha área nós dizemos que a ignorância da lei não é desculpa...

– *Ignorantia juris non excusat* – falou Renée. – Mas, considerando que as punições nesta colônia são dispensadas na hora, sem chance de recurso a um juiz imparcial ou de apresentar uma defesa...

– Renée – disse Ben, num tom cansado. – O fato de você ter lido um ou dois romances de John Grisham não faz de você uma juíza da Suprema Corte. Estou proporcionando uma saída para Harper, então que tal largar do meu pé?

– Obrigada, Ben – disse Harper baixinho.

Ele passou alguns instantes calado, então ergueu os olhos e lhe abriu um sorriso hesitante, exausto.

– Não há de quê. Se tem alguém nesta colônia que merece uma folga... – começou ele.

– Mas nem por um caralho – disse Harper.

Ele a encarou com a boca parcialmente aberta. Levou algum tempo para atinar com uma resposta, e quando o fez sua voz saiu débil e roufenha.

– O quê?

– Não – falou Harper. – Eu não vou pôr uma pedra na boca para um ato de contrição imbecil e humilhante quando não tenho motivo algum para me redimir. E tampouco vou deixar você mentir para as pessoas e dizer que eu aceitei uma babaquice histérica dessas.

– Quer parar de falar palavrão? – pediu ele.

– Por que, falar palavrão também é contra as regras? Vou ter que passar mais uma hora com uma pedra na boca? Ben: não. Minha resposta é *não*. De *jeito nenhum*. Eu sou enfermeira, porra, e o meu trabalho é dizer quando alguma coisa é doente, e isso é doente.

– Só estou tentando facilitar as coisas, poxa.

– Facilitar as coisas para quem? Para mim? Ou para *você mesmo*? Ou quem sabe para Carol? Parece que ela está bem preocupada com a possibilidade de sua autoridade ficar prejudicada se eu não me

curvar e me rebaixar como todos vocês? Se eu não entrar na linha, talvez outras pessoas comecem a criar problemas, é isso?

– Ben – falou Renée. – Guardar segredos também não é contra uma das regras? Você não vai se encrencar por conspirar para livrar Harper de ser punida, vai? Eu detestaria ver nosso chefe de segurança andando por aí com uma pedra na boca. Talvez assim ele perca um pouco do respeito dos outros.

– Caramba – disse ele. – Ai, caramba. Vocês estão se escutando? Harper... eles vão obrigar... vão *obrigar* você... você não pode simplesmente... eu não vou conseguir te *proteger* se você não deixar.

– Seu impulso para me proteger está entrando em conflito com a minha necessidade de proteger meu amor-próprio. Eu sinto muito. Além do mais, estou com a vaga e desagradável sensação de que você está tentando me proteger de *você*. E isso não é me fazer uma gentileza... isso é coerção.

Ele ficou sentado durante um tempo. Por fim, num tom seco e rígido, falou:

– Mesmo assim, Carol precisa falar com você amanhã.

– Ótimo, porque *eu* preciso falar com *ela*. Ir à minha casa pegar um kit de primeiros socorros foi um pontapé inicial decente para começar a reestocar a enfermaria, mas não foi nem de longe suficiente, e da próxima vez que eu sair à caça de material vou *precisar* de ajuda. Da sua, e talvez da de alguns outros homens. Tenho certeza de que Carol vai querer contribuir. Obrigada por organizar minha audiência com sua eminência.

Ben se levantou, torcendo nas mãos o gorro de lã. Os músculos de sua mandíbula se contraíam e relaxavam.

– Eu tentei – disse ele.

Ao sair, quase arrancou a cortina.

6

Do diário de Harold Cross:

13 DE JULHO:

TUDO QUE SOBROU DE SARAH STOREY FOI UM CRÂNIO ASSADO E OS OSSOS DAS COXAS. O SURDO-MUDO ESTAVA DENTRO DO CHALÉ JUNTO COM ELA NA HORA DO FOGO, MAS NÃO FICOU NEM CHAMUSCADO. TALVEZ TIVESSE ESCAPADO ILESO SE O TELHADO NÃO TIVESSE DESABADO POR CAUSA DO CALOR. ESTOU MONITORANDO O MENINO PARA VER SE DÁ ALGUM SINAL DE FERIMENTOS INTERNOS, MAS NÃO POSSO FAZER GRANDE COISA SE ELE TIVER TIDO UMA RUPTURA INTESTINAL. ELE PRECISARIA IR PARA O HOSPITAL DE PORTSMOUTH, E ISSO SERIA O SEU FIM. QUEM ENTRA NO HOSPITAL DE PORTSMOUTH NUNCA MAIS SAI.

NINGUÉM DIZ ISSO QUANDO PAI STOREY ESTÁ POR PERTO, MAS EU CONHEÇO MUITA GENTE QUE ACHA QUE SARAH NÃO TERIA MORRIDO SE PASSASSE MAIS TEMPO NA COLÔNIA, CANTANDO NA CAPELA JUNTO COM OS OUTROS. NÃO ESTOU TÃO CONVENCIDO ASSIM. QUERIA SABER MAIS SOBRE O QUE ELA ESTAVA FAZENDO LÁ COM O BOMBEIRO E COM O MENINO SEU FILHO. PARA SER SINCERO, TAMBÉM ESTOU PASMO: ELA CONTRAIU A ESCAMADO DRAGÃO HÁ MENOS DE DUAS SEMANAS. DURANTE MUITO TEMPO, FOI A ÚNICA PESSOA “SAUDÁVEL” DA COLÔNIA. NUNCA OUVI FALAR EM NINGUÉM QUE TENHA PEGADO FOGO TÃO DEPRESSA DEPOIS DE INFECTADO. VOU TER QUE ME ESGUEIRAR ATÉ O CHALÉ EM BREVE E ENTRAR NA INTERNET PARA PODER COMUNICAR OS DETALHES DO CASO DELA ÀS PESSOAS CERTAS.

O BOMBEIRO NÃO SAÍDA ILHA DESDE O ACIDENTE. O MENINO SURDO ESTÁ NA ENFERMARIA COMIGO PARA EU PODER MONITORAR SEU ESTADO DE SAÚDE. E ALLIE FOI FICAR COM A TIA E O AVÔ. ANDA POR AÍ COMO SE TIVESSE TOMADO UM NARCÓTICO PESADO. UMA VERSÃO ZUMBI DE SI MESMA, ARRASTADA E COM OS OLHOS MORTOS.

SERÁ ERRADO PENSAR QUE A TRISTEZA É UM FAMOSO AFRODISÍACO? SE A ALLIE ESTIVER BUSCANDO RECONFORTO, O OMBRO DO SR. HAROLD CROSS É UM BOM LUGAR PARA ELA DERRAMAR SUAS LÁGRIMAS.

AH, EU SOU UM HOMEM MAU MAU MAU.

UMA IDEIA INSPIRADA PELO FILÉ À STOREY: SARAH STOREY VIROU CINZAS, E AS CINZAS DELA CONTÊM O ESPORO ATIVO À ESPERA DE UM NOVO HOSPEDEIRO. OU SEJA, O CALOR PREPARA O ESPORO PARA A REPRODUÇÃO, MAS NÃO O DESTRÓI. UMA ENZIMA DEVE PROTEGÊ-LO DOS DANOS. EM TEORIA, UMA QUANTIDADE SUFICIENTE DESSA ENZIMA PODERIA TAMBÉM RECOBRIR A PELE E AGIR PARA RETARDAR O FOGO. MINHA TEORIA, PORTANTO: O BOMBEIRO CONSEGUE FAZER A ENZIMA PROTEGER O HOSPEDEIRO. SARAH STOREY NÃO CONSEGUIU E MORREU FLAMBADA. MAS QUAL É O GATILHO DA ENZIMA? OUTRO ASSUNTO PARA DEBATER COM O PESSOAL NA INTERNET.

NICK STOREY NÃO É COMPLETAMENTE MUDO. NESSE MOMENTO ESTÁ GRUNHINDO COMO QUEM NÃO CONSEGUE CAGAR. PQP. EU NUNCA VOU CONSEGUIR DORMIR.

Harper acordou sobressaltada, como se a sua cama fosse um barco e houvesse batido num rochedo, como se o casco estivesse raspando numa superfície de pedra. Piscou os olhos no escuro, sem saber ao certo se um minuto ou um dia inteiro tinham se passado. O barco tornou a se afastar das pedras com um tremor. Em frente a ele estava Ben, cutucando a estrutura da cama com o joelho.

Ela havia dormido da aurora até o crepúsculo, e mais uma noite havia chegado.

– Enfermeira – disse Ben. Só que não era o mesmo Ben que tinha ido lhe implorar na noite anterior. Aquele ali era o oficial Patchett, cujo rosto suave, agradável e redondo se tornara inexpressivo e formal. Ele estava até usando seu uniforme da polícia: calça azul-escura, camisa azul passada a ferro, casaco azul-escuro com forro de *fleece* branco e as palavras **POLÍCIA DE PORTSMOUTH** impressas nas costas em letras amarelas garrafais.

– Pois não?

– Mãe Carol gostaria de uma atualização sobre o estado de Pai Storey – disse ele. – Assim que estiver pronta, Jamie e eu vamos acompanhá-la até lá.

Em pé no vão da porta da sala de espera, Jamie Close passava uma pedra branca de mão em mão.

– Antes de atualizar Carol sobre a evolução do paciente, gostaria de atualizar a mim mesma. E de alguns minutos para me aprontar. Vocês poderiam esperar na sala ao lado?

Ben aquiesceu e lançou um olhar casual na direção de Nick, que observava sentado na cama com olhos arregalados de fascínio. Ben lhe deu uma piscadela, mas ele não sorriu.

O policial saiu pela cortina, mas Jamie Close ficou.

– Você gosta de dar remédio – disse ela. – Vamos ver se gosta de tomar.

Harper estava tentando pensar numa resposta corajosa e inteligente quando Jamie saiu para a sala de espera junto com seu superior.

– Não vai – gesticulou Nick.

– Eu tenho que ir – disse ela com as mãos.

– Não vai – repetiu Nick em silêncio. – Eles vão fazer alguma coisa ruim.

Ela pegou um pedaço de papel e escreveu: *Não se preocupa. Senão você pode ficar com dor de estômago.*

Harper estava penteando os cabelos no banheiro quando alguém bateu de leve na porta.

– Pois não? Entra.

Michael empurrou a porta para abri-la uns sete centímetros. Seu rosto sardento de menino estava muito pálido por trás da barba ruiva encaracolada.

– A injeção de insulina?

– Pode entrar. Estou vestida.

Ele removeu a tampa da descarga acoplada e pescou um saco plástico no qual ainda restavam alguns sticks descartáveis de insulina. Não era o lugar mais higiênico para guardar material médico, mas assim as doses ficavam resfriadas. Ele ergueu a camisa para expor uma aresta ossuda de quadril branco feito a barriga de um peixe e o limpou com um lenço umedecido antisséptico.

– Dona – falou, sem olhar para ela. – A senhora precisa tomar cuidado hoje à noite. As pessoas não estão normais. Não estão pensando direito. Allie não está pensando direito.

– Você fica aqui de olho na enfermaria enquanto eu estiver com a Carol? – pediu Harper.

– Fico, sim, senhora.

– Ótimo. Nick vai gostar de ter um amigo por perto.

– Dona? A senhora ouviu o que eu disse? Que as pessoas não estão pensando direito? Tentei falar com a Allie no café da manhã. Não sei o que deu nela. Faz dias que ela não come, e já desde o início não tinha condição de pular refeições. Alguém precisa fazer alguma coisa. Eu estou com medo...

– Michael Lindqvist! Ela pode tirar aquela pedra da boca e tomar café da manhã na hora em que bem entender. Eu sinto muito se você quer que eu arrume uma saída fácil para ela, mas não vou incentivar a continuação dessa bobajada bárbara entrando nesse jogo. Se você veio aqui ver se conseguia me pressionar ou fazer eu me sentir culpada...

– Não, dona, *não!* – exclamou ele com angústia genuína. – Não é isso que eu estou tentando fazer, de jeito nenhum! A senhora não está fazendo nada errado. Não é isso que me preocupa. O que me preocupa é o jeito como a Carol, o Ben e todos os amigos da Allie a estão incentivando enquanto ela morre de fome. A senhora passa dia e noite aqui na enfermaria, então não vê essa parte. Não vê as irmãs Neighbors sussurrando que ela não pode desistir, que a colônia inteira acredita nela. Nem o jeito como todos os amigos se sentam juntos depois de ela pular mais uma refeição e ficam entoando o nome dela até seus olhos se acenderem e eles entrarem no Brilho. É quase como se ela precisasse mais do orgulho deles do que de se alimentar. E ninguém liga para o quanto ela está magra ou o quanto está ficando frágil. Estou com medo de ela ficar com hipoglicemia e desmoronar. Desmaiar e talvez engolir aquela pedra! Meu Deus, isso basta... basta para fazer alguém pensar em simplesmente agarrar ela e... sabe como é... jogar umas coisas dentro de uma mala.

Ele era a segunda pessoa em 24 horas a admitir que tinha pensado em fugir. Harper se perguntou quantos também não estariam à beira do limite, e se Carol sabia como o seu domínio sobre a colônia era na realidade perigosamente escorregadio. Talvez soubesse. Talvez isso explicasse tudo.

Michael engoliu com força. Quando concluiu, foi com uma voz mais firme e mais baixa:

– Faça o que achar que é certo. Só não vá se machucar. Allie pode até estar detestando a senhora agora, mas detestaria a si mesma ainda mais se a senhora se machucasse por causa dela. – Ele sorveu uma inspiração trêmula antes de arrematar. – Eu amo a Carol tanto quanto jamais amei minha própria mãe, sabia? É verdade! Morreria por ela num segundo. – Seus olhos estavam úmidos e suplicantes, e um *mas* ficou pairando no ar entre os dois, não dito.

Havia mais a dizer, mas não havia tempo. Ben e Jamie Close estavam esperando.

8

Ben seguiu na frente. Eles caminharam sobre uma ponte de tábuas de madeira dispostas longitudinalmente sobre a neve. Parecia não haver luz alguma no mundo a não ser o disco branco da lanterna de Ben. Jamie Close ia mais atrás. Carregava a espingarda no ombro esquerdo, e na mão direita segurava um cabo de vassoura cortado curto, com uma das extremidades coberta com fita adesiva. Assobiava enquanto balançava o cabo para a frente e para trás.

Eles saíram de debaixo dos abetos e seguiram na direção da Casa da Estrela Negra, o chalé onde Carol tinha passado o inverno junto com o pai. Era uma casinha ajeitada, de um andar só, com o exterior revestido por telhas arredondadas e persianas pretas nas janelas, batizado em homenagem à imensa estrela de ferro pendurada entre duas janelas na fachada norte. Harper pensou que aquela decoração era bacana, ideal para qualquer masmorra de inquisidor ou cripta de tortura. Duas Sentinelas estavam sentadas no único degrau de pedra em frente à porta, mas se levantaram com um pulo quando Ben emergiu das árvores. Ben não tomou conhecimento da sua presença, mas passou direto e bateu de leve na porta. Carol os mandou entrar.

Ela estava sentada numa poltrona de madeira velha estofada de couro rachado e lustroso. A cadeira certamente pertencera ao seu pai: era um assento apropriado para ler livros de Milton, fumar cachimbo e pensar pensamentos sábios e bondosos de Dumbledore. Havia uma namoradeira no mesmo estilo com almofadas claras de couro creme, mas ninguém sentado nela. Embora Carol estivesse acompanhada por duas Sentinelas, elas estavam sentadas no chão aos seus pés. Uma era Mindy Skilling, olhos úmidos de adoração diante de Mãe Carol. A outra era um rapaz afeminado, de cabelos curtos e claros, lábios femininos e um facão preso no cinto fino. Quase todo mundo na colônia o chamava de Bowie, mas Harper não tinha certeza se era por causa da faca ou de sua semelhança com Ziggy Stardust. O rapaz os observou entrar por baixo de pálpebras rosadas e caídas.

Harper não esperava encontrar Gilbert Cline ali também, mas o presidiário estava sentado no parapeito de pedra baixo em frente à lareira. Minhocas vermelhas se contorciam nas brasas amontoadas, e o calor não ia muito longe. O gelo havia transformado as vidraças em quadrados brilhantes de diamante, o que deu a Harper a sensação de ter entrado numa caverna atrás de uma cachoeira congelada.

Jamie Close fechou a porta com força e se recostou ali. Ben se deixou afundar na namoradeira com um suspiro fundo, como se houvesse acabado de entrar trazendo braçadas de lenha. Deu umas batidinhas com a mão no assento ao seu lado, mas Harper fingiu não ver. Não queria se sentar ao seu lado, e não estava com vontade nenhuma de parecer uma suplicante aos pés de Carol. Permaneceu junto à parede, de costas para uma janela, sentindo na nuca o hálito no inverno.

O olhar de Carol se moveu na sua direção, uns olhos brilhantes, febris, vermelhos. Com a cabeça raspada e o rosto emaciado pela fome, ela parecia uma paciente de câncer precocemente envelhecida reagindo mal à quimioterapia.

– Prazer em vê-la, enfermeira Willowes. Que bom que você pôde vir. Sei que tem andado ocupada. Acabamos de ouvir o relato do Sr. Cline sobre como ele foi parar escondido perto de South Mill Pond, a menos de cem metros da delegacia de polícia. Aceita um chá? Algo de café da manhã?

– Sim. Obrigada.

Mindy Skilling se levantou sem que ninguém lhe dirigisse a palavra e caminhou com passos leves até a cozinha americana às escuras.

– Não parece plausível o Sr. Cline ter tido qualquer participação no que aconteceu com o meu pai – continuou Carol. – E eu estava interessada em saber algo sobre por quem meu pai arriscou a própria vida. Por quem talvez tenha *dado* a própria vida. Você não se importa, não é, enfermeira Willowes? Ele estava começando a nos contar a história da fuga dele.

– Não. Eu não me importo – disse Harper. Mindy já tinha voltado, e lhe passou uma pequena xícara de porcelana cheia de chá e um prato sobre o qual havia uma fina fatia de um cheiroso bolo de café com especiarias. A barriga de Harper roncou bem alto. Bolo de café? Aquilo lhe pareceu só levemente menos luxuoso do que uma banheira quente cheia de espuma.

– Vamos lá, Sr. Cline. Continue, por favor. Estava nos contando onde o senhor e o Sr. Mazzucchelli se conheceram.

– Foi em Brentwood, na cadeia do condado. – Cline encarou Harper com um olhar demorado e curioso como quem pergunta *O que você está fazendo aqui?*, então se virou para Carol. – Eles têm uma carceragem lá com capacidade para uns quarenta presos, talvez. E nós éramos centenas lá dentro. Havia dez celas, cada uma com mais ou menos uns três metros de comprimento, e dez homens por cela. Eles tinham posto uma televisão no corredor para termos algo para assistir, que vivia passando *Se minha cama voasse* e *Meu amigo o dragão*. Só tinham vídeos infantis que usavam nas visitas familiares. Um cara enlouqueceu no corredor. De vez em quando começava a cantar, gritando, “*I’ll be your candle on the water!*” até os outros começarem a espancá-lo para fazê-lo calar a boca. Depois de um tempo, eu comecei a pensar que eles só passavam aqueles dois vídeos para torturar a gente.

Harper ficou abalada ao ouvir sobre pessoas encurraladas enlouquecendo de pânico enquanto cantavam aquela música específica. Sob certos aspectos, Gilbert Cline estava descrevendo ela própria quando ficara presa no cano.

– Não era para nenhum de nós passar mais do que alguns dias lá. As pessoas só vão parar em Brentwood por uns dois motivos. A maioria eram presos aguardando julgamento. No meu caso, eu tinha vindo da prisão de Concord para testemunhar num caso pendente, não o meu. Mazz fora transferido da penitenciária estadual de Berlin para recorrer da sua sentença.

– Ele tinha sido preso por quê? – quis saber Carol.

– Ele parece perigoso, mas foi preso por falso testemunho – respondeu Gil. – Não sei dizer se ele machucou seu pai ou não, minha senhora. Mas o Mazz não é o tipo de cara que cria problemas para si mesmo com as próprias mãos. O problema dele sempre foi a boca. Ele não consegue se conter. Não sabe contar uma história sem cobrir a coisa toda com uma grossa camada de merda por cima.

– Mais um motivo para ouvir o seu relato sobre a fuga de Brentwood, e não o dele – disse Carol.

– E pode aproveitar para nos poupar da sua boca suja – falou Ben. – Há damas no recinto.

Harper quase engasgou com o último pedaço de bolo. Não teria conseguido explicar para ninguém exatamente por que a expressão *boca suja* a incomodava mais do que a palavra *merda*.

Ela pigarreou para limpar a garganta e olhou desanimada para o pires vazio. Sua intenção fora comer o bolo devagar, mas a fatia era bem fininha, e depois da primeira mordida na massa macia de açúcar e noz-moscada não conseguira mais se controlar. Agora não havia mais bolo, um fato horrível, trágico e inconcebível. Ela pousou o pires sobre uma mesinha lateral para não se sentir tentada a lambê-lo.

Gil continuou:

– Eu só deveria ficar em Brentwood até depor em juízo. Só que eles fecharam o fórum. Esperei que fossem pegar a gente e nos mandar de volta, mas isso nunca aconteceu. Eles só fizeram socar mais presos lá dentro. Um rapaz da minha cela uma vez chegou junto das grades e disse que queria apresentar uma queixa e falar com seu advogado. Um agente da polícia estadual veio e deu com o cassetete bem na boca dele. Arrancou três dentes com um golpe só. “A sua reclamação foi registrada. Se mais alguma coisa o estiver incomodando, é só falar”, disse o policial, depois nos olhou para ver se tinha mais alguém insatisfeito com o tratamento recebido.

– Isso não aconteceu – falou Ben. – Nos meus vinte anos na polícia, já ouvi uns mil relatos sobre abuso policial, e na minha opinião só uns três se sustentavam. O resto eram só uns pobres de uns viciados, bêbados e ladrões tentando se vingar de quem os tinha encarcerado.

– Aconteceu, sim – insistiu Gilbert num tom calmo, sem se abalar. – As coisas agora são diferentes. A lei não é mais lei. Sem nenhum superior a quem prestar contas, a lei é quem estiver com o cassetete na mão. Um cassetete... ou um pano de prato cheio de pedras.

Ben se empertigou. Seu peito inflou, ameaçando estourar um botão da camisa. Carol ergueu uma das mãos com a palma virada para a frente, e Ben fechou a boca sem dizer nada.

– Deixa ele continuar. Eu quero ouvir a história. Quero saber quem a gente trouxe para a nossa colônia. O que eles viram, o que fizeram e pelo que passaram. Pode continuar, Sr. Cline.

Gil baixou os olhos, como um homem que tenta recordar os versos de um poema decorado anos antes, talvez para uma distante aula de inglês. Por fim, ergueu os olhos, sustentou o olhar de Carol sem medo, e contou como tinha sido.

– Nem todos os policiais de Brentwood eram maus. Não quero passar essa ideia. Tinha uns caras que se certificavam de que a gente tivesse comida, bebida, papel higiênico e outros artigos de primeira necessidade. Mas quanto mais tempo a gente passava lá, mais difícil era encontrar um rosto amigo. Havia muitos agentes com raiva, que não queriam estar cuidando da gente. E quando as pessoas começaram a adoecer com a escama eles não sentiram mais só raiva. Sentiram medo, também.

Gil continuou:

– Qualquer um podia ver o que ia acontecer, com a gente imprensado lá dentro daquele jeito. Um dia, um cara amanheceu com a Escama do Dragão em uma cela no final do pavilhão. Os outros detentos entraram em pânico. Entendo por que fizeram o que fizeram. Gosto de pensar que eu não teria feito o mesmo que eles, mas é difícil dizer. Os companheiros de cela encurralaram o rapaz infectado num canto, sem tocar nele, só empurrando ele com travesseiros e coisas assim. Aí mataram o cara de pancada.

– Meu Deus do céu – sussurrou Ben.

– E ele não morreu fácil. Eles passaram vinte minutos batendo com a cabeça dele nas paredes, no chão e na borda do vaso sanitário, enquanto um maluco de outra cela cantava a música do *Meu amigo o dragão* e ria. Depois de algum tempo, o prisioneiro infectado começou a soltar fumaça e se carbonizar. Não chegou a entrar em combustão, mas soltou um montão de fumaça antes de morrer. Foi como estar dentro de uma tenda indígena do suor. Os detentos choravam por causa da fumaça e tossiam por causa das cinzas. Bom, depois de eles matarem o pobre rapaz de pancada, os agentes da polícia do estado arrastaram o cadáver para fora da cela com luvas de borracha e deram um fim nele. Mas todo mundo sabia que o negócio iria se espalhar. Aquele lugar era uma verdadeira placa de Petri de concreto. Em pouco tempo, a escama apareceu em dois caras de outra cela totalmente diferente. Depois em três meninos de *outra* unidade. Não faço ideia de como a escama conseguiu pipocar daquele jeito.

Harper poderia ter lhe explicado, mas agora não importava. O Bombeiro tinha dito que o mundo estava dividido entre os saudáveis e os doentes, mas que em breve estaria dividido entre os doentes e os mortos. Para todo mundo ali naquele recinto, o tema da propagação da Escama do Dragão agora tinha apenas interesse acadêmico.

– Os policiais não souberam como agir. Não havia estrutura para processar detentos cobertos com a Escama do Dragão, e eles não queriam soltar nenhum deles entre a população civil. Os policiais vestiram seus uniformes de choque, calçaram luvas de borracha, e juntaram todo mundo que tinha a Escama do Dragão numa cela só, todos juntos, enquanto tentavam decidir o que fazer.

O homem prosseguiu:

– Aí, um dia de manhã, um cara começou a gritar: “Estou com calor! Eu acho que estou morrendo! Tem formigas de fogo andando por todo o meu corpo!” Aí começou a gritar fumaça. O troço jorrou da garganta dele antes de o resto do corpo começar a arder. Parece que isso é o dragão completo, quando você cospe fumaça antes de morrer. Isso acontece porque os tecidos dos seus pulmões entraram em combustão, e você está pegando fogo de dentro para fora. Ele começou a correr de um lado para outro, aos gritos, com fumaça jorrando da boca feito o personagem de um desenho animado antigo que bebeu molho picante por engano. Todos os homens dentro da cela junto com ele se imprensaram contra as paredes de concreto para não pegarem fogo também. A polícia veio correndo, liderada pelo touro da manada, um cara chamado Miller. Eles passaram alguns segundos encarando o homem em chamas dentro da cela, aí começaram a atirar. – Cline aguardou para ver se Ben iria fazer alguma objeção. Ben estava sentado sem se mexer, com os braços pousados sobre os joelhos, encarando Gilbert com um olhar fixo sob a luz vermelha e tremeluzente da lareira.

– Devem ter disparado, sei lá eu, uns trezentos tiros lá dentro? Mataram todo mundo. Mataram o cara que estava pegando fogo, e todos os outros em volta dele.

“Quando o tiroteio acabou, o touro da manada, Miller, puxou o cinto para cima como se tivesse acabado de se refestelar com panquecas e bacon no café da manhã e nos disse que tinha salvado as nossas vidas. Que tinha impedido uma reação em cadeia antes de ela começar. Se eles não tivessem matado aqueles homens todos, o pavilhão teria virado um inferno. Outros policiais parados em volta dele encaravam as armas nas próprias mãos com um ar chocado, como se não conseguissem entender como

elas haviam disparado.

“Eles mandaram alguns de nós calçarem luvas de borracha de faxina e levarem os cadáveres para fora. Eu me ofereci para poder respirar um pouco de ar puro. Passei uns três, quatro meses em Brentwood, e eles nunca conseguiram tirar o cheiro de cabelo queimado e pólvora daquele pavilhão. Ah, e sabem a cela vazia? Encheu outra vez. Não tinha nenhum julgamento acontecendo. Ninguém estava sendo processado. Mas a polícia continuava prendendo gente por saques e coisas assim, e precisava pôr essa gente em algum lugar.

“Nos primeiros dois meses, eles nos alimentaram com carne em conserva e gelatina de limão. Aí a situação alimentar ficou meio complicada. Um dia a gente almoçou pêssego em calda. Em outro, três policiais arrombaram uma máquina automática e distribuíram chocolates. Comemos arroz em oito refeições seguidas. Um dia eles anunciaram que iriam suspender o café da manhã. Foi nessa hora que comecei a acreditar que iria morrer ali em Brentwood. Mais cedo ou mais tarde, eles iriam suspender o almoço. Aí, um dia, a polícia nem iria aparecer na carceragem.”

A voz dele era um som rascante que fazia Harper pensar em alguém amolando uma faca numa correia de couro. Sem pedir permissão, ela foi até a cozinha americana, encontrou uma xícara e a encheu com água da torneira. Trouxe a xícara de volta e a ofereceu a Cline, que aceitou com uma expressão de surpresa e gratidão. Bebeu a água toda em três goles.

Quando a xícara ficou vazia, ele lambeu os beiços e disse:

– Como eu já falei. Alguns dos policiais eram legais. Tinha um cara chamado Devon. Um sujeito delicado. A maioria dos colegas dizia pelas costas que ele era gay, e talvez fosse mesmo, mas uma coisa eu digo a vocês: ele nunca atirou em ninguém, e um dia trouxe para a gente duas sacolas de supermercado cheias de cerveja. Disse que estava fazendo aniversário e queria comemorar. Então nos serviu cerveja quente em copos descartáveis, distribuiu *cupcakes*, e todo mundo cantou parabéns para ele. E foi o melhor aniversário ao qual eu já fui. *Cupcakes* velhos de supermercado e Bud em temperatura ambiente para rebater. – Ele olhou para Ben. – Está vendo? Tem uns policiais bons nessa história – falou.

Ben deu um grunhido.

– Mesmo nos piores lugares sempre existe um pouco de decência – falou Carol. – E mesmo nos melhores sempre existe um pouco de egoísmo secreto.

Harper pensou que aquilo poderia ser uma indireta para ela. Caso fosse, era uma indireta canhestra, ineficaz; afinal de contas, não era Harper quem estava guardando bolo de café no armário enquanto o resto da colônia se contentava com beterraba em conserva. Imaginava que uma pequena quantidade de víveres ainda estivesse entrando na colônia de vez em quando, de uma forma ou de outra, trazida por algum recém-chegado ocasional. E imaginava que a melhor parte fosse parar ali, cortesia de Ben e das Sentinelas: agradados para ajudar Mãe Carol a conservar forças naquele seu momento difícil.

– É, bom, essa não foi a única coisa decente que o Devon fez pela gente. No final, ele fez um pouco mais do que distribuir cerveja quente em copos descartáveis. Vamos voltar a ele daqui a pouco.

“A argamassa entre os blocos de cimento das paredes estava esfarelada. Não tão esfarelada a ponto de ser possível raspá-la e fugir, nem em dez mil anos isso seria possível, mas esfregando dava para ficar com uma espécie de resíduo de giz nos dedos. Mazz descobriu que, misturando aquilo com cuspe, dava para fazer uma pasta branca. Foi isso que ele usou para esconder a Escama do Dragão quando ficou infectado, e foi o que eu usei também. Uns negros da nossa cela também se infectaram, mas arranharam a própria pele e depois disseram que tinham brigado. Um policial jogou lá dentro um rolo de atadura, e foi isso que eles usaram para cobrir as marcas. No final da semana, todo mundo na nossa cela já estava com a Escama do Dragão e tinha dado um jeito de esconder. Todo mundo estava com medo de o Miller e os outros aparecerem e fuzilarem mais uma cela, entendem?

“A escama apareceu em outras celas também. Não sei se quando chegou janeiro todos os detentos do pavilhão já estavam infectados, mas acho que, no dia de Ano-novo, tinha mais gente com a escama do que sem. Alguns eram bons em esconder. Outros, não. Depois de um tempo, os policiais perceberam. Deu para ver porque eles começaram a trazer a comida usando luvas até o cotovelo e capacetes de choque, para o caso de alguém tentar cuspir neles. Deu para ver pela cara apavorada deles por trás dos visores de plástico.

“Bom, um dia de manhã o Miller desceu junto com doze outros agentes, todos de roupa de choque e escudo. Anunciou que tinha boas notícias. Disse que tinha um transporte aguardando lá fora. Todos que estivessem infectados com a Escama do Dragão teriam o direito de serem transferidos para um campo em Concord, onde receberiam o melhor tratamento médico disponível e três refeições completas por dia. Miller leu em uma folha de papel que naquele dia eles iriam comer presunto com abacaxi. Pilaf de arroz e cenouras no vapor. Cerveja não, mas leite integral geladinho. As celas foram abertas, e ele mandou

todo mundo com a Escama do Dragão sair. Um negro baixinho com uma renda de escama que subia até a bochecha esquerda foi o primeiro a sair. Aquilo parecia uma samambaia tatuada. A maioria das pessoas não ficava marcada no rosto, mas ele sim, e acho que não via motivo para fingir que não estava infectado. Um segundo cara saiu depois dele, depois mais alguns outros, e depois uns caras que eu nem sabia que estavam infectados. Em pouco tempo, mais ou menos metade do pavilhão tinha saído para o corredor que separava as fileiras de celas. Eu mesmo quase saí. Foi a história do leite geladinho que me físgou. Sabem como é bom tomar um copo de leite integral geladinho quando faz tempo que você não toma? Minha garganta doeu só de pensar naquilo. Cheguei a dar um passo à frente, mas o Mazz me segurou pelo braço e balançou a cabeça bem de leve. Então eu fiquei.

“Mas a maioria do pessoal da nossa cela foi. Um dos caras que estava lá com a gente, Junot Gomez, me olhou com uma cara confusa e balbuciou: ‘Vou pensar em vocês quando estiver tomando café amanhã.’” Gilbert ergueu a xícara até a boca, então lembrou que estava vazia. Harper se ofereceu para pegar mais água, mas ele fez que não com a cabeça.

– O que aconteceu? – quis saber Carol.

– Será mesmo tão óbvio que eles jamais comeram seu presunto e seu pilaf de arroz? Acho que sim, né? Foram levados lá para fora e fuzilados. O pipoco das armas foi tão forte que sacudiu as paredes, e o eco ainda durou quase meio minuto. Não eram tiros de pistola. O que a gente ouviu foram rajadas de metralhadora automática. Pensei que aquilo não fosse parar nunca. Não dava para ouvir mais nada, nem gritos, nem urros... só as armas atirando, como se alguém estivesse colocando toras num equipamento de triturar madeira. Quando o tiroteio acabou, todo mundo permaneceu bem quieto. O pavilhão de celas nunca tinha estado tão quieto, nem mesmo no meio da noite, quando todo mundo deveria estar dormindo.

Cline fez uma pausa, e continuou:

– Um pouco depois, o Miller e os outros desceram. Dava para sentir o cheiro de homicídio nos caras. Cheiro de pólvora e sangue. Eles desceram com seus M16, e o Miller enfiou o cano por entre as grades apontado para a gente e eu pensei: *Pronto, chegou a nossa vez*. A gente estava ferrado se fosse embora, e ferrado se não fosse. Fiquei enjoado com aquilo, mas não caí de joelhos nem comecei a implorar.

– Que bom – disse Harper. – Muito bem.

– Ele disse: “Quero dez homens para uma equipe de limpeza. Se fizerem um bom trabalho, terão direito a um refrigerante depois.”

“E o Mazz retrucou: ‘Que tal um copo de leite geladinho?’ Só para implicar, sabe? Mas o Miller não entendeu a piada. Só respondeu: ‘Claro, se tiver.’

“Mazz perguntou: ‘O que houve lá fora?’ Como se a gente já não soubesse.

“Miller falou: ‘Eles tentaram fugir. Tentaram roubar o caminhão.’

“E então o Mazz riu.

“Miller piscou para ele e disse: ‘Estavam todos mortos, mesmo. É melhor assim. A gente fez um favor para eles. Foi tudo rápido. Melhor do que morrer queimado vivo.

“Mazz falou: ‘Isso é a sua cara, Miller. Sempre pensando em como ajudar seu semelhante. Você é um retrato da empatia.’ Eu já disse a vocês: o Mazz tem um instinto de seguir falando quando qualquer outra pessoa saberia que é melhor calar a boca. Tive certeza de que ele seria morto a tiros, mas sabem do que mais? Acho que o Miller estava em choque também. Talvez os ouvidos dele ainda estivessem apitando, e ele não tenha conseguido ouvir o Mazz muito bem. Tudo que sei é que ele simplesmente meneou a cabeça como se estivesse concordando.

“Ele abriu a cela, e o Mazz e eu saímos. Alguns outros homens saíram de outras celas. Os guardas nos mandaram sentar no chão, tirar os sapatos e deixar lá, para a gente não tentar fugir. Quando formamos um grupo de dez, subimos a escada ladeados por agentes vestidos com armaduras corporais. Eles nos conduziram por um corredor de concreto comprido e nos fizeram sair por uma porta dupla anti-incêndio que dava para o estacionamento.

“A manhã estava fria e clara, tão clara que no início não consegui ver nada. Durante pelo menos um minuto, o mundo inteiro foi apenas um borrão branco. Pensei muito nisso desde então. Os homens que foram fuzilados... eles deviam estar cambaleando sem ver nada quando foram abatidos.

“Quando a minha visão clareou, pude ver que o muro de tijolo estava todo crivado de balas. A maioria dos corpos estava caída rente ao muro, mas alguns detentos tinham tentado fugir. Pelo menos um tinha conseguido correr sete metros pelo estacionamento antes de levar um tiro na cabeça.

“Tinha um caminhão municipal encostado de ré nos fundos da delegacia. Eles nos deram luvas de borracha e nos disseram para começar. Queriam mandar os corpos para serem ‘descartados’ em Portsmouth. Sabem o cara de quem eu falei, Devon, o aniversariante que nos deu cerveja naquele dia? Ele também estava lá, com uma prancheta na mão. Ia ticando nossos nomes conforme a gente pegava as

luvas, e teria de nos ticar de novo quando a gente voltasse para a cela. Ele agora parecia outro homem. Parecia ter tido dez aniversários no último mês, não um.

“No início foi fácil jogar os corpos para dentro da traseira do caminhão, mas depois de um tempo Mazz e eu tivemos que subir lá para organizar as coisas e abrir espaço para mais cadáveres. Com o frio que estava fazendo, eles já estavam endurecendo. Foi mais parecido com transportar árvores mortas do que vocês podem imaginar. Virei o cadáver de Junot Gomez, que morreu de boca aberta como se fosse perguntar alguma coisa. Talvez fosse perguntar o que eles serviam de café da manhã em Concord.” Isso fez Gilbert Cline rir, um som curto e áspero, mais perturbador do que teria sido um soluço. “A gente já tinha empilhado uns quarenta corpos dentro do caminhão quando o Mazz me segurou pelo cotovelo e me puxou para baixo junto com ele. Aí arrastou o corpo do Junot para cima de nós dois. Simples assim. Sem conversa. Como se a gente tivesse planejado. Nunca sequer me ocorreu pensar duas vezes.

“Bom. Não sei se tinha alguma coisa para pensar. Os guardas achavam que a gente estivesse saudável por enquanto, e não iriam desconfiar que dois homens saudáveis estariam se remexendo junto com uma pilha de cadáveres infectados. E ficar ali nem era mais seguro. Mais cedo ou mais tarde eles iriam fuzilar o resto dos detentos por um motivo ou outro. Iriam fuzilar todo mundo e dizer para si mesmos que era a coisa certa a fazer, que tinham nos salvado de morrer de inanição, ou queimados vivos, ou sei lá como. Os responsáveis por tomar as decisões sempre conseguem justificar atos terríveis em nome do bem maior. Um massacre aqui, uma pequena tortura ali. Torna-se moral fazer coisas que seriam imorais se fossem atos de um indivíduo normal.

“Enfim. Não tem mais muito para contar. A gente se escondeu debaixo dos cadáveres enquanto os outros detentos continuavam jogando mais corpos lá dentro. Ninguém pareceu dar pela nossa falta. Aí, bem na hora em que eles estavam terminando, ouvi alguém pular para dentro do caminhão e começar a andar lá dentro. Ouvi calcanhares de botas ecoarem no metal. Os corpos não estavam cobrindo a gente totalmente, e eu conseguia ver por entre eles, e de repente dei de cara com o Devon e sua prancheta, e juro que ele estava olhando para mim também. A gente ficou se encarando pelo segundo mais longo de que se tem registro em toda a história do tempo. Aí ele meneou a cabeça, bem de leve. Desceu do caminhão e bateu a porta da caçamba, e alguém ligou o caminhão. Um dos guardas gritou para ele perguntando se estava todo mundo ali, e o Devon respondeu que sim. Ele mentiu para a gente. Sabia que a gente estava no caminhão e mentiu para podermos fugir. Um dia isso tudo vai ter acabado e eu vou achar esse cara e pagar uma cerveja para ele. Ninguém nunca mereceu mais uma cerva.

O fogo na lareira assobiava e espumava.

– E aí? – indagou Carol.

– O motorista engatou a primeira e foi embora. Meia hora mais tarde, chegamos ao grande estacionamento em Portsmouth onde eles estavam queimando os mortos. Mazz e eu descemos do caminhão sem sermos vistos, mas só conseguimos chegar até uma galeria pluvial na beira daquele lago. Aí ficamos presos. Não podíamos atravessar o lago nem o estacionamento. Não tenho certeza do que teria acontecido se o Bombeiro não tivesse aparecido. Acho que ou teríamos morrido de frio, ou então nos entregado e sido fuzilados. Espero ter uma oportunidade de agradecer a ele. Deve ser bem bom ter ele do seu lado. Quase dá pena de qualquer um que enfrente o cara.

Seguiu-se um silêncio prolongado e constrangido.

– Obrigada, Sr. Cline – disse Carol. – Obrigada por compartilhar sua história. O senhor deve estar cansado depois de tanto falar. Jamie, pode levá-lo de volta para a prisão temporária?

– As algemas, Jamie – disse Ben.

Jamie deu um passo à frente, Mindy se levantou, e as duas se aproximaram de Gil uma por cada lado. Gil olhou para Carol e em seguida para Ben; seus olhos cinzentos estavam cansados e caídos. Ele se levantou e levou as mãos às costas. As algemas produziram um ruído de engrenagem quando Jamie as fechou ao redor de seus pulsos.

– Eu ia perguntar se tinha alguma chance de eu ser transferido daquele frigorífico para junto dos outros homens – disse Gil. – Mas acho que não.

Carol falou:

– Fico muito grata ao senhor por ter sido tão franco. Grata... e feliz. Feliz que esteja aqui conosco. Feliz que não precise temer ser arrastado para um estacionamento e abatido a tiros. Mas Sr. Cline, depois do que o Sr. Mazzucchelli fez pelo senhor, não tenho certeza que seja do interesse desta comunidade libertar vocês. Ele o ajudou a fugir, e o senhor parece ter uma alma leal. Como não iria querer ajudar a fazer o mesmo por ele? Não. De volta para a prisão temporária, Jamie. Pode parecer um tratamento horrível, mas o senhor deve compreender por que é necessário, Sr. Cline. Como o senhor mesmo disse, as pessoas responsáveis pelas decisões sempre conseguem justificar atos terríveis em nome do bem

maior. Eu acho que sei bastante bem o que estava querendo insinuar ao dizer isso. Acho que todos sabemos que foi uma indireta para *mim*.

Os cantos da boca de Gil subiram num leve sorriso.

– Dona – disse ele. – Eu me escondi debaixo de cadáveres menos frios do que a senhora. – Ele olhou de relance para Harper e lhe deu um curto meneio de cabeça. – Obrigado pela água, enfermeira. A gente se vê por aí.

Jamie lhe deu um cutucão na base das costas com seu cabo de vassoura.

– Anda, bonitão. Vamos voltar para a suíte matrimonial.

Quando ela abriu a porta, o vento soprou neve até o meio da sala. Mindy e Jamie escoltaram Gilbert para fora, e a porta se fechou atrás dele com um ruído abafado. A casa rangia em meio à tempestade.

– Sua vez, Harper – disse Carol.

10

– Me fale sobre o meu pai – disse Carol. – Ele está morrendo?

– A condição dele no momento é estável.

– Mas ele não acorda.

– Eu tenho esperança.

– Ben disse que já deveria ter acordado.

– Sim. Se tiver sido um hematoma subdural sem complicações.

– Então por que ele não acordou?

– Deve ter havido complicações.

– De que tipo? Que espécie de coisa é uma “complicação”?

– Eu não poderia dizer com certeza. Sou enfermeira, não neurologista. Um pedaço de osso dentro do cérebro? Ou então apenas um hematoma cerebral profundo. Ou ele pode ter tido um AVC enquanto a gente estava operando. Não tenho nenhum dos equipamentos de diagnóstico de que precisaria para saber.

– Se ele acordar... – começou Carol, e sua respiração pareceu dar um tranco antes de ela conseguir continuar, embora seu rosto tenha permanecido flácido e sem expressão. – O quão retardado ele vai estar?

Não se usava o adjetivo *retardado* para se referir a danos cerebrais, mas Harper não achou que aquela fosse a hora ou o lugar para corrigi-la.

– Ele pode não ter nenhuma limitação, ou pode ficar gravemente sequelado. Nesse momento, tudo seria apenas suposição.

– Mas você concorda que ele a esta altura já deveria ter se recuperado? – perguntou Carol. – Este é um desfecho inesperado, não é?

– Eu estava torcendo por um desfecho melhor.

Carol aquiesceu de modo lento, quase sonhador.

– Tem alguma coisa que você possa fazer por ele?

– Com o que temos à disposição? Não muito. Eu arranjei um jeito para injetar fluidos nele, suco de maçã diluído em água, mas isso só vai sustentá-lo por algum tempo. Se a enfermaria estivesse mais bem abastecida, porém, haveria toda uma gama de alternativas para melhorar os cuidados com ele. E eu também teria mais flexibilidade com os outros pacientes. Era sobre isso que eu estava esperando poder conversar com você. Já falei com o John...

– Sim – disse Carol. – Eu soube.

Harper continuou como se não tivesse havido interrupção.

– ... e ele tem um plano para nos conseguir os materiais...

Dessa vez Ben se intrometeu.

– Eu não disse? – perguntou ele a Carol. – Não disse que podíamos confiar que o Bombeiro teria um plano para nós? – Falou num tom chapado, quase entediado, mas por baixo havia tensão na sua voz.

Harper tornou a tentar.

– John acha que pode nos ajudar a conseguir o que eu preciso para cuidar do seu pai e assegurar seu tratamento a longo prazo, caso ele siga incapacitado. Acho que deveríamos considerar essa possibilidade.

– Me fale – disse Carol.

Harper explicou o plano do Bombeiro: a ideia era que eles levassem o carro de polícia de Ben até a Verdun Avenue, usassem um dos celulares da colônia para chamar uma ambulância, esperassem a ambulância aparecer, e então...

– ... então John disse que vai mandar uma fênix expulsar os socorristas e quaisquer policiais que venham junto com eles – concluiu Harper. Sentiu que essa era uma conclusão um tanto tosca, e experimentou uma breve irritação em relação aos perversos impulsos teatrais de John. – Não tenho certeza do que ele quer dizer com isso, mas até aqui ele não nos decepcionou.

– Vai ser mais um de seus espetáculos – disse Carol. – Uma de suas distrações. Ele gosta mesmo dessas distrações.

– Não vejo por que precisamos da ajuda dele – falou Ben. – Podemos assaltar uma ambulância sem ele. Temos armas suficientes.

– Para matar quantas pessoas? – perguntou Harper.

– Ah, não chegaria a tanto. Vamos dizer o seguinte: ou vocês nos dão o que tem na ambulância, ou vão acabar andando em uma. A maioria das pessoas coopera bastante com uma espingarda na testa.

– Eles também vão estar armados. Vão ter uma escolta policial.

– Claro. Mas quando os encontrarmos eu vou estar de uniforme e ao volante da minha viatura. Eles vão estar despreocupados. Antes de perceberem o que está acontecendo, nós fechamos a arapuca – disse Ben.

– Por que fazer isso sozinhos? – indagou Harper. – Por que não do jeito do John?

– Da última vez que fizemos as coisas do jeito do John, alguém quase assassinou meu pai – disse Carol.

– O que aconteceu com o seu pai aconteceu *aqui*, no nosso território. O plano do John *deu certo*.

– É. Deu bem certo para *ele*.

– Como assim?

Em vez de responder, Carol perguntou:

– Quando John estava planejando nos conceder sua preciosa ajuda?

– Daqui a três noites.

– Não podemos esperar tanto tempo. Tem que ser amanhã. Ben, confio em você para agir sem violência a menos que seja absolutamente inevitável.

– Certo – disse Ben. – Bom. Eles vão ser quatro: dois socorristas na ambulância, dois policiais na viatura, então é melhor sermos cinco. Jamie é quem atira melhor na colônia depois de mim. Nelson Heinrich tinha sua própria página da Associação Nacional de Rifles no Facebook, e parece que é bom de mira com a espingarda. Aquela menina que acabou de sair daqui, Mindy Skilling, pode dar o telefonema para a emergência. Ela tem idade suficiente, de modo que eu não me sentiria irresponsável levando-a comigo, e tem talento para as artes dramáticas. Acho que estudou na Emerson, não foi? Imagino que...

– Peraí. *Peraí* – interrompeu Harper. – Carol, não tem por quê a gente não poder esperar três noites. O seu pai...

– ... tem quase 70 anos. Você esperaria três noites se fosse o seu pai? Se pudesse fazer alguma coisa agora?

A vontade de Harper foi dizer: *O meu pai não iria querer que pessoas levassem um tiro por causa dele*, mas não conseguiu fazer as palavras saírem da boca. Na verdade, achava que Carol tinha razão. Se fosse o pai de Harper, ela teria implorado ao Bombeiro para fazer tudo que pudesse, o quanto antes. Implorar não era o tipo de coisa que Julie Andrews fazia, mas Harper seria capaz disso.

– Tudo bem. Vou falar com o John. Ver se ele consegue adiantar tudo para amanhã à noite.

Carol mexeu na mecha de cabelos pretos caída em sua testa.

– John John John John John John John John. Se John não está com pressa para ajudar meu pai, eu me sentiria muito mal se o apressasse.

– Ele não está atrasando sem motivo. Carol, ele quebrou várias costelas.

Carol aquiesceu com empatia.

– É. É, claro, a gente *precisa* deixar o John descansar. Não quero que ninguém o perturbe. Não precisamos dele. Enfermeira Willowes, Ben vai precisar de uma lista detalhando tudo que você necessita para cuidar do meu pai da *melhor* maneira possível.

– Isso não vai dar certo. Eu preciso ir com eles.

– Ah, não. Não, não seria possível. É muita coragem e bondade sua querer ir, mas preciso que fique com o meu pai. Não podemos arriscar você.

– Pois vão ter que arriscar. Ben só vai ter alguns minutos na ambulância. Quer mesmo que ele precise

escolher entre duzentos frascos enquanto tenta decifrar abreviações farmacológicas? Eu não correria esse risco se fosse o meu pai. – Ela reverteu a situação para ver se teria algum efeito sobre Carol.

Carol a encarou com um olhar ameaçador.

– Meu pai precisa de mais do que bons remédios. Ele precisa de uma boa enfermeira – disse ela. – Uma coisa não vale nada sem a outra. Não deixe de voltar de jeito nenhum.

Harper não soube o que dizer. A conversa toda tinha sido difícil de entender, cheia de subentendidos que ela não compreendia e de implicações que não lhe agradavam.

– Ben, quero conversar com você sobre o plano – disse Carol. – Quero saber tudo. Quem você vai levar. Como é a Verdun Avenue. Tudo. Enfermeira... – Ela relanceou os olhos para Harper. – Espero que consiga achar o caminho de volta até a enfermaria.

Harper se espantou que eles fossem simplesmente deixá-la sair sem supervisão. Até certo ponto, considerava-se tão prisioneira quanto Gilbert Cline, só que com uma cela mais bacana. Fora escoltada até a Casa da Estrela Negra, e imaginava que sairia da mesma forma.

Uma parte dela quis sair pela porta imediatamente, antes de Carol mudar de ideia e resolver mandá-la de volta com Bowie ou com uma das Sentinelas de guarda lá fora. Já havia planejado um modesto desvio em seu caminho até a enfermaria. Mas forçou-se a esperar, mexendo nos botões pretos do sobretudo. Afinal, ainda restava um assunto a abordar.

– Carol... eu estava com esperanças de que a gente pudesse conversar sobre a Allie. Ela está andando com uma pedra na boca há dias, porque acha que precisa se redimir de alguma coisa. Eu acho que ela está fazendo isso em parte porque admira você. Quer impressionar você. Quer que todo mundo saiba quanto é dedicada à colônia. Você não consegue fazer ela parar?

– Eu não – respondeu Carol. – Mas você sim.

– É *claro* que você consegue fazer ela parar. Diga que ela já se puniu o suficiente. É tia dela, a Allie ama você. Ela vai escutar. Você é praticamente tudo que ela tem. É *responsável* por ela. Precisa intervir antes que ela desmorone.

– Mas nós somos *todos* responsáveis *uns pelos outros* – disse Carol, e seu rosto adquiriu uma serenidade enlouquecedora. – Nós somos um castelo de cartas. Se apenas umazinha dessas cartas parar de sustentar sua parcela de peso, a colônia inteira desaba. É isso que a Allie está tentando dizer a *você*. É a *sua* pedra que ela está carregando na boca. Só você pode tirá-la.

– Ela é uma criança e está agindo feito criança. Cabe a você agir como adulta.

– Cabe a mim cuidar de mais de cento e cinquenta pessoas desesperadas. Garantir sua segurança. Impedir que elas morram queimadas vivas. De certa forma, eu também sou enfermeira. Preciso proteger esta colônia da infecção do desespero e do egoísmo. Preciso nos proteger dos segredos, que podem ser como um câncer. Da deslealdade e do desafeto, que se alastram como febres. – Conforme ela falava, foi se retesando na cadeira, e seus olhos cintilaram com um calor doentio. – Desde que meu pai caiu, eu tentei ser o que essas pessoas todas necessitam. O que elas merecem. Meu pai queria que a Colônia Wyndham fosse um lugar *bom* para quem não tivesse mais para onde ir. E é só isso que eu quero. Só quero que este seja um lugar *bom*... e acho que ele fica melhor quando todos nós cuidamos uns dos outros. Meu pai também achava isso. – Ela uniu as mãos com força, então as pressionou entre os joelhos. – Juntos nós somos mais fortes, Harper. E se você não estiver conosco, está sozinha. Ultimamente tem sido ruim ficar sozinha. – Sua expressão era quase de dar pena, pensou Harper. – Você não entende isso?

11

Harper foi seguindo uma trilha quase indiscernível encimada por um céu obscuro.

Para onde quer que virasse o rosto, a neve o fustigava. O vento soprava em rajadas. Uma árvore estalou. Tábuas bambeavam e se inclinavam sob seus pés, obrigando-a a andar devagar para manter o equilíbrio.

Quando a Casa da Estrela Negra desapareceu atrás dela, Harper parou na escuridão congelada e perfumada pelos pinheiros. Dali a mais duzentos passos, iria atravessar a trilha que descia serpenteando por entre as árvores até os seixos e o cais. Poderia cruzar a água em dez minutos e dizer a John que eles tentariam pegar a ambulância amanhã, dizer a ele que...

Uma criança correu por entre os pinheiros à sua direita, uma sombra tremeluzente, e quando ela virou a cabeça para olhar viu que na verdade não era uma criança, apenas um redemoinho de neve a se mover depressa por entre as árvores.

Plaft!

Uma bola de neve a acertou na lateral da cabeça, mas ela só percebeu depois de dar mais dois passos. Levou esse tempo todo para registrar o fato. Não teve consciência de tombar para um dos lados, nem de o joelho direito ceder com seu peso até se ver ajoelhada na neve.

Viu um borrão de movimento com o canto do olho, e ergueu um cotovelo a tempo de bloquear a bola de neve seguinte. O impacto deixou seu braço dormente. Um choque subiu por seu cotovelo até a mão. A bola de neve se despedaçou assim que a atingiu. A pedra branca sarapintada que havia lá dentro rolou pela neve na sua frente.

Formas de meninas pularam de trás das árvores de ambos os lados, ofegantes de tanto rir. Harper pensou ver uma bola de neve vindo na direção da sua barriga e baixou os braços para protegê-la, e a bola então bateu na lateral do seu pescoço, uma agulhada fina seguida por dormência.

Elas a rodearam.

A água nos olhos dela queria virar gelo, congelar ali. Os rostos que a rodeavam estavam rígidos, brancos e inexpressivos, como se ela estivesse sendo atacada pelos manequins de uma loja de departamentos.

Uma das meninas a atacou pelas costas e lhe deu um empurrão. Ela tombou de lado.

– Por favor, meninas, cuidado – disse ela. – Eu estou grávida. Não vou lutar com vocês.

– Pintar de branco, pintar de branco! – entoou alguém cuja voz soou terrivelmente parecida com a de Emily Waterman.

Alguém a agarrou pelos cabelos com a mão enluvada, pegou um punhado de neve com a outra e a esfregou no seu rosto. Uma menina guinchou de tanto rir.

Quando Harper conseguiu tirar a neve dos olhos, Tyrion Lannister de *Game of Thrones* estava ajoelhado na sua frente. Encarava-a com olhos incrédulos e vazios: era uma máscara de plástico barata. Ele... não, *ela*, pois era uma menina por trás daquela máscara... ela estendeu a mão com a palma para cima. Em sua mão havia uma pedra branca chata.

– Come – disse a voz por trás da máscara. – Come isso, sua piranha.

– Obrigá ela a comer – disse outra.

– Come, come, come – entoaram as meninas.

Harper estava deitada de lado na neve, com um dos braços cobrindo a barriga muito inchada e o outro preso debaixo do corpo. A menina que segurava seus cabelos deu um puxão. Depois outro mais forte.

Harper abriu a boca e a manteve aberta feito uma criança que deixa o médico examinar suas amígdalas. Tyrion Lannister forçou a pedra lá para dentro: um peso frio, chato.

A cinco passos de distância, entre dois pinheiros, o Capitão América observava. Harper encarou Allie até as lágrimas borrarem seus olhos e ela começar a ver dobrado, triplicado.

Ouviram-se um som como se alguém tivesse rasgado um lençol ao meio. A mão que segurava seus cabelos puxou, fazendo o queixo de Harper se levantar e forçando sua cabeça para trás. Outra mão lhe deu um tapa na boca com força. Um polegar se moveu de um lado para o outro, pressionando um pedaço

de silver tape por cima dos seus lábios.

– Meia hora – disse a menina que a segurava pelos cabelos. – Ela vai ficar aí por meia hora. Agora levanta. Se ajoelha.

Harper foi erguida de joelhos. As meninas puxaram seus braços para trás, e ouviu-se outro som de rasgão quando uma delas separou outro pedaço de silver tape e prendeu suas mãos.

– *Cuibeb* – disse Harper, querendo dizer para tomarem cuidado com o *bebê*. Não teve a menor ideia se alguém a entendeu.

Duas das meninas puseram-se a dançar de mãos dadas, rodopiando e girando rápido: uma usava uma máscara do Obama, a outra uma do Donald Trump. Durante todo esse tempo, o Capitão América não se mexeu, mas permaneceu entre dois abetos, tão imóvel e sem piscar quanto uma coruja.

Lanternas se moviam pelos pinheiros, um enxame de fortes luzes douradas. Harper teve de olhar outra vez antes de se dar conta de que nenhuma das meninas segurava lanternas. Eram as próprias meninas saltitando, rindo e chutando neve em cima dela. Elas estavam acesas como quando cantavam juntas na igreja. Estavam brilhando umas para as outras, e a escama pulsava, intensa o bastante para projetar a claridade por baixo dos casacos e pelas golas abertas.

Quer dizer então que havia outras maneiras de alcançar o estado de exaltação chamado Brilho. Um coro ou um pelotão de fuzilamento: qualquer um dos dois servia para satisfazer a escama. Um estupro coletivo valia tanto quanto um coral religioso.

Harper ouviu o *tlec-tlec* de uma tesoura. Seus cabelos dourados começaram a cair na neve.

– Ha ha! Ha ha! – fez sua agressora mais jovem, a menina que Harper tinha certeza de ser Emily Waterman. – Corta corta *cortaaa!* – Sua voz era um estrilo embriagado.

O vento suspirou, relutante, como um amante percebendo que é hora de partir. Seus cabelos foram caindo à sua volta enquanto a tesoura fazia *tlec-tlec*.

– Que gosto tem essa pedra? – perguntou uma das meninas. – Aposto que não é tão bom quanto o pau do Bombeiro.

A menina que estava cortando os cabelos de Harper falou:

– Não é sexy? O barulho da tesoura? – Ela abriu e fechou a tesoura pertinho da orelha de Harper. – Fico toda arrepiada. Estou gostando tanto de cortar seu cabelo que fico com pena de ele ter acabado. Uma pena eu ter que parar. Quem sabe da próxima vez corto alguma outra coisa? Você tem que decidir se está com a gente ou contra a gente. Se vai brilhar com a gente ou se não vai. Quer o *meu* conselho médico? Minha receita é mudar essa sua atitude de vaca.

Sim, elas estavam todas brilhando... todas exceto Allie. Allie deu um passo na sua direção e produziu um ruído baixo e engasgado de pesar, mas quando Harper virou os olhos na sua direção ela cambaleou e se petrificou onde estava. Chegou a erguer uma das mãos, com a palma para a frente, como se de algum modo Harper pudesse dar um pulo, soltar as mãos e agredi-la.

Harper pensou que havia a chance de em breve uma delas recuar e chutar sua barriga como se fosse uma bola de futebol, por pura diversão. Elas não sabiam mais o que estavam fazendo. Talvez já tivessem ido muito mais longe do que pretendiam. Talvez sua intenção tivesse sido apenas acertá-la com bolas de neve e sair correndo. Haviam esquecido quem eram. Haviam esquecido os próprios nomes, as vozes de suas mães, os rostos dos pais. Pensou que era bem possível elas a matarem ali na neve sem querer. Usar aquela tesoura para cortar sua garganta. Quando se estava no Brilho, tudo causava uma sensação boa, tudo parecia *certo*. Você não andava, dançava. O mundo pulsava com uma canção secreta, e você era a estrela do seu próprio musical em Technicolor. O sangue jorrando da sua carótida seria tão lindo para elas quanto fogos de artifício projetando uma ardente chuva vermelha de fósforo.

A menina que havia passado todo aquele tempo em pé atrás dela a empurrou de lado na neve. Uma bolha de alguma emoção potente e perigosa estremeceu dentro dela, e Harper ficou muito parada para que a bolha não explodisse. Não queria descobrir o que era aquilo... se era tristeza, terror, ou pior de tudo, entrega.

Cada uma das meninas dançou até ela e chutou neve no seu rosto, e Harper fechou os olhos.

As meninas ficaram paradas junto dela cochichando. Harper não suportava olhar para elas, não suportava ver aquela ciranda de rostos mascarados reunida à sua volta. Elas não paravam de falar com vozes suaves, sibilantes, ininteligíveis. Harper tremia violentamente. Sua calça jeans estava ensopada, seus pulsos doíam, e seu rosto estava vermelho e queimado por causa de toda a neve lançada ali.

Por fim, ela abriu uma frestinha dos olhos. Os cochichos continuavam, mas as meninas não estavam mais ali. A única coisa que falava agora era o vento fazendo *shhh* para os pinheiros.

Ela se contorceu e girou os pulsos. A silver tape estava colada nas luvas, não na pele, e em pouco tempo ela conseguiu soltar uma das mãos de tanto remexê-la. Tirou a outra luva e jogou de lado o par

ainda preso pela silver tape. Não hesitou, não deu a si mesma tempo para pensar, mas encontrou a ponta da silver tape que lhe cobria a boca e puxou. Arrancou junto um pedaço do lábio superior.

Cuspiu a pedra na neve. Estava rosada de sangue.

Ficou tão tonta ao se levantar que teve de pôr a mão em um pinheiro para se equilibrar. Foi andando de tronco em tronco, feito uma criança cambaleante que dá os primeiros passos e usa os móveis como apoio. Achou a curva que conduzia à beira-d'água e começou a descer o morro. Devia ter dado uns doze passos quando alguém a chamou.

– Enfermeira Willowes? – gritou Nelson Heinrich. – Aonde está indo? O caminho da enfermaria é aqui por cima.

Ele estava sobre as tábuas junto com Jamie Close. Jamie usava as mesmas roupas da última vez em que Harper a vira, a calça de neve laranja berrante e a volumosa parca cor de ardósia. A única coisa diferente era que havia tirado a máscara de Tyrion Lannister.

– A neve está chegando ao seu pescoço. Por que não volta aqui antes de ser enterrada viva? – O rosto de Nelson estava vermelho por causa do frio, e ele exibiu os dois dentes da frente quando riu.

A respiração de Harper saía condensada. Ao passar a língua pelo lábio superior, ela sentiu gosto de sangue.

Precisou de quase cinco minutos para subir pesadamente os vinte degraus que levavam de volta às tábuas, chapinhando na neve até a cintura, sentindo o pó entrar nas botas.

– Jamie e eu estávamos indo substituir as Sentinelas na casa da Mãe Carol! Que bom que aparecemos agora. Você estava totalmente desorientada. – Ele estendeu as duas mãos para ajudá-la a subir nas tábuas. Tinha a testa franzida, mas seus olhos estavam alegres e bem-humorados. – Mas veja só todas essas pegadas! Nós temos regras, sabia? Não é permitido sair das trilhas! Podemos retirar as tábuas, mas não podemos fazer pegadas desaparecerem. E se um caçador passar por aqui? Por Deus, se formos descobertos, vão nos mandar todos lá para Concord! Isso se não nos fuzilarem aqui e pronto! Sair das tábuas põe a colônia inteira em perigo! O Sr. Patchett e Mãe Carol foram muito claros com relação a isso. Uma hora com uma pedra deve lembrá-la das suas responsabilidades.

Jamie Close deu a volta nele com uma pedra branca estendida na palma da mão. Ao sorrir, exibiu um dente lascado.

Harper pegou a pedra e obedientemente a pôs na boca.

Foi escoltada feito uma prisioneira por entre as árvores, e Nelson a conduziu de volta até a colônia enquanto Jamie seguia atrás dela com a espingarda e o cabo de vassoura serrado. Harper ficou surpresa ao constatar que a pedra não a incomodava tanto quanto ela pensou que incomodaria. Acreditava que, com o tempo, talvez passasse até a achá-la reconfortante. A pedra inspirava calma, meditação. Insistia no silêncio, tanto um silêncio interior quanto literal.

A pedra solicitava sua atenção integral, o que era um alívio, pois muitos dos temas nos quais ela normalmente pensava a reviravam por dentro: se conseguiria manter Pai Storey vivo, se conseguiria se manter viva, o que faria se o bebê tivesse a Escama do Dragão como ela, o que aconteceria se o estresse provocasse um trabalho de parto prematuro.

A pedra forçava tudo isso para longe, e no início ela pensou que, se soubesse o quanto era fácil viver com uma pedra na boca, não teria resistido a isso com tanta fúria. Então pensou que no fundo sempre soubera. Sempre entendera que a obediência seria para ela um grande reconforto, e na verdade era exatamente por isso que havia resistido. Sentira que se cedesse uma vez, apenas uma, ceder novamente seria fácil.

Eles saíram da mata perto da capela. A porta dupla da igreja estava aberta, e as pessoas lá dentro a encaravam. Ela sentiu que a maioria sabia do que ela estava se afastando.

Harper retribuiu com um olhar frio, distante, sem vergonha alguma, e ficou satisfeita ao ver alguns dos rostos se encolherem de volta para as sombras. Mas a maioria dos jovens se manteve firme. Crianças tinham grande interesse pela punição alheia, uma fonte de imensa gratificação.

Allie andava de um lado para outro ao pé dos degraus da frente da capela, mas ao ver Harper estacou.

– Não para de mexer essa bunda, enfermeira – falou Jamie.

Allie esperou Harper passar, então não conseguiu mais se conter. Disparou e saiu correndo pela neve para interceptá-los.

– Allie, você hoje tem que ficar de Sentinela no campanário – disse Nelson Heinrich. – Volte para o seu posto.

Allie o ignorou.

– Harper. Queria que você soubesse que eu nunca quis...

Mas Harper havia cuspido silenciosamente a pedra na própria mão. Puxou uma pelota de catarro do fundo da garganta e a cuspiu na cara de Allie. A adolescente se retraiu como se tivesse levado um tapa.

Jamie lhe bateu na parte de trás da cabeça, ela não teve certeza se com um punho fechado ou com o cassetete.

– Essa pedra tem que ficar na sua boca! – guinchou Nelson. – E agora pode deixar ela aí até o sol se pôr!

Harper não desgrudou os olhos dos de Allie, cujo rosto estava se amarfanhando de choque e tristeza e cujos olhos atônitos já começavam a marejar. Ficou olhando até Allie dar o primeiro soluço. Então tornou a pôr a pedra na boca e retomou seu caminho em direção à enfermaria.

LIVRO SEIS

FÊNIX

FEVEREIRO

1

Do diário de Harold Cross:

10 DE AGOSTO:

AQUI NESTA COLÔNIA ELES ADORAM CANTAR AQUELES HINOS DAS ANTIGAS. QUASE TODA NOITE A GENTE OUVI "AMAZING GRACE", E CAROL ACARICIA A TECLADO DO ÓRGÃO COMO SE FOSSE O RAY CHARLES. VOU DIZER UMA COISA PARA VOCÊS, NÃO EXISTE GRAÇA NEM EXISTE DEUS, E EU SOU A PROVA DISSO. SE EXISTISSE UM ESPÍRITO SUPERIOR BONDOSO E BENEVOLENTE A OLHAR POR NÓS, EU NÃO SERIA VIRGEM AOS 25 ANOS. TALVEZ EU SEJA O ÚNICO NORTE-AMERICANO DO SEXO MASCULINO COM MAIS DE 18 ANOS QUE NÃO CONSEGUIU USAR O APOCALIPSE PARA PEGAR GENTE.

ALLIE STOREY PASSOU DUAS SEMANAS ME DANDO MOLE, PRATICAMENTE SE ESFREGANDO NA MINHA PERNA. SENTANDO AO MEU LADO NA CAPELA. ME PEDINDO PARA "AJUDAR" NA COZINHA QUANDO NÃO TINHA MAIS NINGUÉM LÁ, PARA PODERMOS FICAR SOZINHOS. JOGANDO ÁGUA EM MIM PARA EU JOGAR ÁGUA NELA. PARA PODER ME DEIXAR VER SEUS PEITOS POR BAIXO DA CAMISETA MOLHADA. PENSEI QUE TALVEZ ELA ESTIVESSE CARENTE PORQUE A MÃE MORREU. CONFORME EU JÁ DISSE, A PERDA DE ALLIE SUGERIA UMA POSSÍVEL VANTAGEM PARA MIM: A MORTE DE UMA PESSOA QUERIDA É UM AFRODISÍACO NATURAL. ERA LÓGICO ESPERAR QUE ELA FOSSE VER NA MINHA PIROCA UM MECANISMO POTENCIAL PARA LIDAR COM A SITUAÇÃO.

MAS EU AGORA ACHO QUE ELA ESTAVA FAZENDO ALGUMA PORRA DE UM JOGUINHO COMIGO. VAI VER FINGIU GOSTAR DE MIM PARA DIVERTIR AS OUTRAS MENINAS... TALVEZ ELAS A TENHAM DESAFIADO A VER POR QUANTOS DIAS CONSEGUIA ME ENROLAR. QUANTAS VEZES PODIA ME DEIXAR COM O SACO ESTOURANDO E DEPOIS ME DEIXAR MORRER NA PRAIA. FINALMENTE, DEPOIS DE SEMANAS COM ELA ESFREGANDO O TROÇO NA MINHA CARA, EU DOU EM CIMA DELA E ELA AGE COMO SE FOSSE UMA TENTATIVA DE ESTUPRO.

- CARAMBA, SEU BOÇAL, SERÁ QUE NÃO CONSEGUE DEIXAR NINGUÉM SER SÓ SEU AMIGO?
- ISSO - FALEI - VAMOS SER AMIGOS. DEIXA O MEU PAU SER AMIGO DO SEU BURAQUINHO DA ALEGRIA.

ELA ME EMPURROU COM TANTA FORÇA QUE A PORCARIA DOS MEUS ÓCULOS CAÍRAM NO CHÃO E ELA O ESMIGALHOU COM O CALCANHAR ANTES DE SAIR E EU AGORA ESTOU PRATICAMENTE CEGO.

QUERIA QUE ELA TIVESSE ESTADO NO CHALÉ QUANDO A MÃE MORREU QUEIMADA. QUERIA QUE AS DUAS TIVESSEM PEGADO FOGO JUNTAS. QUERIA QUE ESTE LUGAR TODO PEGASSE FOGO.

ISTO AQUI É UM CAMPO DE PRISIONEIROS QUENTE E EMPOEIRADO, E TODO MUNDO PASSA O TEMPO TODO ME VIGIANDO, MAS UMA AMIZADE TARDIAMENTE DESABROCHADA COM O JR ME POSSIBILITA SAIR DA COLÔNIA QUASE TODOS OS DIAS. O CARA É UM MAGO. SEMPRE QUE VOU AO CHALÉ, ME PERGUNTO QUE DIABO ESTOU FAZENDO NA COLÔNIA WYNDHAM. LÁ EU NÃO SÓ TENHO UM GERADOR E INTERNET, MAS TENHO TAMBÉM SALGADOS DE FORNO. CADA MORDIDA É AINDA MAIS DELICIOSA POR SABER QUE NINGUÉM MAIS NA COLÔNIA VAI GANHAR UM.

RECEBI UM E-MAIL DE SÃO FRANCISCO: ELES LÁ FIZERAM UMA GRANDE DESCOBERTA NO ESTUDO DE

PULMÕES INFECTADOS. ESTÃO COM DUAS MIL PESSOAS NO PRESÍDIO INFECTADAS COM O DRACO INCENDIA TRYCHOPHYTON. HÁ TRÊS MESES OU MAIS, E NOVE DELAS DERAM SINAIS DAS MESMAS HABILIDADES DEMONSTRADAS PELO BOMBEIRO. IMUNIDADE LIMITADA EM RELAÇÃO ÀS QUEIMADURAS, CAPACIDADE DE PÔR FOGO EM SI MESMAS DE MODO SELETIVO, PROJEÇÃO CONTROLADA DE CHAMAS. NA COMUNIDADE MÉDICA, ESSAS PESSOAS SÃO CHAMADAS DE PIROMANCISTAS. HÁ SUSPEITAS DE QUE TODOS OS PIROMANCISTAS, E MUITOS DOS OUTROS CASOS DE LONGA DURAÇÃO, SEJAM CAPAZES DE SUPORTAR NÍVEIS DE FUMAÇA QUE MATARIAM A MAIOR PARTE DAS PESSOAS.

É CLARO QUE JÁ SABEMOS HÁ MUITO TEMPO QUE O ESPORO «SE ALIMENTA» DE DIÓXIDO DE CARBONO E LIBERA OXIGÊNIO. NOS DOENTES DE LONGA DURAÇÃO, PORÉM, O ESPORO ACABA REVESTINDO A PARTE DO CÉREBRO QUE CONTROLA A RESPIRAÇÃO (PONTE E BULBO RAQUIDIANO). UMA TEORIA PRELIMINAR SUSTENTA QUE, QUANDO O HOSPEDEIRO COMEÇA A SOFRER POR CAUSA DA INALAÇÃO DE FUMAÇA, O CÉREBRO AVISA À ESCAMA DO DRAGÃO NOS PULMÕES PARA ENTRAR EM ATIVIDADE ACELERADA, DEVORANDO ASSIM AS TOXINAS E PRODUZINDO AR PURO RESPIRÁVEL. UM NOME MAIS APROPRIADO PARA A ESCAMA DO DRAGÃO SERIA VÍRUS DE NIETZSCHE: SE NÃO MATA, FORTALECE.

ESTOU ESCRREVENDO UM POEMA NOVO:

ALLIE STOREY É UMA PUTA IMUNDA
BEM MENOS LINDA QUE O ESPORO
QUE PROTEGE SEUS PULMÕES DA FUMAÇA
QUANDO DEVERIA ACABAR COM A SUARAÇA

É, EU SEI. FICOU MEIO RUIM.

GRAÇAS A DEUS TENHO MEU CHALÉ E A INTERNET, E AINDA SOBROU UM POUCO DE PORNOGRAFIA. AGORA TEM ATÉ PORNOGRAFIA DE GENTE COM ESCAMA DO DRAGÃO: É SUPERQUENTE. HA HA. ENTENDERAM A PIADA? ENTENDERAM A PIADA?

O Dodge Challenger se projetou noite adentro com uma potência que não exigiu nenhum esforço, e fez pensar num jato acelerando até o final da pista de decolagem. Era a primeira vez que Harper andava numa viatura policial. Estava sentada no banco de trás, onde eram postos os detidos. Fazia um certo sentido, pensou.

Ela viajava imprensada entre Nelson Heinrich e Mindy Skilling. Mindy encarava a ela e seu novo corte de cabelos com olhos úmidos de empatia. Harper a ignorou. De vez em quando, Nelson assobiava alguns compassos da música “I’d Like to Buy the World a Coke”. Harper estava dando o melhor de si para ignorá-lo também.

Ben ia na frente, ao volante. No banco do carona, Jamie Close levava um fuzil Bushmaster sobre os joelhos. O fuzil saía do porta-malas junto com uma escopeta calibre .410 que Ben havia entregado a Nelson. Nelson agora a levava entre os joelhos, com o cano apontado diretamente para cima, debaixo do próprio queixo. Toda vez que o Challenger passava por cima de um buraco, Harper imaginava a nauseante cena da escopeta disparando com um estouro ensurdecedor e espalhando os miolos de Nelson pelo teto do carro.

De todos, ela era a única a não portar uma arma. Não estava incrivelmente surpresa por ninguém ter lhe oferecido uma. Talvez eles não tivessem certeza de em quem ela poderia decidir usá-la.

– E se os policiais que vierem junto com a ambulância forem pessoas que você conhece? – perguntou Nelson. – Se você trabalhou tanto tempo para a polícia de Portsmouth, deve conhecer todo mundo!

– Tenho certeza de que *vão ser* pessoas que eu conheço – respondeu Ben.

– E... e se eles não quiserem entregar a ambulância? Se forem caras de quem você era amigo, com quem costumava sair para beber, eles não iriam pensar que você *não* atiraria?

– Se forem caras que me conhecem, eles vão saber que eu nunca blefo.

Nelson se recostou no banco e aquiesceu placidamente.

– Nada com que valha a pena se preocupar, imagino eu. Nenhum deles vai ser amigo *meu*. Se você tiver alguma reserva, sabe que pode contar comigo para fazer o que precisa ser feito. – Ele assobiou mais um trecho de “I’d Like to Buy the World a Coke”.

– Espere aí – disse Ben, mas nessa hora Jamie Close falou.

– Sr. Patchett, aquela não é a Verdun Avenue ali à esquerda? O senhor não vai querer perder a entrada.

– Ih, é – falou Ben. – Com as luzes apagadas fica tudo diferente.

Eles haviam percorrido pouco mais de três quilômetros desde a Colônia Wyndham, e durante todo o trajeto não tinham visto nenhum outro carro. A neve que cobria a rua estava intacta. Luminárias que imitavam antigos postes de iluminação a gás margeavam as calçadas, mas não lançavam nenhuma luz. A única fonte de luz era a claridade azul do luar sobre a neve.

Ao entrar na Verdun Avenue, eles passaram pela ruína incendiada de uma farmácia da rede CVS, uma deprimente caixa de concreto permeada por buracos retangulares onde antes havia janelas de vidro temperado. Harper olhou para aquilo quase como olharia para a cena de um crime. A farmácia tinha pegado fogo, e as cinzas do incêndio sido sopradas feito uma neve envenenada para todos os lugares situados a favor do vento, e não havia como saber quantas pessoas estavam hoje mortas por causa disso.

A Verdun Avenue era uma rua lateral curta de imponentes casas em estilo colonial misturadas, pelo visto de maneira aleatória, com modestas casas com jardim que pareciam datar da década de 1960. Eles diminuíram a velocidade diante de um chalé com as paredes revestidas de cedro e uma cerca viva na altura do peito em volta do gramado. Ben manobrou até ficar de frente para a direção de onde eles tinham vindo e parou.

Esticou o braço por cima dos joelhos de Jamie Close, abriu o porta-luvas, então tornou a se endireitar segurando o que à primeira vista parecia ser um globo de neve extragrande. Pousou-o em cima do painel e ligou: era uma luz estroboscópica vermelha e azul que acendeu a rua com clarões semelhantes aos de um fliperama.

Ben girou parcialmente o corpo para olhar o banco de trás.

– Nelson? Vão posicionar você ali, atrás daquela cerca viva. Fique abaixado. Depois que Mindy der

o telefonema, ela e a enfermeira vão se abaixar no banco de trás. Jamie? Você e eu ficamos em frente à casa, para receber quem aparecer. Você fica ao lado da porta do carona e tenta fazer cara de policial. Eu fico na rua. Eles vão ver as luzes piscando e vão saltar para ver o que está acontecendo. Vou tentar fazer com que deem no chão com as mãos atrás da cabeça. Nelson, essa vai ser a sua deixa para se levantar. Assobie para eles avisando que estão cercados pelos dois lados. Quando eles virem que estão cercados, não vão criar mais problemas. Dentro do porta-malas tem duas bolsas de lona e um isopor cheio de gelo para qualquer coisa que precisarmos manter gelada. Mindy e Harper vão pegar o material enquanto nós controlamos os socorristas. – Ben olhou para Nelson e em seguida para Jamie, cuidando para cruzar olhares com cada um deles. – Vamos tratá-los com respeito e compreensão. Nada de gritos. Nada de palavrões. Nada de “Senta essa porcaria desse traseiro no chão senão eu detono a porcaria da sua cabeça.” Entenderam? Se mantivermos a calma, eles também vão manter. – Ben olhou para Mindy. – Está pronta? Já sabe o que vai dizer?

Mindy aquiesceu, solene como uma criança a quem se confia um segredo.

– Estou pronta.

Uma grade grossa separava os bancos da frente dos de trás, mas Ben conseguiu passar um celular por uma fenda estreita no centro. Mindy ligou o aparelho. A tela preencheu a parte traseira do carro com todo o brilho de um pequeno refletor. Antigamente, Harper pensava que aquela tela de vidro lisa e brilhante tinha a cara do futuro. Agora pensou que nenhum outro objeto no mundo inteiro personificava de modo mais completo o passado.

Mindy inspirou fundo para se preparar. Seu rosto se tensionou e a emoção fez uma covinha se formar no seu queixo, talvez provocada pela forte lembrança de alguma tristeza. Ela digitou o 911 da emergência.

– Alô? Alô? Meu nome é Mindy Skilling – arfou ela, e sua respiração engasgou quando ela fez força para não soluçar. – Estou no número 10 da Verdun Avenue. *Número 10. Verdun.* Por favor, preciso que mandem uma ambulância. Acho que meu pai está tendo um enfarte. – Uma lágrima escorreu do seu olho, um rastro brilhante. – Estou no celular. Há semanas nosso fixo não funciona. Ele tem 67. Está deitado. Está no chão da sala agora. Vomitou faz alguns minutos. – Mais um silêncio desesperado. – Não, eu não estou com ele. Tive que sair correndo de casa para conseguir sinal. Alguém vai vir? Uma ambulância está vindo? Por favor, mandem alguém.

Ao longe, Harper pôde ouvir a voz do outro lado da linha, um *nhém-nhém* igual ao dos adultos falando num desenho animado do Charlie Brown.

– Não. Nenhum de nós tem a Escama do Dragão. Todo mundo aqui é normal. Papai não deixa ninguém chegar perto. Ele também não me deixa sair. Era sobre isso que a gente estava brigando quando ele... ai, meu Deus. Eu estava reclamando. Ele tentou se afastar de mim e eu fui atrás reclamando, e ele começou a segurar o pescoço. Ai, ai, que idiota eu sou.

Harper notou que Nelson piscava os olhos cheios de lágrimas enquanto assistia, fascinado.

– Venham, por favor. Rápido, por favor. Não deixei meu paizinho morrer. Número 10, Verdun Avenue. Por favor por favor por f... – Mindy apertou abruptamente o botão de encerrar chamada.

Passou o polegar debaixo de um dos olhos para enxugar as lágrimas, depois do outro. Fungou, um ruído úmido, congestionado, mas seu rosto havia retomado uma expressão dócil e vazia. Tornou a passar o celular para o banco da frente.

– Sempre tive talento para chorar quando queria – comentou. – É incrível quanto trabalho você consegue sendo capaz de chorar quando quer. Comerciais de seguradora. Comerciais de alergia. Promoções de Dia das Mães.

– Você foi ótima. – A voz de Nelson estava embargada de emoção. – Eu mesmo quase comecei a chorar.

Mindy fungou e enxugou as mãos nas bochechas rosadas e úmidas.

– Obrigada.

Ben meneou a cabeça para Jamie.

– Agora é a sua vez de subir no palco. Venha, vamos nessa.

Ben e Jamie saltaram do banco da frente, e Jamie abriu a porta para Nelson poder saltar do de trás. Quando Nelson ficou em pé junto ao carro, Jamie bateu a porta com força. Se eles todos fossem mortos nos minutos seguintes, Harper e Mindy Skilling ficariam presas dentro da viatura. Mindy pelo menos estava armada com um pequeno calibre .22 banhado de prata. Se ela conseguisse representar uma atiradora tão bem quanto representava uma filha em prantos, Harper pensou que elas teriam uma chance.

– Chorar é fácil – continuou Mindy. Harper não achou que a menina estivesse falando com ela. Parecia, isso sim, estar se dirigindo ao carro vazio, como se não houvesse reparado que os outros tinham

saltado. – Pelo menos para mim. Eu acho mais difícil parecer genuinamente feliz... gargalhar como se fosse de verdade. E o mais difícil de tudo é morrer diante do público. Tive que fazer uma cena de morte no papel de Ofélia... foram os piores cinco minutos que já tive no palco. Eu podia ouvir as pessoas zombando de mim com risadinhas. Quando a cena acabou, minha vontade era ter morrido *de verdade*.

Harper foi seguindo Ben e Jamie com os olhos conforme eles avançavam até a frente do carro e se postavam diante dos faróis, onde ficariam na contraluz. O número 10 da Verdun Avenue ficava atrás de uma grossa parede de cerca viva salpicada de neve que batia no peito de Nelson Heinrich. Ben acenou com uma das mãos, *Um pouco mais para a direita, um pouco mais*, até posicioná-lo mais ou menos no ponto central da extensão da cerca viva.

Ela olhou para trás de Nelson em direção à casa onde o Bombeiro antigamente havia morado com Allie, Nick e a mulher morta. Em uma das laterais do chalé, pôde ver uma cerca de tábuas; o portão entreaberto deixava entrever a quina de uma piscina vazia.

Tentou imaginar John e os outros reunidos em volta de uma mesa de piquenique naquele quintal. Imaginou Nick colocando mostarda num cachorro-quente, Allie comendo chips de um saquinho e fazendo o plástico farfalhar bem alto. Visualizou Tom e Carol Storey sentados um de frente para o outro com um tabuleiro de Scrabble entre os dois, ouviu os cliques das peças quando Tom formou uma palavra. Não foi difícil imaginar o cheiro dos hambúrgueres grelhando na churrasqueira, um aroma misturado ao forte odor de cloro da piscina. Então, o que era aquilo? As primeiras pancadas quando os botijões de gás começaram a explodir na farmácia, e John se virando em frente à churrasqueira com a espátula em uma das mãos, e Sarah saindo da água e ficando parada, rígida e alerta na parte rasa da piscina, e... nessa hora Harper parou, ao pensar em Sarah Storey dentro da piscina. Ao pensar em cloro.

– Mas isto aqui, isto *sim* é empolgante – disse Mindy inclinando-se para a frente, com os grandes olhos úmidos a cintilar no escuro.

– É?

– É, sim – fez ela. – Eu sempre quis interpretar uma cena de assalto.

Harper ouviu o uivo de uma sirene que se aproximava. Luzes azuis e prateadas transformaram a esquina da rua numa discoteca invernal. Uma viatura de polícia fez a curva sem muita pressa e veio na sua direção.

Ben avançou com uma das mãos erguida numa saudação enquanto o motorista do carro de polícia saía de trás do volante. O interior da viatura estava totalmente iluminado. Um segundo agente, uma mulher corpulenta, permaneceu sentada no carona com um laptop aberto sobre os joelhos.

O policial que estava dirigindo adentrou a luz dos faróis com uma das mãos erguidas para proteger os olhos e ver Ben melhor. Era um sujeito baixinho, de cabelos grisalhos espetados feito limalhas de aço fosco, e usava uns óculos de armação dourada apoiados na ponta do nariz. A primeira impressão de Harper foi que ele mais parecia um contador do que um policial.

– Ben Patchett? – O homem deu um sorriso intrigado. – Ora, acho que não vejo você há...

Uma compreensão mesclada de choque registrou por trás dos seus olhos. O policial baixote se virou e começou a correr de volta para a viatura, fazendo as algemas chacoalharem no cinto.

– Bethann! Bethann, manda um rádio pra... – gritou ele.

Jamie Close estendeu a mão para o Bushmaster apoiado entre os dois faróis do Challenger. O fuzil estava encostado na grade frontal, meio escondido atrás dela.

Ben abaixou a cabeça e deu quatro passos ligeiros em direção à viatura de polícia, não para se aproximar do agente que parecia um contador, mas para dar a volta no capô e chegar ao lado da porta do carona.

– Ei! – gritou Jamie. – Ei, seu puto, para de correr ou alguém vai...

A escopeta disparou de trás da cerca viva com um estrondo de fazer gelar o coração. O policial baixinho de cabelos grisalhos cambaleou, seus óculos de armação dourada caíram no chão, e Harper pensou: *Ele levou um tiro, Nelson acabou de dar um tiro nele*. Mas o homenzinho então se endireitou e ficou parado, com as mãos abertas estendidas de cada lado do corpo.

– Não atirem! – gritou ele. – Pelo amor de Deus, não atirem!

A policial que estava dentro do carro virou a cabeça até encostar o queixo na clavícula. Tinha uma das mãos num microfone preso ao ombro, e estava apertando o botão. Ben ficou em pé ao lado dela com a pistola apontada para sua têmpora do outro lado da janela.

– Está tudo sob controle! – disse Ben. – Tudo sob controle! Possível enfarte, código 24, código 24. Avise a eles, Bethann.

Bethann o encarou com o canto dos olhos, em seguida repetiu:

– Código 24, código 24 no número 10 da Verdun Avenue, agentes no local aguardando ambulância.

Ela soltou o microfone sem ninguém mandar, fechou o laptop e pousou as duas mãos por cima.

Jamie foi até o meio da rua com a coronha do Bushmaster encaixada no ombro, espiando ao longo do cano o policial baixinho à sua frente.

– De joelhos – disse ela. – De joelhos, seu polícia. A gente não quer machucar ninguém.

– Bethann, se você saltar do carro e deitar de bruços na calçada, acho que podemos passar por isso sem a coisa ficar feia – falou Ben.

Harper então escutou uma segunda sirene, mais grave, que aumentou de volume e fez o ar frio reverberar de um modo que ela pôde sentir na pele. Mindy a espiou de relance com os olhos acesos de empolgação.

– Queria que a gente estivesse filmando isso – sussurrou ela.

– Ben – fez o policial grisalho enquanto se ajoelhava no chão. Ao seu lado, Jamie apontava o fuzil para a parte de trás da sua cabeça. – Você está com aquela merda, né? Está com aquela merda no corpo todo. Você está doente.

– Eu sou portador da Escama do Dragão, mas não sei se é correto você dizer que estou doente, Peter. Na minha concepção, estou melhor do que jamais estive. – Ben deu um passo para trás sem deixar de apontar a arma para Bethann, que abriu a porta e saltou com as mãos para cima. Sem tirar os olhos dela, Ben tornou a falar. – Nelson, eu não disse para você ficar com o dedo longe do gatilho? Por que disparou sua arma?

Em pé atrás da cerca viva, Nelson segurava a escopeta calibre .410 apontada para o céu.

– Eu fiz ele parar de correr, não fiz?

– Enquanto você atirava, Bethann estava falando num microfone aberto – disse Ben.

– Xi!

– O que isso quer dizer? – indagou Jamie.

– Quer dizer que se vocês forem inteligentes vão dar o fora daqui enquanto ainda têm tempo – disse Bethann. – Existe uma boa chance de eles terem escutado o tiro pelo rádio e já estarem mandando mais policiais.

– Ah, acho que não – disse Ben. – Na época em que eu precisei parar de trabalhar, o nosso efetivo já estava tão baixo que conseguir qualquer reforço podia levar mais de meia hora. E isso foi meses atrás. Todo mundo sabe que as coisas só pioraram. Mesmo se a central tiver escutado, ninguém vai mandar a cavalaria por *talvez* ter ouvido algum ruído estranho.

– Sim, é verdade! – concordou Peter, ajoelhado no meio da rua com os braços estendidos ao lado do corpo. – Só que hoje em dia não é só a central que escuta as coisas. Ninguém sabe mais *quem* anda pelo rádio.

– Que porcaria você quer dizer com isso? – indagou Ben, mas se Peter respondeu Harper não conseguiu escutar. A voz dele foi anulada pelo lamento da ambulância que virou na Verdun vindo da Sagamore Avenue.

Jamie foi a primeira a se mover: volteou Peter e caminhou até a ambulância a passos largos enquanto o veículo parava ao lado da viatura. Apontou o fuzil pelo para-brisa e falou enquanto avançava:

– Ei, você aí! Tira essa mão do volante...

A escopeta de Nelson disparou com um estalo trovejante. A ambulância pulou para a frente como alguém que se assusta. Jamie saltou de banda para sair da frente, mas mesmo assim foi atingida pelo espelho do lado do motorista. O Bushmaster foi arrancado de suas mãos, e teria caído no chão se ela não estivesse com a bandoleira em volta do pescoço.

O policial chamado Peter pousou um dos pés no chão, ainda com o outro joelho no asfalto, e a escopeta tornou a disparar. A cabeça de Peter foi jogada para trás. Seus ralos cabelos grisalhos penteados por cima da careca esvoaçaram. Ele começou a se inclinar para trás como quem executa uma postura de ioga avançada.

– *Parem de atirar!* – berrou alguém. Harper nunca soube quem foi. Talvez estivesse escutando a si mesma.

A ambulância começou a dar ré. O para-choque dianteiro amassado estava enganchado no para-lamas traseiro do carro de polícia, e ela acabou arrastando a viatura de Peter e Bethann em meio a uma nuvem de fumaça. Ben observou a ambulância levar o veículo com uma espécie de incompreensão boquiaberta, como se ele próprio houvesse levado um tiro.

Ao sair correndo, Bethann não tentou pegar a arma de Ben, assim como não tentou sacar a sua. O que ela fez foi se levantar da calçada e dar um empurrão meio cômico em Ben, com uma das mãos na cara dele e outra nas suas costelas. Ben se desequilibrou. Bethann se virou, deu um passo, depois outro. O pé direito de Ben pisou do outro lado do meio-fio. Ele se inclinou para trás na direção da rua. Sua pistola

disparou. Bethann dobrou o corpo e projetou o peito para a frente, arqueando as costas. Então se endireitou e ainda correu mais meia dúzia de passos, baixando a mão para o cabo da Glock, antes de subitamente cair de cara na calçada coberta de neve que ninguém tinha removido.

Os pneus da ambulância giravam soltando fumaça. Jamie tornou a empunhar o Bushmaster e levou o fuzil aos ombros enquanto berrava algo que Harper não conseguiu escutar. Ouviu-se um forte clangor de aço sendo amassado. O para-lamas traseiro da viatura de Peter e Bethann se soltou e caiu. A ambulância, liberta, projetou-se para trás direto em um poste de telefonia, onde mais uma vez parou com um baque.

Os pneus guincharam e a ambulância deu um impulso, na direção de Jamie. O Bushmaster disparou numa sequência de pipocos. A escopeta trovejou. Ben pisou na rua, mirou a pistola e deu vários tiros.

O para-brisa da ambulância estilhaçou. A sirene engasgou, emitiu um lamento fraco e moribundo e se calou. Um dos faróis estourou com um estalo de luz.

Jamie recuou alguns passos para sair da frente e ficou parada, olhando sem dizer nada, enquanto a ambulância passava deslizando preguiçosamente, já sem ganhar velocidade, movendo-se numa câmera lenta surrealista feito um zumbi num filme de terror. Eles a viram passar por cima do corpo do policial Peter. Sua coluna se partiu feito um galho de árvore. A ambulância ainda avançou mais uns cinco metros antes de bater no meio-fio e parar, com a grade frontal fumegante crivada de balas a menos de sete metros da dianteira do Challenger de Ben.

3

Ben Patchett se manteve de prontidão, qual um atirador mirando um alvo no estande de tiro. Havia se virado para acompanhar, sem parar de atirar, o trajeto da ambulância que passou por ele. Por fim, baixou a pistola e olhou em volta para o vidro quebrado e o sangue na rua com uma espécie de assombro atordado.

Eles todos brilhavam... todos eles. Até Harper havia se acendido, e podia sentir o arrepio vibrante da Escama do Dragão correndo por todo o corpo. Pelo visto, nada criava uma sensação de harmonia maior do que um ato coletivo de homicídio.

– Uau! – exclamou Nelson com certa empolgação entrecortada na voz, talvez até euforia– Alguém se machucou?

– Se alguém *se machucou*? – gritou Ben, quase berrando. – Se alguém se **MACHUCOU**, seu imbecil? – Harper nunca o ouvira falar de modo tão grosseiro. – O que você acha? Tem quatro cadáveres aqui. Por que você começou a atirar, pelo amor de Deus?

– Eu atirei no pneu de trás – respondeu Nelson. – Para eles não poderem fugir. Os caras da ambulância. Eles estavam dando ré. Você não viu?

– Eles só começaram a dar ré depois que você começou a atirar! – Uma veia tinha saltado no meio da testa de Ben, um feio graveto escarlata a pulsar acima das sobrancelhas.

– Não. Não! Eu juro que eles estavam fugindo. Sério! Jamie, você estava bem aí. Eles não estavam tentando fugir?

Em pé junto ao agente Peter, Jamie apontava o fuzil para o cadáver como se este pudesse levantar e recomeçar a correr. Mas Peter estava dobrado para trás e grotescamente esmigalhado, com uma marca de pneu vermelha impressa no peito esmagado. Parte de suas vísceras saía de sua boca, um bolo vermelho azulado de tecidos viscosos.

– O quê? – Jamie levantou a cabeça, olhou para Nelson e em seguida para Ben com uma expressão atarantada. Levou um dedo até a orelha direita. – O que você falou? Não estou conseguindo ouvir nada.

– Olha aqui. Talvez se a gente tivesse um tira-teima poderia rebobinar e ver o que realmente aconteceu. Sei lá. Eu achei que eles estivessem tentando ir embora. Alguém tinha que fazer alguma coisa, então atirei num pneu. – Nelson deu de ombros. – Talvez tenha sido um erro de iniciante. Se quiserem pôr a culpa em alguém, fiquem à vontade! Podem pôr! Eu não me importo de ser o bode expiatório.

Ben parecia ter levado uma punhalada: boca aberta, olhos arregalados, sem piscar. Foi colocar a pistola de volta no coldre e errou as duas primeiras tentativas.

Jamie deu a volta no carro até o lado de Harper e a deixou saltar do banco de trás.

– Vem – disse ela. – Vamos lá. – E foi até a traseira abrir o porta-malas e pegar as bolsas.

Harper estava sem ar, como se tivesse entrado numa água muito fria. Suas pernas tremiam. Um zumbido agudo ecoava em seus ouvidos.

Andou até a ambulância sentindo o vidro estalar sob os sapatos e olhou lá para dentro. A motorista era uma jovem negra que havia pintado os cabelos bem curto num tom de amarelo-banana. Tinha a boca aberta como se fosse chamar alguém. Seus olhos estavam arregalados de susto. Seu colo, cheio de cacos de vidro azuis.

Harper não viu nenhum buraco de bala e não soube o que havia matado a mulher. Não tinha dúvidas de que ela estava morta, podia ver isso no seu rosto, mas abriu a porta e levou dois dedos ao seu pescoço à procura de uma pulsação. Quando fez isso, a cabeça da motorista escorregou e foi repousar no seu ombro direito, deixando um rastro no encosto de cabeça de vinil. Uma única bala havia entrado pela boca e saído pela base do crânio.

A mulher no banco do carona grunhiu: era uma mulher bem pequena, de ossos miúdos, usando um macacão azul de socorrista. Tinha caído de lado, de bruços sobre o banco da frente.

Harper se afastou da motorista e deu a volta até o lado do carona. Abriu a porta e subiu no estribo.

Havia sangue no banco, e mais sangue empapava o ombro direito da segunda mulher. Harper desconfiou que uma bala houvesse pulverizado a escápula ao passar... dolorido, mas não chegava a ser fatal. Era alguém que ela poderia ajudar. Sentiu um alívio tão intenso que lhe deu fraqueza.

– Está me ouvindo? – perguntou. – Você está ferida no ombro. Acha que consegue se mexer?

Mas mesmo enquanto falava com ela Harper experimentou a sensação crescente de que havia mais alguma coisa errada além de um ombro baleado. Era o modo como a pequena mulher respirava. Suas inspirações exigiam um esforço soluçante; as expirações, piores ainda, produziam um ruído de gorgolejo.

Harper apoiou um dos joelhos no chão do carro, inclinou-se para dentro da ambulância e segurou a mulher pelo quadril, levantando-a e virando-a um pouco. A socorrista havia levado um segundo tiro bem no meio do peito. A frente do macacão estava ensopada de sangue. Bolhas se formavam no ferimento quando ela exalava.

A dor tinha feito os olhos da mulher saltarem das órbitas. Ela encarou Harper, e Harper a encarou de volta e então se retraiu de surpresa e bateu com a cabeça no painel. Ela *conhecia* aquela mulher. Havia cruzado com ela algumas vezes durante o verão, quando as duas trabalhavam no Hospital de Portsmouth. A socorrista tinha uma beleza sardenta de moleca: nariz arrebitado, cabelos curtos repicados.

– Charity – disse Harper, pronunciando o nome em voz alta ao mesmo tempo em que o recordava. – A gente trabalhou junto no hospital. Não sei se você se lembra de mim. Eu vou cuidar de você. Você está com um pneumotórax. Vou ali pegar a maca e te colocar nela. Você precisa de uma compressa no peito e de oxigênio. Vai ficar tudo bem. Entendeu o que eu disse? Eu já volto e a gente vai deixar você mais confortável.

Charity segurou a mão de Harper e a apertou. Tinha os dedos mornos e pegajosos com o próprio sangue.

– Eu lembro de você – falou Charity. – Você é a pequena Mary Poppins. Aquela que vivia cantarolando a música “Spoonful of Sugar”, “uma colherada de açúcar”.

Apesar do sangue e do fedor de pólvora, Harper sorriu.

– Eu mesma.

– Pois quer saber de uma coisa, pequena Mary Poppins? – indagou ela. Harper fez que sim com a cabeça. – Você e os seus amigos acabam de assassinar duas socorristas. Eu vou morrer e você não vai me salvar. Engula isso com uma colher de açúcar, sua vaca. – Ela fechou os olhos e virou o rosto para o outro lado.

Harper se encolheu e tornou a bater com a cabeça ao recuar.

– Você não vai morrer hoje. Aguenta aí, Charity. Eu já volto. – Teve consciência de que sua voz saiu mais aguda, irregular e nada convincente.

Saltou da cabine. Estava quase na traseira da ambulância quando Ben a segurou de leve pelo braço.

– Você sabe que não pode fazer nada por ela – disse ele. – Queria que pudesse, por Deus como eu queria, mas não pode.

– Tira a mão de mim. – Harper libertou o braço da mão dele.

Mindy passou por ela com uma bolsa de lona vazia em cada mão, fazendo questão de não olhar para o policial esmigalhado no meio da rua. Luzes vermelhas e azuis picotavam a noite numa sequência de instantes congelados, pequenas fatias de tempo registradas em vitral.

– A gente precisa pegar o que veio buscar e ir embora – disse Ben. – Daqui a pouco vão chegar mais policiais. A gente *não pode* estar aqui quando eles chegarem, Harper.

– Vocês deveriam ter pensado nisso antes de atirar na rua inteira, seus babacas. Seus babacas imbecis.

– Se eles pegarem qualquer um de nós, vão pegar todo mundo. Se você ama o Nick, a Renée, Pai Storey e o Bombeiro, vai pegar o que a gente veio buscar e dar o fora.

Eu vou morrer e você não vai me salvar. Engula isso com uma colher de açúcar, sua vaca. A frase ecoou na sua cabeça e Harper se sentiu frustrada, com uma raiva tão intensa que parecia náusea. Quis bater em Ben, gritar com ele. Quis bater nele várias vezes enquanto chorava.

O que fez, porém, foi falar com uma voz suave trêmula de emoção que ela mesma mal reconheceu. Estava desacostumada a se ouvir implorar.

– Ben, por favor. *Por favor.* É só uma compressa no peito. Ela *não precisa* morrer. Eu posso salvar essa mulher. Posso garantir que ela ainda esteja viva quando o próximo carro de polícia chegar.

– Pegue o que precisamos para a colônia e a gente vê se dá tempo – disse ele, e ela compreendeu que não iriam lhe permitir sequer aplicar a compressa no peito da mulher.

Ela abaixou a cabeça e foi até a traseira da ambulância.

Mindy já estava em pé no interior muito iluminado, com suas superfícies de aço inox, sua maca de rodinhas, suas gavetas e armários. A sensação nauseante de frustração de Harper já começara a se transformar numa forma rançosa de tristeza. Eles haviam matado; agora era hora de saquear. Em algum nível, sentia que o plano *sempre tinha sido* assassinar e roubar, e ela não apenas participara como

praticamente o concebera.

Foi pegando coisas sem pensar. Encheu o isopor com plasma e fluidos e mandou Mindy sair e levá-lo. Encheu a primeira bolsa, depois a segunda, recolhendo os artigos que qualquer clínica de respeito teria em seu estoque e dos quais sua própria enfermaria carecia: rolos de gaze, frascos de analgésicos, ampolas de antibiótico, fio e ferramentas estéreis, uma trouxa de compressas tipo segunda pele para queimaduras. Quando Mindy voltou, estava ajoelhada enchendo a segunda bolsa de fraldas geriátricas, com as quais formava um isolamento e um forro para pequenos frascos de vidro de epinefrina e atropina, e pensando se conseguiria pôr um cilindro de oxigênio lá dentro.

Jamie deu um soco na porta de aço.

– Chega. Temos de ir.

– Não! Mais dois minutos. Mindy, eu vou querer aquele colete cervical, e vou querer...

– Já *chega!* – disse Jamie, e estendeu a mão lá para dentro, pegou a bolsa já cheia e a puxou para fora.

– Vai indo, Sra. Willows – disse Mindy. – Eu pego o colete cervical.

Harper correu os olhos infelizes e meio desesperados pelos armários abertos e gavetas escancaradas. Deparou com o desfibrilador, cujo kit não chegava ao tamanho de uma bolsa de laptop.

– Nelson! – gritou ela.

Ele apareceu na traseira da ambulância, olhos esbugalhados naquele rosto rosado estranhamente liso e sem rugas que sempre a fazia pensar num bebê gordo.

– O desfibrilador – disse Harper. – Eu vou querer.

Ela saltou da traseira com a bolsa em uma das mãos e uma atadura de compressão na outra. Roçou em Nelson ao passar e andou rapidamente até a frente da ambulância.

– Vim o mais rápido que...

Charity não estava mais respirando daquele jeito laborioso... nem de qualquer outro. Harper a virou de frente e baixou o zíper da frente do macacão. Quando o fecho emperrou, rasgou a roupa. O buraco da bala estava logo abaixo do seio direito. Ela tocou o pulso de Charity para sentir a pulsação. Nada. Teve certeza de que já não havia nada há bastante tempo.

– Enfermeira – disse Jamie. – *Ela* você não pode ajudar, mas tem gente na colônia que sim. Vem. Vamos para casa. – Sua voz não foi agressiva.

Harper deixou Jamie puxá-la pelo cotovelo para fora da ambulância. Foi virada de volta na direção do Challenger de Ben. Estendeu as mãos às cegas e encontrou as alças da bolsa de lona.

– Vou reunir os outros. Nos vemos no carro – disse Jamie.

Zonza, Harper andou até o porta-malas aberto do carro de Ben. Largou a bolsa lá dentro, ao lado do isopor, então olhou para mais adiante na rua.

No final da Verdun Avenue estava aquela casca de concreto enegrecida e carbonizada que antes tinha sido uma farmácia CVS. Depois da farmácia, bem no cruzamento entre Verdun e Sagamore, havia um furgão branco sem janelas com o motor ligado. Uma frequência de transmissão estava impressa na lataria, e as palavras arrastavam atrás de si labaredas de fogo de desenho animado: **WKLL • LAR DO HOMEM DE MARLBORO**. Ao longe, ela pôde ouvir outro veículo descendo a Sagamore, algo lento e pesado: seus ouvidos captaram o leve silvo soprado dos freios a ar comprimido e o chiado de óleo diesel de um motor pesado. Pelo som, parecia ser um ônibus escolar.

A janela do carona do furgão WKLL estava abaixada. Um homem se inclinou para fora com um refletor na mão e acionou o botão. Um fecho de luz fortíssima, tão ofuscante quanto um diamante recém-lapidado acertou Nelson Heinrich e o fez se imobilizar no meio da rua onde estava. Ele acabara de descer da ambulância segurando o kit desfibrilador com as duas mãos. Estreitou os olhos por causa da claridade.

Um lamento baixo de retorno chiou de um conjunto de alto-falantes no teto do furgão.

Harper sentiu o sangue começar a correr dentro do corpo, e seu carrossel químico interno se acelerou.

A voz que se seguiu ribombou como a voz de Deus. Era a voz rouca e rascante de um homem que havia passado um show inteiro do Metallica aos berros. Harper já tinha ouvido aquela voz poucos dias antes, em sua própria casa. Antes disso, escutara-a várias vezes no rádio, narrando o apocalipse e proporcionando ao fim do mundo uma trilha sonora com uma forte queda pelo *cock rock* dos anos 1970.

– O que é que vocês estão fazendo aqui hoje, pessoal? Saqueando uma ambulância? Não tinha nenhuma freira precisando ser estuprada nem nenhum orfanato para incendiar? Bom, vou dizer uma coisa a vocês. Eu tenho uma boa notícia, e uma notícia melhor ainda. Sou o Homem de Marlboro, e vim aqui

esta noite com os Incineradores do Litoral, e se vocês estiverem procurando remédios, *cara*, vieram mesmo ao lugar certo. A gente tem o remédio exato para tratar vocês, seus sacos de carne infectados. A notícia melhor ainda é que tem uma ambulância aqui mesmo, então depois que a gente tiver dado cabo de vocês, seus ladrões assassinos de merda, não vamos precisar ir muito longe para achar os sacos pretos.

– Protejam-se! – berrou Ben.

A porta lateral do furgão WKLL deslizou para o lado até se abrir. Harper nunca tinha visto nada igual ao armamento montado lá dentro a não ser no cinema. Não sabia de que marca era nem o calibre, não sabia que estava olhando para uma Browning M2 calibre .50, sabia apenas que aquele era o tipo de arma que em geral se via em cima de tanques ou dentro de helicópteros de combate. Pôde ver que a munição era uma cinta. Uma corrente de balas pendia para dentro de uma caixa aberta de metal.

Um homem sentado num banquinho baixo atrás da metralhadora usava um protetor auricular amarelo-vivo. Ela pensou duas coisas antes de a noite explodir em fragmentos de som e chamas brancas.

A primeira, absurda, foi que não tinha como um armamento daqueles ser legal.

A segunda foi que o outro veículo, o que agora estava entrando no seu campo de visão logo após as ruínas da farmácia, não era um ônibus escolar, claro, mas sim um caminhão Freightliner cor de laranja, com um limpa-neve na frente do tamanho da asa de um avião e Jakob ao volante.

A Browning disparou com uma série de percussões graves que não podiam ser consideradas apenas um som. Harper sentiu as explosões cadenciadas no corpo inteiro, nos dentes, nos globos oculares.

A ambulância estremeceu. O asfalto pulverizado pulou do chão conforme a Browning metralhava para a esquerda e para a direita. Balas atravessaram as pernas de Nelson Heinrich, rasgando-as em pedaços e projetando uma fumaça vermelha: sangue transformado numa nuvem de vapor. A perna direita se dobrou para trás feito a de um louva-deus. O desfibrilador portátil emitiu um jato de faíscas brancas. Nelson foi sacudido feito um fiel num culto evangélico sendo possuído pelo Espírito Santo.

Harper se jogou de quatro no chão e se abaixou atrás da traseira do Challenger de Ben. Por trás do pneu, viu Ben dentro da viatura de Peter e Bethann. Ajoelhado no banco do motorista, ele tinha parte do corpo para fora do carro e a pistola automática em riste. Ela viu o cano da pistola se acender, mas não conseguiu escutar o tiro por causa do pipocar incessante da metralhadora calibre .50.

A cabeça de Ben então deu um tranco para trás e afundou dentro do carro. No instante seguinte, a viatura de polícia de Peter e Bethann começou a se balançar para um lado e para outro, como no meio de uma tormenta. Janelas explodiram. Balas ricochetearam ruidosamente na lataria, estouraram pneus, arrancaram a porta do motorista aberta que caiu com alarde no chão da rua, abriram o porta-malas, fizeram explodir os faróis.

Jamie havia se protegido na frente da ambulância e se agachado com o fuzil Bushmaster entre as pernas. O Dodge Challenger a apenas doze passos de onde ela havia se abrigado, mas poderia muito bem ter estado em outro país. Tentar atravessar essa distância fazia tanto sentido quanto mergulhar de cabeça dentro de um triturador de madeira.

Então o tiroteio cessou. Ao longe, Harper escutou o *tlec-tlec* das cápsulas vazias caindo no chão. O ar latejava com a reverberação dos disparos.

– Nossa, nossa, nossa! – gritou o Homem de Marlboro. – Eu vi o AC/DC tocar com o Bon Scott em 79, e em comparação com a nossa zoeira eles faziam um som de mulherzinha. Fiquem quietos, todos vocês, a menos que queiram ouvir o nosso bis. Vou dizer o que vai acontecer agora. Vocês todos vão...

Uma arma disparou da traseira da ambulância. Depois do furor da Browning, a pequena pistola de prata de Mindy Skilling pareceu um estalinho de festa.

– Corra, Sr. Patchett! – guinchou Mindy. – Eu protejo o senhor! Corram, corram, corram, todo mundo! Minha vida por Mãe Carol! Minha vida pelo Brilho! – A arma disparou de novo, e outra vez. Mindy não estava mais dentro da ambulância, mas agachada na calçada atrás da traseira.

– Mindy! – gritou Ben. – Mindy, *não*...

O Freightliner engatou a primeira e se lançou para a frente com um rugido entrecortado de óleo diesel. Passou por cima de um meio-fio, arrancou um arbusto de azevinho do chão e o jogou de lado em meio a uma chuva de terra. O caminhão engatou a segunda com um arranhão metálico, e segundos depois a terceira. Uma fumaça imunda jorrava do cano de escapamento atrás da cabine. A pequena arma de Mindy disparava, disparava, e as balas ricocheteavam melodiosamente no limpa-neve. No último segundo, Jamie Close largou o fuzil e saiu de trás da ambulância, engatinhando pela calçada, para se abrigar atrás de um poste telefônico.

O Freightliner bateu na ambulância, ergueu-a do asfalto e a lançou no quintal no número 10 da Verdun Avenue. Mindy Skilling ainda estava atrás do veículo e foi junto, indo parar debaixo da ambulância quanto esta rolou para cima dela e deslizou pela grama. A ruína da ambulância seguiu arrancando grama e terra, deixando atrás de si um rastro largo e fumegante. Uma das botas de Mindy Skilling foi enterrada bem fundo no chão, mas o resto da menina ficou debaixo da ambulância deformada. Mindy tinha dito que era difícil morrer diante de uma plateia, nas no final das contas fizera isso parecer moleza.

– Quem mais quer bancar o herói? – A voz do Homem de Marlboro ribombou pelos alto-falantes. – Nós temos a noite inteira, munição de sobra, e um caminhão que é quase um tanque. Vocês podem sair com as mãos para cima e brincar de Vamos Chegar num Acordo, ou podem tentar resistir. Mas vou dizer uma coisa: se decidirem fazer jogo duro, nenhum de vocês vai viver para ver o dia nascer. Está todo mundo me entendendo?

Ninguém disse nada. Harper não conseguia encontrar a própria voz. Antes havia pensado que nada pudesse ser mais alto do que o barulho da metralhadora calibre .50 iluminando a rua inteira, mas o Freightliner batendo na ambulância fora como o ataque de um canhão de artilharia de 75mm de um navio de guerra. Ela se sentia incapaz de sequer iniciar um pensamento, quanto mais de completar algum. Um segundo se passou, depois outro, e por fim foi o Homem de Marlboro que voltou a falar, só que dessa vez sua voz traiu uma hesitação nervosa.

– Que porra é essa? – indagou ele num tom abafado. Harper não teve certeza de que ele quisesse transmitir aquela pergunta pelo rádio.

A rua se iluminou como se o sol tivesse pulado para o meio do céu, o que era impossível. Uma luz dourada e veloz se alastrou e acendeu a rua com uma claridade perfeita como a do meio-dia. Ou quase perfeita. Aquele sol invisível estava *se movendo*, subindo pela faixa da rua. Um vento quente de verão balançou os carros, fustigando-os com o cheiro de Quatro de julho: um perfume de bombinhas, fogueiras e asfalto quente. Então sumiu, e a escuridão tornou a dominar a Verdun Avenue.

O Homem de Marlboro deu uma risadinha nervosa.

– Querem me dizer que porra foi essa? Alguém atirou um sinalizador na gente?

A luz recomeçou a aumentar: um brilho incandescente cor de bronze que tornou o refletor aceso dentro do furgão tão desnecessário quanto uma lanterna de bolso em julho sob o sol do meio-dia. Harper se apoiou em um dos joelhos e virou a cabeça para olhar por cima do teto do Challenger... bem a tempo de ver uma lágrima de fogo do tamanho de um jatinho particular mergulhando da noite lá em cima.

5

No primeiro instante em que Harper a viu, a luz era tão intensa que ela ficou meio cega, e não conseguiu distinguir nenhum traço do que se abatia sobre eles. Era apenas um clarão de brilho vermelho mergulhando em direção ao trecho de rua entre o furgão WKLL e o Dodge Challenger.

O raio de fogo estava a dez metros da rua e ainda baixando quando abriu duas asas e revelou o flamejante e monstruoso pássaro que havia lá dentro. Por entre um borrão de lágrimas, Harper viu que o calor deformava o ar em volta. A visão a encheu de assombro e pavor. Quem tivesse visto a nuvem em forma de cogumelo engolfar Hiroshima não teria sentido outra coisa. O pássaro tinha oito metros da ponta em chamas de uma asa até a ponta em chamas da outra. O bico aberto era grande o suficiente para engolir uma criança. Penas de fogo azul e verde, com metros de comprimento, esvoaçavam em sua cauda. Ele não produzia ruído algum exceto um rugido acelerado que fez Harper pensar num trem atravessando um túnel subterrâneo.

O tempo engasgou no lugar. A ave ficou pairando a menos de quatro metros do chão. O asfalto embaixo dela começou a fumer e a fedor. Todas as janelas da rua refletiam a luz de fogueira da Fênix.

Ela então começou a se mexer... e Harper também.

Suas asas bateram no ar, e foi como se alguém tivesse aberto a porta de uma imensa fornalha. Um sopro arrasador de calor químico desceu pela rua, e o Dodge Challenger se sacudiu na tormenta. Harper estava dando a volta de quatro no chão em direção à porta do motorista.

A Fênix partiu para cima do furgão branco. Uma das asas bateu numa cerca viva, e a planta pegou fogo e virou um muro de chamas. A Fênix entrou voando pela porta lateral aberta do furgão. Harper teve um lampejo do atirador atrás da Browning dando um grito agudo e levantando os braços em frente ao rosto. As portas da frente se escancararam. Motorista e passageiro caíram na rua.

A gigantesca ave de chamas bateu no furgão com tanta força que este saiu do chão e tombou para o lado do motorista, ameaçando virar, antes de voltar ao solo com um estrondo. O interior fervilhava com fogo, com asas de chamas batendo. Uma bala disparou com um *pá!* metálico. Depois outra. A munição da metralhadora calibre .50 estava explodindo feito milho de pipoca, fazendo *pá-pá-pá* dentro do furgão branco e emitindo clarões conforme as cápsulas iam explodindo, e as balas ricocheteavam no teto e nas laterais, deformando o veículo por dentro.

Harper se levantou em frente ao volante do Challenger de Ben e sentou em cima de cacos de vidro. A chave estava na ignição. Ela se manteve abaixada, e só deu uma espiada por cima do painel enquanto dava a partida.

Mais adiante, na rua, o Freightliner fez a curva num círculo lento, mastigando com seus pneus a neve e a terra em frente ao número 10 da Verdun Avenue.

Harper engatou o câmbio da viatura de polícia e pisou no acelerador. Mas só andou uma distância curta, menos de cinco metros, antes de afundar o pé no freio. O Challenger parou com um barulho agudo perto de onde Jamie estava agachada atrás de um poste de telefonia. A menina saiu de seu esconderijo e começou a correr, atravessou o asfalto descoberto e mergulhou no banco do carona. Estava dizendo alguma coisa, gritando alguma coisa, mas Harper não ouviu e não ligou.

Mais à frente, na rua, a Fênix emergiu pela porta lateral do furgão e esticou o pescoço que chegava a ser cômico de tão comprido, como se fosse dar um grito de triunfo para dentro da noite. O furgão continuou a se sacudir e a pular sobre os próprios amortecedores conforme a munição continuava a virar pipoca dentro da carcaça destruída. O para-brisa explodiu. Alguém gritava.

Harper fez o Challenger avançar pela rua e deu uma guinada em meio aos destroços semiderretidos até parar junto à viatura de polícia crivada de tiros. Ben se jogou lá de dentro, atravessou mancando o espaço que separava os dois carros e mergulhou no banco de trás de bruços, deixando as pernas dependuradas pela porta. O ar fedia a pneu queimado.

O Freightliner rugiu e subiu correndo a rua em direção ao furgão e à Fênix. O limpa-neve bateu na lateral do furgão Econoline com um clangor de estremecer, e o jogou de lado como se fosse uma caixa de sapatos vazia. O furgão saiu rolando soltando faíscas azuis, e o teto cedeu. O Freightliner foi atrás, acertou-o outra vez e o atirou do outro lado da rua perpendicular, a Sagamore Avenue. A Fênix explodiu

pelo para-brisa quebrado e levantou voo em direção ao céu, bem enfraquecida, Harper pôde ver. Minutos antes, era do tamanho de um jatinho Learjet. Agora estava menor do que um parapente.

Seu pé encontrou o pedal do acelerador. O Challenger deu um pinote para a frente com força suficiente para empurrá-la até o fundo de encontro ao encosto do banco. As pernas de Ben continuavam penduradas pela porta traseira. Ele havia enrolado cintos de segurança em volta das mãos para não ser ejetado, e agitava os pés para tentar subir mais para dentro do carro.

Ela olhou para fora quando eles passaram à toda por Nelson Heinrich caído de costas na rua, com as pernas quebradas e esmagadas dobradas em ângulos improváveis. O desfibrilador estava pousado sobre o peito do homem morto, o plástico preto todo arranhado, e com um rombo de bala do tamanho de um punho fechado no meio. Pelo menos ela pensou que ele estivesse morto. Foi só bem depois de passarem que se perguntou se Nelson teria virado a cabeça para vê-los partir.

O Freightliner ocupava a rua na sua frente. Harper guinou o volante em direção ao estacionamento em frente à farmácia incendiada. O Challenger subiu no meio-fio. Ela sentiu o corpo se levantar do assento como se não tivesse peso algum. O carro bateu no estacionamento causando uma chuva de faíscas, e Ben, ainda se segurando, uivou.

O carro entrou derrapando na Sagamore Avenue, e Harper pisou fundo no acelerador. Uma luz cor de bronze vinda de cima iluminava seu caminho. A Fênix os escoltou por quase 500 metros, uma claridade metálica que tornava praticamente desnecessário o uso dos faróis; e então se afastou voando na sua frente. Por alguns instantes, deslizou para lá e para cá na frente do carro, uma gigantesca pipa de fogo aceso. Por fim, com um último movimento das asas, ela os deixou, subiu para dentro da noite com um ruído entrecortado de ar em movimento, e se foi, desaparecendo acima das árvores ao leste.

Um objeto especialmente duro espetava Harper, e ela levou a mão até debaixo de si para retirá-lo. Era o celular usado por Mindy Skilling para ligar para a emergência. Sem parar para pensar, ela o enfiou no bolso do casaco de neve.

Ninguém viu.

6

Harper não esperava voltar e dar com a enfermaria cheia de gente, lampiões acesos em todos os cantos, e o ar úmido por causa da aglomeração de tantos corpos. Antes de qualquer um lhe dirigir a palavra, só pelo jeito como eles a olharam, entendeu que estavam em pânico, e se perguntou como já sabiam sobre o massacre na Verdun Avenue.

A sala de espera estava abarrotada de Sentinelas: Michael Lindqvist, as irmãs Neighbors, Chuck Cargill, Bowie, e alguns outros cujo nome Harper não sabia. Allie também estava ali, e tinha um ar tão assustado, tão pálido, abalado e faminto que Harper não conseguiu sentir raiva alguma dela. Norma Heald estava sentada no canto, um montinho trêmulo de carne branca envolto num vestido florido.

O que mais espantou Harper foi ver Carol enrolada num roupão cor-de-rosa e amarelo puído tão velho que as cores haviam adquirido uma tonalidade exausta, apagada. Os mesmos adjetivos se aplicavam à própria Carol: *exausta, apagada*. Sua pele estava muito esticada ao redor do crânio, e os olhos ardiam com o calor excessivo.

Harper tinha um dos braços em volta da cintura de Ben, que o ajudava a avançar meio mancando, meio saltitando. A bochecha esquerda, o antebraço esquerdo, a mão esquerda e a nádega esquerda dele pareciam cactos com espinhos de vidro. Jamie vinha logo atrás, arrastando o isopor cheio de plasma. Eles haviam derramado bem mais sangue do que tinham trazido.

– O que houve? – indagou Harper. – Por que está todo mun...
– Uma convulsão – disse Carol. – Meu pai teve uma convulsão. Enquanto você estava lá e ele ficou sozinho. O coração dele parou. Ele morreu.

Mais tarde, Nick contou tudo a Harper, usando uma combinação de linguagem de sinais e anotações. Ele havia presenciado tudo. Estava segurando a mão de Pai Storey quando o velho havia parado de respirar.

Nick estava muito nervoso quando Harper saiu com Ben para assaltar a ambulância. De algum modo, entendera o que estava acontecendo e tinha certeza de que alguém iria morrer. Michael Lindqvist tentara acalmá-lo. Eles comeram feijão, tomaram chá e ficaram jogando batalha naval. Da segunda vez em que Nick bocejou, Michael disse que estava na hora da soneca, e muito embora Nick tivesse dito que não estava cansado, não demorou nem cinco minutos para pegar no sono na cama ao lado da do avô.

Sonhou com uma luz caindo da escuridão, uma lanterna despencando de um céu azul-escuro. A lanterna caía atrás de uns morros, um clarão vermelho irrompia, e o mundo começava a tremer e chacoalhar, como se um andaime escondido sob a grama verde estivesse se soltando. Nick acordou sobressaltado, mas o chacoalhar não parou.

E foi então que ele viu: a cabeça de Pai Storey dava trancos de um lado para outro, e uma espuma escorria dos cantos de sua boca. Sua cama inteira tremia e se sacudia. Nick correu até a sala de espera, onde Michael estava de guarda folheando uma *Ranger Rick* mais velha do que o próprio Nick. Arrancou Michael do sofá e o empurrou para dentro da enfermaria, onde o puxou até a cabeceira de Pai Storey. Michael congelou ao pé da cama, rígido de choque.

Nick deu a volta correndo em sua própria cama até sua pequena bolsa de roupas e livros, e desencavou lá dentro o artigo mais valioso do mundo inteiro naquela noite: seu apito vai e vem. Abriu uma das janelas e começou a soprar.

Não foi o Bombeiro quem respondeu ao chamado, mas sim Allie e meia dúzia de Sentinelas. Quando eles chegaram, Pai Storey já tinha parado de se debater. Seu peito havia cessado o árduo sobe e desce. As pálpebras exibiam uma palidez cinza e enferma. Nick segurava sua mão emaciada e fria, com a pele solta em volta dos ossos, enquanto Michael chorava com o abandono de uma criança pequena diante da tristeza.

Allie passou pelos dois. Usou um dedo para remover a espuma e o vômito da boca de Pai Storey, encostou os lábios nos do avô e soprou ar para dentro de seus pulmões. Entrelaçou os dedos e começou a empurrar o centro do seu peito. Havia aprendido a fazer ressuscitação cardiopulmonar no verão retrasado, durante o treinamento para ser monitora na Colônia Wyndham, e quem a instruíra e certificara fora o próprio John Rookwood. Resumindo: sob um certo aspecto, o Bombeiro no fim das contas tinha respondido ao apito.

Allie passou quase cinco minutos naquilo, um intervalo longo, desesperado, silencioso e fora do tempo, empurrando as mãos sobre o peito do avô e soprando dentro de sua boca diante de uma plateia cada vez maior. Mas foi só quando Carol chegou, só quando jogou a cortina de lado e gritou: “Pai!”, que Pai Storey tossiu, engasgou, e com um suspiro cansado recomeçou a respirar por conta própria.

A Tia Carol chamou ele de volta dos mortos, escreveu Nick para Harper.

Quem chamou ele de volta foi a sua irmã, rabiscou Harper em resposta, mas teve a desagradável sensação de que a maioria das pessoas iria pensar o mesmo que Nick e atribuir a Carol uma espécie de milagre. Afinal de contas, ela já fizera recuar a morte ao guiá-los diariamente no canto. Será que aquilo era mesmo tão diferente assim? Mais uma vez ela havia enfrentado a morte, armada apenas com a própria voz, e mais uma vez os condenados haviam sido salvos.

Harper passou uma hora ao lado de Pai Storey: retirou o tubo de alimentação que havia inserido em sua narina, fez uma intravenosa limpa, trocou sua fralda e a fronha do travesseiro, suja com uma mistura de vômito e sangue que exalava um cheiro acre. A pulsação dele estava forte, mas irregular: acelerava por algumas batidas, desacelerava, depois tornava a se apressar precipitadamente. Seu rosto parcialmente coberto pelas suíças estava cinzento, quase sem cor, e as pálpebras entreabertas deixavam à mostra o branco dos olhos.

Um AVC, pensou ela. Ele estava sucumbindo lentamente a uma série de AVCs. O que quer que esperasse ou acreditasse até então, agora achava muito improvável que o bom velhinho fosse algum dia

voltar a abrir os olhos ou lhe dar um sorriso.

Encontrou uma pinça, fio estéril, uma agulha, ataduras e iodo e saiu à procura de Ben Patchett. A essa altura já era quase de manhã, e a luz fraca e desenxabida refletia perfeitamente o seu ânimo.

Encontrou Ben com Carol na sala de espera. Ele estava sentado com o peso do corpo apoiado em apenas uma das bandas da bunda. Metódico, havia retirado os cacos de vidro maiores do rosto e do braço e feito uma pilha: um montinho cintilante de lascas brilhantes e agulhas vermelho-vivo.

A maioria dos outros havia se retirado, mas Michael e Allie continuavam ali, sentados no sofá de mãos dadas. Michael tinha parado de chorar, mas linhas brancas riscavam suas bochechas, marcando o caminho das lágrimas. Jamie estava apoiada na porta. A lateral de seu rosto havia inchado e era agora um intenso hematoma vermelho.

– Ele está morrendo – disse Carol.

– Ele estabilizou. Está tomando fluidos. Acho que por enquanto está bem. Carol, você está cansada. Seria melhor ir para casa. Tentar descansar. Seu pai precisa que você seja forte.

– Sim. Eu vou ser. É exatamente isso que eu pretendo. Ser forte. – Ela encarou Harper com um olhar fixo e febril. – Vou lhe dar algo em que pensar. Se o meu pai tivesse *mesmo* morrido, alguém aqui nesta colônia... talvez *vários* alguéns... teria ficado satisfeito. Quem deu aquela bordoadada na cabeça dele está *rezando* para ele morrer. Você quer doença? Tem gente aqui neste lugar que deseja de todo coração a morte do meu pai. Que provavelmente deseja a *minha* morte. Não sei por quê. Não consigo entender. Eu só quero que todo mundo fique seguro... que todo mundo fique seguro e seja bom com os outros. Mas tem gente que quer que o meu pai suma, quer que *eu* suma, que quer nos separar e nos voltar uns contra os outros. *Isso sim* é uma doença, enfermeira Willowes, e nada do que você trouxe daquela ambulância pode curá-la. Essa doença não tem como ser curada. Só pode ser extirpada.

Harper pensou que a voz de Carol soava exausta e extenuada, e não achou que valesse a pena retrucar. Moveu os olhos para Allie. Queria lhe agradecer por ter salvado a vida de Pai Storey, mas quando abriu a boca lembrou como a adolescente havia ficado parada assistindo enquanto as outras meninas chutavam neve em cima dela e cortavam seus cabelos. As palavras morreram antes de chegar aos seus lábios.

Em vez de falar com Allie, ela falou com Ben.

– Entra na enfermaria e tira essa calça. Quero limpar suas feridas.

Antes de Ben conseguir se levantar, Carol tornou a falar.

– Você se afastou do meu pai uma vez e quase foi pega. Se afastou uma segunda vez, e o meu pai teve um ataque e quase morreu. Ele *morreu*, aliás. E foi chamado de volta. Não vai se afastar de novo. Vai ficar aqui na enfermaria até ele se recuperar.

– Carol – disse Harper, esforçando-se ao máximo para falar com afeto. – Eu não posso *prometer* que ele vai se recuperar. Não quero enganar você em relação às chances dele.

– Nem eu quero enganar você em relação às suas – retrucou Carol. – Você pode pensar que deixar ele morrer vai abrir lugar para você e o Bombeiro...

– *O quê?* – fez Harper.

– ... mas quando o tempo do meu pai nesta colônia se esgotar, o seu também vai se esgotar, Sra. Willowes. Se ele morrer, você aqui *já era*. Quero que compreenda o que está em jogo. Você mesma disse que é hora de ser forte. Eu concordo. Preciso ser forte o suficiente para fazer as pessoas se responsabilizarem pelos próprios atos, e é isso que pretendo fazer.

A Escama do Dragão desenhada no peito de Harper formigou dolorosamente, esquentando contra o suéter.

– Eu vou fazer tudo que puder – disse ela, lutando para manter a voz sob controle. – Eu amo o seu pai. John também ama. Ele não tem qualquer interesse em assumir o comando ou ser o chefe. Nem ele nem eu! Carol, a única coisa que eu quero é um lugar seguro para ter este bebê. Só isso. Não estou tentando sabotar nada nem ninguém. Mas você precisa entender... se ele morrer... apesar dos meus melhores esforços...

– Se isso acontecer, você vai embora – disse Carol. De repente, uma calma renovada surgiu em sua voz. Ela estava sentada mais ereta, numa pose quase de rainha. – E, portanto, confio em você para não deixar isso acontecer.

A respiração de Harper estava acelerada e curta. Pela segunda vez na mesma noite, ela teve a sensação de estar imobilizada, encurralada por um fogo letal.

– Carol, eu *não posso* prometer manter seu pai vivo. Ninguém poderia prometer uma coisa dessas. Ele foi gravemente ferido, e com a idade que tem uma recuperação total fica... muito improvável. – Ela fez uma pausa, então retomou. – Você não está falando sério. Me mandar embora poria a colônia inteira

em risco. E se eu fosse pega pelo tipo de gente que tentou nos matar hoje? Eles me forçariam a contar tudo que eu sei... é o que o Ben diz.

– Não se o seu bebê estivesse aqui conosco – disse Carol. – Nesse caso você ficaria quieta, independentemente do que fizessem com você. É claro que eu só mandaria você embora depois do parto, aconteça o que acontecer com o meu pai. E é claro que eu não puniria o bebê mandando ele embora também. Isso não é jeito de tratar uma criança. Não. Se o meu pai morrer, você vai embora, mas o bebê fica aqui com a gente para garantir o seu silêncio. Eu mesma posso cuidar dele.

8

Harper passou a linha preta pela bochecha de Ben. Ele fechou os olhos e fez uma careta de dor. Ela deu um puxão na linha para fazer com que ele a encarasse.

– Você ouviu o que ela disse? – sussurrou Harper. Ainda sentia o coração batucar no peito. – *Ben*. Você ouviu aquela maluquice que ela disse?

Ben estava sentado na cama de Harper. Os dois estavam na enfermaria, e não havia mais ninguém no raio de alcance de sua voz a não ser Pai Storey e Nick, nenhum dos quais podia escutar.

Do lado de fora das janelas, fileiras de pingentes de gelo pingavam água cintilante sob a claridade leitosa do sol. Ben inspirou com um arquejo fino e chiado.

– Enfermeira? Você acha que poderia por favor não arrancar a minha cara? Sou meio que apegado a ela.

Ela sibilou:

– Eu não posso prometer para *ninguém* que vou conseguir manter Pai Storey vivo. Não posso prometer salvá-lo. Quero saber o que você vai fazer se ele morrer. Vai ser você quem vai arrancar meu bebê dos meus braços?

– Não! Não. Harper, eu não tiraria seu filho de você – sussurrou ele. – Mas tenho certeza de que muita gente tiraria, se Carol disser que é o que precisa ser feito. Jamie Close. Norma Heald.

– É você simplesmente ficaria parado e deixaria acontecer?

Uma sombra passou atrás da cortina entre a enfermaria e a sala de espera. Carol? Allie?

Ben inspirou fundo, e quando tornou a falar sua voz saiu mais alta, de modo que fosse possível escutá-lo no cômodo ao lado e provavelmente até no refeitório.

– Quase todo mundo nesta colônia foi tirado de alguém. Quase todo mundo é órfão de algum jeito. O seu bebê se encaixaria direitinho. Eu não gostaria de ver isso acontecer, mas tive de aceitar muitas coisas que não me agradaram. Tenho certeza de que conseguiria aceitar mais uma. O que não vou fazer é negociar em segredo com você, nem fazer parte de uma campanha de cochichos contra Mãe Carol. Quem cochicha não está em harmonia com o resto da colônia, e o único jeito de sobrevivermos é se todos nós falarmos numa só...

– Ah, dá um tempo, porra – disse Harper, e o espetou na cara com a agulha para lhe dar um ponto de que ele na verdade não precisava.

Quase uma semana se passou antes de ela ligar o telefone.

Durante todo esse tempo, não tirou o aparelho do bolso do moletom. Várias vezes ao dia, tocava-o para se assegurar de que ele continuava lá. O ato de alisar a superfície de vidro e as curvas lisas do aço com o polegar a reconfortava.

Não tentou usá-lo. Nos primeiros dias após eles retornarem da expedição, teve a incômoda consciência de estar sendo vigiada. Havia sempre uma Sentinela na sala de espera, teoricamente para proteger Pai Storey, e os vigias tinham o hábito de abrir a cortina em momentos aleatórios e esticar a cabeça para dentro da enfermaria sob um pretexto qualquer. Harper nem sequer teve coragem de tentar esconder o celular no forro do teto junto com o bloquinho de Harold. Sentia haver uma chance muito grande de alguém a surpreender quando estivesse em pé sobre a cadeira, esticando os braços para deslocar um painel do rebaixamento.

Marcou uma data para correr o risco de dar um telefonema. O aniversário de seu pai era no dia 19. Se ele estivesse vivo, faria 61 anos. Só que o seu autocontrole não aguentou até lá.

Na manhã do dia 17, ela acordou cedo sentindo contrações fortes o suficiente para fazê-la arquejar. Suas entranhas pareciam massa crua nas mãos de um rude padeiro decidido a sovar tediosamente, metodicamente, brutalmente cada centímetro de tecido. A sensação era semelhante a ser acometida pelas cólicas de uma diarreia, e o suor brotou no seu rosto enquanto ela esperou passar.

A enfermeira que existia dentro dela identificou aquelas crispações ritmadas como contrações de Braxton-Hicks, apenas um pequeno treino para o grande dia que se aproximava. A futura mãe ficou aflita ao pensar num parto prematuro. Estava com 28 semanas. Não seria impossível, principalmente para uma mulher que fora exposta a todo tipo de estresses, tiroteios e carnificinas. Pensar que ela poderia estar entrando em trabalho de parto, que o bebê poderia estar chegando *naquele instante*, lhe deu a sensação de estar dentro de um elevador cujos cabos tinham se rompido e que havia começado a despencar.

Antes de ela se preocupar demais, porém, as contrações cessaram, deixando suas vísceras tão remexidas quanto se ela tivesse sacudido uma Coca-Cola gelada. O sangue latejava em seus ouvidos. Então lhe ocorreu que ela deveria dar o telefonema naquele dia, naquele instante, e avisar ao pai que estava torcendo para conseguir lhe dar um neto de aniversário. Era incrível pensar que seus pais não sabiam da sua gravidez... muito menos que ela ainda estava viva. Sua mãe iria gritar, gritar de verdade.

Nick dormia de lado na cama junto à sua, com uma das mãos encolhida sob a bochecha. Não teve medo de acordá-lo. Ele continuaria dormindo mesmo que ela desse o telefonema bem ao lado da sua cama. O chão estava tão frio que pisar nele descalça doeu. Ela afastou a cortina e deu uma espiada na sala de espera. O menino que estava lá, um garoto chamado Hud Loory muitas vezes incumbido de pescar com Don Lewiston, cochilava no sofá com a espingarda no chão. Se Ben Patchett aparecesse para uma inspeção-surpresa, aquele menino iria comer uma pedra de café da manhã.

Harper entrou no banheiro e fechou a porta. Sentou-se na tampa da privada e ligou o celular. A bateria estava com menos de um quarto de carga, e o sinal tinha apenas um ponto. Ela passou dez segundos encarando a tela plana, lisa e inacreditavelmente brilhante, em seguida digitou o número da mãe que sabia de cor e pressionou **LIGAR**.

O telefone emitiu um silvo descontínuo que durou três segundos. Então entrou a gravação de uma voz de mulher irritada e acusatória: “O número que você digitou não está disponível para receber chamadas. Por favor, verifique o número e tente novamente.”

Ela tentou então o celular do pai. O aparelho produziu uma série de bipes rápidos, como se alguém estivesse passando uma mensagem em código Morse. Seguiu-se uma barulhada medonha e zangada, e ela foi obrigada a desligar.

Seu pensamento seguinte foi mandar um e-mail. Ela acessou o navegador do aparelho para entrar na sua conta do Gmail. Com a respiração curta, aguardou a página de login aparecer. Nunca apareceu.

Em vez disso, Harper foi direcionada para a página principal do Google. Só que a página agora estava diferente. Em vez de uma grande tela branca com a palavra

Google

no centro, o que ela viu foi uma página com a palavra

Goodbye

no seu lugar. “Adeus”. Mais embaixo havia o campo de busca e os dois conhecidos botões. Na última vez em que ela havia entrado no Google, um dos botões dizia Pesquisa Google, e o outro dizia Estou com sorte. Agora, o botão da esquerda dizia:

Nossa pesquisa acabou.

E o da direita dizia:

Que sorte nós tínhamos.

Por algum motivo, talvez por ainda estar abalada emocionalmente por causa da intensa sequência de contrações, ver a página do Google desfigurada assim fez Harper suar nas palmas das mãos e ficar aflita. Teve a sensação de que tentar uma busca não traria nada de bom, mas mesmo assim digitou *Google Mail* no campo de pesquisa e pressionou **ENVIAR**.

Em vez de exibir os resultados da busca, as palavras que ela havia digitado na caixa chiaram, ficaram pretas e se desfizeram em cinzas pixeladas. Uma pilha de restos queimados soltou rastros negros de fumaça digital.

Era ridículo chorar pelo fato de o Google não existir mais, mas por um instante Harper se sentiu muito perto das lágrimas. Pensar que o Google podia desaparecer era tão difícil de imaginar quanto a queda do World Trade Center. Assim como as torres gêmeas, o site parecia uma parte permanente da paisagem cultural.

Talvez não fosse só por causa do Google que ela estivesse com vontade de chorar, mas sim por tudo, por todas as invenções boas, inteligentes e úteis que agora estavam indo embora, naufragando no passado. Sentia falta das mensagens de texto, da TV e do Instagram, dos fornos de micro-ondas e dos banhos quentes de chuveiro, do prazer de ir às compras e da manteiga de amendoim de boa qualidade. Pensou se ainda haveria alguém cultivando amendoim e foi tomada por uma grande tristeza, e quando engoliu sentiu gosto de lágrimas. Tinha saudade de tudo, mas principalmente da mãe, do pai e do irmão, e pela primeira vez se permitiu pensar na possibilidade real de nunca mais ter notícias de nenhum deles.

Não quis acordar a Sentinela na sala de espera com um soluço repentino. Apertou o celular com força entre as mãos, pressionou os nós dos dedos na boca e esperou a angústia passar. Por fim, quando teve certeza de que havia se controlado, deu um beijo molhado na tela, disse “Parabéns, pai” e desligou o aparelho.

Ao voltar para a enfermaria, escondeu o celular no teto junto com o bloquinho. Tornou a se enfiar debaixo dos lençóis e deu uma boa chorada no travesseiro.

Em pouco tempo, parou de chorar e começou a se sentir sonolenta e confortável. O bebê empurrou uma hesitante mãozinha contra a parede rígida e fibrosa de sua cela com os dedos bem separados, ela teve certeza de que podia senti-los, e pareceu lhe fazer um afago canhestro e reconfortante. Ela pressionou a mão contra a do filho; menos de um centímetro de tecido as separavam.

– Agora somos só você e eu, garoto – falou, mas é claro que fazia meses que eram só os dois.

10

Nessa noite, tornou a sonhar com Jakob pela primeira vez em meses. Sonhou com Jakob e com o Freightliner, com os faróis vindo velozes na sua direção, e com o motor gritando de um jeito que parecia expressar mais ódio do que qualquer voz humana seria capaz.

Só que Jakob não estava mais sozinho no caminhão.

No sonho, Nelson Heinrich estava com ele... que curioso!

11

Quatro dias depois de ela guardar o celular num lugar onde ele não mais a atormentaria, Michael Lindqvist veio ficar de guarda na enfermaria. Assim que seu turno começou, ele veio falar com ela.

– Dona? – chamou, colocando o rosto entre a cortina e o batente da porta de um jeito que fez Harper pensar em Caco, o Sapo, estudando nervosamente a plateia da noite. – Posso falar uma coisa com a senhora?

– Claro – respondeu Harper. – Não precisa marcar hora. Nós aceitamos todos os seguros-saúde.

O rapaz se sentou em um dos leitos, e ela puxou uma cortina verde-clara entre eles e Nick para lhes dar privacidade. Pensou se ele iria lhe perguntar sobre preservativos.

Mas não: o que ele fez foi tirar uma folha de papel do bolso e lhe passar.

– Só achei que a senhora fosse querer ver isto aqui. Nunca se sabe quando o Sr. Patchett pode aparecer para verificar se todos os meninos e meninas estão sendo bonzinhos.

Ela abriu o bilhete e começou a ler.

Cara Sra. Willowes,

O que aconteceu com a senhora naquela noite na floresta foi tudo culpa minha. Eu poderia ter parado com tudo a qualquer momento, mas não parei. Não espero que me perdoe, mas espero algum dia conseguir recuperar o seu respeito, ou pelo menos a sua confiança. Pediria desculpas pessoalmente, mas nos últimos tempos eu ando irritando todo mundo e estou confinada no dormitório, então preciso pedir por escrito. Eu sinto muito, Sra. Willowes. Nunca quis que a senhora se machucasse. Nunca quis que ninguém se machucasse. Eu sou uma idiota, mesmo.

Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar a senhora, é só avisar ao Mike. Eu gostaria muito mesmo de me redimir. A senhora merece tudo, qualquer coisa. E também: obrigada por servir de mãe genérica substituta em tempo parcial do meu irmão. A senhora tem sido para ele uma família melhor do que eu. Por favor, diga ao Nick que eu penso nele e estou com saudade. Aproveite e mande um beijo meu para o meu avô.

Por favor por favor por favor tome cuidado.

Sua amiga de novo um dia, assim espero,

Allie

Michael permaneceu sentado, com os dedos entrelaçados e as mãos impressadas entre os joelhos. Tinha o rosto pálido, e não conseguia parar de sacolejar uma das pernas.

– Obrigada por me trazer isso. Sei que você pode se encrencar feio por levar mensagens secretas.

Ele deu de ombros.

– Não foi nada de mais.

– Foi, sim. – Harper se sentia linda e livre como uma menina de 10 anos no primeiro dia das férias de verão. Já havia perdoado Allie por tudo. Tinha isso dentro de si: era capaz de perdoar com facilidade e leveza, com o melhor sentimento do mundo. Tornou a olhar para o papel e franziu o cenho.

– Como assim, ela está confinada no dormitório?

Os olhos de Michael se arregalaram num cômico ar de surpresa. Aquele rapaz era a pessoa que menos conseguia disfarçar os próprios sentimentos que Harper já conhecera.

– A senhora não sabe? Não. Não, claro que não. Quase nunca sai daqui. Na noite em que vocês assaltaram a ambulância, a Allie foi falar com o Bombeiro para avisar a ele o que estava acontecendo. Foi por causa dela que ele soube que precisava mandar uma Fênix para garantir que todos vocês voltassem sãos e salvos. Desde então, Allie está na merda até o pescoço. Carol mandou que ela fosse expulsa das Sentinelas e a obrigou a passar três dias com uma pedra na boca. Na visão dela, a sobrinha tomou partido contra ela, e ainda por cima prejudicou sua imagem. Allie agora só pode sair do dormitório para cumprir tarefas na cozinha e ir à capela. E não acende mais quando todo mundo canta! Só fica lá, de cabeça baixa, sem olhar para ninguém.

– Aquela menina salvou a vida de Tom Storey – disse Harper. – Como Carol consegue punir Allie depois de ela ter salvado a vida do avô?

– Hum – fez Michael.

– O quê?

– A história que corre por aí é que a Allie *desistiu* de tentar salvar Pai Storey, e estava só lá parada chorando quando Carol entrou e chamou ele de volta gritando seu nome. Ela chamou Pai Storey de volta do Brilho profundo, que é para onde vão as pessoas que morrem.

– A Allie não... não foi assim que... que bobagem! Você estava *lá*... não disse para... ninguém explicou o que realmente...

Michael baixou a cabeça e seu rosto adquiriu uma expressão de cachorro arrependido.

– É preciso tomar cuidado hoje em dia com as histórias que se conta. Carol e Ben têm sua própria versão do que aconteceu. Não existe espaço para nenhuma outra. Quando a Allie falou que não era verdade... e ela falou... o Ben lhe deu outra pedra por desrespeitar a autoridade. As pessoas nesta colônia hoje em dia, bem... a senhora já deve ter ouvido dizer que nós agora só falamos com uma única voz. – Ele baixou mais a cabeça. – Eu detesto isso, sabe? Tudo isso. Não só o que está acontecendo com a Allie, mas também como a Carol tem se comportado. Ela vive desconfiada, tensa, prestes a explodir. Manda patrulhas ficarem em volta do chalé dela, porque uma noite pensou ter visto sombras se movendo nas árvores. Emily Waterman saiu do refeitório rindo de alguma coisa, e Carol encasquetou que a menina devia estar rindo *dela* e lhe deu uma pedra. Emily se acabou de chorar. Ela é só uma criança.

Michael projetou um dos pés para a frente. Os cadarços de sua bota estavam desamarrados e estalaram no estrado. Após alguns instantes, ele perguntou:

– Dona, posso contar uma coisa meio pessoal?

– Claro.

– Muita gente não sabe, mas eu tentei me matar uma vez. Logo depois que minhas irmãs morreram queimadas. Estava escondido no que tinha sobrado da minha casa, que era praticamente uma ruína. Meus pais tinham morrido. Minhas irmãs... elas eram aqueles dois montinhos de cinzas em forma de meninas nos destroços da sala de estar. Eu só queria que aquilo tudo desaparecesse. Não queria mais sentir cheiro de fumaça. Não queria me sentir sozinho. Eu tinha uma scooterzinha da Honda que costumava usar para entregar pizzas. Liguei a scooter dentro da garagem e fiquei esperando o gás do escapamento me matar. Primeiro fiquei com dor de cabeça, depois vomitei. Acabei desmaiando. Fiquei uns quarenta minutos inconsciente até que o combustível da scooter acabou, aí acordei. Acho que a garagem não era muito bem vedada.

Ele fez uma pausa.

– Alguns dias depois disso eu saí vagando. Estava pensando em talvez ir até o mar e entrar na água para me limpar do fedor.

Harper se lembrou da própria caminhada matinal desolada até o mar, pouco tempo depois de chegar à colônia. Pensou se Michael teria ido até a água pela mesma razão que ela, em busca de um derradeiro mergulho frio na escuridão silenciosa e do fim das preocupações e da solidão.

– Mas aí ouvi umas meninas cantando. Elas cantavam muito bem, com vozes doces e límpidas. Eu... eu estava tão zozinho que pensei que talvez fossem minhas irmãs me chamando. Saí do meio das árvores, entrei no Parque dos Monumentos e vi que não eram as minhas irmãs. Eram Allie, Carol, Sarah Storey, o Bombeiro e alguns outros. Eles estavam cantando uma música bem antiga, aquela em que o cara diz que não saca muito de história. Acho que é do Sam Cooke. Estavam todos cantando e todos acesos, uma luz suave, azul, tranquila. Me olharam como se tivessem passado o dia inteiro esperando eu chegar. Eu me sentei para assistir e escutar, e em determinado momento a Carol sentou do meu lado com uma toalha molhada e começou a limpar a fuligem do meu rosto. Falou: “Ih, olha! Tem um menino aqui embaixo!” E eu comecei a chorar, e ela só fez rir de mim e dizer: “Esse é outro jeito de se livrar da sujeira.” Eu estava andando descalço, e ela se abaixou e limpou o sangue e a sujeira dos meus pés. Fazer qualquer coisa para machucar a Carol seria a morte para mim. Eu pensei que jamais seria amado como minha mãe e minhas irmãs me amavam, aí vim parar aqui.

Ele fez uma pausa, se remexeu e deu um suspiro, e quando tornou a falar sua voz saiu mais baixa.

– Mas aquele negócio que ela disse, que iria tirar o seu bebê da senhora: não sei nem por que ela iria *pensar* uma coisa dessas. A gente não pode fazer isso. E tem também o jeito como ela trata a Allie. Parece que a Allie passa o dia inteiro com uma pedra na boca, todos os dias, e nunca cospe a pedra porque seria como reconhecer a derrota. Allie preferiria morrer de fome. A senhora sabe como ela é. E aí... aí às vezes, depois da capela, depois de a gente cantar com todo o vigor, eu volto a mim e sinto a cabeça apitando como depois que tentei me matar na garagem. Às vezes eu acho que o jeito como a gente

se entrega ao Brilho hoje em dia *também* é como pequenos suicídios. – Ele fungou, e Harper notou que estava quase chorando. – Antes era melhor. Antes aqui era bom de verdade. Enfim. Como a Allie escreveu na carta. A senhora não está sozinha. Tem a nós. Allie e eu.

– Obrigada, Michael.

– Será que eu posso fazer alguma coisa pela senhora?

– Pode. Pode, sim. Mas se for demais você tem que dizer não. Não se sinta obrigado a fazer nada que poria você mais em risco do que manda a segurança.

– Xi – disse ele. – E eu achando que a senhora talvez fosse querer que eu trouxesse uns biscoitos para o seu café. Acho que está com algo maior em mente.

– Tem algum jeito de eu sair daqui por uma hora para ir falar com o Bombeiro? E, se eu saísse, será que você poderia ficar de olho em Pai Storey enquanto eu estivesse fora?

Ele empalideceu.

– Desculpa. Eu não deveria ter pedido.

– Não – disse ele. – Tudo bem. Acho que eu conseguiria segurar as pontas se o Sr. Patchett aparecesse. Poderia fechar a cortina em volta da sua cama, pôr uns travesseiros debaixo dos seus lençóis e dizer para ele que a senhora está tirando um cochilo. Só que... se eu a deixar sair... se conseguir fazer esse encontro acontecer... a senhora me promete que vai voltar? Não vai pular num carro com o Bombeiro e ir embora hoje à noite, vai?

De todas as coisas que ele poderia ter dito ou perguntado, essa ela não havia previsto.

– Ah, Michael, é claro que não. Eu não iria abandonar Pai Storey nessa situação.

– Ótimo. Porque vocês *não podem* ir embora da colônia – disse ele, inclinando-se para a frente e segurando seu pulso. – Não sem levar junto a Allie e eu.

Harper desceu o morro num frio cortante que fez arder suas narinas e machucou seus pulmões. Sua respiração parecia fumaça, como se ela estivesse manifestando o dragão completo e pegando fogo de dentro para fora.

O lugar mais frio de todos era sobre os seixos, na beira d'água, e as partes expostas de seu rosto ficaram dormentes. Um filete de fumaça saía da fina chaminé do abrigo do Bombeiro, único sinal de vida naquele mundo inteiramente congelado. Ela detestava ir até o cais, sentia-se exposta, quase imaginava que alguém fosse gritar. Mas ninguém a viu, e o cais em si ficava escondido do campanário da igreja por uma faixa de pinheiros altos. Ela entrou no barco a remo e soltou a corda. Uma vez na água, talvez ficasse visível (o olho no campanário a todos vê), mas a noite estava sem lua e sem estrelas, e ela pensou que, no breu fechado, talvez passasse despercebida.

Dessa vez conseguiu andar até a cabana sem perder as botas na lama. O chão agora congelado estava duro como lajotas. Harper bateu no batente da porta. Quando ninguém respondeu, tornou a bater. Sentiu cheiro de fumaça de lareira e doença lá dentro.

– Está destrancada – disse ele.

Ela adentrou o pequeno cômodo tomado por um calor sufocante e iluminado pela luz dourada da fornalha aberta.

O Bombeiro estava na cama, com o lençol enrolado em volta da cintura e das pernas e o braço preso na tipoia imunda. O lugar recendia a catarro, e ele estava com dificuldade para respirar.

Ela arrastou uma cadeira até junto da cama e se sentou. Então se inclinou para a frente e encostou a bochecha no seu peito nu. A pele estava em brasa e recendia a sândalo e suor. A Escama do Dragão decorava seu peito em desenhos que lembravam tapetes persas.

– Respira normalmente – disse ela. – Eu não trouxe um estetoscópio.

– Eu *estava* melhorando.

– Cala a boca. Estou escutando.

As inspirações dele produziam um débil farfalhar, como se alguém estivesse amassando um plástico.

– Ai, merda – disse ela. – Você está com atelectasia. Não tenho um termômetro aqui, mas dá para ver que está com febre. Merda, merda. Não entendo.

– Acho que um dos primeiros álbuns do Genesis se chamava *Atelectasis*. Um dos que eles gravaram antes de o Phil Collins assumir os vocais e eles virarem aquela bosta insossa feita para a MTV.

– É um termo metido a besta para um determinado tipo de pneumonia. Às vezes vem de uma complicação nas fraturas de costela, mas eu não imaginaria que fosse acontecer com um homem da sua idade. Você andou fumando?

– Não. Você sabe que eu não tenho cigarro.

– Pegou alguma friagem?

– Muita.

Ela estreitou os olhos para ele.

– Por quanto tempo é “muita”?

– Ahn, dezoito horas, por aí?

– Por que você passou *dezoito* horas ao relento?

– Não queria ter passado. Eu desmaiei. Sempre desmaio quando mando uma Fênix para algum lugar.

– Ele lhe sorriu como quem pede desculpas. – Acho que estava fraco demais. Não estava pronto para criar uma Fênix. Aquilo exigiu demais de mim. Mas foi bom eu ter mandado uma. Como se aquela metralhadora já não fosse ruim o bastante, o limpa-neve com o qual seu ex anda por aí é pior do que um Panzer...

– Peraí. Rebobina. Como você sabe que o meu ex apareceu na Verdun Avenue? Quem te contou?

– Ninguém me contou. Eu estava lá com você.

– Como assim *estava lá* comigo?

Ele suspirou, fez uma careta, e pressionou a mão sã no flanco machucado.

– Você se escondeu atrás da viatura do Ben quando o tiroteio começou. O primeiro a morrer foi Nelson... esfaqueado na rua mesmo. Aí o caminhão bateu na ambulância, e Mindy Skilling morreu

esmagada debaixo dela. Depois disso você saiu de lá na velocidade máxima, feito um daqueles corredores de stock car aqui dos Estados Unidos. Eu me lembro de tudo até a hora em que o seu ex amassou o furgão e quase me esmagou. Quase esmagou a Fênix, digo.

Harper não conseguia dar sentido ao que ouvia. Até então, imaginara que a Fênix fosse uma gloriosa exibição pirotécnica que de algum modo podia ser operada de longe, mais ou menos como um avião de controle remoto. Uma marionete de chamas, com John Rookwood puxando as cordinhas ali naquela ilha.

Só que ele era capaz de narrar o confronto com Jakob e o Homem de Marlboro como se houvesse lutado ao seu lado pessoalmente, algo que deixou Harper ao mesmo tempo perplexa e irritada, porque era óbvio que John adorava ser impressionante e misterioso.

– Impossível. Não tem como você ter visto isso tudo.

– Ah, não vamos exagerar. É só improvável. Além do mais, eu não *disse* que vi. Eu *não vi*. Mas eu *lembro*. – Ele a viu se preparar para interromper e ergueu uma das mãos com a palma para a frente de modo a conter as perguntas. – Você sabe que, com o tempo, a Escama do Dragão satura o cérebro humano. Passa a ouvir seus pensamentos, suas sensações, e reagir a eles. Sua natureza é dendrítica, e ela se liga à mente.

– Sim. É por isso que as pessoas pegam fogo quando estão com medo ou sob estresse. O pânico libera cortisol. A Escama do Dragão reage ao cortisol concluindo que o hospedeiro não é mais seguro. Então irrompe em chamas e produz muitas cinzas, o que lhe permite partir em busca de um terreno melhor.

Ele a encarou com um ar admirativo.

– Isso. É exatamente esse o mecanismo. Com quem você andou conversando?

– Harold Cross – respondeu ela, satisfeita por conseguir surpreendê-lo pelo menos uma vez.

O Bombeiro absorveu a informação, então ergueu um canto da boca num sorriso.

– Você achou o bloquinho dele. Eu adoraria dar uma olhada qualquer dia desses.

– Quem sabe depois que eu terminar – retrucou ela. – O cortisol detona a combustão espontânea. Mas a oxitocina, o hormônio das redes sociais... a oxitocina tranquiliza a Escama do Dragão. Toda vez que você experimenta o prazer da aprovação de um grupo, aumenta a sensação de segurança da Escama do Dragão e torna menos provável ela te matar queimado depois. Essa parte eu entendo. O que eu *não* entendo é como você podia estar aqui no seu abrigo ao mesmo tempo em que via coisas que estavam acontecendo a cinco quilômetros daqui.

– Mas eu já disse que não *vi* essas coisas. Eu *lembro* delas, e é essa a diferença. A Fênix tem em seu núcleo uma nuvem ardente de Escama do Dragão. Essa Escama do Dragão contém uma cópia grosseira dos meus pensamentos, sensações, reações. É um cérebro externo. Ela acabou voltando para mim, retornou ao ninho e se apagou após ter feito o seu trabalho. As cinzas caíram em cima de mim feito neve enquanto eu estava inconsciente na praia, e nas horas seguintes eu *sonhei* tudo que o pássaro tinha feito e presenciado. Tudo foi voltando, primeiro em fragmentos, mas depois eu lembrei da cena inteira.

Harper sopesou essa informação na mente. Cinzas capazes de pensar, chamas vivas, e um esporo capaz de trocar impulsos e lembranças com a mente humana. Pensou que aquilo era exatamente o tipo de baboseira fantástica que a evolução adorava. A natureza tinha um baíta talento para o engodo e para os truques.

Quando tornou a falar, o assunto não tinha nada a ver com a Escama do Dragão.

– Você precisa de um tratamento com antibióticos. Por acaso eu agora tenho alguns. Vou mandar Michael trazer um vidro de azitromicina. Ele deve conseguir vir aqui sem ninguém perceber durante a troca da guarda, quando o dia nascer. Vamos, deixa eu dar uma olhada no seu braço.

– Quer dizer então que não vai estar disponível para trazer meus remédios pessoalmente?

Ela se negou a encará-lo nos olhos. O que fez foi soltar a tipoia delicadamente e esticar seu cotovelo. Ele fez uma careta, mas ela pensou que isso se devia mais à antecipação da dor do que a um real sofrimento.

– As coisas estão azedando por aqui, John. Eu agora estou confinada na enfermaria, sob prisão domiciliar, proibida de sair da cabeceira do Pai Storey. Só estou aqui porque o Mike foi sorteado para ficar de guarda, e ele não está mais jogando segundo as regras da Carol. A Allie também não, e está confinada ao dormitório feminino. O Michael estava com medo de que, se me deixasse vir ver você, eu talvez não voltasse mais. Não quer que eu vá embora sem ele. – Ela pensou por alguns instantes. – É só uma questão de tempo para uns dez ou vinte tentarem desertar. Para encherem uns carros de víveres e darem o fora. Renée já falou em ir embora com Don, os presidiários e alguns outros.

– Para onde vocês iriam?

– Ah, não sei se eu iria com eles, apesar do que o Michael acha. Enquanto Pai Storey ainda tiver uma

chance, não seria certo abandoná-lo.

O Bombeiro então fez uma coisa estranha. Olhou para trás dela, na direção da fornalha, então chegou mais perto e falou em voz baixa, como se não quisesse ser escutado.

– Harper, eu, mais do que ninguém, admiro um pouco de tolice, mas nesse caso não vai dar. Sua primeira obrigação é consigo mesma e com esse bebê, não com Tom Storey. Ele era o homem com o maior coração que eu já conheci, e tenho certeza de que não iria querer que você ficasse por causa dele. Já... já faz quanto tempo que ele está em coma? Seis semanas? Sete? Depois de uma pancada violenta na cabeça? Aos 70 anos de idade? Ele já era. Não vai mais voltar.

– Já teve gente que se recuperou de coisa pior – disse ela, mas ao falar se pegou pensando se ainda sabia distinguir um diagnóstico de uma negação da realidade. – Além do mais, *John*. Minha hora está chegando. Nove semanas? Oito? Eu preciso de um lugar para ter este bebê. A enfermaria é um bom lugar. Não sei se consigo achar outro melhor. Don pode fazer o parto. Ele já fígou um montão de peixes... tenho certeza de que dá conta de um a mais. Neste momento, assim tão perto do parto, eu só sairia da colônia se não houvesse outra escolha. – Não mencionou que, se Pai Storey morresse, ela de fato não teria outra escolha. Seria fugir com o bebê, ou então ir para o exílio sem ele. Mas ela não queria afligir John lhe contando sobre as ameaças de Carol, não agora. John estava doente; estava machucado, com febre, e com os pulmões tomados por uma umidade imunda. Seu trabalho era dispensar empatia e cuidados, não chamar isso para si.

Levantou-se, revirou umas gavetas debaixo do que um dia fora uma bancada de trabalho, e voltou com uma tesoura. Cortou a fita imunda em volta do pulso do Bombeiro. A articulação continuava inchada e grotesca de tão roxa, mas quando ela lhe pediu para girar o pulso o movimento saiu só um pouco travado, e ela concluiu que não era preciso refazer a imobilização.

– Acho que podemos dispensar a tipoia também. Mas fica com a tala no cotovelo até conseguir dobrar o braço sem sentir nenhuma pontada de dor. E *tenta* descansar o braço. Enquanto não tiver tido um pouco mais de tempo para se curar, é melhor se limitar exclusivamente à masturbação mental. Não é bom causar nenhum esforço desnecessário a esse pulso.

Dessa vez ele não teve nada a dizer.

Ela se sentou mais ereta e falou:

– Michael não vai embora da colônia sem a Allie, sabe? E tenho certeza de que a Allie não fugiria sem o Nick. Morro de medo quando penso neles três abandonando a colônia e se arriscando lá fora. E *você*? Eles ficariam seguros se estivesse junto. Você poderia cuidar deles: da Allie e do Nick.

Ele relanceou os olhos por um breve instante para a fornalha atrás dela, então olhou para o chão.

– E você acha mesmo que eu estou em condições de ir a algum lugar?

– Talvez não agora. Mas a gente vai fazer você melhorar. *Eu* vou fazer você melhorar.

– Não vamos nos precipitar. Ainda não existe nenhum plano. Só um monte de conversas soltas.

Por sua vez, Harper lançou um olhar lento e pouco à vontade em direção à fornalha aberta. Não viu ninguém a encará-la de dentro das chamas, nem uma mulher misteriosa, nem Sirius Black. Pensou em como John tinha olhado de relance para o fogo antes de se aproximar e falar com ela baixinho, como se não quisesse que ninguém escutasse. E uma outra coisa lhe ocorreu, de maneira quase aleatória, algo que ele tinha dito sobre a Fênix: *É um cérebro externo*. O pensamento lhe causou um arrepio na nuca.

– Não – disse ela. – Mas é melhor começarmos a bolar um. Acho que a gente deveria tentar se encontrar aqui. *Todos* nós. Até os presidiários, se for possível. Não precisamos só resolver como vamos embora, mas também para onde vamos, e como pretendemos sobreviver. – Ela tomou coragem e acrescentou com delicadeza. – Você disse que Pai Storey não iria querer que eu pusesse em risco a minha vida ou a do bebê ficando aqui. Eu digo que a Sarah não iria querer que *você* pusesse a sua em risco ficando.

– Ah, sei lá – disse ele. – Não seria tão ruim assim ser enterrado aqui. Por que não? Sob alguns aspectos eu sinto que foi aqui que a minha verdadeira vida começou. Aqui na Colônia Wyndham, onde conheci a Sarah e para onde todos nós voltamos quando pegamos a Escama do Dragão. Seria uma certa elegância narrativa a minha vida também terminar aqui.

– Foda-se a elegância narrativa. Como foi que vocês todos acabaram decidindo vir se esconder aqui?

– Não havia nenhum outro lugar para ir. Simples assim.

– Você é capaz de contar uma história melhor – disse Harper.

– Se você insiste – respondeu ele.

13

– Ficamos todos marcados. As primeiras linhas apareceram no braço e nas costas do Nick. Três dias depois, parecia que todos tinham ido ao estúdio do mesmo tatuador no inferno. Todo mundo menos a Sarah. Em 72 horas, ela teve de enfrentar a possibilidade de perder o filho, a filha, a irmã, o pai e o namorado. Seria de esperar que a pessoa fosse bater pino.

“Mas ela não desistiu. Seus filhos ainda precisavam da mãe, e enquanto eles pudessem sentir, pensar e ser reconfortados, ela estava decidida a ser o que quer que eles quisessem que ela fosse. Além do mais, durante algumas semanas imaginou que também houvesse sido infectada, e só não estivesse manifestando sintomas. Acho que quando ela enfim percebeu que não estava doente ficou mais abalada e chocada do que teria ficado se *estivesse*. Como era possível todo mundo ter pegado, menos ela? Ela ficou brava comigo umas duas vezes, como se a culpa por não ter pegado a Escama do Dragão fosse *minha*. Por que todos vocês e eu não? Era a pergunta que ela não parava de fazer.

– Ela estava dentro da piscina – murmurou Harper.

– Você ligou os pontos, não foi? Isso mesmo. As cinzas envenenadas desceram do céu e caíram em cima de todo mundo, mas a Sarah tinha nadado. O cloro matou o esporo, ou pelo menos criou uma barreira contra ele. Em qualquer massacre aleatório, a diferença entre viver e morrer raramente tem algo a ver com força de vontade, sabedoria ou bravura. É só uma questão de onde você está. Cinco centímetros para a direita, e o ônibus te atropela. Se a sua sala fica no 92º andar e não no 90º, você não consegue sair a tempo.

“Sarah adiou a tristeza. Adiou a crise nervosa. Não sei como aguentou, mas aguentou. A única vez que a vi ficar quase histérica foi quando o pai disse que todos nós deveríamos ir para a quarentena federal em Concord. Ela reagiu à possibilidade de ficar sem os filhos como se tivesse sido cutucada com ferros em brasa. Tivemos que recuar. Acho que todos nós temíamos que ela pudesse fazer algo contra si mesma caso criássemos uma situação na qual Allie ou Nick pudessem ser arrancados da vida dela e nunca mais vistos.

“Allie passou alguns dias encolhida, só chorando. Então, um dia de manhã, saiu do banheiro com a cabeça raspada e anunciou que a tristeza tinha acabado. Nessa noite, ela e a mãe tomaram cogumelo juntas. Na noite seguinte, saíram de casa e roubaram um carro. Estavam fora de si, mas felizes. Saquearam uma loja de fantasias. Sarah chegou em casa como Hillary Clinton. Allie pegou uma máscara do Capitão América porque gostava do grande ‘A’ na frente. Elas pensaram no Nick e pegaram uma máscara do Tigre da Kellogg’s para ele. Eu disse que sempre quisera ser bombeiro, e que da próxima vez torcia para elas pensarem em mim. Duas noites depois, elas roubaram um carro de bombeiro antigo do estacionamento de um museu cheio de carros clássicos, com toda a parafernália de bombeiro que tinha dentro. Tiveram de estacionar o caminhão na garagem de barcos da Colônia Wyndham, só para poder enfiar o troço em algum lugar. Allie estava decidida a tocar o terror o máximo possível antes de morrer, e Sarah achou importante, como mãe, apoiar os objetivos de vida da filha.

“Não achei que a Carol fosse durar muito. Disso eu me lembro. Ela emagreceu cinco quilos que não tinha para perder. Parou de dormir. Passava doze horas seguidas vendo TV seminua, tão insensível quanto alguém que passou por uma lobotomia. Exalava um cheiro de fósforo aceso, e vivia soltando fumaça. A única coisa capaz de arrancar ela do baixo astral era o pai, que prestava atenção na alimentação e no sono da filha, além de cuidar das suas outras necessidades.

“Aí, um dia de manhã, ouvi portas batendo e gritos na rua. Era cedo, e vi que eu era o único acordado. Desci pelo caminho em frente à casa e olhei por cima da cerca viva. Um caminhão estava parado em frente a uma casa mais embaixo na rua, um furgão da polícia requisitado pela Patrulha de Quarentena. Uns caras com roupa da SWAT e máscaras de gás estavam colocando uma mulher lá dentro à força. Havia um médico junto com eles, de máscara de gás e luvas, com uma prancheta na mão, dizendo à mulher que aquilo era para proteger seus próprios filhos. Dizendo que eles entrariam em contato com os familiares adequados para que fossem buscar as crianças. Um menino de uns 4 anos soluçava convulsivamente enquanto tentava seguir a mãe. Outro integrante da Patrulha de Quarentena segurava-o pelo ombro para mantê-lo de costas. Em algum lugar dentro da casa, ouvi um bebê se esgoelando. Logo

antes de empurrarem a mulher para dentro do furgão, ela virou a cabeça e eu vi seu rosto. Era a mesma senhora que estava chorando no meio-fio no dia em que a farmácia tinha explodido.

“Nessa tarde, fizemos uma reunião de família em volta da mesa de jantar e eu contei aos outros o que tinha visto. Allie disse que a gente precisava de um plano caso eles voltassem para bater na *nossa* porta. Tom disse que, se isso acontecesse, o melhor que poderíamos fazer seria não estar em casa para atender. Disse que havia passado todos os verões dos últimos quarenta anos na Colônia Wyndham, e não via motivos para modificar seus planos agora, e pouco importava a colônia de férias daquele verão ter sido cancelada. Disse que já tinha ido à colônia com Carol uma vez, e que lá tinha um estoque de não perecíveis suficiente para alimentar um exército por uma década. Só errou a conta por nove anos.

“Ele se instalou na casa que sempre tinha sido sua, supostamente com Carol para cuidar dele, embora na verdade fosse o contrário. Sarah e eu escolhemos um chalé perto da garagem de barcos, porque o Nick gostava de brincar de bombeiro com o nosso caminhão roubado. Soaria estranho dizer que foram dias maravilhosos? Na época tínhamos ovos frescos, waffles, café. Nadávamos ao nascer do dia, e no crepúsculo acendíamos fogueiras. Sarah limpou a poeira do órgão na igreja e começou a tocar Billy Joel e Paul McCartney. Tentou chamar a irmã para tocar com ela, mas Carol continuou na Casa da Estrela Negra, com a Escama do Dragão ardendo e fumegando. Esperando a morte.

“Um dia de manhã, Sarah foi a Portsmouth buscar notícias e mantimentos. Como não estava doente, podia fazer compras para a gente. Voltou com as irmãs Neighbors. Dois dias depois, Norma Heald apareceu por conta própria. Ela havia trabalhado no refeitório em outros verões, e pensou que seria mais seguro procurar comida ali do que num supermercado. Assim teve início o povo de Tom.

“Uns dias depois de Norma aparecer na colônia, Carol saiu correndo da Casa da Estrela Negra com uma cara de louca, quase incoerente de tanto pânico, achou Sarah e disse o que estava acontecendo. Disse para irmos depressa. Disse que Tom e Nick estavam se acendendo... que os dois estavam prestes a entrar em combustão.

“Corremos tão depressa que deixamos Carol para trás. Corremos nauseados, apavorados. Você não imagina o que é correr tão rápido em direção a algo que você não quer ver. É como correr em direção ao seu próprio pelotão de fuzilamento. Tive certeza de que iríamos encontrar os dois ressecados e enegrecidos, e a casa em chamas.

“Sarah irrompeu pela porta da frente, então parou tão de supetão que trombei com ela e a derrubei. Allie vinha logo atrás de mim e tropeçou em nós dois. Estávamos todos embolados no chão quando eu os vi.

“Harper, a máquina de lavar louça daquela casa deve ser mais velha do que você. Tinha servido por quase três décadas, e estalava e se sacudia quando ligada. Não sei se você consegue imaginar, mas a batida é bem parecida com aquela música antiga chamada “Wooly Bully”. Sabe qual é? Tom estava sentado com as costas apoiadas no lava-louça e Nick no colo, e a batida Wooly Bully balançava os dois. Tom tinha os dedos entrelaçados nos do neto e cantava, e os dois *brilhavam*. Tom tinha arregaçado as mangas para deixar à mostra a escama nos antebraços, e ela estava tão radiante quanto arabescos daquela tinta que brilha no escuro.

“É ver nós três entrarmos pela porta feito policiais numa comédia pastelão não o incomodou nem um pouco. Ele nos olhou com uma expressão risonha e continuou a cantar. Sarah falou: ‘Ai, pai, ai, meu Deus, o que está acontecendo com vocês?’

“E ele respondeu: ‘Não sei direito, mas acho que a Escama do Dragão gosta de Sam the Sham. Vem cantar com a gente para ver se você não gosta da sensação.’

“Quando Carol entrou pela porta, já estávamos todos sentados em círculo junto ao lava-louça barulhento, cantando rock e acesos feito luzinhas de Natal. Assim que a Escama do Dragão começava a esquentar e brilhar, você sabia que estava tudo bem. Que não ia entrar em combustão. Bom, você sabe como é no Brilho.

“Ficamos cantando até a máquina concluir o ciclo de lavagem, e assim que ela parou de se sacudir nossa Escama do Dragão começou a esfriar e se apagar. Estávamos todos na maior onda. Não consegui me lembrar de qual das filhas de Tom namorava, então beijei as duas. Isso fez a Sarah rir. Allie não parava de contar os dedos dos pés, pois não conseguia se lembrar de quantos eram. Acho que dá para dizer que o nosso cérebro fritou. Fritou! Rá rá rá! Não é engraçado? Você não acha... não? Ah. Tá bom, então.

“Nessa noite reunimos os outros na capela. Sarah se sentou em frente ao órgão, Carol afinou seu ukulele, e as duas tocaram “Bridge over Troubled Water” e “Let It Be”, e todo mundo se acendeu feito fagulhas sopradas numa fogueira. Elas tinham vozes roucas e melodiosas. Nunca fiquei tão embriagado nem tão feliz. Pude sentir que estava abrindo mão da minha identidade do mesmo jeito que a gente larga

uma mala pesada que não precisa mais carregar. Imagino que seja assim que as abelhas se sentem. Não como indivíduos, mas como uma nota sustentada num mundo de música útil e perfeita.

“Quando ficamos esgotados de tanto cantar, Tom nos fez um discurso. Aquilo pareceu natural. Ele nos disse coisas que a gente já sabia, mas que precisava escutar. Disse que tínhamos sorte por cada minuto passado juntos, e eu soube que era verdade. Disse que era uma bênção poder sentir com tamanha intensidade o amor e a felicidade do outro, sentir na própria pele, e eu disse amém e os outros também disseram. Falou que, nos momentos mais sombrios da história, a gentileza era a única luz capaz de mostrar o caminho para a segurança, e eu sei que chorei ao escutar isso. Estou com um pouco de vontade de chorar agora também, só de lembrar. É fácil descartar a religião como algo sangrento, cruel e tribal. Eu mesmo fiz isso. Mas não é a religião que tende a ser assim... é o próprio homem. No fundo, toda fé é uma forma de instrução sobre decência básica. São livros-textos diferentes de uma mesma aula. Todas as religiões não ensinam que fazer pelo outro causa mais bem-estar do que fazer por si mesmo? Que a felicidade do outro não precisa significar menos felicidade para você?

“A única que não brilhou foi Sarah, porque só ela não tinha a Escama do Dragão. Mas ela sabia tão bem quanto os outros que tínhamos solucionado alguma coisa. Que tínhamos encontrado uma cura possível. Não precisávamos de uma colher de açúcar para fazer o remédio descer. O açúcar *era* o remédio. Sarah cantava com a gente, via a gente se acender e não dizia nada. Eu já estava com ela havia tempo suficiente, deveria ter previsto o que iria acontecer. O que ela iria fazer.

“Só que não vi o que iria acontecer porque passava a maior parte do tempo embriagado. Não embriagado de biritá, sabe? Bêbado daquela onda de luz e prazer que me submergia quando todos nós cantávamos juntos. Allie começou a sair à noite com sua máscara de Capitão América para espionar amigos, outras crianças que ela conhecia da escola. Se visse que elas estavam doentes com a escama, recrutava as crianças e suas famílias. Dizia que havia um jeito de continuar vivo. Que a infecção não precisava ser uma sentença de morte. A cada semana chegava uma dúzia de pessoas novas aqui.

“Sarah me mandou ir com Allie para garantir que ela voltasse inteira para a colônia. Comecei a me vestir de bombeiro, pois descobri que, num mundo cheio de coisas que pegam fogo, ninguém desconfia de um bombeiro. Passei o mês de junho tão embriagado com o Brilho que não conseguia sequer lembrar meu próprio nome. Eu era só... era só o Bombeiro.”

Ele deu um tossido fraco. Uma lufada de fumaça perfumada saiu de sua boca, transformou-se no fantasma de um carro de bombeiro em miniatura e se dissolveu.

– Exibido – disse Harper. – E depois, o que aconteceu?

– Sarah morreu – disse ele, curvando-se para a frente e surpreendendo Harper com um beijo no nariz.

– Fim da história.

LIVRO SETE

NÃO EXISTE FLECHA RETA

MARÇO

1

Do diário de Harold Cross:

28 DE AGOSTO:

MARTHA QUINN EXISTE.

ELA TEM UM SITE, MARTHAQUINNINMAINE. VOCÊ PASSA PELA TRIAGEM EM MACHIAS, TOMA BANHO, RECEBE ROUPAS LIMPAS E UMA BOA REFEIÇÃO, E ELES TE LEVAM NUMA TRINEIRA DE LAGOSTAS. O QUE RESTOU DO CDC ESTÁ LÁ, TRABALHANDO PARA ENCONTRAR UMA CURA.

É PARA LÁ QUE EU VOU. AMANHÃ OU DEPOIS DE AMANHÃ. SE FICAR AQUI, MAIS CEDO OU MAIS TARDE VOU MORRER QUEIMADO. OS OUTROS ESTÃO SE BENEFICIANDO DA CONEXÃO SOCIAL, MAS EU NÃO, E SEM DOSES REGULARES DE OXITOCINA MEU FUSÍVEL BIOQUÍMICO SEGUE CHIANDO.

NÃO VOU PEDIR AUTORIZAÇÃO PARA NINGUÉM. SEI QUE NÃO VÃO ME DAR. CAROL ANDA ME VIGIANDO BEM DE PERTO. A ÚNICA COISA QUE TENHO A MEU FAVOR É O JR. ELE COMBINOU DE ME FAZER SAIR DAQUI SEM NINGUÉM VER PARA EU PODER IR AO CHALÉ HOJE À NOITE MANDAR MEUS ÚLTIMOS E-MAILS.

NÃO SEI ATÉ ONDE VOU CONSEGUIR CHEGAR INDO PARA O NORTE, COM TODO O SUL DO MAINE EM CHAMAS, MAS O JR DISSE QUE TALVEZ TENHA UM BARCO. MAL VEJO A HORA DE ME DESPEDIR PARA SEMPRE DESTA CLOACA.

A primeira coisa que ela pensou foi: *Não pode ser tão fácil assim.*

Virou a página, mas não havia mais nada. Depois daquele registro, o bloco de anotações estava em branco.

Chovia. A chuva martelava o telhado de zinco numa zoeira de ratatás ininterruptos. Já fazia dez horas que chovia sem parar. Às vezes também caíam árvores. Harper tinha acordado com o barulho de uma delas desabando em algum lugar por perto, um estrondo de algo se rachando seguido por um baque de fazer o chão tremer. O vento não parava de castigar a enfermaria com incessantes rajadas. Parecia o fim do mundo. Mas, pensando bem, todos os dias agora pareciam o fim do mundo, chovesse ou fizesse sol.

Harper não imaginara que houvesse mais alguma coisa a descobrir no diário, quanto mais algo capaz de chocá-la. Martha Quinn existia mesmo. A ilha era um lugar real.

Nick a observava com atenção; não era nenhuma surpresa. Harper já desistira havia muito tempo de tentar guardar segredo em relação ao bloquinho. De toda forma, isso era impossível no estreito espaço da enfermaria. Ela encarou seu olhar intenso, firme e curioso. Ele não lhe perguntou se havia lido algo importante. Ele *sabia*.

Nessa noite, quem estava de vigia na sala de espera era um membro das Sentinelas chamado Chuck Cargill. Duas horas antes, ele surpreendera Harper quando ela havia tirado o suéter e estava passando loção na curva rosada de sua portentosa barriga. Estava de sutiã, mas mesmo assim Cargill ficou tão alarmado ao flagrá-la seminua que largou a bandeja de café da manhã sobre a bancada com estardalhaço, como se esta de repente houvesse ficado quente demais para tocar. Cambaleou para trás, gaguejando algum pedido de desculpas incoerente, e tornou a se abaixar de volta para o outro lado da cortina. Desde então, vinha tomando o cuidado de pigarrear, bater no batente da porta e pedir permissão antes de entrar. Harper pensou que ele talvez nunca mais fosse conseguir manter contato visual com ela.

Pensou também que, se quisesse tirar o celular do forro do teto, Chuck provavelmente não iria surpreendê-la enquanto ela estivesse usando o aparelho. Ninguém mais o faria, aliás. Nem mesmo Ben Patchett faria uma inspeção-relâmpago numa noite como aquela.

Virou a cadeira de encosto reto de costas e subiu nela com dificuldade. Esticou a mão para dentro do forro, encontrou o celular, tornou a descer. Nick a encarava, encarava o *aparelho* com olhos arregalados de fascínio e assombro. Ela meneou a cabeça: *Vem cá.*

Os dois caminharam até o final da enfermaria, abrindo o máximo de distância possível entre eles e a cortina que dava para a área de espera. Sentaram-se lado a lado na beiradinha do leito de Pai Storey, de costas para a porta que dava para o cômodo ao lado. Se Cargill *entrasse* de repente, o telefone estaria escondido por seus corpos, e ela talvez tivesse tempo de desligá-lo e enfiá-lo debaixo do colchão.

Ela apertou o botão de ligar. A tela se acendeu, ficou cinza, depois negra feito piche. A bateria exibia abundantes 9% de carga.

Harper abriu o navegador e digitou marthaquinninmaine.

3

Uma música saiu pelos pequenos alto-falantes do iPhone, metálica e monocórdica, quase inaudível por causa da chuva, mas nem por isso menos bonita. Era uma música que a própria Harper costumava tocar quando tinha 8 anos, usando uma colher de pau no lugar do microfone e deslizando pelo piso de linóleo da cozinha com suas pantufas da Miss Piggy. Rick Ocasek cantava que aquela garota era exatamente aquilo de que ele precisava, acompanhado por uma melodia cujo andamento parecia uma daquelas molas de brinquedo descendo uma escada.

Imagens carregaram na tela, mas bem devagar.

A primeira era uma ampla encosta suave de mato na altura da cintura, amarelecida pelo outono. Ao fundo, o oceano era um lençol de aço castigado pelo vento. Martha Quinn posava no centro de uma longa fila de crianças, cinco de cada lado, e enlaçava as duas mais próximas pela cintura. Estava tão magra quanto sempre fora, e mesmo aos quase 60 anos tinha uma expressão travessa e bondosa, e o jeito como estreitava os olhos sugeria alguém que conhecia uma boa piada e queria contá-la. O vento soprava seus cabelos platinados para longe da testa larga. As mangas arregaçadas deixavam à mostra a Escama do Dragão nos antebraços, um pergaminho negro e dourado que lembrava antigos escritos em kanji.

Quando a música acabou, uma segunda imagem surgiu. Uma médica de jaleco branco de laboratório, uma bela asiática de prancheta na mão agachada para ficar da mesma altura de uma adorável menininha de 9 anos. A menina apertava contra o peito um guaxinim de pelúcia e ria soltando um gritinho, com o nariz todo enrugado. Seus braços nus e rechonchudos exibiam leves marcas da escama. As duas estavam no corredor branco, limpo e estéril de alguma unidade hospitalar. Uma placa na parede ao fundo aparecia borrada, quase fora de foco. Aquilo não era uma parte importante da imagem, de modo que Harper a viu sem prestar realmente atenção... então semicerrou os olhos e tornou a olhar. Quando processou o que a placa dizia, a intensidade das emoções que sentiu a deixou sem ar. Duas palavras apenas:

- *Pediatria*
- *Maternidade*

A terceira imagem começou a carregar ao mesmo tempo em que a música ia parando. Uma voz começou a falar, uma voz que Harper só conhecia das retrospectivas dos anos 1980 no canal VH1 e na MTV. De tão baixo que o volume já estava, mal conseguia escutar Martha Quinn em meio ao furioso tamborilar metálico da chuva no telhado, mas por precaução o diminuiu ainda mais e chegou bem perto para ouvir.

“Eeei, olá, era exatamente *disso* que vocês precisavam? Era exatamente disso que *eu* precisava. Bom, essa era *uma* das coisas de que eu precisava. A lista é bem grande. Eu **PRECISO** saber que o Michael Fassbender continua vivo, porque **GENTE!** O cara era um escândalo. Punha fogo na mulherada antes mesmo de o esporo se alastrar, sabem como é? Eu **PRECISO** de episódios novos de *Doctor Who*, mas vou esperar sentada, porque aposto que todo mundo que fazia esse programa está morto ou escondido. Será que a Inglaterra ainda existe? Ilhas Britânicas, tomara que vocês não tenham pegado fogo! O que seria do mundo sem as suas épicas contribuições culturais: Duran Duran, Idris Elba, *Simplesmente amor*? Inglaterra, manda um e-mail para mim avisando que você continua firme e forte!”

A imagem seguinte mostrava uma barraca grande cheia de mesas dobráveis. Um centro de triagem. Diante das mesas, o mesmo tipo de senhora idosa de ombros largos e cabelos azuis que costumava trabalhar nos refeitórios das escolas de ensino médio... exceto pelas roupas de proteção amarelo-ovo do mesmo tipo usado por quem entrava em contato com o ebola, o antraz ou a Escama do Dragão. Uma das corpulentas senhoras oferecia uma pilha de cobertores, pijamas e formulários a uma família: um velho de farras sobranceiras grisalhas, uma mulher na faixa de 30 anos com um ar cansado, e dois meninos de cabelos ruivos brilhantes.

“Eu preciso de torta de pêssego. **SERIAMENTE.** Lamento dizer que aqui em Free Wolf Island não tem

torta de pêssego, mas temos nosso próprio pomar de macieiras, e cara, não vejo a hora de chegar a colheita para poder ir buscar um cesto de Granny Smiths, Cortlands. Honeycrisps, Honey Boo Boos, Honey Grahams, Graham Nortons, Ed Nortons... todas essas coisas boas. Aqui não existe maçã podre! Queria que existisse uma fruta com o meu nome. Me pergunto qual seria o sabor de uma Quinn. Provavelmente sabor 1987. A melhor coisa em relação ao rádio é que vocês podem me imaginar igualzinha eu era em 1987, a fantasia de todo homem. E quando digo ‘todo homem’ estou me referindo a garotos tímidos de 13 anos que gostam de ler quadrinhos e escutar The Cure. **ENFIM!** Preciso de mais painéis de energia solar. Só tenho quatro míseros painéis de energia solar! Tudo bem, melhor do que nada. Mas, como vocês sabem, só posso transmitir três horas por dia antes de os nossos receptores-transmissores baterem pino. Um alerta: vocês provavelmente não estão me escutando ao vivo, e sim numa gravação. A gente sobe praticamente uma gravação nova por dia, por volta das 11 da manhã.”

Nick não conseguia escutar Martha Quinn, mas conseguia ver as imagens aparecendo na tela e se inclinou para a frente, com os olhos tão arregalados quanto os de uma pessoa enfeitiçada.

“Do que mais eu preciso? Preciso que *você* levante essa bunda de onde está e vá para Machias, depois venha para cá, porque a gente aqui tem um chocolate quente dos bons! E barris cheios de nozes! E uma ex-garota do tempo da TV que faz um pão caseiro incrível num fogão a lenha! Sabe do que eu estou falando? Estou falando de Free Wolf Island, situada a 27 quilômetros do litoral do Maine, um lugar onde você pode se instalar com segurança se *você*, isso mesmo, *você*!, por acaso for o feliz portador de um caso de Escama do Dragão. Nós temos uma cama para você. E tem mais! Temos uma estrutura médica operada pelo governo federal, onde você pode receber tratamentos experimentais de última geração para a sua doença. Neste exato momento, eu, Martha Quinn, estou toda melecada com um bálsamo experimental de última geração que tem exatamente o mesmo cheiro e aspecto de cocô de ovelha, e sabem o que mais? Passei o dia inteiro sem morrer queimada! Não tive sequer uma onda de calor! Minha última onda de calor foi em 2009, antes mesmo de a infecção começar.”

Surgiu então a foto de uma ilha vista do continente: o verde contorno de montanhas, uma praia de seixos azuis, e alguns chalés no estilo da Nova Inglaterra espalhados ao longo de uma única estrada de terra. O sol estava nascendo ou se pondo, e projetava sobre a água escura uma claridade dourada.

“Ninguém está dizendo a palavra *cura*. Sequer sussurre a palavra *cura*. Tem seiscentas pessoas infectadas nesta ilha, e aquilo que as deixa mais doentes, além do *Draco tryptonãoseiquelá*, é ficarem esperançosas com o último tratamento. Mas uma coisa eu *vou* dizer: nossa última morte por fogo tem quase doze semanas. Isso mesmo: seiscentos infectados, e apenas um morto nos últimos três meses.”

Uma última imagem mostrava um casal idoso sorridente com uma criança. O homem era magro e alto, marcado pelo tempo, com as maçãs do rosto altas e quase aristocráticas e nos olhos uma expressão de alívio cansado. Sua esposa era pequena, roliça, com os cantos dos olhos profundamente marcados por rugas de expressão. Sentado nos ombros do homem estava um menino de 5 anos. Todos vestiam roupas próprias para o outono: camisas de flanela, calças jeans, gorros de crochê. Rabiscos de Escama do Dragão cobriam inteiramente as costas das mãos da mulher. A legenda dizia: *Sally, Neal e George Wannamaker chegam ao Centro de Triagem de Machias e se preparam para embarcar rumo a Free Wolf Island. VOCÊ tem amigos ou parentes na ilha? **Clique aqui** para uma galeria de fotos das* – nesse ponto, um contador exibia o número 602 – *pessoas que encontraram abrigo e reconforto na Zona de Quarentena e Pesquisa de Free Wolf Island.*

“Quando você chegar a Machias... e você *vai* chegar lá, tem de acreditar nisso; eu cheguei, e você também vai chegar... será direcionado para uma tenda de triagem. Lá vão cuidar de você. Vão lhe dar um travesseiro, um cobertor, um par de chinelos fofinhos e uma refeição quente. Vão pôr você num barco e mandar direto para cá, onde você terá comida, roupas e um lugar para morar. Tudo isso, mais a oportunidade de conviver com celebridades incríveis feito eu! E um cara que apresentava a previsão do tempo num canal de Augusta, no Maine! Está esperando o quê? Faça as malas e venha logo para cá. Sua cama está feita. Hora de deitar nela.

“Vou tocar mais uma música, depois volto com uma lista das rotas mais seguras a partir do Canadá...”

Nick apontou para a imagem da ilha, então perguntou a Harper na língua dos sinais:

– Esse lugar existe mesmo?

– Claro – respondeu ela com gestos. – Um bom lugar para pessoas doentes.

– Quando é que a gente vai? – indagaram as mãos dele.

– Em breve – respondeu Harper, falando inconscientemente em voz alta ao mesmo tempo em que respondia com um gesto.

Na cama atrás dela, Pai Storey deu um fundo suspiro, e num tom de incentivo baixo e suave repetiu:
– Em breve.

Quando a pulsação de Harper normalizou, ela foi checar a de Pai Storey: segurou o pulso fino entre os dedos para monitorar o latejar do sangue nas artérias. Os batimentos cardíacos estavam débeis e não de todo regulares, mas ela pensou que tinham um pouco mais de energia do que na véspera. Quando passou a unha de um dedo pela sola do pé descalço dele, Pai Storey curvou os dedos e deu um leve muxoxo de quem acha graça. Na semana anterior, quando ela havia feito o mesmo teste, fora como fazer cócegas num pão.

É claro que não podia perguntar a Nick se ele tinha escutado o avô falar, e foi a única vez em que a surdez do menino a deixou frustrada. Queria desesperadamente que alguém, *qualquer um* o tivesse escutado. Cogitou mandar chamar Carol. Quem sabe Tom reagiria à voz da filha. Segundo alguns diziam, isso já tinha acontecido antes. Mesmo que ele não tornasse a se mexer, Carol tinha o direito de saber que o pai nesse dia havia falado.

Depois de refletir um pouco sobre o assunto, porém, desistiu. Carol ficaria feliz em saber que o pai estava se recuperando, mas a sua satisfação podia esperar. Harper queria falar com ele antes que qualquer outra pessoa pudesse fazê-lo. Queria ver do que ele se lembrava, se é que se lembrava de alguma coisa, em relação à noite em que levava uma pancada na cabeça. E queria alertá-lo sobre o que a pressão dos últimos meses tinha feito com Carol, sobre como o inverno a deixara irreconhecível, febril e desconfiada. Ele precisava saber sobre o massacre da Verdun Avenue e as crianças marchando pela colônia armadas com espingardas, precisava saber sobre as pessoas obrigadas a porem pedras na boca para não dizerem nada.

Não: na verdade não era *Tom* quem precisava saber dessas coisas. Era *Harper* quem precisava que ele soubesse. Queria que o velho voltasse para arrumar a situação outra vez. Quanta saudade sentia dele.

Passou o resto da noite sentada ao seu lado, de mãos dadas com ele, acariciando os nós de seus dedos. De vez em quando falava.

– Você passou o inverno inteiro hibernando, Tom Storey, igualzinho a um urso. Os pingentes de gelo estão pingando. Quase não tem mais neve. Está na hora de acordar e sair da toca. Nick, Allie, Carol e John estão esperando você. Eu também estou.

Mas ele não tornou a falar, e em algum momento já perto da aurora ela pegou no sono com a mão dele no colo.

Nick a despertou uma hora depois. O sol nascente atravessava a névoa lá fora e a tingia com tons de limão e suspiro, doce feito uma torta.

– Ele olhou para mim – disse Nick com as mãos. – Olhou para mim e sorriu. Piscou até o olho antes de voltar a dormir. Ele está voltando.

Sim, pensou Harper. Como Aslan, ele estava voltando e trazendo consigo a primavera.

Bem a tempo, pensou. Ele está voltando bem a tempo, e tudo vai ficar bem.

Mais tarde, ela se lembraria de ter pensado isso e rir. Era isso ou chorar.

5

Harper precisava arejar a cabeça, precisava pensar direito, então saiu da enfermaria para o frio cortante do lado de fora. Ninguém a deteve. Estavam todos reunidos na capela. Ela podia ouvi-los cantando, podia ver suas misteriosas luzes a tremeluzir ao redor dos cantos das portas vermelhas fechadas.

O mais engraçado era todos estarem cantando “Chim Chim Cher-ee”, a música da chaminé do filme *Mary Poppins*; não parecia o tipo de música que escolheriam para a capela. Quase todo mundo lá dentro tinha visto alguém que amava ser devorado pelo fogo, e eles próprios viviam com medo de entrar em combustão. Mas as suas vozes agora estavam erguidas num louvor esperançoso às cinzas e à fuligem, vozes trêmulas com uma espécie de deleite histórico. Ela os deixou para trás.

O ar estava limpo, gelado, e caminhar foi fácil. Era como se houvesse deixado na enfermaria seu ventre enorme, pois precisava de um descanso de estar grávida. Era bom estar magra outra vez. Ela deixou os pensamentos se soltarem, e em muito pouco tempo viu que tinha chegado ao ponto em que a estradinha de terra da colônia cruzava com a Little Harbor Road. Mais longe do que pretendia ir, mais longe do que era necessariamente seguro. Ela relanceou os olhos para o ônibus escolar velho e enferrujado, e imaginou que fosse ouvir um grito de quem estivesse de guarda. Uma silhueta emaciada e escura estava afundada atrás do volante. Supôs que, quem quer que fosse, devia estar dormindo.

la dar meia-volta e retornar quando viu o homem no meio da estrada.

Ele estava bem no meio de Little Harbor Road, a uns 30 metros de distância, impelindo-se com os braços no chão feito um soldado que rasteja sob o arame farpado num campo de batalha. Ou melhor, não: na realidade ele se lançava para a frente porque não conseguia usar as pernas. Se algum carro chegasse de repente, seria atropelado. Além disso, era terrível vê-lo avançar com tanto esforço pelo asfalto gelido.

– Ei! – chamou Harper. – Ei, você!

Ela levantou a corrente estendida na entrada da Colônia Wyndham e começou a andar depressa em direção ao homem. Era importante fazer aquilo, lidar com aquele homem na estrada, e voltar a sumir de vista antes de algum carro aparecer. Tornou a gritar para ele. O homem ergueu a cabeça, mas a única luz da rua o iluminava por trás, de modo que seu rosto permaneceu nas sombras: um rosto redondo, carnudo e gordo, e os cabelos já ralos. Harper se apressou para dar os últimos passos até ele e se ajoelhou.

– O senhor está precisando de ajuda médica? – indagou. – Consegue ficar em pé? Eu sou enfermeira. Se acha que consegue ficar em pé, me dê sua mão e eu o levo até a enfermaria.

Nelson Heinrich levantou a cabeça e lhe abriu um sorriso radioso. Tinha os dentes vermelhos de sangue e alguém havia arrancado seu nariz, deixando na carne rasgada um par de fendas vermelhas.

– Ah, Harper, não precisa. Eu já cheguei até aqui. Posso dar conta do resto do caminho sem a sua ajuda.

Ela se retraiu e caiu sentada com força na estrada.

– Nelson. Ai, meu Deus, Nelson, o que aconteceu com você?

– O que você acha? – indagou ele. – O seu marido, foi isso que me aconteceu. E agora vai acontecer com você.

Os faróis surgiram descendo a estrada e iluminaram os dois. O Freightliner despertou com um rugido de combustão e um barulho de marchas sendo passadas.

– Vai, Harper. Volta para lá. – Ele deu uma piscadela. – Nos vemos em breve.

Ela ergueu as mãos até o rosto para proteger os olhos da luz, e quando as baixou estava acordada, deitada na cama na enfermaria, com o corpo erguido sobre os cotovelos e tendo uma nova contração.

– São sonhos sobre a chegada do bebê – falou para si mesma baixinho. – Não sobre Nelson Heinrich trazendo um Bonde da Cremação até a colônia. Nelson Heinrich morreu. Foi esfaqueado por rajadas de metralhadora. Você viu ele morto no asfalto. Você viu.

Engraçado como, quanto mais repetia isso para si mesma, menos ela acreditava.

6

Pai Storey demorou cinco dias para falar de novo.

– Michael? – murmurou ele num tom indistinto entre a incompreensão e a curiosidade, e no instante seguinte Mike Lindqvist afastou a cortina e pôs a cabeça para dentro da enfermaria.

– A senhora me chamou? – indagou ele a Harper.

O som da voz de Pai Storey tinha feito a pulsação de Harper disparar e seu sangue tamborilar de surpresa. Ela abriu a boca para dizer a Michael que tinha sido o velho, mas então pensou melhor. Michael transmitiria a notícia para Allie, e sabe-se lá a que isso conduziria.

– Chamei – disse ela. – Preciso da sua ajuda. Preciso que você leve um recado para a Allie.

– Sem problemas – disse ele.

– Infelizmente vou precisar de um pouco mais do que isso. Quero me encontrar com o Bombeiro outra vez. E quero que Allie vá comigo. Allie, Renée e Don Lewiston. Você também deve ir, se der. E, se for de todo possível, Gil Cline e Mazz. Será que existe um jeito... *qualquer* jeito... de organizar uma coisa dessas?

Michael empalideceu. Apoiou parte do corpo na beira da bancada, abaixou a cabeça e ficou puxando os fios acobreados de seu pequeno cavanhaque. Por fim, ergueu os olhos.

– Esse encontro é sobre o quê?

– Sobre a possibilidade de ir embora. Sobre a possibilidade de ficar. Já passou da hora de alguns de nós planejarmos nosso futuro. Pai Storey está estável por enquanto. Mas se o estado dele mudar de repente é melhor estarmos prontos.

– Para o pior?

– Para o que quer que seja.

– Se Carol encontrar vocês reunidos lá na ilha, fazendo planos com o Bombeiro, vai trancar todos as sete chaves – disse Michael. – Isso ou coisa pior.

– Pode ser que a gente enfrente o pior mesmo que não faça nada.

Michael passou uma das mãos pela testa sardenta e tornou a baixar a cabeça para pensar. Por fim, aquiesceu, incomodado.

– Eu sei como dar um jeito. Não é a mesma coisa que fugir de uma prisão como San Quentin. Renée visita os prisioneiros todo dia na hora do almoço... é quando eles se encontram para o seu pequeno clube do livro. Essa é a única hora em que aqueles caras saem do frigorífico. Renée limpou um canto do subsolo e pôs um tapete e umas espreguiçadeiras para eles terem um lugar agradável onde ler e conversar. Enquanto estão reunidos, quem está de guarda entra no frigorífico para fazer a faxina. Esvaziar o balde em que eles fazem xixi durante o dia. Recolher a roupa suja. Esse tipo de coisa. Então quem sabe enquanto o vigia estiver lá dentro Mazz pode voltar e dizer: “Xi, esqueci meu livro.” Aí, quando sair, ele fecha a porta do frigorífico. O vigia vai ficar preso lá dentro por uma hora. Pode chutar e gritar o quanto quiser. Com a porta fechada, o frigorífico é bastante à prova de som. Ninguém vai escutá-lo o durante um almoço barulhento, não com o alçapão fechado.

– Mas a Renée e os dois presidiários teriam de passar por todo mundo no refeitório.

Michael fez que não com a cabeça.

– Tem outro jeito de sair do subsolo. Uma escadinha vai dar no estacionamento de trás. Acho que era por onde os caminhões traziam mantimentos. Essas portas ficam trancadas por fora com dois cadeados, mas eu poderia garantir que estivessem destrancadas. Renée, Gil e Mazz teriam de voltar à uma da manhã, quando seu pequeno clube do livro encerra as atividades do dia. Renée libera o vigia e fala: “Desculpe! Não sabia que você estava preso aí dentro, não consegui escutar com o barulhão das pessoas lá em cima.” Quem tiver sido sorteado para vigiar o frigorífico vai ficar bem puto, mas aposto que não vai nem comentar nada com Ben Patchett. Vai ficar morrendo de vergonha. Além do mais, quem é que quer passar dois dias chupando uma pedra quando ninguém se machucou e tudo acabou bem?

Nick os observava sentado com os dois joelhos dobrados sob o queixo. Não tinha como saber sobre o que estavam falando, não sabia fazer leitura labial, mas exibia uma expressão tão agoniada quanto se estivesse vendo os dois manusearem bananas de TNT.

– Ótimo, Michael. Isso é muito bom – disse Harper. – É simples. Com esse tipo de coisa, quanto mais

simples melhor, você não acha?

Ele correu o polegar pelas espirais fechadas da barba.

– Eu acho excelente... contanto que os presidiários não decidam derrubar Renée e dar no pé assim que saírem do subsolo.

– Eles não *precisariam* derrubar a Renée – disse Harper. – Se decidissem fugir, ela fugiria com eles. Mas eu acho... eu acho que ela pode convencer os dois que eles têm uma chance melhor de sobrevivência se aliando ao Bombeiro. Eles não querem só fugir, querem ficar vivos. – Ela não havia esquecido o modo como Gil tinha se referido ao Bombeiro, com um misto de admiração tranquila e algo semelhante à reverência.

– É, bom. Pode ser. Mas quem sabe quando eles saírem do subsolo seja melhor a Allie estar esperando no estacionamento com uma espingarda no ombro. Não precisa apontar para eles. Já é suficiente estar carregando a arma. Quando não está confinada no dormitório das meninas, a Allie em geral está cumprindo uma ou outra tarefa de punição. Eu poderia fazer com que ela precise arear painéis nessa noite. Quem organiza as tarefas de punição do dia é Ben Patchett, mas ele deixa *eu* distribuir. Então Allie pode recolher todas as painéis na cozinha, sair, e encontrar a arma que eu deixei para ela. E ficar esperando junto à porta do subsolo até Renée sair com os presidiários. Ela também teria de voltar antes da uma da manhã.

Um nó de ansiedade se formou no estômago de Harper. Parecia haver muita coisa que poderia sair errado.

– E Don Lewiston? – indagou ela.

– Esse é fácil. Ele passa a maior parte da noite na beira da água, cuidando de seus anzóis de pesca. Ninguém presta atenção nele. Don não está sob observação. Ele pode encontrar a senhora no cais e remar seu barco até a ilha.

– E *você*? – perguntou ela. – *Você* também vem, Michael? Gostaria que estivesse lá. Acho que a Allie também iria gostar.

Ele lhe exibiu um sorrisinho de quem se desculpa e balançou a cabeça com um movimento seco.

– Não. Melhor não. Vou me certificar de ser sorteado para ficar de plantão aqui na enfermaria, para poder ajudar a senhora a sair e segurar as pontas enquanto estiver lá. De toda forma, eu não preciso participar da sua conferência. Allie pode me contar depois. – Ele olhou de esguelha para Nick e completou. – Leva o menino também. Aposto que ele adoraria ver a irmã. E John.

– Michael Lindqvist, eu estou resistindo ao impulso de te dar um abraço bem, bem apertado – disse Harper.

– Por que resistir? – retrucou ele.

Mas, no final das contas, Nick não quis ir.

Quando chegou a hora, estava sentado na cadeira gasta ao lado da cama de Pai Storey lendo uma revista em quadrinhos: um homem feito de chamas lutava contra um imenso robô amarelo e laranja que parecia um Freightliner ambulante, com faróis no lugar dos olhos e pás no lugar das mãos. Ele disse que queria ficar com Tom.

– E se ele acordar e a gente tiver saído? – perguntou a ela na língua dos sinais. – É melhor ter alguém aqui se ele abrir os olhos.

– Michael vai estar aqui – falou Harper.

Nick balançou a cabeça com um ar solene.

– Não é a mesma coisa. – Então arrematou. – O vovô tem se mexido muito. Ele pode acordar a qualquer momento.

Era verdade. Às vezes Tom Storey inspirava fundo e dava um grande e satisfeito suspiro... ou então produzia um zumbido baixo, como se houvesse tido um pensamento um tanto surpreendente. Em outras ocasiões, sua mão direita subia para esfregar o esterno por um ou dois segundos antes de tornar a cair junto ao corpo. Aquilo de que Harper mais gostava era o modo como, às vezes, Tom levava um dos dedos à boca no gesto de quem faz *shhh* e sorria. A expressão a fazia pensar em uma criança convidando outra para dividir um esconderijo durante uma brincadeira de esconde-esconde. Tom já passara meses escondido, mas talvez estivesse quase pronto para sair.

Ela aquiesceu, alisou os cabelos de Nick e o deixou na companhia da revista em quadrinhos e do velho silencioso. Michael estava na sala de espera... e junto com ele estava Don Lewiston, que havia aparecido para acompanhar Harper até o barco. Estava usando um sobretudo de inverno quadriculado e um gorro com protetores de orelha, e tinha o nariz rosado de frio. Estava em pé no vão da porta aberta. Michael também estava em pé, não parecia conseguir sentar, mas andava de um lado para outro da área de espera torcendo nas mãos um exemplar da *Ranger Rick*. A revista enrolada formava um tubo apertado e torto.

– Nick não vem – disse Harper. – Talvez seja melhor assim. Se Ben Patchett aparecer para uma inspeção-relâmpago, não vai suspeitar de nada se você disser a ele que eu estou tirando um cochilo. Senhoras grávidas dormem sempre que podem. Mas se ele não vir sinal de mim *nem* do Nick, vai ficar desconfiado. – Quando ela mencionou a possibilidade de uma inspeção-relâmpago, Michael pareceu visivelmente passar mal, e seu rosto perdeu tanto a cor que até os lábios ficaram cinza. Ela pensou se ele estaria tendo dúvidas agora que a hora tinha chegado.

– Como estamos? – perguntou.

A pergunta se referia ao estado de espírito de Michael, mas quem respondeu foi Don, como se ela houvesse perguntado sobre os atos clandestinos da noite.

– Os outros já estão a caminho da ilha. Encontrei Allie e Renée na mata com os presidiários. Chuck Cargill está trancado no frigorífico. Ele se esgoelou de gritar e chutou a porta algumas vezes, mas segundo Renée, quando você passa da metade do subsolo, os gritos se misturam com o barulho do refeitório lá em cima.

– Se vocês forem mesmo, vão logo – disse Michael. – Estou com tudo sob controle aqui. Não precisa se preocupar, Sra. Willowes, e *não precisa* se apressar. Eu seguro as pontas aqui para a senhora até a troca de turno, logo antes de o sol nascer. Mas os outros não têm muito tempo. Se os presidiários não atravessarem de volta daqui a 45 minutos, estamos todos fritos.

Harper deu um passo em direção a Michael e pousou as mãos sobre as dele para fazê-lo parar de torcer a *Ranger Rick*. Chegou mais perto e beijou sua testa fria e seca.

– Você é muito valente, Michael – falou. – É uma das pessoas mais valentes que eu conheço. Obrigada.

Um pouco da tensão se esvaiu dos ombros do rapaz.

– Não me superestime, dona. Eu não acho que tenha muita escolha. Quando você ama alguém, tem de fazer o que pode para garantir a segurança dessa pessoa. Não quero olhar para trás depois e pensar que

poderia ter sido útil, que poderia ter ajudado mas fiquei com medo.

Harper segurou com as duas mãos as faces rosadas do rapaz. Michael não sustentou seu olhar.

– Já disse isso para a Allie? Que você a ama?

Ele arrastou os pés no chão.

– Não com essas palavras, dona. – Ele arriscou um olhar rápido para o seu rosto. – A senhora não vai dizer nada para ela, vai? Eu ficaria agradecido se pudesse manter o que eu disse entre nós dois.

– É claro que eu não vou dizer nada – falou Harper. – Mas não espere demais, Michael. Hoje em dia eu não sei se é boa ideia deixar qualquer coisa importante para amanhã.

Don segurou a porta, e ela saiu para a escuridão e para o frio intenso e cortante. Todas as estrelas se destacavam com nítida clareza, brilhantes feito a ponta de uma agulha. Tábuas de madeira ainda ziguezagueavam entre as construções para servir de passarela, mas já não havia mais neve, e agora as tábuas atravessaram um descampado de lama cheio de calombos.

Eles saíram das tábuas e desceram o morro por entre as árvores. Não havia a menor chance de deixar pegadas. Naquele horário ártico a terra estava congelada, sólida, um bilhão de grãosinhos de gelo opalescente a cintilar no chão. Don Lewiston lhe ofereceu o braço e ela aceitou, e os dois seguiram pelo caminho congelado como um velho casal casado.

A meio caminho da praia, pararam. No campanário da igreja, uma menina cantava com a voz melodiosa e segura. Harper pensou que poderia ser uma das gêmeas Neighbors. Ambas tinham feito canto *a cappella* no ensino médio. O ar frio e límpido amplificava a música, e a melodia era tão doce e inocente que deixou os braços de Harper arrepiados. Era uma das primeiras músicas de Taylor Swift, uma bobagem sobre Romeu e Julieta... que a fez pensar em outra música mais antiga sobre esses infelizes e desafortunados amantes.

– Tem muita gente boa aqui nesta colônia – disse ela a Don. – Talvez elas tenham abraçado umas ideias ruins, mas é só porque estão com medo.

Don semicerrou os olhos e se esforçou para olhar na direção do campanário.

– Ela tem uma bela voz, sim. Eu poderia passar a noite inteira escutando. Mas me pergunto se você ainda pensaria tão bem desta colônia se tivesse ouvido todo mundo cantar junto na capela umas duas horas atrás. Ou pelo menos era uma música quando eles começaram. Mas depois de um tempo todo mundo ficou só cantarolando uma única nota longa e imbecil. É como estar dentro da maior colmeia do mundo, e todos à sua volta parecem estar pegando fogo por dentro. Porra, os olhos deles simplesmente... *chispam*. Ninguém solta fumaça, mas eles emitem calor, tanto que quase daria para desmaiar. Às vezes eles zumbem tão alto que eu tenho a sensação de que o meu crânio está vibrando, e por pouco não preciso enfiar um punho na boca para não gritar.

Eles recomeçaram a andar; as pedras e a terra estalavam sob seus passos.

– E você não consegue participar? Não brilha junto com eles?

– Já brilhei uma ou duas vezes. Mas não foi legal para mim. Não é a força com que o negócio te atinge... embora toda vez que eu saio do Brilho fique com a cabeça apitando como se tivesse entornado um litro de Jack Daniels. A pior parte também não é esquecer quem eu sou. Isso é ruim, sim... mas pensar que eu talvez seja a Carol é pior. É como se os seus pensamentos fossem uma estação de rádio distante, e a estação da Carol estivesse mais perto, transmitindo a música dela por cima da sua. A dela vai ficando mais alta e mais nítida, enquanto a sua vai ficando mais débil e mais falha. Você começa a pensar que Pai Storey é *seu próprio* paizinho querido deitado lá na enfermaria com a cabeça esmigalhada, e pensar que o responsável não foi punido te deixa tão enjoado e com tanta raiva que você tem a sensação de estar fervendo. Pensa se alguém vai vir em seguida para esmigalhar a *sua* cabeça, se existem forças secretas ou coisas desse tipo operando contra você. O que você sente, no fundo do coração, é que, se precisa morrer, vai querer morrer cantando, com a colônia inteira ao seu redor. Todo mundo de mãos dadas. Você quase *torce* para isso acontecer... para um Bonde da Cremação aparecer. Porque seria um alívio acabar com isso, e você não teme o fim, porque vai morrer queimado com todas as pessoas que ama bem do seu lado.

Harper estremeceu e se aconchegou mais a Don para se aquecer.

Eles chegaram ao cais, e Don a ajudou a subir no barco a remo. Ela se sentiu grata por aquela mão a segurá-la pelo braço e desceu do cais. Já tinha feito aquela travessia várias vezes nos últimos meses, mas agora, pela primeira vez, sentiu as pernas bambas e não teve segurança em relação ao próprio equilíbrio.

Com umas poucas remadas longas e regulares, eles deixaram a praia para trás. Sentado no travessão entre os remos, Don projetava o peso em cada movimento e em seguida se balançava para trás, e seu corpo inteiro se esticava numa linha reta. Apesar de velho, ele parecia carne seca: fibroso, rijo.

Será que o olho no campanário (o olho que a todos vê) os estaria observando agora? Don havia

comentado com Ben que sairia de barco à noite para pescar. Com sorte, seus movimentos na água agora seriam aceitos como Don Lewiston remando pelo lago em busca de linguados... isso caso chegassem a ser notados.

Sem qualquer solicitação, Don pareceu retomar de onde havia parado poucos minutos antes.

– É ruim ficar com a cabeça tomada pela Carol. É ruim não saber meu próprio nome, não saber o nome da minha mãe. Mas vou dizer uma coisa. Um mês atrás, a gente fez uma grande cantoria, como costuma fazer. Aí a Carol fez uma espécie de discurso sobre como não existe história antes de termos contraído a Escama do Dragão. Que uma nova história começou para cada um de nós quando ficamos doentes. Que a única vida que importa é a que temos agora, juntos, em comunidade, não a que tínhamos antes. Aí tornamos a cantar, e todos acendemos, até eu, e zumbimos bem forte, e depois saímos de lá trocando as pernas feito marinheiros embriagados na noite de ano-novo. E eu esqueci... – Sua respiração arfou quando ele se inclinou para a frente e empurrou mais uma vez os remos. – ... esqueci meu companheiro Bill Elroy, que pescou comigo por trinta anos. Ele foi arrancado de dentro da minha cabeça. Não só por algumas horas. Por dias. Eu vivi os melhores anos da minha vida no barco junto com Billy. É difícil contar como foram bons. A gente passava três semanas na pesca pesada, voltava, descarregava o peixe em Portsmouth, depois levava o barco até as Harbor Islands, largava a âncora e ficava tomando cerveja. Eu detestava voltar para casa. Apreciava cada minuto passado com Billy. Gostava de quem eu era quando estava com ele. – Don havia parado de remar por um instante. O movimento da água fazia o barco balançar. – Estar com ele era como ter um oceano inteiro debaixo de você. A gente não conversava muito, sabe. Nem precisava. Ninguém fala com um oceano, nem um oceano responde. Você simplesmente... deixa ele te carregar. – Ele recomeçou a manejar os remos. – Bem. Quando eu de repente me dei conta de que tinha perdido o Billy por um tempo, que ele tinha sido apagado, foi nessa hora que decidi que já chega deste lugar para mim. Ninguém tem o direito de tirar Bill Elroy de mim. Ninguém. Por motivo nenhum. Ninguém vai levar embora a nossa amizade. No outono passado, tinha uma ladra agindo aqui nesta colônia, e se Carol a tivesse pego teria dado a pobre de comer para os cães selvagens pedacinho por pedacinho. Mas vou te dizer o que eu acho. As coisas que nos são roubadas todas as noites, quando cantamos todos juntos, são muito mais importantes do que aquilo que a ladra levou. E a gente sabe quem está pegando essas coisas, e em vez de prendê-la a elegemos chefe da colônia.

Ele se calou. Tinha tomado a precaução de dar a volta remando na porta setentrional da ilha, até o outro lado da pedra, de modo a poder atracar o barco a remo num lugar em que este não pudesse ser visto da margem pelo observador casual. Harper viu duas canoas já puxadas para sobre os seixos. Mais atrás, longe da água, estava o veleiro de 33 pés sobre o seu carrinho de aço, coberto pela lona branca bem esticada.

– Mas o que você acha que aconteceu com a ladra? – quis saber Harper. – Acho que não houve nenhum roubo durante todo o inverno.

– Talvez ela tenha ficado sem ter o que roubar – disse Don. – Ou talvez simplesmente tenha enfim conseguido o que queria.

Harper observou Don empurrar e puxar, empurrar e puxar, e pensou que a potência do Brilho não podia competir com estar próximo de alguém que se amava com todo o coração. Um tirava; o outro dava acesso ao que havia de melhor e de mais feliz em você mesmo. *Eu gostava de quem eu era quando estava com ele*, dissera Don Lewiston, e Harper se perguntou se algum dia houvera alguém na sua vida que a houvesse feito se sentir assim consigo mesma, e bem nesse instante o barco bateu na areia com um ruído úmido e áspero, e Don disse:

– Vamos lá encontrar o Bombeiro, então?

8

Antes de saltar, Harper levou a mão até o compartimento debaixo do travessão e encontrou a sacola de compras que havia escondido ali, na qual ainda havia uma garrafa de rum barato sabor banana e o pacote de Gauloises. Don a aguardou a meio caminho do aclave de seixos, sob a proa do longo veleiro branco. Estava com uma das mãos no casco quando ela o alcançou.

– Você consegue velejar com isso? – indagou ela.

Ele arqueou uma das sobranceiras e a olhou de esguelha com uma expressão bem-humorada.

– Se fosse preciso, eu dobraria o Cabo e chegaria até a exótica Xangai.

– Estava pensando só em subir a costa um pouquinho.

– Ah – fez ele. – Bom. Aí seria mais fácil.

Eles seguiram de braços dados pelas dunas, subiram a trilha estreita cheia de mato, passaram para o outro lado do morro e chegaram ao abrigo do Bombeiro. Don levantou o trinco e, ao abrir a porta se deparou com risos, calor, e uma luz dourada bruxuleante.

Renée estava junto à fornalha usando luvas de cozinha e pendurando a chaleira no gancho acima das brasas. Gilbert Cline havia se acomodado perto dela, sentado numa cadeira de espaldar reto encostada na parede. Tinha os olhos cravados na porta quando esta se abriu, pronto para agir caso não gostasse de quem estava entrando, pensou Harper.

Mazz estava sentado numa das pontas da cama de campanha de John Rookwood, e o próprio John na outra; ambos se sacudiam de tanto rir. O rosto largo e feio de Mazz estava tingido com um tom escuro de vermelho, e ele piscava os olhos lacrimejantes. Todos, menos Gil, olhavam para Allie, enquanto ela, em pé junto a um balde, fingia ser um homem dando uma mijada. Estava usando o capacete de bombeiro de John, e segurava um isqueiro de plástico junto às partes íntimas.

– E essa é só a *segunda* coisa mais irada que eu sei fazer com o meu pau! – anunciou ela com seu sotaque inglês propositalmente atroz. Acionou o isqueiro e fez seu suposto pinto jorrar fogo. – Vou acender sua fogueira em dois segundos, mas se vocês estiverem mesmo com pressa para assar suas linguças, é só eu me abaixar e vocês podem...

Allie viu Harper na porta e não completou a frase. Seu sorriso hesitou. Ela deixou o isqueiro se apagar.

John, contudo, continuou a tremer de tanto rir. Gesticulou para Mazz e disse:

– O que ela acabou de demonstrar me aconteceu *mesmo* uma vez. Mas isso foi anos antes da Escama do Dragão, e um pouco de penicilina deu jeito.

Mazz uivou de tanto rir, e fez tanto barulho que foi impossível não achar graça. O esboço de um sorriso chegou até a reaparecer por um breve instante nos lábios de Allie, mas só por um segundo.

– Nossa – comentou Allie. – Sra. Willowes, como a sua barriga cresceu.

– Que bom ouvir sua voz, Allie. Já faz um tempo. Estava sentindo falta.

– Não sei por que iria sentir. Quase sempre quando eu abro a boca parece que alguém se machuca.

Ela baixou os olhos. Seu rosto se franziu de emoção. Era difícil vê-la tentando não chorar, com todos os músculos do rosto se esforçando ao mesmo tempo na tensão de segurar as lágrimas. Harper estendeu a mão e segurou as da menina, e quando fez isso Allie cedeu e começou a chorar.

– Estou me sentindo tão mal... – disse ela. – Acho que era para nós duas sermos muito boas amigas, e eu fodi com tudo e sinto muito, muito mesmo.

– Ah, Allie – disse Harper, e tentou apertá-la contra si. A barriga complicava as coisas na hora de abraçar os outros, e em vez de abraço ela acabou dando em Allie um encontrão com o ventre elástico. A adolescente produziu um barulho estrangulado que foi parte soluço, parte risada. – Nós *somos* muito boas amigas. E, para ser sincera, há anos eu queria experimentar um corte de cabelo mais curto.

Dessa vez Harper teve certeza de que o som que Allie produziu foi uma risada, apesar de ter saído estrangulada e meio abafada, pois a adolescente estava com o rosto enterrado no seu peito.

Por fim, Allie deu um passo para trás e esfregou as mãos nas faces molhadas.

– Eu sei que a situação na colônia está ficando feia. Sei que está todo mundo pirado, principalmente a minha tia. É de dar medo. *Ela* dá medo. Ameaçar tirar seu bebê se o vovô morrer, depois de a senhora já ter feito tudo que qualquer um poderia fazer... é uma coisa cruel, doente.

John inclinou o corpo para a frente, e seu sorriso se apagou.

– Que conversa é essa?

– Você não estava bem – disse Harper sem olhar diretamente para ele, mas falando por cima do ombro. – Eu não quis comentar. Está com uma cara melhor agora, aliás.

– Sim – disse John. – Os antibióticos e a Escama do Dragão têm muita coisa em comum. Um é um mofo que cozinha bactérias, o outro é um mofo que cozinha a gente. Queria que tivesse um comprimido para a gente tomar e se curar da Carol Storey. Ela enlouqueceu completamente. Não é possível que estivesse falando sério. Tirar seu bebê de você? Que palhaçada é essa?

– Carol me falou... – começou Harper. – Ela me falou que, se Tom morresse, ela me consideraria responsável e me mandaria embora da colônia. Ficaria com o bebê, para caso eu fosse pega por uma Patrulha de Quarentena ou por um Bonde da Cremação, e não me sentisse tentada a revelar nenhuma informação sobre a Colônia Wyndham.

– Não é só isso. Ela iria querer de verdade a segurança do bebê. Ela quer proteger a gente. *Todos* nós – disse Allie. Correu os olhos pelo recinto, encarando cada um deles, e sua voz soou quase suplicante. – Eu sei que ela é um horror. Sei que agora anda fazendo coisas horrorosas. Mas o fato é que minha tia Carol seria capaz de *morrer* pelas pessoas desta colônia. Sem pestanejar. Ela ama *mesmo* todo mundo... pelo menos todo mundo de quem não desconfia. E eu me lembro de antes do vovô ter a cabeça esmigalhada. Nessa época ela era *boa*. Quando sabia que podia ajudar os outros cantando, tocando e mostrando a eles como entrar no Brilho, ela era a melhor pessoa do mundo para se ter como amiga. Quando eu brigava com a minha mãe, sempre podia ir chorar no ombro dela. Ela me fazia um chá e sanduíches de manteiga de amendoim. Então eu sei que todo mundo aqui a odeia, e sei que a gente precisa fazer alguma coisa. Mas vocês precisam saber também que eu ainda a amo. Ela é maluca, mas afinal de contas eu também sou. Acho que é de família.

John relaxou e se recostou na parede.

– *Decência*, Allie, isso sim é da sua família. E uma tendência bem perturbadora para a ousadia pessoal. E carisma. Todas as outras pessoas, eu inclusive, são atraídas para os Storeys feito mariposas pela chama de uma vela.

Harper pensou automaticamente em como o romance entre uma mariposa e uma vela em geral terminava: a mariposa rodopiando rumo à morte, com as asas soltando fumaça. Mas esse não parecia ser um pensamento que valesse a pena compartilhar naquele exato momento.

Gilbert Cline se pronunciou de perto da fornalha. Quando olhou para ele, Harper reparou que Gil estava com uma das mãos em volta da cintura de Renée.

– Com certeza é um alívio poder passar um tempo fora daquele frigorífico. Da próxima vez em que eu sair para tomar um pouco de ar puro, preferiria não ter que voltar. Se temos coisas a decidir, é melhor que seja agora.

Mazz levantou o queixo para espiar para além do nariz bulboso a sacola de compras de Harper.

– Não sei os outros, mas eu sempre tomo minhas melhores decisões com uma bebidinha. Parece que a enfermeira trouxe exatamente o que o médico receitou.

Harper pegou a garrafa de rum de banana.

– Don, pode arrumar uns copos?

Ela serviu um pouco de rum dentro de uma coleção de xícaras de café lascadas e copinhos feios, e Don os distribuiu. Harper ofereceu a última xícara a Allie.

– Sério? – indagou a adolescente.

– Tem um gosto melhor do que pedra.

Allie virou o meio centímetro de bebida que Harper lhe serviu com um só gole e fez uma careta.

– Meu Deus. Não é, nada. Parece mijo. É como beber gasolina misturada com chocolate e manteiga de amendoim. Ou uma vitamina de banana que apodreceu. Que horror.

– Quer mais um golinho, então? – perguntou Harper.

– Quero, por favor – respondeu Allie.

– Ah, que pena – retrucou Harper. – Você é menor de idade e só vai ganhar um gole.

– Eu tinha mania de comer sardinha em lata e beber o óleo depois – disse Don. – Era um nojo. O óleo sempre vinha com rabos de peixe, olhos de peixe, as vísceras das porras dos peixes e umas tripinhas borrachudas de cocô de peixe, mas mesmo assim eu bebia. Não conseguia me conter.

– Eu vi um filme em que um cara dizia que tinha comido cachorro e vivido como um – falou Gil. – Eu nunca comi cachorro, mas tinha uns caras lá em Brentwood que pegavam camundongos e comiam. Diziam que era de frango de porão.

– Sabem a pior coisa que eu já comi? – perguntou Mazz. – Não gostaria de entrar em detalhes na

presença de senhoras, mas o nome dela era Ramona.

– Que beleza, Mazz. Quanto bom gosto – comentou Renée.

– Na verdade o gosto não era nada bom – disse Mazz.

– Ah, falando nisso: você vai comer a placenta? – perguntou Renée a Harper. – Parece que está na moda agora. Tinha um guia de gravidez na livraria com um capítulo de receitas com placenta no final. Omelete, molho para macarrão, essas coisas.

– Não, acho que não – respondeu Harper. – Comer placenta tem um quê de canibalismo, e eu estava torcendo por um apocalipse mais digno.

– As mães coelhas comem os próprios filhotes – disse Mazz. – Aprendi lendo *Watership Down*. Parece que as mães devoram os recém-nascidos o tempo todo. Põem para dentro como se fossem M&M's de carne.

– A pior parte é que você só bebeu uma dose – comentou Allie.

– Então, quem é o capitão deste navio? – quis saber Don. – Quem vai decidir nosso curso?

– Você é tão fofo quando fica náutico – disse John Rookwood.

– Mas ele tem razão – falou Renée. – É a primeira coisa da lista, não? Precisamos votar.

– Votar? – repetiu Harper. Teve uma vaga noção de que era a única pessoa da roda sem um sorriso cúmplice no rosto, fato que considerou levemente irritante.

– Precisamos escolher um cérebro do mal – disse Renée. – Alguém para decidir a pauta quando nos reunirmos. Alguém para organizar votações. Alguém para tomar decisões em cima da hora quando não houver tempo para votar. Alguém para mandar nos minions.

– Que bobagem. Nós somos só sete. Oito, se contarmos Nick.

Don Lewiston arqueou as sobrancelhas e se virou para Renée Gilmonton com uma expressão de expectativa.

– Falta contar quinze pessoas – disse ela.

– Dezessete, para ser exato – completou Don. – Os irmãos McLee também estão com a gente.

– Então nós somos... o quê... vinte e cinco pessoas dispostas a... partir para um ataque independente? – perguntou Harper. *O exército de Dumbledore*, pensou. *A Irmandade*.

– Ou atacar Ben e Carol e retomar a porcaria da colônia – disse Don. Viu Allie empalidecer e arrematou. – Atacar com delicadeza, digo. Com educação. Você sabe. Com bons modos.

– Podemos fazer algumas coisas por meio do voto – falou Renée. – Mas operando em segredo deste jeito muitas das escolhas vão exigir uma decisão executiva. É uma tarefa necessária, mas não acho provável que seja muito recompensadora... nem particularmente segura. É preciso pensar no que pode acontecer com quem quer que pusermos no comando caso sejamos descobertos.

– A gente *não precisa* pensar no que pode acontecer – disse Allie. – Eu sei o que pode acontecer. Quando minha tia fala em cortar fora a podridão que existe na colônia, não está fazendo jogo de palavras. Está falando em machucar alguém. Ela seria capaz de mandar matar. Teria de dar o exemplo. – Allie lhes sorriu, mas foi um sorriso triste. – Eu li na aula de história que as execuções públicas antigamente eram acontecimentos bem populares. Tenho certeza de que, se tia Carol anunciasse uma, a Sra. Heald providenciaria a pipoca para todo mundo.

O fogo estalou e silvou. Uma brasa estourou.

– Você acha mesmo que chegaria a tanto? – indagou Gil, com uma voz que sugeria apenas leve curiosidade. – Execuções públicas?

– Rapaz – disse Mazz. – Depois daquela merda que a gente viu acontecer em Brentwood, me espanta você precisar perguntar. Eu mesmo não posso me preocupar demais com as consequências. Já decidi que vou fazer *o que for preciso* para sair daquele frigorífico no subsolo... de um jeito ou de outro. Vivo ou morto.

– Eu também – disse Gil.

– Mas a gente *não pode* votar hoje – disse Harper. – Não se existem mais quinze... dezessete pessoas querendo se juntar a nós. Como iríamos conseguir uma coisa dessas?

Don, Renée e Allie se entreolharam, e Harper sentiu mais uma vez que eles estavam um passo na sua frente.

– Harper – disse Renée. – Nós *já* conseguimos. Todo mundo já votou, menos nós sete que estamos aqui, e talvez os irmãos McLee.

– Não – disse Don. – Eles também já manifestaram seu desejo.

– Então só sobramos nós. E vou dizer uma coisa, deu trabalho chegar até aqui. Não é tão fácil assim organizar uma eleição para líder de uma sociedade secreta. Porque eu não diria a ninguém quem está dentro e quem está fora. Não gosto de ser paranoico. Mas não poderia descartar a possibilidade de que

algumas das pessoas que me disseram querer ir embora da Colônia Wyndham estejam levando informações para Carol. Por exemplo, nunca escutei um voto sequer para Michael Lindqvist. Tenho certeza de que a maioria das pessoas ficaria *chocada* de saber que ele está conosco. Ele sempre foi o braço direito de Ben Patchett. Não... a maior parte dos votos se concentrou em torno dos dois ou três candidatos realmente óbvios.

– O que torna alguém um candidato óbvio?

– Qualquer um que não faça mais parte do Brilho. Qualquer um que não esteja cantando a música da Carol. Basicamente, as pessoas que estão aqui agora. Nós todos aqui não apenas ainda precisamos votar, como também somos todos os principais candidatos. – Ela pôs a mão dentro de uma bolsa a tiracolo listrada e gasta que trouxera consigo, e pegou um bloco de papel amarelo pautado. Pôs o bloco de cabeça para baixo sobre uma mesa lateral. – Depois de preenchermos nossas cédulas, eu informo a vocês como cada um votou. – Tornou a pôr a mão dentro da bolsa e tirou lá de dentro um bloquinho de Post-its vermelhos. Foi destacando os quadradinhos, um a um, e entregando aos demais. Don encontrou uma caneca lascada cheia de canetas e as distribuiu.

– Temos um título oficial para aquele ou aquela que ganhar esse negócio? – quis saber Gil, encarando com o cenho franzido seu quadradinho em branco.

– Eu gosto de “Mestre Conspirador” – disse o Bombeiro. – Soa bem. Um pouco de poesia e de escuridão. Se existe o risco de morrer por ter esse cargo, pelo menos a pessoa deveria ter o prazer de um título oficial com algum *sex appeal*.

– Que assim seja – falou Renée. – Queiram votar para Mestre Conspirador.

Fez-se um silêncio ansioso, e ouviu-se o som das canetas arranhando papel. Quando todos terminaram, Renée estava à espera com o bloco na mão.

– Das quinze pessoas com as quais falei – começou ela, e pigarreou antes de prosseguir. – Tivemos dois votos para Don e dois para Allie.

– O quê? – exclamou Allie, com uma voz genuinamente surpresa.

– Três para o Bombeiro – continuou Renée. – Quatro votos para Harper, e quatro para mim.

Harper corou. Sua Escama do Dragão formigou, de modo não totalmente desconfortável.

– Quando falei com os McLee, os meninos deixaram suas intenções bem claras – disse Don. – Ambos escolheram Allie.

– Não, não, não, **NÃO** – fez Allie. – Eu não quero essa porra desse cargo. Tenho 16 anos. Se eu ganhasse, meu primeiro ato como chfona máxima seria começar a chorar. Além do mais, o Robert McLee só votou em mim por causa de uma paixonite bizarra. Um músculo treme debaixo de um dos olhos dele toda vez que ele fala comigo. E o outro só faz o que o Robert Manda. Além disso, eles não deveriam ter direito a votar! Chris McLee já tem pentelho, pelo menos?

– Concordo – disse o Bombeiro. – Quem não tem pentelho não pode votar. E, como eu sou contra o sacrifício infantil, sou a favor de permitir que Allie se *descandidate*. Alguém que votou nela tinha uma segunda escolha?

– Por acaso, tinha, sim – respondeu Renée, olhando para o bloco. – Uma das pessoas escolheu John como alternativa. A outra escolheu Don.

– Porra – disse Don.

– Os irmãos McLee tinham uma segunda escolha? – perguntou Renée.

– Se tivessem, não faria diferença, já que nós decidimos que eles são jovens demais para votar – disse Don. E foi assim que Harper soube que eles também tinham escolhido Don como segunda opção.

– Então são três votos para Don e quatro para Harper, John e eu.

– Melhor contabilizar cinco para você, Renée – disse Gil, desdobrando seu Post-it e o colando na mesa à sua frente. – Foi você quem fez a maior parte do planejamento e da reflexão que nos trouxe até aqui. Não vejo motivo algum para mudar de cavalo agora.

Renée se inclinou em direção a ele e o beijou de leve na bochecha.

– Você é um homem tão gentil e doce, Gil, que vou ignorar que acabou de me chamar de cavalo.

– E cinco para o Bombeiro – disse Mazz, erguendo seu próprio Post-it para os outros poderem ver. – Eu o vi fazer o inferno se abater sobre o Departamento de Polícia de Portsmouth. Na minha cartilha, isso faz dele o cara.

Don desdobrou seu Post-it e falou:

– Eu votei em Harper. Vi o jeito como ela administrou a enfermaria quando Pai Storey foi trazido, e vi como ela furou a cabeça dele com a furadeira. – Ele ergueu os olhos azuis aguados e a encarou. – Quanto piores ascoisas ficam, quanto mais o povo grita, chora e perde a linha, mais calma você fica, enfermeira Willowes. Eu não conseguia parar de tremer, e a sua mão se manteve firme feito uma rocha.

Quero que seja você.

– Ainda temos três candidatos empatados na liderança.

– Não mais. Podem contar seis votos para a Harper – disse Allie. – Também acho que deve ser ela.

Porque sei que, por mais que eu faça cagada, ela nunca vai enfiar uma pedra na minha boca e fazer eu me sentir igual a Judas. Muito embora, depois do que eu fiz, Deus bem saiba que ela teria todo o direito.

– Ai, Allie – disse Harper. – Você já se desculpou uma vez. Não espero que passe a vida fazendo isso.

– Eu não estou me desculpando. Estou votando – retrucou Allie, encarando-a com um ar quase desafiador.

– Está, mesmo – disse Renée. – E o meu voto também vai para Harper. É muita bondade de algumas pessoas terem me pedido para aceitar o cargo, mas eu prefiro ler sobre uma grande fuga a planejar uma. Além do mais, sou péssima para guardar segredos, e detesto conspirar contra os outros. Me parece uma grosseria. Eu não lido bem com a culpa, e me preocupo de magoar alguém quando estiver nos defendendo. Também estou lendo dois livros ao mesmo tempo. Ser conspiradora em tempo integral reduziria meu tempo de leitura. Então tem que ser a Harper.

– Ei, dona! – protestou Harper. – Eu também tenho livros para ler!

– Também passou pela minha cabeça que você está *muito* grávida, e acho que isso torna menos, bem menos provável eles te enforcarem se você for pega – falou Renée. – E Harp, detesto dar essa notícia, mas acho que isso põe você no comando. Pelas minhas contas, você acaba de ganhar a eleição por sete votos a cinco.

– Sete a seis – corrigiu Harper. – Porque eu votei no John.

– Que coincidência. – O Bombeiro abriu a boca num sorriso cheio de dentes que o deixou com um aspecto só ligeiramente perturbado. – Eu também. – Então abriu seu voto e mostrou o que tinha escrito no Post-it, uma única palavra: *eu*.

Dez minutos mais tarde, os outros já tinham ido embora. Sobravam apenas Harper e o Bombeiro.

– Diga ao Michael que eu chego daqui a algumas horas, para ele não se preocupar – pediu Harper a Don Lewiston.

Renée se inclinou de fora pela porta entreaberta, com a mão no trinco.

– Não se esqueça de voltar, Harper – disse ela, com os olhos cintilando, era impossível dizer se de frio ou de contentamento.

– Vão indo vocês – falou Harper. – Rápido. Não conhecem a primeira regra de uma conspiração? Não sejam pegos.

A porta se fechou. Harper e o Bombeiro ouviram sussurros e risos engasgados, ouviram Allie cantar um verso da música “Love Shack”, “cabana do amor”, em seguida o estalo de botas se afastando. Por fim, restaram só os dois outra vez, cercados por um silêncio tenso, porém agradável, do tipo que precede um primeiro beijo.

Mas eles não se beijaram. Harper tinha consciência da fogueira aberta atrás de si, do calor lançado pelas chamas dançantes, e se perguntou quem estaria observando. O Bombeiro tinha se levantado duas vezes para pôr mais lenha no fogo, e a cada vez ela pensara: *Se a gente abandonar a Colônia Wyndham, ele não vai junto. Tem de ficar aqui alimentando suas chamas particulares.*

– Foi uma emboscada – disse ela. – Vocês contaram os votos antes da hora.

– Bom. Eu não diria tanto. Digamos apenas que o desfecho não foi totalmente fora do previsto. Por que você acha que o Michael fez tanta questão de avisar a você que não havia pressa para voltar hoje?

Quando eles estavam todos juntos, houvera tempo de esboçar os traços gerais de dois planos distintos. O primeiro imaginava o que eles teriam de fazer caso precisassem ir embora às pressas. O outro planejava um método de arrancar (delicadamente) o controle da colônia das mãos de Carol. Fora deixado a cargo de John e Harper decidir os detalhes para ambas as eventualidades.

– Estou pronto para bolar conspirações, se você também estiver – disse ele.

– Preciso de açúcar para minhas melhores conspirações – disse ela. Encontrou sua bolsa de lona e tirou lá de dentro uma lancheira da Mary Poppins. – Nada me deixa mais com disposição para conspirar do que um chocolate ilícito, mesmo que já esteja vencido.

Ele franziu a testa.

– Vou logo avisando. Dizer que você tem chocolate se não tiver seria uma violação grosseira do seu juramento hipocrático de jamais infligir sofrimento desnecessário.

– Pois eu tenho uma notícia para você, Rookwood. Eu sou enfermeira. Nós não prestamos o juramento hipocrático. Só os médicos prestam. Os enfermeiros só juram uma coisa: o paciente vai tomar o remédio.

– Às vezes você diz algo só um pouquinho ameaçador, e eu sinto um leve arrepio de felicidade – disse ele. Então, sem qualquer mudança de tom ou hesitação, seguiu falando. – Eu preferiria incendiar a Colônia Wyndham a deixar Carol e os seus sicofantas tirarem seu bebê de você. Só sobrariam gravetos carbonizados neste lugar. Espero que saiba disso.

– Não seria muito justo com os outros, né? – retrucou Harper. – A maioria deles não é má pessoa. Tudo que querem é segurança.

– E isso não é sempre autorização para feiura e crueldade? Tudo que eles querem é segurança, e não ligam para quem precisarem destruir para continuar seguros. E aquele pessoal que quer matar a gente, os Bondes da Cremação, eles também só querem segurança! E o homem que eu matei com a Fênix na outra noite, o que estava atrás da metralhadora calibre .50. Senti que precisava fazer aquilo. Eu precisava cozinhar o cara até o osso. Era o único jeito de garantir que você voltaria para mim.

Ele a olhou com um curioso misto de incompreensão e tristeza. Ela quis segurar sua mão. Em vez disso, lhe deu uma barrinha de Snickers e pegou para si uma minúscula barra de Mounds.

– E nós vamos precisar matar gente para garantir nossa segurança? – Sua voz saiu muito baixa. – Você acha que vai chegar a esse ponto? Com Ben? Com Carol? Porque, se achar isso, eu acho que talvez precise remar de volta para a colônia agora mesmo. Não quero planejar o assassinato de ninguém.

- Se você remar de volta agora, talvez assassine *a mim* – disse ele. – Então acho que vai ter de ficar.
- É, acho que sim – concordou ela, e serviu para os dois um pouco mais de rum.

10

Ele disse que o chocolate estava uma droga, e que precisava de outro para tirar o gosto ruim da boca. Ela em vez disso lhe deu um cigarro e mais uma chorada de rum. Ele acendeu o Gauloise com o polegar.

Harper não estava tão segura assim em relação ao plano de fuga. Eram muitos os fatores instáveis. Havia começado uma lista iniciada pela letra *A* (Pai Storey reage) passando pela letra *E* (criar uma distração derrubando o sino do campanário) e terminando com a letra *Q* (Don conduz os outros barcos rumo ao norte). Era um número excessivo de letras do alfabeto.

Já o Bombeiro adorou o plano. É claro que sim. Ele tinha o papel principal. Harper não parava de tentar subtrair letras, enquanto ele não parava de tentar acrescentá-las.

– Queria que tivéssemos tempo de cavar um túnel – disse o Bombeiro.

– Para *onde*?

– Não importa. Não se pode ter uma fuga da prisão decente sem um túnel. O aspirante a escritor que mora dentro de mim quer um túnel secreto escondido atrás de uma parede falsa, ou do cartaz de uma estrela de cinema, ou quem sabe no fundo de um armário. Poderíamos batizar o plano de Operação Nárnia! Não me diga que não iria gostar.

– Eu não iria gostar que você virasse escritor. Talvez fosse obrigada a arrancar metade da sua cara fora. Foi o que fiz com o último candidato a escritor que cruzou meu caminho.

Ele agitou o restinho de licor de banana dentro do copinho de papel, então o virou de uma vez só.

– Esqueci que o seu marido era aspirante a escritor.

– Às vezes eu acho que *todo* homem quer ser escritor. Eles querem inventar um mundo onde exista uma mulher imaginária perfeita, alguém em quem possam mandar e que possam despir à vontade. E podem extravasar a própria agressividade com algumas cenas de estupro fictícias. Aí podem mandar seu alter ego fictício aparecer para resgatá-la, um audaz cavaleiro... ou bombeiro! Alguém cheio de poder e sagacidade. As mulheres de verdade, por sua vez, têm um monte de interesses próprios cansativos, e não seguem um esboço preciso. – Um desânimo a invadiu. Passou pela sua cabeça que ela nunca fora amiga nem esposa de Jakob, mas apenas o seu tema, apenas *matéria-prima*. Pensou que escritores eram tão parasitas quanto o esporo em si.

– Concordo cem por cento em relação aos esboços. Qualquer escritor que trabalhe a partir de esboços deveria ser queimado na fogueira. Possivelmente usando como combustível os próprios esboços e cartões de anotação. É essa a parte que menos me agrada no seu plano. Ele é um esboço. A vida não funciona em esboços. Se eu estivesse escrevendo essa cena, sequer me daria ao trabalho de descrever nosso plano, não em detalhes. Eu já sei que ele não vai funcionar como esperamos que funcione. Fazer uma coisa dessas seria desperdiçar o tempo do leitor, só isso. – Ele viu a expressão no rosto dela e chutou seu pé. – Ah, vai. Aqui tem chocolate, cigarros, birlita e planos maus. Não faz essa cara desanimada para mim. O que mais tem aí dentro dessa sua lancheira?

Ela pegou uma batata deformada que parecia um tumor e a pôs em cima da cama.

O Bombeiro recuou.

– Ah! O que é isso, por amor de Jesus Cristo barbado?

– Isso? É uma Yukon Gold, bobalhão – disse ela.

– Bom – disse ele. – Acho que a gente já comeu chocolate suficiente. Que tal uma batata assada?

Ele pegou o tubérculo e o segurou entre as duas mãos. Uma fumaça começou a subir por entre seus dedos, e com ela um cheiro de brotos queimados. O cheiro deixou Harper contente. Ela não pôde evitar.

– Adoro homem que sabe cozinhar.

11

Ele tinha sal e um vidrinho de azeite, e os dois dividiram a batata. Seu aroma mineral tomou conta do recinto. A batata estava tão boa que deixou Harper com um pouquinho de vontade de chorar, e quando acabou ela lambeu o azeite e o sal das próprias mãos.

– Sabe do que eu sinto falta? – disse ela.

– Se você disser do Facebook, vai estragar uma noite linda.

– Sinto falta de Coca-Cola. Isso teria ficado uma delícia com uma Coca. A gente pode ter fodido o planeta, sugado todo o petróleo, derretido as calotas polares e permitido o florescimento do ska, sabe, mas a gente criou a Coca-Cola, então, caramba, a humanidade não era de todo ruim.

– Como espécie, talvez a gente não viva para se arrepender de ter derretido as calotas polares. É de lá que ele veio, sabia? O esporo. Tenho oitenta por cento de certeza. Por isso todos os primeiros casos aconteceram ao redor do Círculo Polar. O esporo estava debaixo das geleiras. E acho também que isso já aconteceu antes. Todo mundo pensava que os dinossauros tivessem sido extintos pela queda de um meteoro, mas eu acho que foi o esporo. Ele fica escondido debaixo do gelo até o mundo se aquecer o suficiente para liberá-lo de volta no ar. Aí queima tudo até o mundo ficar tão coberto de fumaça que o planeta congela outra vez. O mofo morre, com exceção de um pedacinho que fica preservado outra vez debaixo do gelo. Já houve seis episódios de extinção na vida deste planeta. Aposto que em todos os casos foi o esporo.

– Você está dizendo que ele é uma célula T planetária. Que ataca qualquer infecção que desequilibre o meio ambiente. Como nós, por exemplo.

Ele aquiesceu.

– É a terceira melhor teoria que eu já escutei. Gosto da ideia de que os russos criaram um superfungo na década de 1970 numa ilha de testes de armas biológicas. Acho que se chamava Ilha do Renascimento. Eles tiveram que abandonar o local em 2000, quando o esporo se alastrou. Só que a ilha ficava num lago que secou, e os animais começaram a atravessar de um lado para outro, levando as cinzas grudadas no pelo. Todos os primeiros casos aconteceram na Rússia.

– Você disse a *terceira* melhor teoria. Existe alguma coisa melhor do que o derretimento do Ártico ou uma ilha russa de pura maldade?

– Também gosto da ideia de que Deus está nos punindo com pé de atleta por termos usado aqueles sapatos Crocs. – Ela se serviu mais um dedinho de licor de banana. Na sua opinião médica, um golinho a mais não iria deformar o cérebro do bebê. – Agora que o mundo acabou, o que você mais se arrepende de não ter feito?

– Comido a Julianne Moore – respondeu ele. – E a Gillian Anderson. Juntas ou separadas, realmente não teria feito a menor diferença.

– Eu quis dizer o que você gostaria de ter feito que *de fato pudesse ter acontecido*.

– Queria ter descoberto um novo tipo de mofo para batizar com o nome da Sarah.

– Nossa. Que filho da puta mais romântico.

– E você, Harper Willowes? O que você sempre quis ter feito?

– Eu? Comido a Julianne Moore, igual a você. Aquela gostosa tinha uma bunda sensacional.

O Bombeiro foi pegar um pano de prato e, enquanto secava a blusa de Harper, pediu desculpas mil vezes por ter cuspidado em cima dela seu rum de banana.

12

Ele se levantou para atizar o fogo e voltou trazendo o arco que havia passado o inverno inteiro encostado no canto. Esticou-se na cama, segurou o arco como se fosse um violão e pôs-se a fazer vibrar sua única corda átona.

– Você acha que o Keith Richard ainda está vivo? – indagou.

– Certeza. Nada mata esse cara. Ele vai enterrar todos nós.

– Beatles ou Rolling Stones? – indagou ele.

Ela cantou os primeiros versos de “Love Me Do”.

– Isso é um voto nos Beatles?

– É claro que eu escolho os Beatles. Que pergunta idiota. É como perguntar: o que você prefere, seda ou pelos pubianos?

– Ah, que decepção.

– É *claro* que você iria escolher os Stones. Qualquer um que anda por aí fingindo ser Bombeiro quando não é...

– O que é que *isso* tem a ver com o assunto?

– Homens que gostam dos Stones têm fixação por piroca. Desculpa, mas é o único termo adequado. E uma mangueira de bombeiro é uma piroca fantasia simbólica. É patético. Os fãs homens dos Stones ficaram congelados na idade de um ano e meio, quando acabaram de descobrir a emoção de puxar a pele do próprio pênis. Já as fãs mulheres são *piores ainda*. Mick Jagger tem uma boca estranha e repulsiva que o deixa com cara de bacalhau, e isso excita as fãs. Elas se excitam sexualmente com homens-peixe. São umas pervertidas.

– Então qual é a fixação dos fãs dos Beatles? A glória da xoxota?

– Exato. Strawberry Fields não é só um lugar em Liverpool, Sr. Rookwood. – Ela estendeu a mão. – Me dá isso aqui. Toda vez que você puxa a corda, está exercendo uma pressão desnecessária nas roldanas.

– Você bêbada fala que nem um mecânico de carros. Sabia?

– Eu não estou bêbada. Quem está é você. Já fui instrutora de arco. Agora me dá aqui.

Ele lhe entregou o arco. Ela o posicionou em pé e correu os dedos pela corda lisa.

– Instrutora de arco?

– No ensino médio. Para o departamento municipal de recreação.

– O que te inspirou? Jennifer Lawrence? Você tinha fantasias de ser Gataça Everdeen? A Jennifer Lawrence era demais. Tomara que não tenha morrido queimada.

– Não, isso foi antes de *Jogos Vorazes*. Eu tive uma fase Robin Hood aos 9 anos. Comecei a falar dizendo *tu* e *vós*, e quando meus pais me pediam para fazer alguma coisa em casa eu punha um dos joelhos no chão e fazia uma medida. No auge da obsessão, ia para a escola fantasiada de Robin Hood.

– No Halloween?

– Não. Só porque eu gostava da sensação que a fantasia me dava.

– Ai, meu Deus. E seus pais deixavam? Eu não sabia que você tinha sido negligenciada na infância. Fico até com um sentimento triste no... – Ele fez uma pausa enquanto tentava decidir a localização de seus sentimentos tristes. – ... nas emoções.

– Meus pais são pessoas sólidas e práticas, donas de vários cães que parecem ratos. Eles foram muito bons para mim e me fazem muita falta.

– Sinto muito pela sua perda.

– Não acho que eles tenham morrido. Mas estão na Flórida.

– O primeiro estágio do declínio. – Ele aquiesceu com tristeza. – Imagino que eles ponham casaquinhos nos cachorros.

– Às vezes, quando está frio. Mas como você adivinhou?

– Eles deixavam você saracotear em público fantasiada de Robin Hood, provocando o que só posso imaginar ter sido um dilúvio de gozações cruéis das outras crianças. É bem fácil adivinhar como devem tratar seus bichos de estimação.

– Ah, não. Eles não sabiam de nada. Eu guardava a fantasia na mochila e me trocava no banheiro da

escola. Mas você tem razão quanto às gozações. Esse foi um dia difícil para Harper Frances Willowes.

– Frances! Que lindo. Posso te chamar de Frannie?

– Não. Pode me chamar de Harper. – Ela descansou o queixo sobre a ponta do arco. – Meu pai me deu meu primeiro arco de Natal quando eu tinha 10 anos. Mas tomou de volta antes do ano-novo.

– Você flechou alguém?

– Ele me pegou molhando as flechas em fluido de isqueiro. Eu queria muito, muito atirar uma flecha de fogo em alguma coisa. Não importava em quê. Até hoje quero. Sinto que isso iria me completar: ver uma flecha em chamas se cravar em alguma coisa fazendo *tchac* e tocar fogo nela. Imagino que seja assim que os homens se sentem quando se imaginam metendo tudo até o talo numa bunda perfeita. Eu só quero um *tchaczinho* sexy de nada.

John engasgou com mais um gole de rum de banana. Ela teve de lhe dar uns soquinhos entre os ombros para fazê-lo voltar a respirar.

– Tenho certeza de que você está bêbada – disse ele.

– Não – respondeu ela. – Eu me limitei a dois muito responsáveis copos de vômito de cachorro sabor banana. Estou grávida.

Ele engasgou e começou a tossir outra vez.

– Vem – disse ela. – Vamos atirar flechas de fogo. Quer? O ar puro vai te fazer bem. Você precisa sair mais deste buraco.

Ela a encarou com os olhos úmidos.

– A gente vai atirar em quê?

– Na lua.

– Ah – fez ele. – Um alvo grande e gordo. Eu também posso atirar?

– Claro – disse ela, e empurrou sua cadeira para trás. – Vou pegar as flechas. Tudo que você precisa fazer é trazer o fogo.

13

O frio estava tão intenso depois da quentura com aroma de banana do abrigo do Bombeiro que deixou Harper sem ar e fez suas bochechas arderem como se tivesse levado um tapa.

Ela o fez dar a volta no abrigo, atravessar o mato alto na beira d'água e descer a duna até o lado da ilha que ficava virado para o oceano e não podia ser visto da margem. Quando ele teve dificuldade para caminhar na areia, estendeu a mão para trás e segurou a sua para ajudá-lo.

Eles pararam junto a uma das pontas do grande veleiro montado sobre seu carrinho de aço. Dali, Harper pôde ver o nome escrito na popa em cursivas douradas reluzentes: **THE BOBBY SHAW**. O *The Bobby Shaw* tinha um papel proeminente nos seus planos, onde figurava nas etapas *F*, *H* e *M-Q*.

O Bombeiro olhou em volta; usava seu casaco de bombeiro de borracha como se fosse uma capa, apertado em volta do corpo. Por fim, achou o que estava procurando: a lua, um botão cor de gelo pregado na capa negra do céu.

– Olha ela ali. Mata logo a bicha para a gente poder voltar lá para dentro onde está quentinho.

Harper segurava o arco em uma das mãos, e na outra um punhado de flechas. Deixou cair todas as flechas menos uma sobre os seixos azuis e estendeu a última para ele, com a ponta na frente.

– Tem fogo?

Ele fechou o punho em volta do carbono preto da flecha e correu a mão pela haste. Um fogo azul surgiu, como se a flecha estivesse embebida em gasolina e ele houvesse encostado um fósforo nela.

Harper posicionou a flecha no arco e mirou usando a mesma linha da haste em chamas. O fogo se desprendia da flecha como uma flâmula vermelha. Ela mirou na lua e disparou.

Um cometa vermelho reluzente rasgou a escuridão. A flecha subiu uns setenta metros, fez uma curva pronunciada para a direita, e caiu em meio a uma chuva de brasas.

Ela segurou o arco acima da cabeça; sentia-se alegremente selvagem.

– Que lindo! – disse ele.

Ela virou sua mão e examinou a palma.

– E não doeu?

– Nem um pouco. Não é tão difícil de entender. Não muito. A Escama do Dragão é capaz de transformar um hospedeiro em cinzas se for preciso, mas não destrói a si mesma. Eu lhe ensinei a parar de pensar em mim como hospedeiro. Hackeei seu código e a re programei para esquecer que existe qualquer diferença entre *mim* e *ela*.

– Detesto quando você explica as coisas. Toda vez que você acaba de explicar alguma coisa, eu sempre sinto que sei menos do que sabia quando começou a falar.

– Pense da seguinte maneira, Willowes. Você sabe que ela está no seu cérebro. Sabe que ela *sente*, só não fala. Se você a alimentar com estresse e pânico, ela interpreta isso como uma ameaça e irrompe em chamas para iniciar seu ciclo reprodutivo e fugir. Se você a alimenta com harmonia, contentamento e uma sensação de pertencimento, ela interpreta isso como segurança. Não apenas sente o seu prazer como o *amplifica*. Proporciona a você um retorno prazeroso, a onda mais barata do mundo. Mas em ambos os casos ela não está *agindo*, e sim *reagindo*. O que o Nick me ensinou...

– O quê? – interrompeu Harper. – Nick? O Nick te ensinou?

Ele piscou os olhos para ela, encabulado, e perdeu o fio da meada.

– É, *bom*, Nick... o Nick não quer... ele não faz... quero dizer, não mais, é claro, não depois de... – Ele balançou a cabeça e fez no ar um gesto de quem descarta o assunto. – Por que você está metendo o Nick nesta conversa? Está me confundindo.

Não fui eu quem meti o Nick na conversa, ela quase disse. *Foi você*. Chegou até a abrir a boca. Em seguida tornou a fechá-la e o deixou continuar.

– Quando vocês estão todos juntos na igreja, vocês *cantam* para ela. Ela *gosta* disso. É assim que a tranquilizam. Só que ainda se importam com palavras, e ela não se importa com palavras. Um escritor aí disse que a linguagem não é uma forma de comunicação, e a Escama do Dragão não poderia estar mais de acordo. Todas essas palavras dentro da sua cabeça são lembretes constantes de que *você é uma hospedeira*. Você precisa pensar no que quer que a Escama do Dragão faça por você *sem* palavras.

Imagine como deve ser ser surdo, pensar pensamentos de surdo, e ter os sinais como linguagem primeira e primária.

– Igual ao Nick – murmurou Harper.

– Sim, de certo modo – disse ele, acenando novamente com a mão no ar como quem afasta um inseto irritante. – Nick sente nos ossos a batida de um tambor, e se você lhe ensinar a letra de uma música ele canta sozinho, mas usando as palavras sem palavras dos surdos. Se você consegue cantar para a Escama do Dragão sem palavras, *aí sim* está falando a língua *dela*. Aí ela não vê mais você como *separado*, e sim como igual. Foi só isso que eu fiz. É só isso que eu sempre faço. Eu canto para ela uma das minhas músicas preferidas, mas sem palavras. Canto para o meu casaco de chamuscas e para a minha espada de fogo, e a Escama do Dragão os cria.

– E foi Nick quem te ensinou? Ele também sabe fazer isso? Lançar chamuscas que nem você?

Ele a encarou com uma expressão cansada, atordoada e triste. Então, com uma voz tão baixa que ela mal conseguiu escutar, falou:

– Bem melhor do que eu, na verdade.

Ela aquiesceu.

– Só que não mais?

O Bombeiro fez que não com a cabeça. Ela absorveu aquilo, e decidiu que poderiam retomar o assunto mais tarde.

– Que música você canta para ela?

– Ah. Você não conhece. – Ele fez outro gesto com a mão e olhou para o outro lado. Mas ela pensou que havia ficado aliviado por abandonar o tema de Nick. – Mas quando eu te conheci pensei... bom, uma das primeiras coisas que você me disse foi um verso dessa música. Por meio segundo, pensei que tivesse alguém que ama o Dire Straits tanto quanto eu.

Ela deu um passo para longe dele. Titubeou no ar gélido. Fechou os olhos, inspirou fundo, e começou a cantar num sussurro baixo, grave e afinado.

<i>A lovestruck Romeo</i>	Um Romeu apaixonado
<i>sings the streets a serenade</i>	canta uma serenata nas ruas
<i>laying everybody low</i>	deixa todo mundo no chão
<i>with a love song that he made</i>	com uma canção de amor que fez
<i>finds a streetlight</i>	ele encontra um poste
<i>steps out of the shade</i>	sai das sombras
<i>says summin' like:</i>	diz algo do tipo:
<i>"You and me, babe... how 'bout it?"</i>	"Você e eu, <i>baby</i> ... que tal?"

Ela abriu os olhos. Ele a encarava boquiaberto com os olhos brilhantes e úmidos, como se pudesse desatar a chorar.

– Você está *brilhando* – falou. – Está cantando a música de que eu mais gosto no mundo e reluzindo feito um diamante num anel de noivado.

Ela olhou para baixo e notou que era verdade. Sua garganta era um colar de luz cor de coral. Ela brilhava através do suéter.

Ele então se inclinou na sua direção e a beijou, um beijo cálido, afetuoso, com sabor de rum, café, manteiga, noz-pecã, cigarro e homem inglês. Afastou-se e a encarou com um ar hesitante.

– Sinto muito – falou.

– Tomara que não.

– Você está com gosto de chocolate.

– Ouvi dizer que uma colher de açúcar ajuda *mesmo* o remédio a descer.

– Isso é remédio?

– É uma parte importante da sua recuperação. Toma dois e me chama de manhã.

– Dois?

Ela tornou a beijá-lo, depois recuou e riu da cara que ele estava fazendo.

– Agora vamos lá, John. Sua vez de atirar. Vai atirar bem. Você é inglês. Tem o sangue de Robin

Hood correndo nas veias. Toma.

Ela lhe entregou o arco. Mostrou-lhe onde pôr as mãos, chutou seus pés para fazê-lo abrir as pernas.

– Puxa o cabo até o canto da boca, assim – explicou, imitando o gesto para ele. – Treina sem flecha um pouco.

Ele treinou, balançando-se no frio cortante, com as narinas vermelhas e o resto do rosto cor de cera clara.

– Que tal? Estou parecendo o Errol Flynn?

– Está um filho da puta muito do boa-pinta – respondeu Harper.

Ela recolheu uma das flechas nas pedras, segurou-a dentro de um dos punhos cerrados, fechou os olhos e enrugou a testa de concentração.

– O que está fazendo?

Ela não olhou para ele, mas sentiu seu olhar sobre si e ficou satisfeita. Nesse instante, soube que iria conseguir. Foi como saber que você ia acertar o centro do alvo antes mesmo de a flecha sair do arco.

Harper viu na mente o modo como iria mover as mãos após dizer *você e eu, baby, que tal*, sem usar nenhuma palavra. Viu tudo, e nesse momento soube como era fácil. Não era preciso fazer nada para se conectar com a Escama do Dragão. Nesse sentido, era igualzinho a estar grávida. Sentiu a música nos tendões e nas terminações nervosas, sentiu-a fluir feito sangue, sem som algum, sem palavras, sem nem mesmo a lembrança de palavras. Você e eu, *baby*, que tal?

Ela se acendeu. Quando abriu os olhos, viu uma chama sem calor jorrar da palma de sua mão, uma chama azul e mística que rodeou toda a flecha, e deu um grito de susto e a deixou cair.

O Bombeiro agarrou seu braço e bateu com sua mão debaixo do próprio casaco para extinguir a chama. Sardas surgiram muito vermelhas em suas faces. Ele estreitou os olhos por trás dos óculos.

– O que você está fazendo?

– Nada – respondeu ela.

– O que pensa que está fazendo, pelo amor do bom Deus? Você quer morrer?

– Eu... eu só queria ver se...

Mas ele já tinha virado as costas, com as abas do casaco esvoaçando, e começado a subir laboriosamente a duna.

Ela o alcançou no cume da subida, o ponto mais alto da ilha. O abrigo estava logo abaixo, encastrado no flanco do morro. Musgo e algas marinhas cobriam o telhado. Ela tentou segurar seu ombro, mas ele se virou e afastou a mão dela para longe.

Olhou-a com uma expressão atarantada e séria, os olhos semicerrados por trás das lentes quadradas.

– Era isso, então? A ideia era me embriagar e me dar mole para ver se conseguia me *enganar* e me fazer te ensinar a morrer queimada?

– Não. John. *Não*. Eu te beijei porque eu quis.

– Sabe o que aconteceu com a última pessoa que resolveu querer tirar um coelho em chamas da cartola?

– Eu sei o que aconteceu.

– Não sabe, não. Você não faz a menor ideia. Ela virou cinza. – Enquanto falava, ele recuava tropegamente para longe dela.

– Eu sei que ela morreu. Sei que foi horrível.

– Cala a boca. Você não sabe nada a não ser que eu tenho uma coisa que você quer, e vai fazer o que for preciso para conseguir: me deixar de porre, se mostrar, trepar comigo se necessário.

– *Não* – disse ela. Teve a sensação de estar presa num pé de urtiga. Não conseguia se desvencilhar, e tudo que dizia era um passo mais para dentro do emaranhado cheio de espinhos. – John. *Por favor*.

– *Você não sabe o que aconteceu com ela*. O que *ainda* está acontecendo com ela. Não entende nada sobre a gente. – O Bombeiro atirou o arco em cima do telhado, e foi então que ela percebeu que ele havia andado para trás até pisar no abrigo. Ele recuou mais um passo.

– Fica longe de mim. E nunca mais faz o que acabou de fazer. – Ele estendeu as mãos. Uma luz dourada pulsava em sua Escama do Dragão. Suas palmas viraram duas travessas rasas transbordantes de chamas. – A não ser que você queira queimar assim para sempre.

– John, para com isso, para de se mexer. Fica onde está e...

Ele não estava escutando. Deu mais um passo para trás e abriu os braços. Asas de um fogo fulgurante se espalharam por suas mãos e desceram pelas laterais do corpo como se fossem uma capa. Uma fumaça preta jorrou de suas narinas.

– A não ser que você queira passar o resto da vida no inferno – disse ele. – Igual à mm... mmm...

Seus olhos se arregalaram de espanto. Ele começou a girar os braços sem parar na tentativa de se

equilibrar, e desenhou no ar arcos flamejantes. Levou um dos joelhos ao chão, esticou-se para a frente e agarrou um punhado de mato. Durante um segundo de imobilidade perfeita, ficou pendurado num ângulo torto. O mato comprido e duro se transformou em fios de cobre e queimou dentro de sua mão quente.

– John! – gritou ela.

Ele caiu, desceu quicando pelo telhado de zinco, e despencou pela borda para dentro da noite. Ela o ouviu bater na duna com um baque, uma pancada, um arquejo e um leve grunhido.

Silêncio.

– Não quebrei nada! – disse ele lá para cima. – Não precisa se preocupar! Estou bem!

Ele tornou a se calar.

– Só o pulso, talvez – falou, com uma voz subitamente desconsolada.

Harper fechou os olhos e expirou aliviada.

– Ai – disse o Bombeiro.

Depois de ela encaixar o semilunar de volta – o osso entrou no lugar com um *tlec!* carnudo e um grito esganiçado – e enfaixar seu pulso outra vez, fez o Bombeiro beber duas conchas de água congelada e engolir quatro comprimidos de Advil. Obrigou-o a se deitar, então se deitou de conchinha atrás dele em sua cama de solteiro, com o braço ao redor da sua cintura.

– Seu babaca – falou. – Teve sorte de não quebrar essas costelas outra vez.

Ele pôs a mão machucada por cima da sua.

– Desculpa. Pelo que eu falei.

– Não quer me contar? O que aconteceu com ela?

– Não – respondeu ele. – Você quer mesmo escutar?

Ela pensou que já sabia quase tudo da história, mas apertou o polegar dele entre seus dedos para lhe informar que estava preparada para ouvir. Ele suspirou, um ruído cansado, exausto.

– De vez em quando a Sarah e eu vínhamos remando até aqui, sabe... até o chalé desta pequena ilha, para ficar longe dos outros. Allie não vinha com a gente; a essa altura ela já tinha se tornado completamente notívaga, e passava a maior parte do dia dormindo, armazenando energia para suas expedições noturnas. Nick vinha, mas em geral pegava no sono depois de um piquenique nas dunas. Havia camas no chalé, mas ele gostava de dormir no barco a remo. Curtia o embalo das ondas e o modo como o barco se chocava nas pilastras. Nessa época tinha um pequeno cais aqui, ao lado do chalé. Bom, não tinha problema ele dormir no barco. Assim Sarah e eu podíamos tomar um vinho, pegar um pouco de ar puro e fazer o que os adultos gostam de fazer dentro do chalé.

“Um dia, depois de almoçar frango frio e uma espécie de salada com uvas-passa, a gente deu uma namorada sonolenta entre os lençóis. Na hora em que estava pegando no sono, Sarah me pediu para ir ver se o Nick estava bem. Eu saí, descalço e de calça jeans, e vi um pequeno jato de chamas saindo do barco. Tenho certeza de que teria gritado, só que senti tanto medo que fiquei sem ar. Cambaleei até o cais tentando gritar o nome dele, como se Nick pudesse ter escutado. Tudo que saiu foi um chiado fraco. Tive certeza de que iria encontrar o menino em chamas.

“Só que ele não estava *em chamas*, estava *respirando* chamas. Toda vez que o barco batia nas pilastras, do cais ele tossia uma nuvem de fogo vermelho em forma de cogumelo e dava uma risadinha sonolenta. Não acho que estivesse de todo acordado nem soubesse muito bem o que estava fazendo. Sei que não reparou que eu estava ali olhando. Afinal, não podia me ouvir nem estava olhando na minha direção, e toda sua atenção sonolenta estava concentrada naquele seu truque com as chamas. Eu a essa altura já estava ajoelhado no chão. Minhas pernas tinham perdido as forças. Passei uns dois ou três minutos olhando para ele. Ele soltava anéis de fogo, então agitava os dedos e soltava um dardo de chamas para passar pelo anel.

“Finalmente consegui me levantar, embora meus joelhos ainda tremessem. Vóltei trôpego para o chalé. Minha língua estava grudada no céu da boca, e precisei beber água antes de conseguir falar. Acordei Sarah delicadamente e disse que precisava lhe mostrar uma coisa e para ela não ficar com medo. Disse que tinha a ver com o Nick e que ele estava bem, mas que ela precisava ver o que ele estava fazendo. E a levei até lá.

“Quando ela viu o fogo jorrando do barco, ficou com as pernas bambas também, e tive que segurar seu braço para ela não cair. Mas ela não chamou o nome do filho, não gritou. Deixou que eu a levasse até ele, e confiou em mim que não havia motivo para entrar em pânico.

“Ficamos parados ao seu lado e passamos uns bons cinco minutos vendo ele brincar com fogo, até que ela não conseguiu mais se conter e estendeu a mão para dentro do barco para tocar nele. Passou a mão por seus cabelos, e ele saiu do transe em que estava e passou alguns instantes tossindo fumaça preta e piscando os olhos sonolentos. Apareceu numa das laterais do barco com um ar encabulado, como se o tivéssemos surpreendido vendo uma revista de mulher pelada.

“Sarah subiu no barco, com o corpo inteiro tremendo, e tomou o filho nos braços. Fui atrás dela. Passamos um tempão sentados juntos sem dizer nada. Ele disse à mãe que não, não estava ferido, que aquilo não tinha lhe causado nenhuma dor. Disse que estava fazendo aquilo há dias e que nunca doía. Disse que sempre fazia dentro do barco, porque alguma coisa no balanço do mar o ajudava a entrar

naquele estado. Foi enumerando seus muitos feitos. Conseguia soltar fumaça pela boca, soprar jatos de chamas, e acender uma das mãos igual a uma tocha. Disse que tinha criado pequenas andorinhas de fogo e as feito sair voando, e que às vezes tinha a sensação de voar junto com elas, às vezes sentia que ele próprio era uma andorinha. Pedi para ele nos mostrar, e ele disse que não podia, não naquela hora. Disse que depois de pôr fogo em si mesmo às vezes precisava de um tempo para recarregar. Depois de lançar andorinhas, foi assim que descreveu o fato na língua dos sinais, às vezes era difícil se aquecer, pois ele sentia calafrios e tinha a sensação de estar ficando gripado.

“Eu quis saber como ele estava fazendo aquilo. Ele explicou da melhor maneira que conseguiu, mas é só um menino pequeno e a gente não aprendeu grande coisa, não nesse dia. Ele disse que dava para colocar a Escama do Dragão para dormir ninando-a devagarinho e cantando para ela como se canta para os bebês. Mas é claro que o Nick é surdo e não tem a menor ideia do que seja o som de alguém cantando. Ele disse que achava que a música era igual à maré ou à respiração: algo que fluía para perto e depois fluía de novo para longe, numa espécie de ritmo tranquilizador. Disse que criava esse fluxo na mente, e então a Escama do Dragão sonhava o que quer que ele quisesse que ela sonhasse. Criava anéis de fogo, ou andorinhas de chamas, ou o que mais ele quisesse. Eu disse que não entendia e perguntei se ele poderia me mostrar. Ele olhou para a mãe, e a Sarah aquiesceu e disse tudo bem, que ele podia tentar me ensinar a fazer aquilo... mas que se um de nós algum dia se machucasse teríamos que parar na hora.

“Minhas aulas começaram na manhã seguinte. Três dias depois, eu conseguia acender uma vela. Em uma semana, estava lançando cordas de fogo feito um lança-chamas ambulante. Comecei a me exhibir. Não conseguia me conter. Quando Allie e eu saíamos em uma das nossas missões de resgate, eu produzia uma parede de fumaça para criar uma fuga impressionante. E uma vez, quando fomos perseguidos por um Bonde da Cremação, virei para eles e entrei em combustão, me transformei num imenso demônio ardente alado para assustá-los. Eles fugiram uivando de medo!

“Como eu adorava ter minha própria lenda... Adorava que me encarassem, que cochichassem sobre mim. Não existe no mundo droga mais viciante do que a celebridade. Eu me gabava com Sarah de que ter pegado a Escama do Dragão era a melhor coisa que já tinha me acontecido. Dizia que, se alguém inventasse uma cura, eu me recusaria a tomar. Que a escama não era uma peste. Era a evolução.

“A gente muitas vezes conversava sobre as ideias que eu tinha em relação à Escama do Dragão: como era transmitida, como se vinculava à mente, como produzia enzimas para proteger Nick e eu das queimaduras. Eu disse que a gente conversava sobre as ideias que eu tinha. Na verdade, o que acontecia era que eu ficava falando e ela escutava. Ah, eu gostava de ter uma plateia para minhas ideias e teorias. É isso que deveria constar no atestado de óbito dela, sabe? Sarah Storey, morreu de tanto escutar John Rookwood. Em certo sentido, foi isso que aconteceu com ela.

“Eu me lembro do dia seguinte à primeira vez em que me transformei num diabo e assustei todo um bando de homens armados. Levei Sarah até a ilha para um piquenique e uma trepada de comemoração. Ela estava calada, perdida nos próprios pensamentos, mas eu estava entretido demais com a minha própria grandeza para reparar direito. A gente transou, e depois eu fiquei deitado na cama, me sentindo um astro do rock. Um astro do rock enfim. Ela se levantou, pegou a calça jeans e tirou do bolso uma garrafinha, uma garrafinha cheia de um pó branco. Perguntei o que era aquilo. Ela disse que era cinza infectada. Aí, bem na minha frente, despejou o pó na bancada da cozinha e cheirou. Ela se envenenou de propósito. Fez isso antes de eu ter tempo para gritar. Sabia tudo sobre como se infectar, claro, porque eu tinha dito a ela exatamente como o esporo se propagava.

“Três dias mais tarde, as primeiras marcas apareceram nas costas dela. Parecia que o diabo a tinha açoitado com um chicote em brasa. Eu estava certo quanto ao modo de transmissão, mas pela primeira vez não senti prazer algum em dizer ‘Eu já sabia’. Menos de quatro semanas depois, ela morreu.

15

Ele fez uma careta e segurou o pulso direito com a mão esquerda.

– Como está a dor? – perguntou Harper.

– Não é tão difícil falar sobre esse assunto quanto eu pensei. É bom lembrar dela, até das coisas ruins no final. Às vezes eu acho que passei os últimos nove meses acendendo fogos porque é bom queimar coisas. Tipo: se a Sarah queimou, o resto do mundo pode queimar também. Incêndio criminoso é tão bom quanto Prozac. – Ele se calou, pensativo. – Ai, merda. Você não estava perguntando sobre a dor psicológica, né?

– Pois é, eu estava perguntando sobre o seu pulso.

– Ah. Hum. Está bem dolorido, para dizer a verdade. É normal?

– Depois de os ossos do pulso saírem do lugar pela segunda vez? É, sim. – Ele entrelaçou os dedos da mão que não estava machucada nos dela. Olhou para a fornalha do outro lado do recinto, cuja portinhola aberta deixava entrever um quadrado de chamas amarelas saltitantes.

– Me incomoda um pouco o fato de isto aqui estar gostoso – falou.

– A gente está só se abraçando. Nem tirou a roupa.

– Eu não deveria ter te beijado lá fora.

– A gente tinha bebido. Estava se divertindo.

– Harper, eu ainda sou apaixonado por ela.

– Tudo bem, John. Isto aqui não significa nada.

– Só que *significa*, sim. Para mim significa alguma coisa.

– Tudo bem. Para mim também significa alguma coisa. Mas a gente não vai fazer nada em relação a que você precise se sentir mal. Ninguém te dava um abraço desde que ela morreu, e as pessoas precisam de abraços. Precisam de proximidade.

A lenha chiou e estalou na fornalha.

– Só que ela *não* morreu. Não está viva, mas também não está morta. Ela está... presa.

– Eu sei.

O Bombeiro virou a cabeça para encará-la, com os traços emaciados contraídos de alarme e espanto.

– Já faz um tempo que eu sei – disse Harper. – Eu a vi uma vez. Dentro do fogo. Sei que tem *alguma coisa* ali, de toda forma, alguma coisa na fornalha que você está mantendo viva. Mas, seja lá o que for, *não tem como* ser uma pessoa. Não tem como aquilo ter consciência. Uma chama não pode ter consciência.

– O *esporo* pode. É assim que a Fênix parece viva. Ela *está* viva. Faz parte de mim. Igual a uma mão. O corpo da Sarah queimou, mas a moça no fogo ainda vive. Enquanto eu mantiver o fogo aceso, alguma parte incombustível dela sobrevive.

– Você deveria dormir.

– Não acho que eu vá conseguir. Não com o pulso latejando deste jeito. Além do mais, talvez não seja só eu quem precise contar. Talvez você também precise ouvir. Antes de seguir mais por essa estrada em que está e acabar se matando igual a ela.

16

– Ela entrou no Brilho na hora. Nunca vi ninguém fazer isso mais depressa. Quatro dias depois de exibir marcas visíveis, a Sarah já estava acendendo com a gente, transbordando de brilho e contentamento. Você conhece a beleza peculiar que a escama pode ter, não é? Comparar a Sarah aos outros era como comparar um raio a um vaga-lume. Era empolgante, e um pouco assustador. O poder dela era maior do que o de qualquer um de nós. Depois de ela tocar órgão, ninguém mais conseguia lembrar o próprio nome, só o dela. Durante horas depois de nos unirmos no Brilho, as pessoas zanzavam por aí falando igual a ela, andando igual a ela.

– Carol agora tem o mesmo efeito nas pessoas. – Harper refletiu por um instante, então tornou a falar. – Acho que Allie também. Num grau menor.

– Sarah quis que eu mostrasse a ela como entrar em combustão, como lançar chamas. Quis saber como fazer para transferir sua consciência para o fogo. A essa altura eu já estava incorporando a Fênix em tentativas de resgate, e Nick produzia bandos de andorinhas flamejantes para caçar infectados. Mas eu não quis ensinar à Sarah. Fiquei morrendo de raiva. De raiva e de medo. Uma coisa era se contaminar por acidente, e outra bem diferente se contaminar de propósito. Ela também não largava do meu pé. Jogava na minha cara toda vez que eu me gabava, toda vez que fazia uma preleção de sabe-tudo, toda vez que eu manifestava com superioridade alguma certeza. Se lançar fogo era seguro para seu filho surdo de 9 anos e para o seu namorado, era seguro para ela também. Eu tinha lhe dito que não trocaria a escama por nada, que estava *feliz* por ser portador. *Todos nós* não dizíamos isso diariamente na capela, a sorte que tínhamos? O quanto éramos abençoados? Sarah tinha nos visto delirar de prazer e deleite. Como eu poderia querer isso para mim e negar o mesmo a ela? Sarah tinha me visto lutar pelos doentes e queria lutar ao meu lado. Como eu podia recusar isso a ela?

“Quanto mais ela falava, mais teimoso eu ficava. Detestei a ela, a mim mesmo, ao mundo todo. Fiquei doente com isso, doente de tanta maldade. Havia muita coisa que eu não sabia. Apenas duas pessoas eram capazes de lançar fogo sem se machucar: Nick e eu. Eu resistia a ensinar Allie, embora ela tivesse insistido bastante. Tinha motivos sólidos para minha relutância. Pense por exemplo no seguinte: e se o domínio total da Escama do Dragão só for possível para quem tiver um cromossomo Y? Tenho certeza de que soa sexista, mas a natureza nunca teve grande interesse pela igualdade de gênero. E se for preciso um determinado tipo sanguíneo para fazer a coisa funcionar? E se for uma mutação do DNA, como aquelas pessoas imunes ao HIV por causa de uma mutação que as faz não ter o receptor que o vírus necessita para infectá-las?

“De modo que eu não quis ensinar à Sarah. Nas últimas semanas, mal estava falando com ela. A gente batia boca, gritava um com o outro, mas eu não chamaria isso de falar. Pensei que, se eu não lhe ensinasse, pelo menos ela não estaria em situação pior do que a de qualquer outra pessoa na colônia. Pelo menos poderia se manter segura entrando no Brilho. Pensei que a estaria protegendo isolando-a desse jeito. Erguendo um muro entre nós dois.”

Se Harper apurasse bastante os ouvidos, podia ouvir as brasas assobiando baixinho dentro da fornalha.

– Então ela recorreu ao Nick – falou.

– É – respondeu o Bombeiro num tom desenhado. – Nick me disse depois que ela aprendeu rapidamente a acender velas com as pontas dos dedos, que era como eu tinha começado. Disse que pensou que, se a mãe conseguia fazer isso, significava que era seguro lhe ensinar mais coisas. Mas disse também que, na primeira vez em que ela acendeu uma vela, ganiu como se estivesse sendo queimada, embora tenha dito a ele que só gritou de susto. Mais tarde ele percebeu que ela sempre mantinha um copo de água fria ao alcance da mão, e que depois de acender velas o segurava com força, como se estivesse com as pontas dos dedos doloridas. As vezes chegava a mergulhar os dedos n’água. Tudo isso foi feito sem eu saber. Eles treinavam à noite, no chalé, quando eu estava fora com Allie resgatando doentes e aperfeiçoando a minha lenda pessoal.

“Sarah quis aprender a projetar sua consciência para dentro de marionetes de fogo, como eu fazia com a Fênix e Nick com seus bandos de andorinhas flamejantes. Nick achou que fosse como pular a adição simples e ir direto para as frações. Queria que ela primeiro tentasse transformar a mão em tocha,

ou que treinasse lançar bolas de fogo. Mas ela o provocou, brincou com ele e o trapaceou para convencê-lo. Nick não teve a menor chance. Então explicou para ela os princípios gerais, só as ideias básicas. Não achou que ela fosse de fato... imaginou que ela estivesse só curiosa... e...

Ele tornou a se calar e ficou encarando a fornalha, cuja claridade alaranjada dançava sobre seus traços como um toque delicado.

– Eu tinha acabado de voltar de uma das minhas expedições com Allie. Tínhamos voltado para a colônia com alguns refugiados... entre eles o pobre do Nelson Heinrich, acho eu. Eu já estava a caminho da ilha quando vi fumaça saindo do chalé. Tudo acabou muito antes de qualquer um na colônia se dar conta do que estava acontecendo.

“Remei até o cais na ponta sul da ilha, o que não existe mais. Quando subi nas tábuas, o telhado do chalé ruiu. Me joguei lá dentro pela porta dos fundos, e um segundo depois a chaminé desabou no cais atrás de mim e esmagou a maior parte dele dentro d’água. O primeiro andar inteiro tinha vigas antigas e expostas. Uma delas havia caído em cima do Nick. Ele estava desacordado, mas pude ver que ainda respirava. O calor subia distorcendo o ar. Tudo era fumaça e faísca. Eu vi Nick... e vi *Sarah*. O que restava dela. Ossos, cinzas, e... e... – Ele engoliu em seco, balançou a cabeça e afastou a lembrança. – Tenho certeza de que se Nick não estivesse lá eu teria desmoronado. Fiquei histérico. Em choque. Só que ele *estava* lá, e eu precisava tirá-lo. Tentei levantar a viga, mas não consegui. Ela devia pesar quase 200 quilos. Fiz força, mas não consegui tirá-la do lugar. Gritei com Deus, gritei com Sarah, apenas gritei.

“Aí ela estava lá comigo. Do outro lado da viga, ao lado do filho.” O Bombeiro agora falava num sussurro enquanto encarava a fornalha com o que poderia ser assombro ou temor. “Estremeci ao vê-la. No meio de todo o calor daquele incêndio, estremeci como se estivesse debaixo de uma chuva gelada. Ela estava tão bonita. Estava a coisa mais linda. Era uma chama ambulante, azul feito um maçarico, e seus cabelos eram fitas esvoaçantes de fogo vermelho e dourado. Ela criou uma machadinha do nada, uma machadinha de fogo, entende, e a brandiu através de uma das pontas da viga. Partiu a viga em dois com um golpe só. Aquela machadinha estava tão quente que teria cortado a viga mesmo que fosse uma viga-mestra de ferro. Eu tirei o pedaço de madeira de cima de Nick e dei o fora de lá com ele. Só olhei para trás uma vez, para a porta. Sarah continuava em pé ali, me vendo ir embora com ele. Ela me *reconheceu*. Pude ver o reconhecimento nos seus traços. Seu rosto estava lindo... lindo e triste. Confuso. Eu *sabia* que ela possuía uma consciência. Em um instante era uma mulher. No instante seguinte, era um elemento de fogo.

“A casa implodiu. O fogo ardia baixo. Eu não saí da ilha. Fiquei sentado nas dunas, olhando. As pessoas vinham me procurar para oferecer comida ou reconforto. Eu não lhes dava atenção. Allie passou horas sentada comigo. O sol nasceu, quente, seco, assou a ilha lá do céu e eu não me mexi. A casa continuava pegando fogo quando o sol tornou a se pôr, embora a essa altura já fossem quase só carvões fumegantes. Cochilei por um tempo. Quando acordei, a Sarah estava em pé no meio do que restava da ruína, um fantasma de chama clara e dourada. Sumiu quase na mesma hora em que a vi, mas eu agora já tinha certeza. O que restava da consciência dela estava entremeado às brasas, espalhado num bilhão de partículas microscópicas de Escama do Dragão que não queriam nem podiam ser destruídas. Ela era cinzas e chama. Desde então eu moro aqui na ilha, e nunca deixei esse primeiro fogo se extinguir. Ele continua aceso dentro da fornalha. Sarah continua lá. Continua comigo. Acho que a consciência dela é mantida pela energia que o fogo produz, e só vai se desfazer quando a chama apagar por completo.

“E eu acho que é essa a história. Poucas pessoas na colônia têm ideia do que o Nick é capaz. Ele não lança mais chamas. Dá para entender por quê. Ele se considera responsável pela morte da mãe. Você consegue imaginar um menino de 9 anos com esse pensamento na cabeça? Ele não sabe que a Sarah continua conosco, e eu não me atrevi a lhe mostrar. Tenho medo do que isso poderia causar nele. E se ele achar que ela está sofrendo e que a culpa é dele?” John se remexeu de modo desconfortável, e seu olhar se transferiu da fornalha para a porta. Ele se retesou. “Meu Deus. Faz quatro horas que você está aqui. Precisa voltar para a enfermaria antes de o sol nascer. Já ficou tempo demais.”

– Mais um minuto – disse ela. – Michael prometeu que poderia segurar as pontas a noite inteira se fosse preciso.

O Bombeiro rolou parcialmente para trás de modo a encará-la de frente.

– Harper, você precisa se cuidar. Tem um menino que te ama muito. Você é a única coisa que o faz seguir em frente. – Ela levou alguns instantes para entender que ele estava se referindo a Nick, não a si mesmo. – Ele ainda está cheio de culpa. Está preso debaixo da culpa, tão preso quanto jamais estive debaixo da viga.

– Olha quem fala – comentou ela.

Por um instante, ele não conseguiu sustentar seu olhar.

– Está *vendo* por que eu não quero que você nunca mais faça nada do tipo daquilo que tentou fazer com a flecha? Eu já perdi a mulher que amava. Você não pode pegar fogo igual e ela, enfermeira Willowes. Não posso perder você também.

Ela ainda passou mais alguns instantes abraçada nele, então beijou sua bochecha coberta pelas suíças e desceu da cama. Arrumou os lençóis por cima dele, ajeitando-o. Ficou parada ao seu lado e observou seu rosto magro e cansado.

– O que aconteceu com Sarah Storey não foi culpa sua, sabe? – falou. – Nem sua nem do Nick. Nenhum de vocês dois tem o direito de se culpar pela morte dela. Harold Cross poderia ter explicado por quê. Eu te amo, John Rookwood... – Ela nunca tinha lhe dito isso antes, mas nessa hora falou, com firmeza e calma, e seguiu falando sem lhe dar uma chance de responder. – ... mas você *não é* médico e *não* entende a natureza dessa infecção. Sarah Storey não morreu porque Nick não soube lhe ensinar direito. Ela não morreu porque não tinha um cromossomo Y. Nem porque não tinha alguma mutação necessária. Nem por qualquer outro motivo aleatório em que você possa pensar. Em meio às suas poesias horríveis e à sua repulsiva misoginia, Harold encheu um bloco inteiro com pesquisas sólidas. O esporo só penetra o cérebro humano muito devagar. Leva cerca de seis semanas para chegar à região de Broca, a área que processa a comunicação. Mesmo em quem é surdo. Você disse que ela só estava infectada há... o quê? Duas semanas? Três? Ela tentou antes da hora. Simples assim.

Ele a encarou, assombrado.

– Você não tem como saber isso. Não tem como ter certeza.

– Só que eu *sei*, John. Você tem todo o direito de fazer seu luto, mas acho que a sua culpa não é merecida. Nem os seus temores quanto à minha segurança. Já faz quase nove meses que eu estou coberta pela Escama do Dragão. O esporo está em cada célula do meu corpo. Não tem nada que você saiba fazer que eu não possa aprender. Você deveria ter conversado com o Harold.

O Bombeiro soltou um longo suspiro, e ao mesmo tempo pareceu menor, esvaziado.

– Eu... eu não tive muito contato com o Harold nas últimas semanas antes de o pobre rapaz morrer. Ele foi grotesco com a Allie, e eu estava aqui na ilha, de luto. Mal o vi. Na verdade, fiz questão de evitá-lo.

– Como assim? Foi você quem o ajudou a sair da enfermaria. Ele escreveu no diário.

O Bombeiro a encarou com um ar de surpresa e incompreensão.

– Ou você está enganada, ou ele estava escrevendo um diário de devaneios. Nesse caso, também não tenho certeza se a gente deve confiar muito nas informações médicas dele. Eu não o ajudei a sair da enfermaria. Nem uma vez sequer. Você não faz ideia do ogro detestável que ele era.

Harper o encarou com um ar vazio, sentindo-se perdida e confusa. Tinha lido o diário muitas vezes, e tinha certeza de que Harold havia afirmado que John Rookwood fora seu único aliado nos últimos dias.

– Chega dessa conversa – disse ele, e meneou a cabeça em direção à porta. – Você tem de ir. Seja discreta e volte logo para a enfermaria. Depois a gente entende o que aconteceu. Vai haver outra noite para isso.

Mas nunca houve.

Harper voltou no escuro; o ar curiosamente cálido estava perfumado pelo cheiro dos pinheiros e da rica marga negra. Quando ela entrou discretamente na enfermaria, uma fina linha de luz leitosa pintava a borda leste mais afastada do Atlântico com uma claridade pálida. Encontrou Michael esparramado no sofá da sala de espera com uma *Ranger Rick* aberta sobre o peito e os olhos fechados. Quando ela fechou a porta, ele se mexeu, espreguiçou-se, e esfregou o rosto macio de menino.

– Teve algum problema? – indagou Harper.

– Um problema grave – respondeu ele, e ergueu a revista. – Empaquei no meio do caça-palavras, o que é bem patético levando em conta que isto é uma revista infantil. – Ele deu um grande sorriso sonolento e inocente. – Pelo que eu soube, os presidiários voltaram sem problemas e ninguém desconfiou de nada. Acho que Chuck Cargill ficou bem irritado por passar uma hora trancado dentro do frigorífico. Falou que iria escalar um se alguém dissesse alguma coisa para Ben Patchett e criasse problemas para ele.

– Uma noite dessas eu gostaria de providenciar uma transfusão e pôr um pouco do seu sangue em mim, Michael. Uma dose da sua coragem me cairia bem.

– Só fico feliz que a senhora tenha conseguido passar algumas horas com seu namorado. Se tem alguém nesta colônia que merece uma noite de amor e carinho, esse alguém é a senhora.

Harper quis dizer a ele que o Bombeiro não era exatamente seu namorado, mas quando tentou responder constatou que sua garganta estava engasgada, e sentiu no rosto uma quentura que nada tinha a ver com a Escama do Dragão. Outro tipo de rapaz talvez tivesse rido daquele seu constrangimento, mas Michael só fez redirecionar educadamente os olhos para seu caça-palavras. – Minhas duas irmãs teriam terminado este troço há horas, e nenhuma das duas tinha nem 10 anos. Acho que amanhã eu consigo. Combinei com o Ben de ficar vigiando a enfermaria a semana inteira. Caso a senhora precise de mais tempo para resolver as coisas com o Sr. Rookwood, ou para transmitir recados para os outros, ou sei lá o quê.

– Michael, eu seria capaz de dar um beijo na sua boca.

O rapaz ficou escarlate até as orelhas, e Harper riu.

Pensou que encontraria Nick dormindo ao voltar, e de fato encontrou... mas não na cama dele nem na sua. O menino estava esticado ao lado do avô. Tinha um dos braços por cima do peito de Tom Storey, e sua mãozinha rechonchuda descansava sobre o coração de Tom. O peito subiu, ficou parado por um intervalo de tempo perturbador, então afundou, num ciclo lento e cansado que fez Harper pensar num mastro de perfuração de petróleo velho a ponto de parar.

Uma nesga pálida de aurora caía sobre a bochecha de Nick, ressaltando o calor rosado e saudável de sua pele inacreditavelmente perfeita. A luz tocava alguns cachos dos cabelos pretos bagunçados e pintava as pontas com tons de bronze e cobre. Ela não conseguiu se conter. Quando deu a volta até o outro lado da cama para verificar a perfusão de Pai Storey, estendeu a mão e afagou de leve os cabelos de Nick, deliciando-se com sua maciez infantil.

O menino abriu os olhos devagar e deu um enorme bocejo.

– Desculpa – disse ela com as mãos. – Volta a dormir.

Ele a ignorou e respondeu com gestos:

– Ele acordou outra vez.

– Por quanto tempo?

– Só alguns minutos. Falou meu nome. Com a boca, não só na língua dos sinais, mas eu entendi.

– Ele disse mais alguma coisa?

Uma sombra escureceu o rosto de Nick.

– Perguntou onde estava a minha mãe. Não se lembrava dessa parte... que ela tinha morrido. Eu não consegui contar. Disse que não sabia onde ela estava. – Ele virou o rosto e olhou pela janela para a claridade cor de sangue da luz matinal.

A Escama do Dragão tinha a capacidade de reconstruir a biologia dos pulmões de uma pessoa, tornando-a capaz de respirar até mesmo em meio a uma fumaça sufocante. Mas não podia fazer nada em

relação à sua vergonha, não podia fazer você respirar com mais facilidade quando estava com uma viga de duzentos quilos de culpa em cima do peito. Ela quis dizer a Nick que ele não tinha matado ninguém. Que se culpar pelo que havia acontecido com a mãe era tão bobo quanto culpar a gravidade quando alguém pulava de uma janela e despencava dez andares. Tampouco fazia sentido culpar sua mãe; quando Sarah Storey havia pulado da janela, ela acreditava honestamente, como todo o seu coração, que conseguiria voar. No fim das contas, a morte pela peste não era uma punição por falhas morais. Homens e mulheres não passavam de lenha, e numa época de contágio os bons e os maus serviam de alimento para as chamas alternadamente, sem qualquer discriminação entre eles.

– Ele vai lembrar algumas coisas – disse Harper a Nick.

– E de outras não?

– Outras não.

– Como quem tentou matar ele?

– Vamos esperar – disse ela. – Com o tempo, ele talvez se lembre de bastante coisa.

Nick franziu o cenho, então falou:

– Ele me disse que quer falar com você. Disse que só precisa dormir mais um pouquinho.

Harper sorriu.

– Ele disse quanto mais?

– Só até hoje à noite.

– Foi isso que ele disse? – indagou ela.

Nick acquiesceu, solene.

– Tá bom – disse Harper. – Mas tenta não ficar decepcionado se ele não acordar hoje. A cura dele vai ser longa e lenta.

– Ele vai estar pronto – falou Nick. – Você vai?

18

Numa reviravolta inesperada, Pai Storey, completamente recuperado e usando uma sobrepeliz branca imaculada, dizia a Harper para ir até o velho ônibus escolar, nos portões da Colônia Wyndham, e ficar vigiando na estrada. Falou de um jeito formal, como alguém que cita uma linha da Bíblia. Emitiu seu comando de cima de um trono de rocha branca e nua no meio do Círculo dos Monumentos, enquanto seus fiéis emergiam pelas imensas portas vermelhas da capela atrás dele. Alegre, o povo da Colônia Wyndham ria e conversava animadamente enquanto algumas das crianças cantavam com suas vozes agudas e melodiosas a música “Burning Down the House”, “pôr fogo na casa”. Harper ficou preocupada ao notar que alguns dos adultos carregavam grandes latões vermelhos de gasolina.

– O que está acontecendo?

– Foi-me anunciado que devemos organizar um banquete – informou Pai Storey. – Pois estamos à espera de amigos que irão chegar hoje à noite trazendo boas novas. E eu te digo, levanta-te, segue a estrada e vai ficar de vigia. Nós vamos preparar a fogueira, e assar biscoitos recheados com marshmallow e chocolate em nome do Brilho. – Ele lhe deu uma piscadela. – Se não demorares muito eu guardo um para ti.

Ela quis perguntar quem tinha anunciado tudo isso, mas o tempo deu um salto antes de conseguir descobrir, e então ela estava andando pela estrada sob um céu escuro e sem estrelas. Ao longe, podia ouvir a congregação rugindo uma música do Talking Heads, berrando sobre o doce alívio de pôr fogo em tudo. Apressou o passo. Não queria ficar sem os biscoitos recheados de marshmallow e chocolate. Perguntou-se quem teria trazido o chocolate e os marshmallows. Decerto a mesma pessoa que fizera o anúncio.

Estava com tanta pressa que quase tropeçou no homem no meio da estrada. Para não pisar nele, esquivou-se de qualquer maneira para o meio do mato alto e molhado. Ainda não tinha chegado ao ônibus, situado mais embaixo no morro.

Nelson Heinrich levantou a cabeça e olhou para ela. Ela soube que era Nelson por causa do feio suéter natalino, apesar de ele ter tido metade do rosto arrancada e os músculos contraídos e vermelhos estarem visíveis. Seus olhos embaçados e bem-humorados espiaram do interior dessa máscara rubra reluzente. Ele estava quase igual ao busto anatômico que costumava ficar sobre a bancada na enfermaria.

– Eu falei que ia chegar! – disse Nelson. – Espero que tenha chocolate e marshmallow para todo mundo! Trouxe uns amigos!

No pé do morro, o Freightliner roncava, e uma fumaça imunda se desprendia do cano de escapamento atrás da cabine.

Nelson se arrastou mais uns 15 centímetros pondo um braço na frente do outro. Suas vísceras, longas cordas de intestinos, se arrastavam pelo chão atrás dele.

– *Vamos lá, pessoal!* – gritou ele. – *Eu disse a vocês que saberia mostrar onde encontrar os caras! Vamos lá pegar um doce! Uma colher de açúcar para todo mundo!*

Harper fugiu. Já não era tão ágil quanto antes. Grávida de oito meses, corria com toda a ligeireza e graça de uma mulher carregando uma grande cadeira estofada.

Mas mesmo assim foi mais rápida do que Nelson, e o Freightliner ainda não estava se mexendo, de modo que chegou ao alto do morro antes de ambos e adentrou a luz da grande fogueira. Uma imensa fogueira ardia, uma montanha de brasas do tamanho de um chalé, e grandes línguas de fogo lambiam a noite nublada. Em vez de estrelas, a noite estava povoada por constelações de centelhas agonizantes. Harper abriu a boca para gritar, mas não havia ninguém para ouvi-la, ninguém em pé ao redor da fogueira com marshmallows em espetos, nenhuma rodinha de adultos bebendo cidra, nem crianças correndo atrás umas das outras e cantando. Ninguém havia se reunido para curtir a fogueira; eles *eram* a fogueira. O fogo aceso era uma grande colina desabada de cadáveres negros, nos quais chamas jorravam pelas órbitas oculares dos crânios carbonizados e o calor assobiava pelas caixas torácicas assadas. O fogo produzia um som bem alegre: nós de madeira estourando, corpos chiando. Nick estava sentado bem no topo da fogueira. Ela pôde ver que era Nick porque, muito embora ele fosse um cadáver cozido e encarquilhado, a encarava com seus olhos ardentes ao mesmo tempo em que fazia gestos frenéticos com as mãos: *Atrás de você atrás de você **atrás de você**.*

Ela se virou bem na hora em que Jakob acionou a buzina pneumática do Freightliner para produzir uma explosão de som aguda e ensurdecadora. O caminhão estava ligado, com os faróis apagados, a uns 7 metros de distância, e seu ex-marido não passava de um contorno escuro atrás do volante.

– Cheguei, querida! – gritou ele. – Você e eu, *baby*! Que tal?

E um grande barulho soou quando ele engatou a marcha do imenso caminhão cor de laranja, e os faróis se acenderam, quanta luz, quanta...

19

... luz acesa na sua cara. Ela piscou os olhos e se sentou, com uma das mãos erguidas para proteger os olhos da claridade. Sentiu um gosto de bile na garganta.

Espiou para além do facho da lanterna. Quem a segurava era Nick, com os olhos do rosto pequeno e bonito arregalados, os cabelos uma adorável bagunça. Levou um dedo à boca, *shhh*, em seguida apontou para Pai Storey.

O velho tinha os olhos abertos e sorria para Harper, seu antigo, suave e bondoso sorriso de Dumbledore. Exibia um olhar totalmente límpido e alerta.

Harper se sentou e se virou de frente para ele, deixando as pernas penderem da lateral da cama. Uma vela tremeluzia num pires na cabeceira de Pai Storey.

Com uma voz baixa e frágil, ele falou:

– De vez em quando, meu amigo John Rookwood brincava comigo dizendo que o estudo da teologia era tão inútil quanto um furo na cabeça. Pelo que Nick me falou, você salvou minha vida furando a parte de trás da minha cabeça com uma broca de um quarto de polegada. Acho que isso me dá uma vantagem em relação a John. Vamos ter que avisar a ele. – Seus olhos cintilavam. – Ele também gostava de me dizer que as pessoas religiosas têm a cabeça fechada. Quem tem a cabeça aberta agora, hein?

– O senhor se lembra de quem eu sou, pai? – perguntou ela.

– Sim! A enfermeira. Tenho bastante certeza de que éramos amigos, mas infelizmente acho que estou com dificuldade para recordar seu nome agora. Você cortou os cabelos, e acho que isso está me confundido. Seu nome é... Juliet Andrews? Não. Não é... não é bem isso.

– Harper – disse ela.

– Ah! – fez ele. – Isso mesmo! Harper... – Ele franziu a testa. – Harper Gallows?

– Quase! Willowes. – Ela tocou-lhe o punho para tomar sua pulsação. Estava forte, regular e lenta. – Como está sua cabeça?

– Não tão ruim quanto meu pé esquerdo – respondeu ele.

– Qual o problema com seu pé esquerdo?

– Parece que foi mordido por formigas.

Ela foi até o pé do leito e examinou seu pé. Entre o dedão e o segundo dedo havia um calombo infectado, onde ele de fato parecia ter sido picado por uma aranha. Havia outras marcas vermelhas mais antigas em lugares nos quais ele fora mordido outras vezes, tudo rodeado por um hematoma amarelado.

– Hmmm – fez ela. – *Alguma coisa* mordeu o senhor. Eu sinto muito por isso. Devia estar preocupada em cuidar desse furo no seu coco. O senhor teve um grave hematoma subdural. Quase morreu.

– Quanto tempo passei apagado? – quis saber ele.

– Um pouco mais de dois meses. Nos últimos dias, vem recobrando e perdendo a consciência outra vez. Depois do seu ferimento na cabeça, houve... sérias complicações. O senhor teve pelo menos duas convulsões, com várias semanas de intervalo. Em uma dessas vezes, duvidei que fosse se recuperar.

– AVCs?

Ela se sentou na beira da cama. Na língua dos sinais, pediu a Nick para ir pegar seu “negócio de escutar coração”, e ele foi até a bancada pegar seu estetoscópio.

– Está falando com meu neto na língua dos sinais? – perguntou Pai Storey.

– Nick é bom professor.

Isso o fez sorrir. Ele então franziu a testa, pensativo.

– Se eu tive um AVC, como é que minha fala não está arrastada?

– Isso nem sempre acontece. Idem em relação à paralisia parcial. Mas o senhor consegue sentir as duas mãos, os dois pés? Seu rosto não está dormente?

Ele alisou a barba, beliscou o nariz.

– Não.

– Ótimo – disse ela com uma voz lenta enquanto raciocinava. Enquanto via na mente a picada de aranha vermelha e inchada entre os dedos do pé dele, em seguida a descartava.

Nick trouxe o estetoscópio. Ela auscultou o coração (forte) e os pulmões (limpos) de Pai Storey. Testou sua visão pedindo-lhe para acompanhar com os olhos a cabeça de um cotonete que aproximou e

em seguida afastou do seu nariz.

– Eu vou entrar em coma outra vez? – perguntou ele.

– Acho que não.

– De onde veio essa intravenosa? – indagou ele, olhando para o equipamento.

– É uma longa história. Muita coisa mudou nos últimos meses.

Os olhos dele se iluminaram de empolgação.

– Acharam uma cura? Para a escama?

– Não – respondeu ela.

– Não. Claro que não. Se tivessem achado, não estaríamos ainda escondidos na Colônia Wyndham, e você não estaria me tratando na enfermaria. – Ele estudou o rosto dela, e seu sorriso se tornou triste e preocupado. – Carol? O que foi que ela fez?

– Por enquanto vamos manter o foco no senhor. Gostaria de tomar um gole d’água?

– Sim. Gostaria também que você respondesse à minha pergunta. Acho que posso dar conta das duas coisas ao mesmo tempo.

Harper não pediu a Nick para ir buscar a água, mas foi ela própria servir. Queria tempo para pensar. Quando voltou à cama, segurou a xícara e esperou Pai Storey levantar a cabeça do travesseiro com esforço e dar um gole. Ao terminar, ele se deixou cair de novo sobre o travesseiro e estalou os lábios.

– Acho que seria melhor a própria Carol conversar com o senhor – disse Harper. – Ela vai ficar aliviada ao saber que o senhor acordou. Tem andado... morta de preocupação. Embora tenha tido o apoio de Ben Patchett e sua equipe de Sentinelas, o que foi muito importante. Enfim, pelo menos eles mantiveram as coisas funcionando. – Pensou que aquele era um modo diplomático de dizer as coisas.

Pai Storey não estava mais sorrindo. Tinha a tez pálida e adoentada, e estava começando a transpirar.

– Não, é melhor eu falar com John primeiro. Antes de a minha filha ser avisada que eu acordei. Pode trazê-lo até mim? Há assuntos que não podem esperar. – Ele fez uma pausa, então cruzou olhares com ela. – O que fizeram com a pessoa que me atacou?

– Nós não *sabemos* quem atacou o senhor. Tem quem ache que foi um dos prisioneiros, um homem chamado Mark Mazzucchelli. Mas ele insiste que vocês dois se separaram na mata e que, quando ele o deixou, o senhor estava bem. Eu levantei a possibilidade de o senhor ter sido atacado pela ladra da colônia, que queria calar sua boca antes de o senhor poder...

– Denunciá-la por causa de umas latas de apresuntado? – completou Pai Storey. – Mas o que eu sei sobre a ladra, afinal?

– O senhor me disse que sabia quem era.

– Disse? Eu não... não *acho* que tenha dito isso. Mas imagino que possa ter esquecido. Tem muitas coisas das quais não me lembro, *inclusive* quem decidiu me dar uma bordoadinha na cabeça. – Ele franziu os lábios e enrugou a testa, então balançou a cabeça. – Não. Eu não acho que algum dia tenha descoberto quem era a ladra.

– Na canoa o senhor me disse que alguém precisaria ir embora da colônia. Lembra dessa conversa? – perguntou Harper. – Na noite em que remamos juntos até South Mill Pond?

– Na verdade, não – respondeu Pai Storey. – Mas tenho certeza de que não estava me referindo à ladra.

– Então sobre quem o senhor acha que estava falando? – indagou Harper.

– Suponho que estivéssemos conversando sobre a minha filha – disse Pai Storey, como se isso devesse ser óbvio. – Carol. Ela mandou um Bonde da Cremação vir atrás de Harold Cross. Tramou o fim do rapaz... organizou tudo para que, quando Ben Patchett atirasse no coitado, ficasse parecendo que fora *obrigado*, para proteger a colônia e impedir Harold de dar informações aos nossos inimigos.

20

Harper olhou com o rabo do olho para Nick. O menino havia se acomodado ao pé da cama dela com as mãos unidas sob o queixo para observar o avô. Sua expressão era um sereno vazio. A enfermaria estava muito escura, apenas a chama baixa daquela única vela lançava alguma luz, e ela não sentiu que Nick tivesse qualquer ideia do que Pai Storey acabara de lhe contar. Lembrou a si mesma que nem com a melhor das luzes ele era muito bom em leitura labial.

– Como o senhor sabe isso? – perguntou Harper.

– A própria Carol me disse. Você deve se lembrar que, da última vez em que falei à congregação, debati a necessidade de procurarmos encontrar perdão em nossos corações pela ladra. Mais tarde, quando ficamos sozinhos, Carol e eu brigamos por causa disso. Ela me disse que eu era fraco, e que as pessoas da colônia iriam nos abandonar se não demonstrássemos força. Disse que eu deveria ter feito de Harold Cross um exemplo. Eu comentei que Harold Cross tinha *mesmo* virado um terrível exemplo, exemplo que, eu tinha certeza, agradava a ela. Eu estava sendo desagradável e exagerando, mas ela se confundiu e disse, com uma voz sem entonação: “Quer dizer então que você sabe.” Senti o peito inteiro gelar e perguntei: “Como assim?” E ela respondeu: “Que eu usei o Harold para dar um exemplo.”

“É claro que eu só quisera dizer que Harold havia desobedecido e acabado sendo morto, mas Carol entendeu errado e pensou que eu a estivesse confrontando em relação ao que tinha feito. Disse que era até melhor ter chamado um Bonde da Cremação para pegá-lo. Caso não o tivesse feito, Harold de toda forma teria sido descoberto em algum momento, só que talvez não houvesse ninguém por perto para impedir que ele fosse capturado vivo. Disse que não sentia a menor vergonha. Tinha salvado a mim, meus netos, a colônia inteira. Estava com o rosto corado e uma expressão de... *triumfo*. Eu disse que não acreditava que Ben Patchett fosse participar de uma trama dessas, e ela riu, como se eu tivesse contado uma piada muito boa. Disse que eu não fazia ideia de como era difícil fingir que todo mundo era tão bom e tão gentil quanto eu esperava que fossem, como era difícil perpetuar minhas fantasias infantis de decência cotidiana e abundante perdão. Eu não soube o que responder. Não conseguia raciocinar. Ela disse que sob diversos aspectos eu era tão responsável pela morte de Harold quanto ela, que eu tinha forçado todos nós a nos encalacrarmos numa situação em que ele *precisava* ser morto. Disse que, se tivesse havido punições mais severas desde o início, se por exemplo nós o tivéssemos obrigado a andar com os pés acorrentados ou lhe dado uma surra de vara em público, ele não teria insistido em continuar a pôr todo mundo em risco saindo da colônia escondido. Bem, antes de eu conseguir pensar numa resposta, Ben Patchett começou a esmurrar a porta dizendo que estava na hora de ir. Para ser sincero, não me atrevi a tentar responder às argumentações dela. Sei que minha filha nunca iria me machucar, mas não tinha certeza se Ben talvez...

– Quanta certeza? – perguntou Harper. – Se ela fosse provocada, se pensasse que corria o risco de ser exilada, o senhor não acha que poderia ter sido ela quem bateu na sua cabeça?

– Nem por um segundo sequer. Minha filha nunca, *jamais* tentaria me matar. Tenho tanta certeza disso quanto do meu próprio nome. Não. Eu repudio totalmente essa ideia. Me diga uma coisa... enquanto eu estava desacordado, ela pareceu de alguma forma ambivalente em relação à minha recuperação?

Harper inspirou profundamente, tentando se lembrar.

– Não. Na verdade, ela ameaçou me expulsar da colônia e tirar meu bebê de mim se o senhor morresse.

Pai Storey empalideceu.

– Ela ficou... ainda está... fora de si com a possibilidade da sua morte – acrescentou Harper, então balançou de leve a cabeça. Estava recordando o que o Bombeiro tinha lhe dito, que Carol sempre fora louca para ter o pai só para si, que ele era, em certo sentido, a única verdadeira paixão da sua vida. Amor podia virar assassinato, claro. Talvez Harper compreendesse isso melhor do que a maioria. Mas por algum motivo... não. Não sentia que fosse isso. Não de verdade. Carol podia condenar Harold Cross à morte, mas não o pai. O pai, nunca.

Pai Storey pareceu ver essa exata conclusão em sua testa franzida.

– Você não deve pensar que Carol sentia que eu representasse para ela qualquer ameaça. Tampouco sentia vergonha do que tinha feito. Sentia orgulho, isso sim! Pressentia, claro, que se a colônia inteira soubesse isso poderia afastar todos nós uns dos outros, que era preciso guardar segredo. Mas não havia

por que se envergonhar. Não, não posso acreditar que minha própria filha fosse concluir que precisava me matar para garantir meu silêncio. É impossível imaginar uma coisa dessas. Estou certo de que ela torcia para que, com o tempo, eu passasse a pensar como ela, e aceitasse que era preciso um pouquinho de assassinato para proteger a colônia. No mínimo, tinha esperança de que eu continuasse a ser a fachada amorosa, decente e caridosa de nossos cultos noturnos na capela, e deixasse a seu encargo os “detalhes sujos” de cuidar da comunidade. Foram essas as palavras exatas que ela disse.

O fato de não conseguir juntar as peças do que havia acontecido com Pai Storey na mata deixava Harper louca. Ela sentia que estava tudo ali, tudo que precisava saber, mas era como encontrar um conhecido e não conseguir lembrar o nome da pessoa. Por mais que ela se esforçasse, não conseguia encontrar a solução.

Então deixa para lá, pensou. Não importava. Ela não precisava encontrar a solução. Não agora.

– Traga o John aqui – pediu Pai Storey com uma voz branda. – Conversamos com a Carol depois. E com a Allie. E com o Nick. Eu agora gostaria que minha família estivesse à minha volta. Se houver coisas difíceis a dizer, vamos atravessar juntos a dificuldade. Foi isso que fizemos no passado, e até hoje tem dado certo. – Ele estreitou os olhos. – Você acha que... que as pessoas vão entender o que Carol fez com o Sr. Cross? Acha que vão perdoá-la?

Harper se perguntou quantas pessoas perdoariam Pai Storey por denunciar a filha, mas não disse nada. Mesmo assim, ele viu a dúvida no seu semblante.

– Você acha que vai ser o fim da nossa colônia? – indagou.

Após alguns instantes, ela respondeu... não com uma resposta, mas sim com sua própria pergunta.

– O senhor se lembra de toda aquela conversa sobre a ilha da Martha Quinn?

– Sim.

– Ela existe. A gente sabe onde fica. Eu gostaria de ir para lá. Eles têm uma estrutura médica onde posso dar à luz meu bebê com segurança. Conheço outros que também gostariam de ir. Eu acho... depois que se espalhar a notícia de que Harold Cross... e de que o senhor se recuperou... sim, eu acho que a colônia pode se desfazer. Na noite em que foi atacado, o senhor me disse que alguém teria de ser mandado embora daqui. Mandado embora de vez. Eu não sabia que estava se referindo à Carol. Acho que... – Ela encheu os pulmões de ar profundamente, para se firmar. Estava prestes a sugerir uma ideia que lhe causava total repulsa. – ... acho que ela poderia ir comigo. Conosco. Com os que vão embora, se nos deixarem ir.

– É claro que vão deixar vocês irem – falou ele. – E talvez, no fim das contas, seja melhor manter Carol aqui. Em algum tipo de confinamento. Eu ficaria também, para cuidar dela. Para ajudá-la a voltar a ser a melhor pessoa que ela pode ser, se isso for possível.

– Pai – disse Harper.

– Tom.

– *Tom*. Talvez a gente devesse esperar mais um dia para falar com sua filha. O senhor agora está muito fraco. Acho que seria melhor descansar.

– Vou descansar melhor depois de ter visto minha neta e John – disse ele. – E sim, minha filha. Eu amo muito a Carol. Entendo que você não consiga amá-la... que sinta ódio dela. Mas saiba pelo menos que, sejam quais forem as suas culpas, sejam quais forem os seus crimes, ela sempre acreditou que estava agindo em nome de cuidar daqueles que ama.

Harper pensou que a necessidade doentia de Carol de fazer os outros se submeterem, cederem, não tinha absolutamente nada a ver com amor, mas Tom Storey era tão incapaz de ver isso na filha quanto Nick era de escutar.

Não se deu ao trabalho de dizer isso. Se Tom tinha mesmo a intenção de lidar com a filha nessa noite, havia muita coisa desagradável pela frente, e não quis aumentar ainda mais a lista. Então: primeiro John. Mandar avisar Allie. Allie traria Carol. O que quer que Pai Storey fosse obrigado a encarar, não estaria sozinho.

Ela se virou para Nick e falou com as mãos.

– Vou chamar o Bombeiro. Fique fazendo companhia para o vovô. Ele precisa de você. Ele pode tomar golinhos d’água, bem pequenos, não muitos. Entendeu? Minhas palavras estão certas?

Nick assentiu, e suas mãos responderam:

– Entendi. Pode ir.

Harper começou a se mexer. Estava feliz por se movimentar, queria que seu corpo alcançasse a mesma velocidade dos seus pensamentos. Abaixou-se para passar pela cortina cor de musgo.

Michael estava de guarda como prometera ficar. Dessa vez, tinha deixado de lado a *Ranger Rick*, posto a espingarda calibre .22 sobre os joelhos, e esfregava um pouco de óleo ou cera na coroa com

um trapo.

– Michael – disse ela.

– Senhora?

– Ele acordou. O Pai Storey.

Michael deu um pulo, e teve de segurar a espingarda para ela não cair no chão.

– Está de brincadeira comigo. Não pode ser.

Ela teve de sorrir, não pôde evitar. A pura surpresa no rosto dele, os olhos arregalados de inocência, o deixavam mais parecido do que nunca com um menino. Aquela expressão de ingenuidade a fez pensar em seu sobrinho de 4 anos, embora na realidade os dois não fossem nada parecidos.

– É, sim. Ele acordou e está falando.

– Ele... – O pomo de adão de Michael subiu e desceu em sua garganta. – Ele se lembra de quem o atacou?

– Não. Mas eu acho que vai lembrar em breve. Está bem mais alerta do que eu teria imaginado ou esperado. Escuta, ele quer ver o John. Depois que o John chegar, quer que a gente traga Carol. E Allie, claro. Ele quer a família inteira ao seu redor. E eu quero você aqui também.

– Bom... eu não sei se tenho lugar... – Ele titubeou.

– Pode ser um reencontro difícil. Quero você aqui para caso... as pessoas se deixem levar pelas emoções.

– Você acha que eles podem brigar por causa das coisas que Mãe Carol vem fazendo? – perguntou ele.

– Michael, você nem faz ideia. Não é o que ela fez enquanto Pai Storey estava inconsciente. É o que ela fez *antes* de ele ter a cabeça esmigalhada. Se as pessoas soubessem, ela nunca teria sido posta no comando de nada. Nem ela nem Ben Patchett. – Ela pensou em Ben metendo uma bala em Harold Cross, e na mesma hora sentiu o gosto amargo da bile no fundo da garganta. – A porra do Ben Patchett – falou.

Michael franziu a testa.

– Não acho que o Sr. Patchett seja um cara *tão ruim* assim. Talvez ele tenha se deixado levar um pouco uma vez, quando os presidiários foram trazidos, mas eu meio que consigo entender...

– Ele é um assassino – disse Harper. – Atirou num rapaz indefeso.

– Harold Cross? Ah, Sra. Willowes, ele *teve* que fazer isso.

– Foi? Teve mesmo?

A expressão de Michael transmitia tamanha inocência, assombro e incompreensão que ela não conseguiu se conter, e teve de se inclinar para a frente e beijar sua testa cheia de sardas. Os ombros do rapaz se sobressaltaram de susto.

– Você me lembra o meu sobrinho – falou. – O pequeno Connor Willowes... Connor Júnior. Não sei bem por quê. Acho que vocês dois têm olhos bondosos. Você acha que consegue ser corajoso por mais um tempo, Michael? Consegue fazer isso por mim?

Ele engoliu em seco.

– Espero que sim.

– Ótimo. Não deixa ninguém entrar para falar com ele até eu voltar. Confio em você para cuidar dele.

Michael aquiesceu. Estava muito pálido por trás da barba cor de cobre.

– Eu sei o que preciso fazer. Não se preocupe, dona. Eu vou cuidar do Pai Storey.

21

Ela quis correr, mas não havia como. A barriga pesada com o bebê havia adquirido uma firmeza e um tamanho portentosos, planetários. Por isso, ziguezagueou entre os pinheiros cercados de névoa numa carreira desajeitada, suando e com a respiração ofegante.

No escuro, com a pulsação latejando atrás dos olhos, era pouco provável que tivesse visto Michael Lindqvist segui-la de longe, mesmo que o tivesse procurado. Ele avançava com cuidado, sem pressa, observando por um longo tempo antes de passar de uma árvore para a seguinte. Se o *tivesse* visto, talvez houvesse ficado surpresa com a sua expressão, com a pequena boca contraída e com os olhos estreitados. Não havia nada de particularmente infantil naquela expressão. Ele a seguiu até a garagem de barcos mas, quando ela continuou na direção do cais, entrou, e pouco depois havia desaparecido em meio às sombras.

Harper desceu vagarosamente os degraus de madeira encaixados no declive arenoso, segurando punhados de algas para se equilibrar. O oceano era uma placa de metal toda cheia de mossas, como se houvesse sido castigado por mil marteladas. A luz cor de prata do luar piscava nas cristas das ondas. O mar parecia um pouco agitado. Harper não viu o homem sentado no final do cais até ela própria pisar nele e chegar à metade do caminho até o barco a remo.

Don Lewiston virou a cabeça para trás com um tranco e olhou por cima do ombro. Tinha um balde de aço à sua direita e uma vara de pesca sobre os joelhos.

– Enfermeira Willowes! O que a fez descer quicando até aqui? – indagou ele.

Não estava pescando sozinho. Em pé sobre os seixos da praia, Chuck Cargill segurava outra vara enquanto sua espingarda repousava nas pedras atrás de seus pés. Cargill semicerrou os olhos para eles com um ar intrigado.

– Pai Storey acordou. Você consegue sair? Ele quer falar com John o quanto antes.

As sobrelhas emaranhadas de Don saltaram para cima, e sua boca se abriu numa expressão quase cômica.

– É, eu acho que... – Ele se levantou e levou uma das mãos em concha à boca. – Chuckie, meu garoto! Segure as pontas aqui. Preciso levar a senhora até o outro lado para falar com John. Ela quer dar uma olhada naquela asa quebrada dele.

– Sr. Lewiston? É, ahn... Sr. Lewiston, eu não acho que... – Um puxão em seu anzol distraiu Chuck. A ponta de sua vara se curvou na direção da água. Ele a olhou com irritação, então tornou a virar os olhos para Harper e Don Lewiston. – Sr. Lewiston, é melhor o senhor esperar antes de ir a qualquer lugar. Primeiro preciso pedir autorização para Mãe Carol.

Don jogou a vara de lado, segurou Harper pelo braço e começou a ajudá-la a subir no barco a remo.

– Já está autorizado, senão Mama Carol nunca teria nem deixado a enfermeira descer até aqui! Agora, eu não vou deixar uma porra de uma mulher grávida de oito meses tentar remar sozinha até o outro lado neste mar agitado.

– Sr. Lewiston... Sr. Lewiston, o senhor precisa esperar um pouco... – disse Cargill, dando um passo em direção a eles, mas sem largar a vara de pesca, agora curvada num longo arco parabólico, com a linha esticada na ponta.

– Você pegou alguma coisa, Chuckie! – exclamou Don, subindo no barco também. – Não se atreva a perder esse daí, é o jantar de Ben Patchett que está na sua linha! Quando tiver puxado o peixe eu já vou ter voltado!

Don se curvou na direção dos remos, e o barco se sacudi ao dar um tranco para longe do cais.

Enquanto ele os fazia deslizar pela água, inclinando o corpo inteiro para a frente e depois se projetando inteiramente para trás, fazendo os remos se chocarem contra os anéis de ferro e mergulharem na água, Harper lhe contou o que sabia. Quando chegou à parte sobre Carol ter armado a morte de Harold, Don fez cara de alguém que acaba de sentir o cheiro de algo podre. O que era mais ou menos o caso, supunha ela.

– E foi Ben Patchett quem apertou o gatilho para ela?

– Pelo visto, sim.

Ele fez que não com a cabeça.

– O quê?

– Até acredito que Ben teria atirado no gordinho malvado para ela. Ben Patchett é capaz de se convencer a fazer praticamente qualquer coisa em nome da proteção das porras dos seus. Mas não *consigo* vê-lo chamando um Bonde da Cremação para pegar Harold. Isso poderia ter saído errado de muitas maneiras. E se Harold tivesse contado sobre a Colônia Wyndham *antes* de Ben ter uma chance de atirar nele? E se o Bonde da Cremação estivesse fortemente armado e houvesse resistido? Não. *Carol* eu posso ver fazendo isso. Ela é uma histérica. Não pesa as consequências dos seus atos. Mas Ben tem uma mente cuidadosa. Ele é metade policial, metade contador meticuloso.

– Talvez Carol tenha chamado o Bonde da Cremação antes, e só depois falado com Ben sobre o seu plano. E aí ele foi obrigado a tentar consertar a confusão dela?

Don aquiesceu com um ar sombrio.

– Você ainda não está convencido.

– Nem um pouco – respondeu ele.

– Por que não?

– Porque não é *ela* quem está com as porras dos celulares – disse Don. – Quem está é o Ben. Como ela iria chamar alguém? Como sequer *saberia* quem chamar?

Don deu um último puxão nos remos e fez o barco a remo atracar na lama. Saltou e amparou Harper quando ela se levantou.

– Meu Deus, como a sua barriga cresceu de repente – comentou.

– Estou gostando – disse ela. – Pareço uma bobalhona, não consigo correr, nem consigo vestir nada a não ser calças e suéteres de moletom super-*hiper*grandes. Mas gosto da ideia de estar tão grande que consigo pisotear com facilidade os seres menores. Não quero lutar com meus inimigos, quero é esmagá-los com a minha gigantesca barriga.

Don estreitou os olhos para trás em direção à margem, mas estava escuro demais para qualquer um deles ver o que Chuck Cargill estava fazendo. Ele então olhou para o topo do aclave para lá do abrigo.

– Esta colônia está prestes a virar uma porra de um hospício. Não acho que alguém vá sentir a minha falta durante umas poucas horas. Quero aproveitar que estou aqui para dar uma checada no veleiro. Ver se ele está em condições de navegar. Talvez até o ponha na água. – Ele baixou os olhos outra vez para a barriga dela. – Se eu pudesse escolher, estaríamos no mar amanhã à tarde. Esse bebê não vai esperar, e talvez precisemos de uma semana ou duas para subir a costa.

– Vá lá examinar o veleiro. Eu posso voltar remando com o Sr. Rookwood.

Don a acompanhou até a porta do abrigo com a mão no seu cotovelo, como se ela fosse uma inválida convalescente. O Bombeiro veio abrir usando uma calça de pijama de bolinhas e seu casaco de borracha preto e amarelo por cima de uma camiseta encardida. Estava faminto, suado, precisava fazer a barba e cortar os cabelos e exalava um cheiro de fogueira. Harper lutou contra o impulso de enterrar o rosto no seu peito.

– Lázaro acabou de se levantar da porra da tumba – disse Don. Quase tremia de prazer, e seu rosto grande e marcado estava rosado. – O Pai acordou. Pediu para falar com você. Quer ver você... e depois quer ver a *Carol*. Tem um sermão a fazer para a filha, e Johnny, vou te dizer uma coisa: eu acho que dessa vez o sermão dele talvez tenha algum fogo e enxofre.

O Bombeiro coçou o pescoço cabeludo de um jeito distraído enquanto olhava alternadamente para Don e para Harper.

– É melhor eu vestir alguma coisa – falou. Harper imaginou que ele fosse fechar a porta para poder pôr uma calça melhor e quem sabe um suéter. Mas em vez disso ele olhou em volta, numa espécie de estupor, até dar com seu capacete pendurado num prego junto à porta. Cravou-o com firmeza na cabeça e suspirou de alívio. Olhou-se no quadrado de espelho pregado ao lado da porta, virou o capacete dois imperceptíveis centímetros para a esquerda, e seu rosto se acendeu, radiante. – Pronto. Perfeito. Vamos lá?

– Don vai ficar aqui na ilha. Ele vai pôr o veleiro na água.

O Bombeiro pareceu mais espantado com isso do que com a notícia de que Pai Storey estava consciente.

– Ah. Imagino que vocês vão partir o quanto antes.

– Não cedo *de mais* – disse Harper depressa.

– Até o final da semana, se eu puder dar meu pitaco – disse Don. – Esse neném não vai esperar até o momento mais conveniente se apresentar. Ele está vindo. Ela só tem mais quatro semanas, no máximo. Quanto antes levarmos a enfermeira Willowes para a ilha da Martha Quinn e o hospital de lá, melhor eu vou me sentir. Mas isso não é nem metade da história. A enfermeira acha que Carol Storey talvez vá conosco. Quando a notícia do que ela fez se espalhar, ela talvez queira ir embora enquanto ainda está no

comando... antes de eles a pregarem num poste.

O Bombeiro tornou a virar os olhos para Harper, e a encarou com um olhar que havia passado de enevoado para fascinado em muito pouco tempo.

– O que ela fez? Quero dizer, além de usar punições do século XIX para seus inimigos, manter Harper confinada na enfermaria e ameaçar raptar seu bebê?

– Duas palavras. – Don remexeu as sobrancelhas peludas. – Harold Cross, porra.

– Eu conto no barco – disse Harper.

22

Ele achou um absurdo pensar que ela iria remar sozinha para fazê-los chegar à margem.

– Eu sento na esquerda – falou. – Usar o braço esquerdo não dói. Você senta na direita. Vamos remar os dois juntos.

– Nunca vai dar certo. Nunca vamos conseguir o mesmo ritmo. Só vamos ficar girando em círculos juntos.

– Ah, não vai ser tão ruim assim. A gente está fazendo isso há meses.

Ela o encarou com raiva, pensando que ele estivesse zombando dela, mas ele já estava se curvando em direção à proa do barco e o empurrando para dentro d'água, e ela teve de ir até o seu lado para ajudar. Uma grávida de oito meses e um homem se recuperando de várias fraturas nas costelas. E pensar que Carol tinha medo deles.

Quando chegaram à parte rasa, ela subiu no barco pela lateral, em seguida esticou os braços por cima da amurada para segurar as mãos dele e puxá-lo atrás de si. Suas botas de bombeiro chiaram ao encostar no casco, tentando ganhar aderência, e ele bateu com o pulso machucado, o que fez seu rosto empalidecer. Remexeu-se para se acomodar no banco ao lado de Harper, e ela fingiu não vê-lo enxugando lágrimas dos olhos com os polegares. Estendeu a mão, e delicadamente ajeitou seu capacete.

Eles começaram a remar, inclinando-se para a frente e para trás, lenta e cuidadosamente, encostando os ombros um no outro. O barco rangia e deslizava por cima da água na noite.

– Me conta sobre o Harold Cross – pediu o Bombeiro.

Ele escutou com a cabeça inclinada enquanto Harper contava a história outra vez. Quando ela terminou, disse:

– Harold não tinha muitos amigos nesta colônia, mas eu concordo... quando ficarem sabendo o que a Carol fez, que ela chamou o Bonde da Cremação para vir pegá-lo e tal, *bem*. Vai ser o fim da linha para ela. Na verdade, mandá-la embora com você é um grande ato de misericórdia. É fácil imaginar que pudesse ser bem pior.

– Ela vai vir comigo – disse Harper. – E você vai ficar aqui.

– Sim. Eu tenho que ficar. Pai Storey vai estar fraco demais para cuidar da colônia sozinho. Acho que é por isso que eu estou sendo chamado para ficar à cabeceira dele. Estou sendo convocado. – Sua boca se retorceu numa careta azeda.

– De todo modo, você não iria embora. Precisa cuidar do seu fogo particular.

– Ninguém mais entenderia.

– Você deveria deixar ela se apagar e ir embora comigo. – Harper descobriu que não conseguia olhar para ele ao dizer isso. Teve de virar o rosto em direção ao mar. O vento soprava a espuma na crista das ondas, e ela podia fingir que a água em seu rosto eram respingos. – Aqui não é seguro. Faz tempo que não é. Eles vão achar a Colônia Wyndham. O Homem de Marlboro e o meu marido, ou homens iguais a eles. Mais cedo ou mais tarde. – Ela pensou nos sonhos, pensou em Nelson Heinrich de suéter estampado com bengalas de doce todo sujo de sangue, sorrindo num rosto sem pele, e estremeceu.

Não acreditava num futuro fixo, nem em premonições. Não acreditava na estação de rádio paranormal do Homem de Marlboro, embora lhe parecesse uma baita sorte ele ter aparecido no dia exato em que ela resolvera voltar para casa. Mas acreditava no inconsciente, e acreditava em prestar atenção quando este começava a emitir alertas vermelhos. Ela havia deixado Nelson vivo, estava quase certa agora, e isso era uma notícia ruim para todos eles. Mesmo que Nelson jamais se recuperasse para conduzir os Incineradores do Litoral até a colônia, seria alguma outra coisa. Só era possível esconder uma pequena aldeia por um tempo limitado.

Eles flutuaram à deriva; tinham parado de remar. Após alguns instantes, depois de algum sinal silencioso e mudo entre os dois, pegaram os remos e recomeçaram a avançar.

– Vou levar Nick e Allie comigo – disse ela. – Independentemente do que acontecer com a Carol. Eu amo aquele menino. Vou levá-lo para algum lugar seguro... mais seguro do que aqui.

– Ótimo.

– Você sabe que a Sarah gostaria que você fosse junto. Iria querer que você cuidasse deles.

– Você sabe que eu não posso. O velho vai precisar da minha ajuda aqui.

– Então venha assim que ele melhorar.

– Vamos ver – disse ele, de um jeito que significava não.

– John. A vida dela acabou. A sua não.

– A vida dela não...

– Acabou, sim. Ela mesma disse. Você está mantendo a Sarah prisioneira. Presa dentro de uma lata enferrujada. É como a Carol, que me deixou o inverno inteiro trancada na enfermaria.

Ele se virou para ela de repente, com o semblante deformado pela dor.

– Que *babaquice* sem pé nem cabeça. Eu não sou *nada* igual à... e como é que a Sarah poderia me dizer alguma coisa? Ela é um ser de fogo. Não consegue me dizer o que quer nem o que sente. Ela perdeu a capacidade de falar quando perdeu o corpo.

– Não perdeu, não. Não sei o que é pior: você mentir para mim ou mentir para si mesmo. Eu *ouvi* você gritar com ela. Já faz tempo, no outono. Ela já *pediu* que você a deixasse se apagar.

– E como é que...

– Na língua dos sinais. Ela é pelo menos tão fluente quanto você.

Ambos tinham parado de remar, embora já pudessem ver o cais.

John Rookwood tremia.

– Sua espiãzinha. Ouvindo as minhas...

– Me poupe das suas insinuações paranoicas. Você estava bêbado. Dava para ouvir na sua voz. Do jeito que estava gritando, qualquer um teria ouvido a um quilômetro de distância.

Algum terrível embate estava se travando nos músculos sob o rosto dele. Ele não parava de contrair e relaxar a mandíbula, e respirava de um jeito estranho.

– Está na hora de deixar aquele fogo se apagar, John. Está na hora de deixar sua ilha para trás. A Allie e o Nick ainda estão neste mundo, e eles precisam de você. Eu também preciso. Nunca vou poder ser a Sarah, nunca vou poder ser o que ela significou para você, mas mesmo assim posso tentar fazer valer a pena para você.

– *Shhh* – disse ele, olhando para o outro lado e piscando por causa do choro. – Que coisa mais horrível de dizer. Não se atreva a se desvalorizar. Você acha que eu não amo você loucamente, enfermeira Willowes? Você, essa sua barriga de grávida ridícula, essa sua estranha obsessão pela Julie Andrews? Mas é que eu detesto, *detesto* a deslealdade que existe nisso. A repulsiva deslealdade no fato de...

– Estar vivo quando ela não está – completou Harper. – Seguir em frente.

– Isso. Exatamente isso – disse ele, e baixou o queixo até o peito. Lágrimas pingaram da ponta do seu nariz. – Se apaixonar: que coisa horrível. Não sei se isso tem algum mérito, mas eu tentei me envolver o mínimo possível com você. Ver você o menos possível. Não só porque eu não queria me apaixonar. Eu também não queria que *você* se apaixonasse. Tinha consciência do quanto poderia ser difícil para você resistir ao meu charme.

– É, a gente acaba mesmo dominado por você – disse Harper. – Você parece até o esporo.

LIVRO OITO

A QUEDA

1

QUANDO O BARCO A REMO BATEU na lateral do cais, Harper correu os olhos pela margem, mas Cargill tinha sumido. Havia deixado a vara de pescar em cima das pedras. E levado a espingarda.

Provavelmente fora dizer a Carol que algo estava se tramando. Tudo bem. Ela ficaria sabendo mesmo dali a poucos minutos.

Foi bem complicado para uma mulher em estágio avançado de gravidez subir aquela encosta acentuada, e quando eles chegaram à enfermaria Harper estava ofegante. Um suor desagradável lhe cobria o rosto, e assim que eles chegaram aos degraus da porta da frente ela foi acometida por uma fortíssima contração. Curvou-se, segurou o baixo-ventre com uma das mãos e exalou uma expiração rascante por entre os dentes trincados.

– Tudo bem? – perguntou John.

Ela fez que sim com a cabeça e acenou para ele prosseguir. Não teve fôlego para dizer nada, mas a contração já estava passando, deixando para trás uma dor difusa e a sensação de ter engolido uma pedra.

Harper entrou atrás dele na sala de espera, que estava vazia; Michael devia estar no recinto ao lado. O Bombeiro segurou a cortina cor de musgo e se abaixou para entrar na enfermaria, com Harper bem no seu encalço.

– Pai... – disse o Bombeiro, e a coroa de uma espingarda atingiu a lateral do seu pescoço com um baque abafado, de revirar o estômago. Ele desabou como se houvesse sido cortado ao meio.

Harper abriu a boca para gritar, mas Michael já tinha virado a arma e apontava o cano para Nick. O menino dormia em sua cama, mãos unidas sobre a barriga e queixo quase encostado no peito. Enrugou a testa num ar pensativo, como quem tenta recordar algo que sente que deveria saber.

– Por favor, não faça isso. Eu não gostaria de ter que atirar numa criança – disse Michael.

A cabeça de Pai Storey estava virada como se ele a estivesse encarando, mas o que quer que ele estivesse vendo agora não estava mais ali naquele recinto. Seu semblante havia escurecido, e agora exibia uma tonalidade que lembrava nuvens de chuva no verão. A intravenosa tinha tombado. A agulha saíra do seu braço. Dava para ver manchas vermelho-vivo no lençol.

Quase no tom de quem pede desculpas, Michael seguiu falando:

– Nas próximas horas as pessoas aqui ficarão sabendo que vocês assassinaram Pai Storey para garantir seu silêncio. Que iam matar Carol e Ben e tomar a colônia. Tenho tudo de que preciso para fazer todo mundo acreditar, mas seria *útil* a senhora confirmar que é verdade. Sei que não tem motivo algum para confiar em mim agora. Mas eu juro, se fizer isso por mim, se admitir que a senhora e Rookwood pretendiam dar um fim em Carol... eu *juro* que não deixo nem Allie nem Nick morrerem junto com vocês. Eu cuido deles.

Harper se abaixou junto a John, que havia desmoronado de lado. Tomou sua pulsação e constatou que estava regular e lenta. Ela própria tremia. No início pensou que fosse de tristeza, mas quando abriu a boca descobriu que era de raiva.

– Você e Carol mandaram assassinar Harold Cross.

– Não fui eu quem atirei. Quem atirou nele foi Ben Patchett – disse Michael. – Eu *ia* atirar nele, depois pensei que talvez fosse melhor se o Ben atirasse. Então passei a espingarda para ele. Além do mais, nos últimos meses que o Harold passou aqui, eu até que passei a gostar um pouco dele. Ele estava me ensinando a jogar xadrez. Eu tenho sentimentos, igual a qualquer um. Na verdade, não queria ter sido a pessoa que atirou nele.

– Foi você quem o ajudou a sair da enfermaria – disse Harper. – Mas no bloquinho ele te chamava de... – *JR*, recordou ela. Harold escrevia tudo em maiúsculas, como se estivesse gritando, e, portanto, ela concluíra naturalmente que essas letras representassem John Rookwood. E foi então que entendeu por que Michael a fazia pensar no sobrinho. Fora o seu inconsciente lhe dando mais um alerta, tentando

avisá-la da única coisa que Michael tinha em comum com Connor Willowes, seu encantador sobrinho de olhar inocente: “Júnior”.

– É. Era assim que Harold quase sempre me chamava: Michael Lindqvist Júnior. Meu paizinho na verdade nunca me deu nada a não ser o nome. O nome e a mão na cara de vez em quando.

– Ninguém vai acreditar que eu mantive Pai Storey vivo por três meses só para matá-lo agora – disse Harper.

– Vai, sim. Você já tentou matá-lo discretamente algumas vezes, com injeções de insulina para provocar convulsões. Bem entre os dedos dos pés. Mas depois não pôde mais fazer isso porque o Nick estava aqui e ficava de olho o tempo todo. E você ficou com medo e perdeu a coragem. – Ele segurava a espingarda com uma das mãos apenas apontada na direção de Nick, do outro lado do recinto. Esticou a mão livre, segurou os cabelos louros curtos de Harper e deu um forte safanão na sua cabeça. – Isso é importante. Essa parte. *Não esquece.* Você injetou insulina nele. Torcendo para ele morrer de um jeito que parecesse natural. E também mandou mal na cirurgia do cérebro, enfiou a broca no cérebro dele. Fez tudo que podia para acabar com Pai Storey, mas ele foi protegido de você.

– Protegido como? – indagou Harper.

– Pelo Brilho – respondeu Michael com uma simplicidade tranquila na voz. – A mente e a alma dele não estão mais só no seu corpo. Elas também estão na Escama do Dragão sobre a sua pele. Estão armazenadas no Brilho para todo o sempre, do mesmo jeito exato de arquivos armazenados num disco rígido externo. Ele escreveu um bilhete dizendo como o Brilho o manteve seguro por todos esses meses. Eu o obriguei a escrever antes de matá-lo. Poderia ter escrito eu mesmo, mas pensei que ficaria melhor se a letra fosse dele. Está debaixo do travesseiro da cama dele. Vou deixar Carol encontrar. – Ele esticou o braço até a bancada, pegou uma seringa e a estendeu para Harper. – Agora injeta isso em você mesma. Não no pulso nem no pescoço. Bem no meio dessa bunda grande e gorda. Quero que eles vejam que eu peguei você de surpresa.

– Não.

– Então eu acho que você tentou tomar a arma de mim e na briga o Nick levou um tiro – disse-lhe Mike. – Poderia ter me poupado muito trabalho se simplesmente tivesse morrido uns meses atrás como deveria, sabia? Eu chamei os Incineradores do Litoral para irem atrás de você naquela vez em que foi em casa atrás de material médico. Não sei por que não a encontraram. Chamei outra vez na noite em que vocês foram assaltar a ambulância. Não entendo como você conseguiu escapar das duas vezes.

– Como é que você ligou para eles? Pensei que Ben tivesse pego todos os celulares.

– E quem você acha que ele mandou recolher os aparelhos? Guardei um ou dois para mim.

Ela ficou assombrada e consternada por ter acreditado, por um segundo que fosse, que o Homem de Marlboro talvez pudesse ter algum dom de profecia, algum acesso sobrenatural a conhecimentos secretos. Sentiu que nem as crianças que havia tratado quando era enfermeira do ensino fundamental teriam se deixado enredar por uma ideia absurda dessas.

– Chega de papo furado – disse Michael. – Dá logo essa injeção.

Ela pegou a seringa e examinou o líquido transparente no êmbolo.

– O que é isso?

– Midazolam. É das boas? Você tinha guardado junto com as outras drogas pesadas. Não sei grande coisa sobre sedativos. Uma vez tranquilizei a Allie... no dia em que a gente se livrou do Harold. Precisava dar uma chance ao gordo de sair da colônia sem ser visto, e ela estava de guarda. Mas na época eu tinha o Imovane que mamãe guardava no armário de remédios, e sabia o que estava fazendo quando pus um pouco no café descafeinado dela.

– Michael, por favor. Eu estou grávida de oito meses. Não sei que efeito o midazolam teria sobre o bebê. Não faço a menor ideia.

– Não importa o efeito que o remédio vai ter. Vamos amar o bebê mesmo que ele seja débil-mental ou aleijado. Carol vai cuidar dele, se certificar de que ele tenha uma boa criação. A colônia inteira vai fazer isso. E não se preocupe. Eu conheço a minha amada. Carol vai mandar cortar o bebê fora antes de executarmos você. Vai mandar arrancar o bebê e amar como se fosse dela. Encontrei um manual de medicina na biblioteca da colônia que praticamente ensina a fazer uma cesárea. Não parece tão difícil. Aposto que eu e Don Lewiston conseguimos. Don vai estar atrás de algum jeito de não ser morto junto com você e o Bombeiro. Agora vamos. Enfia essa agulha. Não estou a fim de papo. Estou a fim de ação.

– Se você tentar fazer uma cesariana sem formação de médico, vai assassinar a mim e ao bebê.

– Que nada. Além do mais, a gente vai manter você acordada. Aí pode nos guiar na operação. Não pode?

– Meu Deus do céu – disse Harper, e a primeira lágrima escorreu por sua bochecha quente. – Como é

que você pode fazer isso com a Allie? Matar o avô dela. Ameaçar o irmão. Allie te ama. Pensei que você a amasse.

– Acho que amo, mais ou menos. Mas ela não é nenhuma Carol. Carol ainda é virgem. Trinta anos e ainda não sangrou. Ela quer que seja *comigo*. Disse que passou a vida inteira esperando por mim.

Ele parecia em transe, e seus olhos exibiam um brilho estranho. Harper se lembrou de Ben ter dito que vira Michael e Allie se agarrando feito loucos atrás da capela na mesma noite em que Pai Storey tinha levado a bordoadada na cabeça. Mas é claro que, no escuro, era fácil confundir a sobrinha com a tia. As duas quase poderiam ter sido interpretadas pela mesma atriz na versão para o cinema.

– Tom me disse que sua filha nunca iria machucá-lo. Não consigo acreditar que estivesse tão errado em relação a isso – disse ela.

Ficou surpresa ao ver manchas de rubor surgirem nas bochechas de Michael. O rapaz levou um dedo aos lábios, quase como quem pede para não falar.

– Ah, isso eu meio que fiz sozinho. Carol me disse que Pai Storey sabia o que a gente tinha feito com o Harold, mas achava que, quando ele tivesse tido tempo para pensar no assunto, iria aceitar que fora preciso. Só que eu depois fui encontrar vocês para ir resgatar os presidiários. E no caminho até a água Pai Storey me puxou de lado e me avisou que na volta teríamos de prender Mama Carol. Prendê-la e mandá-la para o exílio. Ele estava bem abalado. Pensei que talvez fosse mais fácil ele simplesmente morrer pela colônia. Mas vou dizer uma coisa. Que cabeça dura tinha o filho da mãe... Bati nele com meu cassete com força suficiente para transformar um melão em papa, e ficou quase dez segundos sem nem cair no chão. Ficou só se balançando, me olhando com uma espécie de sorriso intrigado no rosto.

– Quando Carol descobrir o que você fez com o pai dela vai mandar matar você. Ela mesma vai matar você.

– Ela não vai descobrir.

– Eu vou contar.

– Vai ser mentira. Tudo que você disser vai ser mentira. E eu vou me certificar de que Nick e Allie morram junto com você. Ou depois. Não importa. Sua única chance de proteger essas crianças é cravar a espada no próprio peito.

– Você não pode...

– Chega de falação – disse Michael, e olhou para Nick. – Se disser mais uma palavra, *uma só que seja*, eu juro por Deus que vou espalhar os miolos moles desse garoto surdo por todo o seu travesseiro. A injeção. Rápido.

Harper aplicou a injeção em si mesma.

Alguém lhe deu um tapa, virou sua cabeça parcialmente de lado.

– Estou grogue – disse ela, tentando se desculpar, certa de ter feito alguma coisa errada, mas incapaz de se lembrar o quê.

Jamie Close lhe deu outro tapa.

– Ainda não, mas vai ficar. Levanta, porra. Não vou carregar essa sua bunda gorda, piranha.

Havia uma pessoa de cada um dos seus lados, puxando-a pelos braços para colocá-la de pé, mas toda vez que elas a soltavam suas pernas perdiam os ossos e cediam sob seu corpo, e as duas tinham de segurá-la outra vez.

– Cuidado – disse Carol. – O bebê. O bebê é inocente nessa história. Se o bebê se machucar, alguém vai pagar por isso.

O mundo parecia um quadro ruim de Picasso. Os olhos de Carol estavam ambos do lado esquerdo de seu rosto, e a boca estava torta. Harper agora estava na área de espera, mas o cômodo estava diferente e sua geometria não fazia mais sentido. A parede da esquerda tinha apenas o tamanho de um armário, enquanto a da direita era tão grande quanto a tela de um drive-in. O chão estava tão inclinado que Harper se espantou por conseguir ficar em pé.

Ben Patchett estava atrás de Carol. Tinha uma boca cheia de pequenos dentes de furão e pequenos olhos de furão no rosto redondo e liso. Os olhos brilhavam de medo e de fascínio, amarelos.

– Me deem quatro horas com ela – disse Ben. – Ela vai me dizer todo mundo com quem estava mancomunada. Vai entregar a conspiração toda. Eu sei que posso fazer ela falar.

– Pode também fazer ela ter um aborto espontâneo. Não ouviu o que acabei de dizer sobre o bebê?

– Eu não iria machucá-la. Só quero conversar com ela. Dar a ela uma chance de fazer a coisa certa.

– Eu amava Pai Storey – Harper tentou dizer a Carol; pareceu-lhe importante estabelecer esse fato. Mas a frase que saiu foi: “Eu amava essa história.”

– Não, Ben. Eu não quero que você a interrogue. Não quero a ajuda dela e não quero as informações que ela tem. Não quero ouvir o seu lado da história. Não quero ouvir nem mais uma palavra dessa boca mentirosa.

Harper desviou os olhos para Ben, e por alguns instantes sua visão se aguçou e tudo entrou em foco. Sua voz também entrou em foco e ela disse sete palavras, enunciando-as com todo o cuidado e toda a precisão dos profundamente embriagados.

– Ela e o Michael mataram o Harold.

Mas sustentar a realidade era um esforço demasiado grande. Quando Carol respondeu, sua boca estava novamente do lado errado do rosto.

– Faz ela calar a boca, Jamie. Por favor.

Jamie Close segurou o maxilar de Harper, forçou-a a abrir a boca e enfiou uma pedra lá dentro. A pedra era grande demais. Parecia ter o tamanho de um punho fechado. Jamie manteve sua boca fechada enquanto outra pessoa passava silver tape várias vezes em volta da sua cabeça.

– Tudo que vocês quiserem saber, podem descobrir depois com Renée Gilmonton ou Don Lewiston – disse Carol. – Enfim, nós sabemos que eles faziam parte do plano. Temos o caderno de Gilmonton. Sabemos que ambos se candidataram a ser o chefe. Só cinco votos para Gilmonton... o orgulho dela deve ter ficado ferido.

– E quatro para Allie – disse Michael, em algum lugar à direita de Harper. – Que tal?

Os traços de Carol flutuavam por seu rosto qual flocos de neve a boiar sonhadoramente dentro de um globo, efeito que Harper achou nauseante.

– Vamos dar uma chance para ela – disse Carol. – Uma única chance de fazer a coisa certa. De mostrar que ela está do nosso lado. Se ela não aproveitar a chance, não temos como ajudá-la. Ela vai ter o mesmo fim de Renée Gilmonton e Don Lewiston.

Uma menina falou de algum lugar atrás de Harper.

– Mãe Carol, Chuck Cargill está lá fora. Quer falar alguma coisa com a senhora sobre Don Lewiston. Acho que é grave.

Harper sentiu náuseas, e passou pela sua cabeça que, se vomitasse, provavelmente morreria

engasgada com o próprio vômito. A pedra áspera arranhava o céu de sua boca e amassava sua língua. Mas havia algo naquela pedra, a temperatura fria, a textura áspera, que era tão real, tão concreto, tão *presente*, que ela a sentiu puxá-la para fora de seu torpor enevoado.

A sala de espera estava lotada: Ben, Carol, Jamie e quatro ou cinco outros, Sentinelas armados. Michael estava postado no vão da porta da enfermaria. Uma lanterna tremeluziu, mas não dentro do espaço, iluminado apenas por duas lamparinas a óleo. Bem antes, Harper já havia tomado consciência do que pensava ser o murmúrio do vento nas árvores, um suspiro e um uivo incessantes, mas nessa hora identificou que o ruído era o burburinho de uma multidão agitada e nervosa. Pensou se a colônia inteira estaria ali. Provável.

Você vai ser morta nos próximos cinco minutos, pensou. Era o seu primeiro pensamento claro desde que fora despertada com um tapa, e assim que a ideia lhe passou pela mente ela balançou a cabeça. Não. Não ia não. Quem ia morrer era *John*. Eles a matariam mais tarde, depois de arrancarem o bebê do seu ventre.

– Mandem ele entrar – disse Ben Patchett. – Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Vozes baixas, aflitas. A porta rangeu nas dobradiças e se fechou com força. Chuck Cargill deu a volta em Harper e se apresentou diante de Carol. Parecia tomado por um mal-estar, como se houvesse acabado de ficar sem ar, e seu rosto emoldurado pelas volumosas suíças estava pálido. A calça jeans estava encharcada até as coxas.

– Eu sinto muitíssimo, Mãe Carol – disse ele. Estava tremendo de frio, ou de nervoso, ou de uma combinação das duas coisas.

– Tenho certeza de que você não tem motivo algum para sentir muitíssimo, Cargill – retrucou Carol com uma voz esgarçada pela tensão.

– Fui até a ilha do Bombeiro com Hud Loory, exatamente como o Sr. Patchett mandou, para buscar o Sr. Lewiston. Ele tinha tirado a lona de cima do veleiro e pendurado algumas velas nas amuradas para arejar ou algo assim. Pensamos que estivesse debaixo do convés. Pensamos que ele estivesse no papo. Havia uma escada de corda pendurada na lateral do casco, e começamos a subir por ela sem fazer barulho nenhum. Mas tivemos de pôr as espingardas no ombro para subir. Hud foi na frente, e quando ele passou por cima da amurada do veleiro, aquele velho... aquele velho pilantra bateu nele com um remo. Quando dei por mim, estava encarando o cano da espingarda do Hud.

Ninguém disse nada, e Cargill pareceu ter perdido momentaneamente a capacidade de prosseguir. As peças do rosto de Carol haviam parado de flutuar, e seus traços finalmente se colaram mais ou menos no lugar certo. Harper conseguiu impedir que flutuassem lançando mão de uma concentração intensa, mas o esforço a estava deixando com dor de cabeça. Carol tinha os lábios brancos.

– E aí, o que aconteceu? – perguntou ela por fim.

– Nós fomos obrigados. Fomos *obrigados* – disse Cargill, e então caiu com um dos joelhos no chão, segurou a mão de Carol e começou a soluçar. Uma bolha verde de catarro inflou em sua narina direita. – Eu sinto muito, Mãe Carol. Me dê uma pedra. Me dê uma pedra por uma semana!

– Está dizendo que ele fugiu? – indagou Carol.

Cargill aquiesceu, esfregou as lágrimas e o catarro nas costas da mão dela e encostou os nós de seus dedos na própria bochecha.

– Nós pusemos o veleiro na água. Ele nos obrigou. Quando Hud recobrou a consciência, ele nos obrigou a ajudá-lo a pôr o veleiro no mar com a arma apontada para a gente. Pegou nossas espingardas e foi... foi embora. Simplesmente foi. Não pudemos fazer nada. Ele içou as velas como se fosse muito fácil, e nós... nós atiramos umas pedras, sabe, dissemos... dissemos que ele iria *se arrepender*... nós... nós... – Mais um soluço subiu por sua sua garganta, e ele fechou os olhos. – Mãe Carol, eu juro, pode me dar uma pedra pelo tempo que quiser, só não me mande embora!

Carol o deixou enxugar as lágrimas nela por mais alguns instantes, mas quando ele começou a beijar os nós de seus dedos olhou de viés para Ben Patchett. O policial grandalhão deu um passo à frente, segurou o rapaz pelos ombros, o fez soltá-la e ficar em pé.

– Chuck, você pode me contar o que aconteceu outra hora – falou. – Mãe Carol perdeu o pai hoje. Não é hora de ficar choramingando com ela. De toda forma, você não tem porque choramingar. Este é um lugar de misericórdia, filho.

– Para alguns – disse Jamie Close em voz baixa.

Mas Harper sentiu um alívio, uma diminuição da dor bem parecida com quando uma contração acabava. Don conseguira fugir. Ben não usaria um alicate nem um pano de prato cheio de pedras para fazê-lo falar. Jamie Close não poria uma pedra à força na sua boca nem passaria uma corda em volta do seu pescoço. Pensar em Don num veleiro, com a brisa gelada afastando os cabelos de sua testa e a vela

estufada de vento fez Harper se sentir um pouco melhor. Don talvez estivesse zangado, talvez estivesse xingando e tremendo, furioso consigo mesmo por deixar tanta gente boa para trás. Ela torceu para ele conseguir superar isso. Era ficar e morrer, ou fugir enquanto tinha oportunidade. Ela estava feliz que pelo menos um deles fosse sobreviver àquela noite.

– Mãe Carol – disse Michael de junto da porta da enfermaria. Pela primeira vez Harper escutou: o suave tom de reverência em sua voz que sugeria não só afeto, mas obsessão. – O que vai querer fazer com o Bombeiro? Não posso mantê-lo drogado para sempre. O midazolam já acabou. Usei o que tinha sobrado.

Carol baixou a cabeça. A chama da lamparina a óleo transformava em bronze os ângulos pronunciados de seu crânio calvo.

– Essa decisão não pode caber a mim. Não estou conseguindo pensar. Meu pai sempre falou que, quando você não está conseguindo pensar, precisa ficar calado, parado, e escutar a vozinha de Deus, mas a única voz que eu estou escutando é a que não para de repetir: *Faça com que isso não seja verdade. Faça com que não seja verdade. Faça com que meu paizinho esteja vivo.* Meu pai queria que eu amasse as pessoas e cuidasse delas, e agora não sei como fazer isso. O que quer que façamos com o Bombeiro, a decisão não pode ser minha.

– Então deve ser da colônia – disse Ben. – Carol, você precisa dizer *alguma coisa* para eles. Estão todos lá fora, e metade está apavorada. Tem gente chorando. Tem gente dizendo que acabou, que é o nosso fim. Você *precisa* falar com eles. Contar o que sabe. Expor a história para eles. Se não está conseguindo escutar a vozinha de Deus, pelo menos pode escutar a deles. Essas vozes todas nos ajudaram a atravessar os últimos nove meses, e podem nos ajudar a atravessar a noite de hoje.

Carol se balançava, encarando o chão. Estava usando a parte de cima de um pijama de mangas curtas, fino demais para a noite fria, e Michael tocou seu braço nu; por um instante, seu polegar subiu delicadamente pelo ombro dela, a carícia de um amante que ninguém a não ser a própria Harper pareceu observar.

– Tudo bem – disse ela. – Vamos apresentar os dois à colônia.

– Na igreja? – perguntou Ben.

– Não! – exclamou Carol, como se aquilo de algum modo fosse uma sugestão obscena. – Não quero que nenhum deles entre lá nunca mais. Em algum outro lugar. Qualquer outro lugar.

– Que tal o Parque dos Monumentos? – perguntou Michael, movendo outra vez o polegar com delicadeza para cima e para baixo pela parte de trás do braço dela.

– Sim – disse Carol sem piscar nem focar os olhos arregalados, como se ela própria tivesse tomado uma dose de midazolam. – É lá que vamos nos reunir. É lá que vamos decidir.

3

Durante todo o tempo que eles passaram falando, Harper teve a desagradável sensação de estar subindo uma escada que não terminava nunca, talvez a que levava até a torre do campanário acima da igreja, subindo sem parar em direção à luz e ao ar puro. Só que aqueles milhares de degraus estavam dentro da sua cabeça, e ela subia novamente em direção à consciência e à certeza. Era um trabalho cansativo que a deixou com dor de cabeça. Suas têmporas estavam cheias de farpas e agulhas. Sua boca estava cheia de pedra.

O que lhe ocorreu então foi a necessidade de manter a calma e salvar quem pudesse ser salvo. Nick e Allie eram os primeiros da lista; depois ela tentaria proteger os outros, Renée e todos os outros que haviam depositado sua confiança e esperança no Bombeiro e na enfermeira Willowes. Diria as mentiras que fizessem mais sentido para limitar seu sofrimento, fossem quais fossem. Isso se lhe permitissem falar.

De certo modo, era pior ainda saber que teria de ver John morrer e não lhe seria permitido morrer junto com ele. Eles a manteriam viva por tempo suficiente para abrir sua barriga e arrancar do útero seu bebê pegajoso e vermelho. Então ela morreria. Eles a deixariam sangrar até morrer enquanto seu bebê se esgoelava.

As duas Sentinelas que seguravam os braços de Harper a viraram de frente para a porta de tela.

O caminho lamacento que passava pelo refeitório e ia até a capela e o Parque dos Monumentos estava cheio de pessoas amontoadas. Algumas seguravam tochas. Harper viu de repente que a travessia da colônia iria ser muito ruim. Nunca fora mulher de rezar, Jakob havia estragado Deus para ela, mas nessa hora fez para si mesma algo semelhante a uma oração. Não teve certeza de para quem a oração estava dirigida; talvez para Pai Storey. Quando fechou os olhos por um instante, viu seu rosto amoroso, com a testa franzida e enrugada. Rezou para ter a força de se agarrar às melhores partes de si, ali, no final.

– Vai logo, piranha – disse Jamie Close, segurando-a pela nuca e forçando-a a avançar.

As pernas de Harper ainda estavam frouxas e bambas sob seu corpo, e as Sentinelas que a seguravam pelo braço meio que a fizeram marchar, meio que a arrastaram para o frio da noite. Ela viu que eram Gail e Gillian Neighbors. Ambas pareciam tão assustadas quanto ela se sentia. Quis lhes dizer para não terem medo, que estava tudo bem, mas é claro que tinha a pedra na boca e silver tape enrolada em volta da cabeça.

A multidão se afastou para ela passar, como se ela estivesse com alguma doença contagiosa pior do que a Escama do Dragão. Crianças de rosto sujo a observavam com uma espécie de horror intrigado. Uma mulher grisalha de óculos estilosos de gatinho chorava e balançava a cabeça.

Norma Heald foi a primeira a se esticar para a frente, destacar-se da massa de espectadores e cuspir nela.

– Puta do assassino! – berrou ela com uma voz engasgada.

Harper se encolheu, cambaleou, e Gail apertou seu braço com força para firmá-la. Ela balançou a cabeça por reflexo, *não, eu não, não fui eu*, então se forçou a parar. Ao longo da meia hora seguinte, tinha de ser a puta de um assassino. Não sabia o que aconteceria com Nick depois que ela morresse mas, enquanto estivesse viva, precisava fazer o que pudesse.

– Como você foi *capaz* de fazer uma coisa dessas? – berrou uma linda moça de rosto vermelho. Ruth alguma coisa? Usava uma camisola estampada com pequenas flores azuis, e por cima uma volumosa parca laranja. – Como foi capaz? Ele a amava! Teria morrido por você!

Outra cusparada grossa e cheia de muco aterrisou em seus cabelos curtos.

À frente, Harper viu os rochedos imensos e rudimentares, e aquele banco grosseiro de granito que pensara se assemelhar a um local de sacrifício, um lugar onde uma rainha branca poderia sacrificar um leão sagrado. O resto da colônia aguardava ali.

Quando eles adentraram o anel externo do círculo, sua perna direita perdeu todas as forças e ela caiu ajoelhada. Gillian se inclinou por cima dela, como se fosse sussurrar um incentivo.

– Não estou nem aí se você está grávida – disse a garota. – Tomara que morra aqui. – Ela apertou o nariz de Harper para tapar suas narinas. – Por mim, tanto você quanto o bebê podem morrer.

Por um terrível instante, Harper ficou sem ar. Sua cabeça se esvaziou tanto quanto os pulmões. Gillian poderia matá-la com a mesma facilidade com a qual acionaria um interruptor de luz. Então Jamie tornou a segurá-la pela nuca, puxou-a até ela ficar em pé e a empurrou para a frente, dando um tapa em sua bunda para fazê-la avançar, e Harper conseguiu respirar outra vez.

– Ânimo! – gritou Jamie, e alguns homens deram vivas.

Harper olhou para trás e viu Michael caminhando entre Ben e Carol. Ele carregava o Bombeiro no ombro do mesmo jeito que teria carregado um saco de aveia. O Bombeiro sempre havia parecido um adulto e Michael uma criança, mas nessa hora ela viu que o rapaz ruivo era maior do que John, mais largo nos ombros. Parecia haver alguma coisa enfiada na cabeça do Bombeiro, talvez um saco de anagem.

Harper foi conduzida até um daqueles altos e tortos plintos de pedra. Um menino, aquele parecido com David Bowie, se adiantou com um cabo de esfregão amarelo na mão, e ela se perguntou se estaria prestes a levar uma bordoadada. Não. As irmãs Neighbors puxaram seus braços para trás com força. O cabo do esfregão foi posto do outro lado da coluna de pedra, e as meninas usaram mais silver tape para prender seus pulsos nele. Quando terminaram, ela ficou imobilizada, de costas para a pedra rugosa e com os braços forçados para trás.

Chuck Cargill e alguns outros meninos ergueram o Bombeiro contra outro dos rochedos verticais, a três metros de distância. Puxaram seus braços para trás e usaram o adesivo para prender seus pulsos numa pá apoiada do outro lado da pedra. Assim que o soltaram, suas pernas cederam; ele não estava consciente e se sentou, com os pés bem afastados e o queixo caído por cima do peito.

Os integrantes da colônia se afastaram deles dois, espalhados pelo anel externo do círculo de pedras, olhando para dentro. À luz laranja bruxuleante das velas, Harper achou seus rostos desconhecidos, borrões pálidos com olhos cintilantes e escuros de medo. Procurou alguém conhecido, e seus olhos toparam com a menina de 11 anos chamada Emily Waterman. Ela tentou lhe sorrir com os olhos, e Emily se retraiu como diante do olhar de uma louca.

Houve uma confusão mais para trás na multidão, ao pé dos largos degraus que conduziam às portas abertas da capela. Harper ouviu gritos, viu pessoas se empurrando. Dois rapazes conduziam Renée Gilmonton à sua frente usando as coronhas das espingardas, golpeando-a na base das costas e nos ombros. Não estavam batendo nela. Aquilo não era uma surra. Apenas a faziam andar daquele jeito, cutucando-a de vez em quando para fazê-la lembrar que estavam ali. Harper pensou que Renée caminhava com muita dignidade, as mãos amarradas nas costas com um barbante de sisal esfiapado, do tipo que se usaria para amarrar um embrulho de papel kraft marrom. Um corte em seu supercílio sangrava e ela piscava por causa do sangue que pingava no olho esquerdo, mas tirando isso tinha o rosto calmo, o queixo um pouco erguido.

Allie vinha logo atrás dela e gritava com a voz rouca, tremendo:

– Me larguem, porra! Tirem essas porras dessas mãos de mim!

Seus braços também estavam amarrados nas costas, e Jamie Close a segurava pelo cotovelo. Harper não havia notado quando Jamie saíra de perto dela, mas ali estava a menina, tocando Allie para fazê-la avançar. Jamie tinha vários ajudantes: dois rapazes, um de cada lado, seguravam Allie pelos ombros, e dois outros os seguiam. A boca de Allie pingava sangue. Seus dentes estavam vermelhos. Ela usava uma calça de pijama de flanela e um moletom de capuz do Red Sox, e tinha os pés descalços e sujos.

– De joelhos – disse Jamie quando eles chegaram à borda do círculo. – E fecha essa matraca, porra.

– Nós temos o direito de falar em nossa própria defesa – disse Renée Gilmonton, e uma coronha de espingarda a acertou na parte de trás da perna esquerda. Suas pernas se dobraram e ela caiu de joelhos com força.

– Você tem o direito de *calar a boca!* – berrou uma voz de mulher. – Tem o direito de calar essa *boca mentirosa!*

Harper não tinha visto Ben e Michael irem embora juntos, mas nessa hora os viu sair do refeitório. Eles traziam consigo Gilbert Cline e Mazz.

A expressão de Gil era o ar desinteressado de um jogador de pôquer que pode ter um *full house* na mão ou pode não ter nada: não dava para saber. Já Mazz estava muito agitado. Embora usasse um casaco de brim por cima de uma camiseta manchada do Bad Company, praticamente saltitava ao vir na sua direção, caminhando com a mesma segurança apressada de um homem de terno sob medida a caminho do emprego com salário de seis dígitos num arranha-céu de Manhattan.

Gillian ajudou Carol a subir no banco de pedra localizado diretamente entre Harper e o Bombeiro. Carol ficou parada se balançando sem sair do lugar, com os olhos atordoados e o rosto riscado de lágrimas. Não levantou as mãos para pedir atenção. Não foi preciso. O murmúrio baixo e febril, misto de

sussurros urgentes e soluções baixos, foi diminuindo. Em poucos segundos, o lugar ficou tão silencioso que o único ruído era o silvo e o estalo das tochas.

– Meu pai morreu – disse Carol, e um grunhido soluçante de desalento emanou da multidão de quase 170 pessoas. Carol aguardou sem dizer nada até o silêncio voltar, então continuou. – O Bombeiro tentou matá-lo três meses atrás e não conseguiu. Tentou de novo hoje à noite e teve sucesso. Ele ou a enfermeira injetaram uma bolha de ar na corrente sanguínea dele e provocaram um enfarte fatal.

– Isso é uma total invenção – falou Renée com uma voz nítida e potente.

Um dos rapazes atrás dela a golpeou entre as omoplatas com a coronha da espingarda, e ela caiu de cara para a frente.

– *Deixem ela em paz!* – gritou Allie.

Jamie se abaixou junto de Allie e disse:

– Se você abrir essa boca mais uma vez, eu corto sua língua fora e prego nas portas da igreja. – Ela segurava uma faca em uma das mãos, uma faca normal de cortar carne, pelo visto, com lâmina serrilhada, e a levou até perto da bochecha de Allie, virando-a e fazendo o metal refletir a luz.

Allie lançou para a tia um olhar selvagem, furioso e assustado. Carol a encarou de volta com olhos que não pareceram reconhecê-la.

– Criança, você poderá falar quando for solicitada, não antes – disse ela. – Faça o que eu digo ou não poderei protegê-la.

Harper teve certeza de que Allie iria gritar, dizer algo desagradável, e de que Jamie realmente iria cortá-la. Mas Allie só fez encarar a tia, atônita como quem levou um tapa, então caiu no choro, e seus ombros se sacudiram com a força dos soluços.

Carol correu os olhos pelos fiéis, fixando o olhar de rosto em rosto. O ar estava úmido, frio e cheirando a maresia. Faltava um quarto para a lua encher. O menino no campanário da igreja, o olho no campanário que a todos via, tinha os cotovelos apoiados no parapeito e o corpo curvado para a frente para assistir ao que estava acontecendo lá embaixo.

Carol voltou a falar:

– Acredito que o Bombeiro matou também minha irmã Sarah. Acho que ela descobriu que ele pretendia matar meu pai, e ele a matou antes que pudesse nos avisar. Não posso provar, mas é o que acredito.

– Você não pode provar *nada* do que está dizendo! – gritou Renée do chão. Ela continuava caída, numa posição humilhante, de barriga para baixo e as mãos amarradas na base das costas. Seu queixo estava arranhado no ponto em que batera com força na lama do chão. – Nenhuma palavra!

Carol virou para ela uns olhos gélidos e pesarosos.

– Posso, sim. Posso provar as partes mais importantes. Posso provar que você, a enfermeira e o Bombeiro conspiraram para matar a mim e Ben Patchett na esperança de se elevar acima dos outros e transformar isto aqui num campo de prisioneiros. Posso provar que nós éramos os próximos.

Ela estava deturpando tanto as coisas que Harper ficou tonta e quase deu uma gargalhada de histeria. Como se pudesse ter gargalhado.

– Eles fizeram uma eleição! – berrou Carol. Ergueu uma folha de papel amarelo pautado arrancada de um bloco tamanho ofício. – Uma eleição marcada, talvez, mas mesmo assim uma eleição. Mais de vinte pessoas nesta colônia votaram para a enfermeira Willows e o Bombeiro fazerem o que quisessem. Mataram quem quisessem, feriram quem quisessem, prenderam quem quisessem. – Ela baixou a voz antes de retomar baixinho. – Minha sobrinha foi um dos que votaram.

Um burburinho trêmulo de pesar percorreu as pessoas amontoadas nas bordas do Parque dos Monumentos.

– Não é verdade! – gritou Allie.

Jamie grudou a mão no maxilar de Allie, puxou sua cabeça para trás com força, segurou a faca junto à lateral do rosto de Allie e ergueu os olhos para Carol, esperando ela lhe dizer o que fazer. Harper pôde ver uma artéria pulsar na garganta clara de Allie.

– Eu a perdoo – disse Carol à sobrinha. – Não sei que mentiras eles lhe disseram a meu respeito para virar você contra mim, mas eu a perdoo completamente. Devo isso à sua mãe. Você é tudo que me restou dela, sabia? Você e o Nick. Talvez eles tenham feito você *pensar* que eu precisava morrer. Espero que um dia você entenda que eu *estou* disposta a morrer por você, Allie. Seja quando for.

– Que tal hoje, sua manipuladora cheia de cocô na cabeça? – perguntou Allie. Falou num sussurro, mas sua voz se fez ouvir por todo o parque.

Jamie passou a faca por cima dos lábios de Allie, cortando os dois. Allie gritou e caiu para a frente. Com as mãos amarradas nas costas, não conseguiu conter a hemorragia, e se contorceu e chutou,

espalhando sangue e terra pelo rosto.

Carol não gritou nem de horror nem de protesto. Em vez disso, encarou a sobrinha por vários trágicos instantes, em seguida desviou o olhar angustiado e o correu pela multidão reunida. O silêncio no parque uma coisa temerosa, apreensiva.

– Viu o que eles fizeram com ela? – indagou Carol. – O Bombeiro e a enfermeira? Como eles a corromperam? Como a viraram contra nós? É claro que Allie também é amante do Bombeiro. Há meses.

Allie sacudiu a cabeça e grunhiu, um som de raiva, frustração e negação, mas não disse nada; talvez não tenha conseguido, com a boca cortada daquele jeito.

– Eu acho que foi por isso que John Rookwood decidiu matar meu pai. Que o perseguiu na mata e esmagou sua cabeça. Meu pai descobriu que o Bombeiro estava transformando uma menina de 16 anos em puta e quis denunciá-lo. Expulsá-lo desta colônia. Só que o Bombeiro agiu primeiro e o golpeou com aquela sua ferramenta. Vocês todos já o viram com aquilo. O pé de cabra. Ele nunca nem o limpou. Até agora dá para ver o sangue e os cabelos do meu pai nele. Michael, mostre para eles.

Michael deu a volta nos prisioneiros segurando a barra comprida e enferrujada de ferro negro. Passou por Harper com ela na mão em direção aos outros, e por um instante ela pôde ver bem a ferramenta. Estava levemente amassada no ponto em que, meses antes, ela havia golpeado o Homem da Máscara de Gás em meio à fumaça. Só que agora havia espalhado pela barra algo semelhante a sangue velho pisado, e fios de cabelo que reluziam dourados e grisalhos à luz das tochas.

Michael ergueu a barra para mostrá-la aos espectadores. Norma Heald estendeu a mão gorda, branca e trêmula e a tocou de modo quase reverente, em seguida olhou para os próprios dedos.

– Sangue! – berrou. – Ainda está suja com o sangue de Pai Storey!

Harper desviou os olhos, enojada. Perguntou-se quando Michael teria ido à garagem de barcos pegar o pé de cabra no caminhão e prepará-lo. Torceu para que Pai Storey já estivesse morto antes de ele espalhar o sangue do velho pelo metal enferrujado, antes de arrancar os cabelos do velho de sua cabeça ferida.

Quando tirou os olhos de Michael, porém, viu algo que fez sua respiração ficar presa na garganta por um segundo. O pé do Bombeiro caiu para a esquerda, depois para a direita outra vez. Não soube dizer se alguém mais notou. O saco de aniagem estremeceu diante da sua boca, como se ele houvesse suspirado.

– Vocês todos sabem quanto meu pai é forte. Quanto lutou para voltar para junto de nós, para recuperar seu pobre... seu pobre... – Por um instante, Carol ficou tão subjugada pela emoção que simplesmente não conseguiu falar.

– Ele nunca nos deixou! – gritou um homem. – Está sempre conosco no Brilho!

Carol se retesou, como a mão invisível de alguém a houvesse estabilizado.

– Isso. É isso mesmo. Ele sempre esteve conosco, e sempre estará. Posso me reconfortar com esse pensamento. Podemos todos nos reconfortar. Nós vivemos para sempre no Brilho. Lá nossas vozes nunca se calam. – Ela passou o nó do polegar sob um dos olhos. – Sei também que a enfermeira Willows se certificou de ter destruído o cérebro dele durante a realização de uma cirurgia em seu crânio quebrado, e que ele nunca mais iria se recuperar, de modo que não havia motivo para providenciar sua morte. Na verdade, mantê-lo vivo era a melhor forma de ocultar suas verdadeiras intenções em relação a mim, a Ben e a todos nós. Mas a arrogância dela foi a sua ruína! Meu pai mesmo assim logo começou a dar sinais de recuperação, tirando forças de nosso canto, do Brilho. Ela então tentou provocar convulsões injetando insulina nele. Mas só se atreveu a fazer isso uma ou duas vezes. Meu sobrinho estava lá, e sei que ela sentia que o pequeno Nick fora lá espioná-la e ficar de olho no meu pai.

Ela fez uma nova pausa e se concentrou. Quando tornou a falar, sua voz saiu baixa, e muitos na multidão se inclinaram para a frente de modo a poder escutá-la.

– O meu pai. Meu pai era tão forte. Ele tentou voltar, tentou várias vezes. Começou a despertar. Acho que ele se *forçou mentalmente* a despertar, contra todas as previsões. Sabia o perigo que estava correndo. Encontrou caneta e papel e escreveu um bilhete. – Ela moveu no ar uma das mãos que segurava um pedaço de papel branco dobrado. Seus ombros estremeeceram. – É a letra dele. Eu conheço a letra dele desde que tive idade suficiente para ler. Está tremida, mas é dele. E ele escreveu... – Ela fitou o papel e piscou para afastar as lágrimas. – Ele escreveu: “Querida Carol, em breve estarei morto. Espero que você encontre este bilhete, e não a enfermeira. Proteja-se. Proteja as crianças. Proteja a colônia. Proteja-os todos do Bombeiro. Lembre que Jesus não veio trazer paz, e sim a espada. Eu te amo.”

Ela baixou o bilhete, fechou os olhos e se balançou sem sair do lugar. Quando abriu os olhos e os ergueu, Michael estava à espera. Ela lhe passou a folha de papel, e mais uma vez o rapaz levou a prova até a plateia, para todos poderem passá-la de mão em mão e ver com os próprios olhos.

– Nada disso prova nada – gritou Renée de onde estava, esparramada na lama. – Não existe tribunal

em lugar nenhum dos Estados Unidos que fosse aceitar *qualquer dessas coisas* como prova. Nem o bilhete do seu pai, que poderia ter sido escrito sob coerção, nem esse pé de cabra, que poderia ter sido manipulado. – Ela virou a cabeça e encarou a multidão reunida na borda do círculo de pedras. – Ninguém estava planejando matar *ninguém*. Nós falamos em ir embora! Não em assassinato. Tudo que Harper e John queriam fazer era levar um pequeno grupo *embora* daqui para a ilha da Martha Quinn... que é um lugar *de verdade*. Com um celular carregado, eu poderia provar isso a vocês. O sinal deles é transmitido pela internet. Ninguém aqui, nem Carol, nem *ninguém*, pode apresentar qualquer prova direta de qualquer intenção criminosa capaz de se sustentar num tribunal de verdade.

– Vou ter que discordar – disse Mazz do limiar do círculo.

Quando Renée mencionara a ilha da Martha Quinn, houvera um murmúrio de surpresa nervosa quase imediato, um ronco baixo, como o zumbido de retorno num amplificador. Mas nessa hora os muitos presentes tornaram a se calar.

– Poucas noites atrás, todos nós nos reunimos num encontro secreto na ilha do Bombeiro: eu, Gil aqui do meu lado, Renée, Don Lewiston, Allie que está logo ali, o Bombeiro e a enfermeira – disse Mazz bem alto. – Renée me perguntou se eu aceitaria me tornar chefe da segurança na colônia depois que o Bombeiro se livrasse de Ben Patchett e de Carol. E a enfermeira me prometeu que eu poderia escolher as garotas que quisesse, qualquer uma com mais de 14. Tudo que eu precisaria fazer seria manter as pessoas na linha. O que eles não sabiam era que eu já tinha avisado ao Sr. Patchett que algo estava se tramando, e prometido trabalhar para a colônia como uma espécie de agente duplo. Renée e Allie se acharam muito espertas quando nos tiraram do frigorífico para ir à reunião. O que não sabiam era que o Sr. Patchett as tinha *deixado* nos tirar de lá. Ben Patchett, Chuck Cargill e Michael Lindqvist armaram a coisa toda para eu poder coletar informações.

– E Cline vai confirmar tudo – disse Ben Patchett, dando um cutucão nas costas de Gilbert. – Não é, Cline?

Gilbert Cline voltou para Renée seus olhos calmos e cinzentos. Ela estava com cara de quem acabara de levar uma coronhada de espingarda na barriga. Estava com cara de quem queria passar mal.

– Uma coisa eu posso confirmar – disse Gil. – Posso confirmar que Mazz é um mentiroso de merda que vai dizer qualquer coisa a Patchett para nos tirar daquele frigorífico. Todo o resto é balela, e não posso acreditar que qualquer um de vocês vá engolir.

Ben acertou Gil nas costas com a coroa da pistola. O golpe produziu uma pancada baixa, como alguém batendo na madeira. Gil caiu sobre um dos joelhos.

– Não! – gritou Renée. – Não, não machuque ele! – Harper duvidou que muita gente a tivesse escutado devido ao barulho da multidão, que agora emitia um ronco abafado de surpresa e raiva.

Ben se postou atrás de Gilbert Cline, balançando a cabeça e encarando Carol com um ar de ultraje.

– Lá no subsolo ele estava contando outra história – falou. – Estava, sim! Ele me disse que confirmaria tudo que Mazz dissesse contanto que nós lhe déssemos o mesmo tratamento que iríamos dar a Mazzucchelli. Ele disse que...

– Eu falei para vocês deixarem ele fora disso – disse Mazz. – Por que acha que eu não o pus na jogada desde o início? Eu disse que ele não ia...

– Chega! – gritou Carol, e a maior parte do burburinho se calou. A maior parte. Não todo. Os fiéis reunidos agora estavam nervosos, e ficavam se remexendo no lugar enquanto sussurravam. – Qualquer um pode ver que Cline está apaixonado por Gilmonton e vai dizer qualquer mentira para protegê-la.

– Ah, sem dúvida! – gritou Mazz. – Eles estão trepando há semanas! Aquele clube do livro fajuto dela era só um disfarce. Ler *Watership Down*, até parece. Esse era o código deles para o que estavam realmente fazendo, que era trepar que nem dois coelhos toda vez que...

– Uma vez culpado de falso testemunho, sempre culpado de falso testemunho – disse Gil.

– O Sr. Mazzucchelli não é nossa única testemunha! – bradou Carol. – Nós temos outra! Podem perguntar à própria enfermeira! Perguntem a ela! Não é verdade? Ela não estava lá quando o Bombeiro injetou uma bolha de ar no meu pai e acabou com a vida dele? Ela mesma não drogou meu sobrinho Nick para eles poderem cometer esse homicídio em paz? Perguntem a ela! É *verdade*, enfermeira Willowes? Sim ou não?

Harper ergueu a cabeça e olhou em volta. Cento e setenta rostos a observavam, pintados com um tom de laranja infernal por causa das tochas. Observavam-na com medo e com raiva. Emily Waterman exibia um ar muito abalado. As lágrimas haviam riscado as linhas de sujeira em suas faces. Jamie, por sua vez, ainda segurava Allie pelo maxilar e parecia quase tremer de tanta decisão. Por fim, Harper achou Michael, em pé atrás dos dois presidiários, logo à direita de Ben Patchett. Ele havia recuperado a espingarda e a segurava na altura da cintura, com o cano apontado na direção aproximada de Allie. Ele

deu um meneio imperceptível com a cabeça. *Diga que sim.*

Harper moveu o queixo para cima e para baixo. Sim. Era verdade.

Um grito, um uivo de angústia e raiva ecoou à toda sua volta, e a própria escuridão pareceu estremecer. Harper jamais ouvira um uivo tão sustentado assim de barulho. Era um coro de outro tipo, e pela primeira vez ela viu alguns deles começarem a brilhar. Os olhos de Jamie estavam acesos qual moedas de ouro de um dólar a reluzir sob a luz direta de um sol de meio-dia. A Escama do Dragão se eriçou nos braços expostos de Norma Heald, e as marcas exibiram um brilho vermelho lívido.

– *Ahn* – fez o Bombeiro através do saco de aniagem. – O que é isso? O que houve? O que está acontecendo?

Seu calcanhar deslizou pelo chão, tentando encontrar apoio.

– Ele está acordando! – guinchou Emily Waterman com uma voz aguda e estridente. – Ele vai nos matar! Vai queimar todo mundo!

Mais uma vez, Norma Heald foi a primeira a se destacar da multidão. Recuou e atirou uma pedra, um pequeno seixo branco não muito maior do que uma bola de golfe. Fez-se um súbito instante de silêncio, como se todos houvessem prendido a respiração ao mesmo tempo. A pedra acertou o Bombeiro no ombro com um *tlec!* ossudo.

Um imenso e selvagem rugido de satisfação emanou da multidão.

Nenhum deles viu a porta da enfermaria abrir e fechar a cem metros dali, nem Nick sair por ela trôpego, meio acordado e meio drogado.

Tampouco a Sentinela no campanário viu os faróis do ônibus piscarem um alerta frenético nos portões da Colônia Wyndham, a um quilômetro dali. Estava olhando diretamente para baixo, acompanhando a ação. Acompanhando as pedras começarem a voar.

4

Uma pedra ricocheteou no granito acima da cabeça do Bombeiro. O som o fez se encolher. Uma pedra acertou seu joelho e produziu um estalo de osso.

Uma chama azul irrompeu de sua mão esquerda, derretendo a silver tape e partindo o cabo da pá.

Uma pedra branca do tamanho de um peso de papel bateu no saco de aniagem sobre a sua cabeça, e sua mão esquerda se apagou abruptamente numa nuvem venenosa de fumaça preta. Seu queixo caiu contra o peito. Pedras ricochetearam em seus ombros, na barriga, na carne de uma das coxas, e bateram na fachada lisa da pedra atrás dele.

Não, pensou Harper, não não não...

Ela fechou os olhos, voltou a mente para dentro, e começou a cantar sem palavras, a cantar sem melodia.

5

As imagens feitas por Abraham Zapruder, a sequência muda e em cores do assassinato do presidente John F. Kennedy, duram menos de 27 segundos, mas mesmo assim livros inteiros foram escritos na tentativa de explorar adequadamente tudo que pode ser visto acontecendo no quadro. Para dar sentido a qualquer cena de verdadeiro caos, o tempo precisa ser desacelerado até quase congelar, para dar sentido à saraivada de ações e reações humanas disparadas como múltiplas sequências de fogos de artifício, todas ao mesmo tempo. Cada nova visualização do filme revela uma nova camada de nuance, novas impressões. Cada escrutínio das provas revela narrativas sobrepostas, que sugerem não uma única história, o assassinato a tiros de um grande homem, mas dezenas de histórias, todas captadas num frenético *in medias res*.

Harper Willowes não teve a praticidade, sem falar na distância ou segurança, de ver capturado em imagens o que aconteceu ao longo dos onze minutos seguintes. Tampouco pôde assistir novamente mais tarde àquela cena de massacre, para ver o que poderia ter deixado passar. Se tal coisa houvesse sido possível, ela teria recusado, não teria suportado encarar aquilo outra vez, encarar tudo que fora perdido.

No entanto, talvez por não ter entrado em pânico, ela viu muito, muito mais do que qualquer um. Uma faceta curiosa do temperamento de Harper era que ela ficava mais calma nas horas em que os outros tinham mais tendência a ceder à histeria; o fato de habitualmente ficar mais observadora e ver as coisas com mais clareza justamente nos momentos em que os outros não conseguiam suportar de jeito nenhum ver o que estava acontecendo. Teria dado uma boa enfermeira de guerra.

Ela abriu os olhos na hora em que as chamas jorraram de suas mãos e a silver tape ao redor de seus pulsos murchou e derreteu, produzindo um odor forte. Seus braços então se soltaram... e foram recobertos por um fogo amarelo quase até os ombros. Não houve nenhuma dor. Seus braços estavam abençoadamente frescos, como se ela os houvesse mergulhado no mar.

Não era preciso mais tochas. A colônia inteira estava acesa. Harper se viu diante de uma multidão revolta de homens e mulheres com olhos cegos e brilhantes a luzir. Todos exibiam os rabiscos das linhas reluzentes da Escama do Dragão, e o esporo irradiava uma luz escarlata que brilhava através dos suéteres e vestidos. Alguns estavam descalços ali fora, e caminhavam com pantufas de bronze.

Norma Heald, cujos olhos brilhavam como gotas de néon cor de cereja, abaixou-se para catar outra pedra do chão. Harper esticou o corpo e projetou a mão direita, e uma meia-lua de fogo do tamanho de um bumerangue saltou pela escuridão e acertou o braço de Norma por trás, produzindo uma explosão de fogo líquido. Norma deu um grito, cambaleou para trás e caiu, levando consigo pelo menos duas pessoas que estavam atrás dela.

Harper ouviu gritos. Teve consciência de um movimento na periferia de sua visão, pessoas correndo, um empurra-empurra. Uma pedra passou zunindo por sua orelha esquerda e bateu no rochedo vertical no qual ela antes estava amarrada.

Ela se virou para o Bombeiro e viu Gillian Neighbors em pé na sua frente. Levantou a mão esquerda e abriu a palma como se fosse fazer um *high five*. Em vez disso, lançou um prato de fogo como se fosse uma torta na cara da menina. Gillian gritou, levou as mãos aos olhos, caiu para trás e sumiu.

Uma pedra acertou a base das costas de Harper, uma pontada de dor momentânea que logo passou.

Ela ergueu uma das mãos, encontrou a silver tape em volta de sua cabeça e puxou. Mais do que se soltar, o adesivo saiu escorregando, inteiramente derretido. Ela abriu a boca e a pedra caiu na palma de sua mão esquerda. Ela a apertou no punho fechado, e a pedra começou a esquentar até a superfície rachar, se fissurar e ficar branca.

Lembrem-se da pedra na mão dela.

Michael levantou o braço para segurar Carol pelo pulso como Romeu estendendo a mão pela sacada para segurar a de Julieta, você e eu, *baby*, que tal?

Gilbert Cline havia se levantado, então se virou e enterrou o punho na barriga de Ben Patchett. Ben se dobrou ao meio e pareceu encolher de tamanho, e Harper pensou num padeiro sovando a massa fermentada para fazê-la murchar.

Outra pedra acertou Harper no quadril e ela cambaleou. Allie correu até o seu lado e a fez recuperar

o equilíbrio encostando o ombro nela. A adolescente estava usando uma mordança de sangue. Sorriu por entre os lábios cortados. Seus pulsos estavam presos nas costas, amarrados com um barbante de sisal esfiapado. Harper os tocou com a mão coberta por uma luva branca de fogo. O sisal se transformou em vermes laranja retorcidos e se desfez.

Com mais três passos, Harper e Allie chegaram ao Bombeiro. Harper o segurou pelas axilas e enterrou as mãos no material à prova de fogo do seu casaco. Suas luvas de fogo se apagaram com um jato de fumaça preta, expondo a renda de Escama do Dragão enroscada nos antebraços. O esporo continuava aceso num tom febril entre o dourado e o vermelho. Assim que as chamas se apagaram, seu corpo inteiro enrijeceu e ficou estranho, todo arrepiado, e ela se sentiu tão tonta que quase caiu, e Allie teve de ampará-la pousando a mão no seu ombro.

O sangue havia encharcado o saco de aniagem que cobria a cabeça de John, manchando-o em dois lugares distintos, um na boca, o outro do lado esquerdo da cabeça. Allie arrancou o saco e fez aparecer o rosto que havia por baixo. A bochecha dele estava cortada e o lábio superior inchado e arreganhado num sorriso ensanguentado, mas Harper estava preparada para coisa pior. Os olhos dele se reviraram, e então seu olhar a encontrou. Ela e Allie.

– Você consegue se levantar? – perguntou Harper. – A gente está encrencado.

– Alguma outra novidade? – indagou ele, cuspidando sangue pela boca. Olhou de uma para a outra com uma espécie de consternação embaçada. – Não se preocupem comigo. Podem ir.

– Ah, cala essa boca – disse Harper, puxando-o para colocá-lo de pé.

Mas ele não estava mais escutando. O Bombeiro apertou seu ombro e apontou, sua boca se escancarou até virar um anel rodeado de sangue, e seus olhos se esbugalharam nas órbitas. Ele apontou para o céu.

– A mão de Deus! – gritava alguém. – É a mão de Deus!

Harper olhou para cima e viu uma imensa mão flamejante do tamanho de um trailer voador. A mão se abateu bem no meio do círculo de pedras, por cima do banco de granito onde Carol estava em pé havia poucos instantes. Agora Carol estava debaixo do banco, e Michael a abraçava.

Aquela enorme mão de fogo bateu no chão com força suficiente para fazer a terra tremer. Então explodiu em imensas asas feitas de chamas, que subiram pelo círculo interno de rochedos verticais e chamuscaram o granito até deixá-lo preto. A grama chiou, transformou-se em fios cor de laranja e se consumiu. Uma lufada de ar quente explodiu no meio do círculo, forte o suficiente para derrubar Harper no colo de John, forte o suficiente para fazer a multidão cambalear e a primeira fileira de pessoas recuar.

Ouviram-se gritos de angústia e lamentos de terror. Emily Waterman foi derrubada pela correria desenfreada dos adultos em volta, e um ex-encanador de quase 100 quilos chamado Josh Martingale pisou no seu pulso esquerdo. O braço da menina se quebrou com um estalo audível.

A mão de fogo descida do céu se apagou quase no mesmo instante em que bateu no chão, e deixou para trás apenas a grama em chamas e o banco de pedra fumegante. Carol e Michael estavam encolhidos debaixo dele, abraçados.

– Como? – indagou Harper. – Quem...

– Nick – respondeu o Bombeiro.

Por alguns instantes a congregação de fiéis de Carol Storey havia brilhado toda unida, numa radiosa harmonia de raiva e triunfo, mas agora ninguém mais estava aceso, e todos começaram a trombar uns com os outros com a mesma graça de novinhos castrados num estouro de boiada. Ao norte, olhando para trás em direção à enfermaria, uma clareira se abriu na multidão. Pessoas olharam em volta, viram o que estava se aproximando e saíram correndo. Bill Hetworth, ex-estudante universitário de engenharia de 22 anos que chegara à colônia havia quatro meses, viu o que marchava em direção a eles e soltou a bexiga, fazendo escurecer a frente da calça jeans. Carrie Smalls, adolescente de 14 anos que só estava na colônia havia duas semanas, caiu de joelhos no chão e começou a balbuciar um pai-nosso todo errado.

Nick atravessou o terreno em direção a eles com a cabeça em chamas, os olhos parecendo brasas, as mãos duas garras de fogo, arrastando atrás de si um comprido e negro manto de fumaça.

6

Eles se espalharam, um mar humano diante de um Moisés trajando uma túnica de fogo. Ao mesmo tempo em que caminhava decidido na sua direção, Nick já estava se permitindo se apagar. A coroa azul de fogo que lhe rodeava a testa falhou, tremeluziu em tonalidades diversas, cor de esmeralda, um amarelo bem claro, então se extinguiu numa lufada de fumaça branca. Mas seus olhos continuaram a arder, permaneceram duas quentes brasas cegas.

– Famof embora – disse o Bombeiro. – É a nofa deifa. – Toda vez que ele tentava pronunciar certas consoantes, seus lábios machucados projetavam um leve borrito de sangue.

Harper e Allie o ajudaram a ficar em pé, cada qual segurando uma de suas mãos. Ele não tinha equilíbrio nem força nas pernas, e na mesma hora começou a emborcar para a frente. As duas o ampararam, e ele passou os braços por cima de seus ombros.

– Famof para trás do Nick – disse o Bombeiro. – Elef estão morrendo de medo dele. Eftão pelo menos com tanto medo dele quanto xamaif tiveram de mim.

Mas os três só conseguiram dar dois passos, com Harper e Allie a auxiliá-lo, quando ouviram a explosão de uma buzina de ar comprimido, um *fuéen-fuéen* ensurdecedor que pareceu varar o peito de Harper de fora a fora. Ela congelou onde estava e olhou em volta, atarantada, erguendo por fim os olhos para a estrada, na direção do alto do morro.

Um par de faróis surgiu ali, dois faróis xênon azul-vivos a lançar uma claridade ártica de cima de um imenso caminhão limpa-neve.

Os faróis iluminaram um homem em pé dois metros e meio à frente do caminhão, um sujeito vestido com um suéter imundo estampado com renas saltando sobre um fundo verde. Esse homem tinha uma corda em volta do pescoço, e a linha esfiapada subia até a grade dianteira do caminhão atrás do limpa-neve. Estava com as mãos amarradas nas costas. Os faróis transformavam seus finos cabelos brancos em filamentos de aço.

Os mesmos faróis iluminaram também Mark Mazzucchelli. Mazz estava a uns 50 metros de distância, avançando pelo meio da estradinha de terra, aparentemente após decidir que já havia passado tempo suficiente usufruindo das benesses da Colônia Wyndham e agora iria partir rumo a pastos mais verdejantes. Mas quando os faróis se acenderam ele deu um último passo cambaleante e em seguida estacou.

– Que porra é essa? – indagou, e sua voz se propagou no súbito silêncio.

Um segundo par de faróis surgiu, depois um terceiro. Um dos pares pertencia a um Humvee sem capota. Os outros estavam acesos na frente de um Silverado Intimidator da Chevrolet montado sobre seis rodas de aro aumentado. Acima da cabine estavam acesos refletores tão fortes que cegavam a vista. Pelo menos duas outras picapes desciam a estrada atrás deles.

Nelson Heinrich, o homem que mancava preso à corda, olhou para as luzes por cima dos ombros.

– *Estão vendo?* – berrou ele. – *Estão vendo, eu disse a vocês! Disse que eles estariam aqui! Todos eles! Duzentos infectados, no mínimo! Eu disse que poderia ajudar vocês! Agora vocês têm que me soltar! Vocês prometeram! Prometeram que me deixariam ir embora!*

Uma voz amplificadora ribombou na noite, pois além dos refletores havia alto-falantes montados no Intimidator. Harper conhecia aquela voz. Todos a conheciam. O Homem de Marlboro era famoso de norte a sul do litoral.

– Promessa é dívida – disse o Homem de Marlboro. – E ninguém pode dizer que o Homem de Marlboro não cumpre sua palavra. Alguém solte o Sr. Heinrich.

Um homem de uniforme militar se levantou do banco do carona do Humvee. Empunhava um fuzil Bushmaster, e apoiou o cano na borda superior do para-brisa antes de começar a disparar.

Nelson Heinrich arqueou a coluna como se tivesse sido atingido na base das costas por um vergalhão de aço. Uma fumaça vermelha irrompeu de seu peito em rajadas, formando uma névoa vermelha no ar à sua volta. Ele tentou correr, deu dois passos, então a corda que o prendia pelo pescoço o puxou e ele caiu no chão.

Mazz se virou e também começou a correr. Deu um passo, outro passo, e então balas esraçalharam suas pernas. Outra bala o acertou nas costas com um barulho igual ao da chuva caindo sobre um tambor. O último tiro pegou no ombro quando ele estava caindo, e o fez girar ao mesmo tempo em que ele desabava no chão, fazendo-o aterrissar deitado de costas olhando para o céu enfumaçado da noite.

O Humvee recomeçou a andar, sacolejando pela estrada esburacada e levantando uma nuvem de giz branco. Acelerou na escuridão entre a igreja e o refeitório, bloqueando a rota de fuga nessa direção. Os faróis se moveram pelo chão lamacento até encontrar Nick. O Hummer não diminuiu a velocidade, mas acelerou, correndo em direção ao menino. Harper gritou seu nome. É claro que ele não escutou.

O Humvee passou por cima de Mazz com um barulho de esmigalhado e um estalo, e se sacudiu como se houvesse passado por um buraco fundo. Nick se virou de um jeito quase casual, como num sonho. Levantou a mão direita. Faíscas rodopiaram de sua mão e subiram pela noite qual um funil em direção às estrelas, mil estrelas quentes voando da sua mão. Só que em vez de se apagarem à medida que subiam, como em geral acontece com as faíscas, foram ficando mais brilhantes e incharam. Subiram até se transformar num bando de andorinhas de fogo, nenhuma delas maior do que uma bola de golfe, uma centena de pássaros velozes feitos de chamas que então mergulharam.

Os pássaros acertaram o Humvee numa grossa chuva de luz vermelha quando o veículo ainda estava a 15 metros de distância. Os dardos incandescentes fizeram contato com uma sequência de estouros úmidos e racharam o para-brisa; acertaram os homens sentados no banco da frente e os transformaram em efígies aos gritos; laceraram os pneus e criaram rodas de fogo rodopiantes; alvejaram uma caixa de munição e a fizeram disparar com um ratatá e uma explosão de luzes brancas estroboscópicas.

O Humvee descambou para a esquerda. A borda direita do para-lama esbarrou em Nick ao passar e o lançou de lado. O Humvee continuou em frente, puxando para a esquerda. Os pneus do lado do carona bateram numa pedra branca meio enterrada no chão. O Hummer se levantou sobre duas rodas e então capotou com um estrondo ensurdecidor. Um cadáver em chamas, o motorista, foi ejetado na noite.

Allie não parava de gritar o nome de Nick. Não conseguia se mexer. Estava paralisada no lugar. Tentou ir até ele, mas o Bombeiro apertou o braço em volta de seus ombros.

– Ben vai pegar ele, *Ben...* – disse ele, e segurou Allie contra si por um instante antes de ela se contorcer até se soltar e começar a correr na direção do irmão.

Mas Ben Patchett estava muito na sua frente. Corria com um passo desengonçado e lento, mas mesmo assim já havia percorrido dois terços do caminho até o menino caído no chão. Em uma das mãos segurava a pistola e disparava às cegas na direção do Freightliner. Uma das balas atingiu o limpa-neve e projetou faíscas azuis. Ben se apoiou em um dos joelhos, recolheu o menino fumegante no colo e o pôs em cima do ombro. Tornou a atirar, uma vez só, em seguida começou a voltar correndo, dessa vez não tão depressa.

Alguns homens em pé atrás do limpa-neve usavam o veículo como proteção. Canos emitiram clarões. Armas pipocaram. Ben cambaleou, desviou-se do caminho, seguiu em frente. Harper não viu onde a primeira bala o atingiu. A segunda o acertou no ombro direito e o fez dar um meio giro. Pareceu certo que ele iria cair, ou então largar Nick. Mas nenhuma das duas coisas aconteceu. Ele se aprumou e recomeçou a avançar numa espécie de corrida exausta, como um homem no final de uma longa maratona num dia de calor. A terceira bala que o acertou arrancou o tampo do seu crânio. Tudo em que Harper conseguiu pensar foi numa onda se desfazendo em espuma contra um rochedo. O crânio foi arrancado numa explosão de espuma vermelha, e cabelos, ossos e miolos se espalharam pela noite.

Mesmo assim ele continuou a correr, mais um passo, depois mais outro, e quando caiu de joelhos Allie já estava lá, com os braços estendidos. Ben lhe entregou Nick quase com delicadeza, depositando-o nos braços da irmã com um cuidado sem pressa, como se perder a metade superior do crânio fosse algo

sem importância. Antes de Ben desabar com a cara no chão, Harper pôde ver sua expressão pela última vez. Ele lhe pareceu estar sorrindo.

– Corram! – gritou Carol. – Corram para a igreja! Todo mundo, vão! – Ela estava novamente em pé no banco de pedra, com os braços estendidos para os dois lados, iluminada por trás pelos faróis. Balas pipocavam e ricocheteavam nos imensos rochedos à sua volta, e uma vez Harper pensou ter visto a bainha de sua túnica se agitar com um movimento brusco, como se algo houvesse lhe dado um peteleco. Nenhuma bala a atingiu. Uma fumaça emanava da pedra enegrecida sob seus pés. Ela parecia uma ilustração do Antigo Testamento, um profeta louco numa cena noturna de desolação, clamando a Deus por um gesto de violência redentora.

Os moradores da Colônia Wyndham já estavam a caminho, todos eles. Correram em direção à escada, todos os 170, empurrando-se e gritando. Emily Waterman, ainda no chão, foi pisoteada por meia dúzia de pessoas. A última, uma mulher chamada Sheila Duckworth, ex-auxiliar de dentista, pisou em sua cabeça por trás, empurrando sua cara para dentro da lama, que foi onde a menina de 11 anos sufocou. A essa altura seu pescoço já estava quebrado, e ela não conseguiu levantar o rosto para respirar.

Harper olhou em volta à procura de Renée e a viu na quina mais afastada da igreja. Em pé ao seu lado, Gilbert a puxava por um dos braços. Eles não estavam entrando na capela, mas sim dando a volta pela lateral até atrás da estrutura. Renée tinha os olhos úmidos, assustados e suplicantes, e parecia querer ficar, mas Gil não parava de puxá-la e Harper pensou: *Vão embora, nem pensem, vão*. Ver Renée se afastar e sumir do seu campo de visão foi como uma profunda inspiração de ar limpo e fresco. A distância era demasiado grande para ela ir com John, que mal conseguia se manter em pé, mas Renée e Gil já tinham conseguido, poderiam fugir morro abaixo para o meio das árvores. Talvez conseguissem chegar a um caiaque e remar até Don Lewiston, se ele estivesse em algum lugar no mar, observando. Torceu para eles conseguirem. Torceu para não olharem para trás.

Michael havia saído de baixo do altar e tinha os braços estendidos para segurar as mãos de Carol. Ela não lhe deu atenção. Ficou ali, em pé, gritando para seus fiéis correrem, e quando ele a segurou pelos pulsos ela se desvencilhou. Michael a segurou pela cintura e a tirou de cima da pedra. Virou-se e começou a correr com ela, mais ou menos como Ben havia corrido com Nick segundos antes. Correu em direção à capela. A maior parte dos outros já tinha se acotovelado para entrar pelas portas vermelhas.

– Famof – disse o Bombeiro. – Para a igreja.

Suas pernas cederam, e Harper o puxou até ele ficar em pé outra vez.

– Não – disse ela. – Aquilo lá é uma armadilha...

– É um abrigo, agora vai.

Suas entranhas se contraíram; foi como ser cingida por um anel de aço. Seu ventre doía tanto que ela ficou sem ar, e se perguntou, atarantada, se a hora teria chegado, se o estresse teria provocado o trabalho de parto com um mês de antecedência.

Então sufocou o pensamento e começou a avançar cambaleando em direção à capela. O Bombeiro pedalava com os pés, imitando o ato de caminhar, mas apesar disso era ela quem o carregava. Allie chegou ao seu lado com Nick no colo. O sangue escorria da ponta de seu queixo, mas seus lábios estavam abertos numa espécie de sorriso desvairado.

Eles subiram os degraus juntos: Allie carregando Nick, Harper carregando o Bombeiro, Michael levando Carol. Assim que chegaram ao alto dos degraus, a escada explodiu, mastigada por balas, inundando o ar da noite com o doce aroma de madeira recém-serrada.

O Intimidator, com um WKLL em forma de labareda adesivado na porta do carona, saiu da estradinha de terra e veio descendo o morro à toda velocidade, dando a volta no anel externo do círculo de pedras. Encostou junto à lateral sul da capela, na estreita faixa de chão entre a igreja e a mata. Uma arma totalmente automática de algum tipo pôs-se a metralhar da caçamba. Harper não soube o que era, mas o barulho chapado que lembrava plástico era diferente dos Bushmasters.

Duas outras picapes atravessaram aos solavancos o espaço aberto ao norte e se posicionaram rugindo para cobrir o outro lado da construção. O Freightliner continuou no alto do morro, ligado, sem sair do lugar, como se Jakob estivesse aguardando e observando para ver onde poderia ser mais útil.

Gail Neighbors estava em pé logo depois da entrada, junto a uma das grandes portas vermelhas. Na outra parte estava o menino magrelo e com cara de elfo parecido com David Bowie jovem. Os dois já estavam fechando as portas quando Harper e o Bombeiro se jogaram lá para dentro, para o meio da penumbra, dos soluços, dos gritos e do terror. As portas se fecharam com estrondo atrás deles... e nunca mais se abriram.

8

Michael se curvou para a frente e delicadamente, com reverência, tornou a pôr Carol de pé nas sombras da entrada.

– Você está ferida? – perguntou com um grito, e sua voz falhou. – Ai, meu Deus, por favor... *por favor...* que você não tenha levado um tiro. Não sei o que eu faria.

Os olhos de Carol se reviraram como os de um cavalo em pânico. Ela mal parecia reconhecê-lo.

– Sim. Não estou ferida. O Brilho. Acho que foi o Brilho! Desviou as balas deles. Era como um campo de força feito de amor. Acho que protegeu você também!

Harper limpou a garganta e empurrou Carol delicadamente para o lado com um dos cotovelos. No punho esquerdo segurava uma pedra maior do que uma bola de golfe, a mesma que Jamie Close enfiara em sua boca quinze inacreditáveis minutos antes. A pedra agora fumegava depois de se aquecer aos poucos dentro da sua mão desenhada com a Escama do Dragão. Ela bateu com a pedra no maxilar de Michael Lindqvist Júnior, quebrando dois de seus dentes.

– Não – falou. – Não tem campo de força nenhum em volta dele. – Quando o rapaz dobrou o corpo e caiu, ela lhe deu uma joelhada no rosto ferido. Ao mesmo tempo, golpeou-o no ombro com a pedra em brasa. Centelhas voaram. O ombro saiu da articulação com um barulho parecido com alguém sacando uma rolha.

Poderia ter continuado a bater nele. Não reconhecia mais a si mesma. Seu braço estava operando por moto próprio, e seu braço queria matá-lo. Mas isso teria significado se ajoelhar, e, como ela estava com pequenas contrações, se ajoelhar parecia ser um grande esforço. Além do mais, o Bombeiro estava com um dos braços à sua volta, e embora estivesse demasiado fraco para puxá-la, pelo menos estava tentando.

– Espera – disse ela. – Eu estou bem. Já acabei.

E pensou mesmo que tivesse acabado, mas o Bombeiro então a soltou e ela deu um chute com a bota no pescoço de Michael.

– Ele era um velhinho encantador – falou, enquanto o Bombeiro a puxava para conter sua fúria de chutes. – Você deveria sentir vergonha de si mesmo!

Carol os encarava com um olhar de incompreensão e assombro. Um dos lados de seu rosto estava cor-de-rosa e inchado, e sua orelha estava descascando. A mão de Deus descida do céu havia lhe infligido uma queimadura solar instantânea em uma das faces.

– E você! – disse Harper. – Imagino que o seu campo de força nunca estivesse ligado quando o Mikey estava a fim de enfiar o dedo na sua boceta.

Carol se retraiu como se Harper tivesse lhe dado um tapa. Sua bochecha esquerda começou a adquirir o mesmo tom do lado de seu rosto que havia sido queimado.

– Pode me matar agora, se quiser – disse ela. – Só vai estar me mandando de volta para os braços do meu pai. Ele está me esperando no Brilho. Todo mundo que perdemos está esperando no Brilho. De toda forma, essa é a nossa única escapatória agora.

– Eu não vou te matar nem nunca tive essa intenção – disse Harper. – Eu não *preciso* te matar. As pessoas lá fora vão cuidar disso para mim. Este lugar é uma caixa, e todas as armas estão com eles. Mas talvez a gente ainda tenha cinco ou dez minutos. Nesse tempo, pensa no seguinte: o Michael matou seu pai... por você. Para salvar você. E para salvar *a si mesmo*. Seu pai ia mandar você embora por causa do que você fez com Harold Cross. Mikey esmagou a cabeça dele para impedi-lo de contar à colônia como vocês tinham armado uma arapuca para Harold e o feito levar um tiro. Sabe o que você fez quando mandou Harold para o túmulo? Mandou seu pai para debaixo da terra junto com ele. Uma coisa conduziu naturalmente à outra. Leve isso para o Brilho com você.

A voz de Harper foi ficando gradualmente mais baixa conforme ela falava, e quando acabou de pronunciar a última palavra ela estava tremendo, e sua voz mal passava de um sussurro rouco. No final das contas, ela não tinha muito talento para ser cruel com outros, mesmo quando eles mereciam. A expressão assustada, pálida e confusa de Carol a deixou enjoada. Havia olheiras escuras sob seus olhos, e a pele exibia um aspecto cinza por baixo do cor-de-rosa das queimaduras. Harper pensou que ela agora enfim tinha uma aparência de adulta: uma mulher acabada, cansada e não muito atraente, que havia passado por dificuldades na vida.

Carol virou o olhar pasmo para Allie, que estava em pé segurando Nick com os dois braços. Ao ver a sobrinha, seu rosto murchou e ela começou a chorar.

– Allie – falou, estendendo os braços. – Deixa eu segurar o Nick. Deixa eu ver ele. Por favor.

Allie cuspiu na cara da tia. Carol piscou; suas bochechas e sobrancelhas ficaram salpicadas de gotículas vermelhas. Ela ergueu uma das mãos num gesto defensivo, e a adolescente cuspiu em suas mãos também, uma chuvarada de muco e fiapos de sangue.

– Nem fodendo – respondeu, com a boca toda cortada. – Não quero que você toque nele. Você tem uma coisa pior do que a Escama do Dragão e eu não quero que ele chegue perto, pode ser contagioso. – A cada sílaba que ela dizia, o sangue voava. O corte em seus lábios estava feio. Harper pensou que precisaria de pontos, e era provável que deixasse uma feia cicatriz.

– Não temos tempo para isso – disse o Bombeiro. – Precisamos subir no campanário. Podemos resistir lá de cima.

Harper pensou que aquilo era a coisa mais inútil que jamais escutara e abriu a boca para dizer isso, mas Jamie falou primeiro.

– Tem pelo menos uma espingarda lá em cima – disse ela. Seu rosto estava imundo e ela tremia violentamente, mas Harper não teria sabido dizer se de choque ou de pavor. – E uma caixa de balas. Tem sempre uma espingarda lá em cima para quem estiver de vigia no campanário.

Jamie Close era uma selvagem sem coração, mas não era burra. Estava entendendo a situação tão bem quanto eles, e havia transferido sua lealdade para os sobreviventes mais prováveis com a mesma eficiência profissional de uma atendente de guichê de banco dando o troco.

O Bombeiro assentiu.

– Ótimo. Ótimo, Jamie. Sobe lá. Nós vamos logo atrás. Podemos mirar nossos tiros do campanário para baixo de modo a abrir um caminho, das portas do subsolo até... – Ele fez uma pausa, e seus olhos pareceram se esforçar para ver. Ele havia perdido os óculos em algum lugar. Harper entendeu que estava visualizando a colônia e vendo como a porta dupla que dava para o subsolo se abria para a campina norte: uma larga extensão de terra nua sem qualquer proteção. Lá fora havia duas picapes cheias de homens e armas. Harper já havia pensado em tudo, e não via nenhuma saída.

– Cadê a Gillian? – guinchava Gail. – Alguém viu minha irmã? Alguém viu se a minha irmã conseguiu entrar? – Ela deu as costas para a porta dupla e entrou cambaleando na nave, onde a maior parte dos fiéis havia se reunido.

Harper apertou o ombro de John.

– Você acha que consegue subir essa escada?

– Vai você – disse ele. – Eu te sigo.

– Eu não vou deixar você para trás. De jeito nenhum. A gente vai subir junto.

Ele aquiesceu e limpou o sangue da bochecha.

– Então vamos. Lá de cima vamos ter uma posição boa para atacar eles. Não me importa quantos são. Aquilo é um posto de atirador. Talvez a gente ainda consiga sair daqui na base de tiros e de fogo. *De algum jeito.* Não é tarde demais, Willowes.

Mas era. No instante seguinte, o primeiro coquetel-molotov acertou a lateral sul da igreja com um estrondo e uma lufada de fogo azul.

Carol se virou. A alta abóbada da nave ecoava com chamados por socorro, Jesus, misericórdia, perdão. Carol abarcou o recinto comprido e abarrotado com um olhar infeliz e confuso.

Havia pessoas esparramadas pelo chão. Outras se encolhiam nos bancos abraçadas. Muitas estavam sentadas ao pé do altar. Acomodada nos degraus que subiam até o tablado, Norma se balançava para a frente e para trás, balançando a cabeça.

– Por que vocês estão *chorando*? – perguntou ela bem alto. – Por que estão chorando? Vocês acham que não vamos conseguir sair daqui? Acham que estamos *presos*? O brilho está *nos esperando*, e ninguém pode nos impedir de voar até ele para sermos livres! Não é hora de chorar! É hora de *cantar*!

As janelas de vitral que se sucediam na parede comprida estavam lacradas com tábuas de compensado pregadas por fora. Uma delas estava em chamas, e o fogo encrespado projetava pelos bancos cores berrantes que lembravam uma loja de balas.

– *Hora de cantar*! – repetiu Norma, aos gritos. – Vamos! Vamos lá! – Seus olhos desatinados localizaram Carol do outro lado da igreja, para lá do tumulto da multidão. – Mãe Carol! A senhora sabe o que precisamos fazer! A senhora sabe!

Carol a encarou de volta por longos instantes, e em seu rosto estava estampado algo semelhante à incompreensão. Mas ela então inspirou fundo, soltou a voz e começou a cantar.

– *Vinde todos, ó fiéis* – cantou Carol. Foi difícil ouvi-la no começo, com tantos gemidos e gritos.

Balas tamborilavam no exterior da capela, pipocando feito uma chuva forte.

– *Alegres e triunfantes* – continuou Carol com uma voz trágica, aterrorizada, melodiosa. Ela avançou pela nave, deu a volta em Michael e estendeu as mãos uma para cada lado. Sangue pingava das pontas de seus dedos.

Gail estava em pé ali perto. Parecia ter desistido de procurar a irmã, e apenas se balançava sem sair do lugar. Carol a segurou pela mão. Gail olhou para aquela mão com surpresa e teve um leve sobressalto, como se ela a houvesse beliscado.

Carol apertou seus dedos e seguiu cantando:

– *Vinde todos... vinde todos... para Belém.*

– Sim! – rugiu Norma. – Sim! Para Belém! Para o Brilho!

Uma segunda voz se uniu à de Carol, alguém cantando junto com ela num ritmo amedrontado e desafinado.

Alguma outra pessoa não parava de gritar:

– A gente vai morrer! A gente vai morrer aqui dentro! Ai, meu Deus, a gente vai morrer!

Gail olhou para a mão de Carol que segurava a sua e começou a chorar. Chorou tanto que seus ombros se sacudiram. Mas então ela também começou a cantar.

Eram meia dúzia agora, e suas vozes subiam juntas em direção às vigas:

– *Vinde ver, ele chegou! Nasceu o rei dos anjos!*

E uma luz prateada matizada de rosa correu pelos sulcos e arabescos da Escama do Dragão de Carol. Harper pôde vê-la se acender através da fina seda do pijama.

Com uma voz portentosa e engasgada de tristeza, Norma gritou:

– *Ó, vinde, adoremos! Ó, vinde, adoremos! Ó, vinde, adoremos!* – Era mais do que uma exortação. Soava quase como uma ameaça.

Outro coquetel-molotov se espatifou contra a fachada sul da igreja. O fogo subiu lambendo um pedaço da parede. Dois homens correram até lá e começaram a bater nas chamas com casacos.

– Acabou – disse Harper para o Bombeiro. – Está tudo acabado.

Carol caminhou devagar em direção ao altar e, quando adentrou a multidão, todos se levantaram e estenderam as mãos para ela. Bancos arranharam o chão quando as pessoas os empurraram de lado. Todos se precipitaram por cima e para a frente uns dos outros para chegar mais perto de Carol.

Os fiéis estenderam as mãos na sua direção e cantaram com ela, e muitos a fitavam com adoração. Um menininho corria atrás dela, saltitando e batendo palmas num inexplicável acesso de alegria, como se estivesse sendo levado até a entrada de um parque de diversões que há muito sonhasse visitar. À medida que avançava, Carol apertava mãos, não muito diferente de um político que atravessa uma multidão, às

vezes se inclinando para roçar os lábios nas costas da mão de alguém, mas sem nunca deixar de cantar. Ela os amava, claro. Era um amor doentio, estragado, não muito diferente, pensou Harper, do modo como Jakob havia amado a ela, mas era real e era tudo que restava a Carol para lhes dar.

Balas ricocheteando nas portas de madeira atrás deles despertaram Harper de seu transe. Ela se virou para o Bombeiro e meio que o puxou, meio que o carregou até a segurança do arco de pedra que ia dar na escada. Balas zuniam e chiavam, lascando as pedras do calçamento atrás deles. Allie se espremeu até o seu lado segurando o irmão no colo.

– Alguma ideia? – perguntou, sem o menor vestígio de pânico.

– Pode ser que tenha uma saída pelo telhado – respondeu o Bombeiro.

Harper sabia que, uma vez que eles subissem até o campanário, não teriam mais como descer; pelo menos não ela. Não tinha como fugir pelo alto da capela. Era alto demais. Se caísse da superfície íngreme do telhado, iria pulverizar as próprias pernas e provocar um aborto.

Mas não disse isso a nenhum deles. Pensou que pelo menos Allie, a ágil, atlética Allie, talvez conseguisse atravessar o telhado, chegar até uma das calhas, dependurar-se na lateral e se deixar cair até o chão. Haveria muita fumaça e barulho, talvez o suficiente para lhe dar uma chance de chegar à mata e se esconder.

– Sim – disse Harper, mas mesmo assim hesitou e ficou onde estava, esticando o pescoço para espiar a nave.

As vozes de todos que restavam subiam num canto melodioso e angustiado. Eles cantavam e brilhavam. Seus olhos reluziam com o mesmo azul de maçaricos. Uma menininha de cabeça raspada em pé sobre um banco cantava a plenos pulmões. A Escama do Dragão em seus braços nus brilhava tanto que tornava os braços em si quase translúcidos, permitindo a Harper ver as sombras dos ossos através da pele.

Norma foi a primeira a entrar em combustão. Em pé atrás do altar, balançava-se em frente à cruz enquanto bradava a letra da música. Seu rosto grande e feioso estava rosado e reluzente de suor, e ela abriu a boca e gritou:

– *Cantai em regozijo!* – A parte interna de sua garganta estava banhada em luz.

Norma inspirou fundo para cantar o verso seguinte. Uma explosão de fogo amarelo jorrou de sua boca. Sua cabeça foi jogada para trás. Sua garganta estava vermelha e contraída, como se ela estivesse fazendo um grande esforço. Então seu pescoço começou a ficar preto enquanto uma fumaça escura saía de suas narinas. A Escama do Dragão na carne flácida de seus braços nus adquiriu um tom lívido e venenoso do mais profundo vermelho. Ela estava usando um vestido preto florido mais ou menos do tamanho de uma barraca de camping. Labaredas azuis subiram pelas costas do vestido.

Gail engasgou, tropeçou e esbarrou no menininho que pulava sem sair do lugar. Acenou com uma das mãos no ar, para a frente e para trás, como quem tenta afastar insetos do rosto. Da terceira vez em que fez isso, Harper reparou que o braço da garota estava em chamas.

– O que está acontecendo com eles? – perguntou com um grito Jamie, que havia se juntado a eles sob o largo arco de pedra.

– É uma reação em cadeia – respondeu o Bombeiro. – Eles vão queimar todos juntos.

– *Glória nas alturas!* – cantaram eles. Ou pelo menos alguns. Outros haviam começado a gritar. Os que não estavam pegando fogo.

Quando Carol entrou em combustão, estava no meio do grupo, e dezenas de féis tinham as mãos esticadas para tocá-la. E de um instante para o outro ela se transformou numa coluna branca encrespada de fogo, com a cabeça jogada para trás e os braços abertos como quem vai abraçar um amante invisível. Pegou fogo como se estivesse encharcada de querosene. Sequer gritou; foi rápido demais.

Balas zuniam e assobiavam pela nave, abatendo aleatoriamente quem estava mais para trás na multidão. Harper viu um adolescente, um menino negro esguio, dar um tapa na própria testa como se houvesse acabado de lembrar que esquecera de levar o livro para a aula. Quando ele abaixou a mão, ela viu um rombo no meio de sua testa.

Uma adolescente dobrou o corpo para a frente e abraçou a si mesma, com as costas completamente em chamas. O menino magro parecido com David Bowie caíra ajoelhado mais para trás da multidão, com a cabeça abaixada como quem reza e as mãos unidas. Sua cabeça estava pegando fogo, e parecia um fósforo preto no centro de uma chama amarela brilhante. Uma menininha corria para lá e para cá pelo corredor, agitando no ar as duas mãos em chamas e chamando pela mãe com uma voz esganiçada. Seu rabo de cavalo era um lenço de fogo azul.

– Ai, John – disse Harper, e olhou para o outro lado. – Ai, John.

Ele a segurava pelo braço e a guiou até a penumbra enfumaçada da escada, e todos começaram a

subir juntos para longe dos gritos, das risadas e da canção, mas sobretudo para longe dos gritos, que se ergueram juntos num último coro desolador, um derradeiro ato de harmonia.

10

Harper já se perguntara como devia ter sido estar numa das escadas das Torres Gêmeas no dia do atentado com os aviões, e o que as pessoas haviam sentido ao descer os degraus às cegas em meio à fumaça. Pensara nisso de novo no dia em que homens e mulheres começaram a saltar do alto da Space Needle em Seattle, nas primeiras semanas da infecção generalizada. Naqueles dias de conflagração, a mesma situação havia se repetido várias vezes: um prédio alto em chamas e pessoas lá dentro tentando fugir do fogo que as perseguia, tentando encontrar uma saída, o tempo todo sabendo que a única saída talvez fosse um derradeiro salto e a adrenalina embriagante e silenciosa da queda: uma última chance de obter um instante de paz.

Mais do que tudo, temia o pânico. Temia perder o controle de si mesma. Conforme eles foram subindo, porém, sentiu-se quase uma profissional, concentrada no passo seguinte, depois no outro. Esse pelo menos era um motivo de gratidão. Ela sentia menos pavor de morrer do que de ser privada de sua personalidade, de virar um animal no abatedouro, incapaz de ouvir os próprios pensamentos por causa do alarmante clamor do desespero.

Foi subindo com o Bombeiro a segurá-la para lhe dar apoio, parando de vez em quando nas horas em que ele ficava tonto ou ela precisava recuperar o fôlego. Subiram como dois idosos, dando um passo para cima, parando, dando outro. Ele estava fraco demais para subir depressa, e ela estava tendo contrações. Seu útero parecia uma pedra, um bloco duro no centro de seu corpo.

Jamie Close já estava na torre. Havia passado correndo por eles um minuto antes. Harper já podia escutar o disparo ocasional de uma espingarda lá em cima.

Um pouco à sua frente ia Allie, com Nick no colo. O queixo do menino repousava no ombro da irmã, e Harper podia ver seu rosto com bastante clareza. Ele estava usando uma máscara vermelha de sangue e tinha o couro cabeludo aberto no ponto em que fora atingido pelo Humvee, mas sua expressão estava plácida, sonolenta. Abriu o olho esquerdo uma vez para espia-la, mas em seguida tornou a fechá-lo.

– Quase lá – disse o Bombeiro. – Estamos quase lá.

E o que eles fariam uma vez lá em cima? Esperariam que o fogo os alcançasse, supunha Harper. Ou seriam alvejados de baixo. Mas não compartilhou esse pensamento com ele. Sentia-se grata pela sua proximidade, pelo braço dele ao redor de sua cintura e pela cabeça dele no seu ombro.

– Que bom que eu me apaixonei por você, John Rookwood! – disse ela, e lhe deu um beijo no pescoço.

– Ah, eu também acho – disse ele.

Atrás deles, a cantoria prosseguia, embora agora os gritos ameaçassem abafá-la. Os gritos e as risadas. Alguém estava rindo bem alto.

A fumaça no campanário estava perfumada e recendia a pinhas assadas.

– John – disse Harper quando uma súbita ideia lhe ocorreu. – E se a gente voltasse? E se tentasse passar *através* das chamas? A Escama do Dragão iria nos proteger, não?

– Não de tiros, infelizmente. Além do mais, a Allie não conseguiria sair. Ela não sabe como controlar a escama como eu... ou você. E o Nick está inconsciente, então sei lá... mas olha, se você quiser tentar, então primeiro deixa eu chegar lá em cima. Vamos ver se não dá para criar alguma proteção para você passar. Talvez você consiga... com toda a confusão... – Seus olhos brilharam quando ele começou a gostar da ideia.

– Não – disse Harper. – Tem razão. Eu não tinha pensado na Allie nem no Nick. Não vou a lugar nenhum sem eles.

Eles agora estavam no último patamar da escada. Uma porta semiaberta dava para a noite escura e cheia de fumaça. Ele a segurou pelos ombros e apertou.

– Você tem um filho em quem pensar.

– Mais de um, Sr. Rookwood – respondeu ela.

Ele a encarou com afeto e a beijou, e ela retribuiu o beijo.

– Bom, melhor partir para a briga, então – disse ela. – Vamos lá, vapt vupt.

– Vamos lá, enfermeira Willowes – disse ele.

A torre do campanário era um poço aberto com uma passarela de tábuas de madeira que rodeava

todas as laterais do buraco quadrado. Manchado com um digno tom de verde pela idade, o sino de cobre pendia acima do vão. O metal retinia toda vez que era atingido por uma bala vinda de baixo. Balaústres de pedra branca sustentavam um parapeito de mármore na altura da cintura. O chumbo ricocheteava na pedra e produzia pequenas nuvens de pó branco.

Harper não imaginava que fosse passar por cima de um cadáver, mas um rapaz morto jazia jogado por cima dos últimos dois degraus. Estava de bruços, com um rombo vermelho na parte de trás da camisa de cambráia. A Sentinela que estava de vigia no campanário nessa noite, supôs Harper. Preocupado demais com o apedrejamento que ocorria lá embaixo, ele não tinha visto o sinal do ônibus no final da estrada, mas havia mais do que pagado pela falta de atenção. Harper se abaixou para procurar um pulso. O pescoço do rapaz já estava frio. Ela se afastou dele, ajudou John a passar e subiu para dentro da noite.

Allie estava sentada no chão abaixo do parapeito, com o irmão no colo. Ambos pareciam ter rastejado pelo piso de um abatedouro particularmente imundo.

Jamie, ajoelhada, segurava a espingarda da Sentinela apoiada no parapeito de pedra. A arma disparou com um estampido seco. Ela disse um palavrão, deslizou o ferrolho para trás e estendeu a mão para pegar outra bala numa caixa de papelão surrada junto ao seu joelho.

Harper havia se abaixado instintivamente ao sair para o ar livre. Levantou a cabeça para avistar um panorama da ruína. Dali podia enxergar tudo, tinha uma visão integral da colônia igual à de um olho divino.

O Parque dos Monumentos ficava logo após os degraus da frente da capela. Dali de cima, o círculo de bárbaros rochedos verticais lembrava ainda mais Stonehenge. Uma meia dúzia de homens tinha se espalhado por entre as pedras e plintos para se abrigar. Um deles, um sujeito esquelético que usava uns óculos grossos de armação preta iguais aos de Buddy Holly, estava agachado atrás do altar enegrecido segurando o que parecia ser uma Uzi. Ele sorria, e tinha o rosto imundo de fuligem sob um volumoso penteado afro de branco.

Algum truque perverso das correntes de ar fez sua voz subir até Harper. Ela reconheceu na hora aquela voz esganiçada; lembrava-se bem dela da tarde em que o Homem de Marlboro quase a encontrara escondida na própria casa.

– Agora é para valer! – gritou Marty. A submetralhadora pipocou na sua mão. – Esta porra agora é guerrilha para valer!

Ao norte ficavam a área vazia e lamacenta do campo de futebol e o Hummer capotado. Duas picapes pretas haviam estacionado ali, para cobrir a porta dupla que emergia do subsolo. Com a névoa, era difícil dizer quantos homens havia nas caçambas, mas Harper podia ver o estalo e o clarão regulares dos tiros pipocando feito flashes de câmeras. O Freightliner descia pesadamente o morro para ir se juntar aos outros no lado norte da capela. Talvez Jakob estivesse torcendo para a porta do subsolo se abrir de repente e algumas pessoas tentarem uma fuga desesperada, assim teria algo para fazer com seu limpa-neve.

Era mais difícil ver o lado sul. No espaço entre a igreja e a floresta havia um trecho de grama largo e reto como uma rodovia de pista dupla. Harper sabia que o Homem de Marlboro estava lá, a bordo de seu grande Intimidator prateado, mas só conseguia ver um pedacinho do teto do veículo esticando o pescoço. O carro estava parado perto demais da igreja para se poder ver direito.

Uma névoa preta e imunda subia lá de baixo, vazava pelos beirais e borbulhava pelo buraco aberto do campanário exatamente como teria saído de uma chaminé. Uma luz mortiça pulsava dentro da fumaça revolta. Harper desconfiou que só dava para ver a torre vagamente lá de baixo, e essa talvez fosse sua única vantagem.

Toda aquela fumaça se acumulava num alto paredão de nuvem que se espalhava rumo ao leste, descendo o morro outra vez na direção da água. Ela não conseguia ver a maior parte do céu, pois a nuvem sufocava as estrelas e a lua.

O telhado da igreja ficava cinco metros abaixo do parapeito da torre, uma superfície de ardósia preta muito inclinada. Harper se viu pulando, despencando, batendo na ardósia com os pés, viu seus tornozelos se quebrando, viu-se caindo sentada com um estalo agudo e escorregando pela água do telhado até lá embaixo, e um rasgo bem dentro de si quando seu útero se rompesse e...

– Que se foda tudo isso – falou para si mesma.

Engatinhou até junto de Allie.

– Como está minha boca? – perguntou a adolescente.

– Razoável – respondeu Harper.

– Não está porra nenhuma. Eu adorei. Agora sou punk-rock. Eu sempre quis ser punk-rock. – Allie passou uma das mãos por entre os cabelos de Nick. – Eu tentei fazer a coisa certa no final, Sra.

Willowes. Posso até ter bombado na prova, mas pelo menos me dei bem nos pontos extras.

– Que prova?

– A prova de humanidade básica – respondeu Allie, piscando os olhos úmidos. – Pode segurar minha mão? Estou com medo.

Harper segurou a mão dela e apertou.

O Bombeiro deu a volta na passarela até o lado da torre virado para o norte, e chegou ao lado de Jamie.

– Aqueles putos no Silverado – disse ela. – Eles estão perto demais da lateral da igreja. Não consigo uma linha de tiro. Se a gente conseguisse espantar eles, podíamos pendurar uma corda...

– Que corda? – indagou o Bombeiro.

– Sei lá. Quem sabe a gente consegue fazer uma corda com as nossas roupas? Depois iria para o meio das árvores. Correria até a estrada. Roubaria um carro. – Sua voz estava apressada, agitada, e saltava de uma improbabilidade para outra. – Eu conheço gente em Rochester. Eles vão nos esconder. Mas primeiro a gente precisa fazer aquela picafe ir embora.

O Bombeiro deu um meneio de cabeça cansado.

– Talvez eu consiga fazer alguma coisa em relação a eles.

Mas quando ele tentou ficar em pé se balançou perigosamente. Harper viu suas pálpebras se agitarem como se ele fosse uma *ingénue* numa comédia musical dos anos 1940 tentando ganhar um beijo. Por alguns instantes, foi bem fácil imaginá-lo se desequilibrando para trás e despencando por cima do guarda-corpo de ferro na altura da cintura que rodeava o centro da torre, e caindo até sumir na escuridão enfumaçada.

Jamie o segurou pelo cotovelo antes de ele cair. Harper gritou, soltou a mão de Allie e avançou atabalhoadamente pela passarela em direção a ele. Quando o alcançou, ele já havia caído de novo sobre um dos joelhos.

Ela tocou sua bochecha e sentiu um suor frio.

– O sino está tocando? – balbuciou ele com uma voz arrastada.

– Não – respondeu ela. – No momento não.

– Meu Deus do céu. Então o barulho deve ser na minha cabeça. – Ele pressionou as têmporas com a base das palmas das mãos. – Acho que vou passar mal.

– Não tenta levantar.

– Precisamos afastar eles da igreja se quisermos ter uma chance de descer daqui.

– Fica abaixado. Recupera o fôlego. Não vai adiantar nada para ninguém se você desmaiar.

Ela soltou suas mãos, ficou em pé e concentrou todo seu coração numa canção sem letra. Sua mão direita virou uma cimitarra de fogo. Comam uma colher disso, seus filhos da puta.

Harper lançou na escuridão uma lâmina curva de fogo azul. O fogo chispou, soltou gotículas de luz ardente em seu trajeto, curvou-se de modo pouco natural logo depois do telhado da capela, e desapareceu sobre o Silverado Intimidator ali embaixo. Homens gritaram quando o capô da picafe explodiu num jorro de luz.

Balas bateram e estalaram no sino, acertaram o parapeito, voaram pelo ar com um silvo zangado feito vespas de chumbo, e Harper tornou a se abaixar; uma nuvem de fumaça surgiu quando sua mão flamejante se apagou.

Uma das balas atingiu a corda que prendia o sino, e só não rompeu uns poucos filamentos. O gigantesco sino girou e emitiu um zumbido grave. Os últimos fios da corda que o prendiam estouraram e se romperam com um ruído musical, como as cordas de um violão. O sino despencou no buraco aberto. Segundos depois, bateu no chão da igreja lá embaixo com um *BLÉM* ribombante que estremeceu no ar, sacudiu visivelmente a fumaça à sua volta e fez os tímpanos de Harper latejarem.

Nick levantou a cabeça e olhou em volta com um olhar confuso. O barulho do sino fora tão alto que acordara até os surdos, pensou Harper.

– Ai, Jesus, que porra é essa agora... – berrou Jamie, olhando para o norte, então se arrastou depressa pela frente do Bombeiro e deu a volta até esse lado da torre.

Jakob.

O Freightliner tinha virado de frente para a larga fachada norte da igreja. Com um rugido áspero, avançou à toda em direção à lateral da capela com o limpa-neve abaixado.

Jamie se levantou com a espingarda encaixada no ombro. Atirou. Uma centelha branca ricocheteou em um dos cantos da cabine do caminhão. Ela puxou o ferrolho para trás e o cartucho vazio saltou no ar com um forte lampejo de latão. Ela carregou outra bala e tornou a disparar. Uma rachadura azul subiu pelo para-brisa. O caminhão deu um leve tranco para a esquerda, e Harper pensou: *Ela o acertou*, mas o

Freightliner então engatou uma marcha mais rápida e se projetou pelos últimos 15 metros, e o limpa-neve se enterrou na lateral da capela.

Harper foi arremessada contra o balaústre de pedra. Foi como se a imensa mão invisível de alguém houvesse se abatido e *ajustado* a estrutura inteira, soltando-a dos alicerces e deslocando-a alguns metros para trás, na direção sul. O lado norte da capela, o dos fundos, desabou com um grunhido e um estrondo de ardósias ruindo e madeira sendo esmagada. Um imenso pedaço em chamas caiu sobre a frente do Freightliner, e o limpa-neve desapareceu em meio às espirais de fumaça e aos destroços pulverizados. O choque sacudiu a torre. Jamie estava dando um passo atrás para abrir o ferrolho de sua espingarda calibre .22 e foi derrubada. Bateu no guarda-corpo baixo de metal em frente ao buraco aberto. Ela soltou a espingarda e tentou se agarrar... em nada.

– Jamie! – gritou Allie, o nome da menina que havia cortado sua cara, mas ela estava debaixo de Nick e não conseguia sequer se levantar, e de toda forma não daria tempo.

Segundos depois, o sino ressoou suavemente lá embaixo quando Jamie o atingiu.

O Bombeiro olhou em volta atordoado, com sangue a escorrer do rosto. Harper afastou seus cabelos dos olhos, e então, com delicadeza e cuidado, deu-lhe um abraço. Estava na hora de parar de brigar, sentiu ela. Estava na hora de simplesmente se abraçar, eles quatro, aquela pequena família toda fodida. Cinco, contando com o bebê. Ficariam todos juntos, e haveria amor e aconchego no fim. Teriam pelo menos isso até Jakob dar ré e atingir a capela outra vez, agora mais perto da torre, e fazer todos eles caírem dentro das chamas.

O sino lá embaixo ainda ecoava. Fazia um *ding-ding-ding* baixinho, agudo, *dourado*, um barulho semelhante ao de um sino bem menor. O Bombeiro levantou a cabeça e olhou para dentro da fumaça, em direção ao lado sul da capela.

O carro de bombeiro antigo, com Gilbert Cline ao volante com uma das mãos para fora da janela tocando a sineta de latão, irrompeu da fumaça fervilhante ao sul da igreja e abalroou o Chevrolet Silverado de frente. O velho caminhão com o número 5 na grade dianteira pesava quase três toneladas. Amassou a frente do Intimidator feito um calcanhar que pisa numa latinha de cerveja. O bloco do motor do Chevrolet foi empurrado para trás através do painel e cortou o motorista ao meio. A picape saiu do chão, e suas rodas giraram no ar por um instante antes de ela capotar por cima dos atiradores na caçamba.

Mesmo assim o caminhão continuou a empurrar o Chevrolet, arrastando-o pelo chão de terra batida até a frente da igreja. O motor parou com um tranco e um resfolego dos freios a ar comprimido. Uma mulher baixinha e rechonchuda, com fios grisalhos nas tranças afro, saltou do banco do carona e deu a volta depressa até o estribo cromado no para-choque traseiro.

Renée subiu até o alto do carro de bombeiro, levantou a escada de madeira e a moveu na base giratória até deixá-la de frente para a lateral da igreja. As bordas da escada bateram na parede externa. Renée então ficou parada ali, olhando para os lados como se houvesse perdido alguma coisa, um brinco talvez, e estivesse tentando encontrá-la. Abaixou-se, abriu um compartimento no teto do caminhão e encarou uma coleção de machados e varões de aço usados no combate a incêndios. Frustrada, balançou a cabeça.

– Está bem junto do seu pé! – berrou o Bombeiro. Ele parecia saber instintivamente o que ela estava procurando. Levou uma das mãos em concha à boca e tornou a gritar. – **NO SEU PÉ!**

Ela ergueu na sua direção os olhos semicerrados, tentando distinguir alguma coisa em meio à fumaça revolta, e enxugou o suor das bochechas com as costas de um braço. Olhou para baixo outra vez, entre os próprios pés, então meneou a cabeça e se ajoelhou. Havia uma manivela de ferro toda enferrujada aninhada numa depressão circular do teto. Com esforço, Renée começou a girá-la. A escada de madeira vibrou, estremeceu, e começou a subir aos trancos pela lateral da igreja em direção à torre.

No círculo de pedras verticais, o cara que Harper conhecia como Marty espichou o pescoço para ver o que estava acontecendo para lá do Chevrolet capotado. Uma bala ricocheteou no banco de pedra bem em frente às suas pernas, e ele deu um grito, recuou, embolou os pés e caiu.

– Droga – disse Allie. Ela estava totalmente em pé, com a soleira da espingarda de Jamie escorada no ombro. Acionou o ferrolho, e um cartucho de bala vazio deu um salto brilhante para dentro da noite.

Harper estava olhando para Allie, não para o carro de bombeiro e o Chevrolet capotado lá embaixo, de modo que não percebeu quando um careca de camisa de brim azul saltou do banco do carona do Silverado. Quando olhou para trás, porém, o viu na mesma hora. A bandeira norte-americana bordada nas costas de sua camisa era a coisa mais brilhante naquela penumbra. O homem sangrava do couro cabeludo e cambaleava um pouco. Tinha os ombros largos e o peito forte, o físico de um jogador de futebol

americano de idade já meio avançada que frequentava assiduamente a academia para retardar o ingresso na meia-idade. Estava armado com uma pistola preta.

A escada de incêndio bateu, quicou e ficou presa debaixo do beiral, a meio-caminho de onde eles estavam.

O sujeito armado que Harper tinha certeza ser o Homem de Marlboro, pois com aquela bandeira dos Estados Unidos nas costas da camisa não tinha como não ser, começou a avançar em direção ao lado do motorista do carro de bombeiro.

– Renée! – gritou Harper. – Renée, cuidado! Ele está vindo! – Ela esticou um dedo e apontou.

Renée Gilmonton ficou em pé no teto do caminhão e segurou a escada com as duas mãos, ajustando-a de alguma forma, tentando mudá-la de posição e fazê-la passar pelo beiral. Quando a posicionou do jeito que queria, deu um passo para trás e estreitou os olhos na direção do campanário.

– Cuidado! Pistola! – gritou Harper.

– Homem armado! Homem armado! – berrou o Bombeiro.

Renée apontou para a própria orelha e balançou a cabeça. Levou um dos joelhos ao teto do caminhão e recomeçou a girar a manivela. A escada bateu na borda do telhado e recomeçou a subir em direção ao campanário, numa escalada de alguns centímetros por vez em direção ao céu.

O Homem de Marlboro havia rastejado até a cabine do carro de bombeiro e se agachado abaixo da porta do motorista.

Harper se levantou pensando: *Eu vou lançar fogo e derrubar esse cara e salvar meus amigos.* Começou a cantar internamente outra vez, uma canção sem palavras. A Escama do Dragão riscada na palma de sua mão foi ficando cada vez mais brilhante, como uma resistência elétrica que esquentava. Mas sua mão dolorida latejava e não quis se acender, e enquanto ela esperava aquela primeira lufada de chama o Homem de Marlboro ficou em pé, plantou o pé no estribo do caminhão, enfiou a arma pela janela e atirou.

Renée se retesou, levantou a cabeça, olhou em direção à dianteira do caminhão e então se jogou no chão de bruços, esparramando-se sobre o teto do carro de bombeiro.

A escada ainda estava a três metros e meio deles.

A espingarda de Allie disparou. Havia seis homens armados naquele círculo de pedras e ela os estava mantendo lá, escondidos atrás dos rochedos. Disse um palavrão e carregou mais uma bala.

O Homem de Marlboro se colou à lateral do carro de bombeiro e sumiu de vista. Do ângulo em que estava, Harper não conseguia vê-lo. Nem ele nem Renée. Mas ele estava lá embaixo... avançando rente à lateral do caminhão até uma posição em que pudesse se levantar e dar um tiro em Renée Gilmonton.

Harper notou Nick em pé ao seu lado, olhando lá para baixo com uma expressão sonolenta e atordoada. Estendeu a mão até seu ombro e o virou, encostando o rosto do menino no próprio peito de um jeito bem parecido com o que fizera quase um ano antes com um menino chamado Raymond Bly, que queria olhar pela janela e ver o que estava acontecendo no parquinho da escola. Não queria que Nick visse o que ia acontecer agora... muito embora ela mesma não conseguisse desgrudar os olhos.

Renée se manteve deitada e totalmente imóvel no teto do caminhão. Seu braço direito era a única coisa que se mexia; ela estava tateando em volta com uma das mãos. Seus dedos encontraram a borda do compartimento que havia aberto quando estava procurando um jeito de fazer a escada subir. Ela levou a mão até lá dentro e segurou o cabo de um machado.

O Homem de Marlboro pulou feito um João-bobo, com a boca bem esticada num sorriso animal desprovido de humor, apontando a arma para o teto do caminhão. Renée desferiu o machado no seu pulso, e ele caiu para trás aos gritos. Deixou a mão ali em cima do teto, ainda segurando com força a pistola. Renée a enxotou com a lâmina do machado e a jogou para longe de si. A mão direita do Homem de Marlboro escorregou pela borda do teto e sumiu.

O Homem de Marlboro uivava; sua voz era um grito grave e profundo de fúria e dor que parecia ecoar do fundo de um poço.

Renée se ajoelhou na borda do teto. Virou a cabeça e olhou em direção à cabine. Gritou alguma coisa, mas Harper estava longe demais para ouvir exatamente o que ela disse. Uma vez, pensou tê-la ouvido chamar por Gil. Renée ficou ali ajoelhada por um tempo que pareceu longo, embora na verdade tenham sido poucos segundos. Então se virou e recomeçou a acionar a manivela. Agora a girava com uma espécie de exaustão desanimada.

O Homem de Marlboro não parava de gritar.

O Freightliner emitiu um tossido áspero e começou a dar ré. Um novo tremor percorreu a igreja inteira quando o limpa-neve se soltou do buraco que tinha aberto, e os destroços se espalharam pelo campo de futebol.

O grande caminhão recuou uns cinquenta metros da capela, então parou abruptamente. Jamie havia feito uma rachadura que parecia uma teia de aranha no para-brisa do lado do motorista, e Harper teve um pensamento súbito: Jamie conseguira machucar Jakob, tirar alguma coisa dele. Talvez até tivesse chegado perto de matá-lo.

Allie largou a espingarda e ficou de cócoras.

– Acabou! – berrou ela. – As balas acabaram!

As alças da escada de incêndio surgiram quicando conforme a estrutura subia lentamente, aos sacolejos, até o parapeito. O Bombeiro ficou em pé, titubeou um pouco nos calcanhares, estendeu a mão até o outro lado e firmou a escada.

– Vão. Desçam. Agora. Primeiro você – disse ele, meneando a cabeça para Harper.

– Nick... – começou ela.

– Allie vai ter que levar ele nas costas.

– Deixa comigo – disse Allie, rastejando pela passarela em direção a Nick.

Do outro lado da igreja, o Freightliner começou a avançar roncando em direção à base do campanário.

Harper não gostava de altura, e pensar em passar a perna para o lado de fora a deixou tonta. Mas ela já estava passando por cima do parapeito, e esticando um pé descalço em direção ao primeiro degrau.

Olhou por cima do ombro para localizar a escada e viu o carro de bombeiro 12 metros mais abaixo, parecendo pequeno o suficiente para poder ser pego com uma só mão, e por um instante lhe pareceu que o campanário inteiro estava se inclinando como uma flor, prestes a derrubá-la. Ela apertou as mãos no parapeito de pedra e fechou os olhos.

– Você consegue, Harper – disse o Bombeiro, e deu-lhe um beijo no rosto.

Ela aquiesceu. Quis dizer algo bonitinho e atrevido, mas não conseguia sequer deglutir, quanto menos falar.

Passou a outra perna por cima do parapeito.

Abaixou o pé direito até o segundo degrau, soltou o parapeito de pedra, agitou as mãos loucamente e conseguiu pegar a escada. A estrutura inteira se balançou debaixo dela, bamba.

Do outro lado da igreja, ela ouviu o nítido som do Freightliner engatando outra marcha conforme ganhava velocidade.

Não havia descido mais de cinco degraus quando o Bombeiro ajudou Allie a passar por cima do parapeito com Nick agarrado nas costas. Allie desceu atrás de Harper, segurando o irmão com tanta facilidade quanto teria usado uma mochila para ir à escola.

O Bombeiro passou uma das pernas por cima do parapeito e plantou uma das botas no primeiro degrau. Seu outro pé encontrou o segundo degrau. Ele estendeu a mão para baixo, segurou a escada em si e ficou ali agarrado bem ali no topo.

O Freightliner atingiu a lateral norte da capela a quase oitenta por hora. No último segundo, deu um cavalo de pau, derrubando toda a quina dianteira da igreja e espalhando madeira e pedra suficientes para encher um caminhão de entulho.

O campanário se inclinou, firmou-se por um instante... então desabou. Em um instante estava ali. No instante seguinte, não mais. Desabou para dentro de si mesmo, os parapeitos de pedra, os balaústres, o telhado, as vigas, a passarela de madeira. Ruiu com um estrondo ensurdecedor que Harper sentiu no peito, como um latejar do próprio sangue. De um segundo para o outro, o alto da escada de incêndio ficou pendurado no ar. John Rookwood estava suspenso lá no alto. Uma lufada negra de fumaça se levantou da ruína da igreja e o escondeu num redemoinho de escuridão cheio de faíscas.

Instantes depois, uma rajada de vento frio com cheiro de mar levou embora um pouco dessa fumaça, e o Bombeiro havia sumido.

Harper abriu a boca para gritar, mas seus olhos então o encontraram, já dez degraus mais abaixo e descendo com o auxílio das mãos em direção ao chão. A escada se sacudia e quicava no ar. Allie descia tão depressa que estava quase pisando nas mãos de Harper.

Harper foi descendo com esforço em direção ao carro de bombeiro lá embaixo. Na parte mais baixa, a escada ainda tinha algum telhado em que se apoiar. A metade sul da igreja continuava de pé. Ela só percebeu que havia chegado ao teto do caminhão quando sentiu o metal sob os pés descalços. Desceu da escada com as pernas bambas e olhou em volta à procura de Renée.

Agora estava se sentindo trêmula, fraca, e o frio lhe penetrava os ossos. O tremor ia se espalhando de suas pernas para o resto do corpo. A primeira coisa que ela pensou foi que estava entrando em choque. Então lhe ocorreu que talvez fosse algo totalmente diferente. John tinha lhe dito que lançar fogo consumia calor e oxigênio, e que depois a pessoa ficava zonz e enjoada, e poderia facilmente ter problemas

caso não encontrasse um lugar para descansar.

Ela cambaleou até a traseira do caminhão, onde havia uma velha escada de ferro curta corroída pela ferrugem. Desceu por ali até o para-choque e saltou, e suas pernas cederam sem aviso. Ela se sentou de modo nada gracioso na grama molhada. Centelhas e fumaça rodopiavam devagar acima dela, como um carrossel a ponto de parar.

Controlando com esforço a sensação de fraqueza, ela usou o para-choque para se levantar.

– Ah, sua piranha! A minha mão! Minha **MÃO**!

Harper deu a volta no carro de bombeiro e foi em direção aos gritos. O Homem de Marlboro estava deitado de costas na grama, com as costas arqueadas e os calcanhares cravados na lama. Parecia estar tentando avançar de costas pelo chão de terra. Com a mão esquerda, segurava o pulso direito. Não havia mão direita. Tudo que restava no lugar em que deveria estar sua mão era um pedaço quebrado de osso cor-de-rosa espetado para fora.

Harper passou por cima dele para chegar até Renée, que estava inclinada para dentro da porta aberta do motorista. Ao chegar lá, deu com Renée segurando Gilbert Cline no colo. O sangue ainda saía do ferimento a bala no pescoço dele, mas sem grande entusiasmo. O banco dianteiro estava todo sujo de sangue.

Harper reparou, de modo quase distraído, na mão decepada ainda segurando uma pistola pousada cuidadosamente sobre o painel. Renée, precavida, a havia recolhido e posto num lugar onde o Homem de Marlboro não pudesse pegá-la para tentar recuperar sua Glock.

– A gente estava quase no fim de *Watership Down* – disse Renée. – Gil disse que nunca pensava que fosse gostar tanto de uma história sobre animais falantes. Eu disse que a vida era estranha, que eu nunca pensava que fosse me apaixonar por um ladrão de carros. – Ela não estava chorando e falava com grande clareza. – Ele fez ligação direta no caminhão. Não conseguiu encontrar a chave. Enquanto fazia isso, me disse que era apenas mais uma prova de que a maioria dos criminosos voltava imediatamente a fazer aquilo que melhor sabia fazer assim que era solta. Disse que lamentava muito estar contribuindo para a taxa de recidiva. Levei um tempo para perceber que ele estava brincando. Gil era muito seco. Sequer sorria das próprias piadas, quanto menos rir. Não dava indício algum de que estava fazendo graça. Ah, Harper, eu não quero tentar viver sem ele. Parece que passei a vida inteira sem conseguir sentir o gosto da comida. Aí o Gil chegou na colônia, e de repente tudo passou a ter sabor. Tudo ficou delicioso. Aí aquele homem horrível deu um tiro nele e o Gil morreu, e eu vou ter que voltar a não conseguir sentir o gosto das coisas outra vez. Não sei se consigo fazer isso.

Harper desejou que houvesse algo a dizer. Talvez houvesse, e ela só estava bamba e tonta demais para atinar o que era. Mas o que fez foi passar o braço em volta de Renée e beijar desajeitadamente sua orelha. Renée fechou os olhos, baixou a cabeça, e chorou de um jeito muito silencioso e reservado.

O Homem de Marlboro deu um grito esganiçado.

Harper se virou e viu Allie em pé ao seu lado. A adolescente estava segurando o irmão no colo outra vez. Havia parado para chutar as costelas do Homem de Marlboro, pensou Harper.

– Ah, sua piranha de merda, você vai queimar e eu vou bater uma em cima das porras dos seus peitos carbonizados – disse o Homem de Marlboro.

– Se quiser bater uma, seu maneta, vai quer que aprender a usar a mão esquerda – disse Allie.

– Eu não acho que ele deva viver – disse Renée, enxugando o rosto. – Não depois de tanta gente ter morrido. Não parece justo.

– Quer que eu o mate? – perguntou o Bombeiro. Harper não havia percebido que ele estava no chão, em pé logo atrás dela. Também estava se balançando, e tinha um aspecto tão ruim ou ainda pior do que o modo como ela se sentia. O suor escorria de seu rosto emaciado e branco. Mas seus olhos estavam escuros como as penas de um corvo, e perfeitamente serenos.

Ele levou uma das mãos ao machado apoiado na lateral do carro de bombeiro.

Renée refletiu um pouco, então fez que não com a cabeça.

– Não. Acho que não. Imagino que eu seja muito fraca e boba para não me vingar enquanto posso.

– Isso torna você tão longe de fraca quanto eu posso imaginar – disse o Bombeiro. Olhou para Allie, que acabara de se juntar a eles. – Você vai ter que dirigir o caminhão. E vai ter que encontrar um lugar onde vocês todos possam ficar escondidos, algum lugar aqui perto. Encontro vocês mais tarde.

– Que história é essa? – indagou Harper. – Você vem com a gente.

– Agora não. Daqui a pouco.

– Isso é loucura. John. Você não pode ficar sozinho. Mal consegue se aguentar em pé.

Ele agitou a mão no ar para descartar o assunto e balançou a cabeça.

– Não estou mais vendo duplo. Deve ser um sinal de melhora. – Ao ver a expressão dela, ele insistiu.

– Eu *não* vou abandonar você. Não vou abandonar *nenhum* de vocês. Juro que daqui a no máximo um dia vou estar com vocês. Dois, no máximo.

– Como vai nos encontrar? – quis saber Harper.

– Nick vai mandar me buscar – respondeu o Bombeiro, olhando por cima do ombro de Allie para o rosto inchado, imundo e atordado de Nick.

O Bombeiro fez alguma coisa com as mãos, movendo-as de um lado para outro. Nick piscou os olhos devagar e pareceu aquiescer. Harper achou que o Bombeiro tivesse dito alguma coisa sobre passarinhos.

Renée falou:

– Vamos ter que nos espremer junto com o Gil. Espero que não seja um problema. Não vou deixar ele aqui.

– Não – disse Harper. – É claro que não.

Renée assentiu com a cabeça, então subiu no estribo e com delicadeza moveu Gilbert para o lado de modo a abrir espaço atrás do volante.

O Bombeiro se virou e saiu andando pela grama pisoteada. Agachou-se junto ao Homem de Marlboro.

– Você – disse o Homem de Marlboro. – Eu sei quem você é. Você vai morrer. Meu amigo Jakob vai espalhar essa sua bunda de inglês veado por toda a estrada. Ele vai pintar a rodovia com você. Jakob adora matar guimbas... diz que é a primeira coisa na vida que jamais soube fazer realmente bem. Mas acima de tudo ele está animado para matar *você*. Quer matar você na frente dela.

– Jakob gosta de matar guimbas, é? – perguntou o Bombeiro. Ergueu a mão esquerda, e um filete de chama verde flutuou como uma fita de seda da ponta do seu indicador. Ele fitou a chama de um jeito sonolento e reflexivo, em seguida a apagou, deixando a ponta do dedo coberta de cinzas. O Bombeiro então abaixou a mão e espalhou as cinzas pela testa do Homem de Marlboro, desenhando uma cruz. O Homem de Marlboro se retraiu. – *Bom*. É melhor então você levantar e ir andando assim que puder. Porque você agora é um de *nós*, amigo. Essa cinza está cheia do meu veneno. Quem sabe, se tiver sorte, você encontra alguns outros infectados para lhe dar abrigo e cuidar de você, como o pessoal desta colônia fez por nós um dia. Quem sabe... mas eu duvido. Acho que a maior parte das pessoas vai fechar a porta na sua cara assim que você abrir essa boca grande para pedir ajuda. Sua voz é bem fácil de reconhecer.

O Homem de Marlboro chutou o chão com os dois pés e deslizou 15 centímetros pela terra batida enquanto sacudia a cabeça freneticamente, e começou a guinchar.

– Não! Não não não, você não pode fazer isso! Não pode fazer isso! Escuta aqui! *Escuta!*

– Na verdade eu acho que já escutei mais do que o suficiente – disse o Bombeiro. – A única coisa pior do que ouvir gente que nem você no rádio é conhecer essas pessoas na vida real. Porque aqui no mundo real simplesmente não dá para mudar de estação. – E ele então o chutou, um chute leve, quase por diversão, bem debaixo do queixo. A cabeça do Homem de Marlboro foi jogada para trás e seus dentes se fecharam com força sobre a ponta da língua, e o seu grito se transformou num lamento agudo, horrendo e incoerente.

O Bombeiro começou a se afastar, titubeando um pouco, com o casaco a esvoaçar ao redor de si.

– Se eu não vir você até amanhã à noite, vou sair para te procurar! – gritou Harper.

Ele olhou para trás por cima do ombro e abriu para ela um sorriso torto.

– Logo agora que eu pensei que tivesse conseguido me salvar. Tenta não se preocupar. Já já vou estar com você outra vez.

– Vamos, Sra. Willowes – disse Allie. Ela já estava dentro do carro de bombeiro, atrás do volante, com a mão na porta e debruçada para fora olhando para Harper. – A gente precisa ir. Ainda tem caras armados por aí. Ainda tem aquele limpa-neve.

Harper aquiesceu com um movimento brusco, em seguida olhou em volta para ver John uma última vez. Mas ele já não estava ali. Fora engolido pela fumaça.

11

O carro de bombeiro empurrou de lado a carcaça do Intimidator da Chevrolet com uma indiferença quase casual, arremessando-o numa trajetória em espiral na direção do círculo de pedras. O carro se chocou contra um dos monolitos e produziu um clangor que ecoou no ar. Marty Casselman estava chegando perto do Chevrolet quando este foi abalroado pelo carro de bombeiro. Ele mergulhou para sair do caminho, mas a Uzi em sua mão direita disparou e projetou uma rajada, e as balas arrancaram três dedos do seu pé.

O grande Freightliner estava se afastando de ré da fogueira semidesmoronada que antes era uma capela. O motorista viu o carro de bombeiro subindo o morro em disparada, mas quando Jakob conseguiu manobrar o Freightliner sua mulher, Renée Gilmonton e as duas crianças que as acompanhavam já tinham ido embora havia muito tempo.

12

Allie parou o caminhão no ponto em que a estradinha de terra cruzava com Little Harbor Road.

– E agora, para onde? – perguntou.

Harper olhou pela janela do carona em direção à massa azul enferrujada do ônibus escolar. Os faróis estavam acesos. Uma menina muito magra de cabeça raspada estava caída atrás do volante. Alguém deixara um facão enterrado na parte de trás do seu crânio.

Nick ergueu a mão e tocou o queixo de Harper para girar mecanicamente a cabeça dela na sua direção. O menino estava sentado no seu colo. Fedia a cabelo queimado, e tinha o rosto tão sujo e pegajoso de sangue que parecia ter mergulhado a cara num refrigerante vermelho, mas seus olhos agora estavam mais alertas. Ele disse alguma coisa com as mãos.

– Nick está dizendo que sabe de um lugar para onde a gente pode ir – falou Harper, então estreitou os olhos. Respondeu também com alguns gestos. – Que lugar é esse?

– Confia em mim – respondeu Nick na língua dos sinais. – Lá é seguro. Ninguém vai encontrar a gente. É onde eu escondi tudo que roubei. – Ele encarou o olhar dela com um ar solene e atormentado. – O ladrão sou eu.

LIVRO NOVE

O CARRO

1

Nos minutos após a meia-noite, enquanto março se transformava em abril, o carro de bombeiro zuniu por Little Harbor Road e seguiu até a estrada que ia dar na Sagamore Avenue. Nick fez um gesto para Allie dobrar à direita. Eles haviam percorrido cerca de um quilômetro e meio quando ele começou a gesticular para a irmã parar.

Allie pegou a entrada do Cemitério de South Street, necrópole tão antiga quanto as primeiras colônias, com quase um quilômetro de extensão. Parou em frente aos portões pretos fechados por um pedaço de corrente pesada e um cadeado. Nick abriu a porta do carona e pulou do colo de Harper.

Segurando a corrente com uma das mãos, ele abaixou a cabeça. O metal se liquefez, e escorreu sibilando por entre seus dedos até o chão de terra batida. A corrente se separou em dois pedaços e ele empurrou o portão com a mão ainda fumegante para abri-lo. Allie passou com o caminhão e aguardou. Nick enfiou as mãos por entre as barras, amarrou as duas metades da corrente com um nó frouxo e a apertou com força. Mais fumaça surgiu e seus olhos ficaram vermelhos como brasas, e quando ele soltou havia tornado a soldar os elos da corrente.

O Cemitério de South Street era uma espécie de cidade na qual a maioria das residências ficava debaixo da terra. Nick os guiou por aquelas ruas e becos, pelos subúrbios sinuosos e pelas pastagens abertas. Eles prosseguiram até chegar à estradinha de terra que margeava os fundos do cemitério. Um segundo cemitério, mais modesto, os aguardava no meio da grama úmida e da vegetação rasteira: uma dezena de carros em estágios diversos de destruição, imundos, queimados, sem rodas ou pneus. Vários estavam parcialmente submersos nas ervas daninhas, ilhas de ferrugem num mar raso de sumagre venenoso.

Em um dos lados desse lugar de repouso eterno para carros cuja perda ninguém pranteou era uma estrutura de cimento atarracada e feia coberta por um telhado de zinco. Janelas cobertas por teias de aranha espiavam por sob os beirais. Em um dos lados da estrutura havia uma porta dupla de garagem feita de alumínio corrugado. O centro de operações da equipe de manutenção, supôs Harper... na época em que o Cemitério de South Street ainda tinha equipe de manutenção. O mato na altura dos joelhos que crescia até os degraus em frente à porta sugeria já fazer algum tempo que ninguém batia o cartão de ponto para trabalhar ali.

Para além das carcaças dos carros ficava uma grande vala escavada na areia cheia de detritos de algum tipo escondidos debaixo de lonas plásticas sobrepostas. Allie estacionou o caminhão entre essa vala e um Pontiac Firebird do qual só restava a carcaça. Vasculhou debaixo do volante, encontrou dois fios desencapados enrolados juntos e os separou com um puxão que produziu um zumbido estalado de corrente elétrica. O motor do carro de bombeiro resfolegou, estremeceu e morreu.

Eles ficaram sentados sem se mexer. Por entre os carvalhos nos fundos do cemitério, Harper podia ver uma baía de águas calmas, uma faixa de seixos, e algumas construções escuras do outro lado da água. Venham para o Cemitério de South Street. Vistas para o mar. Vizinhos tranquilos.

– Isto aqui só serve até o sol nascer – disse Renée. – Depois vai dar para ver o caminhão de cima.

Harper olhou para a porta de garagem do galpão da equipe de manutenção e pensou se um carro de bombeiro antigo caberia lá dentro. Nick mais uma vez desceu do seu colo e abriu a porta do caminhão. Saltou para o meio da névoa agitada.

– Também não acho que aqui seja longe o bastante da Colônia Wyndham – continuou Renée. Sua voz tinha um timbre desanimado, desinteressado. Sentada à esquerda de Harper, ela segurava Gilbert no colo. Ele estava posicionado entre suas pernas, com a cabeça apoiada no seu ombro, e ela o enlaçava pela cintura com os dois braços. – Tem uma trilha na mata. Daqui até o estande de arco e flecha são só quinze minutos. Eu mesma fui lá a pé uma ou duas vezes no verão passado.

– Mas pela estrada são mais de seis quilômetros – disse Allie. – E eles devem estar pensando que a

gente vai continuar dirigindo. Não. Eu acho que isto pode servir se a gente conseguir esconder o caminhão... o que esse menino está fazendo? – Ela desafiou o cinto e saltou.

Nick havia descido para dentro da vala. Levantou o canto de uma das lonas plásticas e expôs uma pilha de flores murchas, coroas enegrecidas e ursinhos de pelúcia embolorados. Pelo visto, até o luto tinha data de validade. Allie o alcançou, encontrou outra ponta da lona e o ajudou a arrastá-la até o carro de bombeiro. Duas daquelas bastariam para cobri-lo inteirinho.

Harper saltou, levou as mãos até a base das costas e se espreguiçou, fazendo a coluna estalar. Estava tão doída quanto se estivesse se recuperando de uma gripe, os músculos todos doloridos, todas as juntas rígidas.

Tornou a olhar para o caminhão na direção de Renée.

– A gente vai cobrir o caminhão e entrar. – Quando Renée não respondeu, ela arrematou. – Eu acho que você deveria saltar agora.

Renée ergueu os ombros num suspiro cansado.

– Tudo bem. Será que a Allie me ajuda a carregar o Gil lá para dentro?

Allie e Nick já tinham arrastado a lona até a lateral do caminhão. Allie se retesou e olhou para Harper com uma expressão aflita. Harper respondeu com um meneio de cabeça bem leve.

– É claro que ajudo, Sra. Gilmonton – disse Allie então, com um tom descontraído que não condizia com sua expressão pálida de consternação.

Baixar o pesado cadáver de Gilbert Cline de dentro do carro de bombeiro foi uma tarefa confusa. Segurando-o pelas axilas, Renée bufou e arquejou para empurrá-lo em direção à porta do carona de poucos em poucos centímetros. Allie o segurou pelos tornozelos e as duas começaram a tirá-lo do caminhão, mas Renée bateu com a cabeça e sem querer o soltou, e a metade superior do corpo dele caiu de repente. Sua cabeça bateu no estribo do caminhão. Renée deu um ganido estridente de horror e quase caiu junto com ele.

– Ah, não! – falou. – Ah, não, ah, não, ah, Gil, eu estou tão fraca. Sou tão inútil.

– Não fala assim – disse Harper, passando por Renée e abaixando-se para segurar ela mesma as axilas de Gil.

– Você não pode fazer isso – disse Renée. – Harper, não. Você está grávida de nove meses.

– Não tem problema nenhum – disse Harper, mas quando endireitou o corpo sentiu os tornozelos queimarem e uma fisgada nas costas.

Elas carregaram Gilbert pelo mato alto, fazendo a grama molhada farfalhar sob suas costas. A cabeça dele pendia. Ele exibia uma expressão estoica, quase paciente, e seus tranquilos olhos azuis pareciam observar Harper o tempo todo.

Tiveram de soltar o morto ao chegar à quina da garagem, para Harper poder descansar e Allie procurar um jeito de entrar. A porta estava trancada, e não havia nenhuma chave sob o capacho nem debaixo de nenhum dos dois vasos de cerâmica nos degraus da frente (preenchidos por terra e uma profusão de ervas daninhas decorativas). Mas Nick não tinha a intenção de entrar pela porta. Ele avançou pela lateral do edifício com os olhos voltados para cima, examinando a parte inferior dos beirais. Por fim, parou e gesticulou na direção de uma das janelas. Localizada um bom metro e meio acima da sua cabeça, a janela ficava tão alta sob os beirais que era difícil imaginar que deixasse entrar alguma luz. Era uma fenda comprida e estreita, e numa das vidraças quebradas faltava um pedaço triangular de vidro. Homem nenhum poderia passar a mão por aquela abertura, mas talvez o braço de uma criança entrasse.

Nick precisou que Allie se abaixasse para poder subir nos seus ombros. Mesmo ela se empinando até o máximo de sua estatura, o menino mal conseguia alcançar o vidro. Teve de se esticar para passar a mão pela janela e girar o trinco. Ele abriu a janela, segurou o peitoril, içou o corpo até lá e mergulhou de cabeça para dentro da escuridão.

Devia haver alguma coisa do lado de dentro para ele descer, talvez algumas prateleiras, pois Harper não o ouviu despencar. Ele sumiu sem ruído algum.

– Quem será que o ajudou a entrar antes? – perguntou Harper, e quando Allie a encarou com um olhar intrigado ela meneou a cabeça em direção à janela alta. – É óbvio que ele já fez isso antes, mas não tem altura para alcançar a janela sozinho.

Allie franziu o cenho.

A porta da frente se abriu com um estalo, e Nick espichou a cabeça para fora e acenou para elas irem até lá, entrem, a casa era sua.

Quando o dia raiou, o carro de bombeiro estava completamente coberto por duas lonas plásticas, uma na parte dianteira, outra na parte traseira. Harper havia imaginado que eles talvez conseguissem pôr o caminhão lá dentro, mas a garagem já continha um cortador de grama da John Deere e uma escavadeira. Uma coleção de ancinhos e pás bem organizada, mas coberta de teias de aranha pendia de ganchos numa das paredes. Uma espaçosa bancada ocupava toda a extensão da outra. Foi lá que elas puseram Gilbert, que cobriram com uma terceira lona.

Nos fundos da garagem, uma sequência de janelas dava para um escritório abarrotado: duas escrivaninhas, um quadro de cortiça na parede, um garrafão de água vazio e um sofá do mesmo verde desbotado de catarro. Foi ali que eles dormiram. Harper ocupou o sofá. Allie e Nick dormiram abraçados no chão, enrolados num cobertor cinza que Allie havia encontrado no compartimento traseiro do caminhão. Renée não se juntou a eles. Ficou sentada num banquinho junto à bancada, segurando a mão de Gilbert. Às vezes conversava com ele. Outras vezes ria, como se ele tivesse dito algo inteligente. Muitas vezes apenas movia o polegar pelos nós de seus dedos, ou pressionava sua mão fria contra a bochecha.

Nick tinha dito a Harper que o ladrão era ele e prometido levá-la até onde escondera as coisas. Mas a Mãe Portátil não estava em lugar nenhum. O mesmo valia para todas as outras pequenas coisas de valor que tinham sumido da colônia. Harper imaginou que Nick fosse explicar quando estivesse pronto.

Enroscou-se de lado debaixo de um quebra-vento preto. O casaco tinha nas costas uma estampa da própria Morte, segurando uma foice numa das mãos esqueléticas... e na outra um sutiã de renda. **COVEIROSQUADRA 13 - MAUS ATÉ O OSSO**, dizia a legenda. O casaco recendia a café e mentol, e fez Harper pensar no pai, que vivia passando pomada mentolada no pescoço dolorido. Ela dormiu chorando pensando no seu paizinho, que talvez já estivesse morto e que ela duvidava algum dia rever. Mas chorou baixinho, pois não queria incomodar mais ninguém.

Quando acordou, as crianças ainda estavam dormindo. Será que Allie ainda era criança? Harper olhou para suas bochechas lisas e seus longos cílios e quis pensar que sim. Mesmo dormindo a adolescente tinha um aspecto cinzelado que a deixava com uma forte aparência de jovem mulher, castigada por afazeres e preocupações, atarefada demais para pensar nas coisas que faziam as crianças felizes.

Harper olhou por uma das janelas retangulares que davam para a garagem e viu que Renée havia subido na bancada de compensado e pegado no sono encostada em Gil, com uma das mãos gorduchas em cima de seu peito. As janelas altas sob os beirais davam para uma escuridão sem forma. Harper havia dormido o dia inteiro, e talvez houvesse dormido a maior parte da noite seguinte se não estivesse com tanta fome. Muito em breve eles teriam de tomar alguma providência em relação à comida.

O escritório tinha uma bancada de fórmica com pia, forno de micro-ondas, uma cafeteira elétrica e um rádio tão antigo que tinha um compartimento para fitas cassete na frente. O rádio estava ligado numa tomada de parede, mas é claro que não havia energia. Havia uma geladeira, mas Harper não a abriu para olhar, pois não queria sentir o cheiro do que talvez houvesse lá dentro. Virou o rádio e encontrou um compartimento para pilhas na parte de trás. O aparelho levava seis pilhas de tamanho grande. Na terceira gaveta que ela tentou havia um pacote novo de pilhas tamanho grande.

Harper levou o rádio para fora do escritório até o silêncio fresco e pétreo da garagem. Parou junto à bancada ao lado de Renée e Gil. A lona plástica havia escorregado até a cintura dos dois. A camisa de Gil estava ligeiramente desabotoada, e Renée tinha a mão aninhada sobre seu peito e a bochecha encostada em seu ombro.

No peito de Gil estavam tatuadas duas linhas em letras azuis desbotadas, rebuscadas, quase góticas:

Passar pela vida sem confiança é impossível;

é estar preso na pior cela que existe, a cela de si mesmo.¹

G. Greene

¹ No original: *It is impossible to go through life without trust: that is to be imprisoned in the worst cell of all, oneself.*

Harper levantou a lona, alisou-a por cima do casal e os deixou a sós.

Acomodou-se no degrau de cimento numa noite de calor surpreendente, quase líquido, tomada pelo canto dos grilos. Flexionou os dedos dos pés na terra úmida cheia de pedrinhas. Quando inclinou a cabeça para trás e fitou o céu, viu tantas estrelas que sentiu uma dor no coração, tamanho seu amor pelo mundo. Que coisa: ela ainda amava o mundo, mesmo agora. A frente do rádio emitia um brilho verde de vaga-lume. O que poderia ser melhor do que uma agradável noite de primavera, pés descalços sobre a terra morninha, no ar o cheiro das árvores brotando, e no rádio um pouco de música? Só faltava uma cerveja gelada.

Foi percorrendo as estações de FM na esperança de ouvir Martha Quinn, mas sabendo que não ouviria. Não ouviu. Através de um chiado de estática, conseguiu sintonizar numa estação que tocava gravações de arquivo de música gospel, mas após algumas músicas perdeu o sinal. Mais adiante no dial encontrou um rapaz... ou seria uma criança? A voz tinha a qualidade aguda e forçada que ela associava à puberdade incipiente, e falava sobre o treino de primavera do Red Sox em Fort Myers. Ela parou ali por um tempo, sentindo a pulsação latejar pesadamente, abalada ao pensar que em algum lugar do mundo ainda se jogava beisebol.

Depois de meio *inning*, porém, começou a desconfiar que o menino ia inventando tudo aquilo conforme falava. Bill Buckner estava jogando na primeira base outra vez, mais de 25 anos depois de sua última partida, e todas as bolas passavam por entre as suas pernas. Vin Diesel era o rebatedor titular do Red Sox, e rebateu uma bola bem em cima de um *shortstop* chamado Kermit deFrock. Quando deFrock agarrou, a força da bola deslocou seu braço para fora da articulação. O Sox estava jogando contra um time chamado Heretics, “heréticos”, composto principalmente por Muppets, monstros e loucos que pegavam fogo e morriam em campo toda vez que cometiam um erro. Sorrindo, Harper ainda escutou mais um *inning*. Quando mudou de estação, o Sox estava ganhando por 3 ½ a 1. Não sabia muito bem como o time conseguira marcar meio *home run*. Pela voz, o menino que narrava o jogo devia ter 11 anos, e parecia estar se divertindo mais do que nunca na vida.

Bem no final do dial, ela encontrou um coro de meninos cantando “Vinde todos, ó fiéis” e parou para escutar, e em algum momento percebeu que estava chorando. Não queria que nenhum deles tivesse morrido. Nenhum sequer, e pouco importava o quão difícil fora conviver com eles.

Quando a canção terminou, uma mulher começou a narrar um programa chamado “Bênçãos do dia”. Era um noticiário, de certa forma. Segundo ela disse, chegara a notícia de que J.K. Rowling, autora dos ímpios romances de Harry Potter, fora morta por um pelotão de fuzilamento em Edimburgo. A execução fora televisionada no que restava da internet. A autora estava toda rabiscada pela escrita do diabo, e havia usado seu dinheiro e seu status para proteger e transportar outros doentes. Quando lhe ofereceram a chance de pedir perdão por seus muitos pecados, iludir crianças, esconder gente contaminada, ela desdenhou a oportunidade e disse que não iria se desculpar por nenhum advérbio sequer. A mulher que fazia a locução considerava uma bênção o fato de que J.K. Rowling iria arder para todo o sempre no inferno, louvado seja Jesus.

Em matéria de bênçãos locais, a Guarda Nacional, auxiliada pela milícia de voluntários conhecida como Incineradores do Litoral, havia descoberto seiscentos pecadores infectados escondidos nas instalações da Colônia Wyndham. A batalha campal que se seguira havia terminado quando os doentes morreram queimados dentro de uma igreja que tinham convertido em um bunker fortemente armado, aleluia.

Mais ao norte, novos incêndios haviam começado no sul do Maine mas, num sinal de misericórdia divina, o fogo fora contido numa faixa de apenas 30 quilômetros. Os Soldados de Cristo de New Hampshire tinham jurado enviar mais de cem homens e uma dezena de caminhões de bombeiro em no

máximo uma semana. O grão-cabo Ian Matajudas mantinha estreita comunicação com os serviços florestais do Maine, e estava de prontidão para ajudar qualquer um que ouvisse e aceitasse a verdade das suas próprias revelações divinas, glória a Deus. Grão-cabo? O título dele antes era governador, mas enfim, o nome dele antes também era Ian Judd-Skiller, e não *judaskiller*, “matajudas”.

O coro de meninos voltou cantando alguma coisa em latim.

Quando Harper ergueu os olhos, Nick estava sentado na outra ponta do degrau, apertando os joelhos contra o peito.

– Gostoso aqui fora – disse ela, só que com gestos, não com a voz. – Adoro uma noite quentinha. Parece quase o verão.

Ele aquiesceu, de leve apenas, balançando o queixo logo acima dos joelhos.

– Comer a gente precisa – disse ela, consciente de que não estava acertando totalmente. – Vou achar comida. Trazer aqui. Não se preocupa se não volto logo.

Ele fez que não com a cabeça.

– Eu sei onde tem comida – falou, com suas mãos expressivas e eloquentes. – Vem.

Ele se levantou do degrau e a conduziu para dentro do cemitério.

3

Durante algum tempo, eles seguiram a estradinha que margeava os fundos do cemitério. Nick então entrou entre as lápides, no meio do mato que lhe batia na cintura. Parou diante de uma velha, áspera e acinzentada pedra tumular na qual estava escrito o nome **MCDANIELS**. Agachou-se e tocou o canto da pedra. Harper viu um pedacinho de tinta vermelho-vivo.

Nick se virou e prosseguiu, e ela foi atrás. Diante de uma lápide de mármore azul celebrando a vida de um certo **ERNEST GRAPESEED**, Nick se abaixou, apontou para outra linha vermelha, em seguida olhou para trás na direção de Harper com uma expressão carregada de significado.

– Esmalte de unha – soletrou ele com os dedos.

Harper se lembrou então de uma das primeiras coisas que haviam sumido: um frasco de esmalte vermelho que pertencia às irmãs Neighbors. Cada uma pensava que a outra o tivesse pego, e houvera uma briga feia.

Ele a guiou nas subidas e descidas da terra verde revolvida. A grama crescia por quase todo o cemitério. Harper pensou que, quando meados de junho chegasse, tudo exceto os plintos mais altos já estaria enterrado bem fundo debaixo de uma profusão verde selvagem. Isso não lhe pareceu tão ruim. Havia mais beleza nas flores silvestres e tufo de vegetação de praia do que num parque inteiro de grama bem-cuidada, pensava ela.

Eles chegaram a um jazigo cujas paredes de pedra branca estavam enterradas sob trepadeiras de hera e folhas verdes lustrosas. Um leme de capitão fora impresso na porta de chumbo acima do nome **O'BRIAN**. Um pedaço de pedra com outra marquinha de esmalte vermelho segurava a porta ligeiramente entreaberta.

Nick empurrou com o ombro. A porta se abriu para dentro com um gemido arranhado.

Não havia luz para ajudar a ver, e Harper desejou ter trazido uma lanterna, *com certeza* devia haver uma lanterna lá na garagem, mas Nick avançou depressa até uma das tumbas de pedra encostadas na parede. A ponta de seu dedo se acendeu e espalhou uma fita de fogo verde-azulado. Ele encostou o dedo numa série de velas, a maioria já derretida até virar tocos deformados, em seguida o sacudiu para apagar a chama.

A bolsa de lona de Harper estava em cima de uma das tumbas. O pingente de ouro de Allie pendia da alça. Ver a Mãe Portátil outra vez lhe causou uma sensação esquisita no meio do corpo. Era como esbarrar com alguém de quem fora a fim muito antes, no ensino médio talvez, e descobrir que a pessoa ainda era tão bonita quanto na sua lembrança.

Uma xícara de chá gigante, do tamanho de uma tigela de sopa, estava pousada na tampa de outra tumba de pedra. A xícara especial de estrelas de Emily Waterman. O lado de dentro estava todo incrustado com pedacinhos velhos de carne ressecada. Empilhadas contra a parede havia três latas de apresuntado e três de leite condensado.

Nick subiu na tumba e se sentou com uma vela de cada lado. Harper se sentou na sua frente, inclinou a cabeça e aguardou.

– Eu estava tentando pegar o gato – disse ele com as mãos. – Um gato grande listrado igual a um tigre. Quando fazia carinho nele, podia sentir ele roncar feito um pequeno motor. Eu não consigo *escutar* o ronronar dele, mas consigo *sentir*, e não existe nada melhor no mundo. Mas sempre que eu tentava pegar o gato ele escapava. Uma vez consegui pôr ele numa caixa e carreguei por metade do caminho até a colônia. Mas ele passou a cabeça pelo fundo da caixa, pulou para fora e fugiu.

Ela assentiu para mostrar que até ali estava conseguindo acompanhar.

– Michael disse que me ajudaria a pegar o gato. Era para ser segredo. A gente ia pegar o gato juntos, levar para a colônia e cuidar dele. Mike me disse para pegar apresuntado e leite no refeitório. Ele ia me encontrar com as coisas que *ele* roubava da colônia, tipo refrigerante e chocolate. Perguntei se a gente ia se encrencar e ele disse que não contanto que ninguém descobrisse. Eu sabia que a gente estava agindo mal. Me sentia culpado... às vezes.

– Mas também era bom... Michael estava te dando atenção – disse Harper, movendo as mãos com

muito cuidado para ter certeza de estar dizendo exatamente o que queria.

Nick assentiu com uma animação que fez seu coração se apertar um pouquinho.

– A maioria das outras crianças nunca parecia nem notar que eu estava lá. Ninguém entendia a língua dos sinais... e eu não consigo acompanhar conversas faladas. Ficava sentado com os outros no refeitório, mas na maior parte do tempo não conseguia entender do que estavam falando. Se eles riam, eu sorria como se soubesse o motivo da graça, apesar de não saber. Para mim, eles poderiam muito bem estar fazendo piada comigo.

Ele abaixou a cabeça e olhou para as próprias mãos. Suas mãos se agitaram fazendo pequenos movimentos, e Harper pensou, com uma pontada de surpresa, prazer e tristeza, que ele estava falando sozinho, e que aqueles dedinhos se remexendo eram a sua versão de um sussurro. Por fim, ele ergueu o queixo, cruzou olhares com ela e retomou.

– Mike não sabia a língua dos sinais, mas a gente trocava bilhetes. Ele era muito bom em esperar eu acabar de escrever quando tinha muita coisa a dizer. Podia passar cinco minutos sentado só balançando os pés enquanto eu escrevia. A maioria das pessoas não tem muita paciência. Ele me ajudou a construir armadilhas para o gato. Algumas das nossas armadilhas eram muito engraçadas. Iguais às das histórias em quadrinhos. Uma vez a gente roubou um quebra-vento camuflado, esticou por cima de um buraco e cobriu com folhas. Como se o gato fosse cometer a burrice de cair ali.

Harper se lembrava do dia em que o quebra-vento camuflado tinha sumido. O casaco pertencia a uma adolescente chamada Nellie Lance, que ficara irritada e intrigada com o seu sumiço. *Tem tipo uns dez mil casacos mais legais que ela poderia ter roubado*, dissera Nellie.

Ela. Eles sempre haviam pensado que fosse uma ladra. Tudo que sumia era pego ou nas cozinhas ou no dormitório feminino. Mas havia *um* homem no dormitório feminino, claro. Nick tinha passado o verão inteiro lá, primeiro dividindo uma cama com a irmã, depois indo para a cama de Harper dormir com ela.

Nick continuou:

– A gente escondeu aqui tudo que roubou da colônia. Usei o esmalte para fazer uma trilha para a gente sempre conseguir achar o caminho até o esconderijo. Às vezes a gente invadia a garagem da equipe de manutenção. Mike descobriu que podia me pôr em cima dos ombros e assim eu conseguia entrar pela janela.

– As pessoas ficaram bravas – disse Harper. – Quando você viu que as pessoas bravas, por que não contou? Poderia ter explicado tudo e ninguém bravo.

– Você vai me achar um idiota.

– Vamos ver.

– Eu nem sabia que alguém estava *procurando* um ladrão. Só soube depois de muito, *muito* tempo. Todo mundo falava no assunto, mas ninguém falava *comigo*. As pessoas faziam anúncios na capela que eu não conseguia escutar. Às vezes eu perguntava para o Michael sobre o que todo mundo estava falando, mas ele sempre respondia que não era nada. Uma vez a Allie ficou tão brava que começou a tremer, e eu perguntei por quê, e ela me disse que alguma piranha estava roubando no dormitório feminino. Fui tão idiota que nem entendi que ela estava falando sobre *mim*. Pensei que *outra pessoa* estivesse roubando coisas. Coisas *importantes*. Coisas com valor de verdade. Eu só peguei esmalte de unha, uma xícara idiota e apresuntado. Todo mundo detestava apresuntado. – Ele baixou os olhos. – E uma vez peguei o pingente da Allie. – Ele então levantou a cabeça, e seus olhos cintilaram com uma expressão de desafio. – Mas só porque era para ser o *meu* pingente também. Era para a gente *dividir*. Mas a Allie disse que isso é coisa de menina, ficou com o pingente e nunca me deixou usar nem sequer olhar para ele.

– E a Mãe Portátil? – indagou Harper.

Ele pousou o queixo no peito e piscou. Lágrimas pingaram em suas coxas.

– Desculpa.

– Desculpa não. Me fala.

– Mike disse que a bolsa era grande o suficiente para pôr o gato dentro. Disse que seria muito útil para fazer uma armadilha, e que a gente poderia devolver depois. Eu não ia pegar tudo que tinha dentro também... no começo não. Ia tirar tudo e levar só a bolsa. Mas aí lembrei do meu Viewmaster.

– Do quê?

Ele se virou e abriu o fecho dourado da bolsa. Remexeu lá dentro e pegou um Viewmaster de plástico vermelho.

– Eu lembro. Carol me deu – disse Harper. – Para o bebê.

O semblante de Nick escureceu.

– Ela não podia dar o que não era dela. Isto aqui era *meu*. Tia Carol um dia me disse que eu estava grande demais para ficar com ele e deu para você. Disse para eu aceitar feito um menino grande. Então

peguei a bolsa toda. Eu roubei. Mesmo você sendo minha amiga. E foi uma coisa muito ruim. – Ele enxugou os olhos com uma das mãos. Os músculos de seu rosto tremiam com a força da emoção que ele mal conseguia conter. – Depois de pegar, eu *quis* devolver. Quis mesmo. Michael veio me encontrar aqui no jazigo e disse que a gente não podia se arriscar. Disse que Pai Storey tinha anunciado que a pessoa que tinha roubado a Mãe Portátil teria que ir embora da colônia para sempre. Disse que roubar de uma grávida era o pior pecado depois de assassinato. Mike me disse que eu nem podia devolver escondido, porque Ben Patchett tiraria as digitais. E a Allie me disse que quem tivesse pegado o pingente iria ter as mãos cortadas. Mesmo assim eu pensei que poderia contar ao Pai Storey o que tinha feito. Eu ia contar. Assim que ele voltasse do resgate dos presidiários com o Bombeiro. Mas aí... – Suas mãos pararam de se mover por um tempinho enquanto ele esfregava os olhos com a base das palmas. Mas em pouco tempo seus dedos começaram a se mover. – Mike disse que talvez tivesse sido uma *sorte* para mim Pai Storey ter levado uma bordoadada na cabeça. Disse que tinha quase certeza de que meu avô desconfiava de *mim*. Disse que, antes de esmagarem a cabeça do Pai Storey, ele avisou ao Mike que teria de me fazer algumas perguntas difíceis sobre as coisas que tinham sido roubadas, e que se eu não respondesse direito ele provavelmente teria de mandar embora eu e a Allie *juntos*, para todo o sempre. Disse que Pai Storey iria se livrar de nós dois porque era tarefa da Allie garantir que eu me comportasse. E Pai Storey disse também que era importante a colônia saber que ele não iria me tratar diferente só porque eu era neto dele.

– Ele mentiu. Mentiu feio. Pai Storey nunca machucar você ou irmã. Nunca deixar ninguém mais machucar vocês.

Ela pôde ver que Nick não queria encará-la, não queria travar contato visual... mas a maldição dos surdos era que eles não podiam esconder os olhos caso quisessem se comunicar. Ele precisava olhar para as mãos dela. Piscou para limpar as lágrimas e esfregou as costas de um dos braços no nariz.

– *Agora* eu sei. Mas fiquei com medo. E foi por isso que fui ficar com você na enfermaria. Assim, se Pai Storey acordasse, eu poderia dizer a ele que estava arrependido e pedir para ele por favor não punir a Allie por nada do que eu tinha feito. E o Mike falou que era uma boa ideia, e que ele também passaria o máximo de tempo que pudesse na enfermaria. Assim, se Pai Storey acordasse, poderia assumir a maior parte da culpa. Ele disse que de toda forma devia assumir a maior parte da responsabilidade porque era mais velho.

– Você não culpa – disse Harper com as mãos. – Michael era um mentiroso. Ele enganou *todos* nós.

Os ombros de Nick se sacudiam convulsivamente. Ele levantou as mãos e tornou a baixá-las, levantou-as e tentou outra vez.

– Uma vez eu acordei e levantei para ir ao banheiro e encontrei o Mike curvado por cima dos pés do Pai Storey. Ele levou um susto quando me viu, levantou bem depressa e pareceu assustado. E estava com uma agulha na mão. Perguntei o que ele estava fazendo, e ele disse que tinha passado lá para tomar uma injeção de insulina e aí parado para rezar perto do Pai Storey. Ele estava tentando matar Pai Storey, né?

– É. Quando isso?

– Fevereiro.

Harper pensou no mês de fevereiro e meneou a cabeça.

– Pai Storey parou convulsões em fevereiro. Foi aí que começou a melhorar. Depois que as convulsões pararam. Você salvou a vida do Pai Storey. Assustou o Mike quando pegou ele com a agulha. Ele não tentou mais veneno.

Nick balançou a cabeça.

– Eu não salvei Pai Storey. Michael matou ele mesmo assim.

Harper se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Mas não antes de Pai Storey acordar e dizer o quanto te amava. Entendeu? Você foi muito amor. Você não menino mau.

Nick tinha um ar tão desconsolado que ela teve de levantar, beijar sua cabeça e lhe dar um apertão.

Quando o soltou, ele não estava mais chorando.

– Você acha que aquela carne enlatada ainda está boa? – perguntou.

– *Nunca* esteve boa. Mas a gente provavelmente pode comer.

Harper pegou o apresuntado e o leite condensado nos dois braços. Quando se virou, Nick estava na sua frente, com o pingente em volta do pescoço e segurando a Mãe Portátil aberta. Ela aprovou com um meneio de cabeça e deixou as latas caírem lá dentro.

Eles saíram para a escuridão e começaram a fazer o caminho de volta. Mas não tinham percorrido mais de uns 30 metros quando Harper ouviu o gemido e o ronco de um motor grande e conhecido, ruído que fez suas entranhas se contraírem dolorosamente. Segurou Nick pela manga da camisa e o puxou para fazê-lo se agachar atrás de uma Virgem Maria.

O limpa-neve laranja passou sacolejando pela rua, poluindo a noite com seu fedor de óleo diesel. Avançava devagar, e um holofote instalado no alto da cabine se movia na vertical e na horizontal, iluminando a parede de pedra e o interior do cemitério. Sombras de anjos e cruzes de 3 metros de altura se esticaram pela grama em direção a Harper, depois recuaram. Ela soltou uma expiração trêmula.

Ele continuava lá. Continuava à procura. Sabia em que veículo eles tinham fugido. Talvez soubesse que eles não tinham ido longe. Um carro de bombeiro não era o carro de fuga mais discreto do mundo.

Ela se virou para olhar para Nick... e ficou surpresa ao ver o menino com um largo sorriso. Ele não estava olhando para a rua, mas encarava com atenção o outro lado da estradinha de cascalho que margeava os fundos do cemitério, observando alguma coisa no meio da vegetação rasteira alta e emaranhada. Harper viu samambaias se moverem quando algo fugiu.

– O que foi? – perguntou com as mãos.

– O gato – respondeu ele. – Acabei de ver o gato. Ele também sobreviveu ao inverno.

Harper estava preparada para se intrometer entre Allie e Nick, preparada para ameaças, choro e móveis voando. Mas Allie não pareceu nem um pouco surpresa ao rever a Mãe Portátil, nem ao se deparar com Nick usando o seu pingente. Quando os dois tornaram a entrar no escritório, Allie estava sentada na borda do sofá esfregando o rosto com as duas mãos. Encarou-os com uns olhos embaçados e não fez nenhuma pergunta. Harper tirou uma lata de apresuntado da bolsa de lona e vasculhou os armários em busca de algo para acompanhar a carne em conserva. Encontrou uma caixa de biscoitos salgados e sentiu uma pontada de gratidão quase religiosa.

Nick se postou na frente da irmã, com o queixo empinado, esperando ela dizer alguma coisa. Ela por fim o fez, apenas soletrando com os dedos:

– Acho que você pode usar. Bem que achei que ficaria com cara de menina, mas pelo menos é uma menina bonita.

Harper encontrou uma fita cassete, *Aftermath* dos Rolling Stones, e a pôs no toca-fitas. Em “Out of Time”, Mick Jagger avisou sua *baby, baby, baby* que o tempo dela havia acabado. *Quase*, pensou Harper.

Enquanto espalhava o apresuntado gelatinoso sobre os biscoitos salgados, Harper contou a Allie uma versão curta do que Nick tinha lhe revelado no jazigo. Allie não a interrompeu nem fez perguntas. Quando Harper terminou de falar e eles estavam todos sentados juntos no sofá, comendo a carne em conserva pastosa, usou os dedos para dizer:

– Não acredito que você engoliu o papo furado do Michael sobre impressões digitais. É burrice demais até para você.

– Eu sei – retrucou Nick. – Mas quando eu comecei a pensar que o Michael estava errado em relação às digitais já tinha neve no chão, e como ninguém podia sair da colônia eu não tinha como trazer nada de volta sem deixar pegadas. Além do mais, a idiota que me disse que, quando encontrasse a ladra, Ben iria cortar as mãos dela na frente da colônia inteira foi *você*.

Allie aquiesceu.

– Não faz mal. Você tem só 9 anos. É *normal* ser idiota. Eu tenho 17. Qual a minha desculpa?

Harper se perguntou quando Allie teria feito 17 anos, então pensou que havia deixado passar o *próprio* aniversário quatro semanas antes.

– Quanto tempo vai durar o apresuntado? – perguntou Allie. Falava com a voz um pouco arrastada. Seu lábio superior estava feio, partido em duas metades no ponto em que Jamie havia cortado sua boca. Harper tinha de dar uma olhada para ver se achava agulha e linha.

– Temos só duas latas, de modo que... não muito.

– Que bom. Porque vai ser uma delícia quando acabar e a gente puder morrer de fome em paz.

– Eu estava torcendo para conseguir evitar isso – disse Harper, e recomeçou a falar com Nick usando as mãos. – O Bombeiro disse que você pode encontrar ele e mostrar onde a gente está.

– Se precisar.

– Precisa.

– Eu teria que lançar fogo. Não gosto de fazer isso.

– Eu sei que não.

Ele a encarou com um olhar desconfiado, atormentado.

– John disse por quê?

Harper assentiu.

Allie encarou alternadamente Harper e Nick, movendo os olhos devagar.

Harper ia tentar falar com ele com as mãos, mas dessa vez a língua dos sinais não iria servir. Levantou-se, revirou as gavetas e voltou com um bloquinho e uma caneta esferográfica.

O que aconteceu não foi culpa sua. É preciso no mínimo seis semanas para o esporo chegar à parte do cérebro que torna possível controlá-lo. Talvez mais. Sua mãe quis animar o fogo do mesmo jeito que John faz com a Fênix dele ou que você fez ontem à noite com os seus passarinhos. Só que o cérebro dela não estava pronto. O que ela fez foi como induzir o trabalho de parto antes de um bebê estar preparado para sobreviver fora do útero. Em vez de um bebê, o que acontece é um aborto. Mas ela não sabia. Nenhum de vocês sabia. **NÃO FOI CULPA SUA.** Nem dela. Foi um acidente horrroso. Só

isso.

Mas ele balançou a cabeça, dobrou o papel uma vez, duas vezes, e o enfiou no bolso. Seu rosto, inchado de tanto chorar, rosado nas partes em que ele havia se queimado, imundo e sujo de sangue, não exibia nada que se parecesse com alívio ou aceitação.

– Você não sabe – disse ele com as mãos. – Não faz a menor ideia.

Antes de ela conseguir responder, ele pressionou os dois punhos fechados contra o sofá para se levantar e saiu pela porta para a garagem. Olhou para trás.

– Você vem ou não vem? – perguntou com as mãos.

Ele seguiu na frente até atrás da garagem. Uma harmonia pulsante enchia a noite e parecia fazer o próprio ar vibrar: o canto coletivo de mil grilos. Nick se afastou deles e entrou no mato alto. Andou em círculo pisoteando a grama até achatá-la. A vegetação úmida chiou sob seus tênis. Ele deu várias voltas, cada vez mais depressa, balançando a cabeça para a frente e para trás. Seus dedos dançavam e brincavam no ar, e Harper pensou que ele estivesse cantando sem canção, escutando uma melodia sem som. Pedindo sem palavras o que desejava. Era um pouco assustador vê-lo se mover como um boneco a deslizar pelo trilho dentro de uma caixinha de música. Ele estava de olhos fechados. Aí não estava mais. Seus olhos se abriram de supetão, duas escotilhas numa fornalha. Seus dedos deixavam no ar rastros de centelhas cor de laranja.

Ele levantou a mão esquerda e deixou um rastro de fogo. Pequenas labaredas jorravam de seus dedos e saíam flutuando pelo ar, mas em vez de diminuírem e desaparecerem foram adquirindo forma até se transformar em delicados pássaros de fogo. Um bando de pássaros flamejantes se derramou da mão em chamas do menino e partiu em várias direções diferentes, rodopiando qual foguetes pela noite. Uma dúzia. Duas dúzias. Cem.

– Meu Deus – fez Renée, que fora até a porta dos fundos assistir. – Como é que eles simplesmente não se consomem e desaparecem? O que estão usando como combustível?

– Ele – respondeu Allie, e meneou a cabeça para o irmão. – Ele é tanto a lenha quanto o combustível. O isqueiro, o fluido e o fósforo.

– Não, não é isso – disse Harper. – Não faz sentido. Essa parte eu não consegui entender ainda, por mais que John tenha tentado...

Mas Nick havia parado de andar em círculos. Sacudiu rapidamente as mãos para frente e para trás e as pôs debaixo das axilas, e as fitas amarelo-azuladas de fogo se apagaram com uma curiosa lufada de fumaça rosa. Ele se curvou para soprar as palmas das mãos, e quando estava inclinado para a frente algo cedeu e ele desmoronou de cara na grama.

Allie foi a primeira a chegar e o recolheu com os dois braços. Sua cabeça pendia num pescoço que não parecia ter nenhum osso. A adolescente encarou Harper com fúria.

– Ele não estava pronto para fazer isso – disse ela. – Passou por coisas demais. A gente deveria ter esperado mais uma noite. Você deveria ter esperado.

– Mas o John...

– John Rookwood é capaz de cuidar de si mesmo – disse Allie. – Nick não.

E ela passou marchando por Harper para dentro da garagem.

Era daquilo que Allie precisava, pensou Harper: uma chance de defender o irmão, de lhe tomar o papel de sua protetora, ou pelo menos parte dele.

– Eu realmente não entendo – disse Harper para Renée. – O que Allie disse agorinha mesmo sobre Nick ser o comburentes e o combustível... tem poesia nisso, mas não faz o menor sentido.

– É para isso que serve a expressão poética, para as coisas que são verdade mas não fazem sentido. Para a fera grosseira e a voragem devorante – disse Renée, e ergueu os olhos para encarar a noite, onde cem pássaros de fogo se transformaram na sua própria voragem devorante antes de se espalharem rumo às estrelas.

5

Harper encontrou linha e um anzol de pesca numa caixa sob a bancada, e os usou para dar dois pontos no lábio superior de Allie. A adolescente ficou sentada enquanto ela a costurava, tesa, com os olhos apontados para o teto e os olhos marejados de lágrimas raivosas. Não deu um pio em momento algum. Harper não teve certeza se ela estava lhe dando um gelo ou simplesmente sendo estoica.

Quando terminou, foi cuidar de Nick. O menino dormia profundamente, e só fez franzir o cenho quando ela deu quatro pontos em sua testa cortada. Usou a mesma agulha, mas esterilizou-a segurando-a entre o polegar e o indicador até o aço ficar quente e branco.

Então saiu, sentou-se nos degraus da frente e ficou observando o claro céu noturno. Às vezes lhe parecia que uma das estrelas se soltava do firmamento e partia numa velocidade estonteante rumo a um canto longínquo da noite. Nas horas escuras antes de o sol nascer, constelações se separaram, tornaram a se formar e despencaram em riscas incandescentes.

Por fim, à luz cinza da aurora, uma pequena andorinha de fogo saiu ziguezagueando das árvores atrás do cemitério e se extinguiu numa lufada de fumaça. Instantes depois, o Bombeiro apareceu atrás dela, emergiu cambaleando da floresta e caiu nos braços de Harper.

Seu aspecto a deixou consternada. O talho comprido em sua bochecha esquerda era uma linha serrilhada de pó de carvão preto. A lateral de seu pescoço estava toda vermelha, assada pelo que parecia uma excruciante queimadura solar. Ele fedia como se houvesse rolado nos restos de uma fogueira.

De sua mão esquerda pendia um balde de aço cheio de brasas.

– Eu a salvei – arquejou ele. – Temos de colocá-la num lugar seguro e arrumar lenha nova. – Ele encarou Harper com uma expressão frenética. – Ela está morrendo de fome.

Foi só com muita relutância que ele deixou Harper tirar o balde da sua mão. A alça de latão estava quente, em brasa talvez, mas a palma da mão dela se acendeu suavemente e ela não sentiu nenhuma dor.

Pousou o balde sobre um dos degraus e o guiou até lá dentro.

Ele desmaiou quase na mesma hora em que ela terminou de costurar sua bochecha cortada. Ela o deixou no sofá, onde ele dormiu coberto pelo próprio casaco de bombeiro.

Tornou a sair, sentindo-se muito cansada e muito grávida. A base de suas costas não parava de doer, e ela estava sentindo fortes dores de natureza ginecológica.

O balde com as brasas acesas estava no degrau de trás, perto do toca-fitas. Em “Goin’ Home”, Mick Jagger prometia voltar para casa acompanhado por um riff de baixo sincopado. As brasas inflavam ao se acender, perdiam o brilho e tornavam a inflar, acompanhando os ritmos da música.

Harper teve um ímpeto de chutar o balde para cima da grama.

Em vez disso, carregou-o até um grande tonel de aço pousado no mato atrás da garagem, um dentre muitos latões de lixo. Despejou as brasas por cima do lixo velho: tábuas rachadas, latas de cerveja enferrujadas, trapos sujos de graxa. Chamas estremeceram e saltaram, e o lixo pegou fogo com um *pluft* suave e faminto. Ela encontrou alguns gravetos e um tronco podre infestado de insetos e os jogou no fogo.

– O que é isso? – quis saber Renée. – É para cozinhar?

– É mais tipo um daqueles fogos que você acende para lembrar de alguém.

– Uma chama eterna?

– Tomara que não – respondeu Harper.

6

Eles se revezaram para dormir no sofá, comeram o apresuntado, beberam as latas de leite. A garagem estava quente e abafada, rançosa com os cheiros de carne em conserva, concreto e óleo diesel. Eles em breve teriam de fazer algo em relação a Gil. Dali a mais um dia, ele começaria a cheirar mal.

Quando o sol baixou, Harper saiu pela porta de trás para tomar um pouco de ar puro. Debaixo das estrelas era melhor. A noite tinha uma qualidade quase líquida, como deslizar para dentro de uma piscina morna, uma piscina cheia de escuridão flutuante em vez de água. Quando ela não estava prestando atenção, a primavera havia chegado com força total.

Uma nódoa estalou dentro do latão de lixo. Harper se virou para olhar e viu Allie em pé junto às chamas, encarando as brasas com olhos arregalados, atônitos e assustados. Abraçada com força a si mesma, ela apertava os próprios cotovelos com as mãos.

– Está tudo bem? – perguntou Harper.

Allie se virou e olhou para ela com um ar inexpressivo.

– Não – respondeu, e entrou.

Harper espiou dentro das chamas também, mas tudo que viu foram brasas.

Sentou-se em frente à porta dos fundos. Contou quantos dias faltavam para a data do seu parto, depois fez as contas outra vez para ter certeza. Chegou à conclusão de que faltavam dezoito dias, se ela parisse na data certa. Algumas mulheres atrasavam um pouco no primeiro filho.

Ela escutou *Aftermath* e descansou as mãos sobre o globo hilário de sua barriga grávida. Mas teve que desligar os Stones quando a fita chegou a “Under My Thumb”. Passara a vida inteira ansiando por um mundo que funcionasse como um musical da Disney do início dos anos 1960, com números de canto e dança espontâneos para comemorar datas importantes como um primeiro beijo ou fazer uma faxina caprichada na cozinha. Se não podia ter *Mary Poppins*, se contentaria com *Os reis do iê-iê-iê*. Mas a vida na realidade havia se revelado mais parecida com o tipo de música que os Stones compunham: você não conseguia nenhuma satisfação, levava um sopapo atrás do outro, se fosse mulher era uma vadia que levava a vida controlada por alguém, e se quisesse que o seu querido médico lhe desse uma ajudinha era bom ter dinheiro, pegar ou largar, e nem adiantava chorar por simpatia, simpatia era só para o diabo.

Ela girou o dial pelas estações. Um grupo de gospel batia palmas para Jesus. O menino do Treino de Primavera estava lá outra vez: o Red Sox agora fazia um amistoso contra o Astros Reunidos de Shakespeare. Era a vez de Romeu rebater. Ele desferiu o taco, quebrou-o no próprio joelho, tomou veneno e morreu no *home plate*. Julieta veio correndo do círculo *on-deck*, chorou por alguns instantes, em seguida apunhalou o próprio coração com o cabo do Louisville Slugger de Romeu. O lançador, Tom Gordon, aguardou com a mão na cintura enquanto Rosencrantz e Guildenstern arrastavam os cadáveres para fora do campo.

Mais adiante no dial FM, uma mulher informava que o marechal de campo sênior Ian Matajudas havia assinado uma ordem de execução para o Bombeiro, que três dias antes tinha assassinado dois Soldados de Cristo de New Hampshire durante o combate ao incêndio na Colônia Wyndham. Noutra notícia, doze mil japoneses sem religião haviam se matado em Okinawa no maior suicídio coletivo jamais registrado. Em Iowa, um rebanho de vacas fora fotografado do céu em formação de cruz. Os últimos dias tinham chegado, e em breve o último selo seria aberto e soaria a trombeta final.

Algo leve como uma pluma roçou sua mão. Ao olhar para baixo, Harper se deparou com um gato peludo, preto com listras douradas, erguendo o focinho para farejar o cheiro do apresuntado debaixo de suas unhas. Ela o estudou por alguns instantes, sentindo que de alguma forma já tinha visto aquele gato antes, depois estendeu a mão para acariciar sua cabeça. O gato se retraiu para não ser tocado, enfiou-se por um túnel verde úmido no mato alto e desapareceu.

Harper ainda estava encarando o ponto em que ele sumira quando John Rookwood apareceu na porta vestido para trabalhar, de capacete e casaco.

– Aonde você pensa que vai? – perguntou ela.

Ele baixou os olhos para si mesmo, como para se lembrar do que estava vestindo.

– Bom. Não posso ir a um enterro vestido deste jeito. Nem você vestida *desse*. – Ele meneou a cabeça para sua encardida calça e suéter de capuz de moletom do Boston Red Sox. A calça já tinha sido

azul um dia, mas agora estava sobretudo preta de fuligem, toda manchada de impressões digitais de sangue. – Então eu acho que vou fazer compras.

– Vamos enterrar o Gil?

– Acho que vamos enterrar a colônia inteira – respondeu ele. – Modo de dizer. A Renée precisa disso.

– Todos nós precisamos.

Ele abaixou a cabeça num único meneio e começou a se afastar.

– Você está sendo procurado – disse ela. – Eu ouvi no rádio.

– É melhor eles tomarem cuidado – falou ele sem se virar. – Pode ser que me encontrem.

7

Ele voltou duas horas depois de o sol nascer, empurrando um carrinho de supermercado enferrujado pela grama crescida. Subiu batendo com o carrinho pelo degrau dos fundos e entrou na garagem.

O carrinho estava abarrotado de paletós e gravatas, vestidos e blusas, botas e sapatos de salto, cachecóis e chapéus. Por baixo da pilha de roupa havia comida suficiente para sustentá-los por mais uma semana: algumas latas de fruta em conserva, uma caixa de aveia instantânea, e um pack de seis latinhas de um refrigerante pouco conhecido chamado Nozz-A-La, que Harper não via desde que era criança. Jogada no meio das compras, uma fita cassete. Harper não teve oportunidade de ver o que era. O Bombeiro pegou a fita e a guardou no bolso do casaco.

– A homenagem é hoje à noite. Vistam-se adequadamente – falou.

– Eu fico com a cartola – disse Allie, e delicadamente pousou na cabeça uma cartola comprida. – Cartolas são *hardcore*.

Nick encontrou um par de luvas de ópera e as calçou. Eram tão compridas que bateram nos seus ombros.

Foi a primeira vez que Harper o viu sorrir em semanas.

8

Os participantes do cortejo fúnebre atravessaram a grama desordenada do cemitério sob um céu inundado de estrelas. O Bombeiro os conduzia com uma das mãos acesas de azul. Nick ia no meio soltando um fogo verde pelos dedos. Harper fechava o cortejo com a mão transformada num candelabro de chama dourada.

O Bombeiro havia convertido o carrinho de supermercado num féretro improvisado. Tinha posto duas tábuas no sentido longitudinal e as prendido com cordas elásticas de escalada. O morto fora posicionado sobre a lona plástica que lhe servia de mortalha. Renée empurrava o carrinho e Allie seguia atrás, levando o toca-fitas de onde já saía uma música bem baixinha.

Allie estava bonita, com a cartola e um sobretudo preto leve que esvoaçava ao redor de seus tornozelos. Nick acabara desistindo das luvas de ópera, mas usava um paletó de smoking amarelo-canário com abas nas costas e o pingente da mãe. Em algum lugar, o Bombeiro havia arrumado um imenso moletom de capuz do Patriots para Harper, tamanho GGGG. Para uma mulher no final da gestação, era o melhor que se poderia pedir em matéria de traje adequado para um enterro. Renée atravessou o cemitério usando um vestido de veludo azul-escuro cuja fenda subia alto o suficiente para deixar à mostra as covinhas atrás de seus joelhos. Tinha as pernas muito esguias, muito bonitas. Harper torceu para Gilbert as ter apreciado como devia.

Sabia-se lá onde o Bombeiro conseguira o que *ele* estava usando: um kilt que deixava à mostra as pernas ossudas e peludas, uma boina preta e um paletó de terno preto curto. Harper não achava que ele estivesse se divertindo às custas da ocasião. Desconfiava que aquilo representasse o seu esforço mais sincero de parecer distinto.

O Bombeiro abriu a porta do jazigo dos O'Brian com um empurrão da mão acesa. A chama iluminou um cubo de mármore bem-arrumado e as sombras flutuaram, parecendo ondular ao ritmo da música. Ele havia encontrado uma fita de *Making Movies*, do Dire Straits, e eles estavam escutando "Romeo and Juliet". A música combinava bem com o canto dos grilos.

Ele apagou a mão direita antes de entrar com o carrinho de supermercado. Renée entrou logo a seguir, e eles contaram um dois três para transferir a mortalha do carrinho para cima de uma das tumbas de pedra. Nick acendeu velas com a ponta dos dedos. Allie entrou também com o toca-fitas, mas Harper permaneceu quase do lado de fora, com a própria mão acesa sem nenhuma sensação de calor. Aquilo a reconfortou. Nessa noite lhe pareceu que aquela chama brilhante era sua própria alma tornada visível.

A música ecoava dentro do pequeno recinto de pedra, e com uma voz suave Harper começou a cantar. O Bombeiro se juntou a ela, e quando começou a cantar estendeu a mão para trás e segurou uma das de Renée. Nick segurou a outra. O menino deu a mão para a irmã, e sua irmã deu a mão para Harper, todos unidos numa corrente humana ondulante. Renée abaixou a cabeça e fechou os olhos, talvez para chorar, talvez para rezar. Só que quando finalmente ergueu os olhos suas íris estavam permeadas de luz. As listras da Escama do Dragão em volta de seus braços nus se acenderam até adquirir um tom escuro de ameixa, descendo até os pulsos. O brilho saltou de sua mão para a do Bombeiro e para a de Nick. Harper sentiu a própria escama reagir com uma onda de luz e calor.

Ficaram todos assim, brilhando no escuro: espirais de fulgor pálido com anéis de luz onde os olhos deveriam estar, como se fossem eles o morto e não Gilbert Cline, como fantasmas levantados de seus túmulos. Harper sentiu a dor dos outros como uma lenta correnteza de água fria, e sentiu-se ela própria uma folha a girar nessa correnteza.

Enquanto se movia ao ritmo da música, sentiu que seu próprio eu se afastava dela, sua própria qualidade específica de ser Harper. Sua identidade não flutuou e foi engolida pela corrente que fluía através de todos eles. Ela não era mais Harper. Era Renée recordando a bochecha áspera de Gil contra o pescoço e o cheiro de serragem de seus cabelos. Como se houvesse vivido isso ela própria, lembrou-se da primeira vez em que Gil a havia beijado num canto do subsolo, com uma das mãos a segurá-la bem firme pela base das costas. Teias de aranha na lâmpada nua e queimada do teto. Cheiro de poeira e tijolo velho, a pressão dos lábios dele nos seus. Estava à deriva nas lembranças de Renée, deslizando veloz pela sua superfície, sendo carregada por uma queda d'água até...

... uma lembrança de Carol abraçando-a e ninando-a na noite em que sua mãe tinha morrido. Carol a

havia abraçado e a feito se balançar para a frente e para trás, e tivera a sabedoria de não dizer nada, de não pronunciar sequer uma falsa palavra de conforto. Carol também chorava, e as lágrimas das duas se misturavam e Harper podia sentir seu gosto agora, em pé naquele jazigo, o gosto que Allie sentira na noite em que Sarah Storey tinha morrido queimada. Suas percepções eram uma folha, agora a girar depressa, derramando-se outra vez por outra queda até...

... uma recordação de ser lançada. Gail Neighbors a havia segurado pelos tornozelos e Gillian pelos pulsos, e as duas a balançavam para a frente e para trás feito uma rede e a lançavam para dentro de um silêncio tonto, e ela caía sem ruído algum em cima de uma cama, com os pulmões convulsionados pelos risos que não conseguia escutar. No assombroso silêncio do mundo surdo de Nick, as cores pareciam gritar. Como ele adorava o jeito com que elas o lançavam e tornavam a lançar, como adorava sua felicidade, e como sentia sua falta e desejava tê-las de volta. Mas a consciência de Harper seguiu em frente, veloz, e mergulhou na mais alta das quedas d'água até então para dentro de uma tristeza tão abissal que era quase impossível ver o fundo, e cascadeou até...

... dentro da cabeça de John e de quaisquer pensamentos relacionados a Sarah que ele ali guardasse. Harper sentiu Sarah sentada no seu colo e sentiu o próprio nariz nos cabelos de Sarah, sorvendo seu aroma delicado de biscoito doce. Ela estava fazendo uma palavra-cruzada, mordiscando a ponta da esferográfica enquanto pensava, e quanta elegância, quanta segurança era preciso se ter para fazer palavras-cruzadas a caneta! Um perfeito quadrado de sol batia na curva de seu ombro moreno e esbelto. Harper jamais tivera tanta consciência da luz e da imobilidade sem estar doidona de cogumelo. Com uma espécie de alegria selvagem, pensou no pai, aquele bêbado brilhante, amante da literatura, distante e ressentido. *Eu vou ter o direito de ser feliz*, pensou, com um sotaque inglês, *e isso significa que eu ganhei de você. Isso significa que eu venci*. Sarah se encostou no peito ossudo de Harper. *Alegria duradoura, quatro letras*, perguntou ela, e Harper tocou seus cabelos para ajeitar uma mecha atrás da orelha delicada e sussurrou: *hoje*. Ter experimentado tamanho contentamento e perdê-lo era como uma queimadura que nunca sarava. Pensar nela era como segurar um ferro em brasa, como ser marcado outra vez.

E ela por fim mergulhou em sua própria piscina de dor e saudade de tudo de bom que um dia fora seu e agora não existia mais: um café no Starbucks enquanto uma chuva fina e fria batia nas vidraças, passar o aspirador em casa de calcinha e sutiã ouvindo Bruce Springsteen e cantando junto, deixar o olhar se perder pelas lombadas dos livros numa pequena livraria cheia de prateleiras altas, comer uma maçã geladinha no quintal enquanto catava folhas mortas, corredores cheios de crianças tagarelas risonhas agitadas na escola, Coca-Cola em garrafas de vidro. Muito do que a vida tinha de melhor passava despercebido nos momentos em que você o tinha.

A correnteza agora mais fraca fez sua pequena folha rodopiar, rodopiar e deslizar para longe de qualquer lembrança, para longe da dor, até por fim alcançar uma margem de areia firme. O toca-fitas parou com um clique. A música havia acabado.

Ela estava sentada num declive de areia, com os ombros apoiados na parede de pedra sulcada do jazigo. O Bombeiro estava sentado ao seu lado. Os dois haviam acabado de mãos dadas, ela não sabia como. Ele trouxera para fora o rádio, agora sintonizado na banda FM. Um coro entoava um cântico melodioso e triste. Estrelas coalhavam a noite.

Harper tinha a sensação leve e flutuante de estar só levemente embriagada. Estava relaxada, e era bom apoiar a cabeça no ombro dele.

– O que a Renée está fazendo? – perguntou.

– Continua lá dentro. Falando com o namorado. Repetindo as coisas de que mais gostava nele. E o que poderiam ter feito se tivessem tido mais tempo.

– E as crianças?

– Voltaram para a garagem. Achei um saco de marshmallow. Acho que eles vão assar.

– Você acha que é... seguro? Eles assarem marshmallows?

– Bom, considerando tudo por que eles passaram, não acho que haja muito a temer de uns marshmallows derretidos. No pior dos casos eles vão queimar o céu da boca.

– Estava pensando no que eles poderiam ver dentro do fogo.

– Ah. – Ele franziu os lábios. – Não acho que ela vá se revelar a eles de modo casual. E talvez Sarah goste de ver os filhos. Não somos só nós que estamos tristes com tudo que não existe mais. Não somos só nós que precisamos fazer nosso luto.

Ela acariciou os ossos dos dedos dele com o polegar e apertou sua mão.

– Faz seis meses que eu não fico tão embriagado de Brilho... na verdade, faz seis meses que eu sequer *entro* no Brilho. – Ele suspirou. – Na verdade não precisei dos benefícios protetores da harmonia desde que aprendi a me comunicar diretamente com o esporo. Tinha esquecido como era bom. Mesmo quando o que se está compartilhando é doloroso, é uma dor gostosa.

Será que eles tinham mesmo compartilhado lembranças e pensamentos, afinal? Harper tinha suas dúvidas. Os jovens da Colônia Wyndham sempre haviam acreditado que o esporo fosse uma espécie de rede, uma espécie de mente-colmeia usada sobre a pele, uma rede orgânica à qual qualquer infectado podia se conectar. Não havia dúvida alguma de que era capaz de transmitir ideias e sentimentos. Mas as pessoas tinham tendência a fantasiar quando alucinavam no Brilho. O dom da telepatia soava como uma coisa boa, mas na opinião de Harper ter imaginação já bastava.

Harper viu uma estrela cadente. Desejou que ele não se mexesse, que ficasse ali mesmo onde estava, com a cabeça dela no ombro. Se o tempo algum dia fosse parar, desejou que parasse ali, com John encostado nela e a primavera soprando uma brisa em seus rostos.

Ele se levantou tão depressa que ela quase tombou. Esticou o braço na sua frente e girou o botão de volume.

A maluca estava falando sobre o Grande Morubixaba Ian Matajudas.

– Ah, que piranha mais doida – disse Harper. Não era de usar a palavra *piranha* sóbria, mas ficava bem menos pudica quando estava bêbada, que era como se sentia agora. – Sabia que toda vez que ela fala nesse tal de Ian Matajudas usa um título diferente para ele? Uma hora ele é grão-marechal, depois general de campo. Daqui a pouco ela vai dizer que ele foi ungido poderoso chupador de xo...

– *Shhh* – fez o Bombeiro, erguendo uma das mãos.

Ela escutou. A mulher no rádio dizia que Sua Majestade havia prometido enviar doze caminhões cheios de soldados até o Maine para combater os incêndios florestais recorrentes, e as tropas tinham ordens para partir ao meio-dia de sexta-feira, louvado sejam Jesus e a santa hóstia...

– Nós vamos com eles – disse o Bombeiro.

– Com Jesus e a santa hóstia? – perguntou ela. – Pensei que fosse isso que a gente estivesse tentando evitar.

– Com a equipe de combate ao fogo – disse ele, com os olhos grandes no rosto ossudo. – Vamos passar pela ponte e entrar no Maine com eles. Vão nos deixar passar direto junto com os outros. – Ele virou a cabeça e a encarou. – Os caminhões partem daqui a dois dias. Podemos estar na ilha da Martha Quinn em uma semana.

10

Quando chegou a hora, John a acordou com um toque, roçando de leve os ossos dos dedos na sua bochecha.

Ela esfregou o rosto e se levantou apoiada nos cotovelos.

– Eu não... o quê? Não está cedo ainda? Pensei que a gente só fosse embora ao meio-dia de sexta.

Deitada no chão, Allie estava se levantando. Nick dormia junto a ela deitado de lado. Ela disfarçou um grande bocejo com as costas da mão.

– Já é meio-dia?

– Já é sexta-feira? – perguntou Harper.

– Sexta-feira sim, meio-dia não. São só umas oito da manhã. Mas se vocês saírem aqui para fora já dá para *escutar*. Eu disse que a gente teria bastante aviso quando eles estivessem se aprontando para partir. Por que acham que tantos menininhos querem ser bombeiros quando crescerem? Para poderem tocar a sirene. Doze caminhões de bombeiro estavam fadados a fazer barulho suficiente para acordar a cidade inteira.

Ele não estava brincando. Harper escutou antes mesmo de sair para o ar matinal enfumaçado e levemente frio: o apito e o guincho de várias sirenes tocando a menos de um quilômetro dali. Uma delas disparava, passava alguns segundos tocando e se calava, e então outra assumia seu lugar. John havia previsto que eles fossem se reunir no quartel central dos bombeiros, logo atrás dos escritórios da prefeitura, e a uma curta distância a pé do cemitério.

– Qual é o nosso nível de pressa? – perguntou ela ao Bombeiro.

– Não vamos querer atravessar a ponte antes deles, claro – respondeu ele. – Mas também não queremos ficar muito para trás. Vem. Vamos pôr os meninos no caminhão. – Como se estivessem acostumados a serem pais e estivessem se referindo aos próprios filhos e a uma viagem programada de alguma distância para visitar parentes desagradáveis. Harper supunha que Allie e Nick agora eram *mesmo* seus filhos.

Renée já estava atrás do caminhão, abrindo os armários de madeira localizados acima do para-lamas traseiro. O motor, produzido em 1935 por uma fábrica da Studebaker, tinha 15 metros de comprimento e era vermelho feito uma maçã e esguio feito um foguete num quadrinho do Buck Rogers. Teria para sempre o aspecto esplêndido de como o passado via o futuro e de como o futuro via o passado. Os armários estavam cheios de mangueiras imundas, fileiras de extintores de aço, pilhas de casacos e pares de botas que se prolongavam até dentro de uma escuridão cavernosa. Parecia perfeitamente possível o mundo de Nárnia estar escondido em algum lugar nos fundos de um daqueles compartimentos. Renée levantou Nick até lá e ele entrou.

– Se esconde embaixo da mangueira – falou, em seguida deu um muxoxo para si mesma por tentar falar com o menino. – Harper, pode dizer a ele para se enterrar debaixo das mangueiras?

Não foi preciso. Ele já estava fazendo isso. Allie pulou para cima do para-choque cromado, entrou atrás dele e começou a ajudar, dispendo cuidadosamente rolos de mangueira por cima do irmão.

– Foi quase exatamente assim que o Gil fugiu da prisão – disse Renée.

– De onde você acha que o John tirou a ideia? – indagou Harper. – Gil continua nos ajudando, sabia?

– Sim – disse Renée, e apertou sua mão. – Vou pegar minhas coisas, por assim dizer. E o rádio. Não vão embora sem mim.

Harper pôs a Mãe Portátil no compartimento traseiro direito, arrumando-o por trás de três fileiras de extintores cromados junto a uma sacola de compras. Ali havia espaço para ela e Renée se esconderem encolhidas sob um cobertor de mudança.

E o Bombeiro... o Bombeiro iria dirigindo.

– Detesto essa parte do plano – disse ela.

Ele estava em pé no estribo do lado do carona da cabine. Segurava um balde cheio de brasas. Posicionou-o ao lado do cano de escapamento, que saía de uma borda atrás da cabine e se esticava em direção ao céu. John se inclinou, e ela viu a ponta de seu indicador se acender até ficar vermelha e transparente, cada vez mais brilhante, até que olhar para ela causava dor; inevitavelmente, pensou no filme *E.T.* Centelhas jorraram quando ele soldou o balde à lateral do cano de escapamento com o dedo.

– Qual parte? – perguntou, distraído.

– A parte em que você tenta atravessar a ponte neste troço. Você está sendo caçado. Tem gente que já te viu, que sabe a sua cara.

Chegara a lhe passar pela cabeça que tudo aquilo não passava de uma farsa para fazê-los se expor, aquela caravana tão bem-divulgada de caminhões de bombeiro indo em direção ao Maine para combater os incêndios que havia lá. Quanto mais refletia a respeito, mais pensava que fosse bem possível eles estarem rumando para uma armadilha e acabarem todos mortos antes de chegar a hora do chá.

No fim das contas, o que a fez decidir se arriscar foi uma série de contrações que durou meia hora e deixou seu útero igual a um bolo de concreto que endurecia rapidamente. Em determinado momento, a dor foi tão intensa, tão ritmada, e sua respiração ficou tão acelerada e curta que ela teve certeza de que era o bebê chegando. Nesse exato instante de total certeza, as contrações começaram a abrandar, e logo haviam passado por completo, deixando-a coberta de suor e com as mãos tremendo. Duas semanas... faltavam só duas semanas para a data do seu parto, uns poucos dias para mais ou para menos.

O que eles estavam fazendo agora era um salto desesperado, como soldados na Primeira Guerra Mundial pulando da trincheira e correndo para o meio da terra de ninguém sem se importar com o fato de as quatro últimas levadas de soldados a fazer a mesma coisa terem sido esfaqueadas. Mas eles não podiam ficar, pois era impossível criar um bebê numa trincheira.

Não se tratava apenas de ter um parto seguro. Tratava-se do que iria acontecer nos minutos, horas e dias subsequentes. Sobretudo se o menino não nascesse com a escama. Fazia meses que ela não via nenhum dado, mas na época em que ainda tinha internet alguns números sugeriam que até 80% dos filhos de mulheres infectadas nasciam saudáveis. O bebê nasceria rosado e limpo, e o único jeito de garantir que continuasse assim seria encontrar alguém saudável que pudesse levá-lo embora... ideia que Harper se recusava a considerar seriamente. Primeiro tinha de encontrar um lugar onde pudesse dar à luz. Depois pensaria na etapa seguinte: encontrar um lar para o filho não infectado. Os médicos da ilha da Martha Quinn provavelmente não tinham a escama. Talvez um deles pudesse ficar com a criança. Talvez seu bebê pudesse até permanecer na ilha junto com ela!

Não. Isso era provavelmente esperar demais. Ela estava decidida a aceitar o melhor para a criança, muito embora achasse que, nesse caso, o dia do seu nascimento seria a última vez em que a veria. Já havia decidido que, quando chegasse a hora, lidaria com a situação como Mary Poppins. Dizia a si mesma que o bebê só era seu até o vento oeste soprar... e quando o temporal chegasse ela calmamente abriria seu guarda-chuva e iria embora flutuando, deixando-o aos cuidados de alguém amoroso, confiável e sábio, como se isso fosse possível. Não podia salvá-lo, mas em certo sentido ele poderia tê-la. A Mãe Portátil o acompanharia.

– Não acho que o Nick saiba manejar um veículo com transmissão convencional. Renée nunca dirigiu nada tão grande assim. Allie é jovem demais. Você está grávida demais. Além disso... o cara que eles estão procurando fala que nem a porra do príncipe Charles, não que nem a porra do Don Lewiston – disse o Bombeiro, e suas vogais se alongaram e os erres desapareceram, o que de repente o fez soar como um nativo de Manchester, no Maine, e não de Manchester, no Reino Unido. – Eu consigo falar como se fosse daqui por alguns minutos, o suficiente para a gente passar pelo posto de controle.

– E o seu pulso? – quis saber Harper, tocando-o no braço direito. Seu pulso continuava envolto numa fita imunda.

– Ah, está bom o suficiente para passar as marchas. Não precisa se preocupar, Willowes. Eu faço a gente passar pelo controle. Você está esquecendo o quanto gosto de me exhibir.

Mas Harper só o escutava com metade da atenção.

Renée havia parado a dez passos do caminhão e estava curvada na cintura, com os dedos estendidos para baixo de modo que um gato de pelo longo e listras douradas pudesse cheirar as costas de sua mão. O bicho saía do meio do mato alto com pedaços de folhas mortas grudados no pelo e o rabo esticado para cima. Ronronava tão alto que alguém parecia ter ligado uma máquina de costura elétrica.

Nick havia saído de baixo das pilhas de mangueiras para assistir. Olhou para Allie com uma súbita animação e começou a gesticular com os dedos. Ela engatinhou para a frente.

– Ele está dizendo que esse é o gato para o qual vem dando comida desde o verão passado – falou.

Quando Harper olhou para trás outra vez, o gato grande estava no colo de Renée. Tinha os olhos semicerrados de contentamento. Renée havia posto o rádio no chão e acariciava delicadamente as costas do gato com o punho fechado.

– Esse é o *meu* gato. – Renée parecia atordoada, como se alguém houvesse acabado de acordá-la de um sono profundo. – Meu gato que eu soltei em maio do ano passado. Sr. Truffles. Bom, na verdade o nome dele é Truffaut, mas os amigos o chamam de Truffles.

O Bombeiro desceu do estribo. Tinha o semblante fechado.

– Tem certeza?

– É claro que tenho. Acho que eu saberia reconhecer meu próprio gato.

– Mas ele não tem coleira nem plaquinha. Você não pode ter certeza.

Renée corou.

– Ele veio direto para mim. Pulou no meu colo. – Quando John não disse nada, ela tornou a falar. –

Por que não pode ser ele? Este aqui é o meu bairro. Eu morava bem nesta rua, sabia? Dois quilômetros mais ao sul, mas mesmo assim *nesta* rua.

– O gato fica – disse ele.

Renée abriu a boca para falar, mudou de ideia e apenas o encarou, primeiro com incompreensão, depois com uma expressão crescente de aceitação.

– É claro – falou. – Que absurdo ter pensado... você tem razão, claro.

Esfregou o nariz no focinho do gato e o pousou delicadamente no chão.

– Não! – gritou Allie. – O que está fazendo? A gente pode levar o gato.

– É. Eu posso levá-lo comigo – disse Harper.

Ela estava pensando na expressão que entrevira no rosto de Renée ao reconhecer seu gato. Fora mais do que prazer, fora um clarão de susto. Pensou que alguma parte de Renée havia desistido da felicidade, deixando a felicidade para trás no jazigo junto com Gilbert, e a possibilidade do contentamento a pegara de surpresa. Nick também já tinha saltado do caminhão, se ajoelhado no chão, e avançava cuidadosamente em direção ao gato com uma expressão quase enfeitiçada. O gato serpenteava entre os tornozelos de Renée e encarava o menino com desconfiados olhos cor de jade.

– E se eles olharem os armários de trás e encontrarem o gato? – perguntou o Bombeiro.

– Vão pensar que um gato entrou no caminhão. Vão rir.

– Não. Vão começar a vasculhar lá dentro, é isso que vão fazer.

– Vamos fazer uma eleição – disse Harper.

– Eleição o cacete! Não é seguro. O gato fica.

– Sr. Rookwood, eu já estou por aqui de gente achando que pode decidir sozinha o que é melhor para os outros ou não – disse Harper. – Experimentei ser casada, e passei cinco anos ouvindo que as coisas que faziam eu me sentir humana não eram boas para mim. Experimentei a religião, aquela igreja repleta de medo da cantoria sagrada, o templo do Brilho, e encontrei mais do mesmo. Agora nós estamos numa democracia, e vamos votar. Não precisa fazer beicinho, você também tem direito a voto.

– E viva o processo eleitoral! – exclamou Allie.

O Bombeiro lançou um olhar hostil em direção a ela e ao irmão.

– A maioria das sociedades reconhece que crianças não têm informação suficiente para participar do debate público.

– A maioria das crianças não salvou essa sua bunda magra e ingrata de ser apedrejado. A gente vai votar. Todo mundo. E eu voto no gato – disse Harper.

– Eu voto num futuro livre de felinos – disse o Bombeiro, e apontou um dedo para Renée. – E ela também. Porque ao contrário de vocês Renée Gilmonton é uma mulher racional, lógica e cautelosa, *não é*, Renée?

A mulher esfregou as costas de uma das mãos na bochecha.

– Ele tem razão. Se alguma coisa acontecer com as crianças porque levamos o gato, eu não conseguiria suportar. Não é um risco razoável. Além do mais... acho que talvez no final das contas não seja o meu gato.

– Renée, você está mentindo e dá para ver direitinho – disse Harper. Virou a cabeça e olhou para as duas crianças com uma fúria plena de razão. – E vocês, votam no quê?

– Eu voto no gato – disse Allie.

Nick apontou o polegar para cima.

– Vocês perderam! – exclamou Harper. – O Sr. Truffles vai com a gente!

Renée estremeceu.

– Não, Harper. *Sério*. Você não... a gente não pode...

– Pode, sim – disse Harper. – Pode e vai. Isso é democracia, seus filhos da puta. Podem ir se acostumando.

Sr. Truffles esfregou as costas no tornozelo de Renée e olhou para Harper com uma expressão que sugeria jamais ter havido qualquer dúvida em relação ao assunto.

11

Com o gato aninhado entre as duas, Harper se esticou no escuro ao lado de Renée no espaço atrás de três fileiras de extintores de incêndio. Allie e Nick haviam se acomodado debaixo das mangueiras em outro compartimento. Harper tinha o rosto enterrado no pelo do Sr. Truffles, e a cada inspiração podia sentir o cheiro dos últimos nove meses de sua vida secreta de gato: umidade, poeira, terra de cemitério, porões e mato alto, praia e cano de escoamento, latão de lixo e dente-de-leão.

O caminhão zumbia e sacolejava. Pela velocidade lenta e todo o balanço, Harper percebeu que eles estavam agora na South Street. Passaram por um buraco, e seus dentes de baixo bateram nos de cima.

– Antes demorava cinco horas para ir até Machias. Quanto você acha que demora agora? – indagou Renée baixinho.

– A gente não sabe como vai estar a interestadual. O incêndio no outono passado queimou tudo de Boothbay Harbor até a fronteira. Milhares e milhares de hectares. Não sabemos nem se vamos conseguir passar. Se tivermos de andar um pedaço ou a maior parte do caminho, poderíamos levar... bem, um bom tempo.

O ronronar do Sr. Truffles ecoava dentro do armário de madeira, um chacoalhar ritmado que fez Harper pensar em alguém tocando *washboard* numa banda música country.

– Mas se a estrada estiver desimpedida a gente poderia estar na ilha *hoje à noite*.

– Não sabemos quanto tempo demora a triagem. Nem com que regularidade eles mandam os barcos para lá.

– Não seria incrível tomar uma chuveirada de água quente?

– Que papo de maluca. Daqui a pouco você vai estar sonhando com comida que não seja em lata.

– Você foi para a cama com ele? – perguntou Renée, do nada.

O caminhão mudou de marcha e começou a acelerar. Eles agora tinham saído da South Street e estavam na Middle Road. A falta de buracos fez Harper perceber que o asfalto sob os pneus era mais novo.

– Não – respondeu ela. – Quero dizer... a gente deitou juntos na cama, mas ficou só abraçado. Por causa das costelas dele. E do braço machucado. – Não soube como explicar sobre a outra mulher sempre presente no recinto junto com eles, a que vivia no fogo. – E mais recentemente eu tenho estado muito grávida.

– Acho que vocês vão poder resolver isso quando chegarem à ilha. – O caminhão se balançou e chacoalhou. – Queria que o Gil e eu tivéssemos feito isso. Queria que tivesse havido um jeito... mas o Mazz vivia nos espionando, estava sempre no mesmo cômodo com a gente. Sei que o meu visual não é lá grande coisa. Quero dizer, eu sou gorda e tenho quase 50 anos. Mas ele tinha passado muito tempo na prisão, e...

– Renée, você é um encanto e superatraente – disse Harper. – Teria deixado ele doidinho.

Renée tapou a boca com uma das mãos e não pôde reprimir um calafrio.

Os extintores de incêndio chacoalharam e fizeram barulho, retinindo uns contra os outros.

Depois de conseguir se controlar outra vez, Renée perguntou:

– Mas vocês se beijaram? E usaram a palavra que começa com A?

– Sim.

– Que bom. Gil nunca me disse a palavra que começa com A, então eu também nunca disse. Não queria dizer e deixar ele se sentindo na obrigação. Agora gostaria de ter dito. Quero dizer, gostaria de ter corrido esse risco. Pouco importa se ele tivesse me dito também. Só queria que tivesse escutado de mim.

– Ele sabia – falou Harper.

O som sob os pneus se modificou, tornou-se mais grave e de algum modo mais oco. Harper pensou que eles poderiam estar agora no viaduto de acesso à I-95. *A qualquer minuto*, pensou. *A qualquer minuto*. Quando entrassem na ponte, o barulho se tornaria um rugido metálico e veloz. Não haveria como confundir. O posto de controle ficava após o primeiro terço da travessia.

– Eu queria ter dito *a ele* hoje de manhã. Se nos pararem e nos encontrarem, pode ser que eu não tenha essa oportunidade – disse Harper. Sua pulsação se acelerou à medida que o caminhão foi ganhando velocidade. – Mas eu amo muito *você*, Renée Gilmonton. Você é a pessoa mais atenciosa que eu conheço.

Tomara que eu fique igual a você quando crescer.

– Ah, Harper. Por favor, nunca seja ninguém a não ser você mesma. Você é perfeita assim.

A ponte começou a ressoar sob os pneus e o caminhão diminuiu a velocidade.

De olhos fechados, Harper pôde visualizá-la: a ponte tinha seis pistas, três na direção sul e três na direção norte, separadas por uma ilha de concreto no meio. Antigamente, era possível entrar direto no Maine sem interrupção, mas no outono o governador havia instalado um posto de controle. Haveria algo bloqueando duas das três pistas no sentido norte: viaturas de polícia, ou então Humvees, ou uma barreira de concreto. Quantos homens? Quantas armas? Os freios a ar comprimido guincharam. O carro de bombeiro parou se sacudindo.

Ouviu-se um barulho de botas. Ela escutou conversas abafadas seguidas por uma inesperada gargalhada, a de John, pensou. Mais conversas. Harper reparou que não estava respirando e se forçou a exalar numa longa e lenta expiração.

– Posso segurar sua mão? – sussurrou Renée.

Harper estendeu a mão às cegas no escuro e segurou a palma quente e macia de Renée.

A porta na traseira do compartimento se abriu meio centímetro.

Harper prendeu a respiração. Pensou: *Agora. É agora que eles vão olhar aqui dentro.* Ela e Renée se mantiveram totalmente imóveis sob o cobertor no espaço atrás dos extintores. Harper pensou que era simples. Se eles olhassem atrás dos extintores, todo mundo iria morrer. Se não, todos iriam sobreviver àquela manhã.

A porta do armário abriu mais meio centímetro, e Harper se perguntou, com certa irritação, por que caralho o sujeito não a escancarava logo de uma vez.

– Ai, meu Deus – disse Renée, que compreendeu uma fração de segundo antes dela.

Harper se apoiou nos cotovelos; a pulsação latejava em sua garganta.

Não era ninguém abrindo a porta por fora. A porta estava sendo aberta por dentro. O Sr. Truffles espichou a cabeça para fora e observou a claridade da manhã. Moveu os ombros para a frente, abriu a porta mais 15 centímetros e saltou para fora. *Grato pela carona, crianças, vou descer aqui.*

Renée apertava a mão de Harper com tanta força que seus dedos doíam.

– Ai, meu Jesus Cristo – sussurrou Renée. – Ai, meu Deus.

Harper soltou a mão e se levantou ajoelhada para olhar por cima dos extintores. Viu uma nesga de céu gloriosamente azul que embranquecia ao longe, e a curva cinza da ponte a se curvar para trás de volta em direção ao território de New Hampshire.

O acostamento estava cheio de carcaças de carros, até o início da ponte e mais além. Devia haver uns cem veículos abandonados ali: todos os que tinham tentado furar o bloqueio e não conseguido. Buracos de bala haviam rachado para-brisas, perfurado capôs e portas.

Vozes chegaram vindas da frente do caminhão. Alguém dizia:

– Está de brincadeira comigo... Qual foi a última vez em que ele foi usado?

Com toda delicadeza, Harper levantou um dos extintores e o moveu mais para o lado. O cilindro tilintou baixinho.

– Não, Harper – sussurrou Renée, mas ela não iria aceitar uma votação dessa vez. Se o gato aparecesse, iria chamar atenção para a traseira do caminhão.

Ela moveu um segundo extintor. *Plim.*

– Ah, a gente em geral tira ele da garagem todo dia Quatro de Julho. Molha as crianças com a mangueira, derruba elas no chão, elas acham o máximo. – Um lacônico nativo do estado do Maine estava falando mais para a frente do caminhão. Tinha a voz vagamente conhecida. – Não achariam tão o máximo assim se a gente usasse a pressão total. Aí, porra... teria uns meninos de 6 anos voando até o alto das árvores.

A frase foi recebida por um uivo entrecortado de risos camaradas, meia dúzia de homens, no mínimo. Foi então que Harper atinou quem estava falando. O velho marinheiro de voz arrastada que estava tagarelando era o Bombeiro, usando sua voz de Don Lewiston.

Ela abriu a porta com um empurrão e espichou a cabeça para o dia lá fora.

O ar tinha cheiro de rio, um aroma doce e mineral com um quê de levemente podre por baixo. Não havia ninguém na estrada atrás do caminhão. Os guardas estavam em pé junto à cabine. Logo à direita havia uma guarita branca vazia com janelas de acrílico empoeiradas. Um rádio amador montado sobre a bancada de fórmica chiava e cuspia.

– A sua dianteira está bem avariada. Você bateu em alguma coisa com ela? – quis saber um dos guardas.

– Ah, já faz uns dois meses. Passei por cima do que pensei ser uma porra de um buraco. Mas tinha

atropelado um Prius com duas guimbas dentro. Ops!

Novas risadas, dessa vez mais altas.

O Sr. Truffles ergueu os olhos para Harper da estrada, estreitou-os, então levantou uma das pernas e começou a lambear as bolas peludas.

– Não estou vendo você na minha lista – disse um dos guardas. Não tinha uma voz hostil, mas tampouco estava exatamente se sacudindo de tanto rir. – Estou com uma lista de todos os caminhões autorizados a passar para o norte. Não estou vendo a sua placa.

– Posso olhar? – pediu o Bombeiro.

Papéis farfalharam.

Harper baixou um dos pés até o asfalto e desceu passando por cima do para-choque.

A fila de carcaças baleadas não acabava nunca, e margeava a beira da pista pela ponte afora até onde a vista alcançava. Harper viu um furgão com meia dúzia de buracos de bala no para-brisa afundado. No banco de trás havia uma cadeirinha de criança.

– Ah, aqui está – disse o Bombeiro. – Aqui. Este aqui é o meu bebê.

Harper pensou que o sotaque dele havia falhado por um instante, e se perguntou se alguém mais teria reparado.

– Studebaker 1963? Não sou nenhum especialista, mas este carro de bombeiros não tem cara de ser de 63.

– É, com certeza não. Isto aqui não é um 63. É um 36. Eles inverteram dois números. E a porra da placa também está errada. A que está anotada aqui deve ser a placa antiga. Ela foi trocada por uma placa de carro de coleção uns três... porra, ou será que foram quatro? Pelo menos quatro anos atrás.

O guarda deu um suspiro.

– Alguém vai levar um esporro por causa disso.

– É. Com certeza – disse o Bombeiro. – Ah, que se foda. Se *alguém* precisa se encrencar, que seja *eu*. Como é que eles vão gritar comigo? Se alguém quiser me descascar, vai ter que ir até o Maine atrás de mim. Me dá essa caneta aqui. Vou anotar a placa certa.

– Pode fazer isso?

– Claro. Posso até rubricar.

– Ei, Glen! Quer que eu pergunte aqui pelo rádio? – perguntou outro guarda. A voz soou jovem, quase esganiçada. – Posso resolver isso em cinco minutos com o escritório central.

Harper recolheu o Sr. Truffles com as duas mãos. O gato miou baixinho. Ela começou a dar meia-volta em direção ao caminhão de bombeiros, então congelou, com os olhos pregados na guarita vazia.

Uma câmera de vídeo montada sob os beirais apontava bem na sua direção. Ela viu a si mesma, um pouco fora de foco, num monitor de TV azulado sobre a bancada dentro da guarita.

Ainda estava se encarando boquiaberta no monitor de segurança quando um dos guardas apareceu no quadro ao adentrar o espaço entre ela e a guarita empoeirada. Mal passava de um menino, com cabelos curtos cor de cenoura e um M16 pendurado em um dos ombros. Estava de costas para ela. Se houvesse olhado por cima do ombro, teria dado de cara com ela. Se olhasse para dentro da guarita, veria sua imagem no monitor. Mas o rapaz não fez nem uma coisa nem outra. Estava olhando em direção à dianteira do carro de bombeiro. Apontou para o capô com um dos polegares.

– Eu conheço todos os caras do Departamento de Obras – falou. – Eles têm uma lista de todos os veículos aprovados, e tem sempre alguém lá no escritório... Alvin Whipple talvez, ou Jakob Grayson. Eles podem nos dizer o que fazer.

Harper empurrou o Sr. Truffles para dentro do armário. Levantou o pé com cuidado, esticando a perna o mais alto que conseguiu, e entrou na traseira.

– Boa ideia! Faça isso – disse o Bombeiro, alto. – Não, peraí... merda, volta aqui. Vai precisar da sua prancheta para poder informar a placa certa.

Harper espiou pela porta do armário, que ainda tinha uma fresta aberta, e viu o rapaz ruivo correr de volta até a frente do caminhão. Um segundo mais tarde, ele já havia trotado para fora do seu campo de visão.

Harper fechou a porta de mansinho.

Entregou o Sr. Truffles para Renée e reposicionou os extintores para escondê-las... tarefa desnecessária, já que ninguém nunca chegou a abrir os compartimentos de trás, e um segundo depois eles recomeçaram a avançar. Harper se deitou. Um músculo pulsava de nervoso em sua perna esquerda.

O Sr. Truffles ronronava baixinho. Renée correu os dedos por entre os pelos no alto de sua cabeça.

– Sabe de uma coisa, Harper? – perguntou ela baixinho.

– Hm?

– Eu acho que este *não é* o meu gato.

O carro de bombeiro se sacudiu, pareceu rolar de 30 a 50 centímetros para trás, em seguida começou a avançar de modo quase relutante. Os sulcos de metal do asfalto recomeçaram a cantar sob os pneus. Ao longe, Harper escutou o *blim-blim* da sineta de latão quando o Bombeiro tocou seu *adiós*.

O caminhão ganhou velocidade em direção ao norte.

– Conseguimos – falou Renée. Ela se levantou apoiada no cotovelo. – Acho que estamos seguros.

Harper não respondeu. Levantou a cabeça de leve e tornou a batê-la no piso de aço, pensando na câmera.

– O que foi? – perguntou Renée.

Harper balançou a cabeça.

O caminhão seguiu por um tempo. Harper pensou que John devia ter acelerado até 100 ou 110 quilômetros por hora; tinha a sensação de uma viagem rápida, sem sobressaltos. Pensou que, com tempo suficiente, o balanço e o movimento do caminhão e aquela sensação de velocidade talvez a fizessem pegar no sono.

Dez minutos depois, porém, ele diminuiu a marcha. O caminhão parou devagarinho, o cascalho estalou sob os pneus e pedrinhas bateram no fundo da carroceria.

Quando o Bombeiro abriu a porta do armário, Harper já estava ajoelhada.

– Estamos com problemas, não é? – perguntou ela.

– Não. – Ele tinha um mau hábito: toda vez que estava mentindo, encarava você bem nos olhos. – Vim ver se você queria ir lá na frente comigo.

O outro compartimento se abriu e Allie espichou a cabeça para fora e esfregou uma das mãos pela penugem cor de mel que já brotava do seu couro cabeludo.

– Levem o Nick também. Ele está com chulé.

– Tá bom, então – disse o Bombeiro.

– Não acho que você deveria ter encostado aqui – comentou Harper. – Estamos perto demais da fronteira.

– Preciso alimentar o balde – disse ele.

Todos saltaram e começaram a se espreguiçar. Harper pressionou os nós dos dedos contra a base das costas e fez as articulações da coluna estalarem. Uma brisa misturada a um pó de pedra fino soprou seus cabelos para longe da testa.

Eles estavam a norte do cabo chamado Cape Neddick, no que antigamente era uma reserva natural. No lado da estrada em que ficava o cabo, ainda era. Pesados carvalhos acenavam com seus galhos, esplêndidos, cheios de folhas verdes novas. Abelhas zumbiam no mato amarelo.

O outro lado da estrada era uma paisagem lunar de gravetos calcinados e pedra enegrecida, varrida por lufadas de cinzas. Os restos destruídos das árvores pareciam sombras desenhadas sobre um fundo de fuligem clara. A uns 30 metros da estrada havia uma estrutura de zinco corrugado com as laterais vergadas pela exposição ao calor, tão deformadas que pareciam o desenho de uma casa feito por uma criança de 5 anos. Esses hectares de desolação se estendiam até bem longe, até onde o olhar de Harper conseguia alcançar.

– Está tudo assim? – perguntou Renée, fazendo sombra nos olhos com uma das mãos.

– O estado do Maine? Pelo que ouvi dizer, não. Mais para o norte deve estar bem pior. – O Bombeiro olhou de volta para a direção de onde eles tinham vindo. – Não faço ideia de como podem estar as estradas daqui para a frente. A equipe de combate a incêndio que estamos fingindo ser só ia seguir a 95 até York, depois bifurcar e pegar uma rodovia estadual direto até o norte. A gente agora está um pouco depois de York, no grande desconhecido.

Harper o seguiu até fora da estrada, para dentro do mato. Ele vasculhou em volta e começou a recolher galhos de árvore velhos e secos. Na orla da mata, de costas para eles, Nick fazia xixi nas samambaias.

– Eles não vão levar muito tempo para entender que não deveriam ter deixado a gente passar – falou Harper.

– Não faz mal. Quando se derem conta do erro, imagino que vão ficar de bico fechado e pronto. Afinal, é bem mais fácil transformar *eles* num exemplo do que *nós*. Não, eu acho que a gente vai...

– Acho que você não está entendendo bem. Aconteceu uma coisa lá na ponte. Uma cagada. O gato pulou do carro. Fiquei com medo de alguém ver e decidir dar uma geral. Então desci para pegar o gato, e tinha uma câmera na guarita. Eles têm um vídeo que *prova* que você estava levando gente escondida.

– Se é que eles um dia vão ver esse vídeo – retrucou ele. Então olhou para trás na sua direção e completou. – Eu falei que o gato era um erro!

– Será que tem alguma coisa no mundo de que você goste mais do que falar “Eu falei”? – Essas eram as palavras preferidas de Jakob. Desagradava-lhe a ideia de John ter qualquer semelhança com Jakob. O simples fato de pensar nisso a fazia querer lhe dar um soco, *forte*.

O Bombeiro se virou com sua braçada de madeira de aspecto exaurido e foi abrindo caminho pelo meio do mato para voltar.

– Eles não vão mandar ninguém atrás da gente – falou, por fim. – New Hampshire está isolado... é um estado policial. Eles não *podem* mandar ninguém atrás da gente. Não podem correr esse risco. Qualquer um que mandarem pode decidir não voltar. É esse o problema com os estados policiais. Os guardas de prisão também são prisioneiros, e a maioria sabe disso.

Mas ele a encarou nos olhos durante todo o tempo em que estava lhe passando o sermão, e foi assim que ela soube que nem ele próprio acreditava.

O Bombeiro subiu no estribo e começou a enfiar gravetos no balde fumegante. Ainda estava alimentando as chamas quando Nick retornou do meio dos pinheiros.

– Por que tem um balde cheio de brasas no caminhão? – indagou ele com as mãos.

Harper teve de soletrar a explicação.

– É um souvenir da fogueira preferida dele.

– Ele tem cocô na cabeça – disse Nick. – Às vezes eu esqueço.

– Olha a boca, rapazinho, senão vou passar sabão nessas suas mãos sujas.

– Ha ha – disse Nick para Harper. – Entendi. Muito engraçado. Todo mundo gosta de uma boa piada de surdo. Sabe por que Deus fez os puns federem? Para os surdos também poderem aproveitar.

Quando eles tornaram a entrar na I-95, o Bombeiro se inclinou para fora da janela e tocou a sineta no vazio.

13

Quanto mais para o norte eles subiam, menos pareciam estar andando no planeta Terra. Dunas de cinzas descoradas haviam se formado pela estrada, às vezes tão altas e extensas, verdadeiras ilhas de fuligem clara e aerada, que o mais sensato parecia ser diminuir a velocidade e contorná-las. A paisagem tinha a mesma cor do concreto. Árvores carbonizadas margeavam a pista de um lado e outro, e reluziam com um brilho mineral sob um céu que ia ficando progressivamente mais claro e rosado. Nada brotava. Harper ouvira dizer que ervas daninhas e mato se recuperavam depressa após um incêndio florestal, mas o solo estava enterrado na cinza compactada, uma argila esbranquiçada que não permitia qualquer vestígio de verde.

A brisa soprava em rajadas; o pó sujou o para-brisa e o Bombeiro ligou o limpador, que espalhou longas listras cinzentas pelo vidro.

Depois de eles rodarem uns vinte minutos, Harper viu casas no alto de uma encosta a leste do carro, uma fileira de trailers. Não havia sobrado nada deles. Eram meras cascas negras, com as janelas estouradas e os tetos desabados. Passaram num lampejo, uma linha de caixas de sapatos de alumínio abertas para o céu.

Eles agora só estavam indo a uns 30 quilômetros por hora, pois o Bombeiro era obrigado a serpentear entre e ao redor de montes de cinzas e de uma ou outra árvore caída na pista. Passaram por cima de um regato. A água era um cocho de lama cinza. Destroços se deixavam arrastar com relutância pelo líquido imundo: Harper viu um pneu, uma bicicleta retorcida, e o que parecia um porco inchado vestido com um macacão de brim cuja carne malcheirosa e podre estava coberta de moscas. Então viu que não era um porco, e estendeu a mão para tapar os olhos de Nick.

Eles saíram da estrada e entraram em Biddeford. A cidade parecia ter sido alvo de um bombardeio. Chaminés pretas se destacavam entre paredes de tijolo desmoronadas. Uma fileira de postes de telefonia calcinados formava uma linha comprida, igualzinha a cruzes à espera do sacrifício. O Centro Médico do Sul do Maine se erguia acima de tudo, uma pilha de blocos cor de obsidiana de cujo interior ainda saía fumaça. Biddeford era um império de ruínas.

Na língua dos sinais, Nick perguntou:

– Você acha que a maioria das pessoas que morava aqui conseguiu escapar?

– Sim – respondeu Harper. – A maioria escapou. – Era mais fácil contar uma mentira com as mãos do que quando você de fato era obrigado a dizer alguma coisa.

Eles deixaram Biddeford para trás.

– Pensei que fôssemos ver refugiados – disse Harper. – Ou patrulhas.

– À medida que subirmos para o norte, desconfio que a fumaça vai se intensificar, além de outras toxinas no ar. Sem falar nessa cinza toda. O ar pode ficar venenoso bem depressa. Não para a gente, claro. Acho que a Escama do Dragão em nossos pulmões vai nos proteger. Mas para os normais. – Ele abriu um sorriso fraco. – A humanidade pode estar de saída, mas nós vamos ter a sorte de fazer parte do que quer que esteja por vir.

– Uau – fez Harper, olhando para a terra arrasada. – Olha só quanta sorte. Os mansos herdarão a terra. Não que alguém queira o que sobrou dela.

O Bombeiro ligou o rádio na FM e foi girando o dial por uma névoa de estática, passando por vozes abafadas e distantes, um coro de meninos cantando uma nota aguda numa catedral cheia de ecos, e então, no meio do chiado, o som de um riff de baixo animado, quase gaiato, e um homem gemendo que sua gata estava decidida a *run away, run away*, fugir, fugir. O sinal estava fraco e vinha misturado com chiados e estalos enlouquecedores, mas o Bombeiro se inclinou para a frente e ficou escutando com os olhos arregalados, então olhou para Harper.

Ela o encarou de volta e fez que sim com a cabeça.

– Estou mesmo ouvindo o que acho que estou ouvindo? – perguntou o Bombeiro.

– Com certeza está me parecendo o English Beat – respondeu Harper. – Continue dirigindo, Sr. Rookwood. Nosso futuro nos espera. Mais cedo ou mais tarde vamos chegar lá.

– Quem teria pensado que o futuro soaria tão parecido com o passado? – perguntou ele.

Uns três quilômetros ao norte de Biddeford, o Bombeiro tirou o pé do acelerador e o caminhão começou a perder velocidade.

– Para ser justo, tivemos quase 65 quilômetros de caminho livre, mais do que eu esperava – disse ele.

Uma carreta de nove eixos estava parada na diagonal nas pistas direção norte. Assim como tudo que eles tinham visto na última hora, uma bomba parecia ter explodido perto dela. A cabine era uma casca assada e queimada até a carcaça. O contêiner na traseira estava preto de fuligem, mas em meio à sujeira Harper pôde distinguir mal e mal a palavra **WALMART**.

Acima do logo da empresa, alguém havia limpado o pó e escrito um recado em Color Jet com letras vermelhas foscas:

PORTLAND JÁ ERA
ESTRADA ACABOU NÃO TEM COMO PASSAR
SAUDÁVEL? PROCURE DEKE HAWKINS EM
PROUTS NECK
INFECTADOS SERÃO FUZILADOS SUMARIAMENTE
QUE DEUS NOS PERDOE, QUE DEUS SALVE VOCÊS

O Bombeiro abriu a porta e pisou no estribo.

– Eu tenho uma corrente de reboque. Talvez consiga tirar essa carreta daí. Não parece que a gente vá precisar de muito espaço para passar. Talvez seja bom alimentar o balde enquanto estamos parados.

Nick foi atrás de Harper quando ela deu a volta até a traseira do caminhão para ver como estavam Allie e Renée. Allie já estava na estrada, com os braços erguidos, ajudando Renée a passar por cima do para-choque. Renée estava quase tão cinza quanto a paisagem. Com um dos braços, apertava o gato contra o peito.

– E aí, mulher? Como está segurando as pontas? – perguntou Harper.
– Você não vai ouvir nenhuma reclamação da minha boca – respondeu ela.
– Não mesmo – disse Allie. – E lá dá para ouvir alguma coisa com esse gato miando?
– Nosso pequeno carona decidiu que não gosta de viajar na terceira classe – falou Renée.
– Então ele pode ir na frente – sugeriu Harper. – E você pode ir com ele.

Mesmo com um ar abatido e cansado, Renée sorriu ao ouvir isso.

– Nem pensar.
– Não tem como você ir atrás – disse Allie. – Se a gente passar por um buraco daqueles fundos, seu bebê provavelmente vai sair voando para fora. Parto projétil.

Renée empalideceu.
– Que imagem linda.
– Não é? Quem quer comer? – perguntou Allie, estendendo a mão para um dos compartimentos de trás para pegar a sacola de compras.

Harper levou uma lata de pêssegos e uma colher de plástico até a frente do caminhão, pensando que John iria querer dividir com ela. Encontrou-o em pé sobre o capô da grande carreta de nove eixos, protegendo os olhos com uma das mãos e encarando a rodovia à frente.

– Que tal a situação lá na frente? – perguntou ela.
Ele se sentou e desceu do capô.
– Nada boa. Tem pedaços grandes da estrada faltando, e dá para ver uma árvore absolutamente imensa no meio da pista a menos de um quilômetro daqui. Além do mais, está tudo fumegando ainda.
– Que loucura. Quanto tempo tem esse incêndio? Oito meses? Nove?
– E não vai acabar enquanto ainda tiver alguma coisa para queimar. Toda essa cinza é um cobertor de proteção para as brasas que estão por baixo. – Ele havia despido o casaco de borracha, e usava apenas uma camiseta manchada. Era meio-dia; o calor reverberava do asfalto. – Vamos seguir até não dar mais

para passar. Aí podemos largar o carro e continuar a pé. – Ele encarou sua barriga por alguns instantes. – Não vou mentir para você. Vai estar calor, e pode ser que a gente passe dias andando.

Ela havia tentado não se permitir ter fantasias sobre chegar à ilha da Martha Quinn naquela noite mesmo, tentado não imaginar uma cama feita com lençóis limpos, um chuveiro quente ou o cheiro de sabonete, mas não conseguira se conter de todo. Ficou desanimada ao escutar que seria mais demorado e mais difícil chegar lá do que esperava, do que todos eles esperavam. No mesmo instante em que registrou a própria decepção, contudo, resolveu deixá-la de lado. Eles estavam a caminho, e tinham saído de New Hampshire. Isso bastava por aquele dia.

– Como assim? – falou. – Você acha que eu sou a primeira grávida que já teve de andar? Toma. Come um pêssego. Assim vai ter alguma coisa para fazer com essa sua boca além de discursos pessimistas e previsões sombrias. Sabia que você é sexy à beça até a hora em que começa a falar? Aí vira um idiota colossal.

Ele abriu a boca para uma colherada de plástico de pêssego. Ela arrematou a colherada com um beijo demorado com gosto de xarope dourado. Quando se afastou dele, o Bombeiro estava sorrindo.

Em pé numa fila atrás deles, Nick, Renée e Allie começaram a aplaudir. Harper lhes mostrou o dedo do meio e tornou a beijá-lo.

John e Allie prenderam a corrente no engate na dianteira do carro de bombeiro e levaram a outra ponta até a carreta. Enquanto estavam prendendo a corrente à traseira da jamanta, Harper deu uma espiada dentro do imenso contêiner da Walmart. O interior recendia a metal e cabelo queimado, mas havia uma pilha de pallets de madeira encostada na parede de trás. Ela arrastou um deles até o lado de fora para ver se conseguia quebrá-lo e pôr os pedaços no balde de brasas.

Renée lhe trouxe um pé de cabra e um machado. Harper apoiou o pallet na mureta esbranquiçada pelo fogo do acostamento e começou a desferir machadadas. Pedaços de madeira racharam e saíram voando.

À luz forte da tarde, Renée observou com os olhos semicerrados o balde soldado atrás da cabine.

– Eu ando querendo perguntar... – começou.

– Provavelmente é melhor não.

– Tá.

Harper levou uma braçada de pedaços de madeira até o caminhão, subiu no estribo e olhou dentro do balde. As brasas pulsavam. Foi pondo os pedaços de madeira um a um. Ao entrar no balde, cada pedaço pegava fogo com um sibilo tremeluzente de chama branca. Ela pôs uns quatro ou cinco, então parou, segurando um pedaço acima do balde enquanto tentava decidir onde posicioná-lo.

Uma flâmula vermelha e deformada de chamas no formato da mão de uma criança se esticou para cima e segurou a madeira. Harper a soltou com um grito débil e pulou para fora do estribo. Sentiu as pernas fracas e bambas. Renée a segurou pelo cotovelo para firmá-la.

– Já ouvi falar em línguas de fogo – comentou a mulher mais velha, suave. – Mas braços nunca.

Harper balançou a cabeça; não conseguia encontrar a própria voz.

O Bombeiro bateu com força a porta do motorista e engatou a ré do carro de bombeiro. A corrente se esticou com um estalo. Os pneus do carro de bombeiro giraram, soltaram fumaça, aderiram ao asfalto e arrastaram a traseira da carreta de nove eixos para o lado com um guinchar de metal.

Quando a jamanta saiu da frente, Harper pôde ver pela primeira vez a estrada mais adiante. Menos de sete metros depois da carreta, uma cratera do tamanho de um carro compacto havia engolido uma das pistas. Pouco depois disso havia *outra* cratera, só que na pista de ultrapassagem. Quase um quilômetro mais à frente, ela viu uma imensa árvore bloqueando a interestadual, um imenso lariço que havia sido de alguma forma cristalizado pelo fogo. Parecia feito de açúcar queimado. A estrada era comprida e reta, e uma distorção provocada pelo calor subia das ruínas amolecidas e deformadas do asfalto.

– Vamos ter que ir bem devagar daqui em diante – disse o Bombeiro.

Nisso ele estava errado.

16

O Bombeiro foi guiando o caminhão em volta das grandes crateras desmoronadas no meio da estrada, avançou até o lariço caído e tornou a parar. Harper e os outros sequer se deram ao trabalho de seguir no carro de bombeiro com ele, e foram atrás a pé. O céu se encobriu como se fosse chover, só que não ia chover, e as nuvens estavam com uma cor errada. Aquelas nuvens tinham cor de salmão, como se estivessem iluminadas pelo sol poente, só que era meio-dia. O ar estava permeado por aquela sensação de estática que às vezes antecede a chegada de nuvens de tempestade. A pressão fazia cócegas desagradáveis nos tímpanos de Harper.

O Bombeiro prendeu a corrente na árvore caída e deu ré com o caminhão. Um barulho alto de algo se rachando ecoou. Ele disse alguns palavrões criativos.

– Você ouviu o que ele falou? Mulher *nenhuma* conseguiria fazer isso – comentou Renée. – É anatomicamente impossível.

Ele saltou de trás do volante. A corrente havia arrancado um galho de três metros da árvore.

– Você tem que passar a corrente em volta do tronco – opinou Allie. – Senão a árvore vai se despedaçar.

Nick ficou sentado no para-choque traseiro do carro de bombeiro junto com Renée e Harper enquanto Allie e o Bombeiro passavam a corrente ao redor da massa central da árvore.

– Vamos fazer um o que é o que é – disse Renée. – Vinte perguntas. Quem quer começar?

Harper traduziu. Nick respondeu na linguagem de sinais.

– Ele quer saber se é animal, vegetal ou mineral.

– Mineral. Mais ou menos. Ai, ai. Começamos mal.

E eles continuaram assim, com Harper fazendo as vezes de tradutora.

– É amarelo? – perguntou ela, a mando de Nick.

– É, mas também é meio laranja.

– Agora ele quer saber se é maior do que um carro.

– Sim. Muito maior.

Nick falou depressa com as mãos.

– “Um caminhão”, ele está dizendo – falou Harper.

– Não! – retrucou Renée, jovial.

Nick saltou do para-choque traseiro agitando os braços e acenando com as mãos.

– “Um caminhão grande cor de laranja”, ele está dizendo – falou Harper.

– *Não!* – repetiu Renée, com a testa franzida. – Fala para ele que *não*. Ele está desperdiçando as perguntas.

Mas Harper agora já tinha ela também saltado do para-choque para olhar a estrada.

– Temos que ir – falou.

Nick já estava correndo em direção à frente do caminhão. Harper foi trotando atrás dele, sem parar de gritar, e sua voz de um grito se transformou em algo que ficou suspenso na borda do limite exausto de um urro.

– John! A gente precisa ir embora! A gente precisa ir! *Agora! AGORA!*

John estava com metade do corpo dentro da cabine, uma das mãos no volante, um dos pés sobre o estribo. Debruçou-se para fora do carro de bombeiro de modo a gritar instruções para Allie que, a cavalo no tronco, ajeitava a corrente em volta do lariço. Quando ouviu Harper aos berros, ela olhou em volta, então estreitou os olhos para ver mais longe.

No alto de um aclive, a menos de 2 quilômetros dali, um caminhão cor de laranja reluzia ao sol. Harper pôde escutar ao longe o rugido cada vez mais alto do motor à medida que o Freightliner se precipitava na sua direção.

– Allie, desce da árvore! – gritou John.

Allie levou uma das mãos em concha ao ouvido e balançou a cabeça. *Não estou escutando.* A própria Harper mal conseguia ouvir John por causa do motor do caminhão ligado.

Ela subiu no estribo ao lado do Bombeiro e tocou a sineta de latão com a maior força de que foi capaz, o mais alto possível. Allie leu sua expressão, pulou da árvore e veio correndo.

– Entrem no caminhão, entrem! – gritou John. – Rápido, vou ter que dar ré!

Allie recolheu Nick do chão passando os braços em volta de suas coxas, tirou-o da estrada e correu em direção à traseira do carro de bombeiro.

John deve ter lhes dado uns dez segundos para subir, então engatou a ré e acelerou. A árvore reteve o carro de bombeiro e o imobilizou no lugar. Os pneus giraram. Em pé no estribo, Harper segurava a porta aberta com uma das mãos e o braço de John com a outra.

O Freightliner de Jakob estava a menos de 2 quilômetros de distância, e o sol refletia sinistramente no para-brisa rachado. Harper escutou o chiado fino do motor acelerando.

John aumentou a pressão, e a árvore se balançou, girou, e começou a escorregar pela cinza. Galhos estalaram e se partiram, coalhando a pista da rodovia.

A um quilômetro dali, o limpa-neve de Jakob se chocou contra a traseira da carreta do Walmart e estraçalhou o contêiner, que arremessou no ar para longe em meio a um estrondo de metal.

A árvore travou numa fissura do asfalto e não saiu do lugar. John disse um palavrão. Engatou a marcha normal, avançou 3 metros e tornou a engatar a ré. Recuou, fazendo os pneus guincharem. Harper segurou firme, dentes trincados, pulsação nervosa e acelerada, preparando-se para o tranco. O lariço subiu um pouco no ar e tornou a desabar com galhos se despedaçando e voando para todos os lados, e rolou o suficiente para um dos lados de modo a desobstruir uma das pistas.

– Vou desengatar – disse Harper. Ela saltou e deu a volta correndo até a frente do carro.

– Rápido, Willows – disse o Bombeiro. O barulho do Freightliner se transformou num rugido estrondoso. – Entra, *entra*.

Harper soltou a corrente do engate dianteiro e correu até o lado do carona.

– Vá! – berrou, segurando a porta do carona e subindo no estribo.

O carro de bombeiro avançou pesadamente. Grossos galhos estalaram e se despedaçaram sob os pneus. Quando Harper conseguiu subir parcialmente até o banco do carona, ele já estava a uns 30 por hora. Deu a volta no lariço e foi ganhando velocidade aos poucos, mas de modo contínuo, num trecho reto de estrada que subia até o topo de um pequeno aclave.

O limpa-neve se chocou contra a árvore. O lariço não foi propriamente removido da frente, mas sim pulverizado, e seus galhos se despedaçaram em meio a uma nuvem de pó cinza e fragmentos pretos. O Freightliner chiava. Harper teve a sensação de estar escutando a verdadeira voz de Jakob pela primeira vez.

Havia posto um dos joelhos sobre o banco do carona quando o Freightliner se chocou contra a traseira do carro de bombeiro. O impacto a fez cair. Suas pernas despencaram pela porta aberta e ficaram penduradas acima da estrada. Ela conseguiu passar um braço pela janela aberta do carona e se segurar na porta. Com a outra mão, agarrou o banco.

– Harp! – berrou o Bombeiro. – Ai, meu Deus, Harp, entra, entra!

Ela chutou, mas não estava conseguindo subir até o banco. Uma parte grande demais de seu corpo pendia para fora da porta do carona, e seu centro de gravidade estava baixo demais; toda sua massa e todo seu peso se balançavam acima da estrada.

Ela virou a cabeça para ver onde estava o Freightliner, e nesse exato instante Jakob tornou a abalroá-los. Foi então que Harper o viu ao volante: o rosto faminto de Jakob, com a barba por fazer e marcado por uma cicatriz. Ele não sorria nem parecia zangado. Sua cabeça se balançava no pescoço como se ele houvesse tomado um potente anestésico.

– Pelo amor de Deus, quer entrar neste carro? – disse o Bombeiro. Ele estava com uma das mãos no volante, mas não olhava mais pelo para-brisa. Havia esticado o corpo inteiro por cima do banco do carona para pegá-la, e estendia a mão direita enfaixada.

Ela tateou às cegas para pegar seu braço e conseguiu segurar os dedos. Ele a puxou, lutando contra a força do ar que tentava arrastá-la para longe do banco. Harper sacudiu os pés no ar, e então seu joelho encontrou o piso do carro e ela entrou na cabine.

O carro de bombeiro havia ficado à deriva enquanto ele a puxava para dentro. Eles bateram num Honda Civic carbonizado parado no acostamento esquerdo da rodovia. A traseira do Honda se ergueu no ar como se uma mina houvesse explodido sob os pneus traseiros. Eles passaram à toda e o deixaram para trás.

O Honda desabou na rotatória atrás deles com um baque chacoalhante. O limpa-neve o acertou um segundo depois e o jogou para o lado com um chiado agudo, um som de fúria quase humana misturada ao barulho de amassado quando o vidro implodiu.

Harper se acomodou no assento atabalhoadamente, com a porta do carona ainda aberta se balançando para a frente e para trás. Segurou a correia de couro preta afixada acima da porta e espichou a cabeça

para fora de modo a olhar para trás.

– Que porra você está... – o Bombeiro começou a perguntar.

Ela estava inflada de canção, uma canção de indignação e tristeza, sem letra e sem melodia, e sua mão se acendeu feito um trapo encharcado de gasolina no qual se encosta um fósforo. Uma chama azul jorrou rugindo e ela a arremessou, arremessou uma bola de *softball* feita de fogo. A bola acertou o para-brisa do Freightliner, espalhou-se pelo vidro como um leque de fogo e se apagou.

Harper não parou de lançar fogo. Uma explosão de labaredas azuis arrancou o retrovisor lateral direito do limpa-neve. Um raio atingiu em cheio o limpa-neve, transformando por um instante a escavadeira num cocho raso repleto de chamas brancas crepitantes. Da quarta vez em que ela lançou fogo, a chama se curvou, como uma bola de curva ou uma *knuckleball* no beisebol, e acertou o pneu dianteiro direito. A roda virou um aro de chamas.

– Você consegue cegar ele? – perguntou o Bombeiro.

– Ahn? – fez Harper.

– Cegar ele. Só por dez segundos. *Agora*, se possível. E pelo amor de Deus, coloca o cinto.

Os tendões do pescoço de John estavam saltados. Seus lábios arreganhados formavam um esgar de consternação. Eles estavam subindo uma ladeira em direção a algum tipo de viaduto. A dianteira do carro de bombeiros arrancou e jogou longe uma placa cor de laranja em formato de diamante, um aviso. Harper não teve tempo de ver o que a placa dizia antes de o Bombeiro a fazer sair rodopiando.

Não se importou com o cinto. Não conseguia prendê-lo e ao mesmo tempo se debruçar o suficiente pela janela para lançar chamas diretamente sobre Jakob ao volante do Freightliner. Pôs a cabeça para fora no ar escaldante da tarde e olhou para o caminhão limpa-neve. Jakob a encarava pelo para-brisa que parecia uma teia de aranha, e cujas rachaduras produzidas por um único tiro de espingarda se estendiam logo à direita de onde ele estava sentado. Harper pensou que Jamie Close havia chegado bem perto de acertar uma bala no pulmão dele naquela noite no campanário da igreja.

Inspirou fundo e lançou um punhado de fogo. As chamas acertaram o para-brisa bem no buraco da bala. Espalharam-se para fora, acompanhando as rachaduras, até criarem uma teia de fogo. Um pouco do fogo passou pelo buraco, e Jakob se retraiu e virou a cabeça para o lado. Harper pensou que por um instante ele houvesse fechado os olhos.

Virou-se para olhar o que havia à frente e viu que o viaduto havia sumido. **PONTE DESABADA**, era o que dizia a placa de aviso laranja. O viaduto havia desabado no meio até formar um precipício com 10 metros de extensão, cheio de vergalhões a despontar do concreto esmigalhado. No último segundo, lhe ocorreu que ela estava sem cinto de segurança.

John pisou fundo no freio e deu um tranco para o lado com o volante, virando súbita e pronunciadamente para longe do precipício.

Foi quase força demais, depressa demais. O carro de bombeiro derrapou de lado e os pneus chiaram, um silvo agudo e entrecortado de borracha queimando. Uma fumaça azul emanou de baixo da carroceria. Harper sentiu que o veículo queria capotar. John estava com o corpo inteiro debruçado sobre o volante para tentar segurá-lo. O carro escorregou de lado e estremeceu com a força de uma britadeira. *Eu vou perder este bebê*, pensou Harper.

O Freightliner passou por eles e bateu na sua traseira. O carro de bombeiro rodopiou feito uma porta giratória. Por um segundo, eles ficaram de frente para a direção de onde tinham vindo, e continuaram derrapando para trás. A força centrífuga jogou Harper contra a porta do carona. Se ela não a houvesse fechado um segundo antes, teria sido arremessada para fora. O volante girou tão depressa nas mãos do Bombeiro que ele o soltou com um grito de dor.

Eles estavam olhando novamente na direção de New Hampshire, ainda deslizando pelo asfalto, de modo que Harper não viu quando o Freightliner passou por eles e caiu no precipício, despencou 10 metros e aterrissou na pista lá embaixo com um impacto estrondoso que pareceu sacudir o mundo inteiro. Foi como se uma bomba houvesse estourado debaixo deles.

Mesmo depois de o carro de bombeiro parar de se mexer, ela continuou com uma leve impressão de que eles ainda estavam girando. Olhou para John. Ele a encarou de volta com olhos esbugalhados de assombro. Moveu os lábios. Ela pensou que ele estivesse dizendo seu nome, mas não teve certeza, não conseguia escutar nada com aquele zumbido nos ouvidos. Nick tinha razão. Leitura labial era um troço complicado.

Ele gesticulou com as mãos num gesto de quem enxota alguma coisa. Saia do caminhão. Estava tentando soltar o próprio cinto.

Ela aquiesceu, desceu pela porta aberta sobre pernas bambas, pisou no estribo, e então desceu para a

estrada. Solto a porta, olhou na direção do precipício no viaduto e sentiu todo o ar sair do peito.

A metade traseira do carro de bombeiros estava dependurada na beira do abismo. O carro estava se inclinando. Bem diante de seus olhos, tombou para trás feito uma gangorra, e os pneus dianteiros se suspenderam no ar.

Ela mal teve tempo de recuperar o fôlego. Estava se preparando para gritar o nome de John quando o caminhão de bombeiros tombou pela borda, para dentro do precipício, e levou o Bombeiro junto.

Harper correu até a beirada do viaduto inexistente e olhou para além dos vergalhões retorcidos e do concreto despedaçado. O caminhão de bombeiros tinha caído para trás e tombado para o lado do carona. Ela estava num ângulo ruim e não conseguia ver dentro da cabine, não conseguia ver John. O Freightliner estava de ponta cabeça. Algo queimava lá embaixo: ela sentiu o fedor de borracha chamuscada.

Apenas o choque a manteve onde estava, um forte latejar dormente de emoção que ela pôde sentir em todas as terminações nervosas, na ponta dos dedos. *Todo mundo morreu*, pensou. *Todo mundo, todos eles, John, Nick, Allie e Renée, e John e Nick e Allie e Renée e John e Nick e Allie e Renée.*

Sua garganta doeu e ela percebeu que estava gritando, que havia passado quase um minuto inteiro aos gritos, e obrigou-se a se calar. O que precisava fazer era descer até lá. Descer lá e ver o que podia fazer.

Virou-se... e quase trombou de frente com Allie. O rosto da adolescente reluzia de suor, e ela arfava por ter corrido.

– De onde você surgiu? – indagou Harper. – Como conseguiu sair?

Harper olhou para trás dela com uma expressão vazia. A quase um quilômetro de distância, viu Nick trotando pelo acostamento conduzindo Renée pela mão.

– A gente não entrou no carro – respondeu Allie. – Não deu tempo. A Renée jogou a gente dentro de uma cratera assim que eu cheguei à traseira do caminhão com o Nick. Quando dei por mim, você e o John tinham ido embora sem a gente. Cadê ele? Cadê...

Ao mesmo tempo em que falava, Allie passava por ela para olhar pela borda do precipício. Harper a segurou pelo braço e a puxou antes de ela chegar lá.

– Não olha. Eu não quero que o Nick veja e também não quero que você veja. Fica aqui e não desce a não ser que eu te chame.

Harper quis correr, mas já fazia várias semanas que seus dias de corrida haviam ficado para trás. Conseguiu uma espécie de trotezinho desajeitado de grávida, segurando a barriga por baixo. Passou por cima de uma mureta e desceu escorregando pelo barranco sobre o grande traseiro prenhe, agarrando punhados de vegetação rasteira para diminuir a velocidade da descida.

A estrada lá embaixo era uma rodovia de mão e contramão, com pistas na direção leste e outras na direção oeste. O carro de bombeiro estava na diagonal sobre as pistas leste. Um lago de fogo cuspiam e jorrava sobre o asfalto, e Harper pensou, desatinada: *Gasolina, ele está vazando gasolina em chamas, vai explodir.* Pulou por cima do fogo e chegou à frente do carro.

Pôde ver através do para-brisa. O vidro estava quebrado e amassado para o interior da moldura. John estava pendurado de lado, ainda preso pelo cinto de segurança, com a cabeça caída no ombro direito e sangue pingando de baixo da linha dos cabelos e do nariz. Mas não estava morto. Harper pôde ver seu peito subir e descer.

O que não pôde ver foi como tirá-lo dali. Estava grávida demais para subir até a porta do motorista, agora virada para o céu. Não podia quebrar o que restava do para-brisa sem uma ferramenta, e tinha medo de espirrar cacos de vidro nele.

Uma escada, pensou. Não a escada grande montada no teto, mas uma das escadas menores guardadas nos compartimentos de trás.

Saltitou de volta por aquela longa fita de fogo (o que estava queimando, exatamente? O cheiro não era de gasolina) e foi até a traseira do carro de bombeiro. Por toda a extensão do veículo, os compartimentos tinham sido abertos pela força da queda, e ela atravessou com cuidado um emaranhado de cabos de machado e pés de cabra que pareciam um brinquedo de criança. Na pressa, quase pisou no gato, e se encolheu quando ele chiou para ela, assustado.

Endireitou-se e deu um passo para trás. O Sr. Truffles a encarava lá de baixo, com os olhos verde-jade cheios de susto e o pelo todo eriçado. Pelo visto, Renée havia tirado todo mundo do caminhão, menos ele.

– Ah, você – disse ela, agachando-se e estendendo a mão para o bicho. – Meu Deus, como é que você conseguiu sobreviver? Quantas das suas vidas será que acabou de usar?

– Todas – disse Jakob, e uma pá se abaixou em meio à fumaça e acertou o gato feito um taco de croquê batendo na bola.

Com o pescoço quebrado e morto, o Sr. Truffles voou pelos ares para dentro da vegetação rasteira. Harper gritou, desequilibrou-se para trás e caiu no chão. Jakob ergueu a pá acima da cabeça com as duas mãos. Ela rastejou para trás usando os calcanhares, e a lâmina da pá se abateu no asfalto mole entre seus pés.

Ela se arrastou para longe dele, rastejando no meio dos cacos de vidro e pedras soltas. Jakob teve de sacudir um pouco o cabo da pá para soltar a lâmina antes de poder dar um passo à frente, e ela pôde dar uma boa olhada nele. Sua mão direita enegrecida e queimada tinha a mesma textura de pele de frango frita. A carne fissurada deixava à mostra mais embaixo uma carne podre e rosada que reluzia com pus. O lado esquerdo de seu rosto também estava carbonizado, e os cabelos desse lado da cabeça ainda fumegavam. Uma velha queimadura preta no formato da mão de um homem marcava a pele flácida de seu pescoço.

Ele avançou, lento e desajeitado, sem nada de sua antiga graça de bailarino. Quando falou, sua voz saiu pastosa, arrastada. Os lábios haviam se fundido em um dos cantos da boca.

– Eu tinha razão quando disse que você tinha me deixado doente, princesa – disse ele. – É verdade que não me contaminou com a Escama do Dragão, mas me deixou doente de outro jeito. De um jeito pior. Estar perto de você era como ter uma febre baixa e constante. Uma mulher como você é uma espécie de infecção. Você vivia às minhas custas feito uma bactéria. Não sabe quanto eu quero ficar bom. Me curar de você.

Ele desferiu outro golpe, mas ela recuou com a ajuda dos calcanhares. A lâmina da pá rasgou a névoa e arrastou atrás de si farrapos sedosos de fumaça.

– Antigamente eu achava que você seria a minha musa – continuou ele, e riu, um som estranho e dissonante. – Pensei que você fosse me inspirar! No fim das contas, inspirou mesmo. No final das contas você me guiou para minha verdadeira vocação: apagar incêndios. Eu sou um ótimo bombeiro. Apago os incêndios antes mesmo de eles começarem. Entendeu? Sob determinado aspecto, você foi *mesmo* a minha musa!

Ela era tão pouco musa quanto ele jamais fora escritor, pensou Harper, e não lamentou, não por isso. Jakob só conseguia vê-la em termos de culpa ou inspiração, mas de uma forma ou de outra aquilo a reduzia a uma espécie de combustível. De uma forma ou de outra, ela nunca fora outra coisa senão algo para ele queimar.

– Seu namorado ainda está vivo? – perguntou Jakob, meneando a cabeça em direção ao carro de bombeiro. – Quero que ele esteja vivo. Quero cortar sua cabeça e pôr no colo dele antes de matá-lo. Quero que ele olhe na sua cara uma última vez e diga o seu nome. Quero que ele saiba que não conseguiu manter o que roubou de mim.

Em sua mente, Harper começou a cantar sem palavras. Sua mão esquerda cuspiu, fumegou, acendeu-se, e começou a tremeluzir com fogo. Ela a ergueu, e Jakob a esmagou com a pá e a chama se apagou. A dor a fez gritar.

– Ele te ensinou algum truquezinho? – perguntou Jakob. – Além de como chupar o pau dele? Que pena que ele não te ensinou a brincar com fogo. Uma mulher da sua idade deveria saber como isso termina, princesa. Meninhas que brincam com fogo acabam se queimando. Se queimam e desaparecem.

Mas Harper não estava escutando. Estava olhando para trás dele. Sentiu uma estonteante onda de sangue encher seu coração, e não estava conseguindo respirar direito.

– *Presta atenção em mim* – falou Jakob. Pôs a ponta da pá debaixo do queixo dela e a usou para levantar sua cabeça, forçando-a a encará-lo nos olhos. – Estou falando com você, princesa. Você sequer escutou o que eu disse? Sequer ouviu alguma coisa? Meninhas não devem brincar com fogo. É assim que as pessoas se machucam.

– É – sussurrou Harper. – Tem razão. Eu sinto muito, Jakob.

Ele estreitou os olhos como quem faz uma pergunta, então começou a virar a cabeça.

A essa altura, a mulher de fogo já havia percorrido metade da distância entre ele e o carro de bombeiros. Tinha a mesma altura de Jakob, e seus cabelos flutuavam por vários metros atrás dela, amarelos e vermelhos. Estava nua, em certo sentido, embora sua forma ondulante e tremeluzente parecesse mais algo feito de seda rubra. Apenas seus olhos ardiam com um azul quente, como a chama de um maçarico. Ela deixava pegadas atrás de si, pegadas de fogo vermelho.

– Mãe? – disse Allie, a 10 metros dali. Ela acabara descendo o barranco e estava parada segurando a mão de Nick. Falou com uma voz fraca e aturdida.

A mulher de fogo lançou uma machadinha de chamas. A arma só surgiu no instante em que ela recuou

a mão. Acertou Jakob no rosto, e ele gritou quando o fogo se espalhou por suas feições e subiu pelos cabelos. Ela recuou a mão outra vez, e uma nova machadinha de fogo surgiu e saltou do nada para dentro de seu punho fechado. Ela tornou a lançar, chegando mais perto dele. A segunda machadinha o acertou no peito, e o trapo imundo e todo sujo de graxa de sua camiseta pegou fogo. Ele deu um passo cambaleante em direção a ela, mas não conseguia ver nada através da fumaça preta que lhe submergia a cabeça. Ela deu um passo de lado igual a um toureiro. Jakob cambaleou e desabou com um dos joelhos no chão.

Ela se abaixou ao seu lado e o segurou delicadamente nos braços flamejantes.

18

Allie se agachou no pé do barranco, com Nick no colo. Apertou o rosto do irmão contra o peito e enterrou a cabeça no ombro dele; os dois se apertaram um contra o outro feito as duas metades de uma noz.

O fogo que um dia tinha sido uma mulher se levantou de junto do cadáver preto e fumegante de Jakob Grayson. Abandonou ali sua presa e caminhou em direção aos filhos. Seus calcanhares deixavam pegadas borbulhantes que liquefaziam o asfalto do chão.

Quando chegou a 3 metros de Nick e Allie, ela se abaixou com extrema graça, cruzou os tornozelos e se sentou com as pernas cruzadas. Allie levantou a cabeça e a espiou, em seguida apertou o ombro de Nick para lhe avisar que ele podia olhar.

Os cabelos dourados da mulher flutuavam e estalavam. A estrada debaixo dela derreteu, transformando-se numa poça de piche.

Nick falou usando as mãos.

– Mãe? – indagou.

Ela aquiesceu, e respondeu movendo as mãos em arabescos de fogo.

– Já fui. A maior parte do que eu era queimou.

– Eu estava com saudade – disse ele.

– Eu também – soletrou Allie com as mãos. – Muita.

Sarah tornou a aquiescer. O alto de sua cabeça era um cálice aberto de fogo. O que quer que ela estivesse queimando para ficar ali com eles, o ar e um milhão de grãosinhos rodopiantes do esporo, estava acabando depressa agora, e ela estava esfriando, se apagando. Quando a brisa soprava, ela se encrespava como um reflexo em águas agitadas.

– Foi tudo culpa minha – disse Nick com as mãos.

– Um fósforo não tem culpa de começar um incêndio – disse a chama que era Sarah. – A culpa é de quem o risca. Você foi só um fósforo.

– Você ainda estaria com a gente se eu não tivesse te ensinado a lançar fogo.

Com as mãos, ela respondeu:

– Eu *ainda* estou com vocês. – Continuou a falar usando gestos. – Estou sempre com vocês. O amor nunca queima. Ele continua para sempre.

As crianças estavam chorando outra vez. Talvez Sarah também estivesse. Chamas escorriam de seu rosto e pingavam no asfalto.

Seus filhos lhe falaram com as mãos, e ela assentiu e respondeu da mesma forma, mas Harper virou as costas e não viu o final da conversa. O que eles disseram entre si pertencia apenas a eles.

Harper se levantou do chão, trôpega, e olhou em volta. O cadáver calcinado e ressequido de Jakob exalava uma fumaça preta imunda. Ela foi até a traseira do carro de bombeiro tombado e remexeu entre rolos sujos de mangueira. Desencavou um cobertor à prova de fogo e o jogou em cima da cabeça e dos ombros de Jakob, em seguida recuou, afastando a fumaça do rosto com as mãos. O cheiro era o mesmo de lixo queimado.

Ela trombou com alguém em pé atrás dela. Renée levou uma das mãos ao seu ombro para ajudá-la a se firmar. Finalmente havia descido o barranco para se juntar a eles.

– Você viu o gato? – perguntou, com uma voz sufocada e atordoada.

– Ele... ele não sobreviveu, Renée – disse Harper. – Foi... foi jogado longe no acidente. Eu sinto muito.

– Ah – fez Renée, e piscou os olhos. – E o...

– John está vivo. Mas está ferido. Preciso ajudá-lo a sair do carro.

– Sim. Claro. – Renée olhou para trás na direção de Allie, Nick e a mulher de fogo. – O quê... o que é aquilo?

– Ela veio com John – explicou Harper.

– Ela é... – começou Renée, então engoliu em seco, passou a língua pelos lábios e tentou outra vez. – Ela é... – Sua voz tornou a prender na garganta.

– Uma chama antiga da paixão – disse Harper.

19

Renée encaixou um pé de cabra num dos cantos do para-brisa e o soltou. A peça caiu inteira no chão, um cobertor chacoalhante de vidro de segurança azul com mil fissuras que não se sabia como ainda continuava inteiro. Harper e Renée se espremeram juntas para dentro da cabine e pararam debaixo de John, que pendia acima delas preso pelo cinto de segurança. Uma gota de sangue caiu no olho direito de Harper, e por um instante ela viu o mundo através de um vitral vermelho.

As duas deram o melhor de si para trazê-lo até o chão sem movimentá-lo demais, mas quando seu pé direito bateu no asfalto os olhos dele se abriram num susto e ele gritou com a voz débil. Elas o arrastaram para longe da ruína do carro de bombeiro. Renée foi buscar alguma coisa para pôr debaixo de sua cabeça e voltou com a Mãe Portátil, que servia razoavelmente bem de travesseiro.

– Ai – fez ele. – Ai, minha perna. Está ruim, não está? Eu não consigo olhar.

Harper moveu as mãos pela coxa dele e sentiu a fratura no fêmur através da grossa borracha da calça de bombeiro. Não achava que fosse uma fratura exposta, e tinha certeza de que não atingira nenhuma artéria importante. Se fosse esse o caso, ele não estaria lhe perguntando sobre a perna. Estaria desacordado por causa da hemorragia, ou então morto.

– Eu posso dar um jeito. Preciso alinhar o osso e pôr uma tala, e sem analgésicos vai doer. – Ela examinou seu peito. Ele deu um arquejo, fechou os olhos, e pressionou a cabeça para trás sobre a bolsa de lona. – Estou mais preocupada com as costelas. Quebraram outra vez. Vou ter que olhar por aí e ver o que consigo para endireitar sua perna. – Ela sentiu um calor nas costas e soube quem estava atrás de si. – Tem alguém aqui para te fazer companhia enquanto eu procuro.

Ela o beijou na bochecha, levantou-se e se afastou.

Sarah ficou parada ao lado de John, pura chama. Abaixou-se até encostar um dos joelhos no chão e o encarou no rosto, e Harper pensou que estivesse sorrindo. Era difícil dizer. Seu rosto mal passava de fiapos de fogo. Na primeira vez em que Sarah havia aparecido, era um sudário de fogo branco com um núcleo de calor quase ofuscante bem no centro. Agora, porém, seu tom predominante era um vermelho fosco, escuro, e ela havia encolhido até proporções infantis e estava mais ou menos do tamanho de Nick.

– Ah. *Sarah*. Ah, olha só para você – disse John. – Espera um pouquinho. A gente vai catar um pouco de lenha. Não vai deixar você se apagar. – Ele ergueu as mãos, tentou falar com gestos.

Ela fez que não com a cabeça. Harper agora tinha certeza de que estava sorrindo. A mulher de fogo levantou o queixo enquanto a brisa soprava suavemente os últimos resquícios de seus cabelos, e pareceu encarar Harper de frente, encará-la do jeito sonhador com que a própria Harper muitas vezes havia olhado para chamas em movimento. Por fim, Harper teve a impressão de que Sarah lhe deu uma piscadinha de olho.

Quando ela se apagou, foi de uma hora para outra. A moça de fogo desabou para dentro de si mesma com um chiado chacoalhante de cinzas. Mil centelhas verdes rodopiaram rumo ao céu da tarde. Harper ergueu uma das mãos para proteger os olhos e foi espetada em todo o corpo, espetada delicadamente, quando as faíscas choveram em cima dela, em seus braços nus, na testa, no pescoço e nas bochechas. Ela se retraiu, mas as espetadelas sumiram num instante. Passou a mão pelas bochechas e trouxe de volta uma palma coberta de restos de cinzas.

Esfregou a cinza entre o polegar e o indicador e observou a fuligem clara sair flutuando na brisa leve, e pensou no que as pessoas costumavam dizer nos funerais, aquela parte sobre voltar ao pó o que era pó, que vinha junto com algo sobre a certeza da ressurreição.

20

John tinha os olhos assustados, o rosto sarapintado de suor e fuligem. Estava sem a calça. Sua coxa esquerda, preta e inchada, tinha o dobro da grossura da outra. As palmas rechonchudas de Renée estavam pousadas abaixo da fratura, enquanto as de Harper seguravam a perna logo acima.

– Está pronto? – perguntou Harper.

John deu um meneio de cabeça tenso e assustado.

– Vamos acabar logo com esse procedimento médico da Idade das Trevas.

Allie estava em pé a 10 metros de distância, mas quando o Bombeiro começou a gritar virou-se de novo para eles e espalmou as mãos sobre os ouvidos. O osso produziu um rangido áspero quando as duas partes quebradas tornaram a se unir, barulho que fez Harper pensar em alguém que arrasta uma pedra por um quadro-negro.

Foi Allie quem descobriu como fabricar uma padiola dobrando cobertores por cima de um pedaço de escada de incêndio. Elas o prenderam ali, e travaram suas canelas e quadris usando cordas elásticas. Passaram uma última corda ao redor da testa. Eram os únicos três lugares nos quais podiam posicionar os cabos sem tocar algum osso quebrado.

A essa altura ele já estava inconsciente, mas agitado, soprando ar pela boca e depois tentando balançar a cabeça. Tinha um aspecto muito envelhecido, pensou Harper, faces e têmporas encovados, testa enrugada. Tinha também uma expressão corada e abobalhada que a deixava de coração apertado.

Renée sumiu por um tempo, mas ao voltar trouxe um mapa da Nova Inglaterra encontrado no portaluvas do Freightliner de Jakob. Harper passou um tempo sentada com o mapa nos joelhos, então lhes informou que eles estavam a 322 quilômetros de Machias.

– Se mantivermos um ritmo de 32 quilômetros por dia, podemos chegar lá em pouco mais de uma semana – falou.

Esperou alguém perguntar se ela estava de brincadeira.

Em vez disso, Allie se agachou, segurou as varas do *travois* improvisado e se levantou. A cabeça de John se ergueu no ar até ficar mais ou menos na mesma altura da base de suas costas. O rosto da adolescente era uma máscara grave e estoica.

– Melhor irmos andando, nesse caso – disse ela. – Se sairmos agora, podemos percorrer 16 quilômetros antes de a luz cair. Não vejo motivo nenhum para desperdiçar o dia. Vocês veem?

Ela olhou em volta com uma expressão belicosa, como se esperasse alguém contestá-la. Ninguém o fez.

– Dez dias em pé – refletiu Renée em voz alta. Olhou para a barriga inchada de Harper. – Quando é a data prevista para o parto?

Harper lhe abriu um sorriso tenso.

– Tem tempo de sobra.

Havia perdido as contas, mas tinha quase certeza de que faltavam menos de duas semanas.

Renée recuperou uma bolsa de compras nas ruínas do caminhão, e Harper recolheu a Mãe Portátil da estrada. Foi só depois de subirem o barranco de volta até a I-95 que reparou em Nick carregando um machado de incêndio. Ele era um menino prático.

Nas partes em que não estava destruída, a estrada estava coberta de cinzas. Não havia nada para ver até o horizonte a não ser morros cinza-claros e as lanças carbonizadas dos pinheiros.

Algumas horas antes de escurecer, eles chegaram a um lugar em que a interestadual descia até onde o que antes fora um pequeno rio. A água sufocada de cinzas era agora uma lama cor de magnésio. Um Mercury 79 boiava nela, afundado até os faróis, parecendo um robô crocodilo gigante patrulhando um canal tóxico.

Allie pousou o *travois* no acostamento da rodovia.

– Vou subir um pouco a correnteza, ver se tem outro jeito de atravessar.

– Não gosto da ideia de você se afastar sozinha – falou Harper. – A gente não sabe o que pode ter por aí. Eu não posso perder mais uma pessoa que amo, Allie.

Aquilo pegou Allie de surpresa, Harper dizer que a amava. Ela se virou e a encarou com uma expressão de choque, prazer e embaraço que a deixou parecendo bem mais nova do que era: 12 anos em vez de 17.

– Eu vou voltar – disse ela. – Prometo que vou. Além do mais. – Ela puxou o machado de incêndio da mão de Nick. – Minha mãe não é a única que sabe manejar um destes.

Ela desceu o declive pronunciado junto à estrada, movendo o machado para um lado e para o outro de modo a abrir caminho pelo mato na altura dos ombros.

Voltou bem na hora do lusco-fusco, quando o céu se adensava num tom de amarelo aguado. Ao ouvir Harper perguntar se havia encontrado alguma coisa, apenas fez que não com a cabeça, num gesto cansado, e não disse nada.

Eles acamparam na margem do rio, sob a marquise da ponte desmoronada. Durante a noite, o Bombeiro começou a delirar.

– *Chim chaminé, chim chaminé, chim chim cha-rá, me deem um pouco d’água antes de eu queimar! Chim chaminé, chim chaminé, chim chim cha-ri! Se eu pegar fogo, você mija em mim?*

– Shhh – fez Harper com uma das mãos em volta da cintura dele, aconchegando-se para mantê-lo aquecido. O dia tinha sido abafado e quente, mas depois de escurecer o ar ficou tão frio e cortante que era como se eles estivessem num pico de montanha exposto. O rosto do Bombeiro estava encharcado com um suor gelado, febril, mas mesmo assim ele não parava de segurar a gola da camisa e puxá-la, como se estivesse morrendo de calor. – *Shh*. Tenta dormir.

As pálpebras dele estremeceram e ele a encarou com um olhar atarantado e agitado.

– Jakob continua atrás da gente?

– Não. Ele já era.

– Pensei que tivesse ouvido o caminhão dele. Pensei que tivesse ouvido ele chegar.

– Não, meu amor.

Ele deu uns tapinhas na mão dela e aquiesceu, depois tornou a dormir por um tempo.

Eles passaram a maior parte da manhã seguinte retornando, refazendo o caminho por onde tinham vindo até uma descida da rodovia que os fez passar em frente à ruína de um Pizza Hut que parecia ter sido atacado com napalm. O Bombeiro dormiu quase o tempo todo. Quando acordava, tinha os olhos atordoados e confusos.

Ele não tinha muito a dizer, não no início, e às vezes era preciso repetir uma pergunta algumas vezes para que a escutasse. Suas respostas, porém, eram coerentes e sensíveis. Sim, ele *queria* sim um pouco d'água. Sim, sua perna estava doendo, mas tudo bem, era suportável. Seu peito não doía tanto, mas ele o sentia *pesado, comprimido*. Pediu a Allie várias vezes para afrouxar o cabo em volta do seu peito. No início ela disse que *não havia* cabo nenhum em volta do seu peito, mas na terceira vez em que ele pediu falou claro, sem problemas, e ele lhe agradeceu e não tocou mais no assunto.

Somente uma vez o Bombeiro fez algo particularmente perturbador. Moveu as mãos para falar com Nick. A resposta do menino foi fácil de entender: ele sacudiu a cabeça fazendo que *não*. Então correu até alcançar Harper e começou a andar ao seu lado, onde podia evitar cruzar olhares com o Bombeiro.

– O que foi que ele disse? – quis saber Harper.

– Disse que tinha certeza de que o caminhão ainda estava atrás da gente. O grande limpa-neve. Eu falei que não, mas ele disse que estava *escutando*. Disse que o caminhão ainda estava vindo, e que se chegasse mais perto a gente teria que deixar ele para trás.

– Ele está doente. Não se preocupa. Ele está confuso.

– Eu sei – disse Nick. – Você está ficando bem boa na língua dos sinais.

Harper quis dizer: “Quem sabe eu ensino ao meu filho”, mas então lembrou que, se tudo corresse conforme o planejado, jamais conheceria o próprio filho. Iria doá-lo para alguém saudável. Pôs as mãos nos bolsos do moletom de capuz e as deixou ali, sem ter mais o que falar por um tempo.

Eles pararam para almoçar num improvável bosque de bétulas situado numa ilha entre as duas pistas de uma rodovia rural. Os morros de um lado e outro da estrada estavam coalhados de árvores enegrecidas, mas aquela pequena ilha em formato de lágrima abrigava um ponto intocado pelo fogo, uma zona de frescor verde e samambaias.

Eles beberam água mineral e comeram pretzels. Em determinado momento, um granizo macio e seco se pôs a choviscar à sua volta, batendo em seus olhos e nas árvores, nas folhas e nas samambaias. Harper achou uma joaninha andando nas costas de sua mão e outra no pulso. Passou uma das mãos pelos cabelos e fez cair na grama meia dúzia de joaninhas.

Quando levantou a cabeça, viu centenas delas, andando pelos troncos das árvores ou abrindo as asas para flutuar na brisa. Centenas não: *milhares*. Joaninhas subiam nas correntes de vento, a centenas de metros do chão, um lento temporal flutuante de joaninhas. Renée se levantou vestida com centenas de joaninhas nos braços, como luvas até os cotovelos. Removeu-as, e elas caíram sobre as samambaias fazendo um barulho de chuva. John as usava como se fossem um cobertor até Allie as espantar delicadamente com um galho de samambaia.

Nessa noite eles acamparam nas ruínas de um chalé junto à estrada. A parede oeste da casa tinha sido varrida pelo fogo e desabado, enterrando a sala e a cozinha sob gravetos calcinados e telhas chamuscadas. Mas a parte leste se encontrava misteriosamente intocada: acabamento de ripas brancas, janelas pretas, as persianas abaixadas por trás das janelas. Eles se acomodaram no que antes era um quarto de hóspedes, onde encontraram uma cama queen bem-feita. Sobre o travesseiro havia um arranjo seco e murcho de lauretino branco. Um antigo hóspede escrevera um recado na parede: **A FAMÍLIA CROWTHER SE HOSPEDOU AQUI QUANDO ESTAVA INDO ENCONTRAR MARTHA QUINN**, seguido por uma data do outono anterior.

Quando a luz do dia se foi, John tremia de maneira descontrolada, e seu corpo só relaxou quando Harper se enroscou junto a ele debaixo da manta. Ele brilhava de tão quente, e nem era por causa da Escama do Dragão. Aquilo a assustou, aquela febre seca, contínua e escaldante. Com cuidado, ela encostou um ouvido no seu peito para escutar os pulmões, e o som que ouviu foi como o de alguém puxando uma bota de um lamaçal. Era, pneumonia, então. Pneumonia outra vez, e pior do que antes.

Nick se deitou do outro lado de John. Havia descoberto um exemplar do *Guia Prático de Aves*

Peterson sobre uma mesinha de apoio e folheava as páginas, estudando as ilustrações à luz de um dedo aceso.

– Em que você está pensando? – indagou Harper.

– Estou pensando quantos desses pássaros já entraram em extinção – respondeu Nick.

No dia seguinte, o Bombeiro amanheceu pegajoso de suor.

– Ele está ardendo em febre – disse Renée, encostando os dedos em sua bochecha.

– Seria engraçado se eu morresse cozido – resmungou ele, e todo mundo se sobressaltou. Ele não disse mais nada durante todo o dia.

Eles prosseguiram chapinhando por um nevoeiro amarelo-mostarda, grosso como sopa, sob árvores engrinaldadas com fitas de bruma encardida. Entraram nela, seguindo rumo ao norte, e no meio da manhã o sol já não passava de um disco marrom desbotado que, com seu calor, abria naquela mortalha um furo enferrujado. Impossível ver mais de alguns metros à frente naquele miasma. Harper distinguiu o que pensou ser uma motocicleta grande encostada na ruína de uma cerca de arame farpado. Na realidade era uma vaca morta, com a pele empretecida toda rachada deixando à mostra a carne malcheirosa e podre por baixo, com moscas a zumbir nas órbitas vazias dos olhos. Renée passou pelo animal tropeçando, tossindo e segurando a própria garganta, tentando não golfar.

Foi a primeira e última vez em que Harper ouviu alguém tossir durante todo o dia. Até mesmo a respiração do Bombeiro estava comprida, lenta e regular. Embora ela sentisse os olhos e as narinas arderem, a fumaça revolta a incomodava tão pouco quanto se ela estivesse respirando um ar fresco dos Alpes.

Ocorreu-lhe que eles estavam respirando veneno, que haviam adentrado um ambiente tão hospitaleiro para a vida humana quanto o planeta Vênus. Mas aquilo não os derrubou, e ela ficou pensando nisso. A responsável era a Escama do Dragão, claro. Ela já sabia havia algum tempo que o esporo convertia as toxinas da fumaça em oxigênio. Mas esse pensamento conduziu a outro, e ela pediu para Allie parar.

Allie parou de andar, corada e imunda. Harper se ajoelhou ao lado do trenó, desabotoou a camisa de John e levou o ouvido ao seu peito.

Ainda conseguia escutar um chiado seco e rascante que não lhe agradou, mas, embora ele não houvesse melhorado, tampouco havia piorado. Estava sorrindo, e daquele jeito, adormecido, quase se parecia com o homem calmo e irônico que costumava ser. A fumaça à sua volta tinha o mesmo efeito de uma tenda de oxigênio. Não faria sua pneumonia ir embora, e sua melhor chance agora era um tratamento à base de antibióticos, mas talvez lhe desse mais algum tempo.

No início da tarde, porém, eles o arrastaram para fora do nevoeiro e seguiram andando sob um céu azul límpido, sem nuvem alguma e inclemente, onde o sol projetava clarões ofuscantes em cada pedacinho de metal e cada fragmento de vidro sujo de fuligem. Quando finalmente saíram da estrada, John estava pior do que Harper jamais o vira. A febre voltou, e um suor começou a brotar em suas faces e nas têmporas grisalhas e encovadas. Ele não parava de pôr para fora da boca a língua inchada e sem cor. Seus dentes batiam. Ele falava com pessoas que não estavam lá.

– Os incas tinham razão em venerar o sol, Pai – disse o Bombeiro a Pai Storey. – Deus é fogo. A combustão é a única bênção que não se pode questionar. Uma árvore, petróleo, um homem, uma civilização, uma alma. Tudo isso tem de queimar um dia. O calor produzido pela sua morte pode ser a salvação de outras pessoas. Na verdade, em última instância, o valor da Bíblia, ou da Constituição, ou de qualquer obra de literatura, é que todas elas queimam muito bem, e durante algum tempo impedem a chegada do frio.

Eles pararam num hangar de aeronaves ao lado de uma pequena pista de pouso particular. Não havia nenhum avião dentro do hangar, uma construção de metal azul com teto curvo, mas dentro de um dos escritórios havia um sofá de couro preto. Harper decidiu que eles precisariam prendê-lo no sofá para ele não cair durante a noite.

Quando o estava amarrando, os olhos revirados e confusos do Bombeiro se grudaram no seu rosto.

– O caminhão. Eu vi o caminhão hoje à tarde. Vocês deveriam me deixar para trás. Eu estou diminuindo a sua velocidade e o limpa-neve vai chegar.

– Não tem como – disse Harper, e afastou da sua testa os cabelos suados. – Eu não vou a lugar nenhum sem você. Somos você e eu, *baby*.

– Você e eu, *baby* – repetiu ele, e abriu um sorriso breve de cortar o coração. – Que tal?

Depois de ele pegar num sono leve e agitado, os outros se reuniram perto das portas abertas do hangar. Allie quebrou uma estante com um martelo, e Nick fez uma fogueira com as prateleiras e pilhas de manuais de voo. Acendeu a pilha toda com uma leve passada da mão direita acesa. Renée desencavou num armário algumas garrafas de água mineral Dasani e macarrão seco. Harper segurou uma panela por

cima do fogo e esperou a água ferver. Sua mão se esticou até ficar no meio das chamas, que lambeiram os nós de seus dedos. Quando você aprendia a controlar a Escama do Dragão, não precisava mais de luvas para cozinhar.

– Se ele morrer, eu desisto – disse Allie. – Não estou nem aí para a ilha da Martha Quinn. Eu nem gosto de música dos anos 1980.

O fogo crepitava e estalava.

– É agora que você me promete que ele não vai morrer – disse Allie.

Harper passou dez minutos sem falar nada, e então tudo que disse foi:

– O macarrão está pronto.

Na manhã seguinte, já tarde, o pequeno grupo de peregrinos acabou de fazer uma curva e foi parando aos poucos, todos cansados e arrastando os pés.

No início, o que os fez parar foi um choque de cor. Do lado esquerdo da estrada via-se o tipo de paisagem com a qual eles estavam acostumados: árvores destruídas e um comprido declive de gravetos queimados e ruínas. Mas à direita havia uma floresta de pinheiros verde-acinzentada. Os galhos dos abetos estavam cobertos de cinzas, mas as árvores em si estavam saudáveis, sem danos, e a grama que crescia aos seus pés era farta e luxuriante. Através das árvores perenes eles viram um cintilar de água negra.

No lado verde da estrada havia um outdoor. Originalmente era um anúncio da seguradora GEICO. Um pequeno e mimoso lagarto sugerindo que quinze minutos ou menos podiam economizar um ou dois dólares. Imediatamente abaixo dessa útil sugestão havia um recado pintado com tinta em spray preta:

NOVA ZONA LIVRE DO MAINE
INFECTADOS PEGUEM LUVAS + CASACO
CONTINUEM NA ESTRADA SIGAM PARA O NORTE
ATÉ MACHIAS PARA A ILHA DA MARTHA QUINN
INFECTADOS USEM SEMPRE ROUPAS
LARANJA DE SEGURANÇA!

Uma velha picape estava estacionada junto ao outdoor. A caçamba continha engradados de leite abarrotados com luvas de trabalho de um laranja vivo. Um montinho de capas de chuva também laranja fora empilhado logo adiante, perto do lago. Nick subiu para averiguar, levantou uma das capas de chuva e a virou para elas poderem ver.

Um símbolo de risco biológico fora impresso em preto nas costas com um molde vazado.

– E agora? – indagou Renée.

– Pelo visto agora a gente se veste – respondeu Harper. – Você me faria o favor de me arrumar uma capa? Não quero tentar subir aí.

Dez minutos depois, eles seguiram viagem, todos usando as capas de chuva e as luvas laranja que os identificavam como doentes. Não haviam tentado pôr uma capa no Bombeiro, simplesmente jogado uma por cima do seu peito.

O lago que eles tinham visto por entre as árvores se revelou um acidente hidrográfico de fato asqueroso. Montes de peixes mortos apodreciam sobre as pedras na beira d'água, e a parte rasa estava escondida sob um cobertor flutuante de cinzas, embora o centro da pequena piscina fosse límpido e negro. Alguns chalés construídos à beira d'água quando ainda não havia leis restritivas à construção imobiliária estavam intactos e vazios. Avisos tinham sido pregados nas portas da frente, acima de mais símbolos pretos de risco biológico.

– Esperem aqui – disse Harper, e os deixou na estrada.

Subiu os degraus da frente do primeiro chalé e leu o aviso.

ESTA CASA FOI DESIGNADA COMO ABRIGO TEMPORÁRIO DE PERNOITE PARA PESSOAS INFECTADAS COM DRACO
INCENDIA TRYCHOPHYTON, TAMBÉM CONHECIDO COMO ESCAMA DO DRAGÃO. SE VOCÊ ESTIVER SAUDÁVEL,

NÃOENTRE.

NÃO BEBA A ÁGUA NEM USE OS SANITÁRIOS. TEM ÁGUA MINERAL E COMIDA ENLATADA NA GELADEIRA. NÃO
PEGUE MAIS DO QUE O NECESSÁRIO. OCUPAÇÕES SÃO **TERMINANTEMENTE PROIBIDAS**. OS VISITANTES
DEVEM SE RETIRAR NUM PRAZO DE 12 HORAS. ESTA RESIDÊNCIA É MONITORADA PELAS FORÇAS DE SEGURANÇA
PÚBLICA LOCAIS.

USE SEMPRE SUAS ROUPAS DE SEGURANÇA LARANJA. INFECTADOS SURPREENDIDOS SEM AS ROUPAS QUE OS

IDENTIFICAM COMO DOENTES SERÃO CONSIDERADOS HOSTIS E PODERÃO SER ABATIDOS.
VOCÊ ESTÁ A 211 QUILOMETROS DE MACHIAS, ONDE PODERÁ ENCONTRAR TRANSPORTE PARA A UNIDADE DE
TREINAMENTO MÉDICO E ATENDIMENTO DE FREE WOLF ISLAND. ESTAMOS REZANDO POR VOCÊ.

– O que está escrito? – gritou Allie.

– Que a gente pode passar a noite aqui se quiser – respondeu Harper, mas já sabia que eles não fariam isso. Estava cedo demais para dar o dia por encerrado.

Empurrou a porta e entrou no hall da casa. O chalé tinha um cheiro de fumaça de cachimbo e livros empoeirados que ela associava aos mais velhos. O telefone na parede era de disco.

Harper foi seguindo até uma cozinha com vista para o lago. Encostada numa das paredes havia uma geladeira dos anos 1950 da marca Coldspot cor de milk-shake de banana. Uma imagem do urso Smokey Bear, mascote nacional do combate aos incêndios florestais, pendia numa moldura de madeira rústica ao lado da porta de tela dos fundos. **SÓ VOCÊ PODE PREVENIR OS INCÊNDIOS FLORESTAIS.**

Os interruptores de luz não funcionavam. Ela espiou dentro da geladeira e encontrou pallets de água mineral em temperatura ambiente. O banheiro estava escuro, e ela teve de tatear um pouco antes de encontrar o trinco do armário de remédios.

Cinco minutos depois, ao sair do chalé à beira do lago, trazia um pack de água sob o braço esquerdo e um frasco de aspirina Bayer na mão direita. Agachou-se no caminho de pedra e usou uma pedra para esmagar quatro comprimidos de aspirina até transformá-los num pó fino. Deu o remédio pulverizado para John numa colher, misturado com pequenos goles d'água.

– Com isso ele vai melhorar? – indagou Allie.

– A febre vai baixar – respondeu Harper. *Por um tempo*, pensou. Se eles não arrumassem logo uns antibióticos para lhe dar, nem toda a aspirina do mundo poderia evitar o colapso de seu sistema respiratório infectado. Ele iria sufocar nos próprios fluidos.

– *Chim chim cher-ee* – murmurou John. – *Chim chim cher-ão. Lá vem o Jakob no seu caminhão. Chim chim cher-ee, chim chim cher-rudo. O arado da desolação vai varrer tudo.*

Harper o beijou na bochecha suada e úmida, levantou-se e meneou a cabeça para Allie. A garota se abaixou e segurou as alças da escada.

– Vamos – disse Harper.

Eles deixaram o lago para trás e logo adentraram mais uma zona incendiada. Nuvens baixas de fumaça sufocavam o céu, e as capas de chuva os deixavam grudentos e com calor. Um vento soprava em espasmos, espalhando fuligem. Harper tinha cinzas na boca, nos olhos. Allie acumulava cinzas nos longos cílios, nas sobrancelhas, nos cabelos curtos espetados. Com seus olhos rosados e irritados pela poeira, estava muito parecida com uma pessoa albina. Quando eles pararam para descansar, Harper tomou a pulsação de John. Estava fraca e irregular. Esmagou mais quatro aspirinas e o obrigou a engolir.

Já no final da tarde, eles chegaram ao topo de um morro e viram mais verde lá embaixo, e dessa vez o verde estava de ambos os lados da estrada. À direita, as árvores perenes ondulavam. À esquerda, uma campina de mato cor de ferrugem era margeada por arbustos de mirtilo que ainda tinham muitos meses pela frente antes de dar frutos. A uns 2 quilômetros de distância, eles viram uma sede de fazenda branca, um celeiro e um silo de aço reluzente.

Quando se aproximaram da casa, Harper viu uma mulher em pé no quintal em frente à porta, protegendo os olhos com uma das mãos e olhando na sua direção. Uma porta de tela se fechou com um estalo. Um cachorro latiu.

Eles chegaram a uma cerca de estacas de madeira aparadas e lustrosas, do outro lado da qual ficavam os prédios da fazenda. Um retriever preto corria para lá e para cá amarrado numa corrente, jogando-se na direção em que eles estavam sem parar de latir. Os olhos do cão faiscavam com uma alegria desvairada.

Na cerca estava pendurado um lençol branco, e um dos cantos do tecido balançava na brisa. Palavras tinham sido escritas ali com caneta pilot.

ESTAMOS SAUDÁVEIS. POR FAVOR PROSSIGAM. MACHIAS ²⁰³KM. QUE DEUS OS ABENÇOE E PROTEJA AJUDA À FRENTE

– Que gente, porra – sussurrou Allie.

– Essa gente talvez tenha filhos – disse Harper. – E talvez não queira que os filhos morram queimados.

– Morrer queimados! – gritou John Rookwood com um grasnado igual ao de um corvo. Ele começou a tossir, uma tosse seca e funda, e a se contorcer violentamente no *travois*.

A mulher continuava a observá-los dos degraus da frente. Parecia ter saído de outro século, com seu vestido até os tornozelos e sua túnica de brim azul, com um lenço que prendia os cabelos grisalhos.

Havia copos descartáveis nas estacas da cerca. Continham o que parecia ser Gatorade de laranja.

Nick pegou um dos copos, cheirou, e olhou para Harper à espera de autorização. Ela aquiesceu para dizer que ele podia beber.

– É se for veneno? – perguntou Allie.

– Existem jeitos mais fáceis de nos matar – respondeu Harper. – Eles poderiam atirar na gente e pronto. Quem quer apostar que aquele homem olhando pela janela do primeiro andar está armado?

Allie lançou um olhar espantado para a sede da fazenda. Um homem com prognatismo no maxilar e cabelos bem pretos, já ficando grisalhos nas têmporas e penteados para trás acima da testa larga, os observava de uma janela acima e à direita da porta da frente. Tinha um olhar firme e sem paixão. Olhos de atirador.

A mulher os observou beber, mas não disse nada. Harper pensou que o líquido laranja podia ser Tang. Fosse o que fosse, era doce, estava limpo, e a fez se sentir quase humana.

– Obrigada – disse ela.

A mulher aquiesceu.

Harper estava prestes a seguir viagem, então parou e se debruçou por cima da cerca.

– Nosso amigo está doente. *Muito* doente. Precisa de antibióticos. A senhora tem algum antibiótico?

A testa da mulher se franziu enquanto ela pensava. Ela olhou para o Bombeiro amarrado ao *travois*, depois novamente para Harper. Deu um passo em direção à cerca e abriu a boca para falar, e a janela do primeiro andar se abriu de supetão.

– Vão indo – gritou o homem, e Harper tinha razão. Ele estava armado com um fuzil, mas não apontava a arma para eles, apenas a segurava abraçada contra o peito. – Se derem um passo para o nosso lado da cerca, não vão dar o segundo. Tem um lugar para pessoas como vocês lá no norte.

– Um deles está doente – disse a mulher lá para cima.

Seu marido riu.

– Todos eles estão doentes.

Durante toda a manhã do dia seguinte, Harper teve consciência de estar sendo observada, às vezes de modo dissimulado, outras vezes às claras. Um velho de camiseta mamãe-sou-forte os olhou com raiva por trás da porta de tela de um chalé. Três meninos pequenos e quase idênticos, com o nariz escorrendo, os estudaram da janela de seu rancho. Nick acenou. Eles não acenaram de volta.

Em outra ocasião, um carro preto os seguiu, mantendo-se cerca de 500 metros atrás deles e fazendo o cascalho estalar sob os pneus. Parava toda vez que eles paravam, e quando eles recomeçavam a andar ia atrás. Havia quatro homens no carro, dois na frente e dois atrás, todos de casaco de caça de flanela e chapéu *porkpie*.

– Acho que eles estão armados – disse Renée. – Você acha que estamos seguros? Não, não precisa responder. Dizem que não existe pergunta idiota, mas acho que essa é. Faz meses que não estamos seguros.

O carro preto os acompanhou por mais de uma hora antes de acelerar de repente e então sair da rodovia para uma estreita estrada lateral, lançando pedrinhas com os pneus. Um dos passageiros jogou pela janela uma latinha de cerveja vazia, mas Harper não teve certeza de que foi neles. Não viu arma nenhuma, mas quando eles fizeram a curva um gordo de rosto vermelho no banco de trás imitou uma pistola com a mão, apontou o dedo para Nick e apertou um gatilho imaginário. *Pou*.

Bem tarde nesse dia, eles chegaram ao Entrepasto Comercial de Bucksport, que tinha o mesmo aspecto de um estábulo antigo, com um poste para amarrar cavalos na frente e molduras das janelas feitas de madeira irregular, não tratada. Galhadas se erguiam acima da porta da frente. Uma máquina de Coca-Cola quebrada dos anos 1940 acumulava poeira na varanda da frente. O estacionamento de terra batida estava vazio, com uma corrente estendida em frente à entrada. Um lençol branco fora pendurado na corrente, e palavras escritas nele com tinta preta:

TODOS SAUDÁVEIS AQUIDOENTES PROSSIGAM

Mas uma mesa dobrável fora montada do seu lado da corrente enferrujada e balouçante. Sobre ela havia tigelas descartáveis de sopa de macarrão. Copos descartáveis de água tinham sido dispostos numa fileira.

O cheiro da sopa bastou para estimular as glândulas salivares de Harper e fazer seu estômago se contrair de fome, mas não foi isso que mais a empolgou. Em um dos cantos da mesa havia um frasco de algum tipo de xarope cor-de-rosa e uma pequena seringa plástica. O tipo de seringa que se poderia usar para administrar um medicamento por via oral a um cachorro ou uma criança pequena. O rótulo do frasco dizia **ERITROMICINA** e indicava a dosagem para alguém chamado Lucky. A data de vencimento já passara havia mais de um ano e o frasco só estava cheio até a metade, todo grudento de xarope seco por fora. Presa debaixo do frasco, uma folha de bloco pautada:

ouvimos dizer que vocês estão com um inválido será que isso pode ajudar?

Harper pegou o frasco em uma das mãos e ergueu os olhos para o Entrepasto Comercial de Bucksport. Um homem negro de camisa de flanela, com óculos dourados pousados na ponta do nariz, espiou-a por trás de uma janela cheia de bugigangas: um alce de madeira talhada, uma luminária com base de madeira de demolição. Harper ergueu uma das mãos no gesto de quem agradece. Ele aquiesceu, fazendo os óculos refletirem a luz, e recuou para dentro da penumbra.

Ela deu a primeira dose a John, esguichando-a bem fundo em sua boca, em seguida lhe deu aspirina, enquanto os outros, sentados na beira da estrada, inclinavam as tigelas descartáveis na boca para tomar sopa morna.

Uma placa na qual estava escrito **DESVIO PARA DOENTES** os guiou rumo ao oeste por uma sinuosa estradinha rural, para longe da cidade de Bucksport. Mas eles pararam diante de um cavalete de madeira (**DOENTESNÃO PASSAR**) para olhar uma rua que conduzia à cidade e descia em direção ao mar. A rua era

sombreada por grandes carvalhos cheios de folhas e margeada por casas em estilo colonial de dois e três pavimentos. O dia já ia avançado, e Harper pôde ver luzes nas casas, luzes elétricas, e um poste de rua a projetar uma claridade azul metálica.

– Meu Deus – admirou-se Renée. – Voltamos para a parte do mundo onde tem energia.

– Não voltamos, não – disse Allie. – Essa parte do mundo fica do outro lado desse cavalete. O que você acha que aconteceria se a gente tentasse atravessar?

– Não sei, e não vamos descobrir. Vamos seguir as placas e fazer o que estão mandando – disse Harper.

– Venham por aqui – zombou Allie. – É só subir a rampa e entrar no matadouro. Em fila indiana, por favor. Sem empurra-empurra.

– Se quisessem nos matar, não faltaram oportunidades – observou Renée.

– Não se importem comigo – disse Allie. – Eu sou só uma típica adolescente leprosa e pessimista.

Eles pernoitaram num camping público identificado especificamente para ser usado por infectados. A estrada de terra batida era ladeada por duas enormes carrancas de madeira esculpidas para parecerem nobres caciques indígenas, inclusive com os mesmos olhos tristes e sábios e cocares emplumados. Pendurada acima da entrada, uma faixa dizia **DOENTES FIQUEM AQUI ÁGUA COMIDA BANHEIROS.**

Eles dormiram debaixo de mesas de piquenique, com a chuva a bater nas tábuas de madeira e pingar neles. Mas havia banheiros químicos, um luxo inimaginável após uma semana usando trapos para se limpar, e John surpreendeu Harper quando dormiu a noite inteira, com o peito subindo e descendo profundamente e o rosto magro e cheio de rugas sossegado numa expressão de calma sonhadora. Só acordou uma vez, quando ela pôs a seringa em sua boca para lhe esguichar outra dose do antibiótico, e mesmo nessa hora só produziu um barulhinho, uma espécie de muxoxo bem-humorado, e voltou a dormir.

Eles passaram a maior parte da manhã no camping, esperando a chuva passar. Estiou por volta da hora do almoço, e a tarde foi boa para caminhar. Uma brisa fresca farfalhava nos carvalhos de folhas graúdas. A luz do sol resplandecia em todas as superfícies molhadas, e transformava teias de aranha em redes incrustadas de diamantes.

Eles seguiram as placas **DOENTES POR AQUI** rumo ao norte e ao leste, principalmente ao norte, passando por florestas e lagos. Uma vez passaram por uma mesa dobrável na beira da estrada onde alguém havia posto uma tigela cheia de biscoitos Oreo envoltos individualmente em filme plástico, uma jarra de metal com um leite abençoadamente geladinho, e copos descartáveis de papel. Não havia casas à vista. A mesa ficava isolada no final de uma estradinha de terra que conduzia para o meio das árvores.

– Isto aqui está fresco – disse Harper. Fechou os olhos para saborear um gole gelado. – Não pode ter passado muito tempo ao relento.

– Não. É claro que não. Eles sabem que a gente está chegando – cacarejou o Bombeiro de sua maca. Harper quase cuspiu o leite pelo nariz.

No instante seguinte, estavam todos ajoelhados em volta do *travois*. John os encarou com olhos semicerrados, o queixo áspero com a barba por fazer e as bochechas encovadas por causa de todo o peso perdido. Tinha uma cor horrorosa. Seu sorriso era afetuoso, mas fraco.

– Eu mesmo não diria não a um pouco desse leite, enfermeira Willowes – disse ele. – Se não for atrapalhar minha recuperação.

– De jeito nenhum. Mas quero que tome uma aspirina junto.

Ela pôs uma das mãos atrás da cabeça dele para levantá-la e lhe deu de beber vagarosos golinhos do próprio copo. Não disse nada. Nos dez minutos seguintes, Allie e Renée ficaram falando uma por cima da outra enquanto Nick gesticulava furiosamente, todos tentando contar a história da última semana e meia ao mesmo tempo. O Bombeiro às vezes olhava para um lado e aquiescia, fazendo um esforço sonolento para dar atenção a cada um. Harper não soube ao certo quanto ele estava conseguindo absorver, embora tenha franzido o cenho quando Allie lhe disse que eles haviam saído de Bucksport naquela manhã.

– Vocês quatro me carregaram até Bucksport?

– Não – disse Harper. – Foi a Allie sozinha.

– Que bom que essa sua bunda ossuda de inglês é leve – disse a garota.

– Que bom que você não sabe desistir – comentou John. – Que sorte a minha. Obrigado, Allie. Te amo, garota.

Allie não era muito boa em nada que tivesse a ver com emoções. Desviou os olhos para as árvores, e trincou os dentes para reprimir uma poderosa maré de sentimentos.

– Tenta não ser quase morto outra vez – disse ela quando conseguiu falar.

Todos pareceram esgotar ao mesmo tempo o que tinham para dizer, e fez-se um silêncio agradável em que nada se ouvia a não ser o vento fresco passando por entre as árvores e os pássaros piando. Harper se pegou segurando a mão de John.

– Quem sabe a gente consegue arrumar uma muleta para mim – disse ele. – Ou então fabricar uma. Eu não gostaria de continuar sendo um fardo para vocês.

– Não vamos pôr o carro na frente dos bois – disse Harper. – Ontem, a esta hora, eu não tinha certeza de que você fosse viver para ver outro dia.

– Tão ruim assim?

– Amigo, eu pensei que você tivesse virado fumaça.

– Ha ha – fez ele. – Boa essa, Willowes.

Ele passou as 24 horas seguintes quase todas dormindo, e acordava apenas para comer. O jantar foi um ensopado de carne frio que alguém deixou na beira da estrada dentro de uma caçarola de aço funda. Como não havia tigelas, eles se revezaram para beber direto da concha.

O ensopado estava pesado, tanto que deixou Harper meio tonta, e também salgado e com uma consistência pegajosa. Cenouras grandes, pedaços de carne macia e, no fundo, um sabor defumado de bourbon. Harper nem ligou para o fato de estar frio. Não conseguia se lembrar de uma refeição melhor em toda sua vida. John não deu conta dos pedaços grandes, mas conseguiu comer umas ervilhas e alguns dos bocados menores de carne, e quando tornou a pegar no sono Harper pensou que estava com uma cor melhor.

No início da tarde do dia seguinte, eles chegaram ao sopé de uma encosta comprida onde as duas laterais da estrada eram abarrotadas de carvalhos cheios de folhas, fazendo as duas pistas de asfalto passarem sob um toldo verde-claro. O sol refletia e piscava por entre os galhos ondulantes, e uma luz sarapintada se movia sobre a estrada. A caminhada até lá em cima foi longa e suada, mas valeu a pena. No alto, as árvores se abriam para a direita revelando uma vista que se estendia por mais de 30 quilômetros em campinas e trechos de floresta densa. Harper viu vacas pastando e o telhado de algumas fazendas. E para lá disso tudo se via um trecho azul-escuro de oceano. Quando respirou fundo, ela pensou que quase podia sentir o cheiro do mar.

John havia perdido sua vista do mar na passagem por Bucksport, e pediu para Allie virá-lo de modo a poder admirar a vista. Ela o levantou até deixá-lo quase de pé na padiola, e ele ficou olhando para os campos encharcados pela luz dourada do meio da tarde e para a água azul-escura mais além. O vento afastava seus cabelos para longe da testa lisa. Toda vez que Harper olhava para sua testa, queria beijá-la.

– Aquilo ali é um veleiro? – indagou ele, estreitando os olhos. – Alguém mais está vendo uma vela?

Todos semicerraram os olhos para tentar ver.

– Não estou vendo nada – falou Renée.

– Nem eu – disse Harper.

Allie apontou.

– Sim. Ali.

– Está vendo alguma coisa *na vela*? – perguntou John. – Uma pequena mancha vermelha?

Allie semicerrou os olhos para tentar ver lá longe.

– *Nnnnããã*. Por quê?

Mas John já tinha virado a cabeça e perguntado a Nick com alguns gestos o que o menino estava vendo. Nick aquiesceu e respondeu. Harper não entendeu o que ele disse.

– O que ele falou?

– Nick é quem tem a visão mais aguçada – respondeu John com um tom de satisfação levemente irritante. – Ele também está vendo a manchinha vermelha.

– E daí? – indagou Harper.

– Você nunca viu o *Bobbie Shaw* na água – disse ele. – O veleiro. Mas eu sim. Saí nele uma ou duas vezes no ano em que fui monitor na Colônia Wyndham. A vela tem o desenho de um grande caranguejo vermelho.

– Não – disse Renée. – Eu sei o que você está dizendo, John, mas não pode ser o Don Lewiston. Não tem como. Já faz quatro semanas. Não sei quanto tempo demoraria para vir de Portsmouth, New Hampshire até Machias num barco a vela, mas não quase um mês.

– A gente esbarrou em alguns percalços no caminho – disse ele, suave. – Talvez Don também tenha esbarrado.

Eles ainda ficaram ali mais algum tempo, e então, sem dizer nada, Allie virou o *travois* e começou a avançar. Um a um, os outros a foram seguindo até restar apenas Harper. Estreitando os olhos com força para tentar ver lá longe.

Ali. Bem na linha do horizonte. Uma minúscula nesga branca em meio a todo aquele azul.

Com um pontinho vermelho no meio.

Eles deviam estar a uns 80 quilômetros de Machias na manhã em que encontraram a muleta.

Agora já fazia dois dias que John tinha acordado e pedido um copo de leite. Allie continuara puxando a padiola, já que não havia outra opção razoável, e John redescobrira a própria voz, que usou para reclamar dos sacolejos e buracos. Reclamou de coceiras que não conseguia alcançar, de dor nas costas e do sol na cara.

– Eu gostava mais quando você estava morrendo – comentou Allie. – Não ficava enchendo tanto o saco.

– Atenção, Allie. Acho que você esqueceu um buraco ali atrás. Não vai querer interromper a sequência de me arrastar por cima de todos eles.

Allie diminuiu a velocidade, se endireitou e esticou as costas.

– Está querendo uma folga de mim? Cuidado com o que deseja, espertinho. Seu desejo pode ser atendido. Aquilo ali é o que eu acho que é?

Ela estava encostada no tronco de um grande e velho carvalho, com uma bandana vermelha amarrada em volta para atrair a atenção deles: uma muleta de aço inox com um protetor de axila de espuma amarela. Sem bilhete, sem explicação. Havia um chalé branco ali perto atrás de uma cerca de estacas, mas as janelas estavam escuras. Se alguém os estava observando, como Harper tinha certeza de que estava, ela não conseguia saber de onde.

Nick soltou os cabos elásticos que prendiam John ao *travois* e o ajudou a se levantar. Allie o amparou enquanto ele encaixava a muleta sob um dos braços. Estava mancando em pequenos círculos para testá-la quando Harper notou Renée piscando por causa das lágrimas.

– Quanta gentileza – disse Renée. – Quantas pessoas cuidando da gente... Eles não sabem nada sobre a gente a não ser que estamos passando necessidade. Uma vez li um romance do Cormac McCarthy sobre o fim do mundo. Pessoas caçavam cachorros e caçavam umas às outras e fritavam bebês, um horror. Mas a gente precisa de gentileza tanto quanto de comida. Isso satisfaz algo dentro da gente que não podemos viver sem.

– Ou vai ver eles só querem que a gente vá embora logo – disse Allie. – Quanto antes seguirmos viagem, mais seguros eles vão ficar.

– É difícil imaginar alguma intenção sinistra por trás da comida que eles nos deixaram. A sopa, as jarras de leite. Simplesmente não consigo imaginar um objetivo mau e secreto para ter nos proporcionado tanta coisa.

– João e Maria também não conseguiam – retrucou o Bombeiro. – Vamos continuar nossa caminhada manca? Acho que vou esticar um pouco minha única perna boa.

Ele só aguentou cinco minutos antes de se sentar no meio-fio, lívido, suado e tremendo, e aceitou subir de novo no *travois*. Não parecia mais disposto a dizer nada, e aguentou cada sacolejo e cada pancada com os dentes trincados.

No dia seguinte, porém, andou de muletas com eles por meia hora de manhã e mais vinte minutos à tarde. No outro dia saiu-se ainda melhor, e caminhou com eles por quase a manhã inteira.

No quarto dia após encontrarem a muleta, ele saltitou sozinho do café da manhã até a pausa do almoço, e só descansou quando Harper insistiu. O almoço era uma coleção de cupcakes marrons molhados e uns sanduíches de mortadela envoltos em papel-manteiga. Alguém os havia posto num saco plástico e deixado pendurado numa caixa de correio ao final de um acesso de carros de cascalho. Harper desembulhou um dos sanduíches e deu uma farejada. Sentiu um leve cheiro de coisa passada, como o interior de um tênis.

Eles se limitaram aos cupcakes... no início. Mas Harper levou a sacola, e em determinado momento, com o dia já avançado, pegou-se mordendo um dos sanduíches contra a própria vontade.

– Tomara que isso não te faça passar mal – disse Renée. – Afinal, você está grávida de nove meses.

– Nove meses e uma semana. É por isso que estou comendo – respondeu Harper. – Não consigo me segurar.

Depois da terceira mordida, porém, ela finalmente conseguiu sentir o *gosto*, e soube que o sanduíche estava estragado. No início não se dera conta da leve textura escorregadia da carne, e de um sabor leve, porém distinto, que fazia pensar em infecção. Cuspiu e jogou fora na grama o que restava do sanduíche com um nojo que beirava a repulsa moral.

Estava lambendo a mostarda amarelo-vivo dos dedos com um ar culpado quando o Bombeiro falou:

– Parem.

Harper levantou a cabeça para ver o que havia chamado a atenção dele e viu dois jipes estacionados de frente um para o outro de modo a bloquear as duas pistas da rodovia. Ao seu lado havia dois homens parados, de capa amarela de borracha e máscaras amarelas com visor transparente. Protetores de sapato amarelos, luvas amarelas. Ela reconheceu o mesmo traje que havia usado durante suas semanas como enfermeira no Hospital de Portsmouth. Os guardas portavam fuzis de assalto. Um deles avançou um passo com a mão erguida, palma para a frente. Harper não soube ao certo se o gesto significava que eles deveriam parar, ou se o homem estava apenas dizendo oi.

Allie parou de andar, segurou a mão de Nick e apertou para indicar que ele deveria fazer o mesmo. Renée passou por eles caminhando normalmente.

– Você acha mesmo que a gente deveria simplesmente ir lá e se entregar? – perguntou Allie.

Renée lançou um olhar casual para trás de si.

– Ah, Allie, nós estamos nas mãos deles há dias.

Dentro de um dos jipes havia um terceiro homem sentado. Estava de amarelo também, mas sem o capuz, e Harper pôde ver uma cabeça de fartos cabelos brancos e um rosto largo e rugoso. Ele estava com um dos joelhos apoiados no volante e um livro de capa mole fino aberto sobre a coxa. Parecia estar fazendo palavras-cruzadas.

– Cinco na estrada, Jim – disse um dos homens armados, com a voz abafada pela máscara.

Jim levantou os olhos do livro e olhou em volta com uma expressão branda. Seu nariz parecia um bico, grande e engraçado, e ele tinha olhos claros e sobancelhas peludas. Largou as palavras-cruzadas e saltou do jipe. Espremeu-se entre os atiradores, e ao fazê-lo estendeu a mão distraidamente e tocou o cano de um dos fuzis automáticos, abaixando-o de modo que apontasse para o asfalto. Harper interpretou aquilo como um gesto promissor.

– Bem-vindos a Machias! – disse o homem chamado Jim, diminuindo o passo ao se aproximar deles.

– Uma caminhada e tanto. Dorothy não precisou andar nem metade disso com Totó.

– Vocês vão nos levar para Oz? – perguntou Renée Gilmonton.

– Não é exatamente a Cidade Esmeralda – respondeu Jim. – Mas na ilha tem água quente e energia elétrica. – Seu olhar se moveu até a barriga de Harper, e por um segundo seu sorriso fraquejou, e ele adquiriu um ar pensativo e um pouco triste. – E médicos, também, embora o principal pesquisador de lá,

o professor Huston, tenha morrido no grande incêndio de janeiro.

– Grande incêndio? – indagou Renée. – Isso significa o que eu acho que significa?

– Infelizmente a cura não foi encontrada – disse Jim. – E houve diversos percalços. Incluindo um tropeço que foi, bem, bastante ruim. Não tem como dizer de outra forma. Um grupo de controle inteiro formado por trinta infectados teve algum tipo de reação a um remédio que eles estavam testando. Todos pegaram fogo a poucas horas de intervalo. O incêndio fugiu ao controle e queimou a unidade médica central, mas os funcionários que sobraram se instalaram numa sede de fazenda. Mas não se preocupem. Nós mandamos avisar que havia uma gestante no seu grupo, e que pelo visto ela estava bem adiantada. Para quando vai ser?

– Na verdade eu acho que já passei alguns dias da data – respondeu Harper.

Jim balançou a cabeça.

– Pelo menos não precisou dar à luz na estrada. O pessoal médico da ilha está ciente da sua condição. Eles já estão com uma cama prontinha para a senhora.

Harper se espantou com a intensidade do próprio alívio. Por alguns instantes, sentiu as pernas bambas. Alguma coisa, uma dor muscular, um retesamento parecido com uma câibra, pareceu se soltar atrás de seu peito... uma parte de si que estava contraída, talvez há meses.

– Se formos andando, vocês podem chegar lá antes da meia-noite – disse Jim. – De barco são três horas, e vocês precisam passar por uma triagem antes de podermos zarpar. A boa notícia é que nós sabíamos que vocês viriam. O barco já está carregado, pronto para partir.

– O que ele está dizendo? – perguntou Nick com as mãos.

Harper explicou. O homem chamado Jim ficou observando, e suas sobrancelhas peludas se uniram enquanto um meio-sorriso se abria em seu rosto.

– Ele é surdo? – perguntou ele, e, quando Harper aquiesceu, balançou a cabeça. – Surdo e infectado. Algumas crianças têm sorte. – Ele se agachou com as mãos nos joelhos para encarar Nick de frente, e com uma voz bem alta, movendo os lábios devagar, tornou a falar. – *Tem muitas! Crianças! Lá para onde você vai! Uma turminha bem grande! Para você brincar!*

Nick olhou para Harper e ela explicou com as mãos, em pé ao lado deles. A resposta de Nick não precisou de nenhuma tradução. Ele ergueu o polegar.

Jim assentiu, satisfeito, e baixou a máscara por cima da cabeça.

– Vamos lá. Subam no jipe.

Harper foi andando ao lado do Bombeiro. Segurava seu cotovelo com uma das mãos, e na outra carregava a Mãe Portátil. Levantou a voz para se fazer ouvir por sobre um súbito vento em rajadas.

– Tenho só duas perguntas: quando vamos conhecer a Martha Quinn, e ela aceita pedidos de música?

Jim olhou para trás na direção deles quando estava se sentando ao volante. Através do visor de plástico da máscara, sorriu.

– Quando a senhora perceber, já vai estar com ela.

Não respondeu à segunda pergunta.

31

Após vinte dias caminhando, Harper achou a sensação de avançar em alta velocidade a bordo de um jipe um pouco alarmante. Foi sentada na frente, ao lado de Jim. Renée e o Bombeiro se sentaram atrás, com Allie espremida entre os dois e Nick no colo de Renée. Um dos atiradores também os acompanhou, mas sentado bem na traseira do jipe, segurando o santo-antônio, com os pés dependurados por cima do para-lama traseiro e o fuzil pendurado descuidadamente numa bandoleira em volta do pescoço.

O estômago revirado de Harper não melhorou em nada quando Jim fez uma curva com o jipe e começou a subir uma larga trilha de cascalho, que na verdade não era uma estrada. Eles seguiram sacolejando por cima de sulcos e buracos, com os galhos dos abetos a fustigar o teto do carro. Segundo Jim, estavam em algo chamado Trilha do Sol Nascente.

– Isto aqui foi feito para bicicletas – disse ele, à guisa de desculpas. – E para caminhadas. Mas é o melhor caminho até o centro de triagem sem ter de fazer vocês passarem pela cidade.

O Bombeiro se inclinou para a frente.

– Me espanta vocês estarem usando essa parafernália toda. Eles agora já devem entender completamente como funciona a transmissão, depois do quê, um ano de estudo? Se *a gente* entende, *eles* têm de entender. Os seus especialistas lá na ilha.

Jim escutou, mas não respondeu.

– São as cinzas! – gritou o Bombeiro para se fazer ouvir apesar do rugido gerado pelo avanço do jipe. – Se você não entra em contato com as cinzas, não tem nada com que se preocupar!

– Essa é uma das teorias – disse Jim.

– Não é uma teoria – retrucou o Bombeiro. – É fato.

– O senhor é algum tipo de biólogo?

– Eu dava aula na Universidade de New Hampshire.

– Tenho certeza de que eles ficarão felizes em se beneficiar do seu conhecimento – disse Jim para o banco de trás. – Vão pôr o senhor para trabalhar na hora.

Do jeito que ele falou, Harper não teve certeza se estava zombando ou falando sério.

Na rodovia reinava um crepúsculo fraco e tingido de rosa. Ali debaixo das árvores já reinava uma noite fechada, impressionante, e os pinheiros passavam fustigando o jipe em meio a uma explosão de breu cáldo. Por brechas entre as árvores, Harper pôde ver um estuário, uma extensa placa de vidro negro sob um céu cor-de-rosa. Viu algumas luzes elétricas espalhadas, a cidade ao longe em algum lugar.

O Bombeiro tornou a se inclinar para a frente.

– Vocês ainda têm energia elétrica. Têm cobertura de celular, também? Estou curioso para saber como o pessoal lá da estrada conseguiu avisar que a gente estava chegando.

– Somos muito gratos a todos que nos deixaram comida! – falou Renée.

Harper era grata a todos que haviam deixado comida, com exceção de quem decidira se livrar da sua mortadela estragada deixando-a para a grávida comer. Seu estômago parecia um ninho de vermes.

– Sim, tem energia em alguns lugares. Embora ela seja intermitente e caia bastante. Cobertura de celular não, mas o sistema de telefonia fixa de Machias funciona, o governador garantiu que funcionasse, e com as pessoas que estão mais longe podemos nos comunicar por rádio amador. – Jim pensou por alguns instantes, com o volante a se balançar suavemente na mão, então tornou a falar. – Não recebemos mais muita gente do sul. Não do outro lado da terra arrasada. Ultimamente não recebemos muita gente, *ponto*, mas quando aparece algum recém-chegado em geral é do norte. Lá do Canadá.

– Quantas pessoas vocês salvaram? – perguntou Harper, gritando. Pensou que falar talvez a ajudasse a se distrair do enjoo cada vez mais forte.

– Seiscentos e noventa e quatro homens, mulheres e crianças – declarou Jim. – E com vocês serão 669. Setecentos se contarmos o bebê! Não podemos esquecer o bebê!

– Temos de falar sobre isso – disse Harper. – Sobre quem vai ficar com ele, supondo que ele nasça sem estar contaminado.

– Como assim?

– Já tem um tempo que eu li a literatura médica a respeito, mas que eu saiba havia uma hipótese de

que é improvável os filhos de mães com Escama do Dragão terem eles próprios a infecção.

– Infelizmente, os meus conhecimentos médicos se limitam a pôr um Band-Aid na minha filha de 8 anos quando ela rala o joelho.

– Mas com setecentas pessoas na ilha já devem ter nascido crianças lá. Não?

– Só a chefia sabe! – respondeu ele alegremente.

As árvores começaram a se espaçar, e à direita do jipe Harper viu um mato alto, uma faixa de areia molhada e, ao longe, o mar. Do outro lado de uma baía, um farol iluminava o oceano. Na verdade parecia uma vela sobre a água, uma vela grossa, talvez acesa para comemorar o aniversário de um ano de uma criança.

Harper tentou outra vez:

– Se o bebê não nascer contaminado, eu gostaria de ter alguma influência na escolha da família de acolhimento.

– Eu não sei nada sobre isso. Nunca ouvi falar em ninguém que adotasse bebês doentes.

– Ele *não vai* estar doente – disse ela, sentindo que ele não estava entendendo o principal.

O sorriso de Jim se alargou mais ainda por trás do visor de plástico transparente.

– É menino? A senhora tem certeza?

– Tenho – respondeu Harper. Para ela era uma certeza.

Aguardou ele comentar alguma coisa, mas Jim tornou a se calar. Ela decidiu não insistir, e supôs que poderia organizar tudo com a equipe médica da ilha. As árvores ficaram para trás e eles seguiram em frente. À direita havia uma cerca surrada e caída feita de ripas de madeira e arame. Ao longe, Harper viu uma tenda listrada de amarelo e branco toda iluminada, visão que a fez pensar em parques de diversões de cidades pequenas. Debaixo daquela tenda devia ter um balde cheio de maçãs para pegar com a boca, e uma barraquinha vendendo milho caramelizado.

Quando eles se aproximaram do pavilhão, o mato à sua esquerda começou a ficar mais ralo, e Harper viu uma estrada estreita paralela à trilha em que eles estavam. Mais à frente, em um dos lados da tenda listrada, havia um estacionamento com alguns carros parados. Harper sentiu o cheiro do barco antes de vê-lo, um fedor enjoativo de óleo diesel vagabundo. Sentiu o estômago se revirar. Quando eles percorreram as últimas centenas de metros até a área de triagem, viu um cais no final de uma ponta de terra e uma traineira de pesca suja com o nome **THE MAGGIE ATWOOD** escrito na proa em cursivas alegres. Homens em trajes de proteção biológica completos desciam a rampa até o cais carregando caixas de papelão.

Debaixo da tenda havia umas poucas mesas dobráveis. Luzinhas de Natal tinham sido presas nos canos de aço da estrutura do teto, criando um ambiente estranhamente festivo. O lugar estava quase cheio: nove ou dez pessoas de roupas de borracha se moviam atrás das mesas. Em um dos cantos, uma caçarola de aço fumegava sobre um fogareiro de camping.

– Eles têm chocolate quente – disse Jim. – E biscoitos de gengibre. E um peru ensopado bem gostoso. Todo mundo recebe uma refeição antes da travessia.

Harper se virou para o banco de trás e moveu as mãos para dar a boa notícia a Nick.

O menino sorriu e respondeu, também com gestos:

– Olha só quantas luzes! Igual a onde mora o Papai Noel! Parece até que a gente andou até a Terra do Natal!

Harper gesticulou:

– Acho que você quer dizer o Polo Norte. – Mas Nick não estava mais prestando atenção, e esticava o pescoço para tentar ver dentro da tenda.

Jim virou o jipe até chegar a um local em que a grama do chão estava toda amassada e desligou o motor. Eles o seguiram até dentro da tenda, debaixo das luzes festivas.

– Venham conhecer os voluntários – falou.

Os voluntários eram todos mulheres, a maioria de meia-idade ou mais velha. Fizeram Harper pensar no tipo de velhota alegre e eficiente que organizava almoços de confraternização na igreja que frequentavam. Jim conduziu os refugiados até as mesas dobráveis, onde as primeiras das mulheres os aguardavam com formulários numa prancheta. Pelo visor transparente da máscara de borracha, ela exibia um sorriso animado, e pareceu especialmente encantada ao ver que um menino pequeno fazia parte do grupo.

– Olá! Mas que longo caminho você fez a pé! Deve estar *exausto*. Meu nome é Vivian, vou pegar suas informações. Depois vamos tirar uma foto de cada um de vocês para o site da internet, atribuir suas moradias e lhes dar alguns mantimentos para a viagem.

– E um pouco daquele ensopado, espero eu – disse Renée. – O cheiro está tão bom que estou ficando até tonta.

Harper também estava sentindo o cheiro, um aroma de caldo de frango e cenouras cozidas misturado ao fedor negro do barco. Aquilo quase a fez vomitar. Consternava-a a ter cometido a burrice de dar sequer uma mordida naquele sanduiche podre. Mesmo sem conseguir se conter, deveria ter pensado um pouco. Havia deixado a gravidez transformá-la numa porca imunda, e agora estava tendo o que merecia. Sabia que iria vomitar, só não sabia quando.

– Claro! – exclamou Vivian. – Ensopado, leite fresco e café para os adultos, e vocês poderão ir! Vamos fazer do jeito mais rápido e indolor possível. Que tal começar pelo básico... *quem são vocês?*

Harper abriu a boca para falar, mas Renée chegou primeiro.

– Nós somos o que restou da Conspiração da Colônia Wyndham. Esses são nossos malvados líderes, o Sr. Rookwood e a enfermeira Harper. Viemos em paz.

Ao ouvir isso, Jim, que fora até atrás das mesas dobráveis se juntar às vovós, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada que pareceu um latido.

– Uuu! – fez Vivian. – Uma conspiração do mal! Ainda não tivemos nada desse tipo.

– Bom, nós somos uma conspiração democrática. Todo mundo tem direito de voto. Até as crianças.

– Não sei o que eu acho disso. Os *meus* filhos provavelmente votariam em tomar sorvete no jantar e não ter hora para dormir. Você votou na sua hora de dormir? – perguntou ela a Nick, abaixando-se para encará-lo.

– Ele é surdo – disse o Bombeiro.

– E o senhor é britânico!

– Todos os melhores mentores do mal são britânicos. Se se o meu filho tivesse direito a voto, provavelmente votaria em ensopado de frango antes de preencher formulários. – Harper quase não reparou quando ele disse *meu filho*, mas reparou direitinho quando John passou o braço ao redor da sua cintura e arrematou. – Minha mulher também.

Vivian anotou seus nomes do jeito que ele disse: marido e mulher, Sr. e Sra. Rookwood. Harper não objetou. Sentia que, sob muitos aspectos, John tinha dito a verdade. Recostou a cabeça no ombro dele enquanto Vivian fazia suas perguntas e ia riscando as respostas.

Vivian quis saber que distância eles haviam percorrido e de onde haviam partido. Perguntou quando eles tinham adoecido e em que lugares tinham estado desde a infecção. Pediu detalhes sobre os seus sintomas, perguntou se eles sentiam ondas de calor, se carbonizavam, se soltavam fumaça.

– Nada disso! – falou Renée. – Nós temos uma técnica para acalmar a infecção: cantorias diárias. Isso impede a escama de atingir um estado crítico. É possível controlar o esporo com quase qualquer tipo de atividade em grupo que proporcione prazer. Tem algo a ver com um hormônio que o nosso cérebro libera, a oxitocina, sabe? A enfermeira Harper pode explicar melhor.

Mas a enfermeira Harper não precisou explicar nada. Vivian sorriu.

– Pelo que eu soube, as terapias de grupo têm muitos adeptos na ilha e ainda são o tratamento mais bem-sucedido. Eles cantam músicas dos anos 1980 depois do café da manhã. Toto, Daryl Hall & John Oates.

– Nesse caso eu acho que prefiro morrer queimado – disse o Bombeiro.

Houve muitas perguntas sobre o bebê prestes a chegar. Todas mulheres se animaram, e a velhinha roliça que tirou suas fotos falou bastante com Harper sobre seu primeiro neto, o pequeno Kelly, que nascera três semanas antes e, segundo ela, chorava igualzinho a uma ovelha balindo.

– *Mééé! Mééé!* – fez a mulher mais velha, rindo.

Mas quando Harper falou que tinha esperança de poder conversar com alguém sobre mandar adotar a criança, imaginando que ela nascesse saudável, a vovó de primeira viagem começou a mexer na câmera e adotou um ar irritado.

– Este negócio! – falou, e afastou-se.

Do outro lado da mesa, a Mãe Portátil foi aberta e revistada em busca de armas por uma mulher magra e indiferente de rosto anguloso, estreito, e sem nada a dizer. Outra lhes entregou pastas azuis com uma grossa resma de folhas grampeadas dentro. Harper encontrou ali um documento xerocado de trinta páginas intitulado *Free Wolf Island: Guia de saúde e segurança*, publicado pelo CCD.

Cada pasta continha também uma lista de imóveis. A Harper, John e as crianças fora oferecido um chalé de dois quartos e dois banheiros no número 3 da Longbay Road. Uma fotografia em preto e branco borrada mostrava um pequeno chalé branco e um quintal dos fundos coalhado de folhas no qual havia brinquedos de criança. A Renée ofereceram um quarto no número 18 da mesma rua, no Longbay Bed & Breakfast, que era uma espécie de alojamento onde já moravam meia dúzia de pessoas. Algumas

fotocópias coloridas mostravam a ilha vista de cima num dia de outono, as árvores vestidas com suas cores outonais, uma colcha de retalhos de laranjas ferrugem e amarelos amanteigados. O mapa de uma cidade identificava a clínica, as estufas comunitárias, a biblioteca municipal, uma antiga loja de secos e molhados que agora funcionava como centro de distribuição de mantimentos, e outros pontos de interesse.

No final da fila de mesas, uma vovó asiática sorridente distribuía tigelas de papel cheias de ensopado e copos de papel cheios de leite, e eles foram instruídos a se sentarem e descansarem os pés sobre uma pilha de rolos de feno situados logo na entrada da tenda. Harper não conseguiu comer. Quando eles acabaram de passar pela triagem, estava tendo contrações, contrações fortes, e seu estômago fervilhava de infecção. Ela se sentou na borda de um dos rolos de feno e segurou a barriga com as duas mãos, fazendo uma careta. Seu mal-estar incomodou John, que também pulou a refeição, foi se sentar ao seu lado e começou a acariciar suas costas em círculos.

– Nunca vi você assim – disse ele. – Acha que está entrando em trabalho de parto?

Ela sentiu uma câibra na barriga e produziu um som débil e infeliz antes de balançar a cabeça.

– Vai comer alguma coisa, John. Você precisa de força.

– Talvez daqui a um minuto, Harper – respondeu ele, mas não se levantou, embora Nick tenha lhe trazido um café com creme e açúcar.

Eles ficaram sentados nos rolos de feno, bem na linha onde a luz acabava, e John acariciou as costas de Harper enquanto ela esperava as contrações passarem. Acabaram passando, mas a sensação horrível e escorregadia em seu estômago e intestinos permaneceu. Nuvens imundas de fumaça preta subiam da praia onde estava o barco, e quando ela sentiu aquele fedor foi preciso lançar mão de toda sua força de vontade para não vomitar.

Antes de eles irem embora, a mulher chamada Vivian se aproximou segurando uma pequena caixa de sapato. Levou-a até Nick e a estendeu para ele, em seguida se dirigiu ao Bombeiro para ele poder traduzir.

– São todos os meus episódios de *Doctor Who* – disse ela. – Um menino foi para a ilha três meses atrás. É alguns anos mais velho do que Nick, deve ter uns 14, e por acaso eu sei que ele é fã de ficção científica. Prometi mandar minha coleção para ele ter o que assistir. Pode pedir para o Nick entregar esta caixa para Jared Morris? E por favor diga que ele também pode assistir. Acho que Jared iria gostar. Acho que Jared também iria gostar de um amigo esperto capaz de lhe ensinar a língua dos sinais.

– É muita gentileza sua – disse John Rookwood, e explicou tudo a Nick, que aceitou solenemente a caixa cheia de DVDs.

Quando Vivian se levantou, as lágrimas faziam seus olhos cintilarem.

– Ah, gente. Nem consigo imaginar tudo por que vocês passaram. Rezo todas as noites para que fiquem curados. Muitos de nós rezamos. Algum dia vocês vão voltar e vão estar bem, e quantas histórias terão para contar.

– Obrigada por tudo que a senhora fez – Harper conseguiu dizer.

– Queria ter feito mais – falou Vivian. – Ensopado de peru e DVDs velhos para pessoas que viveram o inferno.

– Ensopado de peru e episódios antigos de *Doctor Who* chegam bem perto do que eu considero o paraíso – falou Renée.

Vivian aquiesceu. Não conseguiu dizer nada; estava claramente subjugada pela emoção. Levou as pontas dos dedos ao visor de plástico e lhes jogou um beijo, em seguida estendeu a mão para tocar a bochecha de Nick.

– Diga ao Jared que a tia dele o ama.

Ela ergueu a mão para um último aceno e virou as costas, piscando os olhos úmidos.

– O que achou do ensopado? – perguntou Renée para Allie.

A menina a encarou com um olhar vazio.

– Razoável. Será que dá para irmos nessa?

– Sim! – respondeu Jim, aproximando-se deles. – Vamos lá. Seu iate está esperando.

O barco desceu uma angra larga por um mar batido, enfrentando os fortes tapas das ondas. Harper vomitou por cima da amurada antes mesmo de as luzes da tenda desaparecerem ao longe. John acariciou seu pescoço enquanto ela engasgava e cuspia.

– Quer um pouco do meu café? – perguntou ele. – Ainda está na metade. Vai tirar o gosto da sua boca.

Ela fez que não com a cabeça. Ele jogou o resto de café no mar junto com o copo de papel.

– Não estava grande coisa, mesmo – falou.

O barco estava encardido, e meio centímetro de água suja cobria o convés. Um cano de escapamento saía da traseira da pequena cabine do capitão, e o vento soprava a fumaça para trás bem em cima deles, que estavam sentados ao ar livre na popa. Espremidos em seus coletes salva-vidas cor de laranja, estavam amontoados em bancos acolchoados rente às amuradas. O colete de Nick estava tão grande que a maior parte de seu corpo havia desaparecido lá dentro: não sobrara nada para ver exceto a cabeça espichada pela gola e os pés esticados para baixo.

– Isso é chuva? – perguntou Harper. Um chuveiro frio e salgado os molhava.

– É o mar que está agitado – disse John.

– Acho que eu odeio o mar aberto – comentou ela.

Eles se chocaram contra uma onda, e Harper virou a cabeça e tornou a vomitar atrás da traineira.

Havia três homens de roupa de proteção na cabine do capitão: Jim, um dos guardas armados do posto de controle, e um terceiro que manobrava o leme. O capitão, supôs Harper. Eles não tinham sido apresentados.

– Você falou para eles que a gente era casado – falou Harper depois de se recuperar e limpar a boca.

– Fiquei pensando nisso. Lembra que você disse que um bombeiro podia celebrar divórcios? E casamentos?

– Vou contar um segredo. Eu não sou um bombeiro de verdade. Mas o homem que está conduzindo este barco é um capitão de verdade, e eles podem realizar casamentos. – Ele a encarou com um súbito brilho luminoso de inspiração. – Sra. Harper Willowes! Acho que eu deveria perguntar uma coisa.

– Não – disse ela. – *Por favor*, não. John, eu estava brincando.

A cabeça dele pendeu, e seu rosto adquiriu uma expressão derrotada e cabisbaixa.

– Mas só porque a minha resposta talvez incluísse um beijo. E eu não teria como beijar você agora, seria nojento. Não com este gosto de vômito na boca. – Embora agora que ela havia passado mal seu estômago estivesse melhor... ou pelo menos teria ficado, pensou, caso as malditas contrações não houvessem recomeçado.

O semblante dele tornou a se acender. Ela pegou sua mão molhada e fria e a apertou, e o sorriso dele fez suas orelhas se projetarem das laterais da cabeça.

Ondas atingiam a traineira e subiam por cima da amurada num chuveiro gelado e abundante.

– Graças a Deus estamos de capa – comentou Harper quando o casco tornou a bater mais uma vez no mar. – Que tempo horrível.

– Nick não está nem aí. – O Bombeiro a cutucou com o cotovelo. – Acho que ele apagou antes mesmo de eles soltarem o barco do cais.

– Ele andou muito – concordou Harper.

O barco mergulhou depois de uma onda. Ela olhou pelo meio dos respingos na direção do farol que vira mais cedo, mas eles já estavam longe demais para que pudesse vê-lo.

John disfarçou um bocejo com as costas da mão.

– Quem sabe eu também tiro um cochilo rápido?

– Como vai conseguir dormir com este balanço?

– Não sei – respondeu ele. – Mas a Renée conseguiu.

Harper olhou para o outro lado da popa. Nick sonhava com a bochecha encostada no peito de Renée. Ela dormia com o queixo apoiado em sua cabeça. Allie, porém, estava acordada, segurando o colete salva-vidas com as duas mãos e encarando com um olhar sombrio a cabine do capitão.

– John – disse Harper. – John, por que a Renée está dormindo? *Quem* conseguiria dormir nesta

tormenta?

– Bom. Você mesma disse. A gente hoje andou pelo menos 24 quilômetros, e...

– Acorda ela – disse Harper.

– Eu não quero fazer isso.

– Tenta. Por favor.

O Bombeiro lhe lançou um olhar de esguelha, um olhar sério e questionador, então se levantou com o auxílio da muleta, inclinou-se pela popa e sacudiu o joelho de Renée.

– Renée. Renée, acorda.

O barco bateu em outra onda e o desestabilizou. Ele conseguiu se suspender de novo até o assento antes de cair.

Renée sorriu dormindo e não esboçou qualquer reação.

– O que eles têm? – perguntou Allie.

O queixo de John tinha afundado um pouco. Harper pensou que seus olhos estavam levemente fora de foco.

– Mas que droga – disse ele. – Será que *alguma coisa* não poderia dar certo? Só para variar um pouco?

Allie sacudiu Nick pelo ombro. O menino emborcou e caiu de cara no colo de Renée.

– O ensopado – disse John.

– O café – disse Harper.

– Mas a Allie está bem.

– Eu não comi nada – disse a garota. – Não confiei neles. Só fingi comer um pouco e joguei fora quando ninguém estava olhando.

– Queria que não tivesse feito isso – gritou Jim bem alto de modo a ser ouvido apesar do motor e do vento.

Ele havia aberto a porta da cabine do capitão e se debruçado por ela para encará-los através do visor de plástico transparente. Tinha uma pistola calibre 45 em uma das mãos, mas não apontava para eles, apenas a segurava casualmente junto à perna virada para o chão.

– Nós tentamos fazer tudo de forma pacífica – disse ele. – Sem medo, sem dor. Uma coisinha para fazer vocês dormirem, depois por cima da amurada.

– Não – disse Harper. – Não, não, não, *não*. Vocês *não podem* fazer isso. *Por favor*. Não faz o menor sentido. *Por quê?* Por que armar toda essa farsa? Por que não nos deram um tiro e pronto? Alguém poderia ter atirado na gente a qualquer momento. Por que essa encenação toda?

– Só que *não é* para a gente – disse o Bombeiro. – Certo?

Jim deu de ombros.

– Eu gosto de pensar que é bom para vocês ir embora felizes. Adormecer sonhando com um lugar onde estarão seguros. Onde alguém vai cuidar de vocês. Jesus Cristo do céu, nós somos seres humanos, não *monstros*. Não queremos que ninguém sofra. Mas... não. Não, nós fazemos isso pela comunidade. Pessoas como Vivian também acreditam na ilha, a maioria. Vocês não sabem como é importante para o moral acreditar que elas estão salvando gente. *Ajudando* gente. Se pensassem que só estamos saindo de barco para atirar pessoas no mar, haveria muitos corações partidos. Muito descontentamento, também. – Ele fez uma pausa enquanto o barco batia em mais uma onda e se equilibrou no batente da porta. – Vocês precisam entender. Vocês disseram que são... o quê mesmo? Os últimos sobreviventes de uma pequena democracia? Que *votaram* para vir para cá? Bem, nós também temos uma democracia. Nosso próprio conselho de liderança particular. Só o governador e mais doze, entre os quais eu me incluo. Vocês não foram os únicos a votar. Nós também tivemos uma eleição. E foi nisso que votamos.

– Não existe ilha nenhuma – disse Allie.

– Existe, sim! Ou pelo menos existia. O CCD abandonou aquilo lá em novembro. Houve uma rebelião. Eles estavam usando uns remédios experimentais que mataram algumas pessoas, e os filhos da puta ingratos tomaram o hospital. Disseram que não *queriam* mais nenhuma cura. Começaram a delirar dizendo que tinham criado a *própria* cura, que estavam aprendendo a controlar o fogo. Fizeram a equipe médica de refém para impedir uma intervenção militar. Só que eles não conhecem o nosso governador. O nosso governador não faz acordos com terroristas. Ele mandou vir um B-17 de Bangor e bombardeou a ilha de uma ponta à outra. Aquilo lá agora não passa de uma pedra negra. Dava para ver a fumaça de Machias. Foi aí que inventamos a história de que algumas guimbas estavam tendo uma reação adversa a um dos remédios novos e o hospital estava pegando fogo.

– Mas a gente ouviu a Martha Quinn no rádio – implorou Harper. – A gente *ouviu*.

– É. Nós temos umas cem horas de gravações antigas dela. Ficamos tocando em looping e pronto. O

argumento do governador sempre foi que esse é o jeito mais fácil de erradicar a epidemia na região nordeste do país. Levar todos os doentes para um centro de triagem e dar um fim neles sem sofrimento. Jogá-los na corrente do Atlântico Norte, onde não há probabilidade alguma de os corpos virem parar de novo em Machias. Eu sinto muito, muito *mesmo*.

– Vocês não podem fazer isso – disse Harper. – Por favor. Meu bebê talvez esteja saudável.

Ao ouvir isso, o semblante de Jim endureceu. Ela pôde ver seu maxilar se contrair por trás da máscara.

– É mentira. Se a senhora está doente, ele também está.

– Isso não é verdade. Vocês não têm como saber isso. Existem estudos.

– Não sei que estudos a senhora tem consultado. É verdade que muitas mulheres doentes dão à luz bebês sem a Escama do Dragão *visível*. Mas exames de sangue mostram que o esporo está escondido no DNA, esperando para se manifestar. E não leve a mal o que eu vou dizer: acho errado uma mulher na sua situação levar uma gestação até o fim. A senhora era enfermeira. Tinha acesso a comprimidos. Deveria ter tomado alguma coisa muito tempo atrás. Alguma coisa para ir dormir. Pensar na senhora gestando uma criança cheia de doença... até *eu* sinto vontade de vomitar por cima da amurada. – Ele relanceou os olhos para a escuridão, em seguida tornou a olhar para eles. – Olhem aqui. Eu não quero atirar em vocês. Dentro d'água é melhor. Mais tranquilo. Pouco importa se vocês não estão grogues. O frio vai fazer vocês dormirem em menos de dez minutos. Isso daí é igualzinho ao final de *Titanic*. Além do mais, se eu tiver de atirar em vocês posso abrir um rombo no barco. E vai ser um transtorno, entendem? Ajudem este pobre sujeito. Tirem os coletes. Empurrem o menino para fora desta situação.

– Ou nós tiramos os coletes salva-vidas ou você atira na gente – disse John Rookwood. – É isso? – Ele estava puxando os dedos da luva da mão esquerda.

Jim aquiesceu.

– Que tal uma terceira alternativa? – perguntou John, tirando a luva de uma vez com um puxão e a jogando no mar. Sua palma estava toda riscada com fios de luz dourada.

– Que tal não? – retrucou Jim, e lhe deu um tiro na barriga.

John tocou o próprio umbigo. Sua mão continuava acesa e ele parecia estar sangrando luz, como se a sua palma fosse um pires a se encher de ouro. Ele estava cheio de ouro, o ouro agora jorrava de dentro de seu corpo. Uma onda bateu na lateral do barco, sacudindo-os tanto que era como se eles tivessem batido numa pedra, e John desabou sem elegância alguma no convés.

Allie tentou gritar. Harper podia vê-la na periferia do seu campo de visão, boca aberta e tendões saltados na garganta, fazendo parecer que estava sufocando. Não soube se ela estava mesmo emitindo algum som, não conseguia ver direito. Não conseguia ouvir nada a não ser o fundo e potente latejar da própria pulsação nos ouvidos.

Caiu com um dos joelhos no chão e agarrou o ombro de John até virá-lo um pouco. A água suja que cobria o convés já estava ficando vermelha conforme seu sangue se misturava a ela. Seu rosto estava branco de dor e choque. Ela Tateou para sentir o ferimento e pensou: *Pressão, primeiro conter a hemorragia, depois tentar avaliar os danos.*

– Ah! – fez ele, e sua voz era um débil arquejo. – Ah! O tiro entrou e saiu.

– Que droga – falou Jim. – Agora o convés está cheio de sangue.

– John – disse ela. – Ai, John. John, meu amor. Por favor, fica aqui. Fica comigo. Por favor, não vai embora.

– Sai de perto dele. Levanta e tira esse colete, senão eu atiro em você também. Prefiro não fazer isso. Por favor. Dentro d’água é melhor. Mais fácil – disse Jim, mas ela não estava escutando.

O sangue pingava na palma da mão de John, chiava e virava fumaça, exalando o mesmo cheiro de uma frigideira no fogo. Harper não estava chorando, mas ele sim.

– Me desculpa – falou. – Eu fui tão arrogante. Tão cheio de mim mesmo. Porra, tão metido a superior. Agora entendo tudo, e eu estava tão... tão desesperado para chamar atenção... tão desesperado para impressionar você. Ai, Harper. Desculpa eu não ter sido um homem melhor. Eu queria ter sido melhor.

– Você é perfeito. É a coisa mais perfeita que existe. Você me faz feliz. Você me faz rir. Nunca na minha vida toda eu ri tanto quanto com você. Não precisa se desculpar por nada.

Um sorriso fraco repuxou os cantos da boca dele.

– Talvez por uma coisa. Desculpa eu não ter cozinhado esse débil mental da pistola antes de ele me dar um tiro. Mas antes tarde do que nunca. – Anéis dourados se acenderam em suas íris, e seus olhos ficaram brilhantes como duas moedas de aço percorridas por uma corrente elétrica.

A mão escondida debaixo de seu corpo começou a se cobrir de chamas vermelhas.

– Me faz um favor – pediu ele. – Por favor. Promete uma coisa para mim.

– Sim, meu amor. Qualquer coisa. Qualquer coisa por você, John.

– Promete que vai viver – disse ele.

Harper se afastou dele com um empurrão. John ergueu o queixo, abriu a boca, Jim gritou: *Que porra é essa?*, e um jato de fogo amarelo jorrou numa imensa explosão quente de dentro da boca aberta do Bombeiro. Jim levantou um braço. O fogo se espalhou pela borracha amarela de sua roupa e fez o material criar bolhas. Ele estendeu o braço para se apoiar no batente da porta. O barco se inclinou por cima de mais uma onda, e Jim cambaleou e acenou às cegas com a arma, apontando para a cabine. A pistola disparou com um estampido forte. O capitão se abaixou. Uma janela se estilhaçou.

O guarda armado afastou Jim com o ombro e passou, erguendo o fuzil de assalto. Harper já estava se levantando do chão. O barco adernou novamente e a fez cair sobre o corpo macio e morno de Renée Gilmonton.

O Bombeiro entrou em combustão de uma vez só com um *tchuf* baixo e grave, como se alguém houvesse jogado um fósforo numa pilha de folhas embebida em fluido de isqueiro. Virou uma cama de fogo fremente, um ninho, e desse ninho começou a surgir um pássaro. Uma imensa coisa vermelha e pré-histórica, com duas compridas asas abertas. O fuzil de assalto trovejou, lascando a madeira do convés.

O barco adernou sobre uma onda grande. Allie agarrou Nick pelo colete, subiu no assento acolchoado e pulou. Harper enlaçou Renée com os dois braços, carregou-a até a amurada, e ao levá-la teve a sensação de algo se rasgando em suas partes íntimas, no baixo-ventre. Um homem berrava atrás

dela. Uma luz amarela crescia.

Ela se chocou na água negra, tão fria que chegou a queimar, e aquilo foi como morrer, como uma combustão espontânea. Cem mil bolhas prateadas rodopiaram à sua volta num redemoinho frenético. Ela subiu à tona arquejando, engoliu água salgada e começou a sufocar.

Um pássaro de fogo flamejante, com olhos azuis de maçarico e a envergadura de um avião monomotor abriu seu bico terrível e pareceu gritar. Um homem vestido com uma mortalha de fogo se contorcia loucamente diante dele. A cabine do capitão estava tomada pelo fogo. Uma fumaça cinzenta subia revolta daquela ruína. O barco continuava avançando e os deixou para trás, já a quase 30 metros de distância.

Uma nova onda deu um tapa na cara de Harper e a deixou cega e surda. Seu colete salva-vidas a fazia subir e descer nas águas tumultuosas. Ela esfregou as mãos nos olhos para desimpedir a visão bem a tempo de ver o *The Maggie Atwood* explodir quando o fogo chegou ao que devia ser um botijão de propano. Fez-se um clarão de luz branca, e ouviu-se uma detonação cujo impacto a atingiu como se fosse uma pancada, jogando sua cabeça para trás. Instantes mais tarde, ela notaria que seu nariz estava sangrando.

Uma torre de fogo ofuscante subiu rumo ao céu da ruína imolada do barco, e dela nasceu um pássaro de fogo do tamanho de Deus. Abrindo as asas, o pássaro alçou voo rumo a um céu que era uma nuvem negra fervilhante e desenhou ali um imenso círculo vermelho, girando acima deles. Harper achou aquilo esplendoroso e medonho, algo bárbaro e triunfante.

A ave traçou um primeiro círculo, depois um segundo, e embora estivesse muito acima deles Harper podia sentir seu calor no rosto virado para cima. O pássaro então se inclinou, depois se inclinou mais, e começou a voar para longe, movendo as asas numa única batida lenta e terrível, deixando-os para trás junto com a sibilante carcaça em chamas que já afundava.

Harper a estava observando ir embora quando se deu conta de que suas coxas não estavam tão frias quanto deveriam. Sentiu ao redor delas uma quentura pegajosa e pouco natural.

Sua bolsa havia estourado.

Libertação.

A água parecia menos agitada agora que ela estava mergulhada nela. Seu colete salva-vidas a suspendia delicadamente até a crista de cada onda e a fazia descer do outro lado. O movimento era quase calmante e não lhe causava enjoo algum. Ou talvez ela estivesse demasiado anestesiada para se importar, congelada até o osso. Já não conseguia sentir as mãos nem os pés. Seus dentes batiam.

Renée piscou os olhos e balançou a cabeça, cuspidando água. Olhou em volta com uma expressão assustada e míope. Havia perdido os óculos.

– O que houve? O barco virou? O barco... – Uma onda a acertou na lateral do rosto e ela engoliu um pouco d'água, tossiu e engasgou.

Harper lutou para nadar até ela e segurou sua mão.

– Allie! – gritou. – Allie, cadê você?

– Aqui! – gritou a adolescente de algum lugar atrás dela.

Harper chutou e agitou os braços debilmente até conseguir se virar. Allie avançava na sua direção, desajeitada, rebocando o irmão pela parte de trás do colete. Nick ainda estava dormindo, com o rosto rechonchudo e liso virado para o céu.

– *M-m-m-meu D-d-d-deus* – disse Renée quando recuperou a fala. – *Q-q-q-que f-f-f-frio*. O que... o quê?

– Você foi drogada. O ensopado. Eles iam nos matar. O John. O John. – Harper teve de parar e recuperar o fôlego.

Em vez de tentar explicar, apontou para o barco destruído. A proa já tinha mergulhado n'água, e a popa estava erguida no ar. As grandes pás enferrujadas do motor, cheias de vegetação costeira e algas emaranhadas, girava lentamente no escuro. As labaredas cuspiam e chiavam conforme o *The Maggie Atwood* afundava. Uma grande parede untuosa de fumaça se erguia na noite. Harper moveu o indicador da ruína em chamas até a Fênix, que agora não passava de uma forte claridade amarela ao longe no céu da noite, como um distante avião de passageiros.

Renée a encarou sem qualquer compreensão. Ainda estava meio drogada, pensou Harper, sem conseguir acompanhar qualquer cadeia complexa de causa e efeito.

Allie os alcançou e segurou a outra mão de Harper. Estavam todos enfileirados agora, os quatro, desferindo chutes fracos na água negra e gelada. Harper podia ver a própria respiração. Ou talvez aquilo

fosse fumaça.

– A gente vai morrer – arfou Allie. – Vai m-m-morrer congelado.

– C-c-canta – disse Harper.

Allie a encarou, sem acreditar.

Harper soltou a voz e cantou alto:

– *In every job that must be done, there is an element of fun! Find the fun and snap! The job is a game!*²

² *Todo trabalho a ser feito tem um quê de diversão! É só encontrar a diversão e pronto! O trabalho fica fácil!*

– Para quê? – indagou Allie. – Para quê? Que b-b-burrice isso! Acabou. O que importa se a gente morrer daqui a d-d-dez minutos ou d-d-dez horas? A gente vai se afogar aqui.

Harper não parou de cantar.

– *And every task you undertake, becomes a piece of cake,*³ *então canta! Não vou discutir com você, porra!* – Essa última parte ela cantou com perfeita afinação.

³ *E todo trabalho que você começa se torna moleza.*

Renée piscou os olhos, esfregou o rosto com as mãos gordinhas e começou a cantar junto com Harper.

Elas ficaram pedalando juntas no mar, e suas vozes trêmulas aumentavam e diminuía de volume conforme seus corpos subiam e desciam nas ondas.

As mãos rabiscadas de Escama do Dragão de Allie começaram a brilhar, e uma luz amarela subiu por seus pulsos e se espalhou por baixo da camiseta encharcada. Uma claridade morna emanou de baixo do capuz de sua capa de chuva laranja. Seus olhos se marejaram de ouro.

A luz pareceu percorrer toda a extensão de seus dedos brancos e subiu pela mão de Harper. Harper sentiu um calor tépido, profundo e aconchegante se espalhar por seu braço e pelo tronco, como se ela estivesse entrando debaixo de um chuveiro quente.

Seus três corpos fumegavam na água gelida. Ao olhar para Renée, Harper viu que os olhos da mulher mais velha estavam acesos. Sua roupa estava rasgada na gola, e o pescoço exibía uma bela gargantilha de fios de ouro reluzentes.

– E o Nick? – gritou Allie depois de elas cantarem “A Spoonful of Sugar” inteirinha.

– Não para de cantar – disse Harper. – Ele não precisa estar acordado. Não vai nos ouvir, mesmo. Estamos cantando para a Escama do Dragão, não para ele. Canta, caramba.

– Não adianta nada!

– Você está viva?

– Estou!

– Então adianta – disse Harper, e depois não conseguiu dizer mais nada. Estava tendo fortes contrações. Suas entranhas se contraíam e relaxavam, depois se contraíam outra vez. Ela sempre quisera ter um parto n’água. Era o que todo mundo queria não fazia tanto tempo assim.

Elas estavam cantando “A Spoonful of Sugar” pela segunda vez quando o *The Maggie Atwood* foi sugado para dentro do mar com um último silvo muito alto, uma explosão de fumaça preta e um forte rugido de bolhas.

Elas cantaram “Chim Chim Cher-ee”. Quando esqueciam a letra, inventavam.

– *Chim chaminé, chim chaminé, chim-chim-o-chaco, remar dentro d’água é um pé no saco* – gritou Allie.

– *Me joga um beijo, e tanto faz se for um peido* – cantou Renée.

– Olha – disse Harper.

Nick estava brilhando através do suéter. Luzes azuis se contorciam sob seu moletom de capuz. A água se transformava em vapor ao tocar seu rosto rosado, cálido e adormecido.

Elas começaram a cantar “A Spoonful of Sugar”. Mas Harper estava com dores fortes demais para cantar junto. Trincou os dentes e fechou os olhos para suportar uma nova bateria de contrações. Quando os abriu, viu passar boiando a Mãe Portátil, sua enorme bolsa de lona. A larga abertura da bolsa estava escancarada e se enchia d’água. Enquanto ela olhava, a bolsa girou num círculo lento e sonhador, afundou e sumiu, levando junto tudo que ela pretendia dar ao seu filho.

Ela desejou que a Fênix não tivesse ido embora. Durante muito tempo, conseguira vê-la contra o fundo escuro do horizonte, um fulgor intenso e metálico, mas em determinado momento, por volta da terceira vez em que elas cantaram “Candle on the Water”, perdeu-a de vista. Perdê-la de vista foi muito semelhante a perder a esperança. Não conseguia imaginar por que a Fênix iria embora. Por que John os abandonaria. Aquele imenso e monstruoso pássaro de certa forma era John. Talvez aquilo fosse mais essencialmente John Rookwood até do que o homem que havia afundado junto com o *Atwood*. Aquilo era o *verdadeiro* John: imenso, maior do que a própria vida, um pouco bobo, de certa forma invencível.

Harper não podia dizer a Allie que iria continuar cantando até quando conseguisse porque John lhe tinha pedido para viver. Queria tentar fazer pelo menos isso por ele.

Houvera muitas coisas que tinha desejado para os dois, prazeres domésticos simples que começara a imaginar contra a própria vontade. Desejara uma preguiçosa manhã de domingo na cama, com a luz do sol batendo em cima deles. Desejara pousar as mãos em seus quadris ossudos e ver qual era a sensação de tocá-los. Desejara assistir junto com ele a tristes filmes antigos. Desejara fazer caminhadas no outono com ele e sentir o cheiro das folhas outonais estalando sob os pés. Desejara vê-lo segurar o bebê no colo, e pouco importava se a parte mais realista de sua mente sempre tivera a intenção de doar a criança. Tinha uma teoria de que John Rookwood seria fantástico com o bebê. Desejara que ele pudesse ter um pouco de ar puro, um pouco de felicidade, e que se livrasse da culpa, da tristeza e da perda. Desejara alguns milhares de manhãs acordando ao seu lado. Os dois não teriam nada disso, mas *ele* queria que ela vivesse, ele os amava e queria que *todos* vivessem, e Harper pensou que ele merecia alguma recompensa por todo o trabalho que tivera.

Eles cantaram “Romeo and Juliet”, e cantaram “Over the Rainbow”. Allie cantou o refrão de “Stayin’ Alive” enquanto Renée descansava a voz, e então Renée cantou “Hey Jude” enquanto Allie descansava a sua.

Quando Renée terminou de cantar, lançou um olhar assustado para Allie.

– Por que a Harper está fazendo essa cara?

– Acho que ela está tendo o bebê – falou Allie.

Já fazia muito tempo que Harper não conseguia mais cantar. Ela assentiu violentamente movendo a cabeça para cima e para baixo, num meneio desesperançado. Podia sentir o bebê fazendo força por dentro para sair dela, um bolo denso, escorregadio e insuportavelmente doloroso. Parecia que suas entranhas estavam sendo puxadas para fora feito uma corda.

– Ai, Jesus Cristo, não – disse Renée num sussurro consternado.

De tanta dor, Harper estava vendo clarões de luz. Pontinhos pretos e partículas prateadas nadavam por seu campo de visão. Havia um brilho especialmente dolorido no canto de seu olho direito, um fulgor dourado persistente. Ela balançou a cabeça para espantá-lo, mas ele não quis sumir.

– Olha – disse Allie, e segurou o ombro de Harper e apertou. – Olha ali!

Harper virou a cabeça para ver do que ela estava falando.

Primeiro pensou que Allie estivesse animada porque Nick havia acordado. O menino movia as mãos rechonchudas para um lado e para outro enquanto olhava em volta com um ar cansado e limpava o rosto fumegante. Mas Allie estava apontando para atrás dele, em direção ao leste.

Harper então pensou que ela estivesse animada porque o dia estava raiando. Uma linha de cobre tremeluzente clareava o horizonte. O céu ao leste estava tomado por massas de nuvens coloridas em tons de *cranberry* e limão siciliano.

Harper levou um respingo no rosto e piscou os olhos ardidos. Por alguns instantes, viu tudo em dobro, e ao longe havia dois brilhantes pontos dourados de luz. Sua visão então tornou a se unificar numa imagem única, e ela pôde ver uma claridade quente e ofuscante bem lá em cima nas nuvens que ia aumentando gradualmente. Não pôde evitar. Ao ver a Fênix voltando, sentiu o coração pular no peito e um calor que nada tinha a ver com a Escama do Dragão. Durante alguns segundos, até mesmo as fortes e rijas cãibras em sua barriga pareceram arrefecer. Ela piscou para remover dos olhos uma água salgada que talvez fosse o mar, ou talvez lágrimas.

Mas Allie tampouco estava apontando para a Fênix.

Estava apontando para a vela.

Uma imensa vela triangular pintada com um caranguejo vermelho estilizado. Quando a embarcação

passou em frente ao sol nascente, a vela se transformou num véu de ouro bruxuleante.

O veleiro estava recebendo o vento com força na popa por estibordo e vinha inclinado num ângulo de 45 graus, com espuma se acumulando na proa. Veio na sua direção como se estivesse avançando por trilhos invisíveis sob a superfície. Harper pensou que jamais em toda sua vida tinha visto algo deslizar com tamanha graça natural.

A Fênix mergulhou bem baixo e passou por eles rugindo, menos de dois metros e meio acima de suas cabeças. Havia perdido massa durante as horas que passara longe, e diminuído até ficar de um tamanho pouco maior do que o de um condor, mas mesmo assim passou produzindo um estrondo igual ao de uma jamanta. Uma golfada de calor químico com um leve cheiro de enxofre os engolfou. Por alguns segundos, ela passou tão perto que Harper poderia ter levantado a mão e a tocado. Com o longo bico curvo e a crista ondulante de fogo rubro, estava igualzinha a um ridículo e orgulhoso galo que de alguma forma houvesse sido agraciado com o dom de voar.

Don Lewiston puxou a vela para trás, e seu comprido veleiro branco deslizou pelos últimos trinta metros que o separavam deles movido apenas pelo impulso, com a retranca solta e o pano da vela cada vez mais murcho e enrugado. Ele atirou uma escada de corda pela popa, e quando Nick começou a subir estendeu uma das mãos ossudas para ajudá-lo. Seus olhos azuis luziam com algo que não era nem terror nem assombro, mas ao mesmo tempo as duas coisas e algo mais... uma emoção que Harper identificou como reverência.

Os quatro caíram um depois do outro dentro do veleiro, ensopados e tremendo descontroladamente. Ninguém estava mais aceso. Todos haviam parado de brilhar quase no mesmo instante em que tinham avistado a vela; a Escama do Dragão havia se apagado como se fosse de exaustão. Os últimos dez minutos tinham sido os mais difíceis. O frio queimava como se eles estivessem mergulhados até o pescoço em ácido, depois parava de queimar, e a dormência era pior ainda do que a dor, anulando qualquer sensação nos pés e mãos de Harper, subindo por suas pernas. Quando Don a puxou para dentro da embarcação, um pescado mais que improvável, ela sequer conseguia sentir as próprias contrações.

Don se retirou e voltou com toalhas, cobertores, suéteres de tamanho grande e xícaras de café para Renée e Allie. Havia emagrecido e tinha um aspecto emaciado e frio; a única cor em seu rosto era o vermelho escuro do nariz.

Com água nos ouvidos e distraída pelas contrações que agora se sucediam a intervalos curtos, Harper não entendeu grande coisa do que qualquer um ali estava dizendo. Renée fez perguntas que Don respondeu com uma voz baixa e abalada, mas ela só captou pedaços. Renée lhe perguntou como ele estava justamente ali, perto o suficiente para pescá-los do mar, e ele respondeu que estava esperando perto da costa há dias. Sabia que eles iriam a pé até Machias porque tinha escutado no *ham*, “presunto”. Harper imaginou Don Lewiston segurando um suculento presunto assado junto ao rosto, como um telefone feito de carne, e chegou muito perto de rir, precisou conter um estremecimento histérico de hilaridade.

– Presunto? – estranhou Renée.

– Sim, senhora – disse ele. *Ham* também significava rádio amador, e ele tinha um aparelho no barco. Podia captar sinais ao longo de todo o litoral, e sabia tudo sobre a mulher imensa de grávida caminhando rumo ao norte junto com outra mulher negra, uma adolescente de cabeça raspada, um menino pequeno, e um homem muito doente que delirava com sotaque inglês. O grupo avançava lentamente na direção de Machias, onde passaria pela triagem e seria despachado para a ilha da Martha Quinn.

Só que Don tinha ido até a ilha da Martha Quinn, dado a volta nela de veleiro e andado por ela, e não vira nada a não ser uma terra arrasada e esqueletos enegrecidos. Tinha ouvido a velha Martha no rádio, várias vezes, falando sobre a pizzeria, a escola de uma sala só e a biblioteca municipal, mas o lugar que ela descrevia já não existia há meses. Fora aniquilado.

Se a ilha da Martha Quinn não era um refúgio, então era uma armadilha, mas Don não sabia como impedi-los de cair nela. Tinha vagos planos de ficar zanzando perto da baía, e quem sabe, *quem sabe* se aproximar com o veleiro durante a noite, quando Harper e os outros estivessem perto de Machias, para tentar interceptá-los, alertá-los. Mas nos últimos dois dias as transmissões a seu respeito haviam cessado, e ele não sabia onde estavam nem o que estava acontecendo. Estava ancorado perto da ruína da ilha da Martha Quinn quando viu a Fênix mergulhar das nuvens como se a porra do Lúcifer estivesse caindo do céu. Disse que não tinha certeza se tinha sido conduzido ou perseguido até ali.

Essa última parte Harper só ouviu de longe. Tinha a sensação de que suas entranhas estavam sendo viradas do avesso.

– O que está acontecendo? – perguntou Don Lewiston. – Que porra está acontecendo? Ai, merda. Ai, merda, nem me falem.

– Respira, Harper! – gritou Renée. – Inspira, expira. Ele está vindo. Daqui a um minuto vai estar tudo

acabado.

Allie estava entre as pernas de Harper. De alguma forma, sua calça de moletom fora tirada, e da cintura para baixo ela estava molhada e nua em pelo.

– Estou vendo a cabeça! – gritou Allie. – Ai, puta que pariu! Mana, faz força, não para! Você está conseguindo! Está fazendo essa porra acontecer aqui e agora!

Nick correu e escondeu o rosto contra a barriga de Don Lewiston. Harper fechou os olhos e fez força; a sensação era que estava empurrando os próprios intestinos para o convés. Sentiu um cheiro forte e metálico que podia ser o mar ou podia ser placenta. Quando abriu os olhos por um instante, tornou a ver a Fênix, agora pouco maior do que uma ostra a flutuar na água plácida junto ao veleiro, com as asas fechadas junto às laterais do corpo. Ele a encarou com olhos de fogo calmos, cúmplices e bem-humorados, uma mancha de óleo acesa sobre o mar.

Ela fez força. Algo cedeu. Ela foi rasgada, e entre suas pernas uma costura esgarçada e ardente a fez soluçar de dor e alívio.

O bebê agitou dois braços gordinhos e chorou. A cabeça fez Harper pensar num coco deformado, todo pegajoso de sangue: um denso tufo de cabelos castanhos lambidos sobre o calombo do crânio. Um cordão vermelho grosso pendia da barriga da criança, enroscava-se por sobre o convés e se contorcia de volta para dentro da própria Harper.

Era uma menina, claro. Allie pôs a neném no seu colo. A adolescente tremia da cabeça aos pés, e não era de frio.

O veleiro se balançava suavemente, ninando a neném no seu colo. Com uma voz que mal passava de um sussurro, Harper cantou para a filha alguns versos de “Romeo and Juliet”. A recém-nascida abriu os olhos e a encarou com duas íris que eram anéis de ouro acesos e rutilantes, a Escama do Dragão já entranhada em seu organismo, entremeada ao próprio âmago do seu ser. Harper ficou feliz. Agora não precisaria se separar da filha. Tudo que precisava fazer agora era cantar para ela.

A luz do sol se refletia nas crestas azuis acinzentadas das ondas. Quando Harper procurou a Fênix, não restava nada a não ser algumas línguas de fogo a se agitar sobre a água. Faíscas e flocos de cinzas fluíam no ar parado e frio, e caíam cobrindo os cabelos e braços de Harper. Algumas partículas de cinzas caíram sobre sua filha, sujando a testa da menina. Harper se curvou e a beijou ali.

– Qual vai ser o nome dela, Harper? – perguntou Renée. Seus dentes batiam. Ela tremia, mas seus olhos brilhavam de lágrimas, de riso.

Harper esfregou o polegar na testa da filha para espalhar um pouco da cinza ali. Torceu para a substância conter um pouquinho de John. Torceu para ele estar espalhado por cima dela toda, por cima das duas, mantendo-as tranquilas. Sentia que sim.

– Ash – falou Harper baixinho. Ash queria dizer cinza.

– Ashley? – indagou Allie. – É um bom nome.

– É – disse Harper. – É, sim. Ashley Rookwood.

Renée estava contando a Don sobre Machias, sobre sua última viagem de barco e os homens que haviam atirado em John.

Don limpou a boca com as costas de uma das mãos.

– Eles vão vir atrás da gente. Mas talvez demore um pouco. Pode ser que a gente tenha uma frente de doze horas antes de isso acontecer. Talvez fosse bom usar esse tempo para sumir daqui.

– Sumir para onde? – perguntou Allie.

Don havia se abaixado sobre um dos joelhos ao lado de Harper. Tirou uma das mãos do bolso segurando um pequeno canivete, abriu a lâmina, e a encarou com um olhar indagador. Ela aquiesceu. Ele deu um nó no cordão umbilical e o cortou com duas passadas do canivete. Uma fraca gota de sangue e fluido amniótico foi bombeada por cima de seus dedos.

– An Tra – disse ele.

– *Gesundheit* – falou Renée.

Um dos cantos da boca de Don se ergueu num sorriso cansado.

– Fica em Inisheer. Ouvi no serviço mundial da BBC. Num dia de céu claro eu consigo captar uns trinta países diferentes no rádio. Inisheer é uma ilha ao largo da Irlanda, e An Tra é a cidade. Oito mil doentes. Suporte integral do governo.

– Outra ilha – disse Allie. – Como é que a gente vai saber que não é outra mentira?

– Não tem como – disse Don. – E nem este veleiro está equipado para uma travessia transatlântica. Vamos ter uma sorte danada se chegarmos lá. Uma sorte *danada*. Mas é o melhor que eu tenho para oferecer.

Allie assentiu, virou a cabeça e estreitou os olhos para o sol nascente.

– Bom. Acho que a gente não tem nada melhor para fazer hoje.

Harper, por sua vez, não sentia qualquer alarme. Apesar de dolorida, estava contente. Aquelas nuvens gordas estavam começando a se abrir, e o céu ao leste exibia um tom de azul sereno, quase perfeito. Ela pensou que era um belo dia para andar de veleiro, e lembrou que a mãe de John era irlandesa. Sempre quisera conhecer a Irlanda.

Nick havia se ajoelhado para ficar ao seu lado. Olhou para a neném com uma curiosidade sem disfarces encantadora, em seguida moveu a mão para escrever alguma coisa no ar. Harper sorriu e fez que sim com a cabeça, então se curvou e encostou o nariz no de Ashley.

– Ei. Seu irmão mais velho quer dizer uma coisa – falou para a filha. – Ele está dizendo oi. Que é um prazer te conhecer, e bem-vinda à Terra. Ele mandou você se preparar para se divertir bastante, garota, porque hoje está fazendo uma linda manhã de sol, e é aqui que a história começa.

Iniciado em 30 de dezembro de 2010

Concluído em 9 de outubro de 2014

Joe Hill, Exeter, New Hampshire

CRÉDITOS

“Jungleland”, de Bruce Springsteen, copyright © 1975 Bruce Springsteen, renovado © 2003 Bruce Springsteen (Global Music Rights). Reimpresso mediante permissão. Copyright internacional protegido. Todos os direitos reservados.

“Chim Chim Cher-ee” e “A Spoonful of Sugar”, do filme *Mary Poppins*, de Walt Disney. Letra e música por Richard M. Sherman e Robert B. Sherman, © 1963 Wonderland Music Company, Inc. Copyright renovado. Todos os direitos reservados. Usado mediante permissão. Reimpresso mediante permissão de Hal Leonard Corporation.

“Romeo and Juliet”. Letra e música de Mark Knopfler. Copyright © 1980 Straitjacket Songs Limited. Copyright internacional protegido. Todos os direitos reservados. Reimpresso mediante permissão de Hal Leonard Corporation.

“Candle on the Water”, do filme *Meu amigo, o dragão*, de Walt Disney. Letra e música de Al Kasha e Joel Hirschhorn, © 1976 Walt Disney Music Company e Wonderland Music Company, Inc. Copyright renovado. Todos os direitos reservados. Usado mediante permissão. Reimpresso mediante permissão de Hal Leonard Corporation.

Trecho de *Fahrenheit 451* © 1953 Ray Bradbury, renovado em 1981, reimpresso mediante permissão de Don Congdon Associates, Inc.

Trecho de *The Ministry of Fear* © 1943 Graham Greene, renovado em 1971, reimpresso mediante permissão de Penguin Random House.

CODA

“What if There Was Just a Bit More Story?” (“E se houvesse só um pouquinho mais de história?”), de Joe Hill. Copyright © 2016 Joe Hill. Porque sim, há um pouquinho mais de história. O primeiro a ver isso foi um menino, um menininho sério de 6 anos chamado Caius, que estava voltando para casa a pé com a mãe. Ele puxou a mão dela e falou: “Mamãe, olha a estrela cadente”, e apontou. Elaina, a mulher, parou de andar, protegeu os olhos da claridade do dia, olhou para o sudeste e viu: um barco branco e fino, com a imagem de um caranguejo estilizado desenhada na vela inflada. À primeira vista, parecia perseguido por uma explosão de fogo vermelho, um rabo de cometa que subia, descia e mergulhava. À medida que a embarcação foi avançando veloz pela água, porém, Elaina viu que não estava fugindo de uma bola de fogo, afinal, mas sim sendo escoltada por um imenso pássaro feito de chamas. O falcão de fogo usava seu calor para insuflar ar quente na vela e aumentar a velocidade do barco até um ritmo estonteante, quase perigoso. Elaina viu uma mulher de cabelos amarelos em pé no púlpito da proa do veleiro. A mulher distante ergueu uma das mãos num cumprimento, e sua mão estava acesa como se usasse uma luva de pura luz. Caius acenou de volta, e sua própria mão, acesa como uma tocha, soltava fitas verdes de fogo pelas pontas dos dedos. “Ninguém gosta de gente que fica se mostrando, Caius”, alertou Elaina, mas seu sorriso sugeria que ela não pensava assim.

AGRADECIMENTOS

Se você pegar o carro e for até o final de Little Harbor Road, em Portsmouth, New Hampshire, vai chegar ao mar, mas não vai encontrar a estradinha de terra que leva à Colônia Wyndham. Eu inventei esse lugar. Muitos outros atrativos da região, porém, são em grande parte iguais a como os apresentei: o Cemitério de South Street, o lago de South Mill Pond, a ponte de Piscataqua. Aqui e ali, modifiquei alguns aspectos para adequá-los às necessidades da história.

Um dos perigos de se escrever páginas de agradecimentos é a grande probabilidade de esquecer alguém que deu contribuições importantes. Quando expressei meus agradecimentos no final de meu último romance, *Nosferatu*, deixei de mencionar quanto sou grato por minhas conversas ocasionais com o Dr. Derek Stern. Já faz um tempo que a terapia falada tradicional está fora de moda. Quem vai querer falar quando pode simplesmente tomar um comprimido, certo? Mas a psicofarmacologia tem os seus limites; ninguém é capaz de lhe receitar um remédio para ter senso de perspectiva. Não tenho sequer certeza se eu teria concluído esse último romance (ou este aqui) sem o apoio letrado e cheio de ironia do Dr. Stern.

Quando se passa quatro anos trabalhando num livro, recebe-se informações úteis de muitos lugares. Meu obrigado aos doutores Marc Sopher, Andy Singh e Brian Knab por terem respondido a tantas das minhas perguntas sobre medicina. Nos pontos em que errei, não os culpo: quando tive de escolher entre priorizar a história ou priorizar a veracidade médica, sempre optei pela história. Em outras palavras, não se pode recolocar no lugar o osso semilunar de alguém simplesmente apertando, embora essa seja uma fantasia agradável. Crianças, se isso um dia acontecer com vocês, vão para o pronto-socorro e se preparem para entrar na faca. Dito isso, a maior parte dos procedimentos médicos de Harper pertence ao reino das possibilidades... inclusive aliviar a pressão cerebral de Pai Storey com uma furadeira manual comprada na Home Depot.

Vários amigos leram este livro parcial ou integralmente nos estágios iniciais, e proporcionaram retornos valiosos: Chris Ryall, Jason Ciaramella, C. Robert Cargill, Lauren Buekes, Shane Leonard e Liberty Hardy. Meu agente para o audiovisual, Sean Daily, e sua esposa Sarah deram apoio e bons conselhos, e aí Sean foi lá e vendeu os direitos cinematográficos para a 21st Century Fox e para a Temple Hill. Meu mais profundo obrigado a Steve Asbell, Isaac Klausner e Wyck Godfrey por apostarem em Harper e John, e à chefe de Sean, Jody Hotchkiss, por apostar em mim.

Minha editora na William Morrow, Jennifer Brehl, e minha editora britânica na Gollancz, Gillian Redfearn, formam um yin-yang criativo em perfeita sincronia. Cada uma das páginas deste livro está melhor graças à sua diligente atenção. Kelly Rudolph e Sophie Calder bolaram campanhas publicitárias de primeira categoria. A HarperCollins/Morrow tem um time de profissionais da melhor qualidade, que trabalhou sem descanso para fazer brilhar cada aspecto de *Mestre das chamas*. Dele fazem parte Kelly O'Connor, Tavia Kowalchuk, Aryana Hendrawan, Andrea Molitor, Maureen Sugden, Amanda Kain, Leah Carlson-Stanisic, Mary Ann Petyak, Katie Ostrowka, Doug Jones, Carla Parker, Mary Beth Thomas, uma equipe de vendas incrivelmente esforçada, e o *publisher* Liate Stehlik. O time do Reino Unido não fica para trás, a começar por David Shelley, e conta com Kate Espiner, Jon Wood, Jen McMenemy e toda a equipe de marketing, Craig Leyenaar, Paul Hussey, meu amigo Mark Stay, e o restante da equipe de vendas da Orion. Kate Mulgrew leu este livro em áudio, e na mesma hora me fez soar cinco vezes mais cool do que de fato sou. Devo a ela uma boa garrafa de vinho. Meu muito obrigado a Laurel Choate, da Choate Agency, por cuidar dos negócios para eu poder me concentrar na parte criativa (ou seja, na diversão).

Meu amor e meu obrigado a Christina Terry, que se certificou de me tirar do escritório de vez em quando para me divertir um pouco enquanto eu trabalhava neste livro. Todo o amor deste mundo à turma King-Braffet, a Naomi, e aos meus pais, que juntos, de milhares de maneiras, tornaram este livro possível, e que fazem dos meus dias uma alegria. Acima de tudo, obrigado a meus três filhos que me fazem tão feliz: meninos, eu amo vocês. Sou imensamente grato por nossa vida juntos.

Por fim: pouco depois de eu concluir a terceira versão preliminar deste romance, meu amigo e agente de vinte anos, Mickey Choate, o amado marido de Laurel, faleceu de câncer de pulmão aos 53 anos. Eu não sabia que ele estava doente. Ele se manteve discreto. A primeira vez em que fiquei sabendo da doença foi quando Laurel me ligou para avisar que ele tinha morrido. Mickey nunca fumou, corria diariamente, e a coisa toda parece muito injusta. Em nossa última conversa, ele havia acabado de ler *Mestre das chamas* e me disse que, na sua opinião, era um livro bom para caramba. Sua aprovação foi muito importante para mim; ao mesmo tempo, detesto o fato de tantas de nossas conversas terem girado

em torno de mim e da minha escrita. Queria que tivéssemos falado um pouco mais sobre ele. Mickey adorava fazer uma boa refeição em um restaurante novo empolgante, e gostaria que tivéssemos tido um último jantar juntos, para eu poder lhe dizer que ele era um amigo bom para caramba. Mas talvez essa reviravolta na verdade seja *fair play*. Mickey me representou por quase uma década antes de eu lhe revelar que meu sobrenome de verdade não era Hill. Cada um conseguiu fazer para o outro pelo menos uma surpresa realmente grande.

Eu te amo, Mickey. Obrigado por ter me deixado ter um lugar na sua vida.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Amaldiçoado

Ignatius Perrish sempre foi um homem bom. Tinha uma família unida e privilegiada, um irmão que era seu grande companheiro, um amigo inseparável e, muito cedo, conheceu Merrin, o amor de sua vida.

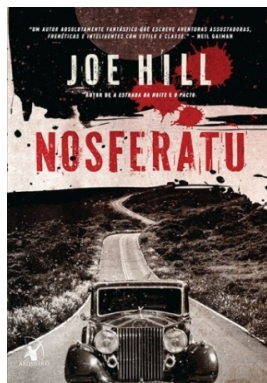
Até que uma tragédia põe fim a toda essa felicidade: Merrin é estuprada e morta e ele passa a ser o principal suspeito. Embora não haja evidências que o incriminem, também não há nada que prove sua inocência. Todos na cidade acreditam que ele é um monstro.

Um ano depois, Ig acorda de uma bebedeira com uma dor de cabeça infernal e chifres crescendo em suas têmporas. Além disso, descobre algo assustador: ao vê-lo, as pessoas não reagem com espanto e horror, como seria de esperar. Em vez disso, entram numa espécie de transe e revelam seus pecados mais inconfessáveis.

Um médico, o padre, seus pais e até sua querida avó, ninguém está imune a Ig. E todos estão contra ele. Porém, a mais dolorosa das confissões é a de seu irmão, que sempre soube quem era o assassino de Merrin, mas não podia contar a verdade. Até agora.

Sozinho, sem ter aonde ir ou a quem recorrer, Ig vai descobrir que, quando as pessoas que você ama lhe viram as costas e sua vida se torna um inferno, ser o diabo não é tão mau assim.

Joe Hill, autor de *A estrada da noite* e *Nosferatu*, já foi aclamado como um dos principais novos nomes da ficção fantástica. Em *Amaldiçoado*, o sobrenatural é pano de fundo para uma história de amor e tragédia, de traição e vingança. Um livro envolvente, emocionante e cheio de suspense que nos leva a refletir: em matéria de maldade, quem é pior, o homem ou o diabo?



Nosferatu

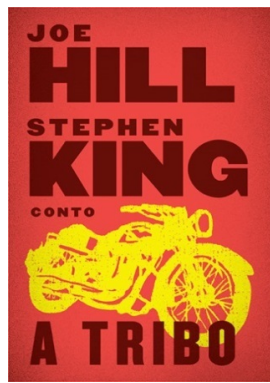
Victoria McQueen tem um misterioso dom: por meio de uma ponte no bosque perto de sua casa, ela consegue chegar de bicicleta a qualquer lugar no mundo e encontrar coisas perdidas. Vic mantém segredo sobre essa sua estranha capacidade, pois sabe que ninguém acreditaria. Ela própria não entende muito bem.

Charles Talent Manx também tem um dom especial. Seu Rolls-Royce lhe permite levar crianças para passear por vias ocultas que conduzem a um tenebroso parque de diversões: a Terra do Natal. A viagem pela autoestrada da perversa imaginação de Charlie transforma seus preciosos passageiros, deixando-os tão aterrorizantes quanto seu aparente benfeitor.

E chega então o dia em que Vic sai atrás de encrenca... e acaba encontrando Charlie.

Mas isso faz muito tempo e Vic, a única criança que já conseguiu escapar, agora é uma adulta que tenta desesperadamente esquecer o que passou. Porém, Charlie Manx só vai descansar quando tiver conseguido se vingar. E ele está atrás de algo muito especial para Vic.

Perturbador, fascinante e repleto de reviravoltas carregadas de emoção, a obra-prima fantasmagórica e cruelmente brincalhona de Hill é uma viagem alucinante ao mundo do terror.



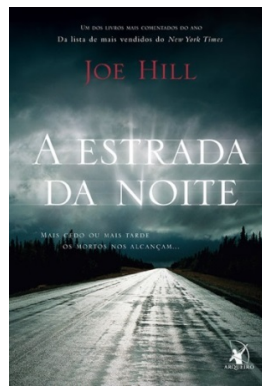
A tribo

Adaptado para o cinema por Steven Spielberg, o conto “Encurralado”, de Richard Matheson, ganhou fama e influenciou diversas histórias e gerações. Quase quarenta anos depois de escrito, ele inspira os mestres do terror Joe Hill e Stephen King em sua primeira parceria.

Nesta homenagem, um bando de motoqueiros conhecido como a Tribo corre livre pelas autoestradas norte-americanas. Depois de cometerem dois assassinatos brutais e ainda desnorteados, eles decidem fazer uma parada em um restaurante, sem imaginar que essa será a pior escolha de suas vidas.

No estacionamento ao lado, caminhões se espalham pelo pátio e um deles em especial se tornará o pesadelo dos motoqueiros. Dirigido por um motorista sem rosto, ele inicia uma perseguição implacável à Tribo em uma das estradas mais desertas dos Estados Unidos.

Neste conto eletrizante, Joe Hill e Stephen King elevam a adrenalina ao máximo e não deixam que o leitor escape antes da última página.



A estrada da noite

Uma lenda do rock pesado, o cinquentão Judas Coyne coleciona objetos macabros: um livro de receitas para canibais, uma confissão de uma bruxa de 300 anos atrás, um laço usado num enforcamento, uma fita com cenas reais de assassinato. Por isso, quando fica sabendo de um estranho leilão na internet, ele não pensa duas vezes antes de fazer uma oferta.

“Vou ‘vender’ o fantasma do meu padrasto pelo lance mais alto...”

Por 1.000 dólares, o roqueiro se torna o feliz proprietário do paletó de um morto, supostamente assombrado pelo espírito do antigo dono. Sempre às voltas com seus próprios fantasmas – o pai violento, as mulheres que usou e descartou, os colegas de banda que traiu –, Jude não tem medo de encarar mais um.

Mas tudo muda quando o paletó finalmente é entregue na sua casa, numa caixa preta em forma de coração. Desta vez, não se trata de uma curiosidade inofensiva nem de um fantasma imaginário. Sua presença é real e ameaçadora.

O espírito parece estar em todos os lugares, à espreita, balançando na mão cadavérica uma lâmina reluzente – verdadeira sentença de morte. O roqueiro logo descobre que o fantasma não entrou na sua vida por acaso e só sairá dela depois de se vingar. O morto é Craddock McDermott, o padrasto de uma fã que cometeu suicídio depois de ser abandonada por Jude.

Numa corrida desesperada para salvar sua vida, Jude faz as malas e cai na estrada com sua jovem namorada gótica. Durante a perseguição implacável do fantasma, o astro do rock é obrigado a enfrentar seu passado em busca de uma saída para o futuro. As verdadeiras motivações de vivos e mortos vão se revelando pouco a pouco em *A estrada da noite* – e nada é exatamente o que parece.

Ancorando o sobrenatural na realidade psicológica de personagens complexos e verossímeis, Joe Hill consegue um feito raro: em seu romance de estreia, já é considerado um novo mestre do suspense e do terror.

SOBRE O AUTOR

JOE HILL é autor dos sucessos *Nosferatu*, *Amaldiçoado* e *A estrada da noite*, presentes nas listas de mais vendidos do *New York Times* e lançados no Brasil pela Editora Arqueiro, e da premiada coletânea de contos *Fantasma do século XX*. Ganhou também o prêmio Eisner pela série de quadrinhos em seis volumes *Locke & Key*. Mora em New Hampshire.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos	
Prólogo	
<i>Aceso</i>	
Livro um	
<i>Portadores</i>	
Livro dois	
<i>Deixe sua fraca luz brilhar</i>	
Livro três	
<i>Falando no diabo</i>	
Livro quatro	
<i>Homem de Marlboro</i>	
Livro cinco	
<i>Prisioneiros</i>	
Livro seis	
<i>Fênix</i>	
Livro sete	
<i>Não existe flecha reta</i>	
Livro oito	
<i>A queda</i>	
Livro nove	
<i>O carro</i>	
Conheça outros títulos do autor	
Amaldiçoado	
Nosferatu	
A tribo	
A estrada da noite	
Sobre o autor	
Informações sobre a Arqueiro	